



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO

**VOZ MÉDIA E A GERAÇÃO AUTOMÁTICA DE
REFERÊNCIAS LITERÁRIAS NA EDIÇÃO DIGITAL
DE APOLODORO**

ARARAQUARA – S.P.
2016



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Câmpus de Araraquara

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO

VOZ MÉDIA E A GERAÇÃO AUTOMÁTICA DE REFERÊNCIAS LITERÁRIAS NA EDIÇÃO DIGITAL DE APOLODORO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para a defesa.

Linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas

Orientadores: Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira e Prof. Dr. John S. Y. Lee

Bolsa: CNPQ

ARARAQUARA – S.P.
2016

Vieira Reis de Camargo, Caio
VOZ MÉDIA E A GERAÇÃO AUTOMÁTICA DE REFERÊNCIAS
LITERÁRIAS NA EDIÇÃO DIGITAL DE APOLODORO / Caio
Vieira Reis de Camargo – 2016
430 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Anise de Abreu Gonçalves D'Orange
Ferreira

Coorientador: John S Y Lee

1. voz média. 2. referências. 3. geração automática.
4. Apolodoro. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAIO VIEIRA REIS DE CAMARGO

VOZ MÉDIA E A GERAÇÃO AUTOMÁTICA DE REFERÊNCIAS LITERÁRIAS NA EDIÇÃO DIGITAL DE APOLODORO

Tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para o exame de defesa.

Linha de pesquisa: Ensino-aprendizagem de línguas

Orientadores: Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira e Prof. Dr. John S. Y. Lee

Bolsa: CNPQ

Data da defesa: 25/04/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

PROFa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira –
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Presidente e Orientadora

PROFa. Edvanda Bonavina da Rosa
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Membro Titular

PROF. Dr. Alessandro Rolim de Moura
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR/CURITIBA

Membro Titular

PROFa. Dra. Maria Celeste Consolin Dezotti
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Membro Titular

PROFa. Dra. Rosinda Gerra Ramos
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/São Paulo

Membro Titular

PROFa. Dra. Jane Kelly de Oliveira
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG/ PARANÁ

Membro Suplente

PROF. Dr. Odair Nadin Luiz da Silva
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP/ ARARAQUARA

Membro Suplente

PROF. Dr. Luiz Carlos André Mangia Silva
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM/ PARANÁ

Membro Suplente

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Campus de Araraquara

Para meus pais, Alberto e Regina, estrelas que conduziram este jovem almirante na maravilhosa jornada em busca de conhecimento e sabedoria.

Para Zoraide Vieira dos Reis, princesa coroada de meu reino, cujo amor que compartilhamos sempre será uma poesia em minha vida.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer à Profa. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, por tão excelente e atenciosa orientadora e, principalmente, por ter me guiado, como um habilidoso maestro que rege uma orquestra, a um novo caminho de pesquisa acadêmica envolvendo ferramentas tecnológicas e grego. À Anise sempre serei grato por ter exercido papel fundamental em minha formação acadêmica, desde quando foi minha professora de graduação, posteriormente, orientadora de mestrado e doutorado. Como pessoa, permanecerá um exemplo de alguém que porta enorme conhecimento transformado em sabedoria e, por isso, guardo o carinho e o respeito com que sempre me tratou, fazendo votos de que outros orientandos tenham a mesma felicidade de embarcar em suas asas do conhecimento, enquanto eu, como retribuição, possa exercer minha carreira acadêmica com a competência e energia com que ela sempre se apresenta e usar a sabedoria adquirida para me tornar uma pessoa cada vez melhor.

À professora Edvanda Bonavina da Rosa, minha eterna inspiração, responsável pela minha alfabetização em grego e pela orientação em Iniciação Científica; pessoa fundamental para a construção da minha identidade como pesquisador e ser humano, sempre me proporcionando um enorme incentivo, acreditando no meu futuro profissional. Foram suas primeiras palavras de ensinamento e orientação que deram início ao que se conclui nesta tese, e seu carinho, inteligência e sabedoria guardo como uma joia rara que poucos têm a chance de encontrar numa única pessoa.

Ao meu co-orientador da City University of Hong Kong, professor John Lee, pela refinada e atenciosa condução dos trabalhos durante meu estágio em Hong Kong, cujas pesquisas ampliaram os horizontes de meus objetivos, possibilitando uma nova e bem-sucedida abordagem científica para o tema proposto nesta tese, e ao Jacky Ynguchi, cientista da computação da City University of Hong Kong, que me acompanhou durante um ano, responsável por me auxiliar na parte computacional da pesquisa, cuja ajuda foi de vital importância para os resultados obtidos e apresentados.

Aos meus pais, Alberto José de Camargo, portador de um otimismo contagiante, e Regina Ester Vieira Reis de Camargo, exemplo de honestidade e personificação do amor, que dedicaram suas vidas à criação dos filhos e sempre me incentivaram com orgulho a concluir este doutorado para seguir com minha carreira acadêmica. A eles devo as oportunidades que

encontrei na vida e a consolidação de valores que sempre carregarei como baluartes ao longo de minha própria jornada.

Ao meu irmão, Marcelo Vieira Reis de Camargo, que com toda competência e sabedoria sempre deu valor a minha formação e minhas escolhas e, embora tracemos caminhos pessoais e profissionais distintos, estaremos sempre ligados pelo fraterno e sincero carinho entre irmãos.

A Stephan Barbosa da Silva, que acompanhou toda a trajetória do meu doutorado, demonstrando enorme orgulho pela minha formação, além de mostrar-se um companheiro inseparável, sob os votos de que nossos caminhos estejam juntos por muitos anos.

Aos meus queridos amigos, Pedro Marcussi de Carvalho, Raoni Exaltação Masson e Tatiane Rocha, pessoas especiais, que acompanharam essa trajetória, admirados com meu esforço, ao mesmo tempo que me ajudavam e me concediam os momentos de descontração tão necessários para a conclusão desta etapa.

Ao meu amigo Alexandre Wesley Trindade, grande parceiro da vida acadêmica, cuja intelectualidade sempre será uma inspiração.

Aos professores da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, em especial aos da área de grego, por terem me ajudado a galgar um a um os degraus do conhecimento.

Ao meu avô Antônio Reis, para sempre em minha memória, que dedicou seus esforços à formação dos filhos e netos e cuja filosofia de vida, a busca pela sabedoria em prol do próximo, carrego para sempre em minha vida.

A minha avó, Zoraide Vieira dos Reis, sem a qual eu não chegaria tão longe; professora de minha infância que me mostrou a paixão pela língua portuguesa e aos noventa e dois anos de idade sente-se parte desta conquista e recebe esta tese como agradecimento e prova de que as maiores vitórias em nossas vidas começam por uma criação repleta de carinho e amor e pelo fortalecimento dos valores familiares que nunca nos abandonam em vida.

Por fim, à CAPES pela bolsa concedida tanto no Brasil quanto durante meu estágio de doutorado em Hong Kong, sem a qual esta tese não teria encontrado os resultados apresentados.

RESUMO

Esta pesquisa é o resultado final de um trabalho que partiu de uma Iniciação Científica, quando, sob a orientação da Profa. Dra. Edvanda Bonavina da Rosa, tratamos de analisar a ocorrência de voz média grega nas narrativas de Hércules, presentes no livro II de *Biblioteca*, estendida e aprofundada em mestrado, já sob a orientação da Profa. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira, para análise dessa categoria verbal em toda essa referida obra. Nesta nova abordagem, nosso objetivo é realizar uma análise comparada da voz média do ponto de vista da tradução, a partir de um tratamento digital na obra *Biblioteca* de Apolodoro, prosador grego do séc.II d.C, texto que reúne as principais narrativas mitológicas helênicas desde a origem dos deuses até a ida de Teseu para Atenas. Partimos de uma análise comparada da medial entre três traduções modernas desse texto a fim de encontrarmos um método automático para geração de referências literárias do texto, culminando, como produto, numa versão em português traduzida, comentada e digital do livro, contemplando também uma análise morfológica de todo o léxico da obra, seguindo os moldes dos principais bancos de dados linguísticos atuais, como a Perseus Digital Library.

Primeiramente, fazemos um levantamento teórico acerca da tradução de textos em prosa e, em seguida, discutimos essa viabilidade e os desafios dessa tarefa quando lidamos especificamente com um texto desse gênero escrito em grego antigo, tratando de algumas particularidades dessa língua, com foco especial na voz média, tema que também retomamos do ponto de vista teórico nesta tese, a fim de definir seu principal traço e as características que o definem e como resultam quando vertidos para o português. Em seguida, uma vez já mencionada a questão sobre a voz média e definidos cada um dos seus empregos, analisamos a forma como diferentes tradutores em língua moderna resolvem essas particularidades, comparando as versões em inglês, espanhol e francês da narrativa de Apolodoro. Esse estudo comparado se dá por meio de uma abordagem baseada em corpus (Linguística de *Corpus*), na qual extraímos as formas traduzidas da medial em cada texto para, em seguida, fazer esse cruzamento de dados e avaliá-los. Esse estudo comparado tem como objetivo analisar essas três traduções distintas, verificando as diferentes escolhas linguísticas feitas pelos tradutores, o que nos permite aprofundar e na categoria da voz média e defini-la do ponto de vista da tradução.

Dando sequência ao nosso trabalho, uma vez que nosso foco é desenvolver toda uma pesquisa a partir de um tratamento digital na obra de Apolodoro, dedicamos algumas

reflexões acerca do contexto da inserção das tecnologias nas abordagens linguísticas, mostrando como a Linguística Computacional e o uso de *corpora* digitais expandiram seus horizontes ao longo dos anos, desde seu surgimento, e como novas abordagens fomentaram novas vertentes de pesquisa e a chance de obtenção de resultados extraordinários e inéditos para os trabalhos acadêmicos. Ademais, mostramos duas etapas fundamentais na elaboração da biblioteca digital de Apolodoro, o alinhamento de traduções, por meio do editor de alinhamento da plataforma *Alpheios*, a análise morfológica feita do texto e a forma de disponibilizá-la digitalmente.

A partir desse enfoque no uso de tecnologias, apresentamos um método de busca automático para referências de uma edição comentada de um texto literário. Edições comentadas são de grande valia para estudos linguísticos e literários, porém ainda há um acervo enorme de obras gregas que carece desse tipo de tradução. Nossa proposta foi justamente encontrar um método que por meio do computador auxiliasse o tradutor a encontrar as referências literárias para o texto traduzido, usando os nomes próprios, presentes em grande número em Apolodoro, como algoritmo de busca. Detalhamos as dificuldades encontradas por esse método, a forma de refiná-lo e o cálculo de sua precisão, avaliando sua eficiência. Por fim, realizadas todas as etapas descritas acima, fizemos comentários finais acerca de Apolodoro e sua misteriosa origem, bem como de sua obra, debatendo as fontes que o autor teria utilizado para fazer sua compilação de mitos, além de como sistematiza sua narrativa. Como conclusão, embora nosso enfoque tenha sido uma edição digital do texto, apresentamos a versão impressa da obra *Biblioteca* como produto final desta tese.

ABSTRACT

This research is the final result of a work that started during Scientific Initiation when, under Prof. Dr. Edvanda Bonavia da Rosa's supervision we analysed the occurrences of the Greek middle voice along the narratives of Hercules, on Book II of *Library*, extended and analysed more deeply during the master degree, under Prof. Dra. Anise de Abreu Gonçalves D'Orange Ferreira. Our present goal is to make a comparative analysis of the Greek middle voice considering its translation, based on a digital methodology on Apollodorus' *Library*, Greek author of the 2nd Century a.D, whose text compiles the main mythological narratives since the origins of the gods until the journey of Theseus to Athens. We started with a comparative analysis of the middle voice within three different translations to find an automatic method for generating literary references of the text, reaching a Portuguese translated, digital and commented version of the book, also contemplating a morphological analysis of the vocabulary, following the patterns of Perseus Digital Library.

First we propose a theoretical study upon the translation of narratives and then we discuss the viability and the challenges within this task when we deal with a Greek text, dealing with some particularities, focusing on the middle voice, theme we talk about in this thesis, trying to define its features and how they are disposed on a Portuguese translation. Right before once the middle voice is defined, we analyze how different translators of modern languages solve these features, comparing the English, Spanish and French version of Apollodorus. This comparative approach is made by a corpus approach (Corpus Linguistics) and we extract the translated forms of the middle voice in each text comparing the different choices, analyzing deeply this verbal aspect.

Moving on, our focus is to develop an entire research from a digital approach of Apollodorus, dedicating reflections about the context of the introduction of technologies in Linguistics, showing how Computer Linguistics and the use of digital corpora expanded the horizons over the years, since its first appear, and how new approaches formed new sides of research and the chance of extraordinary and unseen academic works. Besides, we showed two fundamental moments of the elaboration of a digital library of Apollodorus, the translation alignment, using *Alpheios*, and the morphological analysis of the text.

Based on this approach, we present a brand-new method for generating references of a commented edition of a literary text. Commented editions are very important for linguistic

and literary studies, but there is still a small portion of thus kind of text. Our purpose was to use the proper names in Apollodorus to generate those references, creating a method, after refining it, evaluating its efficiency. Finally once all levels described above are done we made final comments about Apollodorus and his mysterious origin, as well as the book's, citing the sources of the narrative. As a conclusion, even tough ou focus is a digital version of the text we present a printed translation of *Library* at the end of this thesis.

“Pouco conhecimento faz com que as pessoas se tornem orgulhosas. Muito conhecimento, que se sintam humildes. É assim que as espigas sem grãos erguem desdenhosamente a cabeça para o céu, enquanto que as cheias as baixam para a terra, sua mãe”. (Leonardo da Vinci)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15	
PARTE I		
Introdução	30	
1 Por que traduzir? Investigando os diferentes procedimentos teóricos e práticos da tradução	34	
1.1 A tradução como ciência linguística	34	
1.2 O papel do tradutor	45	
1.3 O processo tradutório dos textos em prosa	51	
2 Do grego antigo para o português - procedimentos práticos para a tradução da prosa helênica	65	
2.1 A tradução literal/didático-pedagógica	66	
2.2 Aspecto verbal	69	
2.3 Participípio	71	
2.4 Polissemia, termos técnicos e o escopo lexical do autor	74	
PARTE II		
3 A voz média do grego antigo: teoria e tradução	77	
3.1 Fundamentos teóricos gerais	77	
3.2 A voz média no grego antigo	84	
Considerações finais	88	
Capítulo 2 - Linguística computacional e grego antigo: a metodologia empregada na elaboração de uma versão digital de Apolodoro		90
2.1 Línguas clássicas, tecnologia, bibliotecas e corpora digitais	90	
2.2 Bancos de dados digitais	99	
2.2.1 A Biblioteca Digital Perseu (Perseus Digital Library)	99	
2.3 A Linguística de Corpus e a coleta de verbos médios em Apolodoro ..	103	
2.4 A Biblioteca Digital de Apolodoro	107	
2.4.1 A etiquetagem de Biblioteca	109	
2.5 O processo de alinhamento de traduções	113	
2.5.1 Sobre o Alpheios e o editor de alinhamento	113	
2.5.2 Alinhando a obra Biblioteca	117	
2.5.3 Colocação pronominal	117	
2.5.4 Expressões	118	
2.5.5 Regência	118	
2.5.5 Mudança no sujeito oracional	119	
2.5.6 União de sentidos	120	
2.6 O <i>engine</i> de busca e a edição comentada	121	
Considerações finais	124	
Capítulo 3 - A semântica da tradução dos verbos médios no grego antigo: classificação e análise comparada de seus empregos		125
3.1 Processos	126	
3.2 Média como processo mental	129	
3.3 Média reflexiva	131	
3.4 Média de deslocamento	134	
3.5 Média recíproca	136	
3.6 Média perceptiva	140	
3.7 Ato de fala	142	
3.8 Verbos deponentes	145	
3.9 Levantamento das ocorrências de voz média em apolodoro - análise dos critérios de tradução	148	
Considerações finais	152	

Capítulo 4 - À procura de um algoritmo de busca: a geração automática de referências de uma edição comentada de um texto literário	154
4.1. Reúso textual e referências cruzadas	155
4.1.1 Uma abordagem além de reuso textual	159
4.2 Da preparação do corpus - a divisão da obra	160
4.3 A coleta e classificação das referências e a resposta modelo	163
4.4 A elaboração de um índice automático de referências de um texto literários	167
4.4.1 Algoritmo I: a mais longa sequência em comum de palavras - The longest common sequence (LCS)	169
4.4.2 Algoritmo III: TFIDF - peso das palavras	173
4.4.3 Algoritmo: os nomes próprios	176
4.5 Análise comparada de referências	184
4.5.1 Nomes não encontrados	184
4.5.2 Aprimorando o algoritmo dos nomes próprios	195
4.5.3 As referências adicionais encontradas	199
4.5.4 Nova contagem e parecer final sobre o algoritmo dos nomes próprios	205
Considerações finais	207
Capítulo 5 - Apolodoro e Biblioteca: tradução e comentários sobre o autor e sua obra	209
5.1 Apolodoro ou Pseudo-Apolodoro? O mistério acerca do autor de Biblioteca	210
5.2 Biblioteca: características das traduções, divisão e tema	214
5.3 As fontes em Biblioteca	220
Considerações finais	229
Tradução do Livro I	230
Tradução do Livro II	282
Tradução do Livro III	348
CONCLUSÃO	421
REFERÊNCIAS	424

Introdução

As evoluções das tecnologias digitais surgem diante de nós numa velocidade cada vez mais intensa e acompanhá-las passa a ser não só uma exigência muitas vezes mercadológica como também um importante baluarte para o aprofundamento e para a obtenção de novos resultados para o pensamento científico. Em pleno século XXI, embora seja considerada uma ciência recente, quando comparada a outras, a Linguística consolidou-se como importante campo científico, e a profusão dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos até hoje lhe proporcionou diversas vertentes como áreas de seu conhecimento. Sabemos que as escolhas profissionais individuais com frequência tendem a seguir o leque de oportunidades previstas pelo mercado e, geralmente, opta-se pelo retorno financeiro que possibilite um conforto em sociedade. Aliar o uso de ferramentas tecnológicas para o estudo linguístico que tenha uma língua clássica como objeto de estudo tem como proposta oferecer uma produtiva e inovadora linha de pesquisa, capaz de preencher diversas lacunas até o momento não preenchidas pelos trabalhos científicos prévios.

A consolidação da Linguística como ciência elevou a tradução à condição de objeto científico, que passou a ser analisada por diferentes vieses, culminando em diversos questionamentos que, até hoje, geram respostas ora divergentes ora convergentes. Historicamente, a chamada “teoria da tradução” apareceu como item na *Modern Language Association International Bibliography* em 1983. No entanto, muito antes dessa condição, a tradução esteve presente como técnica em diferentes épocas, desde os registros feitos pelos sábios do Egito Antigo, que traduziram do hebreu para o grego as chamadas sagradas escrituras que formaram a versão alexandrina da Bíblia¹, passando pelos trabalhos tradutórios de gregos e romanos. Embora consideremos sua obra mais como uma tradução cultural, o historiador grego Heródoto já foi responsável pela transposição de um valor de uma cultura a outra, tentando explicar como diferentes costumes poderiam encontrar suas equivalências em diferentes povos, quando, por exemplo, narrou em sua obra *Histórias* a relação entre amazonas, gregos e citas. Com o orador romano Cícero, em *De optimo genere oratorum*, já temos uma reflexão acerca da prática de tradução, sobre o conceito de traduzir *palavra-por-palavra*, o que, embora ainda não fosse visto como uma ciência ou área do conhecimento, já principiava um

¹ A Bíblia Alexandrina também ficou conhecida como Bíblia dos 70, porque acredita-se que eram 72 os sábios responsáveis pela tradução desse material.

debate acadêmico muito frequente em nossos dias. Tanto no campo técnico-científico quanto no literário, traduzir é uma prática tão comum quanto polêmica, principalmente com relação aos critérios que estabelecem parâmetros para aquilo que chamamos de uma boa tradução. O clássico trocadilho italiano, *traduttore/tradittore* (tradutor/traidor) ainda é o que mais representa esse embate entre os diferentes olhares que avaliam a prática da tradução. Em sua tese, Bell (1991) reflete acerca da necessidade de atribuímos um caráter científico e técnico à análise de traduções, ao invés de atribuir a elas uma avaliação subjetiva. No início de suas reflexões, o autor afirma:

A avaliação subjetiva do produto deve dar lugar a uma tentativa descritiva e objetiva de revelar o processo do trabalho (por exemplo, tradução). Sem essa mudança, a teoria da tradução continuará fora da corrente principal da atividade intelectual nas ciências humanas e falhará em ocupar seu lugar de direito como um campo de destaque na Linguística Aplicada (BELL, 1991, p. 6)

A partir, então, desse olhar mais descritivo e objetivo com relação ao estudo do processo tradutório, surgem algumas questões: qual é, de fato, o distanciamento, se é que há, de um texto traduzido com relação ao seu original? Quão discrepante uma tradução fica de sua versão original? Existe algum texto intraduzível? Quais as principais dificuldades encontradas pelos tradutores ao longo de uma tradução? Quais os critérios que determinam a qualidade de uma tradução? O que é uma tradução literal, fiel, de serviço? Traduzir é interpretar? Existem, realmente, equivalências entre todas as línguas, sejam lexicais ou semânticas? Essas são algumas das perguntas que permanecem comentadas e debatidas no meio acadêmico pelos estudiosos dessa área. Acreditamos que a comunicação humana implica, necessariamente, algum tipo de tradução, seja algo inter ou intralingual. É essa a ideia defendida por Murata (1996), de que “tudo o que se diz é uma tradução do que já se disse” (MURATA, 1996, p. 25); e por Otávio Paz (1993), segundo o qual “a própria língua, em sua essência, já é uma tradução: em primeiro lugar, do mundo não verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é uma tradução de outro signo e de outra frase” (PAZ, 1993, p. 5). Seguindo essa linha, Steiner (1998), um dos maiores estudiosos sobre esse tema, mostra como a tradução está presente o tempo todo no processo de comunicação e sobre isso afirma:

After Babel fundamenta-se no postulado de que o ato de traduzir está implícito, formal e pragmaticamente, em todo e qualquer ato de comunicação, na emissão e recepção de todo e qualquer modo de significação. (...) Compreender é decifrar. Entender significados é traduzir. (...) A tradução entre línguas diferentes é uma aplicação particular de um modelo fundamental da comunicação humana através da linguagem (...) (STEINER, 1998, p. 12)

Muitos são os autores que se dedicaram ao estudo da tradução e a quantidade de trabalhos acadêmicos com essa temática vem crescendo consideravelmente, criando diferentes recortes temáticos. Em busca de um consenso ou mesmo num manual de critérios que estabeleça melhor os parâmetros de classificação de qualidade de tradução, ainda é difícil encontrarmos uma intersecção entre os diferentes pontos de vista. A esse respeito, Nida (1993) elaborou vários estudos, destacou-se como teórico do século XX, seguindo os passos de Chomsky na teoria gerativista, e foi precursor nas propostas de formalizar uma teoria capaz de abarcar os trabalhos de tradução desenvolvidos até então. Para o autor, diante de tantas variedades de traduções, julgá-las qualitativamente era uma tarefa difícil, ainda mais pelo caráter subjetivo que era atribuído a todas elas, ou seja, pela forma pouco técnica e mais impressionista que os estudiosos atribuíam a uma tradução. Assim afirmava o autor:

Ainda não existe nenhuma teoria unificada da tradução no sentido técnico de “um conjunto coerente de proposições gerais usadas como princípios para explicar uma classe de fenômenos”, mas existem algumas “teorias” no sentido lato de “um conjunto de princípios úteis para compreender a natureza da tradução ou para estabelecer critérios de avaliação de um texto traduzido” (NIDA, 1993, p. 155)

A falta de uma unificação teórica, conforme salienta o autor, ou ao menos de critérios científicos mais claros e embasados, causou enorme divergência entre estudiosos, criando barreiras por vezes mais subjetivas do que científicas para o processo tradutório. Já no contexto contemporâneo, novas teorias tentaram ocupar esses espaços como a corrente norte-americana representada por Richards (1929), Pound (1970) e Will (1973), as teorias tcheco-eslovacas de Levy (1963), derivadas do formalismo russo, além de Holmes (1978), Van de Broeck (1978) e Toury (1982). Além da dificuldade de encontrar uma teoria unificada, a maioria dos trabalhos em tradução se voltou para questões de poesia em detrimento da prosa. Por essa razão, uma vez que

nosso foco era a prosa grega antiga, passamos a investigar questões particulares da tradução desse gênero literário ainda pouco explorado.

A escolha em dar continuidade ao estudo de *Biblioteca*, obra de Apolodoro, e apresentar a tradução da obra, está relacionada ao trabalho de Iniciação Científica², quando analisamos as ocorrências de voz média nas narrativas de Hércules, desde seu nascimento, passando pelos doze trabalhos, até sua morte, o que nos assegurou quanto à viabilidade didática de se trabalhar com esse autor, visto que sua obra é composta no dialeto padrão ateniense e compila diversas passagens mitológicas, cujo conteúdo de grande riqueza cultural e literária atrai um número grande de leitores, especializados ou não. Além disso, na pesquisa de Mestrado³, foram aprofundadas as questões linguísticas na obra envolvendo a voz média grega, dando início ao uso de ferramentas tecnológicas para coleta e análise de ocorrências por meio de uma abordagem baseada em *corpus* (Linguística de *corpus*), o que ampliou o contato com as narrativas do autor e a familiarização com o texto. Essas etapas atuaram como um importante pilar no corrente estudo de tradução comparada presente nesta tese, no momento em que investigamos como os tradutores buscam solucionar as dificuldades decorrentes das particularidades da língua grega, em especial da voz média.

Biblioteca compila temas de enorme interesse e usufruto de outras áreas do conhecimento, como literatura, filosofia, pedagogia, psicologia, dentre outras, e não possui uma versão digital traduzida para o português, tampouco impressa, o que limita o acesso ao seu texto a versões em línguas estrangeiras, o que o restringe a uma quantidade limitada de pessoas. Dessa forma, em se tratando de uma obra de grande importância histórico-cultural da literatura grega, uma versão digital em português é bastante oportuna para finalidades diversas. Sobre a questão da tradução de uma obra do grego antigo, de acordo com as informações de Jean-Louis Calvet (Université de Provence) em relação a estudos linguísticos, baseadas em dados extraídos do *Index translationum*, da UNESCO, o grego antigo está entre as dez línguas mais traduzidas do mundo, segundo os índices apresentados a seguir, relativos à quantidade de obras traduzidas dessas línguas para outra:

² Para maiores detalhes, cf. CAMARGO & ROSA (2009)

³ Para maiores detalhes, cf. CAMARGO, V, R, C. *Tipologia e uso da voz média em Apolodoro: abordagem semântica baseada em corpus*. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/#585,679>

1. Inglês 834.856	6. Espanhol 35.923
2. Francês 141.801	7. Sueco 26.755
3. Alemão 141.129	8. Latim 14.427
4. Russo 89.208	9. Dinamarquês 13.788
5. Italiano 46.697	10. Grego antigo 12.789

Tabela 1 – Quantidade de traduções para outras línguas

As informações chamam bastante atenção, visto que latim e grego, embora estejam entre as dez línguas mais traduzidas, apresentam um acervo lentamente ampliado, principalmente se filtrarmos esse resultado para as versões em português. Diante desse alto índice de obras traduzidas, acreditamos que exista o interesse no estudo das línguas clássicas e que, diante do fato de nem sempre ser possível o acesso ao texto original, considerando que, em nosso país, a tradição de estudos clássicos é, atualmente, restrita ao ensino superior, o meio mais eficaz para entrar em contato com esses textos é por meio de uma tradução. Ademais, diante de uma realidade em que o domínio de uma língua estrangeira não abarca a maior parte da população, a tradução vigora como um meio acessível, tal como salienta Brunel (1983), "às obras primas da literatura mundial" (BRUNEL, 1983, p. 12). Traduzir um texto grego também nos remete a Fiorin (1991), que ao refletir acerca da "utilidade do ensino das línguas clássicas", destaca dois argumentos que, segundo ele, são as verdadeiras fontes de legitimidade do estudo das Letras Clássicas, de serem a gênese de nossa cultura e de estarem na fonte do desenvolvimento de nossa literatura, arte e filosofia. Desse modo, para ele as Letras Clássicas são "uma herança a conservar". Dezotti & Sousa (1991) apontam para a mesma direção ao afirmarem que o estudo diacrônico é importante para conhecer o passado e entender o presente. Segundo as autoras, os textos literários greco-latinos são o único testemunho acessível de que nós, das Américas, dispomos para o conhecimento das civilizações clássicas, que são a base de nossa cultura.

Conforme mencionado anteriormente, a quantidade de trabalhos acadêmicos dedicada à tradução vem crescendo, principalmente no que concerne à poesia, e por essa razão, optamos por destinar nossas reflexões à tradução da prosa grega antiga, justificando não só as razões pelas quais acreditamos ser necessário traduzir as obras dessa língua, como também questões particulares nessa transposição grego antigo-português e nos problemas que ela acarreta. A oração do “Pai nosso”⁴, por exemplo, aparece em dois momentos na Bíblia, ambos no Novo Testamento: nos evangelhos de Mateus, o qual acredita-se que tenha sido escrito em aramaico antigo, língua semítica de família afro-asiática falada na antiguidade na Alta Mesopotâmia, e no evangelho de Lucas, escrito em grego. É interessante observarmos as diferentes versões em português que temos do mesmo texto, resultados de diferentes escolhas por parte do tradutor.

Grego antigo	Português	Aramaico antigo	Português
<p>Πάτερ ἡμῶν, ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς· ἁγιασθήτω τὸ ὄνομά σου, ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου, γενηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς·</p> <p>Τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον· Καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν· Καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ·</p>	<p>Pai nosso celestial, santificado seja o Vosso nome.</p> <p>Venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, amém.</p>	<p>Awan d’wash-maya nith-qa-dash shmakh teh-teh mal-ku-thakh neh-weh tzew-ya-nakh ay-ka-na d’wa-shma-ya ap b’ar-aa haw-lan lakh-ma d’sun-qa-nan yaw-ma-na w’ash-wuq lan khau-bayn ay-ka-na d’ap akh-nan shwa-qan l’kha-ya-wayn w’la ta-lan l’nes-yu-na e-la pa-tzan min bi-sha me-tol d’di-lakh hi mal-ku-tha w’khay-la w’tesh-bukhta l’al-am al-min Am-een</p>	<p>Pai nosso que estás no céu Santificado seja o Teu nome venha teu reino seja feita Tua vontade assim no céu também na terra dá-nos o pão que necessitamos neste dia e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores e não nos conduza ao julgamento mas livra-nos do mal porque Teu é o reino e o poder e a glória para sempre eternamente, amém.</p>

Especificamente na versão traduzida do grego, as escolhas lexicais podem ser consideradas fiéis⁵ ao seu original. Do ponto de vista da sintaxe, a função sintática definida pelos casos das palavras em grego foi respeitada e, morfologicamente, há sutis

⁴ Versões extraídas de Versões extraídas de Neil Douglas-Klotz, *Orações do Cosmo* (Triom, Libreria Editora e Abwoon Studies), pg. 15-18.

⁵ Na teoria da tradução, a denominação fiel pode nos remeter a uma significação distinta, que será debatida posteriormente, nesta tese. Por hora, o emprego dela é no sentido de criar exata equivalência de sentido.

diferenças quanto ao número: no primeiro verso, em grego, “céu” está no plural, enquanto que em português é construída no singular e quanto à função sintática: enquanto que no grego a expressão ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς é um adjunto adnominal, em português foi traduzido como advérbio de lugar, “no céu”. De modo semelhante, os pronomes usados na segunda pessoa do singular em grego passaram à segunda pessoa do plural em língua portuguesa. Há, ademais, uma questão relevante que deixa transparecer o trabalho do tradutor: no trecho em grego καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, o verbo εἰσενέγκῃς, conjugado no subjuntivo aoristo, 2ª pessoa, possui sentido de *conduzir, levar*, numa construção com valor proibitivo. Em português, ao invés de “guiar à tentação” (πειρασμόν) a forma é “cair em tentação”. Esse exemplo, embora simples, representa outra questão que gera bastante discussão durante o processo tradutório: o tradutor deve manter a organização sintática do original ou até que ponto suas interferências, e quais são elas, podem aparecer na tradução, sem que se perca a essência do original? Privilegiar a forma, o conteúdo ou, se possível, ambos? Diferentemente da oração do “Pai Nosso”, há textos em que a versão em português sofre mais interferências por parte do tradutor como, por exemplo, no trecho abaixo do canto XXIV da *Iliada*, traduzida por Manoel Odorico Mendes.

τοῦ νῦν εἶνεχ' ἰκάνω νῆας Ἀχαιῶν	Venho remi-lo à frota Argiva
λυσόμενος παρὰ σεῖο, φέρω δ' ἀπερείσι' ἄποινα.	Com magníficos dons. Respeita os numes;
ἀλλ' αἰδεῖο θεοῦς, Ἀχιλεῦ, αὐτόν τ' ἐλέησον	Por teu bom pai, de um velho te apiades:
μνησάμενος σοῦ πατρὸς· ἐγὼ δ' ἐλεεινότερός περ,	Mais infeliz do que ele, estou fazendo
ἔτλην δ' οἷ' οὐ πῶ τις ἐπιχθόνιος βροτὸς ἄλλος,	O que nunca mortal fez sobre a terra:
ἄνδρὸς παιδοφόνου ποτὶ στόμα χεῖρ' ὀρέγεσθαι.	Esta mão beijo que matou meus filhos.

O distanciamento entre textos alvo e fonte fica mais evidente nesse exemplo. Há diferenças morfológicas com relação ao número, como no primeiro verso, que em grego traz “navios dos Argivos”, enquanto em português optou-se pelo emprego do coletivo, “frota” dos argivos; como também diferenças no emprego verbal, tal como no último verso: em grego há o verbo ὀρέγεσθαι, forma infinitiva do verbo (ὀρέγω), cujo significado é *estender*, e em português, contudo, esse verbo aparece como beijar, na primeira pessoa do singular no presente do indicativo, compreendendo-se que a

expressão literal “estender à boca” (στόμα ὀρέγεσθαι) seja traduzida como “beijar”. Por essa razão, a palavra στόμα, *boca* ou *face*, em grego, desaparece na versão em língua portuguesa e essas mudanças nos remetem à ideia de que, nesse caso, fica clara a intenção do tradutor de atribuir à tradução o sentido construído pela imagem do trecho ao invés da literalidade das palavras. Embora a equivalência total entre as línguas, se pensarmos na forma, não seja possível, nada impede, contudo, a equivalência no nível comunicativo. Em outras palavras, pensamos numa língua como um sistema *sui generis*, um código que contempla regras e formas próprias, porém, passível de tradução. Retomando Jakobson (1971):

Toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios. (JAKOBSON, 1971, p. 67)

Assim, quais os critérios que definirão a possibilidade de realização dessa tradução e quais foram os quesitos privilegiados pelo tradutor, ao distanciar-se em alguns momentos do texto original? Com efeito, as questões abordadas nesta tese buscam os parâmetros técnicos-metodológicos do processo tradutório, no intuito de, retomando conceitos apresentados por diferentes escolas do pensamento linguístico-tradutório, chegar a resultados que possam mostrar as dificuldades de traduzir-se a prosa grega e a forma de resolver esses obstáculos durante o processo de tradução.

Estabelecida a fundamentação teórica sobre tradução nesta tese, partimos, então, para um segundo momento em nossa abordagem, o levantamento teórico acerca da voz média grega. É importante salientar que ao longo de nossa exposição acerca desse tema, apresentaremos aspectos da teoria cognitiva que fundamentam nossas inferências. A linguística cognitiva define a gramática de uma língua como uma descrição compreensível da estrutura daquela língua, e sustenta o conceito de que formas linguísticas são essencialmente baseadas em estruturas semânticas. Além disso, para essa vertente do pensamento linguístico, o saber linguístico é englobado por um conhecimento geral, de modo que o conhecimento da língua de um indivíduo é informado e influenciado por outros tipos de conhecimento não linguístico altamente estruturado. Com efeito, a distinção entre o sentido semântico e pragmático passa por

níveis, ao invés de ser absoluta, e o conhecimento linguístico é dito como enciclopédico por natureza. Em outra grande área da pesquisa da linguística cognitiva, argumenta-se que comumente orações recorrentes construídas em nível prototípico designam eventos que são centrais à experiência humana e o significado linguístico em geral é corporificado e experimental por natureza. A Linguística Cognitiva mantém que o significado linguístico é baseado no falante. Os usuários da língua, quando expressam uma dada ideia por meio de um sentido linguístico, fazem escolhas de codificação específica a partir de inúmeras opções disponíveis; nesse sentido, eles impõem uma das muitas perspectivas subjetivas possíveis, ou interpretações, numa situação particular ou evento. Diferentes interpretações do mesmo evento objetivo tipicamente envolvem um ajuste à a) relativa proeminência dada a suas várias partes, b) à perspectiva a partir da qual é visto e/ou c) ao nível de especificidade em que o evento é caracterizado. Em outras palavras, o significado de uma expressão inclui tanto seu conteúdo semântico geral bem como as imagens específicas variáveis que convergem a qualquer uma das estruturas possíveis que poderiam alternativamente codificar a mesma situação.

Debatida a voz média do ponto de vista teórico, o próximo passo deste trabalho envolveu a análise comparada de traduções, uma realização não muito recorrente nos trabalhos acadêmicos. Nesse sentido, nesta pesquisa foi apresentada também a proposta de uma versão traduzida para o português da obra *Biblioteca*, a partir de uma comparação com as versões existentes em outras línguas. Steiner (1998) também se ocupou com as análises comparadas entre traduções, a fim de compreender como diferentes línguas trazem para seu contexto sociocultural as informações do texto fonte. Segundo ele:

Todas las facetas de la traducción – su historia, sus medios léxicos y gramaticales, las diferencias de enfoque, que van desde la traducción interlineal, palabra por palabra, hasta la más libre imitación o adaptación metamórfica – tienen un valor crucial para el comparatista. El comercio que se da entre las lenguas, entre los textos de distintos períodos históricos o formas literarias, las complejas interacciones que se producen entre una traducción nueva y las que la han precedido, la antigua pero siempre viva batalla entre ideales, entre “la letra” y “el espíritu”, es el de la literatura comparada misma. (STEINER, 1998, p. 150)

O estudo comparado, geralmente, relaciona-se aos estudos literários e, no que diz respeito a Apolodoro, os trabalhos sobre o autor não incluem investigações linguísticas como objetivos primários. Autores como Dräger (2005), Grazia (1996),

Julia (1993), e Scott & Stephen (2007) tratam de questões referentes ao universo mitológico da obra, seu valor literário, as influências em autores posteriores, dentre outras questões. Nosso enfoque no estudo comparado se volta para uma investigação linguística acerca da voz média: uma das ferramentas essenciais para a compreensão desse domínio verbal está ligada aos papéis semânticos dos sujeitos e aos esquemas de imagens construídos nas frases, contribuindo, assim, para a compreensão das particularidades da medial. Nesta nossa análise comparada, a ideia central defendida em relação ao emprego da voz média grega gira em torno da noção de *afetação do sujeito*, elemento este presente nos exemplos levantados e analisados e diretamente ligado aos papéis semânticos dos sujeitos oracionais. Desse modo, selecionamos sete categorias de classificação da média, formuladas a partir das onze estabelecidas por Allan (2003), mapeamos as ocorrências e as classificamos num dos tipos possíveis e previamente detalhados. Para alcançar nossos objetivos, propusemo-nos a verificar como os diferentes tradutores resolvem essa questão em suas línguas: como esse principal traço de *afetação de sujeito* presente na voz média aparece morfológica ou semanticamente nas línguas modernas? Como resolvemos essa particularidade no caso da tradução em português? Temos em mente que o estudo comparado é capaz de proporcionar um fértil campo de pesquisa para diversas áreas do conhecimento, objetivando uma investigação sobre diferentes lentes de visão de mundo, perpassando ambientes culturais, à medida que se analisa como essas diferentes leituras convergem e divergem; como se enquadra o papel do tradutor, suas distintas escolhas linguísticas e interpretações, as dúvidas levantadas e seus recursos utilizados, a fim de se criar a ligação necessária para a transmissão cultural da obra. Com efeito, a tradução comparada é uma linha de trabalho que nos possibilita não só avaliar os critérios de tradução usado pelos tradutores em suas respectivas línguas, como também aprofundar uma investigação linguística que nos permite verificar como as particularidades do sistema linguístico do grego antigo são resolvidas quando traduzidas para o português. Basta apontarmos um exemplo extraído de nosso *corpus Bibliotheca*.

διὸ τοῦτον ἀποκτείνας ἐπεκαλέσατο καὶ αὐτὸς βοηθὸν τὸν Ἰόλαον, ὃς
μέρος τι καταπρήσας τῆς ἐγγύς ὕλης τοῖς δαλοῖς ἐπικαίων τὰς ἀνατολὰς
τῶν κεφαλῶν ἐκώλυεν ἀνιέναι (Apol. Biblio. 2.5.2)

Aussi, après avoir tué le crabe, à son tour appela-t-il au secours Iolaos, qui mit le feu à une panie de la forêt voisine et, avec des brandons, brûla les têtes à la racine pour les empêcher de repousser⁶.

Él lo mató y luego **pidió** ayuda a Yolao, quien, después de incendiar parte de un bosque cercano, com los tizones quemó los cuellos de las cabezas e impidió que resurgieran⁷.

So he killed it, and in his turn **called** for help on Iolaus who, by setting fire to a piece of the neighboring wood and burning the roots of the heads with the brands, prevented them from sprouting⁸.

Assim, após matá-lo, ele **pediu a ajuda de** seu assistente Iolau, o qual, após queimar um pedaço inteiro de uma floresta próxima com as tochas, preveniu as cabeças de renascem⁹.

O verbo assinalado em grego é o ἐπικαλέω, na 3ª p. sg. no aoristo do indicativo médio e seus equivalentes nas versões em francês, espanhol, inglês e português também estão em negrito. O que é interessante analisarmos é que na voz média esse verbo assume o significado de *chamar em socorro*, diferente de sua construção ativa, que possui o significado de *chamar*, apenas. No entanto, embora nas três traduções em língua estrangeira apareça esse sentido de *ajuda*, resta a dúvida se ele foi incorporado à construção média ou se foi por extensão de sentido da palavra βοηθὸν (adjetivo com o sentido de *assistente* ou *auxiliar*), presente no texto, referindo-se ao personagem Iolau, por concordar em gênero, número e caso, a princípio omitida na tradução. Assim, uma vez levantadas todas as ocorrências de voz média no texto de Apolodoro, será analisado como esse traço verbal, que implica nuances de significação em comparação a construções ativas e passivas, é resolvido pelos tradutores ao longo da narrativa.

Diante de nosso foco em realizar um tratamento digital na obra de Apolodoro, o próximo passo deste trabalho foi fazer um levantamento teórico acerca da inclusão das ferramentas digitais nas pesquisas linguísticas e avaliar como historicamente a tecnologia vem se consolidando como importante baluarte nos trabalhos acadêmicos.

⁶ Massonie & Carrière (1991)

⁷ Sepúlveda (1985)

⁸ Frazer (1921).

⁹ Tradução nossa.

Tratamos de diversas questões como o uso de *corpus* digital e dos principais bancos de dados digitais atuais, mostrando como seus conteúdos serviram de modelo para a elaboração de nossa biblioteca digital de Apolodoro. Ainda nesta etapa, abordamos a questão do alinhamento de traduções, o que nada mais é do que uma disposição parêntese de significados de dois textos. Realizar essa tarefa vai ao encontro de uma das propostas teóricas para esta pesquisa, justamente a de estabelecer parâmetros para os critérios científicos de traduzir a prosa grega antiga para o português. Segundo Kay & Röscheisen (1988):

It is notoriously difficult to align good translations on the basis of words, because it is often difficult to decide just which words in an original are responsible for a given one in a translation and, in any case, some words apparently translate morphological or syntactic phenomena rather than other words. However, it is relatively easy to establish correspondences between such words as proper nouns and technical terms, so that partial alignment on the word level is often possible. On the other hand, it is also easy to align texts and translations on the sentence or paragraph levels, for there is rarely much doubt as to which sentences in a translation contain the material contributed by a given one in the original. (p. 121)

Alinhar as traduções do grego antigo com o português é uma ferramenta muito útil; uma vez que as línguas possuem organizações sintáticas diferentes, tornar-se um método muito adequado para ensino-aprendizagem de qualquer língua estrangeira. Ademais, com o alinhamento das traduções ficam mais claras as escolhas feitas pelo tradutor e também a discussão das dificuldades de encontrar as equivalências em diversos momentos. Em outras palavras, o alinhamento é a forma que encontramos de apresentar a tradução como uma tarefa científica e para isso, utilizamos a plataforma *Alpheios*, cujo mecanismo pode ser elucidado no exemplo abaixo, utilizando uma passagem de *Biblioteca* (2.5.1).

τοῦτο ἀκούσας ὁ Ἡρακλῆς εἰς
Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ
προσταττόμενον ὑπὸ Εὐρυσθέως
ἐτέλει. πρῶτον μὲν οὖν ἐπέταξεν
αὐτῷ τοῦ Νεμέου λέοντος τὴν δορὰν
κομίζειν [...]

Após ouvir isso, Hércules foi para
Tirinto e cumpriu o que lhe foi
ordenado por Euriteu. Primeiro, então,
Euriteu ordenou-lhe trazer a pele do
leão de Neméia.

A palavra em grego tem seu correspondente em português assinalado na mesma cor. O exemplo acima nos permite elucidar todo o processo de alinhamento: por exemplo, uma palavra em grego pode representar duas ou mais em português e vice-versa, assim como outros elementos, como colocação pronominal ou partículas enfáticas, diferem quanto à posição na oração. Com o alinhamento digital de traduções, estas decisões são evidenciadas e passam a fazer parte de escolhas precisas e analisadas. Vale ressaltar também que, tendo em vista a versão digital, todos os vocábulos do texto estarão em forma de um *link* que dará acesso a sua respectiva análise morfológica, com as possibilidades de significado delimitadas com base no próprio texto de Apolodoro. Abaixo, um exemplo da apresentação dessa análise:

ἀκούω	Verbo
ἀκούσας	Part. sg; aor. atv.; mas., nom.

Figura 1 – Janela da análise morfológica

No caso de um verbo, uma janela com informações ficará disponível ao aluno, para compreender seu sentido no texto. Na figura 1 temos, em negrito, no canto superior esquerdo, a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo do verbo (padrão de entrada nos dicionários gregos) e, abaixo, a forma de ocorrência no texto. No canto superior direito, a categoria gramatical dessa palavra e, abaixo, a análise morfológica. Dessa forma, alinhadas as traduções o usuário terá acesso ao significado de cada um dos vocábulos do texto específicos daquela passagem. A explicação dos mecanismos de organização e funcionamento dessa ferramenta de alinhamento de tradução comporá a seção metodológica desta pesquisa.

Uma vez detalhados os procedimentos tecnológicos presentes neste trabalho, a próxima etapa foi criar um método automático de geração de uma edição comentada de um texto literário. Edições comentadas são edições que apresentam, além de uma tradução, notas e comentários do tradutor quanto ao processo tradutório, aos detalhes da composição do texto, ao conteúdo da obra, referências culturais, estilo do autor, informações linguísticas etc. Publicações assim são apropriadas para estudos de tradução, linguísticos e literários, porém, em se tratando de textos gregos, poucas são as traduções em português, perto do grande acervo disponível, menor ainda a quantidade

de edições comentadas. Esse procedimento teve início a partir de dois referenciais teóricos comuns nas pesquisas digitais: o reúso¹⁰ textual e as referências cruzadas, porém de forma a ampliar essas duas abordagens a um patamar até então inédito. Dessa forma, foi possível montar todo um quadro de referências cruzadas entre Apolodoro e os autores gregos anteriores e posteriores a ele, de modo a verificar como todo esse conjunto de obras compartilha temas em comum e relação entre eles. Para isso, selecionamos três algoritmos que pudessem nos auxiliar a encontrar as referências presentes em *Biblioteca* e nos textos gregos digitalizados incorporados à Biblioteca Digital Perseu, realizando, primeiramente, toda uma etapa de preparação do *corpus*, como divisão em sentenças e classificação de referências para um posterior cálculo e refinamento do método, até a conclusiva análise dos resultados, que foram avaliados a partir da comparação com as notas contidas nas três traduções analisadas anteriormente em nosso estudo, como forma de verificar a eficiência de nosso algoritmo, que, por sua vez, também nos permitiu visualizar a possibilidade de encontrar novas referências até então não mencionadas pelos principais tradutores do autor grego. Esse método de busca é produto de todo o tratamento digital que aplicados em Apolodoro, inaugurando a primeira biblioteca digital em português de um autor grego.

Com base nesse breve referencial teórico-metodológico, resumidamente, os objetivos desta pesquisa são realizar uma análise comparada da voz média do grego antigo do ponto de vista de sua tradução em língua moderna e criar um método de geração automático de referências para uma edição comentada de um texto literário, metas estas decorrentes da elaboração de uma edição digital em português da obra *Biblioteca* de Apolodoro, prosador grego do séc. II d.C. Com efeito, esta tese está dividida em duas partes: na primeira, no **capítulo 1**, serão traçados dois percursos teóricos, um acerca dos procedimentos teóricos e práticos da tradução do texto em prosa e outro com foco na voz média grega. No **capítulo 2**, metodológico, será debatida a implementação das ferramentas tecnológicas na elaboração da versão digital de *Biblioteca*, mostrando todo o trabalho realizado, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, de inclusão de tecnologias no estudo linguístico e no processo de alinhamento de traduções e análise morfológica do texto. Em seguida, inicia-se a etapa de coleta e análise de resultados, inaugurada pelo **capítulo 3**, em que serão apresentadas as

¹⁰ A palavra reúso é um estrangeirismo (do inglês *reuse*) usado na área técnica da computação com significado estendido para a linguagem verbal.

ocorrências da voz média em Apolodoro, separadas por grupos, bem como sua classificação, procedimento aplicado à análise comparada entre traduções da voz média, de forma a verificar em que aspectos ora convertem, ora divergem as versões traduzidas de *Biblioteca* em suas respectivas línguas, perpassando essa questão linguística, a fim de identificarmos quais as propostas consolidadas por cada um desses tradutores.

No capítulo 4, haverá duas partes: na primeira será apresentado o processo metodológico para a geração automática de referências de um texto literário, desde a preparação do *corpus* até a escolha do algoritmo e, na segunda parte, serão descritos os resultados obtidos. Por fim, **no capítulo 5**, apresentamos a versão em português de *Biblioteca* como última etapa de cada um dos processos acima descritos, introduzindo essa compilação de mitos e tecendo alguns comentários sobre a vida de Apolodoro e sua obra, analisando os mistérios que permeiam suas origens, além de avaliar as fontes usadas em sua narrativa. Com efeito, acreditamos que todo o conteúdo apresentado nesta pesquisa possa ser de grande valia para a salutar continuidade dos estudos de clássicas e linguísticos e que possa também referenciar pesquisadores que aos poucos vêm incorporando aos seus trabalhos essas novas ferramentas tecnológicas de trabalho e os demais temas aqui tratados.

Capítulo 1 – Tradução e voz média: conceitos teóricos e práticos da tradução aplicados à prosa helênica e percurso teórico acerca da voz verbal grega

PARTE I

INTRODUÇÃO

Embora figure como objeto científico de estudo somente a partir do século XX, a tradução como prática ou ofício é tão antiga quanto a existência das línguas e também complexa no que diz respeito a encontrar uma convergência de critérios e pontos de vista a seu respeito. As distintas escolas do pensamento surgidas ao longo dos anos e que compõem essa área se desdobram em diferentes vieses de análises, tornando-se necessário, cada vez mais, estreitar o escopo dessas variadas abordagens. Qual o verdadeiro papel de um tradutor? Traduzir é interpretar? Diferentes textos exigem diferentes tipos de tradução? Como se deve traduzir uma obra literária? O que é traduzir? Partimos de questões assim quando demos início à tradução do texto de Apolodoro e a princípio nos remetemos ao que avaliou Desliesle (1980), que discorreu sobre a importância de traduzir-se, avaliando, principalmente, os detalhes da transposição de um texto-fonte a um alvo, quando disse:

Ensinar a traduzir é fazer compreender o processo intelectual através do qual uma mensagem dada é transportada em uma outra língua, colocando-se o aprendiz de tradutor no centro da operação tradutória para fazer com que ele aprenda esta dinâmica. (DESLIESLE, 1980, p.16)

A partir dessa reflexão, pensando numa forma de esquematizar o processo tradutório, o esboço abaixo mostra a versão de um texto grego, extraído do livro *Biblioteca* de Apolodoro, para o português.

TEXTO A

Ἰκαρίου μὲν οὖν καὶ Περιβοίας νύμφης νηίδος Θόας Δαμάσιππος Ἴμεύσιμος Ἀλήτης
Περίλεως, καὶ θυγάτηρ Πηνελόπη, ἣν ἔγημεν Ὀδυσσεύς: Τυνδάρεω δὲ καὶ Λήδας Τιμάνδρα,
ἣν Ἔχεμος ἔγημε, καὶ Κλυταιμνήστρα, ἣν ἔγημεν Ἀγαμέμνων, ἔτι τε Φυλονόη, ἣν Ἄρτεμις
ἀθάνατον ἐποίησε. (Apol. Biblio. 3.9.6)



TEXTO B

*De Icário e da ninfa náiade Peribéia nasceram seus filhos Toas, Damásipo, Imeusipo, Alete,
Perileu e sua filha Penélope, com quem Odisseu se casou. Tindareu e Leda tiveram Timandra, com
quem Équemo se casou; Clitemnestra, quem Agamenon desposou, e ainda Filonoe, quem Ártemis fez
imortal.*

No esquema acima, A representa a língua de origem a partir da qual um texto será traduzido, enquanto B é a língua-alvo, ou seja, a língua para a qual o texto de origem foi traduzido. Nesse processo, a seta, então, representa os trâmites necessários para que essa passagem da língua A para a B seja a mais eficiente e completa possível. É justamente nesse intervalo em que ocorre o tão discutido trabalho do tradutor sobre o qual, por exemplo, Hurtado Albir (2001) afirma ser “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (HURTADO ALBIR, 2011, p.32). De fato, essa noção de interpretação e da necessidade de reformulação nos remonta à tradução já praticada na Antiguidade Clássica do mundo ocidental, como quando Cícero (séc. I a.C), ao traduzir *Protágoras*, de Platão, encontrou-se diante do seguinte dilema:

O que homens como vós chamam de fidelidade em tradução os eruditos chamam de minuciosidade pestilenta. É duro preservar em uma tradução o encanto de expressões felizes em outra língua. Se traduzo palavra por palavra, o resultado soará inculto, e se, forçado por necessidade, altero algo na ordem ou nas palavras, parecerá que eu me distanciei da função do tradutor. (CÍCERO, *Protágoras*, 106.)

Assim como o orador romano, em sua *Arte Poética*, Horácio, ao escrever sobre a tradução literária, também rejeitou a tradução literal, afirmando que “ [...] nem devemos ser um tradutor fiel; cuidado ao traduzir palavra por palavra” (HORÁCIO, I a.C.). De

maneira geral, derivadas desse contexto surgiam duas correntes principais dentro do que hoje conhecemos como teoria da tradução: a primeira é uma resposta de escritores como Cícero e Horácio, cuja experiência particular de tradução inspirou análise da prática em termos teóricos, ou cuja tradução provocou uma reação que obrigou o tradutor a defender. Nessa vertente, temos um ideal de que o valor da tradução é justamente transformar o texto fonte de uma forma bem-acabada no texto alvo, evitando a tradução literal das palavras isoladas, mas criando um conjunto de qualidade do conteúdo do texto por meio de um processo em que há uma discussão e estratégias e processos específicos. Já o segundo tipo é mais filosófico e inclui uma especulação sobre a natureza e efeito da tradução em termos gerais, e daí surgem os questionamentos sobre a possibilidade de traduzir-se um texto, daquilo que se perde entre uma cultura e outra e dos prejuízos que uma obra vai ter quando deixar sua língua original, na qual estão os detalhes que lhe atribuem o estatuto de obra prima, por assim dizer.

Posterior à Antiguidade Clássica, quando avançamos um pouco no tempo, encontramos em Dante um conceito derivado dessa segunda ideia cristalizada por alguns estudiosos, defensores da impossibilidade do traduzir em se tratando de obras literárias, ao afirmar que a evolução das línguas dificultaria sempre o processo tradutório e “o que foi harmonizado pelo toque das musas não se pode transpor de sua língua para a outra sem quebrar toda a sua suavidade e harmonia” (ALIGHIERI, 2005, p.23). Mais filosófica, o grande problema dessa concepção é seu caráter hermético, uma vez que não só rebaixa o ofício do tradutor, mas também ergue verdadeiras barreiras no contato e compreensão entre produções de diferentes povos, promovendo um verdadeiro isolamento entre culturas, já que somente alguns poucos privilegiados, fluentes em outros idiomas, teriam acesso a textos em outras línguas. Por maior que seja essa erudição, é impossível ter acesso a todas as produções intelectuais de todos os povos, e ignorá-las pelo simples fato de serem intraduzíveis gera algumas ressalvas.

Já no fim do século IV d.C., Jerônimo, sacerdote, teólogo e historiador cristão, recebeu a incumbência do Papa Dâmaso I para produzir uma versão da Bíblia em latim, uma versão que ficou conhecida como *Vulgata*. Nessa tradução, ele optou por uma versão facilitada e tentou traduzir “sentido por sentido e não palavra por palavra”, afirmando o seguinte no prefácio:

Quem quer que, sendo culto ou não, tomasse o volume nas mãos e descobrisse que, ao lê-lo, discordava daquilo com que estava acostumado, não haveria de romper em gritos, e me chamar de um falsificador sacrílego,

por eu ter tido a ousadia de acrescentar algo aos Livros Antigos, de fazer mudanças e correções neles? (JERÔNIMO, Vulgata, 360).

A indagação feita pelo autor nos remete diretamente à discussão quanto à possibilidade/viabilidade de se traduzir um texto, o que será debatido ainda neste capítulo. A tradução pioneira de textos de nossa Antiguidade Clássica acarretou em enorme influência na literatura ocidental e também foi usada como fontes históricas. A pesquisa em traduções de textos clássicos tem um enorme valor histórico e permite avaliar como as diferentes correntes sobre essa prática geram diferentes resultados em traduções de uma mesma obra. Com o passar do tempo é muito comum que mesmo no âmbito científico determinados valores mudem de acordo com o momento histórico. No que diz respeito à tradução, por exemplo, de maneira geral até o Renascimento, a busca dos tradutores é por uma considerável fidelidade ao texto original, ao contrário do que visualizamos nos séculos XVII e XVIII, em que surge uma corrente de pensamento numa direção oposta, que associa a beleza da tradução a sua infidelidade, e daí criou-se uma maior liberdade aos tradutores, que passaram a atuar também no processo de criação (ou recriação), interferindo no conteúdo original de uma obra, o que hoje não é aceito como consenso e tende a ser incluído e discutido dentro do processo que chamaríamos de adaptação. Atualmente, do ponto de vista acadêmico, os trabalhos que envolvem teoria e prática da tradução aumentaram de forma considerável, porém seus objetos de estudo, geralmente, envolvem uma língua moderna, visando sua aplicação no ensino-aprendizagem, explorando sua eficiência no contexto didático-pedagógico, ou a tradução literária de poesia.

Poucas são as abordagens que se dedicam ao estudo do processo tradutório do texto em prosa de uma língua clássica, de uma narrativa escrita numa língua literária, ou seja, não usada hoje para a comunicação, como, por exemplo, o grego antigo, o aramaico, o latim ou o hebraico antigo. O acervo de traduções do grego antigo em língua portuguesa é mais volumoso em dois gêneros: na poesia e no drama, e a prosa, além de traduzida em menor escala, não oferece a mesma quantidade de estudos aprofundados em comparação aos dois primeiros gêneros. Quais as dificuldades de se traduzir a prosa grega? Quais as particularidades dessa língua que exigem um olhar atento por parte de seu tradutor? Com vistas a questões como essas, nesta primeira parte deste capítulo, dedicaremos nossa fundamentação teórica à tradução da prosa literária, construindo um percurso que avalia desde as dificuldades até as características que

compõem esse gênero. Explorando as diferentes abordagens nesse campo de pesquisa, primeiro pensaremos no “como” e no “por que” traduzir para, então, tratarmos dessa questão especificamente na prosa grega antiga, explicitando as particularidades dessa língua com base no texto de Apolodoro e como são tratadas no processo de tradução para o português.

1. POR QUE TRADUZIR? INVESTIGANDO OS DIFERENTES PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA TRADUÇÃO.

1.1 A tradução como ciência linguística

Os conceitos acerca do processo tradutório são diversos, principalmente diante da variedade de trabalhos que contemplam esse tema como objeto de estudo. Dessa forma, quando pensamos em tradução, não nos remetemos de imediato a uma única teoria unificada desse assunto ou a um único modelo de traduzir aplicado a todos os textos traduzidos. Tradução didática, tradução literal, tradução livre; poesia ou prosa; diferentes modalidades e diferentes gêneros textuais de tradução resultam numa diversificação no campo de estudo e na análise dessa área do conhecimento. Milton (1999) ao tratar da tradução afirma que é ela quem “abre a janela para deixar a luz entrar; que quebra a casca, a fim de podermos comer a polpa; que abre a cortina, a fim de podermos olhar o lugar mais sagrado; que remove a tampa do poço, a fim de podermos tirar a água” (MILTON, 1999, p. 28). É essa concepção poética que auxilia na justificativa, por exemplo, de porquê traduzirmos um texto clássico. Lidamos com culturas com um enorme acervo intelectual, cuja produção de textos sobreviveu a milhares de anos, ao contrário dos membros dessa cultura. O acesso a esse universo nos proporciona uma enorme riqueza cultural e uma vez que nem todos têm a oportunidade de entrar contato com esses textos em suas versões originais, cabe ao tradutor abrir as portas desse universo. A importância dessa figura como mediador converge com as reflexões de Valéry (2004), que comenta a importância dessa prática ao expor o seguinte raciocínio:

O trabalho de traduzir, conduzido pela preocupação de uma certa aproximação da forma, nos faz de todo modo procurar encaminhar os nossos passos sobre os vestígios dos passos do autor; e não moldar um texto a partir de outro; mas de voltar à época virtual de sua composição, à fase onde o estado do espírito é o de uma orquestra em que os instrumentos despertam, chamam-se uns aos outros, e buscam uma harmonia antes de compor seu concerto. É desse vivo estado imaginário que será preciso retornar, no sentido

da sua resolução em obra de língua outra que a original (VALÉRY, 2004, p.205).

Trazendo para esse tema a ideia de uma área do conhecimento não coberta por um véu muito transparente quanto a sua credibilidade e viabilidade, Oustinoff (2011) salienta que a obscuridade no campo da tradução é resultado de uma crença nela como uma tarefa reservada a um especialista, porém, por vezes nos esquecemos de que traduzir é o resultado final uma operação fundamental da linguagem, feita há milhares de anos. Já Ouyang (1993) relembra que não seria exagero defendermos a ideia de que não haveria história do mundo sem a tradução e, para isso, basta considerar o erguer de algumas civilizações como a romana, a italiana, a francesa, a alemã, a inglesa e a russa, atento ao papel da tradução no desenvolvimento dessas culturas. Conforme mencionamos, definições mais idealistas e filosóficas também surgiram como pilares de sustentação de argumentos em defesa da tarefa de traduzir. O próprio Derrida (1972) sempre procurou reduzir o encontro acirrado dos pontos de vista contrários e a favor da tradução, no sentido de que, para ele, traduzir nunca ocuparia o *status* de um texto original, e seu reconhecimento se devia ao fato de poder levar a um público leitor uma obra antes completamente inacessível a ele, definindo assim sua concepção:

[Deveríamos pensar a tradução como] uma transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro. [...] Nunca se tratou de alguma espécie de “transporte”, de uma língua a outra, ou no interior de uma única e mesma língua, de significados puros que o instrumento – ou o “veículo” – significante deixaria virgem(ns) e intocado(s). (DERRIDA, 1972, p.26).

A ideia de transformar de forma regulada a uma outra língua parece bastante apropriada, principalmente porque estamos lidando com um processo em que o tradutor mergulha em profundas reflexões antes de apresentar um resultado final de seu trabalho. Em convergência a essa linha de pensamento, Britto (2007) lembra que o próprio público leitor parece construir o conceito de que traduzir significa fornecer a possibilidade de leitura de um texto em língua estrangeira, cujo domínio fluente não faz parte da realidade da maior parte de nossa população. Paz (1991), por sua vez, reúne respeitáveis estudos sobre a teoria da tradução e como poeta e tradutor traça importantes reflexões acerca das possibilidades desse processo. Para ele, toda tradução funciona como uma mediação entre culturas de diferentes povos de mesma ou distinta época e,

no passado, traduzir significava uma tentativa de compreensão global em busca de um único sentido, como ponto de intersecção para a incomunicabilidade provocada pela existência de diversas línguas.

A tradução [...] já não é uma operação tendente a mostrar a identidade última dos homens, mas o veículo de suas singularidades. Sua função consistira em revelar suas semelhanças por cima das diferenças; de agora em diante manifesta que essas diferenças são intransponíveis, quer se trate do selvagem ou do nosso vizinho (PAZ, 1991, p. 149)

Foi justamente esse conceito que Heródoto construiu ao longo de sua obra *Histórias*, quando teve que traduzir os hábitos e as culturas de povos não gregos. Quando o historiador narra a relação matrimonial entre as Amazonas e os citas, antigo povo iraniano de pastores nômades, tenta mostrar na oposição entre gregos e não gregos como os valores culturais diferem. Embora nesse caso não estejamos falando da tradução de um texto, o transpor de culturas distintas por meio da escrita foi a grande inovação de Heródoto, que buscou mostrar como a tradução era necessária para compreendermos as diferenças entre outros povos. Com essa relação em mente, muitos autores defenderam a ideia da necessidade da tradução como ferramenta de redução das fronteiras que sempre separaram culturas diferentes, dentre os quais Carvalho (2003), que aponta para a importância para tradução de levar um leitor ao conhecimento daquilo que lhe é, a princípio, diferente, salientando que:

As traduções são elementos importantes nos processos de circulação literária e que devem ser estudadas em si mesmas e nas diferentes formas de sua contribuição, como concretização possível de outros textos e de outras culturas. [...] Além disso, como estratégia e lugar das mediações interliterárias, a tradução é considerada atualmente como um recurso essencial nas relações com o outro. (Carvalho, 2003 p. 238).

Nessa linha de raciocínio é que surgiu o conceito de *building* em tradução, denominado “cultura”, de modo a retomar o princípio da alteridade, ou seja, a forma como A enxerga B com base nas lentes de suas próprias crenças e valores; em outras palavras, aquilo que é construído socialmente torna-se nossa visão de mundo e a forma como enxergamos aqueles que estão fora desse nosso contexto. Segundo Souza (2008), o *building* “está intimamente relacionado com o movimento da tradução, pois parte do próprio (conhecido, o cotidiano, o familiar), para ir em direção ao estrangeiro, ao outro (o desconhecido, o maravilhoso)” (SOUZA, 2008, p.16) retornando ao seu ponto de

partida em sequência. Para Cardoso (2009), é possível articular uma reflexão sobre tradução a partir de discursos que alternam sua predominância entre a *identidade* e a *alteridade*.

A tradução não está dada, a não ser, como um trabalho por fazer. Um *trabalho de passagem*: não no sentido tradicional do trabalho da passagem, mas sim, no sentido de um trabalho que se dá, que tem lugar *na passagem*. Um *trabalho de relação*, no sentido de um trabalho que tem lugar no fazer, na construção da relação (das relações), um trabalho que tem lugar na *poiesis*, como *poiesis da relação*. Realizar esse trabalho é assumir o desafio da possibilidade diante das impossibilidades que a *condição da relação* impõe. (CARDOSO, 2009, p. 180)

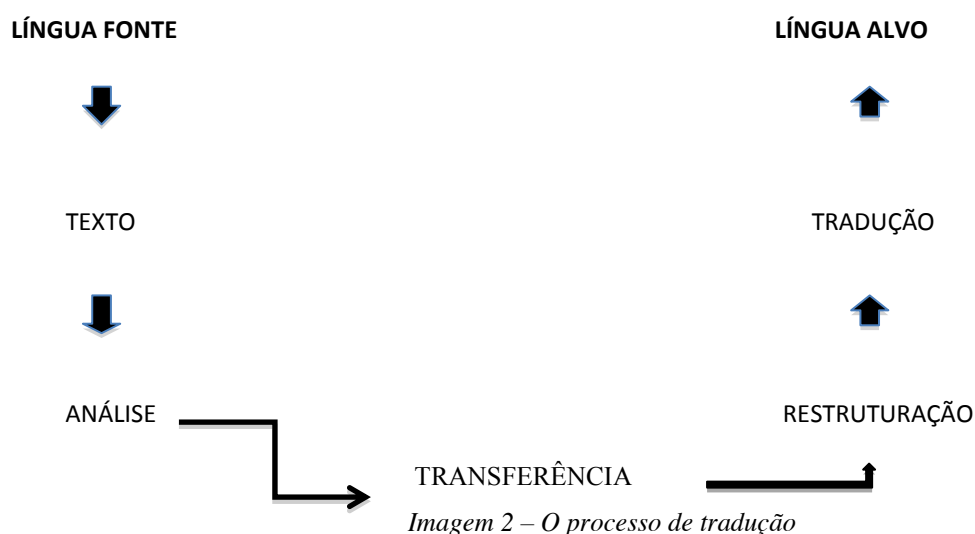
Há culturas que se separam e se tornam ininteligíveis a outras muitas vezes pelo simples fato de falarem idiomas diferentes. Porém, ao mesmo tempo que se distanciam, compartilham ideias e valores em comum e também podem aprimorá-los com base no que conhecem do outro. O trabalho da tradução é justamente criar essa ponte, e o tradutor é aquele responsável por planejar essa construção, sabendo que as escolhas que faz são as grandes responsáveis pela sustentação dessa passagem. Hardwick (2000, p.22), aluna de grego antigo e autora de um livro de tradução intercultural, sugere que a tradução de palavras em si também “envolve traduzir ou transplantar para a cultura que recebe o panorama cultural dentro do qual um texto antigo está incorporado” (HARDWICK, 2000, p.22). Para a autora, é justamente a tarefa do tradutor que permite aos leitores contemporâneos construir as civilizações perdidas. Em outras palavras, a tradução é o portal pelo qual temos acesso ao passado, e sobre isso Bassnet & Lefèvre (1990) ressaltam que:

Certa vez as questões que eram sempre feitas eram ‘como a tradução pode ser ensinada e como a tradução pode ser estudada?’ Aqueles que se consideravam tradutores eram frequentemente desdenhosos quanto às tentativas de se ensinar tradução, enquanto aqueles que clamavam ensinar frequentemente não traduziam e, então, tinha que recorrer ao velho método avaliativo de dispor uma tradução ao lado de outra e examinar ambas num *vacuum* formalista. Agora, as questões mudaram. O objeto de estudo foi redefinido; o que é estudado é um texto incorporado dentro de sua rede de sinos culturais fonte e alvo. (BASSNETT & LEFÈVRE, 1990, p.11-12)

Do ponto de vista linguístico, ainda no estruturalismo de Ferdinand Saussure, a relação criada entre o significante e o significado era construída socialmente de forma arbitrária, implicando problemas aos tradutores, uma vez que os signos isolados não seriam portadores de significado. Se pensarmos, por exemplo, na palavra *cachorro*, em português, e seus correspondentes *perro* e *dog*, respectivamente em espanhol e inglês,

embora sejam considerados equivalentes, podem ser portadores de associações e conotações distintas. Em inglês, um cachorro (*dog*) possui *legs* (patas) *back* (costas) e *neck* (pescoço), enquanto em espanhol *piernas* são para humanos e *patas* para animais, assim como as costas dos homens (*lomos*) são as *espaldas* dos cães, e os pescoços (*pesciezos*) são os *cuellos*. Esse conceito proveniente do estruturalismo perdurou e ainda sustenta muitos pontos de vista acerca da possibilidade ou não de traduzir-se, ou ao menos quanto à qualidade dessa tradução. Seguindo a máxima saussureana, então, o texto traduzido existe à diferença dos outros textos. Em consonância com esse conceito, Humboldt (2001) defende a tradução como uma teoria da linguagem, afirmando que as palavras não são iguais em línguas distintas, o que implica num caráter provisório e temporário dessa prática. Como resultado de seus estudos, Greenberg (1963) mostrou que embora grande parte das línguas tenham uma considerável variante na ordem das palavras, todas elas possuem uma única dominante, o que induziu os linguistas a classificar as línguas por tipo. Por conseguinte, os resultados dos estudos ao longo dos anos em pesquisas tipológicas contribuíram para complementar o conhecimento sobre as línguas. Para Bolinger (1965) do ponto de vista da *parole*, a tradução pode ser vista como amorfa, como o resultado da interpretação de um texto de uma língua para outra. Dessa forma, o texto, o ato de fala ou da escrita é a coisa, mas a tradução para ele, também pode ser vista como uma comparação sistemática de duas línguas e, por conseguinte, essa é a leitura que se faz dela do ponto de vista da *langue*.

A respeito desse processo tradutório, o esquema abaixo, extraído com base no utilizado por Nida (1964) em seus estudos sobre tradução, esboça o seguinte:



Seguindo as setas da esquerda para a direita, de cima para baixo, do texto de uma língua-fonte há uma análise, em seguida uma transferência e, então, a reestruturação do texto para que se resulte numa versão traduzida para a língua-alvo. No entanto, todo esse processo de transferência e seu posterior resultado são os responsáveis por tantos debates acerca desse tema. Conforme anteriormente ressaltado, já na Antiguidade Clássica, por volta de 46 d.C., em *Libellus de optimo genere oratorum* Cícero afirmava que não devemos traduzir *verbum pro verbo*, palavra por palavra, conceito esse retomado por Horácio em *Ars poética* (10 d.C.), que privilegiava o conteúdo em detrimento da forma. Jerônimo afirmava que quando traduzia os gregos, exceto nas Sagradas Escrituras, em que a ordem das palavras também era um mistério -, não era palavra por palavra, mas uma ideia por outra ideia que exprimia. Já Fílon (13 d.C.) foi membro da comunidade judaica de Alexandria e afirmava que somente a tradução literal seria capaz de não alterar os textos sacros.

Não traduzir palavra por palavra parece ser um comum acordo entre a maioria dos estudiosos. Porém, no momento em que se busca traduzir o sentido, surgem os embates, visto que os elementos que construirão esse sentido são alvos dos mais diversos questionamentos. Para Monti (2005), por exemplo, determinadas palavras nos versos, “por mais que mudem de posição, causarão sempre uma sensação rude de mantê-las no estado de coexistência original; e quando se traduz não é mais à língua do texto traduzido que se devem as considerações primeiras, mas à do tradutor” (MONTI, 2005, p.77). Essa concepção gera um debate relevante, quando pensamos na diferença na organização sintática entre muitas das línguas, como o grego e o latim, no caso das antigas, ou mesmo as modernas eslavas em comparação à sintaxe do português, o que ocasiona uma completa mudança na ordem dos elementos originais de uma frase quando traduzidos. Decorrente dessa ideia, surge a oposição forma x conteúdo. A opção por privilegiar um acarreta em prejuízos na outra? O que é importante no trabalho de tradução é verificarmos até que ponto esses elementos estão relacionadas com o caráter literário da obra; em outras palavras, o valor literário de uma determinada obra deve-se somente ao conteúdo ou também à forma? Com base na resposta para essa pergunta, o tradutor deve fazer suas escolhas.

Na década de 1970, teóricos da tradução passam a avaliá-la como vital para sua interação entre povos. Nesse período, encontram-se reflexões que defendem o processo tradutório como essencial para diminuir as fronteiras culturais como em Zohar (1978) que afirma que “nenhum observador da história de qualquer literatura pode evitar

reconhecer como fato importante o impacto das traduções e seu papel na sincronia e diacronia de uma certa literatura” (ZOHAR, 1978, p. 15). A partir desse ideal, Bassnett & Lefèvre (1998) coroam esse raciocínio, indagando “se a tradução é, de fato, como todos acreditam vital à interação entre culturas, por que não dar um passo adiante e estudá-la, não apenas treinar tradutores, mas estudar a interação cultural?” (BASSNETT & LEFÈVRE, 1998, p. 6). Dessa forma, a tradução deve oferecer uma situação laboratorial ideal para o estudo da interação cultural, uma vez que a comparação do texto original para com o traduzido mostrará as estratégias empregadas pelos tradutores em certos momentos e revelará o *status* diferente entre os dois textos em seus sistemas linguísticos e literários. Mais além, ela exporá a relação entre os dois sistemas culturais em que esses textos estão incorporados. Quando lidamos com o grego antigo no processo tradutório, no caso de Apolodoro, lidamos com uma obra do século II d.C. em que valores como relações familiares, julgamentos e leis são muito diferentes daqueles que conhecemos em nossa sociedade contemporânea; portanto, cabe ao tradutor encontrar a melhor maneira de transportar esses valores, a fim de que os leitores atuais sejam capazes de compreender como determinados aspectos, aparentemente incompreensíveis hoje, funcionavam na época do texto fonte. Tradução envolve língua, mas também cultura, pois ambos são inseparáveis, tal qual apontam Tymoczko & Gentzler (2002), segundo os quais a tradução está implícita nos processos de mudança e transformação cultural.

Sabemos do exigente trabalho que é a tradução diante do aspecto peculiar que cada língua possui. Basta pensarmos num exemplo simples envolvendo cores: o grego separa em duas palavras, como em português, “azul claro” e “azul escuro”, enquanto que no japonês a mesma palavra, *ao*, pode denotar tanto “azul” quanto “verde” ou mesmo tons intermediários. Zhongde (1991) lembra que:

A grande dificuldade na tradução reside no fato de tanto o conteúdo quanto o estilo já existirem na língua original e, por essa razão, você terá que fazer o seu melhor para reproduzi-los do jeito que são numa língua bem diferente. (ZHONGDE, 1991, p.7)

Tudo isso nos remete diretamente ao mais importante problema ao traduzir e a todas as tentativas de compreensão intercultural: a cultura A pode realmente entender a cultura B em seus próprios termos ou os *grids*, ou seja, os elementos linguísticos exclusivos de uma língua, sempre definem os caminhos pelos quais as culturas serão

possíveis de compreenderem umas as outras? São os *grids* o pré-requisito para toda a compreensão ou não? (LEFÈVRE, 1999, p. 77). Um escritor é o produto de um determinado tempo e contexto assim como o tradutor é um produto de outro tempo e contexto. Goethe (1820), por exemplo, fala da existência de “uma multiplicidade de atos de translação que asseguram a plenitude das interações vitais e naturais entre os indivíduos, os povos e as nações, interações pelas quais estes constroem sua identidade própria e suas relações com o estrangeiro” (GOETHE, 1820, p.99). Escrita e tradução estão ligadas no sentido de que, linguisticamente, promovem uma atualização dos elementos que constroem uma identidade, acentuando também as relações entre essa identidade e a alteridade. Por essa razão, Meschonnic (1999) reforça o fato de que embora traduzir seja um traço particular da linguagem, não se confunde com a escrita, assim como a tradução não se confunde com o original, mas realiza aquilo que este faz. A esse respeito Souza (2009) comenta que:

A tradução é esta atividade totalmente feita de relação, permitindo melhor do que nenhuma outra, já que seu lugar não é um termo, mas a própria relação, que se reconheça uma alteridade numa identidade. [...] o que a tradução mostra, mais que tudo, é o traduzir. Um modo de relação entre uma identidade e uma alteridade (SOUZA, 1999, p.190).

Duas escolas do pensamento sugeriram com relação a esse tema, a teoria do *skopos* e o descritivismo. A teoria do *skopos* (do grego, *objetivo* ou *meta*), oriunda da Alemanha, é funcionalista, de acordo com Nord (1997), visto que enxerga na tradução uma ação com objetivo direto e realiza muitas de suas funções pretendidas e prováveis efeitos em comparação com as funções e efeitos de seus originais, salientando como regra que as duas situações de comunicação não são paralelas. Assim, Savory (1957) salienta que diferentes traduções podem, então, ser necessárias para atender a demanda de leitores diferentes. A esse respeito, basta pensarmos nas diferentes traduções de um mesmo livro que encontram públicos distintos quanto a sua apreciação, seguindo essa ideia de que podem existir vários tipos de versões traduzidas de um texto. Vejamos abaixo três propostas de traduções do início do canto I da *Ilíada* de Homero, em língua portuguesa.

Trad.: Odorico Mendes

*Canta-me, ó deusa, do Peleio Aquiles
A ira tenaz, que, lutuosa aos Gregos,
Verdes no Orco lançou mil fortes almas,
Corpos de heróis a cães e abutres pasto:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem
O de homens chefe e o Mirmidon divino.*

Trad.: Carlos Alberto Nunes

*Canta-me a cólera – ó deusa – funesta de Aquiles Pelida
causa que foi de os Aquivos sofrerem trabalhos sem conta
e de baixarem para o Hades as almas de heróis numerosos
e esclarecidos ficando eles próprios aos cães atirados
e como pasto das aves. Cumpriu-se de Zeus o desígnio
desde o princípio em que os dois em discórdia ficaram cindidos:
o de Atreu filho senhor de guerreiros e Aquiles divino.*

Trad.: Haroldo de Campos

*A ira, Deusa, celebra do Peleio Aquiles,
o irado desvario, que aos Aqueus tantas penas trouxe,
e incontáveis almas arrojou no Hades de valentes, de heróis, espólio para os cães,
pasto de aves rapaces: fez-se a lei de Zeus;
desde que por primeiro a discórdia apartou o Atreide, chefe de homens, e o divino Aquiles.*

A primeira tradução faz uso dos decassílabos brancos. Seus versos são mais concisos, menores que os gregos, porém há todo um preciosismo lexical e um emprego de estruturas sintáticas pouco usuais em nossa língua. Além disso, Odorico Mendes faz constante uso de neologismos, principalmente quando traduz os epítetos gregos, como “Aquiles velocípede” (de pés velozes), “Juno bracivínea” (de braços brancos) ou “Aurora dedirósea” (de dedos róseos). No segundo caso, temos um texto que prima pela transposição do metro original para o português, cujo ritmo é a sequência de seis pés de sílabas, cinco deles compostos, cada um, por uma sílaba tônica e duas átonas, e o sexto grupo composto por uma tônica e uma átona. Já a sintaxe e o léxico parecem menos rebuscados e, dentro de uma poeticidade, mais próximos do comumente utilizado. A última tradução, de Haroldo de Campos, utiliza-se dos versos dodecassílabos, numa tentativa de reproduzir fielmente a métrica do original, isto é, a mesma quantidade de sílabas poéticas por verso, explorando também alguns neologismos, bem como vocabulário e sintaxe também rebuscados. Estabelecer, nesse caso, a melhor tradução é uma tarefa árdua, principalmente porque claramente são propostas distintas que cumprem bem os objetivos propostos por seus tradutores. Nesse caso, todas essas traduções encontram seu público alvo e seu contexto mais adequado e têm em comum o fato de serem resultado de um minucioso trabalho de escolhas e organização do tradutor, a fim de trazer um produto que conservasse a grandiosidade da obra original.

Os trabalhos que envolveram o descritivismo, por sua vez, focaram mais o resultado das ações e decisões dos tradutores: menos seu comportamento e mais o produto final do trabalho do que o processo desenvolvido. A teoria do descritivismo da

tradução constrói perguntas com base num panorama histórico: quem traduz o que, quando, como, para quem, em qual contexto, com qual efeito e por quê? A relevância dessa corrente científica se dá principalmente pelo fato de ela comparar o resultado final com o original com o intuito de verificar se os objetivos do tradutor foram alcançados, no que diz respeito, por exemplo, ao público-alvo, à manutenção do caráter literário da obra; da linguagem; da sintaxe, dentre outros. Dessa forma, se sim, o trabalho do tradutor foi bem feito, senão, algum procedimento intermitente foi executado de maneira errônea, como uma escolha lexical, organização sintática ou mesmo emprego de estilo. Segundo Shreve (1997), a competência tradutória não é uma habilidade inata; o desenvolvimento dela é um *continuum* entre a *tradução natural* e a *tradução construída* (tradução profissional). Esta é a que define o próprio ofício do tradutor, enquanto aquela está ligada ao processo de tradução não profissional, ou seja, aquele que ocorre rotineiramente no processo natural da comunicação humana. Para Chesterman (1997) a aquisição da competência tradutória seria, assim, um processo de automatização gradual e de reflexão crítica sobre as próprias intuições. À medida que o conhecimento especializado avança, aumenta a habilidade para reconhecer traços situacionais e escolher estratégias apropriadas cada vez mais automatizadas e intuitivas.

Para Barbosa (1990), o conceito de tradução toca a concepção de "estratégias mentais", com as quais se alcança "a tarefa de transferir significados de um código linguístico para outro". Se pensarmos, contudo, consoante Arrojo (1986), que "o próprio significado de uma palavra, de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura", a primeira concepção passa a ser refutada. Com relação a esse processo mental na prática da tradução, Brenno Silveira (2004) afirma que é algo de "natureza circular", já que, de um lado, o tradutor não deve se ater somente às palavras ou frases do texto, mas buscar uma profundidade maior, a fim de mergulhar no contexto, além de transpor sua compreensão para a língua que traduz, buscando a menor perda em relação ao original, retornando, sempre, à matriz, para compará-la com o que se escreveu, visando a uma "perfeita harmonia e equilíbrio de expressão". A esse respeito, o próprio Jakobson (1971) teceu importantes reflexões. Para ele, "as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar". Assim assinala o autor:

(. . .) o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’, como insistentemente afirmou Peirce, o mais profundo investigador da essência dos signos. (...) Distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não-verbais. (p.64)

O que temos em mente é que a tradução deve ser vista como um fazer científico e, por conseguinte, ao longo desse processo todas as escolhas possuem motivações com base em critérios estabelecidos por trás dos quais estão inúmeras reflexões. Além disso, defendemos a ideia de que todo texto pode e deve ser traduzido e, embora em alguns casos haja obstáculos que possam gerar alguns prejuízos nessa transferência, estes estão muito aquém dos benefícios que uma boa tradução traz quando realizada. Não existe um texto intraduzível, mas uma escala de qualidade em tradução, que perpassa vários aspectos como fidelidade para com o original; conteúdo; estilo, organização sintática; escolhas lexicais, público-alvo, dentre outros; assim, o sucesso para uma boa tradução não depende da possibilidade ou não de traduzir-se um texto, mas na destreza com que o tradutor lida com cada um desses aspectos quando apresenta sua proposta no processo tradutório. Nesse sentido, vale apontarmos também as reflexões feitas por Souza (2009), que nos lembra de que:

A tradução ocupa um espaço de passagem, no qual não se fixam momentos cristalizados, identidade absolutas, mas se aponta continuamente para a condição diferencial que a constitui. Simultaneamente excessivo e carente, poderoso e impotente, sempre o mesmo texto e sempre um outro, o texto de uma tradução ao mesmo tempo destrói aquilo que o define como original – sua língua – e o faz reviver por intermédio de uma outra língua, estranha, estrangeira. (SOUZA, 1999, p.25)

Dessa forma, feitas essas reflexões acerca dos principais conceitos sobre tradução, relacionando-a com identidade e cultura, estilo e ciência, passaremos a um segundo momento de nossa discussão em que focaremos justamente na figura responsável por mediar todo esse processo: o tradutor. na seção a seguir avaliaremos qual o papel dessa personagem nessa trama, entendendo os desafios desse ofício e a importância dessa figura para a sociedade.

1.2 O papel do tradutor

O já cristalizado trocadilho italiano *traduttore/tradittore* (tradutor/traidor) nos revela como, principalmente na comunidade científica, a figura do tradutor recebeu um estigma generalizado, que muitas vezes negligenciou os pontos positivos de sua tarefa. Com exceção do contexto técnico, em que a tradução é vista como uma ponte necessária para os diversos interesses de nossa sociedade, no contexto literário é muito comum presenciar uma enorme repulsa a esse tipo de trabalho. A própria Virgínia Woolf, escritora britânica consagrada e traduzida em diversas línguas, afirmou que ao ler uma tradução do romance russo parecia usar óculos desfocados. Essa ideia de uma leitura turva é compartilhada por muitos acadêmicos, principalmente quando se trata da tradução literária, seja ela prosa ou poesia. Assim, com base no esquema anteriormente apresentado na figura 1, a função primordial do tradutor é, justamente, conduzir o texto para que todo o processo indicado pela seta passe da forma mais refinada possível de A (língua-fonte) para B (língua-alvo). Entretanto, quem é esse tradutor ou como podemos defini-lo? Foscolo (2005) defende um conceito mais artístico para essa figura e afirma que “a uma tradução literal e cadavérica se submete apenas um gramático, e que para uma versão viva é preciso um poeta”. (FOSCOLO, 2005, p.145). Boccaccio (2005), por sua vez, defende a importância da tradução, principalmente num contexto de uma sociedade em que grande parte da população é monolíngue e depende dela para o acesso a obras escritas em outra língua. Para ele, o tradutor não precisa “seguir rigorosamente e em tudo as palavras do autor” porque assim não se “poderia alcançar convenientemente a meta proposta, que é a de mostrar de forma clara”, levando a esses leitores tudo aquilo construído pelo autor do texto original (BOCCACCIO, 2005, p. 29).

Seguindo essa linha, Frota & Martins (2009) ressaltam que a crítica incisiva sobre a tradução literária é, muitas vezes, resultado do pouco conhecimento acerca do trabalho do tradutor. Na realidade, para os autores, um olhar crítico analisa o resultado final dessa tarefa e poucos se submetem ao árduo trabalho de analisar todas as longas etapas que compõem uma jornada de tradução. A esse respeito, afirmam:

Há um problema: a invisibilidade social dos tradutores decorrente de uma desinformação generalizada acerca do que a tradução implica, desinformação não só por partes dos leitores, como também da crítica, da maioria dos editores e clientes, e até mesmo de muitos tradutores. Os estudos da tradução, desenvolvidos nas últimas décadas, praticamente sem exceção, afirmam a premência em se tirar a tradução da marginalidade, buscam o prestígio da profissão de tradutor, e para isso afirmam a necessidade de se esclarecer o

público, de lhe mostrar que traduzir não consiste em copiar ou repetir algo já dado. (FROTA & MARTINS, 2009, p.167)

Para todo estudioso do processo tradutório é necessário, antes, analisar algumas condições e critérios que impulsionaram essa realização. Torna-se adequado, portanto, entender o porquê de se traduzir determinado texto, a qual público este se destina, seus objetivos específicos, os procedimentos práticos da tradução e as estratégias usadas pelo tradutor. Segundo Pereira (2008):

O segundo movimento a ser efetuado pelo leitor/tradutor, após haver efetuado sucessivas varreduras do TLO, visando extrair deste o maior número de informações possível, capazes de subsidiar a criação do TLT, é o de transformar-se em escrevente de um novo texto em LT. Tal movimento dá-se, todavia, por acréscimo e não por substituição de funções, pois o novo papel no qual ele se encontrará investido não lhe permitirá jamais, enquanto perdurar o processo tradutório, o abandono da função precípua de leitor. (PEREIRA, 2008, p.44)

Para Correa (1996), “o contrato tradutório presume a existência de um contrato de fidelidade por intermédio do qual o tradutor, investido no papel de sujeito interpretante e analisador do TLO (texto de língua origem), é levado a proceder à melhor leitura possível num dado momento sócio-histórico-cultural, para, assim, ser capaz de repassá-la ao TLT (texto de língua traduzida)”. (CORREA, 1996, p.288). Hermans (1999), por sua vez, recorda que a liberdade desfrutada pelo tradutor profissional é bem menor se comparada à do tradutor não profissional e essa maior flexibilidade deste para a entrega do trabalho lhe permite trabalhar mais, por exemplo, nas decisões que tomará em seu trabalho. Já Cardoso (2009) dedica especial atenção à importante relação estabelecida entre o tradutor e seu leitor, lembrando que traduzir é a busca de uma possibilidade diante de um contexto a princípio gerador de impossibilidades:

Falar de um texto traduzido, enquanto tradução, significa falar de um texto que é produzido (na perspectiva do tradutor) e se oferece à recepção (na perspectiva do leitor) como possibilidade de construção de uma relação intensa e radical com um outro texto em particular. [...] Articular uma reflexão sobre a tradução a partir da noção de relação significa entender a tradução como *poiesis*: como um trabalho, como um fazer que se vale de possibilidades diante das impossibilidades impostas pela condição da relação. (CARDOSO, 2009, p.184)

Na realidade, mesmo para aqueles que defendem a necessidade do processo tradutório como prática salutar, a tradução e o tradutor não serão vistos como superiores, respectivamente, ao texto original e ao autor, ao mesmo tempo em que não

devem ser subestimados. Não há dúvidas de que um leitor capaz de ler determinado texto em língua original tem a possibilidade de explorar melhor todas as particularidades linguísticas, estilísticas e culturais utilizadas pelo autor. No entanto, da mesma forma que quando fazemos uma leitura numa segunda língua, que não a materna, traduzimos para nossa primeira aquilo que fluentemente lemos, de modo semelhante, um bom tradutor demonstra excelente domínio da língua de origem, sendo capaz de transportar a riqueza do original à língua-alvo. Estima-se que, hoje, sejam seis mil o número de línguas faladas no mundo todo e, além disso, sem considerar as línguas não faladas, porém registradas em textos, sabemos que historicamente, principalmente por questões econômicas, as línguas mais faladas como segunda língua sempre têm como diretrizes questões voltadas para o mercado de trabalho. Vale ressaltar ainda que um tradutor, como intermediário no diálogo entre duas línguas, pode explorar alguns recursos que justifiquem suas escolhas na tradução e também confirmem seu domínio da língua de origem, como o uso de notas, com comentários ou ao menos um prefácio ou um apêndice em que comente todo o processo realizado e saliente, inclusive, as dificuldades que teve e os possíveis prejuízos que ele julga existentes ao longo desse processo.

Não há como desconsiderar que o conhecimento de culturas distintas diminui os horizontes das diferenças culturais entre povos e, dessa forma, um bom tradutor possibilita o encurtamento desse distanciamento natural entre pessoas. Ademais, graças aos tradutores todo um legado cultural nos foi deixado como herança pela nossa Antiguidade, quando os recursos de registros eram muito mais simples e vulneráveis à passagem do tempo. Devemos aos árabes, por exemplo, muito da tradução e conservação de manuscritos gregos, cujo rico conteúdo chegou até nós, sobrevivendo a milhares de anos. Da mesma forma, a pedra de Roseta tinha seus hieróglifos e demótico traduzidos para o grego, que, como língua global do mundo helênico, permitiu a Champollion decifrar a língua dos faraós e remontar, guardadas as devidas proporções, um universo daquela época que, caso contrário, seria algo indecifrável para nós, tal como ocorre com a língua dos etruscos. Em outras palavras, desconsiderar a capacidade do tradutor de interligar esses diferentes contextos é não reconhecer o que foi feito ao longo de nossa própria história. Um bom tradutor deve ser capaz de entender como o mesmo conteúdo pode ser expresso em sistemas linguísticos distintos, que podem ser mais ou menos próximos, como línguas de mesma família, como o português e o espanhol, ou sem parentesco, como o português e o mandarim. Com efeito, dominar as

particularidades linguísticas tanto do texto original quanto do texto fonte é condição *sine qua non* para a obtenção de uma tradução de qualidade.

Cabe ao tradutor também atualizar uma obra e suas traduções que têm como obstáculos as mudanças sociolinguísticas que acompanham o passar do tempo. Assim nos lembra Benjamin (2000) de que “o que ora soou atual, pode parecer banal ou vulgarizado, posteriormente; o que antes era comum pode parecer estranho depois” (BENJAMIN, 2000, p.18). A formação do público leitor varia de época em época, ou seja, tanto uma obra literária de qualidade quanto uma boa tradução vão se desgastando com o transcorrer do tempo. As escolhas lexicais e de estilo de um tradutor podem soar desatualizadas e pouco cativantes para um leitor posterior a ele e, dessa forma, a apreciação de uma obra literária ficará comprometida devido a essas ferramentas desatualizadas. Valores e crenças se alternam ao longo das épocas, refletindo, por exemplo, em diferentes construções linguísticas, socioletos e variantes que obrigarão o tradutor a manipular essas diferenças de registro e culturais.

Guisan (2009), então, pergunta, se diante de uma variante arcaica ou já considerada em desuso por diversos fatores sociais, “será a posição do tradutor a de carregar o texto através do tempo e do espaço, isto é, de traduzir modernizando, ou pelo contrário preservando um caráter arcaizante?” (GUISAN, 2009, p.197). Embora o autor lance essa indagação, é apropriado dizer que assim como métodos de ensino e pesquisas ganham novas formas diante das novas circunstâncias de aprendizagem, a tradução também deve se adequar ao público a que se destina e nunca permanecer anacrônica. Se algo “arcaico” de um texto merece destaque, este deve ser feito de forma paralela à tradução, por meio de notas e comentários, levando ao público construções que se adequem à realidade de seu domínio lexical, afinidades estilísticas etc. Diferentemente da obra original, cuja versão final permanece inalterada, uma tradução pode ser vista, revista, atualizada e lapidada, a fim de que o compromisso do tradutor de transpor toda a qualidade de seu texto-fonte ao alvo seja bem-sucedido. A esse respeito ressalta Benjamin (2000):

Na tradução o original ergue-se num ar linguístico superior e mais puro. Ela não pode viver lá permanentemente, de fato, e certamente não atinge sua totalidade. No entanto, de uma maneira singularmente impressionante, pelo menos ela aponta o caminho para essa região: o domínio predestinado, até agora inacessível, da reconciliação e preenchimento das línguas. A tradução, portanto, ironicamente, transplanta o original a um domínio linguístico mais definitivo uma vez que não ele não pode mais ser substituído por uma segunda representação. O original só pode surgir de forma inédita e em outros momentos. (BENJAMIN, 2000, p.20)

Dessa forma, novas traduções sempre serão bem-vindas e necessárias para que o acesso às grandes obras de nossa história permaneça sempre crescente e capaz de alcançar um público cada vez maior. Por conseguinte, é papel do tradutor ser o responsável pela atualização desse acervo e permitir sempre a existência de uma versão atualizada de uma obra literária. Venuti (2002), um dos mais importantes estudiosos sobre tradução e o papel do tradutor no século XXI, mostra sistematicamente como a presença de um bom tradutor é fundamental para a bem sucedida tradução e sobre isso afirma:

A questão, na verdade, é que um tradutor pode optar por redirecionar o movimento etnocêntrico da tradução a fim de *descentralizar* os termos domésticos que um projeto tradutório tem de, inevitavelmente, utilizar. Essa é uma *ética da diferença* que pode mudar a cultura doméstica (VENUTI, 2002, p.157).

A relutância em aceitar a possibilidade de uma tradução de uma obra literária está associada ao conceito hermético que atribuímos à categoria arte, cujo caráter sublime e exclusivo, a princípio, não pode ser alcançado a não ser em sua forma original. No entanto, além de testemunharmos incontáveis traduções de qualidade de obras literárias, a crítica acadêmico-científica nessa área, com frequência, soa como generalizante: uma tradução que, porventura, não tenha sido bem-sucedida em sua proposta acaba por representar todas as demais nessa tentativa. Quanto a essa diferença entre a aceitação de uma tradução literária e uma técnica, Guisan (2009) também alega que o grande problema do tradutor é impor sua própria visão de mundo diante de um texto de pluralidade, como no caso do literário. O autor ressalta:

O ato da tradução, o “traduzir”, na sua essência, não difere; são os textos – ou discursos – que diferem. O texto técnico de qualidade requer uma só interpretação, diremos que a relação entre significante e significado é biunívoca, ou seja, de interpretação singular. Enquanto pelo contrário a qualidade do texto literário é justamente sua pluralidade. [...] O tradutor deve simplesmente ficar atento em se manter fiel à pluralidade ou à bi-univocidade textual. Em outras palavras, o texto técnico requer apenas precisão lexical e correção sintática, enquanto a tradução literária vai ter que dar conta da pluralidade textual, das cointerferências tentando preservar a liberdade de cocriação poética da recepção, isto é, da leitura. (GUISAN, 2009, p. 193)

A tradução é benéfica e necessária; por conseguinte, tradutores devem, cada vez mais, aperfeiçoar seus métodos e seu conhecimento linguístico, a fim de que os

procedimentos do trabalho tradutório sejam sempre apurados. Ao mesmo tempo, valorizar a tradução dever ser o primeiro passo do próprio tradutor, tal qual salienta Arrojo (1993), quando afirma:

[...] enquanto os tradutores persistirem em não refletir sobre o trabalho delicado e complexo que realizam e enquanto não se decidirem a cuidar das condições e dos rumos de seu ofício, terão que aceitar o destino de marginalização que essas instituições lhes reservam. Somente a partir da conscientização desses profissionais acerca do poder autoral que exercem e da responsabilidade que esse poder implica, as relações perigosas que têm organizado tradutores e traduções poderão se tornar mais honestas. (ARROJO, 1993, p. 31-32).

Não há dúvidas de que a equivalência e a fidelidade no ofício de tradução são questões bastante discutidas em trabalhos voltados para essa temática. Aubert (1994) visualiza o tradutor, *a priori*, como um dos destinatários da mensagem original, porém, no ato tradutório, seu papel é o de constituir "uma primeira exploração dos problemas de ordem linguística (estilo, terminologia etc.) e factual que a tarefa de traduzir o texto em questão lhe irá impor". Equivalência, para Rodrigues (2000), "[...] revela o desejo dos autores de sistematizar e controlar um processo que concebem como o de tentar igualar a tradução e o texto de partida" (RODRIGUES, 2000, p.17), e, nesse sentido, é possível pensar num texto equivalente a outro, quando seus sentidos forem iguais ou extremamente próximos. Quanto à fidelidade, Arrojo (1986) aponta para o fato de que, sendo o texto literário ou não, somente com uma abordagem por meio de uma leitura ou interpretação poderá ser feita a tradução e, assim, o tradutor só será fiel àquilo que tem como original, já que essa interpretação depende da sua formação cultural e social. Lembra-nos Rodrigues (2000), acerca da literalidade da tradução, que é preciso que a consistência contextual prevaleça sobre a correspondência palavra por palavra. Torna-se, então, adequado salientar, conforme assinala Silveira (2004), que o tradutor não é um coautor da obra original e sua fidelidade está ligada ao estilo do autor, pois "quando um tradutor "colabora" em algum texto e toma algum tipo de liberdade com relação à forma como ele foi escrito ele usa de "desonestidade intelectual". Sua possibilidade reside na mudança da estrutura superficial do texto original, buscando maior clareza e coerência e, acima de tudo, o tradutor deve ter, principalmente, um conhecimento especializado quanto ao tema da obra que ele se propõe a traduzir. Com efeito, traduzir é, de fato, uma acrobacia, no sentido de que um tradutor leva a um determinado público

uma visão de mundo até então desconhecida para sua cultura e, dessa forma, não entende a língua-veículo que reproduz uma visão de mundo. Tendo em mente que uma tradução deve ser sempre transparente, no sentido de não ofuscar ou cobrir o original, o reconhecimento do trabalho do tradutor é uma resposta imediata a todo trabalho bem feito, e assim concluiu Lages (2002):

Nessa tensão entre destruição e construção opera o tradutor. Sempre pósteros em sua intervenção, o tradutor vê o original como pertencente ao passado, como caracterizado por uma anterioridade inabólvil. Por outro lado, ele deve, por definição, transpor para um novo contexto histórico e linguístico; isto é, reescrever o texto numa outra língua para um novo público leitor, que tem necessidades, desejos e uma história diversos daquele a quem se dirigia o texto original (LAGES, 2002, p. 215)

Finalizadas nossas reflexões acerca da importância do papel do tradutor nesse processo e como sua atuação deve estar permeada de escolhas técnicas e de um profundo conhecimento linguístico-cultural, na próxima seção passaremos a tratar da tradução especificamente dos textos em prosa, analisando as particularidades desse gênero e como elas incidem ao longo da tentativa de tradução desses textos.

1.3 O processo tradutório dos textos em prosa

Os obstáculos da tradução estão, com frequência, associados à tradução de poesia, enquanto que os estudos científicos que têm como objeto de estudo a prosa literária ainda são mais reduzidos e exploram, na maioria das vezes, narrativas em línguas modernas. Textos em prosa abarcam novelas, dissertações, ficção, contos, comédias, hagiografias, dentre outros, e também revelam alguns percalços ao tradutor que, por sua vez, deve recriar essa construção literária criativa em sua língua alvo. Temos em mente que traduzir um texto literário não é como traduzir um texto técnico, visto que no primeiro, muito além da tradução “palavra por palavra” é necessário buscar transportar à língua-alvo o estilo e a linguagem da língua-fonte e isso envolve compreender as escolhas motivadas feitas no original, as figuras de linguagem, a estrutura textual, a organização sintática, as escolhas lexicais etc. Em outras palavras, todos os elementos textuais que elevam a condição de um texto e o canonizam devem ser considerados na versão traduzida e aí reside um enorme desafio: como a manutenção desses elementos garante a preciosidade do texto original em sua versão traduzida e

como e até que ponto a ausência de algum deles pode ser suprida ou comprometer o trabalho do tradutor?

A tradução literária recebe uma designação própria por representar um tipo diferente de tradução, consequência de sua relação com um diferente tipo de texto, já que a própria categorização teórica de gêneros textuais contemporânea a inclui como uma categoria própria, ao contrário do que ocorre no *Dicionário de estudos de tradução* (Shuttleworth & Cowie, 1997), em que há entradas para *tradução literal*, *tradução livre*, mas não para tradução literária. Entende-se que diante de um gênero textual denominado como texto literário, existe, por consequência, a tradução literária, que pode assumir diferentes modalidades, ser mais livre, fiel ou literal, por exemplo, de acordo com as escolhas de seu tradutor. Abaixo são mostradas duas traduções do mesmo trecho, o primeiro parágrafo do livro 1 do historiador grego Tucídides, a fim de verificar como tradutores contemporâneos resolvem algumas questões do texto de origem.

Mario da Gama Kury

O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disto, observava os demais helenos aderindo a um lado ou ao outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo. Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros- a bem dizer à maior parte da humanidade. Na verdade, quanto aos eventos anteriores e principalmente aos mais antigos, seria impossível obter informações claras devido ao lapso de tempo; todavia, da evidência que considero confiável recuando as minhas investigações o máximo possível, penso que eles não foram realmente grandes, seja quanto às guerras mesmas, seja quanto a outros aspectos.

Anna Lia Amaral

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção do que as já travadas, porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um e outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto. Esta comoção foi a maior para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se mesmo dizer, atingiu a maior parte da humanidade.

De fato, os acontecimentos anteriores e os mais antigos ainda dado o recuo do tempo, era-me impossível estabelecer-los com clareza, mas, pelos indícios, a partir dos quais num exame de longo alcance, cheguei a uma convicção, julgo que não foram importantes, nem quanto às guerras nem quanto ao mais.

A primeira diferença entre os dois textos é quanto ao número de palavras: a primeira versão possui 140 palavras, enquanto a segunda, 161. A segunda tradução, além disso, aproxima-se mais das estruturas do texto original, tais como escolha dos vocábulos, marcas de temporalidade e figuras de estilo do autor. Como, então, esses dois tradutores chegaram a essas versões? Com base em seus trabalhos de tradução de poesia, o poeta americano Bly (1983) elaborou um cuidadoso manual em que constam os oito estágios da tradução. Embora seja voltado para a poesia, podemos transpô-lo

para o trabalho com prosa e comentar alguns desses itens. Segundo o autor, resumindo-o, rascunhada a primeira versão literal (1), o tradutor estabelece o sentido geral do poema (2); reescreve a cópia numa forma linguística aceitável e ajusta o texto (3), para um determinado idioma (4), para uma disposição de poema (5), seu padrão sonoro (6), antes de checar o esboço com falantes nativos (7) e preparar a versão final (8). Com exceção do item 5, todos os demais passos podem ser entendidos como presentes na tradução da prosa. Primeiramente, ao traduzir um texto em prosa, é comum elaborar um rascunho em primeiro lugar, geralmente basta literal se comparada ao texto original. Em seguida, o segundo passo é adaptar toda a sintaxe e as escolhas lexicais para uma versão corrente na língua-alvo para, então, adaptar esse texto ao público-alvo a que se destina a tradução. Feito isso, prepare-se a versão final do texto. Esse manual apresenta em linhas gerais os passos do processo tradutório sem, contudo, aprofundar ou exemplificar cada uma dessas atividades e os obstáculos que porventura podem surgir.

Um pouco antes, Bower (1959) já indagava sobre o que realmente ocorre quando um escritor se dispõe a traduzir uma obra como *Agamenão*. De maneira geral ele transforma a poesia do passado na poesia do presente e, por essa razão, as traduções são, para ele, o melhor exemplo de uma criação para um determinado público. Estudos literários anteriores inspirados na linguística concentram-se na semantização da forma e da forma literária como uso fora dos padrões. Hoje, decorrente dos avanços tecnológicos e dos trabalhos de pesquisa inseridos no contexto digital, a tradução literária pode ser estudada por meio de uma abordagem baseada em corpus, como Baker (1995), Laviosa (1998) e Kenny (2001), através da coleta e levantamento de dados, padronização de tradução de termos ou expressões, em busca de equivalências em comum a autores e obras etc. Essa metodologia será utilizada para nossa análise comparada das traduções de Apolodoro e apresentada no capítulo 2 desta tese.

A relação forma/conteúdo na prosa não é a mesma que em poemas e soa menos enfática em comparação ao que presenciamos nesse segundo gênero. No entanto, tal como ocorre em poesia, a tradução de textos em prosa também traz consigo particularidades no processo tradutório que, por vezes, exigem um minucioso trabalho por parte do tradutor. Primeiramente, existe uma dificuldade latente no que diz respeito às diferenças culturais existentes entre duas línguas. A esse respeito, Haque (2012) salienta o seguinte:

Quando as línguas fonte e alvo pertencem a diferentes grupos culturais, o primeiro problema encontrado pelos tradutores de prosa é encontrar termos em sua língua nativa que expressem o mais alto grau de fidelidade possível ao sentido de certas palavras. Por exemplo, existem algumas palavras relacionadas a fábricas, culinária, especialidades, profissões; elas também representam específicas culturas e os tradutores devem ser cuidadosos ao traduzi-las. Eles também encontram dificuldade para traduzir trocadilhos ambíguos. De modo similar, os títulos de histórias e novelas oferecem muitos exemplos dessas ambiguidades, que por vezes são difíceis ou impossíveis de traduzir. (HAQUE, 2012, p.97)

Os trocadilhos com frequência dificultam a tradução e ainda não há um padrão de solução específico para eles. Alguns tradutores optam pela inclusão de notas, a fim de explicar como esse jogo de palavras ocorre, explicando rapidamente a construção semântico-morfológica da língua de origem. Outros, por sua vez, optam por traduzi-los, encontrando a melhor equivalência na língua fonte. No filme *O mentiroso* (Shadyac, 1997), há um desafio quanto à tradução de um trocadilho que gera humor e justifica seu título, transcrito na passagem abaixo:

Professora: Qual a profissão de seu pai?

Criança: Bom, ele é um mentiroso.

Professora: Um mentiroso?

Criança: Sim, aquela pessoa que vai ao tribunal defender as outras.

Professora: Ah, um advogado!

Em inglês, o garoto diz que seu pai é um *liar* (mentiroso) quando, na verdade, que dizer *lawyer* (advogado). A diferença fonética sutil entre os termos é o que gera o humor na cena original, mas, em português, a tradução literal acaba por sacrificar parte do tom cômico, porque não há associação fonética entre o par advogado x mentiroso nessa língua. De modo semelhante, na série televisiva *The Big Bang Theory* (Cendrowsky, 2007), o personagem Sheldon Cooper, quando questionado por seu amigo Leonard sobre o namoro, responde da seguinte maneira:

Leonard: Ela é sua namorada?

Sheldon: Ela é uma menina e é minha amiga, mas não é minha namorada.

Novamente, o humor dá cena se deve à palavra “namorada”, em inglês *girlfriend* que reúne *girl* (menina) e *friend* (amiga), ou seja, para o personagem Sheldon, a referida

pessoa é uma menina (*girl*) e sua amiga (*friend*), mas não sua namorada (*girlfriend*). No texto escrito, o problema com os trocadilhos se opera de forma similar e exige que os tradutores façam suas escolhas: às vezes por proximidades linguístico-fonológicas, é possível manter o trocadilho da língua-fonte na língua-alvo, contudo, na maioria das vezes as motivações do autor para a construção do trocadilho são neutralizadas e passam despercebidas na versão traduzida. Num contexto em que esse elemento é pouco relevante ao conjunto da obra, esse prejuízo é menor, porém no caso de um texto que é construído à base dessa ferramenta, o tradutor não pode ignorá-lo e, portanto, a dificuldade em seu ofício aumenta significativamente.

Elementos como trocadilhos, que geralmente atribuem um tom de humor ao texto, compõem o que chamamos de diferenças culturais, que contam com outros elementos como medidas, nomes de terras (fazenda, racho, chácara etc), nome de alimentos, gírias, dentre outros. Em Apolodoro, encontramos um trocadilho em uma das narrativas sobre Hércules. No trecho em que Hércules enfrenta os minias (2.4.11), o autor faz um trocadilho com a palavra “tributo” e “mãos”, ἐπὶ τοῦτον τὸν δασμὸν εἰς Θήβας [...] τὰς χεῖρας δῆσας [...], aproveitando-se do contexto do herói ao amarrar as mãos daqueles que cobravam tributos das cidades.

Quando lidamos com um texto em língua literária, esse distanciamento cultural também torna-se saliente. Em grego antigo, por exemplo, por vezes nos deparamos com termos específicos de um contexto que exigem que o tradutor se aprofunde no contexto cultural da civilização. No canto XXIII da *Ilíada*, há uma cena em que Aquiles entrega prêmios aos homens reunidos com ele, conforme mostrado no trecho abaixo, com nossa tradução em português.

<p>(...) αὐτὰρ Ἀχιλλεὺς αὐτοῦ λαὸν ἔρκε καὶ ἵζανεν εὐρὸν ἀγῶνα, — νηῶν δ' ἔκφερ' ἄεθλα λέβητάς τε τρίποδάς — ἵππους θ' ἡμίονους τε βοῶν τ' ἴφθιμα κάρηνα, — ἠδὲ γυναῖκας ἐϋζώνους πολιόν τε σίδηρον.</p>	<p>Aquiles, contudo, reteve os homens no mesmo lugar e se sentou na ampla assembleia; dos navios trazia os prêmios: caldeirões, trípodes, cavalos, burros, fortes cabeças de bois, mulheres de belas cintas e ferros cinzas.</p>
---	---

A palavra assinalada, “trípodes”, promove certa discussão. Trípoda, tripé ou tripeça, em português, não nos remete ao que de fato representava o objeto no contexto acima. Nesse caso, lidamos com um objeto particular de uma cultura e um povo e, por

isso, além de um comentário numa nota de rodapé, resta também a opção de um apêndice ilustrado, em que seja possível reproduzir a imagem do referido objeto, ou de uma nota explicativa por parte do tradutor, procedimento adotado pelo tradutor Manuel Odorico Mendes, que salienta que os tripodes da Grécia Antiga não eram assentos de três peças comuns a nós, mas pequenos caldeirões usados para aquecer água. Em Apolodoro, há uma situação semelhante na passagem em que o autor narra brevemente a história da personagem Náuplio (2.1.5), conforme trecho abaixo.

Apolodoro 2.1.5

Ἀμυμώνη δὲ ἐκ Ποσειδῶνος ἐγέννησε
Νάυπλιον. οὗτος μακρόβιος γενόμενος,
πλέων τὴν θάλασσαν, τοῖς ἐπίπτουσιν
ἐπὶ θανάτῳ ἐπυρσοφόρει.

Tradução

De Poseidão Amímone deu a luz a
Náuplio, que viveu por muito tempo, e
navegando pelo mar, orientava com luzes
para a morte os que encontrava.

É muito comum, por exemplo, na obra de Apolodoro encontrarmos um vocabulário técnico, específico do contexto náutico. Além disso, por vezes nos deparamos com palavras de baixa ocorrência ou mesmo únicas em todo o *corpus* digitalizado da língua grega antiga¹. Nesse trecho, temos uma forma muito rara, ἐπυρσοφόρει, uma forma aglutinada de πυρσός com φορέω. Por ser de ocorrência única, é difícil encontrar essa entrada num dicionário grego; o significado lexicalizado que mais se aproxima desse termo é o de “lançar chamuscas com máquina de guerra”². Ocorre que, na cena em questão o contexto é marítimo e, dessa forma, é necessário entenderm a imagem construída na narrativa. Se buscarmos na literatura bucaneira, o uso de faróis com o intuito de naufragar os adversários é comum aos piratas e essa parece ser a ideia construída pelo autor. Náuplio, personagem em questão, orientava com luzes ou faróis diretamente para a morte³ aqueles que encontrava e na passagem constrói-se uma imagem da personagem fazendo gestos que induzissem os navegantes a seguir a luz que ele projetava para matá-los. Assim, dois itens nos parecem fundamentais quando lidamos com um texto em prosa: a) saber detectar e resolver problemas da tradução de textos narrativos, descritivos, conceituais, argumentativos e instrucionais; e b) saber

¹ Quando mencionamos *corpus* digitalizado, referimo-nos ao acervo da Perseus Digital Library.

² Dicionário grego-português, Ateliê, 2009.

³ Esse mesmo trecho será comentado no capítulo 2 desta tese, a fim de avaliarmos como os tradutores de outras línguas trataram do sentido desse verbo, bem como da imagem construída na cena.

detectar e resolver problemas de tradução decorrentes da transferência cultural, do tom textual, do modo textual, do campo temático, da presença de dialetos geográficos, sociais, temporais, de idioleto etc.

Dando sequência ao contexto teórico de tradução de prosa, o manual sugerido por Belloc (1930) ainda soa bastante atual, uma vez que muitas das teorias surgidas posteriores a ele apoiaram-se em suas reflexões. A autora elencou seis critérios que elege como regras para a tradução desse gênero e torna-se, portanto, adequado trazê-los a nossa discussão e comentá-los um a um.

- a) O tradutor deve evitar traduzir seu trabalho “palavra por palavra” ou “frase por frase”, ao contrário, deve assumir a palavra pensando em seu contexto mais amplo de significação e ter em mente todo o sentido da obra ao construir a tradução.

A tradução “palavra por palavra”, já mencionada neste trabalho, de fato, não nos parece um mecanismo muito adequado, principalmente pelas limitações que sua realização impõe aos tradutores. É muito comum, por exemplo, estudantes iniciantes em uma língua preocuparem-se em traduzir todas as palavras de uma frase, como condição base para a construção fiel do sentido original. Em grego antigo, é frequente que a tradução “palavra por palavra” acarrete em redundâncias no português ou mesmo em construções não adequadas à sintaxe de nossa língua, como no exemplo abaixo:

Ex.1) [...] πρὶν ἐξελεῖν αὐτοὺς ἐκ Πελοποννήσου, **φεύγων μετ’ οὐκ ὀλίγων** ἦκεν εἰς Ῥόδον, κακεῖ κατώκει. (Apol. *Biblio.* 2.8.2) – Antes de deixarem o Peloponeso, **fugindo com alguns homens**, Tlepólemo, involuntariamente, matou Licímnio (pois enquanto batia em um criado com um bastão, Licímnio entrou no meio) e, fugindo com alguns, foram para Rodes, onde passaram a morar.

No exemplo 1, na sequência assinalada em negrito temos, literalmente, **fugindo com não poucos**, construção pouco usual em português. Nesse caso, opta-se por verter o sentido de “não com poucos” para “com alguns”, numa tentativa de mostrar que embora não fossem muitos os fugitivos, também não eram poucos. Mantivemos o sentido do texto original, desconsiderando a construção literal para adotar uma mais usual na língua traduzida; portanto, no processo tradutório grego antigo – português

temos em mente uma busca pela unidade global do texto, visando ao seu sentido como um todo que, por conseguinte, ultrapassa a metodologia “palavra por palavra” ou mesmo “frase por frase”. Com relação ao segundo critério, comenta-se o seguinte:

- b) O tradutor deve traduzir a expressão idiomática da língua-fonte por um equivalente na língua alvo, que, naturalmente, terá uma forma diferente. Por exemplo, a exclamação grega “Pelo cão!”, se traduzida literalmente para o português soará cômica, e, portanto, deve ser traduzida como “Por Deus!”.

Essa segunda orientação remete, primeiramente, à tradução de expressões idiomáticas que com frequência acentuam o grau de dificuldade de algumas traduções de textos em prosa. Na obra de Apolodoro, uma vez que não há diálogos, esse número de expressões fica bastante reduzido. Pensando no exemplo dado pela autora, algumas expressões em grego como οὐ μα Δία, “não, por Zeus!”, devem ser mantidas literalmente, devido ao momento religioso da época; uma atualização para uma religião monoteísta como a cristã destoaria a expressão de seu contexto de uso. Por outro lado, a construção βάλλεις κόρακας (literalmente, jogue aos corvos) em português, mesmo que associada à conotação de circunstância de morte construída na frase, parece menos enfática do que em sua versão original. Por essa razão, é comum vermos a tradução “vá para o inferno”, uma atualização bastante coerente. Caso mantida a versão literal, notas de rodapé costumam explicar o sentido da construção grega. Já no terceiro item do manual de tradução da prosa, encontramos o seguinte:

- c) A intenção em uma língua-fonte deve ser traduzida por uma intenção equivalente na língua-alvo; e conforme o peso de uma expressão na língua-fonte possa com frequência diferir do peso de sua contraparte, na língua-alvo (mais forte ou mais fraco), se traduzida literalmente, o tradutor pode achar necessário acrescentar palavras para reduzir essa diferença.

Esse terceiro critério se aproxima bastante do anterior em alguns aspectos e com ele se lida em diversos momentos no processo tradutório de expressões com intensificadores. Conforme visto, a expressão βάλλεις κόρακας (literalmente, jogue aos corvos) não transporta, para o português, a mesma ênfase do grego e, por essa razão, a

tradução pela equivalente "vá para o inferno" soa como mais próxima do original. Há em Apolodoro um outro caso: na passagem em que o autor narra o nascimento do herói Hércules, há uma breve descrição de um momento conhecido na vida dessa personagem, quando duas cobras são colocadas em sua cama, mostrada abaixo:

Ex.) [...] τοῦ δὲ παιδὸς ὄντος ὀκταμηνιαίου δύο δράκοντας ὑπερμεγέθεις Ἥρα ἐπὶ τὴν εὐνήν ἔπεμψε [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8) - [...] quando a criança estava com oito meses, Hera lançou sobre a cama dela duas serpentes gigantescas [...]

O adjetivo assinalado, ὑπερμεγέθεις, não aparece por acaso; ao longo de sua narrativa, Apolodoro só o usa para a descrição de criaturas com tamanhos descomunais, como Tífon, os Titãs e a Quimera. Em outras ocorrências, quando o autor deseja empregar o sentido de grande ou enorme, faz com o uso do adjetivo μακρός sozinho ou acompanhado de um advérbio de intensidade como πολός. Assim, ao utilizar a forma ὑπερμεγέθεις, o objetivo é enfatizar o porte das cobras e, por essa razão, opta-se por adjetivos como *gigantescos*, *descomunais* como uma maneira de representar, em português, toda a ênfase dada na língua grega. No próximo critério encontramos a seguinte prescrição:

- d) O tradutor deve evitar a armadilha de palavras semelhantes em línguas diferentes. (A esse respeito, pode-se citar o exemplo do signo “large”, generoso em francês, mas que em inglês ganha a conotação de amplo.

Trabalhos que tratam da questão dos “falsos cognatos” ou “falsos amigos” apresentam uma farta bibliografia e não são o foco desta pesquisa. Cabe salientar, contudo, que termos morfologicamente parecidos entre duas línguas, mas com sentidos bastante distintos, são mais comuns em línguas aparentadas ou com uma base lexical de origem em comum, o que, automaticamente, tende a diminuir quando lidamos com línguas de famílias diferentes. Sendo assim, *actually* do inglês, que não significa *atualmente* em português, e *cachorro* no espanhol, que não é o mesmo que *cachorro* do português se tornam exemplos menos recorrentes no processo de tradução por causa da pouca familiaridade entre os idiomas e, no caso da prosa grega antiga, o tradutor não deve enfrentar situações semelhantes.

- e) O tradutor não deve ser escravo do texto da língua-fonte uma vez que as línguas diferem quanto à forma; ele deve trazer tais mudanças que ele julga necessárias para a reprodução de seu efeito equivalente na língua-alvo.

Esse item salienta uma questão relevante no processo tradutório: sabemos que, por vezes, a sintaxe de duas línguas difere bastante e, por essa razão, cabe ao tradutor atentar para essas diferenças. Analisemos as frases abaixo:

- | | |
|----------------------------------|---------------------------------|
| a) Vou à China estudar mandarim. | c) Wo lai Zhongguo xie zhongwen |
| b) Vou estudar mandarim na China | d) Wo lai xie zhongwen Zhongguo |

Em português tanto a construção **a** quanto a **b** estão de acordo com o sistema linguístico da língua e são completamente adequadas ao padrão escrito. Já no mandarim, somente a construção **c** está prevista por seu sistema linguístico e, dessa forma, não encontraremos em textos dessa língua ou de falantes nativos construções como em **d**, que, no caso, é uma transposição direta da sintaxe do português. A frase **d** seria um equívoco por parte do tradutor, visto que, em mandarim, numa construção assim, a sintaxe da língua prescreve que a ordem dos elementos na frase deve ser *sujeito + verbo + adjunto adverbial + complemento*; ou seja, na concepção linguística da língua chinesa, o indivíduo primeiro chega ao país (no caso, China) para só então aprender a língua lá falada (o mandarim). Em português, por outro lado, essa condição sintática é bem mais flexível e não há a exigência dessa lógica na organização frasal. No caso do grego, encontramos caso semelhante, principalmente porque a estrutura do texto difere do português em vários aspectos, como, por exemplo, em repetições, no caso muito mais frequentes. É comum vermos no texto grego nomes próprios se repetirem, enquanto que em português, buscamos equivalente nos pronomes ou mesmo sinônimos. A esse respeito, falaremos mais adiante nesta tese. O último critério debatido pelo autor é:

- f) O tradutor não deve acrescentar elementos que não estejam na língua fonte.

Esse último item, hoje, é o de maior comum acordo entre tradutores e pesquisadores da área de tradução. Embora tenhamos visto que em certo momento histórico a interferência do tradutor na obra original, no sentido de modificá-la, foi

aceita por parte da comunidade dos tradutores, atualmente é vista como uma adaptação, uma modalidade diferente da tradução, com características particulares. De maneira geral, todo o trabalho de Belloc (1930) com relação à tradução dos textos em prosa gira em torno da ideia de que o tradutor possui uma responsabilidade moral sobre o texto original, mas que, para o autor, esse mesmo tradutor tem o direito justificado de alterar o texto-fonte para adequá-lo às normas estilísticas e idiomáticas da língua-alvo, sem gerar prejuízo ou acréscimos ao conteúdo original. O tradutor, portanto, deve lidar com o texto como um todo e a estrutura de um texto em prosa não é tão linear quanto aparenta ou como sugerem, por exemplo, as divisões em capítulos de novelas. A tarefa de quebrar o texto em prosa em diferentes seções é mais difícil do que na poesia, em que o tradutor pode, mais facilmente, analisar o poema em linhas, pés, versos etc. Assim, lidamos com uma unidade de texto mais longa e que exige uma atenção por parte do tradutor para manter a uniformidade da versão traduzida, principalmente na forma como organiza as estruturas sintáticas e faz suas escolhas lexicais. Há uma recorrência no vocabulário de um texto original e no estilo do autor e esse padrão também deve ser mantido na tradução.

Outro problema comum à tradução da prosa é a questão dos nomes próprios, visto que alguns critérios quanto à versão deles em outras línguas variam de acordo com cada tradutor. Em inglês, por exemplo, é comum registrarem as formas Mr., Miss e Mrs junto com o sobrenome, ao contrário do que ocorre em árabe, em que o primeiro nome é precedido dessas formas, o que é mais comum também em português, embora nessa língua as duas construções sejam possíveis. Além disso, encontramos traduções para alguns nomes, tal como James, em inglês, que tem como correspondente Tiago, em português, assim como Willian pode ser traduzido por Guilherme. Os nomes próprios em grego antigo geram problemas no processo tradutório, porque embora haja critérios para a tradução deles, ainda encontramos muitas variáveis ao longo das traduções publicadas. Poseidon, Posídon e Posidão são três variantes para a mesma entidade, o deus dos mares e oceanos, assim como Agamenão ou Agaménon referem-se à mesma personagem. A esse respeito falaremos posteriormente, ainda nesta tese.

Um aspecto que gera bastante dificuldade para o tradutor da prosa é a variação linguística ou dialetal recorrente em alguns textos. A fala de determinadas personagens pode ser marcada por dialetos típicos e conhecidos na língua fonte, porém trazê-los para a língua alvo requer habilidade e análise por parte do tradutor. Como traduzir, então, a fala fragmentada de uma criança ou um personagem com linguajar de uma cidade

interiorana? Como reproduzimos em outra língua, por exemplo, um personagem com língua presa? Tarefas como essas exigem do tradutor um enorme conhecimento quanto à transposição desses efeitos da língua fonte para a língua alvo, a fim de que as funções sociais bem como as variantes geográficas sejam equivalentes e que as motivações do autor ao fazer uso desses recursos sejam mantidas na versão final traduzida do texto. Macguire (1980) salienta também que o tradutor deve ter o cuidado para se apropriar de um estilo equivalente, uma vez que as línguas variam de estilo assim como suas funções em diferentes situações. O autor lembra que em inglês, embora possamos elencar cinco tipos estilísticos “o congelado”, “formal”, “informal”, “casual” e “íntimo”, na tradução não surge uma equivalente direta para esses empregos. Por exemplo, um garoto americano pode dirigir-se a seu pai num discurso de maneira informal, mas em árabe um jovem usará, no mesmo contexto, termos mais honoríficos. Em suma, considerações culturais conduzirão a mudanças estilísticas e divergências entre a língua fonte e a língua alvo. Conforme salientam Nida & Taber (1982)

Frequentemente, a forma do texto original deve ser modificada e contanto que a mudança siga regras para a língua-fonte respeitando-lhe o contexto gramatical e de uso, a mensagem é preservada, e a tradução, fiel. (NIDA & TABER, 1982, p. 200)

Tradutores devem enfrentar diversos percalços como construções gramaticais distintas, variações dialetais, neologismos, acrônimos, abreviações, trocadilhos e desvios de norma propositais. A ideia de que uma tradução literal não é possível é compartilhada entre muitos tradutores e teóricos e parte de alguns preceitos dentre os quais temos:

- a) Porque uma determinada palavra de uma língua com frequência possui significados que envolvem várias palavras em outra língua. Por exemplo, em inglês *wall* (parede) pode ser traduzida no alemão por *Wand* (parede) ou *Mauer* (muro).
- b) Porque particularidades gramaticais (modos verbais, singular/dual/plural, marcadores de caso etc) não estão disponíveis em todas as línguas;
- c) Porque expressões idiomáticas de uma língua e cultura podem ser completamente desconcertantes a falantes de uma outra língua e cultura.

De fato a literalidade se aproxima de um recurso mais didático, quando do ensino de pequenas frases ou sentenças isoladas de uma língua, a fim de entendermos, do ponto de vista propedêutico, o funcionamento particular de uma dada língua. Sendo assim, esse mecanismo acaba ficando limitado diante de uma narrativa mais extensa, já que, quanto maior um texto, maiores são as possibilidades de ligar com alguns obstáculos. Sendo assim, Haque (2012) propõe as seguintes soluções para a tradução da prosa literária:

- a) Um grande entendimento da língua, escrita e falada, da qual se traduz (língua fonte);
- b) Um excelente controle da língua para a qual se traduz (língua alvo);
- c) Consciência de que o tema principal do livro está sendo traduzido;
- d) Um profundo conhecimento dos correlatos idiomáticos e etimológicos entre as duas línguas;
- e) Um delicado “bom senso para decidir” quando metafrasear ou traduzir literalmente e quando parafrasear, a fim de garantir equivalentes exatos e não falsos entre a língua fonte e a língua alvo.

Esses cinco itens são ferramentas ideias que devem estar prontas para serem aplicadas com eficiência no processo tradutório. Tradutores devem manter uma “válvula de tradução” em mente, conforme afirma Catford (1965, p.80), que a descreve como “partidas de uma correspondência no processo de ir da língua fonte para a língua alvo”. Para o autor, responsável por trabalhos que são referências nos estudos de tradução, há dois tipos predominantes de “válvula de tradução”, por exemplo, “válvula de nível”, em que um item da língua fonte de um nível linguístico, como o gramatical, possui um equivalente na língua alvo em um nível diferente, como o léxico, e a “válvula de categoria”, que foi classificada em quatro tipos:

- a) Válvulas estruturais envolvendo uma alteração gramatical entre a estrutura da língua-fonte e a da língua alvo;
- b) Válvula de classe, quando um item da língua fonte é traduzido por um item na língua fonte que pertence a um grupo gramatical diferente, por exemplo, um verbo ser traduzido por um substantivo;

- c) Válvula de unidade, envolvendo alterações na posição;
- d) Válvulas intrassistêmicas, que ocorrem quando a língua fonte e a língua alvo possuem sistemas que correspondem aproximada e formalmente a sua constituição, mas quando a tradução envolve a seleção de um termo não correspondente no sistema da língua alvo.

Essas válvulas nada mais são do que a habilidade do tradutor em compreender as diferenças entre sistemas linguísticos dos idiomas na tradução. Às vezes, em grego um adjetivo pode tornar-se um advérbio em português; um dativo pode vir a ser um nominativo ao final do processo tradutório, assim como a ordem da frase em grego na maioria dos casos não será a ordem encontrada em língua portuguesa. Harris & Sherwood (1978) optam por escolher três questões importantes as quais um tradutor deve considerar em seu ofício.

- a) Pré-tradução, fase em que o tradutor usa palavras únicas;
- b) Autotradução, momento em que o tradutor traduz para os outros aquilo que ele próprio disse ou escreveu;
- c) Transdução, etapa em que o tradutor trabalha como um mediador entre duas outras pessoas.

Associadas às válvulas, esses três últimos itens são um refinamento do ofício e auxiliam o tradutor a realizar a versão final de um texto. Tradutores devem ficar atentos às dificuldades inerentes à prosa, aos aspectos artísticos de um texto, como suas marcas lexicais, gramaticais ou fonológicas, às marcas de estilo do autor e a todos os elementos poético-literários da narrativa. Embora seja muito difícil transferir toda a mensagem do texto original ao texto alvo, tradutores devem tentar encontrar a equivalência necessária entre as línguas e convidar seu leitor a conhecer e compreender todo o pensamento, as mensagens e o conteúdo presente no texto fonte. Todos os critérios discutidos até aqui compõem um panorama ideal do ponto de vista teórico da tradução da prosa como gênero textual, porém, na prática, muitos dos desafios que encontramos parecem, por vezes, difíceis de serem solucionados, mesmo quando temos em mãos tantas ferramentas para nos auxiliar. Com efeito, traduzir um texto em prosa oferece um leque de adversidades a serem vencidas por parte do tradutor, porém, por meio de um refinado e atento trabalho, é possível nascer uma versão do mesmo texto em outra língua,

mantendo toda a qualidade que fez da narrativa da língua fonte uma obra digna de ser lida em vários idiomas. A seguir, na segunda seção da primeira parte deste capítulo, trataremos especificamente da tradução da prosa grega antiga para o português, apontando diversos aspectos desses processos e as etapas envolvidas na tradução de uma língua para outra. Além disso, traremos um panorama teórico da voz média, categoria verbal que será analisada do ponto de vista da tradução no capítulo 3 da tese.

2 – DO GREGO ANTIGO PARA O PORTUGUÊS – PROCEDIMENTOS PRÁTICOS PARA A TRADUÇÃO DA PROSA HELÊNICA

Quando pensamos em prosa grega, embora tratemos de um único gênero, há uma grande diferença entre textos: a prosa filosófica de Platão difere em muito da prosa historiográfica de Tucídides e a diferença entre os autores exige do tradutor habilidades variadas para dar conta de todo o processo. Da mesma forma, se compararmos uma obra de Xenofonte com a de Apolodoro, veremos que o estilo literário os distingue bastante do ponto de vista lexical, sintático e estilístico. Por essa razão, nesta segunda parte de nossa abordagem, trataremos de alguns elementos presentes na prosa grega encontrados em *Biblioteca*, como um dos modelos possíveis de realização dentro desse gênero na produção grega.

Preocupado com a tradução dos chamados “clássicos”, referindo-se aos autores greco-latinos, o poeta Giacomo Leopardi deixou claro que suas reais preocupações quanto ao processo tradutório desses textos deviam-se à estética do texto traduzido, à artificialidade da tradução e à maneira de mediar todo o estilo da obra original para a obra traduzida. Já Berman (2007) defende a ideia de que “toda a tradução é sujeita a envelhecer e que o destino de todas as traduções dos clássicos da literatura universal é de serem retraduzidas um dia” (BERMAN, 2007, p. 4). Tendo em mente que a tradução dos clássicos é de extrema importância para a identidade cultural da civilização ocidental e um modelo de pensamento digno de ser conhecido por todos os povos, justificamos nossa tradução de Apolodoro a partir desse pensamento e, a seguir, comentaremos um pouco sobre um tipo de tradução comum entre os classicistas, principalmente do ponto de vista do ensino-aprendizagem do idioma, justamente a tradução pedagógica.

2.1 A tradução literal/didático-pedagógica

Tal qual discutimos em seções anteriores, as diferentes escolas de tradutores geraram divergências com relação aos critérios utilizados no processo tradutório e, por conseguinte, as traduções do grego antigo também são alvo de análises qualitativas quanto ao conteúdo final apresentado pelos tradutores. Em se tratando de uma língua literária, não usada para a comunicação, e bastante antiga, as diferenças sintáticas sempre oferecerão obstáculos a todo estudioso que traduz do grego antigo para sua língua moderna nativa. Dessa forma, no que diz respeito à tradução desses textos para o português, cabe ressaltar as diferenças da tradução literária de uma literal ou didática.

Primeiramente, é muito importante termos em mente o público para o qual se traduz e é por essa razão, conforme já fora debatido neste trabalho, que uma tradução, por melhor que seja, sempre poderá ser substituída por outra à medida que o tempo avança e com ele surge um público com uma dinâmica de leitura diferente daquele ao qual a tradução anterior era dirigida. Assim, no contexto de ensino-aprendizagem do grego antigo, uma tradução literal é, sem dúvida, bastante indicada, principalmente por permitir que um aprendiz da língua entenda os mecanismos particulares do funcionamento do grego antigo, compreendendo como esse idioma se organiza, a fim de produzir um sentido nas orações e textos que encontra. Conforme menciona Barbosa (2004) a tradução literal, ou palavra por palavra, é equivalente à chamada tradução direta e seu grau de possibilidade de execução é diretamente proporcional à semelhança entre as duas línguas em questão. Paes (2008) lembra que traduzir palavra por palavra, visando à literalidade, configura-se mais como uma fuga, que acaba frustrada diante das idiossincrasias da sintaxe e da semântica de cada idioma:

“O pressuposto do unívoco, ou seja, de uma frase ter uma e apenas uma tradução possível, está implícito na pedagogia de línguas estrangeiras cujos manuais costumam trazer, em apêndice, a chave ou resposta *correta* de cada um dos exercícios de versão/tradução propostos nas sucessivas lições. [...] Sobre a tradução técnica, o pendor para o literal se faz presente na frequência de decalques do vocabulário especializado, a exemplo de *hardware* e *software*, palavras hoje tão em curso entre nós por força da avassaladora voga dos computadores. Confirmar se ainda tal pendor na dificuldade de vernaculizar os decalques técnicos: raramente se vê, por exemplo, “retroalimentação”, substituindo *feedback*”. (PAES, 2008, p.32)

Quando falamos em literalidade de tradução do grego antigo vale lembrar que por se tratar de uma língua de casos, a ordem das palavras na oração, na maioria das vezes, está muito distante daquela com que estamos acostumados no português, conforme será demonstrado em exemplos contextualizado. Torna-se adequado, com

efeito, avaliar os procedimentos práticos de uma tradução literal numa escala crescente de dificuldades, a fim de verificar quais os obstáculos impostos por essa modalidade no processo tradutório. Sendo assim, abaixo se encontra um primeiro exemplo de uma frase analisada com detalhes e traduzida de duas formas: uma versão literal, resultado da primeira tradução do texto de Apolodoro, e uma segunda, literária, resultado final do processo.

- ἀγανακτοῦσα δὲ Γῆ ἐπὶ τῇ ἀπωλείᾳ τῶν εἰς Τάρταρον ῥιφέντων παίδων
πεῖθει τοὺς Τιτᾶνας ἐπιθέσθαι τῷ πατρί. (Apol. *Biblio.* 1.1.4)

No trecho em questão, a sintaxe do grego não oferece maiores problemas para a tradução para o português. Por se tratar de um período composto, se dividirmos sua estrutura em duas partes, teremos:

Particípio	Sujeito	Dativo	Adjunto adv.	Particípio	Comp. Nom
ἀγανακτοῦσα	Γῆ	ἐπὶ τῇ ἀπωλείᾳ	εἰς Τάρταρον	ῥιφέντων	τῶν παίδων
Irritada	Gaia	com a destruição	ao Tártaro	lançados	de seus filhos

Verbo	Objeto	Infinitivo	Objeto
πεῖθει	τοὺς Τιτᾶνας	ἐπιθέσθαι	τῷ πατρί
convence	os Titãs	atacar	o pai

Tradução literal: Tendo se irritado com a destruição de seus filhos que foram lançados ao Tártaro, Gaia convence os Titãs a atacar o pai.

Tradução literária: - Irritada com a destruição de seus filhos, lançados no Tártaro, Gaia convenceu os Titãs a atacar o pai deles.

Em ambas as orações, a tradução palavra por palavra funciona relativamente bem, visto que os dois períodos não oferecem grandes dificuldades ao tradutor. Há algumas sutis mudanças, como no tempo verbal do verbo *convencer* (πεῖθει), no presente do indicativo na versão literal e traduzida para o pretérito perfeito do português na versão literária, por se entender seu valor de passado na oração; na inclusão de um possessivo “deles”, em português, para desfazer qualquer possibilidade de ambiguidade com a ausência ou presença de uma forma como “seus”, e numa redução nas locuções verbais resultados dos participios presentes no original (“tendo se irritado” e “que foram lançados”) para “irritada” e “lançados”. A versão literal nos permite compreender cada um dos elementos da oração e como o grego constrói o sentido dessa frase; já a versão

literária é a forma final de um texto, que mantém o sentido do original ao mesmo tempo que se encaixa mais na gramática da língua alvo. Já o próximo exemplo nos mostra um caso um pouco diferente.

Ex.2) τοῖς δὲ θεοῖς λόγιον ἦν ὑπὸ θεῶν μὲν μηδένα τῶν Γιγάντων ἀπολέσθαι δύνασθαι, συμμαχοῦντος δὲ θνητοῦ τινος τελευτήσειν. (Apol. *Biblio.* 1.6.1)

Dativo	Sujeito	Verbo impessoal	Ag. passiva	Pron. Ind.	Comp. Nom	Infinitivo	Infinitivo
τοῖς δὲ θεοῖς	λόγιον	ἦν	ὑπὸ θεῶν	μηδένα	τῶν Γιγάντων	ἀπολέσθαι	δύνασθαι
Aos deuses	um oráculo	havia	Pelos deuses	nenhum	dos gigantes	perecer	ser capaz

Particípio	Genitivo	Pron. Ind.	Infinitivo
συμμαχοῦντος	θνητοῦ	τινος	τελευτήσειν
Tendo se aliado	um mortal	algum	morrer

Tradução literal: Havia aos deuses um oráculo sobre pelos deuses nenhum dos gigantes ser capaz de perecer, mas morreriam tendo se aliado a algum mortal.

Tradução literária: Os deuses tinham o oráculo de nenhum dos gigantes seria capaz de perecer pelas mãos dos deuses, mas fndariam com algum mortal aliando-se aos deuses.

Há alguns pontos a se destacar nessa oração. Primeiramente, o dativo de posse, construção muito comum no grego antigo, deixa implícito na oração o verbo *haver*, mas em português essa construção não soa muito usual. Por essa razão, ao invés de traduzirmos como “aos deuses” seguindo a lógica do dativo, transformamos num nominativo, criando a noção de posse em “os deuses tinham”. Segundo, para o genitivo ὑπὸ θεῶν (pelos deuses) optou-se, em português, pelo emprego da expressão “pelas mãos de”, criando a equivalência com o sentido do original. Ademais, decorrente do estilo, é possível incorrer numa ambiguidade na tradução dependendo com os termos e suas disposições na frase. Em grego, por conta da gramática de casos, a ambiguidade não existe, visto que a concordância se dá pela morfologia. *Quem se alia a quem e quem morreria com essa aliança* é o trecho que exige uma organização cuidadosa em português, na versão literal essa ambiguidade não nos parece tão resolvida, enquanto que na literária, fica claro que se trata da aliança entre deuses e mortais, graças à repetição do termo “deuses” ao final da frase.

Tendo em vista esses exemplos, chama a atenção o fato de que a tradução literal funciona bem como primeiro recurso para a compreensão dos mecanismos linguísticos do grego antigo, como a organização dos sintagmas e a construção de sentido com base na gramática de casos. No entanto, quando lidamos com uma tradução literária, é evidente que algumas interferências serão feitas por parte do tradutor, a fim de tornar o texto mais fluido na língua alvo, fazendo as adaptações necessárias. Ciente dessa necessidade, há outros elementos particulares da sintaxe grega que também exigem manobras na tradução e sobre eles serão feitos alguns comentários nas próximas seções, iniciando pela questão do aspecto verbal.

2.2 Aspecto verbal

A categoria aspecto foi objeto de estudo de inúmeros trabalhos em várias línguas e hoje conta com diversas abordagens a seu respeito. Em grego antigo, no momento da tradução, mais importante do que o tempo verbal é seu aspecto, ou seja, o valor temporal que ele atribui a determinada oração. Neste trabalho, não será possível aprofundar o debate teórico do aspecto enquanto categoria linguística, porém aqui debate-se a noção, de acordo com Duhoux (1991), de marcação temporal construída por determinada categoria nominal ou verbal. Quando lidamos com a prosa de Apolodoro, por se tratar de uma narrativa mitológica, há um predomínio de construções no aoristo, porém há casos em que o autor faz uso do presente, embora fique claro que sua intenção é remeter a um momento anterior a sua narrativa. Em *Biblioteca*, temos 27251 ocorrências de verbos (*tokens*) e 8452 lemas (*types*)⁴. No *corpus* encontramos 65% de ocorrências no aoristo, seguidas por 14% no presente, 20% no imperfeito e 1% no mais-que-perfeito. Conforme ressaltamos, o que fica claro, primeiramente, é que o aoristo predomina, porque condiz com o caráter mitológico da narrativa de Apolodoro, seguido pelo imperfeito, cujo emprego também é bastante coerente diante do gênero literário em questão. Já o presente chama atenção por aparecer numa relativamente alta frequência para uma narrativa que, a princípio, faz pouco uso dessa construção. Abaixo há três ocorrências dos principais tempos verbais desse *corpus* e como são compreendidos no processo tradutório.

⁴ Conforme Berber-Sardinha (2004), *tokens* são o número de ocorrências, número total de palavras de um *corpus*, enquanto *types* são os vocábulos, excluindo as repetições. Consequentemente, a quantidade de *types* é sempre menor que a de *tokens*.

- Ἀμμύωνη δὲ ἐκ Ποσειδῶνος ἐγέννησε Ναύπλιον. (Apol. *Biblio.* 2.1.5) – De posseidon, Amímone deu à luz a Náuplio.

Este primeiro exemplo pode ser considerado como a construção prototípica em Apolodoro; o aoristo do indicativo é a forma mais recorrente e sempre marca uma ação pontual no passado, equivalente ao pretérito perfeito em português.

- [...] ὁ μὲν γὰρ τὴν γυναῖκα ἔλεγεν Ἥραν, ἡ δὲ τὸν ἄνδρα Δία [...] (Apol. *Biblio.* 1.4.7) – [...] já que ele disse que sua esposa era Hera, e ela disse que seu marido era Zeus [...]

Nesta segunda ocorrência, há um verbo no imperfeito do indicativo, assinalado em negrito, que, em português é equivalente ao pretérito perfeito por expressar uma ação acaba e ocorrida no passado em relação ao ponto de vista da enunciação. Menos frequentes que o aoristo, as construções no imperfeito também podem ser empregadas com um aspecto passado e durativo, tal qual o imperfeito em português, conforme apontado no próximo exemplo:

- ὕβριστῆς δὲ ὦν καὶ τῷ Διὶ ἐξισοῦσθαι θέλων διὰ τὴν ἀσέβειαν ἐκολάσθη: **ἔλεγε** γὰρ ἑαυτὸν εἶναι Δία [...] (Apol. *Biblio.* 1.9.7) - Arrogante e desejando igualar-se a Zeus, foi punido por sua impiedade, pois dizia ser ele próprio Zeus [...]

O verbo assinalado assume encaixa-se na ideia de que uma ação parte de A e se estende até um momento B, porém todo esse processo ocorre num momento passado, ou seja, anterior à enunciação. Em português, ao invés do pretérito perfeito *disse*, opta-se pela forma do imperfeito *dizia*, a fim de manter o sentido de durativo empregado no original. Resta, ainda, comentar mais uma ocorrência utilizada em alguns momentos da narrativa de Apolodoro, a partir do próximo trecho.

- Ἀμυμώνη δὲ τούτῳ **συνευνάζεται**, καὶ αὐτῇ Ποσειδῶν τὰς ἐν Λέρνῃ πηγὰς ἐμήνυσεν. (Apol. *Biblio.* 2.1.4) – Amimone deitou-se com ele e Poseidon lhe revelou as fontes em Lerna.

Este último exemplo mostra uma ocorrência no presente do indicativo, recorrente em alguns momentos da prosa de Apolodoro. Nota-se que construções assim ocorrem esporadicamente, às vezes isoladas em meio a empregos de aoristo, como no trecho acima. Nesse caso, trata-se de um presente histórico, ou seja, uma construção no presente com valor de passado. Embora também exista em português, suas ocorrências pontuais na narrativa sugerem que a melhor opção é manter o padrão e tradução para o pretérito perfeito, tanto dessas ocorrências quanto as do aoristo. De maneira geral, o tempo verbal da prosa de Apolodoro é o aoristo, com valor de passado pontual, às vezes substituído por um imperfeito e um presente empregados, contudo, sob uma mesma indicação temporal. Vale ressaltar que essas ocorrências verbais costumam vir acompanhadas de um exaustivo emprego do particípio, tema que será abordado na seção a seguir.

2.3 Particípio

O particípio é extremamente recorrente nos textos em prosa do grego antigo. Em sua obra *Biblioteca*, Apolodoro faz uso dessa forma nominal do verbo em praticamente todos os parágrafos do texto. Do ponto de vista da tradução, essa categoria exige uma atenção quanto ao encadeamento das ações por ela expressas e seu valor temporal. Gramaticalmente, o emprego do particípio pode ocorrer com ou sem artigo e, nessa segunda categoria, estão previstas três formas (em aposição; genitivo absoluto ou como oração completiva⁵). Com relação à marcação temporal, basicamente há duas possibilidades: presente e aoristo, que exercem papel distinto e fundamental na narrativa, responsáveis pela compreensão do encadeamento temporal das ações e dos processos expressos pelo verbo. Entretanto, essa repetição por vezes incessante no grego antigo esbarra com frequência na organização linguístico-textual do texto em português e, por isso, muitas vezes nos deparamos com um problema no momento de

⁵ O objetivo desta seção é mostrar alguns exemplos de como traduzir o particípio em Apolodoro e, por essa razão, não é aprofundada a questão gramatical do particípio. Para maiores informações, cf. RAGON, Gramática do grego antgo. Odiysseus, 2012, p.112

organizar a versão em português de um simples trecho. A fim de deixar claro como em Apolodoro se organizam as construções no participípio e as opções para traduzi-la, os exemplos a seguir serão comentados:

- **πλέοντες** δὲ νυκτὸς οἱ δὲ Ἀργοναῦται σφοδρῶ περιπίπτουσι χειμῶνι. (Apol. *Biblio.* 1.9.26)

Versão literal: À noite, os Argonautas navegando depararam-se com uma violenta tempestade.

Versão literária: À noite, enquanto navegavam, os Argonautas depararam-se com uma violenta tempestade.

Nessa oração, temos uma construção mais simples com emprego do participípio, que no caso está em aposição, isto é, a formas de participípio está apostas a um nome com o qual concorda em gênero, número e caso. O verbo *navegar* (**πλέοντες**) é um participípio plural, masculino e nominativo, concordando com o sujeito oracional Argonautas (**οἱ Ἀργοναῦται**). Nesse caso, constrói-se a noção de concomitância nos eventos descritos, ou seja, as duas ações (navegar e deparar-se com a tempestade) ocorrem ao mesmo tempo. Por isso, embora a versão literal chegue bem próxima à literária, quando se elabora o trecho em português, é preciso atentar para que, muito além da forma, no conteúdo final é necessário deixar claro que há uma concomitância de ações, que é justamente o motivo pelo qual o autor fez o emprego do participípio presente. Uma vez mostrado um exemplo com o participípio presente, no próximo será apresentada uma ocorrência do participípio aoristo.

- **Πλευρῶν** μὲν οὖν **γήμας** Ξανθίππην τὴν Δώρου παῖδα ἐγέννησεν Ἀγήνορα, θυγατέρας δὲ Στερόπην καὶ Στρατονίκην καὶ Λαοφόντην. (Apol. *Biblio.* 1.7.7) –

Tradução literal: Tendo Plêuron se casado com Xantipe, filha de Doro, deu à luz Agenor e às filhas Estérope, Estratonice e Laofonte.

Tradução literária: Então Plêuron se casou com Xantipe, filha de Doro, e deu à luz Agenor e às filhas Estérope, Estratonice e Laofonte.

Semelhante ao demonstrado no exemplo anterior, no trecho acima há mais um caso de participípio em aposição, porém aqui é necessário atentar, primeiro, para a questão do tempo expresso pelo verbo: o participípio **γήμας** (casar-se) se encontra no aoristo e o emprego dele no texto grego se justifica pela sequência das ações realizadas,

o que também deve ser mantido na tradução. Sendo assim, há duas ações nesse trecho, *casar-se* e *dar à luz* e, visto que o casamento ocorre antes, o verbo que expressa esse fato vem no particípio aoristo. Em português, o particípio aoristo, de imediato, pode ser traduzido pelas construções *após + verbo infinitivo* ou *tendo + verbo no particípio*, conforme apresentado na versão literal, representando a anterioridade de uma ação em relação à outra. Esse segundo exemplo não oferece grandes desafios, já que existe apenas um elemento que representa anterioridade na oração. Há, contudo, uma outra possibilidade de tradução desse emprego do particípio, principalmente em situações em que o encadeamento de ações é maior, conforme será mostrado no próximo exemplo.

- Ἰάσων δὲ τοῦτο ἀκούσας καὶ χρισάμενος τῷ φαρμάκῳ, παραγενόμενος εἰς τὸ τοῦ νεῶ ἄλσος ἐμάστευε τοὺς ταύρους, καὶ σὺν πολλῷ πυρὶ ὀρμήσαντας αὐτοὺς κατέζευξε. (Apol. *Biblio.* 1.9.23)

Tradução literal: Tendo ouvido isso e tendo untado o corpo com o fármaco, Jasão, tendo chegado à entrada do templo, procurou pelos touros e, tendo sido atacado com muito fogo, atrelou-os.

Tradução literária: Jasão ouviu tudo isso e untado o corpo com o fármaco, assim que chegou à entrada do templo, procurou pelos touros, que, mesmo atacando-o com muito fogo, atrelou.

Neste terceiro exemplo, quatro verbos empregados no particípio aoristo criam uma sequência de ações protagonizadas por “Jasão”. Não só a tradução literal soa pouco usual para uma versão literária em português, considerando que em um único parágrafo haja tantas ocorrências de particípio, pois em um encadeamento mais alongo de ações a tradução pode não fluir de acordo com o sistema linguístico da língua alvo. Diante dessa situação, é possível transformar os períodos em orações coordenadas, mantendo a marcação temporal de anterioridade existente no particípio aoristo do grego. Dessa forma, como opção, temos:

Período subordinado

Após ouvir isso, untar o corpo com o fármaco e ir para a entrada do templo [...]

Período coordenado

a) Jasão ouviu tudo isso, untou seu corpo com o fármaco e chegou à caverna do templo [...]

b) Jasão ouviu tudo isso e tendo untado seu corpo com o fármaco, chegou à caverna do templo [...]

Na primeira opção do período coordenado, todos os participios são transformados no pretérito perfeito, indicando a anterioridade da ação em relação à que se segue na oração. Na segunda versão, foi mantida uma forma nominal (untado) e os outros dois transformados em coordenadas. Cabe lembrar que a tradução do texto em prosa deve manter no horizonte de seus objetivos o público leitor que terá acesso a essa versão e, portanto, o desenrolar dessa leitura não pode ser hermética ou restrita a um grupo específico de leitores com algum conhecimento ou preparo prévio da língua grega. Com efeito, além do domínio gramatical, o tradutor deve ter a habilidade para transformar o período grego numa oração que mantenha a justificativa de emprego no original, no caso a concomitância e anterioridade/posterioridade dos processos expressos pelo verbo no participio, mantendo também uma organização sintática adequada na língua alvo. Na seção a seguir serão discutidas as questões envolvendo polissemia e o escopo lexical de Apolodoro, analisado ao longo da tradução de seu livro *Biblioteca*.

2.3.4 Polissemia, termos técnicos e o escopo lexical do autor

Borba (1991) define o conceito de polissemia da seguinte forma:

A polissemia diz respeito à possibilidade que tem o item léxico de variar de sentido, segundo os diferentes contextos em que pode ocorrer. [...] A linguagem humana é naturalmente polissêmica porque o signo, tendo caráter arbitrário, não tem valor fixo, realizando-se na fala por associações. [...] Se o significado de cada signo é potencial, então cada um deles pode ser polissêmico. (BORBA, 1991, p.234)

Entender as escolhas lexicais do autor auxilia no emprego dos termos equivalentes da língua alvo, além de garantir ao tradutor uma exploração mais segura com relação às sinonímias dessas equivalências. Como um dos objetivos desta tese é a elaboração de uma versão digital, em português, da obra *Biblioteca* (tema a ser tratado no capítulo 3), delimitar o campo semântico de um autor é de grande importância, já que em proporções maiores, como num banco de dados que reúne diversos autores de língua grega, essas informações específicas são de grande importância e ajuda à análise e estudo do texto. Ademais, quando se lida com uma obra em prosa, lida-se com um material extenso e, por conseguinte, deve-se ficar atento à uniformidade dos termos empregados no original, para mantê-los na versão traduzida. Conforme debatido, textos em prosa devem ser vistos como um todo e da mesma forma que a recorrência das

escolhas lexicais do original foi motivada, essa manutenção deve ser levada em conta na tradução. O substantivo grego παῖς, por exemplo, possui quatro acepções previstas para seu emprego, sendo elas:

1. Criança, menino ou menina;
2. Jovem, rapaz ou moça;
3. Filho ou filha;
4. Jovem escravo.

Na obra *Biblioteca*, há um total de 35317 palavras, dentre as quais 432 são ocorrências desse vocábulo e todas elas, sem exceção, são empregadas com o sentido de *filho* ou *filha*. Ao longo do texto o autor, para as demais acepções, opta por sinônimos, como παρθένος, para moça; ou δοῦλος, para escravo. Conforme ressaltado, num contexto mais amplo como o de um banco de dados digital, em que várias obras traduzidas de diferentes autores são compiladas, a marcação desse campo semântico do autor é fundamental, já que os textos gregos foram registrados em diferentes momentos, num longo espaço de tempo, o que acarreta num maior grau de variedade linguística. Há casos em que alguns vocábulos oferecem maiores desafios ao tradutor, principalmente quando o número de acepções possíveis é muito grande, como no caso do verbo ἐπιτίθημι, que corresponde a apenas 2 ocorrências no texto. Esse verbo contempla 13 acepções, sendo 5 ativas e 8 médias.

Ativa

1. pôr; colocar
2. atribuir; conceder
3. pôr sob os cuidados de;
4. pôr sobre; acrescentar
5. pôr algo diante ou sobre

Média

1. pôr sobre ou para si
2. pôr sob os cuidados de;
3. infligir; impor
4. deixar para depois; adiar
5. entregar-se com afínco a
6. esforçar para; tentar
7. aspirar a
8. atacar

Mesmo diante de somente 2 ocorrências de ἐπιτίθημι em *Biblioteca*, ambas têm a oitava e última acepção prevista, *atacar*, na concepção média, tal qual mostrado no exemplo a seguir:

- ἀγανακτοῦσα δὲ Γῆ ἐπὶ τῇ ἀπωλείᾳ τῶν εἰς Τάρταρον ριφέντων παίδων πείθει τοὺς Τιτᾶνας ἐπιθέσθαι τῷ πατρὶ. (Apol. *Biblio.* 1.1.4) - Irritada com a destruição de seus filhos, lançados no Tártaro, Gaia convenceu os Titãs a atacar o pai deles.

Embora não seja o sentido primário do verbo, e seja dos menos recorrentes em seu emprego, é justamente esse o único utilizado pelo autor, o que sugere uma acepção característica da época de Apolodoro, século II d.C., embora seja necessário comparar com outros autores de mesma época, a fim de verificar em que momento essa acepção passou a ser utilizada em detrimento das outras; ou uma marca do autor que opta por esse verbo como marca de sua narrativa. Delimitado, então, esse escopo semântico, torna-se possível ao tradutor manter essa equivalência na língua alvo tendo em mente que mesmo a variação contextual da narrativa não ocasiona a mudança de sentido desse vocabulário. Quanto ao léxico em Apolodoro, existem palavras de baixíssima ocorrência ou mesmo únicas em sua narrativa, ou seja, palavras, que com base no levantamento de dados nos *corpora* digitalizados e etiquetados do grego antigo, não há em outros autores. Em *Biblioteca*, podem ser citados:

- a) a forma ἐπυρσοφόρει, do verbo πυρσοφορέω, ocorre uma única vez em toda essa obra grega, conforme analisado anteriormente, neste capítulo, quanto ao seu contexto relacionado às atividades de piratas;
- b) o substantivo κήυκα (1.7.4), que aparece uma vez em todo o *corpus*. Com base em todo o levantamento feito no banco de dados da *Perseus Digital Library*, não há registros nem em outras obras desse acervo digital, tampouco dicionarizados. Dessa forma, diante do contexto em que fica claro que se trata de um pássaro, a única fonte que o menciona, embora também ilustrando a pouca informação sobre a origem dessa palavra, é o Glossário de Pássaros Gregos⁶.

⁶ THOMSPSON, D'A. *Glossary of Greek Birds*. Oxford, 1895.

No caso do grego antigo, é comum encontrar palavras de ocorrências únicas em um autor ou empregos constantes de um único sentido de um verbo polissêmico. Por essa razão são publicados trabalhos que discutem vocabulários específicos de uma determinada obra, tratando de como termos empregados em um autor como Heródoto, por exemplo, podem assumir uma conotação bastante diferente no caso de um diálogo filosófico de Platão ou de um poema épico como em Hesíodo. Com efeito, em ocorrências únicas, termos técnicos ou mesmo neologismos, o tradutor da prosa deve ficar atento ao contexto desse uso e buscá-lo em materiais de apoio, como enciclopédias ou glossários de termos técnicos, a fim de que a melhor equivalência seja encontrada na língua alvo. Apresentadas essas reflexões acerca de alguns aspectos da tradução da prosa grega de Apolodoro, na última parte deste capítulo trataremos da voz média do ponto de vista teórico, prelúdio da análise de sua tradução que apresentaremos ainda neste trabalho.

PARTE II

3. A VOZ MÉDIA DO GREGO ANTIGO: TEORIA E TRADUÇÃO

3.1 Fundamentos teóricos gerais

Resta como última parte deste capítulo construir um panorama teórico da principal categoria que será analisada de modo comparado nesta tese. A voz média grega foi o tema principal de nossa dissertação de mestrado⁷ e permitiu uma aprofundada e extensa reflexão. Por essa razão, esta tese se voltou para um aspecto que não havia sido abordado em nossa pesquisa prévia: a voz média do ponto de vista da tradução. Antes, contudo, é adequado retomar algumas das reflexões que foram feitas sobre esse tema, já direcionando para a definição que será usada neste trabalho e as conclusões a que chegamos acerca da medialidade do grego antigo.

Primeiramente, os estudos acerca da voz média variam em relação à abordagem utilizada pelos autores que os propõem. Existem trabalhos voltados para o sistema médio em línguas modernas, outros que abarcam estudos comparados entre sistemas médios e reflexivos e, de maneira geral, a quantidade de trabalhos em que há o emprego de novas teorias da linguística para estudo de línguas clássicas, por exemplo, ainda é pequena. Diante de uma categoria verbal de difícil classificação, com construções de

⁷Para maiores detalhes, cf. CAMARGO, V, R, C. *Tipologia e uso da voz média em Apolodoro: abordagem semântica baseada em corpus*. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/#585,679>

sentido passivo, reflexivo e verbos ora transitivos, ora intransitivos, a voz média instigou a curiosidade dos mais diversos estudiosos, que buscaram, por meio de variados escopos, definir essa diversidade, na tentativa de estabelecer seu sentido prototípico, capaz de contemplar as principais características dessa categoria verbal.

Um dos primeiros estudos que remetem à abordagem sobre a voz média é o de Kühner e Gerth (1898), que afirmam:

A forma medial designa um ato de fala, a qual parte do sujeito e retorna para ele próprio. Essa atividade de fala, que parte do sujeito e a ele retorna, pode estar ou simplesmente limitada ao sujeito, como em: βουλευομαι, *eu me aconselho*, λούομαι, *eu me lavo*, ou a um objeto de sua esfera, (...), como em ἐκοψάμεν τὴν κεφαλὴν, *eu bato na minha cabeça*, κατεστρεψάμην τὴν γῆν, *eu subjugo o território*⁸ (...). (KÜHNER & GERTH, 1898, p.100)

Essa definição chama bastante atenção principalmente pelo fato de diferenciar-se tanto das definições de outros autores surgidas posteriormente. No entanto, até certo ponto há uma proximidade para com as teorias contemporâneas acerca da voz média, tal qual a de *Startingpoint/Iniciator* (*ausgeht*, na citação), como também a de *Endpoint* (*zurückgeht*) na cadeia de ação, conceitos esses que serão abordados ainda nesta seção. Vale ressaltar que a definição de Kühner e Gerth (1898) trata da voz média em seu sentido restrito, ou seja, os autores excluem a categoria médio-passiva, presente na língua grega. Muitos estudos, principalmente os de sintaxe gerativa, utilizaram o termo *construção média* para designar um par alternativo em que o membro derivado designa uma situação genérica com um sujeito *paciente* e um *agente* implícito.

Nos estudos linguísticos a partir do século XXI, acerca das vozes verbais, algumas formulações mais familiares acerca do sentido da voz média são:

- a) “A voz média denota que o sujeito está, de alguma maneira especial, envolvido ou interessado na ação do verbo.” (GILDERSLEEVE, 1900, p.64);

⁸ Die Medialform bezeichnet eine Tätigkeitsäußerung, welche von dem Subjekte ausgeht + und auf dasselbe wieder zurückgeht. Diese von dem Subjekte ausgehende und auf dasselbe wieder zurückgehende Tätigkeitsäußerung kann entweder bloss auf das Subjekt beschränkt sein, als: βουλευομαι, ich berate mich, λούομαι, ich wasche mich, oder auf ein Objekt seiner Sphäre, (...), als ἐκοψάμεν τὴν κεφαλὴν e ich schulge mir das Haupt, κατεστρεψάμην τὴν γῆν, ich unterwarf mir das Land

- b) "Verbos (...) que têm posição na esfera do Sujeito, nos quais o Sujeito todo parece participante/implicado⁹" (BRUGMANN, 1903, p.104)
- c) "Na voz ativa, os verbos denotam um processo que se realiza a partir de um sujeito e sem ele; na média, que é a *diátesis* a definir por oposição, o verbo indica um processo em que o sujeito é o foco; o sujeito está no interior do processo." (BENVENISTE, 1966, p.172);
- d) "Em indo-europeu e em grego, as desinências médias indicam que o sujeito está interessado de uma maneira pessoal no processo." (MEILLET, 1937, p.244).
- e) "As implicações da média (quando em oposição com a ativa) são que a ação ou estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses." (LYONS, 1969, p.373).

Com relação a essas definições, nota-se que Gildersleeve (1900) e Meillet (1937) se voltam para a questão do interesse do sujeito oracional, enquanto Brugmann (1903) e Benveniste (1966) referem-se à noção de que o sujeito todo participa e que está interno ao processo. A definição de Lyons (1969) usa o verbo *afetar* num sentido amplo o bastante para ser aplicado a todos os sentidos da média e é a que mais se aproxima das teorias mais recentes sobre a voz média, já que abarca os dois sentidos, o passivo (afeta o sujeito) e o sentido indireto reflexivo (seus interesses). A de Meillet (1937), por outro lado, é a mais comumente utilizada, principalmente, em gramáticas e métodos de ensino do grego antigo, atribuindo à média a noção de interesse por parte do sujeito, sendo que esse traço, embora existente em alguns casos, não é único e nem sempre tão evidente. Esse é, inclusive, o raciocínio seguido por Humbert (1964), ao afirmar que na voz média "a ação realizada possui aos olhos do sujeito uma significação pessoal, o que significa que a ação se refere, quer ao sujeito ele mesmo, quer àquilo que constitui sua própria esfera" (HUMBERT, 1964, p.63).

O baluarte teórico para nossos trabalhos acerca da medial partiu da teoria funcional-cognitivista, cuja vertente do raciocínio permite enxergar um panorama distinto para essa categoria de voz verbal. De maneira geral, com base no modelo cognitivo de Langacker (1900), a voz média pode ser definida como um código marcado de partida da oração transitiva prototípica. Ao contrário desta, o sujeito, de algum modo ou de outro, sofre o efeito do evento. Esse efeito pode ser de natureza

⁹Tradução nossa.

física, mental e pode ser direto ou indireto (nesse caso envolve um objeto externo). A representação para essa situação é demonstrada na figura 4.

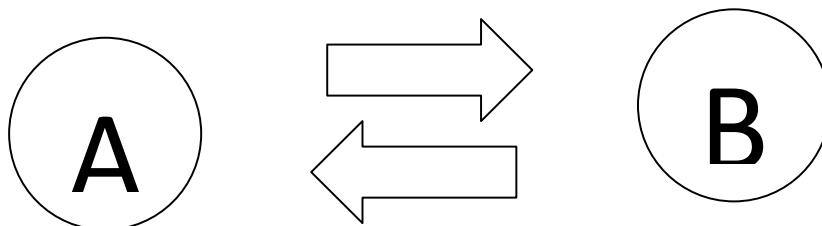


Fig. 4 - A voz média no modelo cognitivo de Langacker

As setas representam o processo expresso pelo verbo e, nesse caso, mostram o traço *afetação do sujeito*, principal característica dos verbos construídos na voz média. A ação que partiu da entidade A, de alguma forma, teve efeito nela mesma, isto é, A foi afetado pelo processo e é essa afetação que o distingue das outras vozes verbais: ativa e passiva. Sendo esse um modelo prototípico, com exceção da construção médio-passiva, todos os outros empregos podem ser esquematizados dessa forma.

Um dos mais completos trabalhos envolvendo esse tema é, sem dúvida, o de Kemmer (1993), que reúne um importante estudo acerca da voz média em diferentes línguas no mundo, mais especificamente, uma análise tipológica comparada de sistemas médios de trinta línguas. No capítulo dois de sua obra, a autora apresenta um inventário contemplando diferentes tipos de voz média frequentemente marcados morfológicamente pelas línguas, nomeando e enumerando treze categorias dentre as quais, por ordem de apresentação e das línguas de ocorrência, temos:

- 1) *Arrumação ou cuidado corporal*: encontrado em línguas como o jola; no latim, *lavor*, no húngaro etc.
- 2) *Movimento de não translação*: nórdico antigo; húngaro, alemão.
- 3) *Mudança na postura corporal*: jola, alemão e húngaro.
- 4) *Média indireta*: grego antigo, turco e latim.
- 5) *Eventos naturalmente recíprocos*: nórdico antigo, húngaro e latim.
- 6) *Movimento translacional*: grego antigo, bahasa indonésio, pangua.
- 7) *Média emotiva*: gugu yimiddhir, alemão, mojave.
- 8) *Atos de fala emotivos*: latim, alemão e grego clássico.
- 9) *Outros atos de fala*: mojave, latim e húngaro.
- 10) *Média cognitiva*: latim, nórdico antigo e mohave.

- 11) *Eventos espontâneos*: changana, turco e nórdico antigo.
- 12) *Média logofórica*: islandês
- 13) *Médias facilitadoras, impessoais e passivas*: canuri, alemão e francês.

Não é nosso objetivo esmiuçar cada uma das definições acima, visto que nos concentramos somente em uma única língua neste trabalho, a partir de um refinamento dos critérios estabelecidos por Allan (2003) que mesmo próximos em termos de significado, apresentam uma terminologia que por vezes se distancia daquela que elegemos para nossa análise. De qualquer forma, em relação a esses critérios elencados por Kemmer (1993), com exceção da média *logofórica* e da *facilitadora*, todas as demais podem ser exemplificadas no grego antigo. Em 1, por exemplo, o sentido é o mesmo que o da Média Reflexiva (a ser detalhada mais adiante); os usos 2, 3 e 6 equivalem ao uso pseudo-reflexivo de Rijksbaron (1994), que reúne, quase que exclusivamente, verbos de movimento. A média indireta (4) é a mesma que a média reflexiva indireta no grego. 5, 8, 9 e 10 são os verbos depoentes do grego, tais como: (5) μάχομαι, *lutar*; (8) ὀλοφύρομαι, *lamentar*; (9) μυθέομαι, *falar*; (10) λογίζομαι, *calcular*. Os empregos 7 e 11 correspondem ao uso pseudo-passivo de Rijksbaron (1994) (7) φοβέομαι, *temer*; (11) τήκομαι, *derreter*. Em meio a essas classificações, Kemmer (1993) afirma que, embora sejam até certo ponto diversos esses empregos, a propriedade semântica que os une é a relativa distinguibilidade de participantes:

A relativa elaboração de eventos pode ser pensada como o grau em que diferentes aspectos esquemáticos de uma situação são separados e vistos como distintos pelo falante. Este efetivamente pode escolher enfatizar ou não a resolução com que um evento particular é visto, a fim de dar ênfase sua estrutura interna (sintaxe) a uma extensão maior ou menor¹⁰. (p. 211)

Essa propriedade, segundo a autora, acaba por englobar a noção de *afetação do sujeito* e, dessa forma, a voz média pode ser disposta numa escala gradativa de dois extremos, entre eventos de dois participantes e eventos com um participante.

Evento de dois Reflexiva	Média	Evento de um
---------------------------------	--------------	---------------------

¹⁰Tradução nossa.

participantes

participante

+ <-----> -

Grau de distinguibilidade dos participantes

Fig.5 – Grau de distinguibilidade dos participantes

Primeiramente, para Kemmer (1993) as noções fundamentais na interpretação do valor semântico da medial são o *Initiator* e *Endpoint*¹¹. Para a autora, a oração transitiva é o modelo conceitual básico para entender essas noções, as quais são papéis semânticos gerais e englobam outros vários, e mais específicos. *Initiator* abarca os papéis que envolvem uma conceituação de “ponto de partida” de um evento, tal como *agente*, *experienciador* e *fonte mental*. *Endpoint*, por outro lado, engloba os papéis de “ponto de chegada” como *paciente*, *recipiente* e *beneficiário*. Uma vez que eles englobam papéis semânticos mais concretos, isto é, gramaticalmente mais evidentes, são chamados de macro-papéis pela autora. A partir dessa definição, Kemmer (1993), então, define que a voz média por ser classificada como uma categoria de voz que apresenta tanto *Initiator* quanto o *Endpoint*, em concordância com a teoria de Langacker (1979). Em relação ao esquema apresentado na figura 5, nos extremos da escala estão os eventos de um e dois participantes. Este último, para Kemmer (1993), possui participantes bem distinguíveis, sendo os elementos *Initiator* e *Endpoint* entidades totalmente separadas. Num evento reflexivo, a distinguibilidade é menor; o marcador reflexivo (“*ἐαυτὸν*”, pensando no grego antigo) aponta para uma correferencialidade dos participantes no evento em que ambos são normalmente entidades distintas. Na reflexiva, a separação de dois participantes é, portanto, até certo ponto, mantida. No tipo média os dois papéis, *Iniciador* e *Endpoint*, são reunidos num único participante. Assim, a distinguibilidade de participantes é mínima, embora maior em comparação a eventos de apenas um participante. No caso da média, um certo grau de complexidade interna existe em virtude do aspecto iniciador e afetado que é invocado, ou seja, da fato de o sujeito estar envolvido como agente e beneficiário do processo expresso pelo verbo.

Cabe, contudo, salientar que, especificamente no grego antigo, essa conclusão de Kemmer (1993) parece não ser totalmente adequada. Se pensarmos que o principal traço semântico dos verbos médios em grego contempla o elemento *afetação do sujeito*,

¹¹*Initiator* equivale, em português, à noção de iniciador ou ponto de partida, enquanto *Endpoint* é ponto final ou de chegada. Diante dessas opções de tradução, optamos, neste trabalho, por manter os termos em inglês, remetendo-nos aos originais empregados por Kemmer (1993).

pode-se atribuir essa noção à de *Endpoint*. Ocorre que existe uma diferença no sistema médio grego em comparação ao de outras línguas, justamente o fato de na língua helênica o sujeito oracional não ser equivalente sempre ao *Initiator*, visto que nela a voz média contempla também o sentido canônico da passiva, tema que será aprofundado no capítulo três desta tese. Se pensarmos nas línguas europeias modernas elencadas por Kemmer (1993), cujo sistema medial se originou de marcadores reflexivos, essa diferença se torna bastante pertinente. Nessas línguas, segundo a autora, a categoria prototípica está ligada a ações de arrumação ou possivelmente às do tipo de movimentação corporal, como mudança na postura corporal e movimento translacional e não translacional, ao contrário do grego antigo, conforme salienta Allan (2003), em que os verbos de arrumação são relegados a um emprego de importância inferior, devido à baixa frequência, enquanto que os processos mentais são o pilar central de emprego da voz média¹².

Novamente, tal como foi feito com o esquema de representação da media com o modelo cognitivo de Langacker (1994), os conceitos *Initiator e Endpoint* podem ser elencados como características prototípicas da voz média, porém com uma exceção, justamente a voz médio-passiva do grego antigo. No entanto, essas noções são de extrema importância, uma vez que reúnem uma quantidade bem menor de exceções à definição, ao contrário de muitas das abordagens da média, que, como regra geral, geravam uma enorme quantidade de exceções. Kemmer (1993) ainda nos apresenta importantes reflexões nos capítulos 3 e 4 de sua obra, apontando para os diferentes empregos médios e reflexivos existentes nas línguas do mundo, os quais, em sua maioria, podem ser exemplificados no grego antigo. A autora descreve, por exemplo, a expansão do pronome reflexivo *se*, ora usado como partícula apassivadora, semelhante ao português, como um processo de gramaticalização, cujo sentido passa de um uso reflexivo direto enfático, como visto em latim, a um sentido médio abstrato nas línguas românicas. Esse processo semântico generalizador está associado a outros acontecimentos de gramaticalização: cliticização (línguas românicas), erosão (perda de substância fonológica); afixação (em surselva) e a distribuição do *se* da terceira pessoa para todas as outras (também no surselva). E assim conclui seu livro no capítulo 6, com um mapa semântico que reúne os tipos de empregos da voz média, baseado nas

¹²Com relação à conclusão de Allan (2003), discutimos esse resultados com base em nossa análise in CAMARGO, V, R, C. *Tipologia e uso da voz média em Apolodoro: abordagem semântica baseada em corpus*. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/#585,679>

propriedades semânticas compartilhadas que foram reveladas pelos dados tipológicos e diacrônicos analisados na obra. Tendo esse mapa base numa larga coleção de dados tipológicos, afirma-se que possui validade universal. Em outras palavras, as relações semânticas estabelecidas no mapa são relevantes a todas as línguas.

Feito esse breve panorama teórico acerca das principais teorias sobre a medial que fundamentam os principais trabalhos nesse tema, na seção a seguir, será mostrado como a teoria de voz média pode ser aplicada no grego antigo, definindo os principais tipos de emprego dessa voz verbal.

3.2 A voz média no grego antigo

As gramáticas do grego antigo deixam clara a existência de três vozes verbais presentes na língua, todas marcadas morfologicamente, sendo elas: ativa, passiva e média. De modo comparado às línguas modernas, principalmente em relação às línguas neolatinas, as duas primeiras operam por meio de mecanismos semelhantes, enquanto a média, por sua vez, torna-se um traço restrito às línguas clássicas¹³. É comum um iniciante nos estudos do grego antigo ao primeiro contato com a terminologia "média" associá-la à voz reflexiva, presente nas línguas modernas, muitas vezes em decorrência das explicações que encontra em materiais de apoio a esse assunto. Entretanto, à medida que esse aluno se depara com os textos helênicos, nota que, por mais que exista, ocasionalmente, alguma semelhança entre elas, há empregos da medial que não condizem com a forma de operação de sua língua nativa. Muitas dúvidas, de fato, surgem acerca do emprego da voz média, não só pela sua relativa distância para com uma equivalência com uma língua moderna, mas também pela versatilidade de seu emprego, que, muitas vezes, dificulta a criação de uma intersecção que possa ligar as várias formas de se empregá-la.

No grego antigo, conforme salientado, a primeira distinção feita entre as vozes ativa e média refere-se à morfologia, já que ambas apresentam desinências específicas para diferentes tempos e modos. Vejamos um exemplo do verbo $\sigma\tau\acute{\epsilon}\lambda\lambda\omega$ (enviar) no presente do indicativo, nas vozes ativa e média:

¹³Quando restringimos a voz média às línguas clássicas, pensamos, sempre, do ponto de vista morfológico. Semanticamente, contudo, há trabalhos que tratam da medialidade em línguas modernas. Cf Lima (2009).

Presente do indicativo ativo	Presente do indicativo médio
στέλλω	στέλομαι
στέλλεις	στέλλῃ
στέλλει	στέλλεται
στέλλομεν	στελλόμεθα
στέλλετε	στέλλεσθε
στέλλουσι(ν)	στέλλονται

Tabela 3 – Presentes ativo e médio do verbo στέλλω

As desinências assinaladas em negrito representam as desinências que indicam variação de voz: εἰ, desinência de 3ª p.sg do singular do presente do indicativo opõe-se a εταῖ, desinência da 3ª p.sg do presente do indicativo na voz média. Os dicionários de grego, por sua vez, quando diante da possibilidade de um verbo com formas ativa e média, apresentam as diferenças de significado entre elas, algumas vezes com exemplos contextualizados, sem, contudo, aprofundar a questão, o que nem sempre satisfaz a dúvida do estudioso. Se estamos diante de um verbo cujas formas ativa e média possuem sentidos distintos, resta a pergunta: por que essas formas coexistem e em que consiste essa diferença? A coexistência de três vozes verbais, especialmente ativa e média, sugere-nos que os autores, e possivelmente os falantes, tornavam essa escolha motivada, de modo a ser possível encontrar uma sistematização para a alternância dessas ocorrências.

Tendo em vista os estudos linguísticos citados na seção anterior (3.1), de maneira geral, com base nas teorias mais recentes, a voz média é caracterizada por apresentar o traço *afetação do sujeito*, isto é, numa oração, o sujeito, de alguma forma, é afetado pela ação ou processo expressado pelo verbo. Fazendo uso dessa definição, Allan (2003) apresenta um dos mais completos trabalhos de pesquisa de voz média acerca do grego antigo, com base em conceitos semântico-cognitivos e uma abordagem baseada em *corpus*, em que defende a ideia de que essa categoria gramatical pode ser analisada como uma categoria de rede complexa¹⁴. O autor considera os tipos de uso da medial organizados por Rijksbaron (1994) envolvidos numa relação semântica de forma polissêmica, de modo que, em modelos categóricos complexos, essas relações são chamadas de extensões, sendo que, embora haja traços semânticos compartilhados por todas, há traços salientes em que se diferenciam. Assim, Allan (2003) define onze

¹⁴

O termo cunhado pelo autor em questão é de voz média como uma *complex network category*.

classificações para o emprego da voz média voltadas, especificamente, para seu uso no grego antigo, sendo elas:

Média passiva	Processo espontâneo
Processo mental	Movimentação corporal
Ação coletiva	Recíproca
Reflexiva direta	Perceptiva
Atividade mental	Ato de fala
Reflexiva indireta	

O trabalho de Allan (2003) trouxe reflexões de grande valia para o estudo da medialidade no grego antigo. Nosso trabalho prévio nos permitiu avaliar todas essas categorias e refiná-las, a partir dos exemplos que coletamos do *corpus* analisado. Dessa forma, neste trabalho, lidamos com a versão reformulada dessas classificações, divididas da seguinte maneira.

Processos	Processo Mental
Reflexiva	Deslocamento
Recíproca	Perceptiva
Ato de fala	

O detalhamento de cada um desses empregos será feito no capítulo 2 desta pesquisa, já pensando do ponto de vista da tradução. É importante ressaltar que todas as categorias acima devem ser avaliadas a partir do papel semântico do sujeito da oração analisada. Em nosso trabalho, verificamos exemplos extraídos da obra *Biblioteca*, de Apolodoro, com base nos seguintes papéis semânticos:

Agente	Paciente
Experienciador	Beneficiário
Recipiente	

Uma vez que a voz média no grego é morfologicamente marcada, torna-se possível, a partir dessa lista com terminações de palavras, encontrar suas ocorrências no texto selecionado, porém essa tarefa passa por alguns obstáculos. Após o

reconhecimento dessas desinências, surge o problema da ambiguidade entre formas de tempos, modos e vozes diferentes. A primeira grande equivalência se dá em relação às terminações, visto que média e passiva, no grego, compartilham as mesmas desinências nos tempos presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, distintas apenas no futuro e no aoristo. Por conseguinte, no caso de uma desinência em um dos quatro primeiros tempos, o primeiro passo é verificar se estamos diante de uma construção tipicamente passiva ou média. Além disso, frequentemente ativa e média compartilham também a mesma forma. Por exemplo, εὐστοχῆσαι, do verbo εὐστοχέω, *suceder*: essa construção pode corresponder à terceira pessoa do aoristo optativo ativo; ao infinitivo aoristo, ativo e à segunda pessoa do singular, do aoristo imperativo médio. Diante desse problema, torna-se, então, necessário, analisar o contexto em que a frase está inserida, a fim de sanar as possibilidades de variantes de seu significado. No caso de uma desinência exclusivamente média, a análise do contexto é feita, a fim de confirmarmos a classificação dessa forma verbal, de acordo com os grupos que estipulamos, derivados daqueles estabelecidos por Allan (2003). Tomemos agora, como exemplo, o verbo ἠμφιέσατο, *vestir-se*, que não apresenta ambiguidade de formas, ou seja, seu emprego na média não se confunde com a forma ativa. Portanto, sendo uma construção média, seu significado deve ser avaliado junto ao contexto de emprego, transcrito abaixo:

- καὶ χειρῳσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο [...] - (Apol. *Biblio.* 2.4.10) - Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele [...]

Compreendido o contexto, a tarefa seguinte é analisar e classificar esse emprego da medial em uma das categorias propostas por Allan (2003) e, nesse caso, o exemplo encontra-se no grupo da *Média Reflexiva*, já que é uma ação que o sujeito executa em si próprio e, normalmente, é feita pelas próprias mãos. Prosseguindo na análise, encontramos a forma θεασάμενος, *ver*; *contemplar*, no seguinte contexto:

- ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα θεασάμενος, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Após retornar a Fóloe, ao **ver** Fóloe morto, Hércules enterrou-o [...]

Trata-se de uma *Média Perceptiva*, já que um sujeito não só percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais como também possui papel semântico de *experienciador*. Conforme ressaltamos anteriormente, embora nesse caso tenhamos uma construção exclusivamente média, a verificação do contexto é necessária por permitir também a notificação da possibilidade de um participio substantivado, o que acarretaria um outro tipo de interpretação. De maneira geral, é importante mostrar que os papéis semânticos dos sujeitos das orações com construções médias definem e justificam o emprego dessa categoria verbal e reforçam a noção de *afetividade do sujeito* presente nas ocorrências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste primeiro capítulo, tecemos reflexões acerca dos procedimentos práticos e teóricos sobre tradução, traçando um percurso que buscou mostrar a possibilidade e necessidade de traduzir-se um texto, abordando diferentes conceitos como o de equivalência e fidelidade, diferenças culturais, tipos de tradução, como literal, literária e técnica, e também a importância do papel do tradutor nesse processo. Além disso, foi dedicada uma seção às principais características do processo tradutório da prosa literária e às particularidades desse gênero que podem gerar dificuldades e dúvidas durante a tradução. Assim, defendemos a necessidade de uma boa tradução e de sua constante atualização, mostrando os benefícios, a possibilidade e a necessidade dessa prática principalmente do ponto de vista de aproximação e compreensão entre povos e acesso a um amplo acervo intelectual de civilizações cujos saberes atravessaram milhares de anos. Além disso, também foi defendida a ideia de tradução como ciência, um saber dotado de técnicas para sua execução e de constantes estudos para seu aprimoramento. Em sequência, tratamos especificamente da prosa grega antiga de Apolodoro e a partir de reflexões sobre o processo tradutório dessa obra para o português, analisamos algumas questões linguísticas como o emprego do participio e o aspecto verbal, além de estilo, polissemia e escopo lexical da obra *Biblioteca*, mostrando como, diante de um leque bem variado de significados, há uma recorrência nos sentidos empregados pelo autor, de modo a evidenciar regularidade também na tradução. Na segunda parte do capítulo, finalmente, abordamos a questão da voz média do ponto de vista teórico e seu emprego específico no grego antigo, fundamentando-o com base na teoria funcional-cognitivista, a partir de um refinamento das classificações estabelecidas por Allan (2003) que avaliam o papel semântico do sujeito e estabelecem alguns grupos para o

emprego dessa construção verbal. Dessa forma, com base nessa abordagem teórica e prática, acreditamos que um estudioso e/ou tradutor de prosa do grego antigo possa entender mecanismos desse gênero textual e suas particularidades quanto ao processo de tradução para o português e se aprofundar no estudo teórico da voz média do grego antigo. No capítulo seguinte (2), será feita a apresentação metodológica de nossa tese, tratando das questões envolvendo a coleta dos verbos médios em Apolodoro, bem como os procedimentos práticos para a elaboração da edição digital de *Biblioteca*. Ademais, traçaremos um percurso teórico sobre a história do texto digital e das atuais ferramentas digitais para aplicação prática nos estudos linguísticos.

CAPÍTULO 2

Linguística computacional e grego antigo: a metodologia empregada na elaboração de uma versão digital de Apolodoro

A inserção de ferramentas tecnológicas nas pesquisas na área de humanas segue como uma realidade crescente nos mais diversos trabalhos acadêmicos. A Linguística, como ciência recente e moderna, vem sendo impulsionada pelas diversas e importantes teorias que a compõem ao longo dos anos. Desde seu surgimento com os estudos de Ferdinand Saussure, várias são as áreas do conhecimento ligadas a ela que, hoje, incorporaram as ferramentas digitais, a fim de proporcionar novos caminhos de análise e conclusões nas pesquisas científicas. Seja no campo da lexicografia, na sociolinguística, na fonética, na fonologia ou na semântica, a inclusão digital nessas áreas do conhecimento permitiu um avanço bastante evidente, além de proporcionar ao pesquisador a visualização de novos horizontes para sua produção. Na área de ensino-aprendizagem de idiomas, a digitalização das pesquisas fomentou abordagens distintas e vem impulsionando novos caminhos para os trabalhos científicos. Neste capítulo, trataremos da primeira parte do percurso metodológico que empregamos em nossa tese, tanto para a análise comparada das traduções de voz média (capítulo 3), quanto para a elaboração da edição digital de Apolodoro. Primeiro, contudo, trataremos da inserção da tecnologia nas pesquisas com letras clássicas comentando alguns dos trabalhos acadêmicos que incorporaram essas ferramentas e também o manuseio de *corpora* digitais. Em seguida, faremos alguns comentários sobre os bancos de dados digitais disponíveis hoje, como a *Perseus Digital Library*, mostrando como serviram de modelo para o que abordaremos em seguida, a construção de uma biblioteca digital de Apolodoro em português, reunindo as etapas de sua elaboração: o processo de etiquetagem do *corpus*; o alinhamento da tradução grego antigo – português; a importação para o servidor; a elaboração das notas e o *engine* de busca que disponibilizamos nesse domínio eletrônico.

2.1 – Línguas clássicas, tecnologia, bibliotecas e *corpora* digitais

A inclusão de ferramentas digitais nos trabalhos de pesquisa envolvendo línguas clássicas tem ganhado força ao longo dos anos e hoje se consolidou indiscutivelmente como uma eficiente nova abordagem para essa área. Seja como ferramenta metodológica ou como resultado de uma abordagem científica, um

trabalho tecnológico hoje permite a expansão dos resultados de pesquisa até então limitados dentro de um contexto analógico. Nesse sentido, no que se refere aos trabalhos linguísticos voltados para o ensino-aprendizagem de idiomas, uma das maiores conquistas foram as bibliotecas digitais, domínios que reúnem textos, imagens, análises linguísticas, ensaios e ferramentas diversas para estudo e compreensão de uma língua ou cultura de um povo. Nelas, pesquisadores conseguem concentrar um enorme volume de trabalho e levá-lo a um público interessado numa velocidade instantânea ao de sua conclusão. Diante desse contexto, Crane (2006), idealizador da maior biblioteca digital de línguas clássicas a que temos acesso, a *Perseus Digital Library*, ressalta a importância desses domínios eletrônicos e também da inclusão digital das pesquisas de humanas, salientando o seu maior alcance se comparado à tinta e ao papel. Assim afirma o autor:

Bibliotecas digitais inteligentes podem permitir a um grande número de usuários fazer um uso mais efetivo de uma maior variedade de suas seções comparado ao que era possível com o material impresso. Ajudas de busca tradicionais eram muito mais limitadas com relação à sua habilidade de aumentar o acesso intelectual; tinta no papel não pode falar ou procurar por si só; gramáticas e léxicos impressos não podem gerar traduções – boas, ruins ou indiferentes – de um texto de uma língua para outra; gazettiers não pode converter-se em bases de dados ou mostrar seu conteúdo em mapas e linhas do tempo. O falante de chinês de Xangai interessado na literatura grega ou o falando de inglês de Massachusetts interessado em chinês deve ser capaz de invocar nosso conhecimento sobre esses assuntos, convertido em sua própria língua nativa e estruturado de modo a encontrar suas necessidades particulares, quer sejam profissionais da pesquisa ou leitores em geral, curiosos por expandir seus horizontes. (CRANE, 2006, p.3)

De acordo com Crane (2014), a consequência mais importante da computação na área de Humanas vai além da quantidade de novas perguntas de pesquisa que surgiram, mas o fato de que a pesquisa com grandes corpos de materiais-fontes digitalizados abre novas oportunidades, o que acarreta numa maior abertura para uma nova produção intelectual, multicultural, interdisciplinar, visto que esses novos trabalhos não são hierárquicos, mas dependem de uma atividade colaborativa, mais dinâmica e efetiva. A computação, para o autor, desafia os humanistas a redefinirem sua relação com os estudantes e com a sociedade como um todo.

A importância da computação, então, além de estar relacionada a todo o novo leque de abordagens científicas que ela trouxe, também toca no lado humano dos trabalhos e na necessidade de parcerias. Primeiro, é muito comum que diferentes gerações tenham maior ou menor afinidade com os avanços tecnológicos; um

professor pode encontrar resistência ou obstáculos no manuseio de programas de computador cada vez mais modernos, porém seu conhecimento é de suma importância para o desenvolvimento de um trabalho acadêmico, daí a necessidade de uma interação com um aprendiz ou colega mais familiarizado com essas novas ferramentas. Ademais, para um linguista, por exemplo, seria muito complicado manter-se atualizado e ativo, do ponto de vista científico, em duas áreas distintas do conhecimento: tanto na linguística quanto na ciência da computação. Nesta última, principalmente, as atualizações de programas e plataformas acontecem num ritmo geralmente muito mais intenso do que aquele que podemos imprimir em nosso cotidiano. Dessa forma, surge um novo contexto de trabalho em que linguistas e cientistas da computação compartilham do mesmo objetivo para alcançar resultados de pesquisa, explorando o potencial de cada um dentro de sua área de conhecimento.

Historicamente, os trabalhos com textos eletrônicos começaram na Itália pós-guerra por meio da colaboração de Roberto Busa, um jesuíta que ajudou a IBM a digitalizar e a indexar os trabalhos de São Tomás de Aquino. O primeiro grande projeto de compilação de obras, cujo objetivo primário era elaborar uma biblioteca digital, foi o Projeto Gutenberg, fundado em 1971, que desde o início almejou criar textos legíveis sem concentrar-se nos fatores em que estudiosos focariam, mas voltando-se para um acervo quantitativo, de alcance à maioria dos leitores. Não havia notas com comentários ou introduções e muitas das edições escritas usadas no acervo sequer eram mencionadas. Essa é uma ideia muito semelhante ao que encontramos no *Google Books* atualmente, que conta com um *corpus* com 200 bilhões de palavras espalhadas pelos livros digitalizados, porém numa conversão direta da versão impressa para a digital, sem acréscimo de qualquer ferramenta tecnológica de análise linguística ou de tradução, por exemplo. Já pouco tempo depois surgiu o TLG (*Thesaurus Linguae Graecae*) antes mesmo que o Winchester surgisse como disco de armazenamento; uma década antes que os computadores pessoais se difundissem e duas décadas antes de a *internet* aparecer como força indiscutível na realidade comunicacional de nossa sociedade. Quinze anos depois, o *Packard Humanities Institute* (PHI) criou uma biblioteca digital para o latim clássico, produzindo em CD ROM uma versão latina do TLG, e a partir daqui, decorrente dessas duas primeiras gerações de *corpora*, a inserção digital no contexto das humanidades começou a consolidar-se como realidade nos trabalhos de pesquisa, claro, em países com uma

tradição maior em estudos clássicos, como Estados Unidos, Itália, França, Inglaterra e Alemanha.

A partir de 1980, surge a terceira geração dos *corpora*, dependentes da anotação manual de dados, dando início a um longo e minucioso trabalho por parte dos pesquisadores, que passaram a explorar vários detalhes dos textos com que trabalhavam, a fim de enriquecer o material que desejavam oferecer ao seu usuário. O uso do sistema SGML/XML para a sintaxe permitiu a inclusão de informações semânticas e foi nesse contexto que surgiu a *Perseus Digital Library*. Esse novo procedimento nos deu acesso a, por exemplo, compilar citações e referências entre todos os textos que compunham o acervo digital disponível. Já na década de 90, momento em que se inaugura a quarta geração de *corpora*, com a diminuição do custo de ferramentas de informática e com a ampliação da capacidade de armazenamento dos discos, foi possível a inclusão de páginas e páginas com imagens, rompendo os limites existentes quanto ao acúmulo de dados por parte de um sistema. Além dessas inovações, foi nessa época que começaram as parcerias entre produções científicas de áreas diferentes, ou seja, a interdisciplinaridade e a ideia de sua real necessidade começam a ganhar força nessa quarta geração dos *corpora* digitais. Áreas como filosofia, arqueologia, pedagogia e mesmo a ciência da computação, sempre presente, porém agora de forma mais atuante, ganharam a chance de incluir suas contribuições e ampliar a qualidade dos materiais presentes nessas bibliotecas digitais.

Segundo Crane et al. (2009) a quinta geração de *corpora* é a geração com que lidamos atualmente e há três características principais que a definem. Primeiro, esses *corpora* são descentralizados, aceitando contribuições, maiores ou menores, de pessoas do mundo todo. Fornecem também mecanismos que permitem a todos os usuários explorar, aumentar e também conduzir os novos objetivos da coleção. Nesse sentido, esses *corpora* lembram a primeira geração evitando a centralização que tendia a engessar as coleções quando os fundos se esgotavam ou o produto já “fosse bom o suficiente”. Esse caráter descentralizado opera de forma semelhante em vários bancos de dados digitais atuais. A *Perseus Digital Library*, por exemplo, permite aos seus usuários contribuir com correções nas análises morfológicas geradas automaticamente; assim, considerando a enorme quantidade de dados, quando selecionamos um vocábulo num texto, diante de polissemia de determinada palavra, o usuário pode selecionar o sentido que ele considera correto na passagem escolhida e, dessa forma, contribui para uma maior precisão do sistema, que vai, estatisticamente,

considerar o resultado mais aceito por aqueles que acessaram aquela informação. A *Christian Classic Ethereal Library*, por sua vez, permite aos usuários corrigir os erros e marcá-los em páginas individuais, gerando uma crescente diminuição de problemas no conteúdo disponibilizado. Já na *Text Creation Partnerships of Michigan* a produção inicial era centralizada e depois de elaborada, repassada para uma comunidade de estudiosos, que verificavam todo o conteúdo disponível e faziam uma avaliação sobre desde a apresentação da *interface* e facilidade do acesso até a qualidade do material fornecido.

Em segundo lugar, os *corpora* da quinta geração sintetizam as demandas escolares de alto custo, coleções construídas manualmente como os *corpora* clássicos da *Perseus*, o TLG e o *PHI Latin CD ROM* com a escala industrial de ampla escala das bibliotecas com acervos de milhões de livros. Por essa razão, somos capazes de justificar o motivo de incentivar a criação de edições digitais de um texto ou de uma obra, visto que o alcance é tão maior quanto o custo comparado ao material impresso é menor. Hoje, ao invés de imprimir anualmente um livro para cada estudante de escola, por exemplo, há a opção de um investimento em um laboratório de para disponibilizar a grande quantidade de materiais digitalizados em sala de aula. É importante ressaltar todo o trabalho dos pesquisadores por trás desses bancos de dados: o usuário, ao encontrar o material pronto para ser explorado, não deve esquecer todas as etapas minuciosas e árduas as quais especialistas enfrentaram para chegar ao resultado final.

Finalmente, em terceiro lugar, os *corpora* da quinta geração visam a métodos automáticos para a geração de dados, como etiquetadores de partes do discurso, análise morfológica e identificação de entidades nominais. Esse foi o trabalho que fizemos, por exemplo, ao elaborar a versão digital do texto de Apolodoro, analisando morfológicamente cada um dos itens lexicais presentes no texto. Claro que, se analisarmos um único *corpus*, toda a análise será direcionada ao significado de um vocábulo naquele *corpus* específico, porém num banco de dados maior surge a possibilidade da etiquetagem automática, baseado no que foi feito manualmente, com resultados gerados com bases estatísticas. Em 2006, a *Perseus Digital Library* publicou um *corpus* em inglês americano de 55 milhões de palavras que eles etiquetaram em parte automaticamente; dentre os 12 milhões de anotações automáticas, 1.5 milhões de nomes próprios, 1 milhão de lugares, 600.000 datas e 500.000 organizações. A grande vantagem de uma etiquetagem automática é a

capacidade de ampliar a quantidade de dados de uma biblioteca digital. Assim o acervo cresce e toda nova digitalização já vem acompanhada de todos os demais recursos que completam esses domínios *online*. Conforme ressaltamos, esse trabalho automático de anotação associado à contribuição de usuários diversos foi responsável por uma enorme evolução das atividades nessa área e, hoje, consolidou-se como uma vertente de pesquisa muito explorada no meio acadêmico. Foi diante desse panorama que optamos por digitalizar a obra *Biblioteca* de Apolodoro, etiquetá-la e disponibilizá-la num domínio que promovesse um acesso às mais interessadas pessoas capazes de sugerir e opinar. A digitalização em português da obra *Biblioteca* passou por essa etapa de etiquetagem, além de receber uma edição digital comentada, cuja forma de apresentação foi elaborada depois de várias tentativas e análises a respeito da melhor maneira de apresentá-la.

Trabalhos envolvendo tecnologia e humanidades possuem um leque bastante variado com relação às abordagens e aos objetos de estudo com que operam. Quando o trabalho envolve *corpus*, é importante distinguirmos se é um único *corpus* monolíngue, por exemplo, ou se são dois ou mais, bilíngues, trilíngues etc. Há estudos, por exemplo, que visam à análise e investigação de expressões ou ocorrências num mesmo texto, enquanto outros orientam-se por um trabalho comparado a partir de dois textos de um mesmo ou de diferentes autores. Além disso, existem trabalhos que se focam em vários *corpora*, porém em um único autor, como no caso do Projeto Cervantes, que compila pesquisas em várias edições de uma mesma obra (edições comentadas, ilustrações, adaptações etc). Muitos foram os trabalhos voltados para a inclusão digital nas pesquisas na área de humanas, termo cristalizado em inglês como *Digital Humanities*; no entanto, vale ressaltar que a maioria dos trabalhos que coletou várias edições de um trabalho sempre se focou em um único autor. Dentre os projetos que seguiram essa linha de trabalho, podemos citar:

- a) The Canterbury Project;
- b) Blake Archive;
- c) The Decameron Web;
- d) The Cervants Project
- e) eAQUA

Schreibman et al. (2005), equipe de Oxford, ocuparam-se com a *Versioning Machine*, um *software* que atua como ferramenta que permite aos usuários comparar diferentes versões de um mesmo texto. Há também um projeto canadense chamado NINES, cujo foco é o estudo da literatura do século XIX em que podemos encontrar o software chamado JUXTA, que também oferece ao usuário a opção de fazer uma análise comparada de edições distintas de um mesmo texto. Nessa mesma linha de pesquisa encontramos os trabalhos de Schmidt e Wyeld (2000) que criaram uma *interface* para a visualização de múltiplas edições de um documento, geralmente de um único autor. O projeto *Active Reading* trabalha na criação de edições escolares digitais de *King Lear* para que seus usuários possam visualizar variantes entre as edições e também criar novas. O *eAQUA*, por sua vez, é um projeto interdisciplinar de humanas estabelecido entre os Departamentos de Estudos Clássicos na Universidade de Leipzig, Heidelberg e Hamburgo, e a Divisão para Processamento de Línguas Naturais no Departamento de Ciências da Computação da Universidade de Leipzig, com o foco em minar textos em *corpora* digitais para estudos clássicos. Dele surgiram pesquisas valiosas a respeito da reconstituição de fragmentos de textos antigos, por exemplo, na tentativa de identificar as origens de certos autores, o conteúdo de suas obras ou mesmo de reunir um material capaz de fomentar estudos linguísticos e literários acerca desses fragmentos.

No contexto digital, um outro campo bastante explorado foi o de alinhamento de documentos, por exemplo, o alinhamento de várias edições de um mesmo texto ou suas múltiplas traduções, como o trabalho de Owen et al. (2000), que consistiu em alinhar várias traduções em inglês de Homero. Já Ghorbel et al. (2002) exploraram uma ampla variedade de heurísticos, incluindo as similaridades lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas para alinhar versões em prosa e em verso de textos medievais. Moerth (2004) se ateu à importância da criação de *corpora* que incluíam tanto trabalhos literários quanto suas traduções. Finalmente, Riva e Zafrin (2005) também exploraram a importância da criação de edições digitais mais sofisticadas, com as quais fosse possível representar diversos textos e trabalhos de um autor. Os trabalhos de alinhamento ofereceram novas perspectivas, principalmente no campo da teoria da tradução, porque trazem um viés científico a esse trabalho, justificando minuciosamente cada uma das escolhas feitas por um tradutor em seu trabalho.

É inegável o avanço do uso de tecnologias no processamento de dados nas análises linguísticas e a esse respeito Heyer et al. (2011) comentam sobre os novos métodos desenvolvidos por essa nova área de pesquisas. Primeiro, temos a melhoria qualitativa de fontes digitais (padronização da grafia, correção da grafia, identificação não ambígua de autores e fontes, marcação de referências, classificação temporal de textos etc. Muitos estudiosos se dedicaram ao trabalho com línguas antigas e, decorrente das diferentes edições, existem certas diferenças entre alguns textos. Com a digitalização e elaboração dos bancos de dados, essas diferenças podem ser neutralizadas de maneira mais rápida e com menor custo, uniformizando-as. Em segundo lugar, há uma grande quantidade e estrutura de fontes que podem ser processadas (processamento de grandes quantidades de texto, estruturação por tempo, lugar, autor, conteúdo e tópicos; comentários de colegas de outras edições etc. Aqui retomamos aquela justificativa com relação à facilidade do material digital em comparação ao impresso. Basta pensarmos, por exemplo, num dicionário bastante completo, incluindo apêndices gramaticais, figuras e uma enorme quantidade de verbetes; um material assim tem problemas quanto ao custo de impressão, mesmo que dividido em fascículos, e também com o volume, pensando no seu manuseio. Além disso, todas as correções, revisões e ampliações de um material impresso acarretam em novos custos, novas diagramações e uma nova impressão. Numa edição digital, feita uma errata ou qualquer revisão, a disponibilidade dela é imediata, bastando um único programador para fazer esse trabalho; ademais, não temos limite de conteúdo, todo material relevante e de interesse pode ser adicionado a um domínio digital, criando um universo infinito para o usuário interessado numa pesquisa.

Conforme mencionado, métodos digitais têm também a real função de tornar mais acessível a interação do pesquisador com o público interessado no tema de seus trabalhos. Cada vez mais alunos e professores estão imersos no uso diário do computador e apresentar resultados e trabalhos com essas ferramentas se torna necessário. Ao mesmo tempo que essa exigência surge cada vez mais presente no cotidiano da comunidade acadêmica, é preciso que os próprios pesquisadores se adequem às novas demandas do mercado e também desfrutem das facilidades que a tecnologia traz consigo. Por exemplo, produzir um dicionário hoje, de qualquer língua que seja, exige uma versão digital desse trabalho. Claro que um dicionário somente com versão impressa encontrará seu nicho, porém, hoje, acentuaria sua restrição a um pequeno grupo de usuários. De modo semelhante, quando lidamos com línguas

clássicas, como grego, latim, sânscrito, árabe ou chinês, temos em mente que há um enorme interesse no conteúdo desse material, porém uma mão de obra reduzida e com um mercado mais restrito. Assim, incorporar as inovações da era digital nesse campo de trabalho trouxe novas abordagens, novos resultados, e uma mão de obra mais versátil, que não se restringiu ao contato unicamente com essas línguas. O que é importante distinguir com relação à tecnologia/humanidades é a apropriação dessas novas ferramentas para os trabalhos de pesquisa. A esse respeito, Heyer et al. (2011) lembra que há duas vertentes:

- a) A criação, disseminação e uso de repertórios digitais;
- b) A análise baseada em computador de repertórios digitais usando computação avançada e métodos algorítmicos.

Em linhas gerais, o primeiro item refere-se ao uso de tecnologia na área de humanas, isto é, a aplicação prática de ferramentas digitais nessa área do conhecimento. Já o segundo item diz respeito à ciência da computação, ou seja, o domínio de aspectos computacionais e, por essa razão, distinguimos entre Humanidades Digitais e Humanidades Computacionais.

Projetos que envolvem a construção de bancos de dados e, por conseguinte, a digitalização de um amplo acervo literário, são diversos. O projeto *Million Book* tem mais de 600,000 livros escaneados. O próprio Google criou um acervo digital extremamente amplo, disponível aos usuários por meio de seus mecanismos de busca. O sistema da biblioteca da Universidade de Harvard, por sua vez, possui mais de 15.000.000 de livros. Segundo o *Online Computer Library Center* (OLCL), a previsão do Google Print com relação ao acervo disponibilizado é ter digitalizados 10.5 milhões de livros. Hoje, os acervos digitais de textos antigos considerados de domínio público são o *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG), Perseus, Packard Humanities Institute (PHI) e Bibliotheca Teubneriana Latina (BTL). Alguns desses bancos de dados completam a simples apresentação do texto com algumas ferramentas mais avançadas, como o *Latin Treebank*, ou *Morpheus*, o analisador morfológico do grego antigo e do latim, partes do projeto Perseu (Crane, 2010).

O Natural Language Processing Department of Leipzig University oferece dentre seus principais serviços:

- a) um amplo dicionário ordenado por frequência de formas de palavras alemãs, incluindo informação cruzada com outros textos, amostra de frases e co-ocorrências;
- b) *corpora* monolíngues de tamanho padrão para atualmente 48 línguas diferentes;
- c) uma ferramenta para detectar limites entre as frases;
- d) *cluster* (grupos de palavras) baseado em gráficos;
- e) estatísticas de co-ocorrências;
- f) sinônimos e palavras similares computadas nos perfis de co-ocorrência de palavras;
- g) extração automática de terminologias.

Atualmente, com efeito, a implementação das ferramentas digitais nas pesquisas científicas é uma realidade acadêmica para a área de humanas. Prova disso é a grande quantidade de bancos de dados e trabalhos científicos que exploram essa nova vertente, recrutando cada vez mais novos colaboradores de áreas diversas, a fim de aperfeiçoar os resultados científicos buscados. Dessa forma, o objetivo desta tese é, justamente, dar um novo passo em direção a essa nova realidade acadêmica, trazendo uma abordagem inédita para os trabalhos linguísticos no Brasil com foco em língua estrangeira, especialmente com o grego antigo. Na seção a seguir, trataremos, rapidamente, do principalmente banco de dados digital atual para estudos de línguas clássicas como o grego o latim, a *Perseus Digital Library*, a fim de demonstrar um resultado prático de um trabalho linguístico junto com a computação feito por uma grande equipe, além de justificar o modelo que usamos para elaborar nossa própria biblioteca digital de Apolodoro.

2.2 – Bancos de dados digitais

2.2.1 – A Biblioteca Digital Perseu (*Perseus Digital Library*)

A *Perseus Digital Library*, ou Biblioteca Digital Perseu, foi um projeto idealizado pelo professor Gregory Cane e desenvolvido desde 1987 com o objetivo inicial de construir um banco de dados voltado exclusivamente para os estudos do grego antigo. Decorridos anos e com a ampliação dos horizontes desse projeto, hoje

essa biblioteca contempla um imenso acervo de textos digitalizados de línguas antigas, como o grego, o latim, o árabe e o alemão, com textos anotados e traduções em inglês providas de edições comentadas e bastante reconhecidas academicamente. É importante lembrar que as edições e os materiais da literatura secundária, em geral, são de livros antigos, do final do século XIX e início do XX. Portanto, de domínio público, enquanto a disponibilização da pesquisa mais recente é uma questão ainda não resolvida. Especificamente, seu acervo digital hoje contempla os seguintes materiais:

- a) Fontes primárias e secundárias para o estudo da Grécia e Roma antigas;
- b) Acervo de fotos digitalizadas de artes, artefatos e objetos;
- c) Documentos em língua árabe;
- d) Materiais para o estudo dos povos germânicos;
- e) Fontes primárias e secundárias na literatura inglesa moderna;
- f) Poemas latinos produzidos a partir da época do nascimento de Dante até o século XVI.

Para estudiosos de línguas clássicas, o Perseus é, sem dúvida, o maior acervo digital de textos antigos digitalizados e também de ferramentas para o estudo dessas línguas e, por essa razão, é a grande referência para todos os pesquisadores que trabalham com tecnologia e línguas clássicas ou mesmo com algumas línguas modernas. Atualmente, contando com uma equipe bastante grande e com pesquisadores de universidades do mundo todo, esse projeto conta com autores cujas pesquisas e publicações desdobram-se em vários temas, todos eles ligados ao uso de tecnologia na pesquisa com letras clássicas. Com relação ao nosso trabalho, o Perseu foi a fonte em que baseamos o desenvolvimento de nossa edição digital de Apolodoro e também dos recursos que incorporamos nela, além de ser o modelo de objetivo maior, no sentido de construirmos um banco de dados digital em português sobre o grego antigo com qualidade e conteúdo equivalentes. Por questões de recorte temático desta tese, vamos focar nas ferramentas oferecidas para os textos gregos, que serviram de modelo para nossa edição digital de Apolodoro. Primeiramente, vale mencionarmos a quantidade de autores disponíveis nesse *corpus* digital, sendo eles:

Andócides;	Colutos;	Galeno;	Platão;
Anto;	Dêmades;	Heródoto;	Plutarco;
Apolodoro;	Demóstenes;	Hesíodo;	Políbio;
Apolônio;	Dinarco;	Hipócrates;	Sófocles;
Ápio;	Diócrio;	Homero;	Teócrito;
Arato;	Diodoro;	Hinos homér.;	Teofrato
Aristides;	Diógenes;	Hipérides;	Tucídides;
Aristófanés;	Dionísio;	Isócrates;	Xenofonte
Aristóteles;	Epicteto;	Josefo;	
Arriano;	Ésquines;	Licurgo;	
Ateneu;	Ésquilo;	Lísias;	
Baquílides;	Estrabão;	Pausânias;	
Bíblia;	Euclides;	Píndaro;	
Calímaco;	Eurípidés;		

Primeiramente, sobre a disposição do texto e uma tradução, tomemos como exemplo o próprio texto de Apolodoro, apresentado da seguinte forma.

The screenshot shows the Perseus Digital Library interface for the text "Apollodorus, Library" by Sir James George Frazer. The page is divided into several sections:

- Header:** Includes the title "Apollodorus, Library" and the editor "Sir James George Frazer, Ed." There is a search bar and a link to "All Search Options [view abbreviations]".
- Navigation:** A horizontal menu with links for Home, Collections/Texts, Perseus Catalog, Research, Grants, Open Source, About, and Help.
- Text Navigation:** A section with "text:", "book:", "chapter:", and "section:" labels, each followed by a blue bar indicating the current position in the text.
- Main Text Area:**
 - Left Column:** "This text is part of:" with links to Greek and Roman Materials, Greek Prose, Greek Texts, and Pseudo-Apollodorus. Below it is "Search the Perseus Catalog for:" with links to Editions/Translations and Author Group. At the bottom is "View text chunked by:" with links for text, book, chapter, section, volume, and page.
 - Center:** The Greek text of Apollodorus, Library, 1.1.1. The text reads: "Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς ἐδυνάστευσε κόσμου. γήμας δὲ Γῆν ἐτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἑκατόγχειρας προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην Κόττον, οἱ μεγέθει τε ἀνυπέροβλητοι καὶ δυνάμει καθειστήκεσαν, χεῖρας μὲν ἀνά ἑκατὸν κεφαλὰς δὲ ἀνά πενήκοντα ἔχοντες."
 - Right Column:** The English translation by Sir James George Frazer: "Sky was the first who ruled over the whole world.¹ And having wedded Earth, he begat first the Hundred-handed, as they are named: Briareus, Gyes, Cottus, who were unsurpassed in size and might, each of them having a hundred hands and fifty heads.²"
 - Footnote:** A footnote explaining the myth of Sky (Uranus) and Earth (Gaia), citing Hesiod (Hes. Th. 126ff.), Euripides (Eur. Chrys., quoted by Sextus Empiricus, Bekker p. 751), Lucretius (Lucretius i.430ff., ii.991ff.; Verg. G. 2.325ff.), and E. B. Tylor (Primitive Culture, London, 1873), i.321ff., ii.370ff. It also mentions the Ewe people of Togo-land and the Senegal and Niger regions.

Fig.7 – Os textos digitalizados da Perseus Digital Library

Nessa tela temos o texto grego, seguindo uma divisão comumente difundida entre estudiosos, com sua tradução à direita e abaixo dela notas e comentários do

tradutor. Essa disposição texto + tradução foi a que seguimos para nossa edição digital, juntamente com o alinhamento (seção 3.7). Uma vez disponível todo esse texto grego, com relação a sua anotação, para toda palavra do grego antigo presente num texto, o Perseus fornece uma análise morfológica, por meio de seu analisador morfológico MORPHEUS, abrindo uma janela conforme mostramos no exemplo a seguir:

The screenshot shows the 'Greek Word Study Tool' interface. At the top, there is a search bar with the text '("Agamemnon", "Hom. Od. 9.1", "denarius")' and a 'Search' button. Below the search bar is a navigation menu with links: Home, Collections/Texts, Perseus Catalog, Research, Grants, Open Source, About, and Help. The main content area is divided into two columns. The left column displays the word 'ἐδυνάστευσε' (edunásteuse) with its English translation 'hold power' and its grammatical information: 'verb 3rd sg aor ind act'. Below this is a table of 'Word Frequency Statistics' for the word 'ἐδυνάστευσε' in the 'Apollodorus, Library' corpus. The table has columns for 'Words in Corpus', 'Max', 'Max/10k', 'Min', 'Min/10k', and 'Corpus Name'. The data row shows: 35,174, 5, 1.422, 5, 1.422, and Apollodorus, Library. The right column shows the 'Search' results for 'eduna/steuse' in Greek. It includes a 'How to enter text in Greek' section with a table of Greek characters and their Beta Code equivalents. Below this is the 'Display Preferences' section with dropdown menus for 'Greek Display' (Unicode (precombined)), 'Arabic Display' (Unicode), 'View by Default' (Translation), and 'Browse Bar' (Show by default), along with an 'Update Preferences' button.

Words in Corpus	Max	Max/10k	Min	Min/10k	Corpus Name
35,174	5	1.422	5	1.422	Apollodorus, Library

Fig.8 – O analisador morfológico Morpheus

Nessa janela há um grande conjunto de informações. Primeiro, a análise morfológica da palavra selecionada, no caso do exemplo, um verbo, indicando seu tempo, modo, pessoa e voz, além da forma de entrada do dicionário (1 p.sg do presente do indicativo) e seu significado em inglês. Além disso, há um acesso a dicionários inglês-grego antigo que permitem ao usuário explorar as variantes de significado do vocábulo escolhido, uma vez que o significado disponibilizado pelo analisador nem sempre será aquele utilizado ou empregado no texto, porque o MORPHEUS trabalha à base de frequência de uso, ou seja, estatisticamente o significado mais recorrente em todo o *corpus* grego digitalizado será aquele apresentado pelo MORPHEUS. Cabe, portanto, ao usuário avaliar se esse significado é o desejado e, caso não, verificar no dicionário as outras opções de sentido. O mesmo mecanismo é apresentado para as demais classes de palavras. Da forma de apresentação desses dados, trataremos ainda neste capítulo.

Não há dúvidas quanto à qualidade da *Perseus Digital Library*; seu uso nesta pesquisa como modelo além de envolver ao seu conteúdo também diz respeito ao fato de esse domínio estar todo em inglês, o que limita seu uso a um usuário que domine o idioma. Dessa forma, um domínio em português surge como um trabalho pioneiro e uma primeira etapa para, no futuro, alcançarmos um banco de dados digital em língua portuguesa do mesmo porte. Na seção a seguir, passaremos a explicar dois momentos distintos da metodologia empregada nesta tese: primeiro, com relação à coleta de verbos médios em Apolodoro, analisados e contabilizados no capítulo 2 desta pesquisa, a fim de mostrar como um recurso computacional nos auxiliou e otimizou essa tarefa.

2.3 – A Linguística de *Corpus* e a coleta de verbos médios em Apolodoro

Acerca do estudo dos textos de Apolodoro, nosso trabalho em Iniciação Científica nos assegurou quanto à viabilidade didática de se trabalhar com esse autor, visto que sua obra foi escrita no dialeto padrão ateniense, apropriado para a aplicação prática em sala de aula, diante do viés em ensino-aprendizagem desta pesquisa. Além disso, o texto compila diversas passagens mitológicas, uma vez que é grande o interesse, em outras áreas do conhecimento, por figuras heroicas gregas. Vale destacar que a obra *Biblioteca*, do autor em questão, de grande riqueza cultural e literária, não possui tradução para o português. Trata-se de um texto autêntico, isto é, existe na linguagem e não foi criado com a intenção de figurar em um *corpus*. A tradução preliminar das passagens que narravam as histórias de Hércules, seu nascimento, casamento, doze trabalhos e morte, não só nos asseguraram a viabilidade de utilizá-las para fins didáticos, como também justificaram um trabalho de descrição da voz média, por contemplar os diferentes empregos dessa categoria verbal.

Diante disso, dando sequência e complementando o trabalho prévio, buscamos desenvolver, com a ampliação do *corpus*, conclusões mais aprofundadas, identificando, com maior precisão, o escopo da voz média. O resultado dessa pesquisa nos possibilitou criar um pequeno material de suporte didático para alunos e professores de grego antigo, sobre o qual teceremos comentários ainda neste capítulo (seção 2.4). Neste trabalho de mestrado, ampliamos o *corpus* utilizado em Iniciação Científica, abarcando, desta vez, toda a obra de Apolodoro, que se inicia com a origem dos deuses gregos e vai até a viagem de Teseu para Atenas.

A linguística de *corpus*,¹ como recurso metodológico, possui ferramentas que permitem a descrição de vários aspectos linguísticos e, por isso, surgiu como suporte de grande valia a nossa pesquisa. Conforme salienta Berber-Sardinha (2000),

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (p. 3)

O autor em questão ainda fundamenta suas reflexões na linguagem como um sistema probabilístico que deve ser estudado numa abordagem empírica, com base no pressuposto de que as possibilidades teóricas, tais como as categorias usadas nas classificações dos traços linguísticos, não coincidem com a frequência de ocorrências. Visamos a uma abordagem empírica, considerando o uso natural da linguagem, utilizada em situações reais. Portanto, nesta pesquisa descritiva, a linguística de *corpus* parece-nos adequada aos objetivos que propusemos. Por meio dos recursos associados à linguística de *corpus*, como listagem automática dos itens lexicais em ordem alfabética, de frequência e finais, foi possível realizar as seguintes etapas: a) identificar e mapear as ocorrências de voz média (i.e. de morfologia médio-passiva) no *corpus* proposto, selecionadas pelos programas computacionais escolhidos; b) efetuar as concordâncias, analisar o co-texto, as colocações e clusters das formas encontradas e comparar com as classificações teoricamente definidas como voz média, observando o campo semântico da medial no *corpus*; c) levantar os padrões frasais, ou unidades sintagmáticas com emprego dos verbos na forma e no sentido da voz média, com base na frequência de sua ocorrência; e d) organizar os resultados da pesquisa de identificação e classificação da voz média no *corpus*, utilizando-os para organizar o material de suporte didático.

Ao longo desta pesquisa, no que diz respeito ao uso de *softwares* para a identificação, coleta e análise dos verbos na voz média do grego antigo, houve um momento referente à listagem das palavras, a partir dos traços morfológicos que definiam a voz média do grego, e um segundo momento que contemplou a classificação dessas ocorrências a partir de seu sentido no contexto em que se

¹ Para maiores informações acerca da linguística de corpus, sua história e desenvolvimento, cf. SARDINHA (2000), (2004).

inseririam. O *software* selecionado para o início dos trabalhos de busca foi o Antconc, na versão 3.2.0, disponível gratuitamente na *web*. Primeiramente, utilizamos o arquivo em formato *txt*; com o arquivo aberto, selecionamos a opção para a elaboração de uma lista de palavras (*word list*), ainda ativando o critério de separar todos os vocábulos pela sua terminação (*Sort by word end*). A figura abaixo mostra como o programa apresenta esses dados.

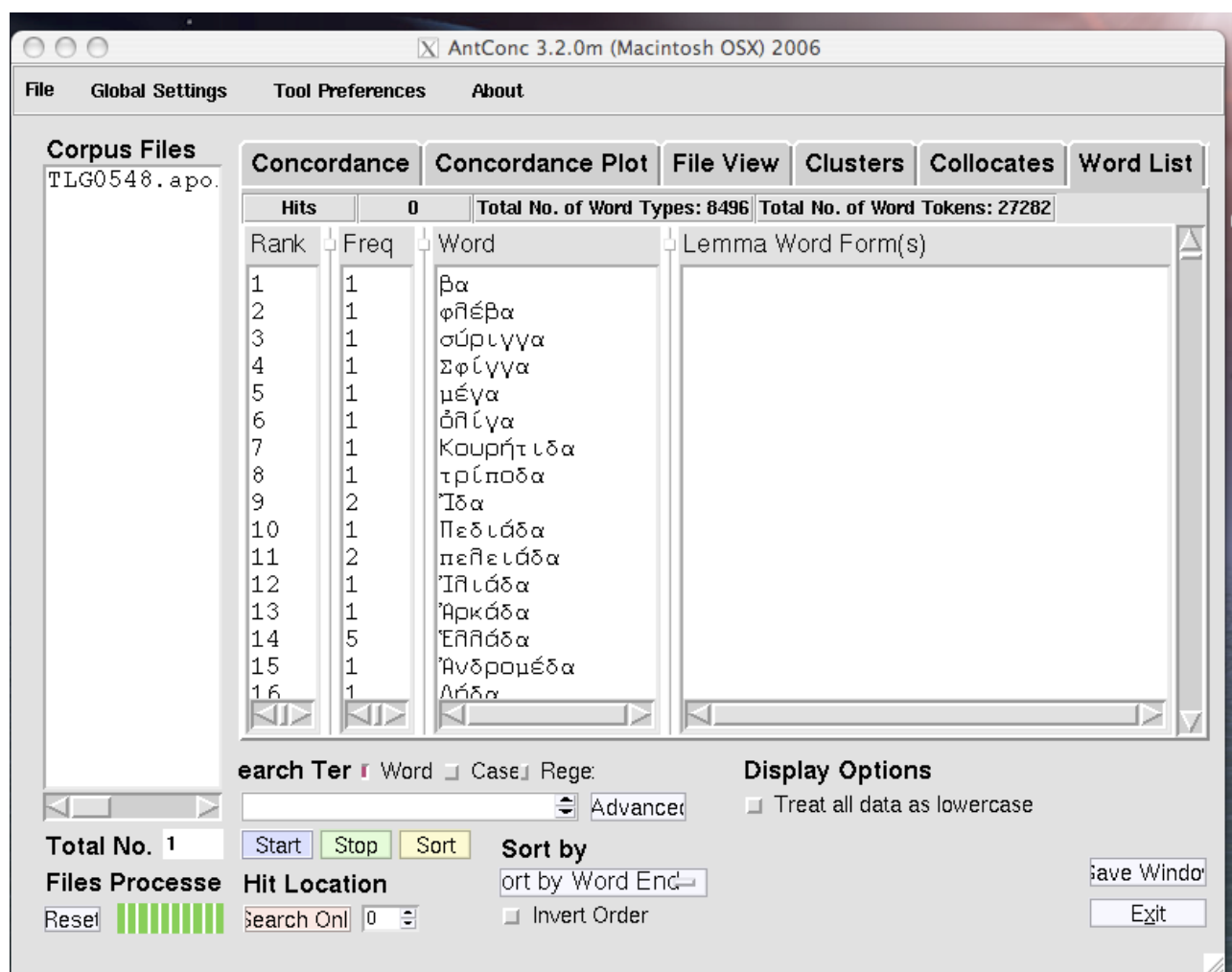


Fig.9 – Apresentação dos resultados no Antconc.

Uma vez que a voz média no grego é morfologicamente marcada, torna-se possível, a partir dessa lista com terminações de palavras, encontrar suas ocorrências no texto selecionado, porém essa tarefa passa por alguns obstáculos. Primeiramente, pensemos nas terminações médias de possível realização em alguns tempos verbais, no grego antigo, tal qual expressos no quadro abaixo:

PRESENTE MÉDIO	FUTURO MÉDIO	AORISTO MÉDIO	IMPERFEITO MÉDIO
-ομαι	-σομαι	-σαμην	-ομην
-σει	-σει	-σω	-ου
-εται	-σεται	-σατο	-ετο
-όμεθα	-σόμεθα	-σαμεθα	-ομεθα
-εσθε	-σεσθε	-σασθε	-εσθε
-ονται	-σονται	-σαντο	-οντο

Após o reconhecimento dessas desinências, surge o problema da ambiguidade entre formas de tempos, modos e vozes diferentes. A primeira grande equivalência se dá em relação às terminações, uma vez que, conforme ressaltado, média e passiva, no grego, compartilham as mesmas desinências nos tempos presente, imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, sendo distintas apenas no futuro e no aoristo. Por conseguinte, no caso de uma desinência em um dos quatro primeiros tempos, o primeiro passo é verificar se se trata de uma construção tipicamente passiva ou média. Além disso, frequentemente ativa e média compartilham também mesmas formas. Pensemos, por exemplo, em εὐστοχῆσαι, do verbo εὐστοχέω, *suceder*: essa construção pode corresponder à terceira pessoa do singular do aoristo optativo ativo; ao infinitivo aoristo, ativo e à segunda pessoa do singular, do aoristo imperativo médio. Diante desse problema, torna-se, então, necessário, analisar o contexto em que a frase está inserida, a fim de sanar as dúvidas quanto o seu significado. No caso de uma desinência exclusivamente média, a análise do contexto é feita, a fim de confirmarmos a classificação dessa forma verbal, de acordo com os grupos estabelecidos por Allan (2003), abordados no segundo capítulo desta dissertação. Tomemos agora, como exemplo, o verbo ἠμφιέσατο, *vestiu-se*, que não apresenta ambiguidade de formas e, portanto, sendo uma construção média, de acordo com o funcionamento do *software*, clicando sobre o vocábulo desejado, abre-se a frase em que ela ocorre e, dessa forma, analisamos seu sentido na oração, conforme abaixo.

Contexto: a) καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.10) - Após derrotar o leão, **vestiu-se** com a pele [...]

Compreendido o contexto, o passo seguinte é esse emprego da medial em uma das categorias propostas por Allan (2003) e, nesse caso, o exemplo encontra-se no grupo da *Média Reflexiva Direta*, já que é uma ação que o sujeito executa em si próprio e, normalmente, é feita pelas próprias mãos².

Prosseguindo na análise da *Word List*, encontramos a forma θεασάμενος, *ver*; *contemplar*, no seguinte contexto:

Contexto b) ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα θεασάμενος, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4) - Após retornar a Fóloe, ao **ver** Folo morto, Héracles enterrou-o [...]

Trata-se de uma *Média Perceptiva*, já que um sujeito não só percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais como também possui papel semântico de *experienciador*. Vale ressaltar que, embora nesse caso tenhamos uma construção exclusivamente média, a verificação do contexto é importante, por possibilitar também a notificação da possibilidade de um particípio substantivado, o que acarretaria num outro tipo de interpretação.

Todos os verbos médios foram listados separadamente e, assim, cada contexto foi extraído, classificando as ocorrências em uma das categorias previamente explicitadas. Feita a análise, o trabalho final foi justamente contabilizar qual a categoria prototípica e qual continha mais ou menos traços da medialidade, no caso a *afetação do sujeito*, na tradução em língua moderna. Demonstrada essa etapa metodológica da pesquisa, na seção a seguir passaremos para um segundo momento nos métodos empregados nesta tese, tratando dos passos que envolveram a elaboração da edição digital de Apolodoro e de sua obra *Biblioteca*.

2.4. A Biblioteca Digital de Apolodoro

Quando pensamos numa biblioteca digital em português de Apolodoro, por se tratar de um trabalho pioneiro e com um único autor, foi necessário avaliar quais seriam as ferramentas presentes nesse domínio e como elas seriam pensadas e sistematizadas, permitindo um acesso dinâmico e fluido por parte do usuário. Assim, para essa proposta, elaboramos três etapas para compor essa biblioteca digital: a)

² O detalhamento de cada uma dessas categorias da voz média foi feito no capítulo 2 desta dissertação.

etiquetagem do texto; b) tradução e alinhamento; c) criação da *interface online*. A respeito de cada um desses itens teceremos comentários separadamente, neste capítulo. Antes, contudo, cabe ressaltar que as bibliotecas digitais preveem novos métodos com os quais surgem um novo público e novas questões que outrora não existiriam em razão dos limites das ferramentas disponíveis. Segundo Crane (2002), uma biblioteca digital é um meio que permite romper as barreiras entre a academia e os discursos históricos de nosso passado. Além disso, ela melhora as estruturas já existentes, oferecendo dados mais especializados aos estudiosos, ao mesmo tempo que promove novos desafios com base nas necessidades que surgem decorrente do uso desses acervos eletrônicos.

Conforme já ressaltado, a inclusão digital é uma realidade em todas as áreas do conhecimento, ampliada em maior e menor escala, de acordo com as linhas de trabalho desenvolvidas pelos pesquisadores. Na *Perseus Digital Library*, por exemplo, o acesso majoritário se dá na coleção de materiais grego-latinos (84% segundo dados fornecidos pelo próprio *site*). Segundo seu idealizador, Crane (2009), esses dados não são uma surpresa, visto que essa seção foi desenvolvida ao longo de 15 anos, a partir da dedicação à criação de um sólido banco de dados que reunisse *corpora* e dados consistentes acerca deles. O resultado para pesquisadores da área não poderia ser mais gratificante: 8 milhões de acessos por mês. É importante lembrar que nenhum pesquisador envolvido com o Classicismo Digital ou Humanidades Digitais ignora a importância ou o valor do material impresso. No entanto, as preocupações comuns a um material impresso, como custo, qualidade do papel, volume da obra, conteúdo, custo e acesso a um público leitor são superadas essas barreiras no universo digital.

Muitos são os elementos que podem compor uma Biblioteca Digital e são, basicamente, consequência da quantidade de colaboradores presentes num projeto ou do tempo durante o qual ela vem sendo desenvolvida. Dentre esses elementos, podemos citar:

- | | |
|---|--------------------------------------|
| a) alinhamento de traduções usando o XML; | d) identificação de nomes; |
| b) visualização das ferramentas; | e) serviços semânticos; |
| c) identificação de citações; | f) serviços de avaliação automática; |
| | g) lista de editores; |

h) *treebank*

i) *linking* automático;

É evidente que em nossa pesquisa enfrentamos as limitações de se trabalhar com um único autor, no caso, Apolodoro, além de não contarmos com uma equipe para otimizar e expandir todas as ferramentas possíveis a um domínio digital. No entanto, mesmo diante dessas limitações, alguns dos itens podem ser vistos em nossa versão digital de *Biblioteca*, como o alinhamento de traduções, o *linking* automático e a identificação de citações, e serão descritos a partir da próxima seção (3.6.1). Com relação ao *treebank*, de início, ele é uma das principais linhas de pesquisa envolvendo tecnologias atualmente e fornece aos estudantes informações bastante significativas sobre a sintaxe de uma língua, operando, muitas vezes, como se tivéssemos uma gramática sempre aberta na página cujo conteúdo desejamos estudar. Porém, por se tratar de um processo longo e bastante minucioso, foi uma etapa que ficou em aberto em nosso trabalho com Apolodoro e a elaboração dessas árvores sintáticas ficará para trabalhos futuros³. Com efeito, o primeiro passo a ser descrito neste capítulo metodológico, refere-se à etiquetagem ou análise morfológica que fizemos de todo o *corpus* e é sobre isso que trataremos a seguir.

2.4.1 – A etiquetagem de *Biblioteca*

Etiquetar um texto consiste em analisá-lo morfológicamente e/ou sintaticamente, seguindo um conjunto de terminologias escolhidas a critério do autor, porém essa é uma tarefa dos bastidores da programação e, muitas vezes, passa despercebida aos olhos do usuário, ao buscar uma informação *online* e vê-la pronta. Ao tratarmos, então, de anotação, surge a primeira pergunta com relação a sua utilidade básica. A esse respeito, Pustejovsky & Stubbs (2013) afirmam que:

Theoretical and computational linguistics are focused on unraveling the deeper nature of language and capturing the computational properties of linguistic structures. Human language technologies (HLTs) attempt to adopt these insights and algorithms and turn them into functioning, high-performance programs that can impact the ways we interact with computers using language. With more and more people using the Internet every day, the amount of linguistic data available to researchers has increased significantly, allowing linguistic modeling problems to be viewed as ML tasks, rather than limited to the relatively small amounts of data that humans are able to process on their own. However, it is not enough to simply provide a computer with a large amount of data and expect it to learn to speak—the data has to be prepared in such a way that

³ Muitos trabalhos com foco no *treebank* têm sido desenvolvidos. Para maiores detalhes, cf. Crane (2012); Berti (2014) e Abreu (2014).

the computer can more easily find patterns and inferences. This is usually done by adding relevant metadata to a dataset. Any metadata tag used to mark up elements of the dataset is called an *annotation* over the input. (PUSTEJOVSKY & STUBBS, 2013, p.2)

Conforme apontam os autores, de fato o motivo primário de se etiquetar um texto é justamente organizar e sistematizar as informações, de maneira que elas se apresentem do modo mais claro e refinado possível ao usuário que as procura. A *internet* nos possibilitou um acúmulo imensurável de dados e uma enorme variedade de possibilidades de formatação e criação de *interfaces*, porém há a necessidade de um olhar atento e detalhado nos bastidores desses resultados, frutos de escolhas de mão de obra humana. Passo fundamental, portanto, no processo de anotação e em todas as etapas do manuseio de um *corpus* digital é definir os objetivos que serão alcançados com os procedimentos estabelecidos. No caso de *Biblioteca*, o livro todo contém 35317 palavras distribuídas em várias categorias, considerando as repetições, e o processo de etiquetagem foi uma das etapas da digitalização do livro. Houve duas razões principais para que realizássemos essa tarefa: primeiro, o viés do ensino-aprendizagem de línguas de nossa tese justifica os benefícios de ter um texto etiquetado, a fim de que os alunos entendam mecanismos da morfologia do grego antigo, bem como auxilie professores na explicação de escolhas de tradução ou nos mecanismos de flexão, no caso de verbos, e declinação, no caso dos nomes, da língua. Segundo, uma vez que nosso foco era elaborar uma versão digital de Apolodoro, conforme vimos previamente neste capítulo, os textos etiquetados são um padrão para os principais bancos de dados e, por essa razão, optamos por realizar essa anotação, considerando também ser esse o primeiro em língua portuguesa, o que auxilia estudantes e interessados na língua ao criar um acesso ao texto em língua nativa.

Com relação ao processo de etiquetagem de Apolodoro, seguimos, houve duas razões fundamentais para realizá-lo. Primeiro, uma vez que nosso foco era construir uma biblioteca digital do autor, o texto anotado era uma ferramenta necessária, visto que, conforme vimos anteriormente, está presente nos principais bancos de dados digitais atualmente. Segundo, um texto anotado permite um aprofundamento por parte do usuário no estudo da obra, explorando questões de ensino-aprendizagem do grego antigo, além de incorporar como um léxico digital específico do autor. É importante lembrar que quando etiquetamos o texto pensamos num futuro em que o banco de dados terá um volume maior de autores e obras anotadas e, por essa razão, a quantidade de informação necessitará de uma organização maior, a fim de não ficar

confusa ao usuário. Sendo assim, quando tivermos centenas de textos, conhecer o escopo lexical usado por cada autor se torna algo bastante útil. Com efeito, para a classificação das palavras de *Biblioteca*, as terminologias empregadas para cada classe de palavras estão resumidas na tabela abaixo:

Nominativo	nom.	Presente	pres.	Optativo	opt.
Vocativo	voc.	Imperfeito	imp.	Masculino	masc.
Acusativo	acus.	Aoristo	aor.	Feminino	fem.
Genitivo	gen.	Perfeito	perf.	Neutro	neu.
Dativo	dat.	Mais que perfeito	mqp.	Dual	dual.
Comparativo	comp.	Infinitivo	inf.	Ativa	at.
Superlativo	sup.	Particípio	part.	Passiva	pass.
Pessoa	p.	Indicativo	ind.	Média	med.
Singular	sg.	Subjuntivo	subj.	Preposição	prep.
Plural	pl.	Imperativo	imper.	Conjunção	conj.
Advérbio	adv.	Partícula enfática	Part. enf.	Pronome	pron.

Tabela 10 – Abreviações para as classificações morfológicas do grego antigo

Essas legendas orientam o usuário quanto à compreensão da organização do texto e, por conseguinte, da tradução, a fim de entender como os elementos da frase grega se organizam e concordam, a fim de gerar um sentido. Com relação à forma de apresentação dos dados, seguimos também alguns critérios estabelecidos pelo dicionário Grego – Português, de acordo com cada uma das classes de palavras presentes na obra. O intuito foi seguir um padrão formal já conhecido por estudiosos e não estabelecer novos critérios desnecessários. No caso de substantivos, a anotação é feita da seguinte forma: primeiro se apresenta a forma tal como encontrada e selecionada no texto, seguida pelo nominativo e genitivo, análise morfológica da ocorrência do vocábulo escolhido e significado em português, conforme o exemplo a seguir.

Ποσειδῶνος = [Ποσειδῶν, ονος (ό)] gen., sg. Poseidon.

οικίαν = [οικία, ας (ή)] ac., sg.; casa.

βασιλεὺς = [βασιλεὺς, εως (ό)] nom., sg.; rei.

De forma semelhante, no caso de adjetivos a entrada é feita pela palavra escolhida no texto, seguida do nominativo singular, masculino, feminino e neutro, quando triformes, além da análise morfológica e significado em português. No caso de formas comparativas, incluímos a notação *comp*, como num dos exemplos abaixo.

πρεσβύτατος = [πρέσβυς, η, ον] nom., sg.; mais velho

πρώτος = [πρωτός, η, ον] nom., sg.; primeiro.

Com relação aos verbos, a apresentação deles foi elaborada da seguinte maneira: selecionado um no texto, essa ocorrência vem seguida de sua forma na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, além da classificação do tempo, modo, voz e pessoa em que ocorre no trecho focado e, por fim, o significado em português, específico daquela passagem.

ἐβασίλευσεν = verb. βασιλεύω; 3 p.sg.; aor indic, atv: reinar.

παραγενόμενος = verb. παραγίνομαι; particip. sg, aor med, masc., nom.: chegar.

εἶναι = verbo εἶμι; inf., pres., atv.: ser, estar.

No caso dos artigos, fazemos uma análise morfológica quanto ao seu gênero, número e caso, indicando o *link* a uma tabela com todas as declinações. O mesmo procedimento é realizado com os numerais.

τὸν = artigo masculino, singular, acusativo.

τοῦ = artigo masculino, singular, genitivo

τὴν = artigo feminino, singular, acusativo.

πέμπτον = [πέμπτος, η, ον]; *ac.*, *sg.*; quinto.

δύο = numeral; dois

Para as palavras invariáveis, como advérbios, restringimo-nos às informações da classe adverbial e seu significado naquela passagem. Conjunções são traduzidas de acordo com sua ocorrência no contexto selecionado e o mesmo acontece com as

preposições, cujo significado varia muito de acordo com o caso de palavra que as acompanham. Por essa razão, incorporamos um manual com as preposições dos textos e a variação de significado de acordo com o caso que a acompanha. Já as partículas enfáticas são apenas acompanhadas por essa constatação.

εἰς = preposição; para, em direção a.

γὰρ = conjunção; então.

αὐθις = advérbio; mais tarde.

σὺν = preposição; com.

As 353177 palavras contidas em *Biblioteca* foram anotadas em português seguindo essa nomenclatura apresentada. Vale ressaltar que todo esse processo permitiu que construíssemos um léxico específico para o campo semântico usado por Apolodoro, o que é bastante útil diante da quantidade de palavras polissêmicas no grego antigo. Isso nos auxilia, porque sempre tal léxico será acionado quando um usuário lidar com o texto *Biblioteca* e, além disso, diante de um olhar mais a frente, almejando um banco de dados digital em português com várias obras clássicas anotadas.

2.5 O processo de alinhamento de traduções

2.5.1 Sobre o *Alpheios* e o editor de alinhamento

O *Alpheios*⁴ é um *freeware*, ou seja, uma ferramenta digital gratuita criada com o intuito de ampliar e facilitar o acesso à leitura de textos de cultura clássica. Atualmente, seu banco de dados contempla textos em latim, grego antigo e árabe antigo, mas tem em vista a ampliação do acervo para chinês clássico, persa, hebraico e sânscrito também. A ideia para a criação dessa plataforma surgiu com base na Biblioteca Digital *Perseus* (*Perseus Digital Library*) projeto idealizado na *Tufts University*, nos Estados Unidos, sob os cuidados do professor Gregory Cane. O foco no ensino-aprendizagem de línguas, bem como na difusão de textos de culturas clássicas ocidentais e orientais, fez com que os recursos do *Alpheios* fossem criados para auxiliar os usuários que buscassem o acesso a esse tipo de informação. Dessa

⁴Disponível em <http://www.alpheios.net>

forma, dentre o que temos disponível, hoje, nessa plataforma, destacamos as seguintes ferramentas:

- a) Editor de alinhamento de traduções;
- b) Editor de árvore sintática (*Treebank*);
- c) Análise morfológica, lematização e consulta a dicionário.

Com relação ao primeiro item, o *Alpheios* permite ao usuário fazer um alinhamento de traduções, isto é, dispor o mesmo texto em duas línguas diferentes, apresentando todo o processo de escolha de equivalências morfológicas e sintáticas ao longo do processo tradutório. O acesso ao editor de alinhamentos fica logo à direita na página inicial, na opção *Alpheios Translation Alignment Editor*, conforme mostramos na figura 10.

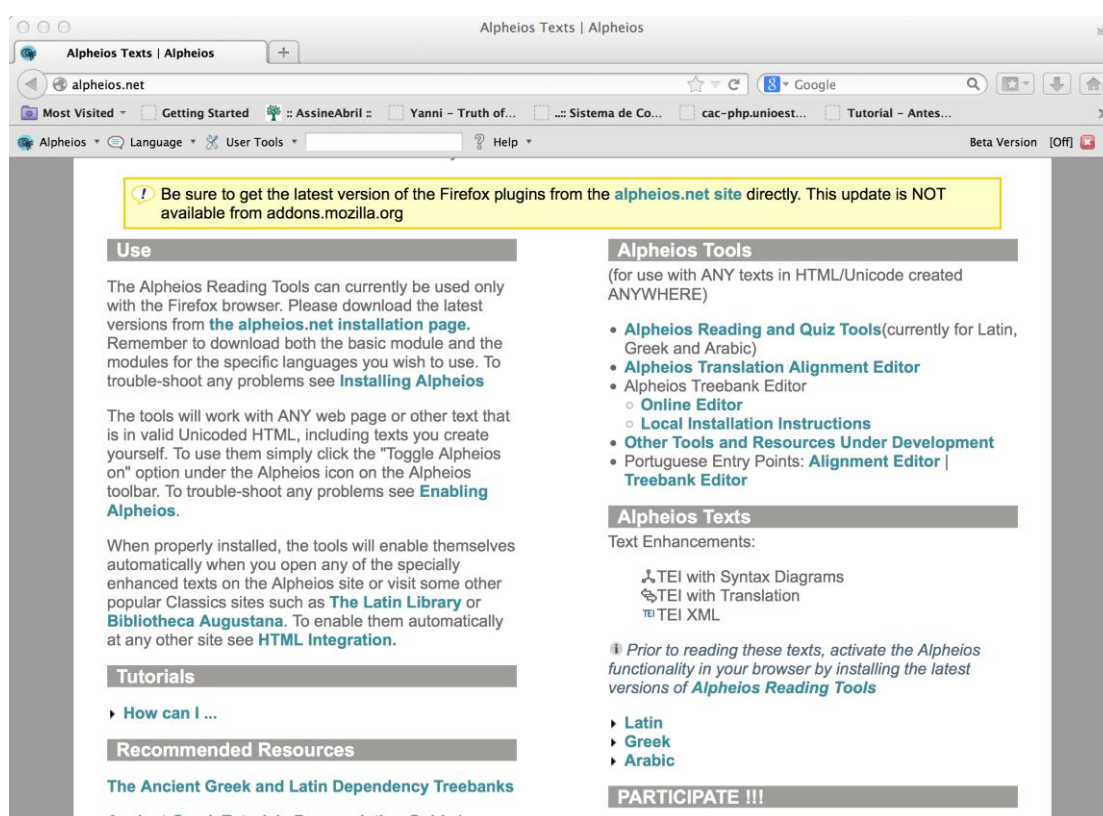


Fig.10 – Página inicial do Alpheios

Acessado o editor de alinhamento, o usuário se deparará com um nova tela, em que há duas caixas em branco nas quais os textos das respectivas línguas, de

origem e alvo, deverão ser colocados. Além delas, há duas faixas ao lado de cada uma dessas caixas onde deverá ser selecionado o idioma das línguas com que estamos trabalhando. A lista de opções é bem grande, porém, caso o usuário não encontre o que procura, poderá manualmente escrever o idioma desejado na caixa em branco disponível para isso ao lado da opção “*or other language*”. Essas informações estão resumidas na figura 11.

ALPHEIOS

Enter Text in Language 1:

Language 1: English
Or Other Language*:

Enter Text in Language 2:

Language 2: English
Or Other Language*:

*Please use ISO 639-2 or ISO 639-3 three-letter codes for any other languages

Align

Fig.11 – A interface do editor de alinhamento de tradução

Inseridos os textos nas caixas de mensagem e selecionados os idiomas de cada um desses textos, o usuário deverá clicar na opção *Align* no canto inferior direito do editor e uma nova tela se abrirá em que os dois textos estarão parelhos, prontos para serem alinhados. Vejamos a Figura 12.

ALPHEIOS

Export XML Export Display

Show interlinear text

grc:	< 0	= 0	> 2	Ø 29
por:	< 0	= 0	> 2	Ø 32

οἱ δὲ Ἀργοναῦται πρὸς Μαριανδυνούς
 παρεγένοντο, κάκει φιλοφρόνως ὁ βασιλεὺς
 ὑπεδέξατο Λύκος. ἐνθα θνήσκει μὲν Ἴδμων
 ὁ μάντις πλῆξαντος αὐτὸν κάπρου, θνήσκει
 δὲ καὶ Τίφους, καὶ τὴν ναὺν Ἀγκαῖος
 ὑποσχεῖται κυβερνάν.

Os Argonautas chegaram à terra dos
 mariandinos onde o rei Lico os recebeu
 amigavelmente. Lá morreu o adivinho Ídmon,
 ferido por um javali e também Tifis. Ancaio,
 por sua vez, comprometeu-se pilotar a nau.

Fig.12 – Alinhando as traduções

Note que no canto esquerdo superior há uma tabela com informações sobre a equivalência de caracteres entre as duas línguas. No nosso caso, escolhemos grego antigo e português como os idiomas dos textos fonte e alvo, respectivamente e à medida que é feito o alinhamento, os números dessa contagem se alteram, mostrando estatisticamente a equivalência das palavras entre as duas línguas. É interessante notar como há casos em que o grego precisa de menos palavras que o português para expressar um determinado conceito ou justamente o contrário. Em línguas orientais, como o mandarim, essa diferença parece mais marcante, porém essa discussão não será desenvolvida nesta tese. O próximo passo, portanto, é realizar o alinhamento da tradução e isso consiste, basicamente, em selecionar nos textos alvo e fonte as palavras equivalentes entre eles, ficando estas assinaladas no texto, como também pode ser visto ainda na Figura 3 com a palavra *Argonautas*. A versão final alinhada pode ser gravada em dois formatos, XML e HTML. O primeiro é aquele utilizado para exportar para um domínio da *web*, o que comentaremos ainda neste capítulo (2.6) enquanto que o segundo, em HTML, exporta a *interface* usada pelo próprio *Alpheios*, ou seja, o usuário poderá ver esse alinhamento no próprio navegador.

Feito o alinhamento, no caso da edição digital que elaboramos de Apolodoro, o usuário conta com uma etiquetagem do texto, todas as palavras em grego estão analisadas morfológicamente, a fim de auxiliar na compreensão da tradução. Finalmente, cabe ressaltar que a versão final do alinhamento demanda certo tempo, principalmente porque o *Alpheios* não permite que mudanças sejam feitas no momento de alinhar o texto, ou seja, qualquer erro, seja ele de tradução ou mesmo ortográfico, não pode ser corrigido nessa etapa e, portanto, é necessário arrumar o texto ainda nas caixas de mensagem para então alinhá-lo desde o começo, novamente. Feita essa apresentação sobre como usar o editor de alinhamento de traduções, na

próxima seção dedicaremos alguns comentários sobre como lidamos com algumas particularidades do grego antigo ao buscar sua equivalência com português no momento de alinhá-las.

2.5.2 Alinhando a obra *Biblioteca*

Do ponto de vista estilístico, Apolodoro não é um autor rebuscado e ao longo de sua narrativa vemos os pontos a que ele dedica mais ou menos detalhes e também sua estética narrativa, cujo estilo é facilmente demarcado pelo uso de mesmas expressões ou pela organização sintática das frases e até mesmo pelas escolhas lexicais recorrentes. Dessa forma, cabe ressaltarmos alguns pontos que devem ser verificados no momento do alinhamento das traduções, a fim de que um leitor entenda nossas escolhas durante o processo tradutório. Ademais, esses pequenos obstáculos não são restritos ao par grego antigo/português e podem ser de paradigma para tradutores de outros idiomas que estejam sujeitos a encontrar questões semelhantes.

3.5.3 Colocação pronominal

Os pronomes do grego antigo se declinam de acordo com o termo com o qual concordarão numa frase, porém estão sempre separados dos verbos, diferente do português, por exemplo, quando há a possibilidade de construção, do ponto de vista da escrita, por exemplo, de mesóclise ou uma ênclise obrigatória em português, embora a ênclise exista no grego.

πρῶτον μὲν οὖν ἐπέταξεν αὐτῷ τοῦ Νεμέου λέοντος τὴν δορὰν κομίζειν.
(Apol. *Biblio.* 2.5.1) – Primeiro ordenou-lhe trazer a pele do leão de Neméia.

No caso de uma ênclise em português, o alinhamento é feito pela união do verbo e do pronome com um único equivalente em português, apresentado na Figura 5.

ALPHEIOS

Export XML Export Display

Show interlinear text

grc:	< 0	= 0	> 2	0 9
por:	< 0	= 0	> 2	0 7

πρῶτον μὲν οὖν ἐπέταξεν αὐτῷ τοῦ Νεμέου λέοντος τὴν δορὰν κομίζειν. | Primeiro ordenou-lhe trazer a pele do leão de Neméia.

Fig.13 – Alinhamento pronominal

Restaria a questão se o usuário poderia ficar em dúvida sobre qual palavra do grego é o verbo e qual delas é o pronome. No caso de um estudante, o domínio da língua mesmo em níveis elementares permite essa fácil distinção, porém, mesmo que não seja possível, ou que o usuário seja um leigo no grego antigo, o analisador morfológico (resultado da etiquetagem que fizemos) esclarecerá essa dúvida, mostrando qual palavra é um verbo e qual delas é o pronome.

3.5.4 Expressões

Uma vantagem do editor de alinhamento é a possibilidade de deixar claro ao usuário quando lidamos com expressões idiomáticas. Como temos um texto etiquetado, isto é, analisado morfológicamente, o analisador classificará as palavras isoladamente, não num agrupamento. Em Apolodoro, por exemplo, é muito comum encontramos a expressão μετ' οὐ πολὺ que significa *em pouco tempo ou pouco depois*. Se traduzirmos palavra por palavra, a literalidade pode prejudicar a compreensão do trecho, portanto, a tradução será falha. Com o alinhamento, podemos marcar essa expressão e seu equivalente em conjunto, ficando da seguinte forma:



Show interlinear text

μετ' οὐ πολὺ δὲ ἐπ' Αἰγείαν ἐστρατεύετο, συναθροίσας Ἀρκαδικὸν στρατὸν καὶ παραλαβὸν ἐθελοντὰς τῶν ἀπὸ τῆς Ἑλλάδος ἀριστέων. Αἰγείας δὲ τὸν ἀφ' Ἡρακλέους πόλεμον ἀκούων κατέστησεν Ἡλείων στρατηγούς Εὐρυτον καὶ Κτέατον συμφυεῖς, οἱ δυνάμει τοὺς τότε ἀνθρώπους ὑπερέβαλλον, παῖδες δὲ ἦσαν Μολιόνης καὶ Ἄκτορος, ἐλέγοντο δὲ Ποσειδῶνος.

Pouco depois, reunindo um exército árcade e recebendo como voluntários os mais bravos homens da Hélade, Hércules marchou em guerra contra Ágeas. Este, por sua vez, ao ouvir sobre o combate contra Hércules estabeleceu como generais dos eleus Êurito e Cetéato, gêmeos siameses, que superavam os homens em força e eram filhos de Molione e do irmão de Ágeas, Actor, ou segundo dizem, de Poseidon.

Assim, caso um usuário não tenha conhecimento da expressão e vá em busca da análise morfológica, que pode conduzi-lo a um equívoco na tradução, quando o cursor estiver sobre qualquer uma das três palavras que compõem essa expressão, automaticamente o editor assinalará as outras duas e seu significado na língua alvo e, dessa forma, será possível reconhecê-la. Esse mesmo recurso de agrupamento do editor será a solução para a questão da regência, sobre a qual falaremos a seguir.

3.5.5 Regência

A questão da regência também exige algumas escolhas por parte do tradutor, principalmente se considerarmos qual o objetivo do alinhamento, se tem caráter didático, por exemplo, ou literário. Ocorre que o grego é uma língua de casos, ou seja,

a função sintática de uma palavra é determinada pela sua morfologia e não apenas pela posição que ocupa na frase. Casos como o dativo, indicando o objeto indireto, ou o genitivo, indicando complemento nominal, em português são construídos com a preposição, o que nem sempre ocorre no grego, e nesses casos o tradutor deverá escolher se a preposição em português será agrupada ao verbo ou ao substantivo. Vejamos o exemplo:

Ex.1) ὁ δὲ Τεύθραντι τῷ Τευθρανίας ἔδωκεν αὐτὴν δυνάστη, κἀκεῖνος γυναῖκα ἐποιήσατο. (Apol. *Biblio.* 2.7.4) - Ele a entregou a Teutrante, príncipe da Teutrânia, que fez dela sua esposa.

Nessa frase o verbo entregar (ἔδωκεν) é transitivo direto e indireto e esta última função é exercida pelo nome próprio Teutrante (Τεύθραντι), construído no dativo. Dessa forma, no português temos o equivalente na tradução “a Teutrante” e cabe ao tradutor escolher se o “a” será alinhado com o verbo ou com o nome no dativo. Em nosso alinhamento, padronizamos alinhar sempre com o verbo, seguindo os moldes de um dicionário, indicando, em português, que a preposição faz parte de sua regência e, no caso do grego, o usuário poderá identificar que esse equivalente foi construído no dativo.

3.5.5 Mudança no sujeito oracional

Houve casos em que a construção no grego antigo se traduzida literalmente, acarretaria num equivalente pouco usual no português e, por essa razão, por vezes foi necessário modificarmos o sujeito oracional de algumas passagens.

Δηίων δὲ βασιλεύων τῆς Φωκίδος Διομήδην τὴν Ξούθου γαμεῖ, καὶ αὐτῷ γίνεται θυγάτηρ μὲν Ἀστεροδία (Apol. *Biblio.* 1.9.4) - Déion, que governava a Fócida, casou-se com Diomedes, filha de Xuto, e deu à luz sua filha Asteródia [...]

Literalmente, nessa frase a construção seria “[...] a ele nasceu sua filha Asteródia [...]” por conta do emprego do dativo em αὐτῷ (a ele) + o sujeito no

nominativo θυγάτηρ (filha), conhecido como “dativo de posse” no grego. Como a construção literal soa pouco usual em português, o dativo do grego transforma-se no sujeito na tradução, resultando na oração “ele deu à luz [...]”. Casos como esse são muito frequentes no grego e com esse alinhamento fica clara ao usuário a alternância da construção original com relação à forma traduzida.

3.5.6 União de sentidos

Resta ainda destacarmos um último item pertinente ao processo tradutório grego-antigo português que tem a ver com o emprego de alguns termos. Muitas vezes, ao longo da tradução, uma língua pode soar redundante ou com excesso de informações, no sentido de que, literalmente, a sequência de palavras, verbos e complementos, por exemplo, trazem uma repetição de sentido na língua alvo, no caso, o português, ou podem ser substituídas por expressões menores equivalentes.

αἱ δὲ μεθ’ ὀπλων ἐπὶ τὴν ναῦν κατέθειον σὺν ἵπποις. (Apol. Biblio. 2.5.9) - Armadas, as amazonas cavalgaram em direção ao barco.

Nesse exemplo, o verbo κατέθειον significa *avançar* ou *investir contra*, e vem acompanhado da preposição σὺν (com) + ἵπποις (cavalos), portanto, literalmente, *avançar com cavalos*. Na tradução, optamos pelo verbo cavalgar, compilando esses três termos num único equivalente no português. De modo semelhante ao caso das expressões, o verbo e seu complemento devem ser alinhados como um único item lexical e, em seguida, assinalado seu equivalente na outra língua.

A importância dos detalhes dessas etapas é padronizar as etapas do alinhamento para incorporar outras traduções no futuro e, também para um banco de dados digital, uniformizar os trabalhos com os demais colaboradores. Uma vez feitos esses comentários, a última etapa consiste, justamente, em exportar os arquivos de alinhamento, salvos em formato XML, a um servidor, a fim de disponibilizá-los na rede para que usuários o acessem. Lançados no servidor, eles estarão disponíveis separados por livro, capítulo e seção, conforme o texto grego, além de estarem alinhados aos termos equivalentes em português e com uma análise morfológica disponível. Na próxima seção serão feitos os últimos comentários acerca da inclusão de notas, a fim de tornar nossa tradução também uma edição comentada.

3.6 O engine de busca e a edição comentada

Embora *Biblioteca* não contasse com uma versão em português quando iniciamos esta pesquisa, em outras línguas há outras traduções e, dentre elas, destaca-se a de Frazer (1921), em inglês, por diversos motivos do ponto de vista tradutório e também pela quantidade de notas e comentários em sua edição, tornando o texto extremamente completo. Todo esse trabalho se deve à enorme bagagem cultural do tradutor, que não dispunha de computador para fazer suas pesquisas em busca de referências cruzadas e elaborou um manual comentado de extrema qualidade. Por essa razão, fazer uma edição comentada de Apolodoro é, muitas vezes, revisitar as próprias notas dadas por Frazer (1921).

Além do texto anotado e da tradução alinhada, como última inclusão em nossa biblioteca digital de Apolodoro, optamos por colocar justamente o resultado do método de geração automática de referências (capítulo 4), para incorporar não só um sistema de busca que facilita o usuário explorar o *corpus* digitalizado, mas também uma edição comentada da obra, em português. O *engine* de busca funciona da seguinte maneira: na página principal, o usuário pode digitar qualquer palavra para buscar na obra de Apolodoro. O campo de busca não se limita a uma palavra por vez, ou seja, o usuário pode procurar mais de um vocábulo, separando-os por vírgulas, conforme mostramos na imagem a seguir.

Corpus Viewer > Citation Search

Enter Greek words (separated by comma(,)):

Result for citation search by words: Ἡρα, Ζεύς

Processing time
Word searching: 0.0064418315887451 sec
Sentence grouping: 1.9097979068756 sec
Sentence content retrieval: 0.07219386100769 sec
Target word labeling: 0.030305147171021 sec

#	No. of keywords found	Corpus	Sentence(Section and Content)
1	11	Apollodorus, Library and Epitome	6.1 περὶ μὲν οὖν Δήμητρος ταῦτα λέγεται· Γῆ δὲ περὶ Τιτάνων ἀγανακτοῦσα γεννᾷ Γίγαντας ἐξ Οὐρανόων , μεγέθει μὲν σωματίων ἀνυπερβλήτους , δυνάμει δὲ ἀκαταγωνίστους , οἱ φοβεροὶ μὲν ταῖς ὄψεσι κατεφάνοντο , καθεμμένοι βαθειαν κόμην ἐκ κεφαλῆς καὶ γενεῶων , εἶχον δὲ τὰς βάσεις φολίδας δρακόντων . ἐγένοντο δὲ , ὡς μὲν τινες λέγουσιν , ἐν Φλέγρας , ὡς δὲ ἄλλοι , ἐν Παλλήγη . ἠκόντιζον δὲ εἰς οὐρανόων 1 -- > πέτρας καὶ δοῦς ἡμίνας . διέφερον δὲ πάντων Πορφυρίων τε καὶ Ἀλκυονεύς , ὅς δὴ καὶ ἀθάνατος ἦν ἐν ἡπὲρ ἐγεννήθη γῆ μαχόμενος . οὗτος δὲ καὶ τὰς Ἥλιου βόας ἐξ Ἐρυθείας ἤλασε . τοῖς δὲ θεοῖς λόγιον ἦν ὑπὸ θεῶων μὲν μηδὲνα τῶν Γιγάντων ἀπολέσθαι δύνασθαι , συμμαχοῦντος δὲ θνητοῦ τινος τελευτήσῃ . αἰσθημένη δὲ Γῆ τοῦτο ἐζήτηε φάρμακον , ἵνα μὴ ὑπὸ θνητοῦ δυνηθῶων ἀπολέσθαι . Ζεὺς δ' ἀπειπὼν φαίνεται Ἴοι τε καὶ σελήνη καὶ Ἥλιος τὸ μὲν φάρμακον αὐτὸς ἔτεμε 1 -- > φθάσας , Ἡρακλέα δὲ συμμαχον δι' Ἀθηνᾶς ἐπεκαλέσαστο . κάκεινος πρῶτον μὲν ἐτόξευσεν Ἀλκυονέα· πίπων δὲ ἐπ' τῆς γῆς μάλλον ἀνεθάλετο· Ἀθηνᾶς δὲ ὑποθεμένης ἔξω τῆς Παλλήνης 2 -- > εἵλυσεν αὐτόν . 6.2 κάκεινος μὲν οὕτως ἐτελεύτα , Πορφυρίων δὲ Ἡρακλεὶ κατὰ τὴν μάχην ἐφόρησε καὶ Ἴοι . Ζεὺς δὲ αὐτὸ πόθον Ἴοας ἐνέβαλεν , ἦις καὶ καταρρηγνόντος αὐτοῦ τοὺς πέπλους καὶ βιάσασθαι θέλοντος βοηθοῦς ἐπεκαίετο· καὶ Διὸς κεραυνώσαντος αὐτόν Ἡρακλῆς τοξεύσας ἀπέκτεινε . τῶν δὲ λοιπῶν Ἀπόλλων μὲν Ἐφιάλτην τὸν ἄοιστροὸν ἐτόξευσεν ἀφθολόν· Ἡρακλῆς δὲ τὸν δεξιόν· Εἴλοισεν δὲ θύσασα Λιόνισας ἔκτεινε

Corpus Viewer > Citation Search

Enter Greek words (separated by comma(.)): Ζεύς

Enviar dados Restaurar valores

Result for citation search by words: Ζεύς

Processing time
Word searching: 0.089028120040894 sec
Sentence grouping: 1.5586140155792 sec
Sentence content retrieval: 0.118821144104 sec
Target word labeling: 0.025853157043457 sec

#	No. of keywords found	Corpus	Sentence(Section and Content)
1	10	Apollodorus, Library and Epitome	<p>6.1 περί μὲν οὖν Διμήτρος ταῦτα λέγεται· Γῆ δὲ περὶ Τιτάνων ἀγανακτοῦσα γεννᾷ Γίγαντας ἐξ Οὐρανοῦ , μεγέθει μὲν σομάτων ἀνυπερβλήτους , δυνάμει δὲ ἀκαταγωνίστους , οἱ φοβεροὶ μὲν ταῖς θυσεὶ κατεφαίνοντο , καθεμμένοι βαθεῖαν κόμην ἐκ κεφαλῆς καὶ γενείων , εἶχον δὲ τὰς βάσεις φολίδας δρακόντων . ἐγένοντο δὲ , ὡς μὲν τινες λέγουσιν , ἐν Φλέγρας , ὡς δὲ ἄλλοι , ἐν Παλλήνῃ . ἠρόντιζον δὲ εἰς οὐρανὸν 1 -- > πέτρας καὶ δρυὶς ἡμμένας . διέφερον δὲ πάντων Πορφυρίων τε καὶ Ἀλκυονεύς , ὃς δὴ καὶ ἀθάνατος ἦν ἐν ἧπερ ἐγεννήθη γῆ μαχόμενος . οὗτος δὲ καὶ τὰς Ἥλιου βόας ἐξ Ἐρυθείας ἤλασε . τοῖς δὲ θεοῖς λόγιον ἦν ὑπὸ θεῶν μὲν μηδένα τῶν Γιγάντων ἀπολέσθαι δύνασθαι , συμμαχοῦντος δὲ θνητοῦ πινος τελευτήρειν . αἰσθημένη δὲ Γῆ τοῦτο ἐξήτει φάρμακον , ἵνα μὴδ ὑπὸ θνητοῦ δυνηθῶσιν ἀπολέσθαι . Ζεύς δ ἄπειπὼν φαίνειν Ἥοι τε καὶ σελήνῃ καὶ Ἥλιῳ τὸ μὲν φάρμακον αὐτὸς ἔτεμε 1 -- > φθάσας , Ἡρακλέα δὲ σύμμαχον δι Ἀθηνας ἐπεκαίεσσο . κάκεινος πρῶτον μὲν ἐτόξευσεν Ἀλκυονέα· πῖπτον δὲ ἐπὶ τῆς γῆς μάλλον ἀνεθάλετο· Ἀθηνας δὲ ὑποθεμένης ἔξω τῆς Παλλήνης 2 -- > ἐλκυσεν αὐτόν .</p> <p>6.2 κάκεινος μὲν οὕτως ἐτελεύτα , Πορφυρίων δὲ Ἡρακλεὶ κατὰ τὴν μάχην ἐφόρμησε καὶ Ἡρα . Ζεύς δὲ αὐτῷ πόθον Ἡρας ἐνέβαλεν , ἦρας καὶ καταρρηγνύντος αὐτοῦ τοῖς πέπλους καὶ βιάζεσθαι θέλοντος βοηθοῦς ἐπεκαίετο· καὶ Διὸς κεραινώσαντος αὐτὸν Ἡρακλῆς τοξεύσας ἀπέκτεινε . τὼν δὲ λοιπῶν Ἀπόλλων μὲν Ἐδιδάλτου τὸν αἰοιστεὸν ἐτόξευσεν ὀφθαλμῶν . Ἡσακλῆς δὲ τὸν δεξιόν· Εἰβουτον δὲ θύσσο Λιόνυσσο</p>

Fig. 14 – O engine de busca

Outro mecanismo disponível nessa engine é justamente a possibilidade de o usuário encontrar todas as flexões de nomes e verbos contidas no texto de Apolodoro. Dessa forma, ao digitar Urano (Ουρανός), por exemplo, no campo de busca, nominativo, singular, os resultados da busca serão exclusivamente dessa forma. No entanto, caso o usuário queira encontrar todas as variantes morfológicas para os demais casos: acusativo, genitivo, dativo e vocativo, por exemplo, o sistema faz uma busca com base na equivalência de quantidade de palavras, mecanismo utilizado, inclusive, pelo nosso algoritmo de busca por referências, que será explicado com mais detalhes no capítulo 4 desta tese. Para isso, basta o usuário incluir o radical da palavra, ou seja, digitá-la excluindo-lhe a desinência de caso, trocando-a por um asterisco. Dessa forma, o sistema procurará por todas as palavras cujas letras dos radicais, excluindo os acentos, sejam equivalentes.

Corpus Viewer > Citation Search

Enter Greek words (separated by comma(,)): Οὐραν*

Enviar dados Restaurar valores

Result for citation search by words: Οὐραν*

Processing time		
Word searching:	0.057155847549438 sec	
Sentence grouping:	0.94725394248962 sec	
Sentence content retrieval:	0.13245010375977 sec	
Target word labeling:	0.055612802505493 sec	
# No. of keywords found	Corpus	Sentence(Section and Content)
1 12	Strabo, Geography	2.5.1 ἔπει δὲ τοῖς πρὸς ἐκείνους λόγους συνεχῆς ἔστιν ἡ ἐγγείρησις τῆς ἡμετέρας ὑποσχέσεως , λαβόντες ἀρχὴν ἐτέραν λέγομεν , ὅτι δεῖ τὸν χωρογραφεῖν ἐπιχειροῦντα πολλὰ τῶν φυσικῶς τε καὶ μαθηματικῶς λεγομένων ὑποθέσθαι , καὶ πρὸς τὴν ἐκείνων ὑπόνοιαν τε καὶ πίστιν τὰ ἐξῆς πραγματεύεσθαι . εἰρηται γὰρ , ὅτι οὐδ' οἰκοδόμος , οὐδ' ἀρχιτέκτων οἰκίαν ἢ πόλιν ἰδρῦσαι καλῶς οἷός τε γένοιτ' ἂν ἀπρονοήτως ἔχων κλιμάτων τῶν κατὰ τὸν οὐρανὸν καὶ σπημάτων τε καὶ μεγεθῶν καὶ θάλπους καὶ ψυχους καὶ ἄλλων τοιοῦτων , μὴ τί γε τὴν ὅλην οἰκουμένην τοποθετῶν . αὐτὸ γὰρ τὸ εἰς ἐπίπεδον γράφειν ἐπιφάνειαν μίαν καὶ τὴν αὐτὴν τὰ τε Ἰβηρικὰ καὶ τὰ Ἰνδικὰ καὶ τὰ μέσα τούτων , καὶ μηδὲν ἦττον δύοσις καὶ ἀνατολὰς ἀφορίζειν καὶ μεσουρανήσεις ὡς ἂν κοινὰς πάσι , τῷ μὲν προεπινοήσαντι τὴν τοῦ οὐρανοῦ διάθεσιν τε καὶ κίνησιν καὶ λαβόντι , ὅτι σφαιρικὴ μὲν ἔστιν ἡ κατ' ἀλήθειαν τῆς γῆς ἐπιφάνεια , πλάττεται δὲ νῦν ἐπίπεδος πρὸς τὴν ὄψιν , γεωγραφικὴν ἔχει τὴν παράδοσιν , τῷ δ' ἄλλως , οὐ γεωγραφικὴν . οὐ γὰρ ὥσπερ διὰ πεδίων ἰσοῦ μεγάλων , οἷον τῶν Βαβυλωνίων , ἢ διὰ πελάγους παρίσταται τὰ πρόσω πάντα καὶ τὰ κατόπιν καὶ ἐκ πλάγιων ἐπίπεδα , καὶ οὐδεμίαν ἀντέμφοσιν παρέχει πρὸς τὰ οὐράνια καὶ τὰς τοῦ ἡλίου κινήσεις καὶ σχέσεις πρὸς ἡμᾶς καὶ τῶν ἄλλων ἄστρων , οὕτω καὶ γεωγραφοῦσιν παρίσταται αἰεὶ δεῖ τὰ ὁμοία . ὁ μὲν γὰρ πελαγίμων ἢ οὐδεὶς διὰ χώρας πεδιάδος κοιναῖς τισι φαντασίαις ἄγεται , καθ' ἃς καὶ ὁ ἀπαίδευτος καὶ ὁ πολιτικὸς ἐνεργεῖ ταῦτά , ἄπειρος ὢν τῶν οὐρανίων καὶ τὰς πρὸς ταῦτα ἀντεμφοσεις ἀγνοῶν . ἀνατέλλοντα

Fig. 15 – Nomes próprios no engine

Quando digitamos 'Οὐραν*', o sistema encontra todas as formas de ocorrência dessa palavra no texto de Apolodoro, independente do caso em que se encontram. O mesmo procedimento pode ser feito com os verbos, excluindo as desinências de modo, tempo e pessoa, caso a procura seja por todas as ocorrências. Conforme mencionamos, no caso de uma procura específica por uma ocorrência, basta digitá-la na forma exatamente desejada. Finalmente, além desse sistema de busca, apresentamos também a inclusão de nossa edição comentada no texto. Além das notas de Frazer (1921), adicionamos aquelas que julgamos ser um acréscimo válido à tradução feita por nós e, dessa forma, separamos o *corpus* em sentenças e cada uma das quais foi atribuída, quando possível, uma referência, o que está ligado ao nosso trabalho de geração automática de referências, que será apresentado no capítulo 4 desta tese.

As ferramentas de uma biblioteca digital podem ir muito além do que incluímos na de Apolodoro, e a quantidade de pesquisadores sempre será diretamente proporcional à velocidade de expansão de um domínio assim. No entanto, acreditamos que o que elaboramos aqui seja um importante passo para trabalhos futuros, principalmente para reunir num único domínio os trabalhos que temos em língua clássicas, como traduções, comentadas ou não, anotações etc. Resta ainda uma análise detalhada do procedimento prático que nos levou a elaborar uma edição comentada dessa narrativa, por meio de um método automático de geração de referências literárias presentes no livro, que receberá todo um detalhamento no

capítulo quatro. Antes, contudo, no capítulo seguinte, apresentaremos a análise comparada das ocorrências de voz média em Apolodoro, como precursor do método de geração automática de referências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçamos, neste capítulo, um breve percurso teórico acerca da incorporação de ferramentas tecnológicas nas pesquisas linguísticas, a partir do manuseio de um *corpus* digital voltado para o estudo e tradução de línguas clássicas, como o grego antigo, mostrando como a inclusão digital fomentou novos horizontes nos trabalhos acadêmicos. Também apresentamos os principais bancos de dados digitais dedicados às línguas clássicas e não clássicas, dando ênfase à *Perseus Digital Library*, e os recursos disponíveis nesses domínios, como analisador morfológico, dicionário e tradução, a fim de mostrar seus mecanismos de funcionamento e a forma com que serviram de modelo para nossos trabalhos.

A seguir, mostramos duas das etapas fundamentais na construção na edição digital de Apolodoro: primeiro a etiquetagem em português do texto grego, apresentando as terminologias que utilizamos para as análises morfológicas e como cada classe de palavras estará disponível na edição digital de *Biblioteca*; em segundo lugar, o editor de alinhamento de traduções do *Alpheios*, apresentando a proposta dessa plataforma e seus recursos, além de tratarmos de algumas das particularidades desse processo de alinhamento, como o emprego pronominal; mudança do sujeito oracional; regência e união de vocábulos num único significado na tradução.

Com efeito, nosso intuito, neste capítulo, foi mostrar novos horizontes para as pesquisas acadêmicas envolvendo línguas, enfatizando o fato de todos os recursos e mecanismos aqui apresentados podem ser exportados para qualquer objeto de estudo, seja ele uma língua clássica ou não clássica. No capítulo a seguir (3), trataremos da análise comparada das ocorrências de voz média em Apolodoro, primeiro passo para a escolha do algoritmo de busca de referências que será apresentado nesta tese.

Capítulo 3 – A semântica da tradução dos verbos médios no grego antigo: classificação e análise comparada de seus empregos.

Após a discussão acerca da voz média do seu ponto de vista teórico, construindo um percurso em relação aos estudos linguísticos que a escolheram como objeto de estudo e apresentar nossa metodologia de pesquisa, o próximo passo é analisar a tradução desse emprego verbal do grego antigo e como seu principal traço semântico pode ou não ocorrer na versão em língua portuguesa de um texto. É evidente que numa tradução não será sempre possível levar à língua alvo tudo aquilo que uma análise linguística aprofundada aponta como traços particulares de uma determinada estrutura verbal. No entanto, como no caso do grego antigo, diante da possibilidade de três construções de vozes verbais (ativa, média ou passiva), a escolha do autor por usar a voz média tem sua motivação (com exceção dos casos em que a voz média seja a única opção lexical da língua, como no caso dos verbos depoentes, os quais serão abordados ainda neste capítulo) é, portanto, compromisso de um tradutor tentar transportar da língua fonte à língua alvo essas escolhas particulares do autor da obra original.

Com base nos critérios elencados por Allan (2003), segundo o qual a voz média grega é uma rede polissêmica de significados inter-relacionados, de modo que a interseção existente entre os diversos usos da voz média é o traço *afetação do sujeito*, optou-se por atribuir uma nova terminologia a esses conceitos. Então, a partir de exemplos contextualizados, será mostrado como cada uma dessas categorias da voz média pode ser definida e ocorre no texto grego e, por conseguinte, como pode ser traduzida para o português. Cabe ressaltar que a escolha por reformular as categorias de Allan (2003) é justificada por duas razões: primeiro, o autor em questão propõe onze grupos para classificar a medial, o que torna o trabalho de categorização bastante difícil, do ponto de vista prático. Segundo, dentre os onze grupos, alguns compartilham tantas semelhanças, que não fica claro o limite que as separa e, por essa razão, poderiam muito bem ser vistos e compreendidos como uma única categoria.

Com efeito, neste segundo capítulo, foram estabelecidas sete seções em que será detalhada cada uma das possibilidades de emprego da voz média e como essas ocorrências são justificadas na língua grega, a partir de exemplos contextualizados extraídos da obra *Biblioteca* de Apolodoro. Os empregos da voz média discutidos em

suas respectivas seções serão: a) processos (2.1); b) processo mental (2.2); c) reflexiva (2.3); d) deslocamento (2.4); e) recíproca (2.5); f) perceptiva (2.6) e g) ato de fala (2.7).

3.1.PROCESSOS

Já chamada de anticausativa (Geniusiene 1987, Haspelmath 1987, Andersen, 1989), de processo decausativo (Gerritsen 1990) e pseudo-passiva (Rijksbaron 1994), essa classificação é derivada das categorias média-passiva e processo espontâneo de Allan (2003), que se apropriou da terminologia empregada por Kemmer (1994), e abarca construções bastante recorrentes no grego antigo. De maneira geral, o papel semântico do sujeito nessa construção pode ser *paciente* ou *experenciador* e o processo expresso pelo verbo é provocado por um agente externo que pode ou não ser denominado na oração. Dessa forma, mesmo que o agente esteja explícito na oração, permanece a noção de sua existência, isto é, na frase, normalmente, fica clara a presença de um agente externo, mesmo que não enfatizada. Do ponto de vista da tradução, essas ocorrências, em português, podem ser traduzidas de duas formas: a) em construções classificadas como passivas em nossa gramática, podendo contar ou não com a presença de um agente da passiva, tal qual representado na seguinte construção em grego:

- ὁ μὴ δαρεῖς ἄνθρωπος οὐ παιδεύται (Men. Mon. 422) - O homem que **não tenha sido criticado, não será instruído.**

Nesse primeiro exemplo, um provérbio do grego antigo, há um agente genérico, que geralmente é deixado implícito, embora concebido, devido à semântica lexical inerente aos verbos δέρω e παιδεύω, que denotam eventos iniciados externamente. Nesse contexto, bastante comum com base no levantamento de nosso *corpus*, não nos parece adequado traduzir para o português para uma construção ativa, uma vez que isso prejudicaria a mensagem contida no provérbio. Ao longo do levantamento de ocorrências em Apolodoro, dentre os exemplos mais recorrentes do emprego de processos com tradução para a voz passiva do português, temos:

a) λέγεται δὲ καὶ τὴν Χίμαιραν ταύτην **τραφήναι** μὲν ὑπὸ
Ἀμισωδάρου (Apol. *Biblio.* 2.3.2)

It is said, too, that this Chimera **was bred** by
Amisodares

Se dice también que la Quimera **había sido**
criada por Amisodaro

On rapporte qu'elle **avait été** pour Amisodore

Conta-se que a Quimera **fora criada** por
Amisódaros.

b) τούτου δ' ὄντος ἡμερῶν ἑπτὰ παραγενομένης τὰς μοίρας φασὶν
εἰπεῖν, ὅτι τότε τελευτήσει Μελέαγρος, ὅταν ὁ **καιόμενος** ἐπὶ τῆς
ἑσχάρας δαλὸς κατακαῆ. (Apol. *Biblio.* 1.8.2)

It is said that, when he was seven days old, the
Fates came and declared that Meleager should die
when the brand burning on the hearth **was burnt**
out.

Cuentan que al cumplir siete días se presentaron
las Moiras y declararon que Meleagro moriría
cuando el tizón que ardía en el hogar **se**
consumiese

Quand il eut sept jours, on raconte que les
Destinées se présentèrent et dirent <que>
Méléagre mourrait quand le tison qui brûlait dans
l'âtre aurait fini de **se consumer**.

Dizem que com sete dias, as Moiras chegaram e
disseram que Meleagro morreria, quando a marca
de fogo inflamada sobre a lareira **fosse queimada**
por completo.

c) τοῦτο ἀκούσας ὁ Ἡρακλῆς εἰς Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ
προσταττόμενον ὑπὸ Εὐρυσθέως ἐτέλει. (Apol. *Biblio.* 2.5.1)

When Hercules heard that, he went to Tiryns and
did as he **was bid** by Eurystheus.

Al oír aquello, Heracles marchó a Tirinto y
cumplió lo **mandado** por Euristeo.

A ces mots, Héraclès alla à Tirynthe et accomplit
ce que **commandait** Eurysthée.

Após ouvir isso, Héraclès foi para Tirinto e
realizou aquilo que **fora ordenado** por Euristeu.

No primeiro exemplo, temos a presença explícita de um agente da passiva. Nos exemplos **b** e **c**, no contexto, os verbos **καιόμενος** e **προσταττόμενον** implicam a existência de um agente iniciador externo e, uma vez que os agentes da passiva são *animados* e *humanos*, seu emprego se constrói no genitivo, tal qual nos dois primeiros exemplos.

- [...] καὶ ξενίζεται παρὰ ἀνδρὶ χερνήτη Μολόρχῳ [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.1)

[...] and lodged at the house of a day-laborer, Molorchus.	[...] se hospedó en casa de un jornalero llamado Molorco.
[...] Il y est l'hôte d'un pauvre Molorcos.	trava [...] e foi recebido pelo pobre trabalhador Molorco.

Ainda nessa categoria, há verbos em grego que, em português, também são classificados pelos verbos considerados de processo em nossa língua. Segundo Chafé (1979) e Borba (1996), os verbos podem ter quatro classificações sintático-semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Os verbos de processo, foco deste trabalho, são aqueles que expressam um ou mais eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experienciador*. Em Apolodoro, as ocorrências encontradas foram:

ἀπόλλυμαι <i>morrer, perecer</i>	γίγνομαι <i>nascer, tornar-se</i>
τρέφομαι <i>crescer</i>	φύομαι <i>nascer</i>
καίομαι <i>queimar</i>	ξηραίνομαι <i>secar</i>
πήγνυμαι <i>emperrar</i>	ρήγνυμαι <i>quebrar</i>
ἀφανίζομαι <i>desaparecer</i>	φαίνομαι <i>aparecer</i>

Esses verbos médios do grego são traduzidos para o português também por verbos de processo e, mais importante, acarretarão em frases em que o sujeito

oracional terá o papel semântico de *agente* ou *experienciador*, conforme demonstrado nos exemplos a seguir:

- [...] καὶ διώξας αὐτὸν ἔκ τινος λόχμης μετὰ κραυγῆς, εἰς χιόνα πολλὴν **παρειμένον** εἰσωθήσας ἐμβροχίσας τε ἐκόμισεν εἰς Μυκῆνας. (Apol. *Biblio.* 2.5.4) – De uma moita, perseguindo a criatura aos gritos, empurrou o animal já cansado para a **esparramada** neve espessa, então o amarrou e o levou para Mícnas.
- ταύτην ἰδὼν **ἐκκειμένην** Ἡρακλῆς ὑπέσχετο σῶσειν [...](Apol. *Biblio.* 2.5.9) - Após vê-la **exposta**, Héracles prometeu salvá-la.
- Ἐρύθεια δὲ ἦν Ὠκεανοῦ πλησίον κειμένη νῆσος, ἣ νῦν Γάδειρα **καλεῖται** (Apol. *Biblio.* 2.5.10) – Eritéia era uma ilha situada próximo do Oceano, a qual agora **se chama** Gadeira.

Conforme representado pelos exemplos, os verbos construídos na voz passiva se diferem pela presença ou não do agente externo. Quando ausente, os verbos dessa categoria podem ser divididos em quatro grupos, sendo eles: a) envolvendo entidades orgânicas; b) envolvendo entidades inorgânicas; c) mudança de propriedade física; aparecer e desaparecer e d) de acontecer e ocorrer.

3.2. MÉDIA COMO PROCESSO MENTAL

Embora Allan (2003) diferencie um processo mental de uma atividade mental principalmente pelo traço +/- *volição*, as categorias foram inseridas aqui num único grupo, uma vez que os limites entre as duas categorias não são tão evidentes ao se analisar seu emprego nos textos gregos. Dessa forma, o processo mental é uma construção em que o sujeito oracional experimenta uma afetação mental e, por conseguinte, assume o papel de *experienciador*. Dentre os verbos recorrentes em nosso *corpus* de análise, temos:

αἰσχύνομαι *estar envergonhado* ἔλπομαι *esperar, temer*

κήδομαι <i>preocupar-se</i>	λανθάνομαι <i>esquecer</i>
μιμνήσκομαι <i>lembrar-se</i>	ὀργίζομαι <i>irritar-se com</i>
πείθομαι <i>obedecer</i>	φοβέομαι <i>ser atemorizado</i>
ἄγαμαι <i>admirar</i>	ἔραμαι <i>amar</i>
μαίνομαι <i>enfurecer-se</i>	λογίζομαι <i>calcular</i>

Em Apolodoro, as ocorrências de processo mental não são menos recorrentes, se comparadas aos outros empregos. O traço de *afetação do sujeito*, na listagem acima, ficaria evidente pela presença de muitos pronomes reflexivos, porém em nosso *corpus* os exemplos de verbo não apresentaram essa marcação morfológica.

- παρὰ δὲ τούτου τὰ περὶ τὴν Ἰόλην Δηιάνειρα **πυθομένη**, καὶ δείσασα μὴ ἐκείνην μᾶλλον ἀγαπήσῃ, νομίσασα ταῖς ἀληθείαις φίλτρον εἶναι τὸ ῥυέν αἶμα Νέσσου, τούτῳ τὸν χιτῶνα ἔχρισεν [...] (Apol. *Biblio.* 2.7.7)

From him Deianira learned about Iole, and fearing that Hercules might love that damsel more than herself, she supposed that the spilt blood of Nessus was in truth a love-charm, and with it she smeared the tunic.	Por él Deyanira supo de Yole y, temerosa de que Heracles la prefiriese, creyendo que la sangre vertida por Neso era realmente un filtro amoroso, untó con él la túnica
--	---

Déjanire, apprenant de Lichas ce qui concernait Iole, craignit qu' Héraclès n'aimât Iole plus qu'elle et, persuadée que le sang qui avait coulé de Nessos était vraiment philtre d'amour, elle en enduisit la tunique.	Dele Dejanira ficou sabendo a respeito de Iole e com receio de que Héraclès a amasse mais que a ela, acreditando que o sangue de Nesso derramado fosse um filtro amoroso, untou-lhe a túnica com ele.
---	--

Nesse primeiro exemplo, o verbo assinalado em grego, **πυθομένη**, *ficar saber, informar-se*, evidencia uma afetação mental, ou seja, algum acontecimento que afeta o sujeito emocionalmente. A marca da medialidade nessa situação é bem sutil; do ponto de vista da tradução, a ideia central é marcar que a afetação mental nunca parte de um agente externo, ou seja, ela é resultado de uma atitude do próprio sujeito, que acaba afetado. Nesse sentido, o verbo deve salientar essa independência do

sujeito. No trecho em questão, há duas maneiras de marcar essa medialidade: com o verbo *saber*, que indica que o próprio sujeito tomou consciência do ocorrido, ou com o uso do pronome reflexivo *se*, numa construção como *informar-se*, reafirmando a presença do traço afetação. Já no segundo exemplo, encontra-se a seguinte ocorrência:

- Δηιάνειρα δὲ **αἰσθομένη** τὸ γεγονὸς ἑαυτὴν ἀνήτησεν. (Apol. *Biblio.* 2.7.7)

Deianira, **on learning** what had happened, hanged herself. Deyenira, **enterada** de lo sucedido, se ahorcó.

Déjanire, quand elle **apprit** ce qui s'était passé, se pendit. Dejanira, **ao tomar consciência** do ocorrido, enforcou-se.

O verbo **αἰσθομένη** é depoente, ou seja, só ocorre na forma média. Nesse caso, a *afetação do sujeito* é marcada por construções que reforcem esse processo mental. “Consciente”, “inteirada” ou “ciente de” são empregos que denotam essa experiência vivida pelo sujeito e, por conseguinte, remontam ao emprego da média do texto original. No caso dos trechos traduzidos, as versões em inglês, espanhol e português procuram manter essa noção de que o sujeito soube de um evento que o abalou emocionalmente; em francês, o tradutor prefere o uso do verbo *apprendre* como primeira acepção para essa ocorrência de voz média. Nesse caso, a afetação mental ganha mais ênfase na dependência de um agente externo. A grande maioria dos verbos de atividade mental foi empregada no particípio pelo autor e, muitas vezes, acaba traduzida por um adjetivo, indicando esse estado de espírito temporário do sujeito. Com efeito, mais importante para esses verbos, o tradutor deve ficar atento ao papel semântico de *experienciador* do sujeito oracional e deixar claro que essa afetação mental é provocada por um agente externo. Na próxima seção será debatida a categoria da média reflexiva, o emprego que mais se aproxima das construções reflexivas nas línguas modernas.

3.3) MÉDIA REFLEXIVA

O papel semântico do sujeito de uma frase com um verbo médio reflexivo em grego prevalece como de *experienciador* ou de *beneficiário*, mas também, em menor frequência, de *recipiente*. Allan (2003) separa esse grupo em dois, em média reflexiva direta e indireta, distintas pelo papel semântico do sujeito oracional e também pelo

fato de que na direta, o sujeito realiza a ação com as próprias mãos ou esse processo é realizado nele. Ocorre que esse tipo de emprego da média é o mais comum no texto de Apolodoro e sempre apresenta um sujeito que, de alguma maneira, é afetado ou extrai benefício do processo ou ação expressa pelo verbo. Do ponto de vista da tradução, essa categoria é comumente traduzida numa construção associada ao pronome reflexivo. No caso das línguas latinas, o *se* aparece com frequências nas versões traduzidas, enquanto que no inglês surgem as formas *himself* e *herself* do pronome, conforme demonstrado nos exemplos a seguir:

- καὶ χειρωσάμενος τὸν λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι. (Apol. *Biblio.* 2.4.10)

And having vanquished the lion, he **dressed himself** in the skin and wore the scalp as a helmet. Cuando hubo cazado al león, **se cubrió** con la piel y usó las fauces como casco.

Il vainquit le lion et **se revêtit** de sa peau, en utilisant sa gueule béante comme casque. Hércules derrotou o leão, **vestiu-se** com a pele dele e usou a cabeça boquiaberta do animal como elmo.

O verbo em destaque é *vestir-se* e pode ser considerado um exemplo prototípico dessa categoria. Em todas as traduções, o pronome reflexivo se faz presente para distinguir o ato de vestir alguém, numa construção transitiva direta, da forma reflexiva “vestir-se”. O *se*, portanto, aparece em todas as traduções latinas e na forma *himself*, na versão inglesa. Num outro exemplo semelhante, temos um verbo de mesma categoria no grego, porém nem todas as traduções fizeram uso do pronome reflexivo para traduzir a média, conforme mostrado no próximo exemplo:

- οὗτος Ἡρακλεῖ μὲν ὄπτὰ παρῆχε τὰ κρέα, αὐτὸς δὲ ὠμοῖς ἐχρῆτο. (Apol. *Biblio.* 2.5.4)

He set roast meat before Hercules, while **he himself ate** his meat raw. Éste ofreció a su huésped carne asada mientras que **él la comía** cruda.

Le Centaure lui servit des viandes cuites tandis que **lui-même mangeait** des viandes crues. Ele ofereceu a Hércules um grelhado e ele próprio se **serviu** de carne crua..

Dentre as quatro traduções desse trecho, a versão em português opta pela forma *servir-se*, a fim de reforçar o valor medial presente no original do grego. Mecanismo semelhante é encontrado no inglês, que opta pela construção do verbo junto com o pronome *himself*. Já em espanhol, não há nenhum traço de medialidade presente na tradução, enquanto que a versão francesa fica no meio termo das outras, optando pela forma *ele mesmo* como maneira de salientar, do ponto de vista semântico, o traço da medialidade. Há casos, contudo, em que essa construção por meio do pronome reflexivo em português não será possível, embora no contexto o sujeito realize a ação sobre seu corpo, um exemplo característico da média reflexiva, tal qual demonstrado no exemplo abaixo:

- [...] καὶ **θέμενος** ἐπὶ τῶν ὤμων ἐκόμιζεν εἰς Κλεωνάς [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.1)

[...] so **laying it on** his shoulders he carried it to Cleonae. [...] luego lo **cargó sobre** sus hombros hasta Cleonas.

[...] puis il **a mit sur** ses epaules et la rapporta à Cléonai Em seguida, Héracles o **colocou** em seus ombros e o levou consigo para Cleonas.

Nessa oração, a ação de colocar algo sobre os ombros é construída na voz média no grego, porém, nas traduções selecionadas, em nenhuma delas aparece um pronome reflexivo, permanecendo, como único traço de medialidade, a presença do pronome possessivo, indicando que a ação foi executada no próprio sujeito. Há outra ocorrência da média reflexiva em que o traço de medialidade não fica claro em todas as traduções, conforme será mostrado no próximo exemplo:

- πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρώωνα παραγενέσθαι εἰς Θήβας Ζεὺς, διὰ νυκτὸς ἐλθὼν καὶ τὴν μίαν τριπλασιάσας νύκτα, **ὅμοιος** Ἀμφιτρώωνι **γενόμενος** Ἀλκμήνην συνευνάσθη [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

But before Amphitryon reached Thebes, Zeus came by night and prolonging the one night threefold he assumed the likeness of Amphitryon and bedded with Alcmena Antes de que Anfitríon regresara a Tebas, Zeus se presentó una noche y, haciéndola durar como tres, yació con Alcmena en figura de Anfitríon

Avant qu'Amphitryon n'arrivât à Thèbes, Zeus y vint une nuit. Il rendit cette unique nuit trois fois plus longue et, sous les traits d'Amphitryon, il partagea la couche d'Alcmène.

Mas antes de Anfitrião chegar a Tebas, Zeus veio durante a noite e, após triplicar sua duração, **assumiu** a forma de Anfitrião e dormiu com Alcmena [...]

Nesse exemplo, a locução verbal “γενόμενος ὅμοιος” foi traduzida, em português como *transformar-se*, a fim de garantir também o traço de medialidade presente no trecho original. Em inglês a tradução optou pela construção *assumiu a forma*; em espanhol, o tradutor escolheu desconstruir o verbo e transformá-lo num advérbio de modo, assim como em francês. Sendo assim, o traço de medialidade foi somente mantido na versão em português e mostra que mesmo na categoria que mais mantém o valor semântico dessa categoria verbal do grego, há casos em que isso desaparece na morfologia. De maneira geral, a média reflexiva tem na sua tradução enfatizado o sujeito beneficiário ou experienciador e a análise mais detalhada desse levantamento será feita mais adiante. Na próxima sequência será debatida a média de deslocamento, uma construção bastante frequente, embora restrita a um pequeno grupo de verbos.

3.4) MÉDIA DE DESLOCAMENTO

No grego antigo, verbos que indicam movimento costumam ser construídos na forma média. Em português, uma possibilidade para a compreensão desse sentido construído na língua helênica pode ser comparada com a construção do verbo *ir* com um pronome reflexivo, “*eu me vou embora agora*”. Embora não muito comum em nossa língua, essa mesma construção já é usual no espanhol “*me vou a salir hoy*”.

a) στρατευσάμενος δὲ Ἐργίνος ἐπὶ Θήβας [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.11)

So Erginus **marched** against Thebes

Ergino **marchó** contra Tebas

Erginos **marcha** contre Thebes

Ergino, então, **marchou** em guerra contra Tebas

Nesse primeiro exemplo, não há nenhuma marcação morfológica que remonte ao uso da voz média do original. A maioria dos verbos de deslocamento em grego

antigo são depoentes, e considerando que Apolodoro é um autor do século II d.C., ou seja, já se situa num momento com vários séculos de produção escrita em grego, é bem provável que o valor médio em oposição à construção ativa desses verbos tenha se tornado menos saliente ou inexistente, após anos de uso. O verbo em questão, “στρατευσάμενος”, não deixa claro o valor semântico da média no texto grego. Caso semelhante ocorre no exemplo a seguir:

- πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρώωνα **παραγενέσθαι** εἰς Θήβας [...](Apol. *Biblio.* 2.4.8)

But before Amphitryon reached Thebes [...]	Antes de que Anfitríon regresara a Tebas [...]
Avant qu’Amphitryon n’arrivât à Thèbes [...]	Mas antes de Anfitríão voltar a Tebas [...]

Nesse exemplo, o verbo *παραγενέσθαι* recebe traduções distintas, como *chegar*, *atingir*, *regressar* e *voltar*, embora todas elas sejam sinônimas nesse contexto. No entanto, novamente não há nenhum elemento morfológico que salienta um traço médio nessas construções. As marcas que definem o deslocamento no grego estão presentes nas versões traduzidas de maneira menos evidente. No entanto, a motivação da média de deslocamento no grego diz respeito à mudança de posição de um sujeito, ou seja, ele é *afetado* porque sai de A para B. Em nossa análise, a média de deslocamento foi a que menos explorou o traço de medialidade e, por vezes, em algumas traduções, foi inclusive omitida do texto, conforme demonstrado no próximo exemplo:

- οὗτος γὰρ **ὄρμώμενος** ἐκ τοῦ Κιθαιῶνος τὰς Ἀμφιτρώωνος ἔφθειρε βόας καὶ τὰς Θεσπίου. (Apol. *Biblio.* 2.4.9)

[...] for that animal, sallying from Cithaeron, harried the kine of Amphitryon and of Thespius	[...] al león de Citerón , que destruía los bueyes de Anfitríon y Tespio
[...] La bête sortait du Citheron pour détruire les vaches d'Amphitryon et de Thespios.	[...] pois esse animal, vindo de Citerão, devastou as vacas de Anfitríão e Téspio.

A construção média *ὀρμώμενος* é um típico exemplo de movimento utilizado por Apolodoro ao longo de sua narrativa. Empregado no particípio com frequência, esse verbo possui uma forma ativa em oposição: pôr algo em movimento contra pôr-se em movimento. Nesse exemplo, o valor médio de *vir* já denota uma construção impossível de ocorrer na ativa, e o valor semântico fica implícito na tradução. Por outro lado, é comum que tradutores omitam esse verbo em alguns momentos, como na versão espanhola, que ao invés de usar “leão vindo, ou que veio, do Citerão” opta por uma elipse, resultando na forma “leão do Citerão”. Conforme ressaltado, de maneira geral, uma vez que no sistema linguístico português o pronome reflexivo não é costumeiramente usado com os verbos intransitivos que denotam deslocamento, a tradução desses verbos para nossa língua permanece como uma construção que pouco indica traços de medialidade. Essa análise de mais ou menos medialidade existente na categoria e também incorporada pelo tradutor será debatida posteriormente. Na seção a seguir será tratada a categoria da média recíproca, emprego também menos recorrente, porém bastante claro quanto aos traços que o definem.

3.5) MÉDIA RECÍPROCA

Em grego antigo, uma construção menos recorrente da voz média, se comparada à reflexiva, envolve verbos que indicam reciprocidade designada pelo verbo e, por conseguinte, há duas entidades envolvidas no processo, sendo que a ação parte de uma delas e retorna para si. O esquema a seguir representa a noção construída por essa categoria da voz média.

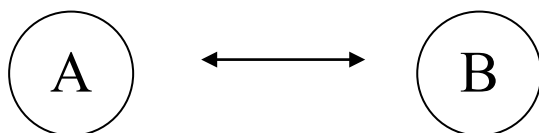


Fig.6 – A voz média recíproca

Segundo Lichtenberk (1985), nos contextos em que existem eventos recíprocos “há dois participantes, A e B, e a relação em que A está para com B é a mesma em que B está para com A”. Consoante Allan (2003), os verbos médios recíprocos em grego são raros, depoentes, na maioria das vezes, e, geralmente, envolvem mais de um participante, um incidindo sobre o outro. A média recíproca é muito similar à reflexiva, diferente apenas no fato de que a primeira, necessariamente,

exige duas entidades no processo, enquanto a segunda, não. Em grego antigo, a reciprocidade é marcada de duas formas, ou pela construção média que abarca o traço de *afetação do sujeito* e, por conseguinte, demarca essa categoria, ou pela presença do pronome ἀλλήλλος, usado em construções de sentido *uns aos outros*. De modo semelhante, nas línguas latinas modernas, essa reciprocidade também pode ser morfologicamente marcada a partir do uso de um pronome reflexivo, como o *se*, ou com as formas *um ao outro*, *um com o outro*. Em francês e em italiano, por exemplo, nas frases *Ils se regardent* e *Loro si guardano* (eles se olham) a reciprocidade aparece marcada pela presença do pronome *se*, e também poderia ser construída com as formas *ἐαυτόν*, *σεαυτόν* e demais declinações. Em português, a mesma possibilidade aparece nas construções: *eles se olharam* e *eles olharam uns aos outros*.

A recíproca, juntamente com a média reflexiva, são as que mais se aproximam dos sistemas reflexivos das línguas moderna, inclusive no português, nas construções com o pronome *se*. Todavia, há diferenças consideráveis entre ambas, sobre as quais afirma Allan (2003):

A média recíproca é semanticamente média já que o sujeito é tanto o *Initiator* quanto o *Endpoint* do evento. Recíprocas são semanticamente relacionadas às reflexivas. Em ambas o sujeito (na maioria das vezes uma entidade animada) realiza a mesma ação pela qual passa; o sujeito é tanto o *Initiator* quanto o *Endpoint*. A diferença entre a média recíproca e a média reflexiva direta é que a primeira envolve uma segunda entidade participante, enquanto a outra, não. A similaridade semântica entre reflexivas e recíprocas é manifestada pelo fato de elas serem formalmente marcadas de forma semelhante em muitas línguas, como em francês, *ils se regardent*. Essa expressão é interpretada como "eles olham entre si", "eles se olham". (ALLAN, 2004, p.61)

A esse respeito, Langacker (1991) faz a seguinte afirmação:

O que motiva a extensão do pronome *se* de um uso reflexivo a um recíproco é a concepção compartilhada do mesmo participante (necessariamente plural no caso de recíprocos) funcionando tanto quanto cabeça quanto cauda da cadeia de ação ou seu análogo¹. (LANGACKER, 1991, p. 370)

Com relação ao emprego desses verbos recíprocos em nosso *corpus*, em Apolodoro podemos encontrar os seguintes exemplos:

¹ Para maiores detalhes acerca da relação entre reflexibilidade e reciprocidade nas línguas, cf. Frajzngier & Curl (2000).

διακοντίζομαι <i>disputar com outro</i>	ἐρίζομαι <i>combater</i>	μάχομαι
<i>com lança</i>		<i>lutar</i>
συγκοιμάομαι - <i>deitar-se com</i>	διαγωνίζομαι – <i>lutar;</i>	
	<i>combater</i>	

Basicamente, houve dois tipos de verbos recíprocos no texto, uma grande maioria que abarca verbos de *combate* e algumas ocorrências de verbos indicativos de relação sexual. O primeiro grupo é o mais prolífico na narrativa de Apolodoro, visto que as guerras e as batalhas são constantes ao longo das descrições que o autor faz das genealogias. Já o segundo tipo é explorado em diversos momentos também, resultado da constante explicação que é dada na obra com relação à vida amorosa de deuses e homens e ao nascimento de semideuses e heróis. Vale salientar que o autor pouco explora um amplo leque de sinônimos desses verbos e também não faz uso em momento algum da forma ἀλλήλλος e um verbo ativo, para atribuir a um trecho o valor recíproco. Do ponto de vista comparado da tradução, abaixo seguem alguns exemplos extraídos de *Biblioteca*.

- συνέβη δὲ κατὰ τὴν μάχην Ἀμφιτρώωνα γενναίως **μαχόμενον** τελευτήσαι (Apol. *Biblio.* 2.4.11)

And it chanced that in the fight Amphitryon fell fighting bravely.	Ocurrió que en la batalla murió Anfítrión luchando valerosamente.
Mais il arriva qu'au cours de la bataille Amphitryon trouva la mort en combattant vaillamment.	Ocorreu que nessa batalha Anfítrião morreu lutando bravamente.

- ἐπειδὴ συλλαβεῖν ἀξιοῦντι Μίνως εἶπεν αὐτῷ λαμβάνειν **διαγωνισαμένῳ**, λαβῶν καὶ πρὸς Εὐρυσθέα διακομίσας ἔδειξε, καὶ τὸ λοιπὸν εἶασεν ἄνετον (Apol. *Biblio.* 2.5.7)

In reply to his request for aid, Minos told him to fight and catch the bull for himself, he	Y al pedir ayuda a Minos éste le contestó que luchara por apresarlo; una vez capturado el toro, Heracles lo llevó a Euristeo, quien al
--	---

caught it and brought it to Eurystheus, and
having shown it to him he let it afterwards go
free.

En réponse à sa demande d'aide, lui eut dit de
combattre le taureau pour son compte et de
le prendre, il le prit, le ramena et le montra à
Eurysthée.

verlo lo dejó en libertad.

Quando pediu ajuda, Minos disse-lhe para
lutar e prender o touro. Capturado o animal,
Hércules o levou e mostrou a Euristeu, que o
soltou em seguida

Ambos exemplos usam o verbo *lutar* sem nenhuma marca morfológica que poderia assinalar o traço da medialidade.

- [...] εἰπούσης δὲ ὅτι τῇ προτέρᾳ νυκτὶ παραγενόμενος αὐτῇ
συγκεκοίμηται [...] (Apol. *Biblio.* 2.4.8)

[...] and when she told him that he had come
the night before and **slept with** her [...]

[...] al decirle Alcmena que a su regreso la
noche anterior ya **se había acostado con** ella
[...]

[...] et comme elle lui répond que la nuit
précédente, en arrivant, il **a partagé son lit**
[...]

[...] e quando ela lhe contou que ele estivera
na noite anterior e **dormira com** ela [...]

Esse terceiro exemplo é o que mais se aproxima das traduções reflexivas. Em espanhol, a versão traduzida opta pela presença do pronome *se*. A versão francês opta por uma construção mais poética, literalmente, *dividir a cama*, sem o emprego do reflexivo. Em inglês, semelhante ao que foi feito em português, foi usada a forma *dormir com*, que, embora menos direta, que faz alusão direta ao ato sexual.

Os verbos *lutar* e *combater* dispensam, em português, a necessidade do pronome reflexivo *se*, sendo mais comum no sinônimo *enfrentar-se*, que seria mais tipicamente médio. Da mesma forma, o verbo grego συγκοιμάομαι permite tanto a construção *dormir com alguém*, quando a forma com o reflexivo, *deitar-se com*. Mais importante, em ambas as formas, do ponto de vista semântico o conceito da média recíproca permanece, com ou sem a presença do pronome reflexivo. É curioso notar que os verbos que denotam o ato sexual podem ser explorados numa construção mais ativa, *ele se deitou com ela* em detrimento a uma forma mais recíproca, *eles se deitaram, deitaram juntos*. Em nossa tradução para o português, as formas *deitar-se com* e *dormir com* se alternaram de forma equilibrada.

3.6) MÉDIA PERCEPTIVA

A média perceptiva está ligada a eventos em que um sujeito animado percebe um objeto por meio dos órgãos sensoriais. Assim, quem percebe é mentalmente afetado por essa percepção e o sujeito, então, pode ser considerado como um *experienciador*. Verbos de percepção no grego antigo são bastante recorrentes e essas percepções podem ser tanto volitivas como não volitivas, embora as volitivas sejam mais frequentes. A maioria dos verbos perceptivos do grego é de depoentes: estes só possuem formas médias e geralmente alternam seu complemento entre acusativo (quando a percepção parte do sujeito) ou genitivo (quando o sujeito percebe algo vindo de outra entidade). Dentre os verbos encontrados em nosso *corpus*, temos:

αἰσθάνομαι *perceber* ἀκούω *ouvir*
θεάομαι *olhar para* ὁράω *ver*

Apolodoro não explora um variado leque de empregos de verbos perceptivos e as construções pelas quais opta são sempre recorrentes. Embora o traço *afetação do sujeito* fique implícito semanticamente, em português não há nenhuma marca média formalmente assinalada nas orações e a tradução pode ser feita conforme mostrado nos exemplos a seguir.

- ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην Ἡρακλῆς καὶ Φόλον τελευτήσαντα **θεασάμενος**, θάψας αὐτὸν [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4)

So when Hercules returned to Pholoe, he **beheld** Heracles, de regreso a Fóloe, **encontró a** Folo Pholus dead; and he buried him [...] muerto y después de enterrarlo [...]

Lorsqu' Héraclès, revenue au Pholoé, **voit** que Ao retornar a Fóloe e **ver** Folo morto, Héraclès Pholos est mort, l'avoir enseveli [...] enterrou-o

Nesse primeiro exemplo, o verbo em grego é θεάομαι, uma escolha motivada por parte do autor, já que existe uma forma ativa em oposição à média, assim como outros verbos sinônimos em forma ativa, como ὁράω. Do ponto de vista da tradução, verbos perceptivos nas línguas modernas selecionadas não costumam apresentar

nenhuma marcação morfológica quanto à presença ou não de medialidade. Há formas em que verbos de percepção são reflexivos, como em *ele se viu no espelho; nós nos olhamos*. Porém excluindo exemplos em que essa marca é reflexiva, a percepção por si só não aparenta demonstrar algum traço médio. É relevante salientar que em inglês, francês e português, foi mantido o sentido original do verbo, *ver*, sem marcação morfológica, mantendo, contudo, o valor médio do original. A versão em espanhol, por sua vez, opta por utilizar a formar *encontrar a*, criando uma sutil diferença quanto ao significado do verbo. Situação semelhante ocorre em outro momento do texto, transcrito a seguir.

- [...] καὶ μετ' οὐ πολὺ τῆς ὀσμῆς αἰσθόμενοι παρῆσαν οἱ Κένταυροι
 [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.4)

[...] and not long afterwards, scenting the smell, the centaurs arrived	[...] no mucho después, atraídos por el olor, acudieron a la cueva de Folo
[...] au bout de peu de temps, les Centaures sentirent l'odeur et se présentèrent	[...] não muito depois de sentir o cheiro, os centauros se aproximaram da caverna de Folo

Nesse último exemplo, o verbo αἰσθάνομαι significa *sentir*. No entanto, ocorre que o traço da medialidade inerente a ele, que justificaria seu emprego no grego, pode ser entendido como incorporado ao sentido do verbo em língua moderna. Novamente,, as traduções inglesa, francesa e portuguesa mantiveram o sentido original do verbo, *sentir*, sem o acréscimo de qualquer marcador morfológico que enfatizasse a ocorrência de um verbo médio.

Cabe ressaltar ainda que com verbos de visão, o objeto percebido vem no acusativo; em *verbos de audição e olfato, o objeto percebido vem no genitivo*. Apolônio Díscolo foi um dos primeiros a tecer comentários a esse respeito:

Também Apolônio observa que há uma diferença semântica entre os verbos de audição, que são construídos com o genitivo, e os verbos de visão, que possuem um acusativo. Em relação aos de audição, o sujeito, de acordo com Apolônio, é passivamente envolvido. O corpo está, ou como se estivesse, penetrado por uma experiência sensorial. Por outro lado, *ver* envolve um sujeito ativo. O sujeito pode controlar o evento ao fechar os olhos. Essas diferenças semânticas são refletidas na sua respectiva construção de casos. (p.70)

A diferença do emprego do acusativo e do genitivo pode estar diretamente relacionada à escolha linguística do falante, diante de seu conhecimento de mundo. No caso de um complemento no acusativo, entendemos que todo o conteúdo sensitivo foi capturado por quem percebe, enquanto que com o genitivo, essa captura parece parcial, o que nos levaria a entender esse genitivo como um partitivo. Na transposição para o grego de uma oração como “*Ouçο uma voz*”, a oposição acusativo/genitivo pode construir a diferença de sentido entre ouvir parcialmente algo ou em toda essência. De acordo com Viberg (1984), verbos de percepção podem ser dispostos em três categorias: a) uma percepção em que o experienciador está ativamente envolvido, *atividade controlada*; b) uma percepção em que o experienciador está envolvido mais passivamente, *experiência não controlada* e c) quando a fonte é assinalada como o sujeito, *construção estativa copulativa, baseada na fonte*². Esse último exemplo é exemplificado pelo autor como *um quadro que parece velho*, porém são exemplos não muito comuns em grego e não aparecem em nosso *corpus*. Verbos de percepção tendem a ser mais volitivos, enquanto que as formas ativas tendem a ser menos volitivas. Quando falamos de volição, indica-se que o processo expresso pelo verbo seja claramente de iniciativa do sujeito. No entanto, uma vez que o traço que define uma ocorrência média o de *afetação do sujeito*, volição, nessa categoria, passa a ser apenas um detalhe decorrente da afetação mental existente nesse processo, porém não um critério fundamental para a compreensão dessa categoria.

3.7) ATO DE FALA

Verbos indicadores de um ato de fala são recorrentes no grego antigo, tanto em formas médias quanto em formas ativas. Essa categoria da medial refere-se a um sujeito que é envolvido no ato de fala de um modo particular. Uma vez que atos de fala são volitivos, o sujeito pode ser considerado *agente*, como também pode ser interpretado como *beneficiário* ou *experienciador* no processo expresso pelo verbo. Em Apolodoro, os verbos desse grupo que aparecem com mais ou menos frequência são:

αἰτιάομαι *acusar*

ἀρνέομαι *recusar*

μέμφομαι *acusar*

²Os termos em itálico são traduções daqueles usados por Viberg (1984), respectivamente: *controlled activity*; *non controlled experience* e *source-based copulative state construction*.

ὀλοφύρομαι <i>lamentar</i>	ὑπισχνέομαι <i>prometer</i>	πυνθάνομαι <i>perguntar</i>
μαντεύομαι <i>profetizar</i>	φθέγγομαι <i>falar em voz alta</i>	ψεύδομαι <i>mentir</i>
εὐχόμαι <i>rezar</i>	ἀμείβομαι <i>responder</i>	

A partir da análise das ocorrências das formas verbais acima, nota-se um predomínio de verbos depoentes nessa categoria. Uma vez que pensamos na escolha de uma forma medial como algo motivado, no caso de haver uma possibilidade de construção ativa no mesmo campo semântico, vale salientar que os verbos com o sentido de *dizer, falar* (ἀγορεύω, λέγω, καλέω) tendem a ocorrer na forma ativa, o que nos permite questionar, então, qual a diferença desses verbos para com as formas médias de ato de fala? A flexão média de verbos de discurso pode ser explicada semanticamente de duas formas. Primeiro, em muitos casos o sujeito pretende ganhar *benefício* do ato de fala, como em ἀράομαι, *desejar que*, εὐχόμαι *pedir algo*, λίσσομαι *implorar*. Esses verbos médios são similares à média reflexiva indireta, na qual, conforme visto anteriormente, ao sujeito pode ser designado o papel semântico de *beneficiário*. Em segundo lugar, muitos verbos médios de discurso implicam um forte – ou pelo menos mental – envolvimento emocional por parte do falante: αἰτιάομαι *acusar*, ὀδύρομαι *lamentar-se*, ὀλοφύρομαι *queixar-se*, o que aproxima essa categoria das fronteiras de um processo mental. O sujeito de verbos de atos de fala emotivos pode ser entendido como aquele que exerce o papel semântico de *experenciador*. De maneira geral, portanto, esse grupo específico do emprego da voz média compartilha características de dois outros grupos, a média reflexiva e a de processo mental, no sentido de apresentar a possibilidade de um mesmo papel semântico ao sujeito oracional. Abaixo, foram extraídos dois exemplos de *Biblioteca* a fim de avaliar a média de ato de fala do ponto de vista da tradução:

- μετ' Ἀπόλλωνος δὲ Ἄρτεμις συντυχοῦσα ἀφηρεῖτο, καὶ τὸ ἱερόν ζῶον αὐτῆς κτείνοντα **κατεμέμφετο**. (Apol. *Biblio.* 2.5.3)

But Artemis with Apollo met him, and would have wrested the hind from him, and **rebuked** Pero Ártemis, acompañada por Apolo, se encontró con él, quiso arrebatársela y le **reprochó**

him for attempting to kill her sacred animal

haber atentado contra un animal consagrado a ella

Mais il rencontra Artémis, accompagnée: elle voulut prendre la biche et **reprocha** de vouloir tuer un animal qui lui était consacré.

Ártemis, em companhia de Apolo, foi ao encontro do herói, tentou tomar-lhe a corça e o **acusou** de tentar matar o sagrado animal dela.

Nesse primeiro exemplo, é relevante apontarmos para o seguinte fato: as versões em inglês, espanhol e francês traduziram a ocorrência média por “reprovar”, enquanto que em português a opção foi por “acusar”. Embora no campo semântico do verbo grego esteja prevista a primeira opção de sentido, a escolha pela segunda se deu por três motivos: primeiro, para a manutenção do sentido médio do original, “acusar” é um verbo prototípico na categoria ato de fala, ao contrário de “reprovar”, que já não estabelece uma relação direta e clara com essa classificação. Em segundo lugar, o contexto da narrativa mostra que o personagem acusado foi levado a julgamento e, por isso, esse sentido nos parece mais apropriado. Em terceiro lugar, os verbos de ato de fala no grego antigo estão, na grande maioria de suas ocorrências, ligados ao contexto judiciário. No caso dessa passagem em específico, a personagem Hércules é conduzida a um julgamento logo em seguida, a fim de comprovar sua inocência no ataque à corça da deusa Ártemis; dessa forma, o verbo “acusar” parece mais apropriado e já em sintonia com o contexto apresentado. No segundo exemplo, dando continuidade a esse trecho da narrativa, há uma maior uniformidade quanto às escolhas feitas pelos tradutores numa situação semelhante:

- ὁ δὲ ὑποτιμησάμενος τὴν ἀνάγκην, καὶ τὸν αἴτιον εἰπὼν εὐρουσθέα γεγονέναι [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.3)

Howbeit, **by pleading** necessity and laying the blame on Eurystheus [...]

Hércules, **alegando** su obligación e inculpando a Euristeo [...]

Il **allégu** la nécessité, dit que le responsable était Eurysthée [...]

Alegando ter sido obrigado e afirmando ser Euristeu o culpado [...]

Nessa passagem, o verbo em grego foi traduzido com o mesmo sentido em todas as versões modernas do texto: *alegar*, visto que suas acepções estão todas relacionadas a um contexto de julgamento. Novamente, essa passagem está dentro do contexto de um julgamento em que Hércules presta sua defesa contra as acusações de Ártemis; por essa razão, *alegar* já se insere nesse contexto de forma adequada,

empregando o devido valor de ato de fala. Conforme visto, a tradução em português não traz nenhuma marcação morfológica que enfatize a noção de medialidade presente no grego antigo na categoria ato de fala.

Especificadas todas essas categorias, antes de detalharmos a ocorrência de cada uma delas, elaborando um mapa semântico com as informações sobre traços da medialidade na tradução, cabe tratarmos, rapidamente, da categoria média de verbos depoentes, tão mencionados ao longo deste capítulo, a fim de mostrar como o principal traço da média, *afetação do sujeito*, está presente mesmo em casos em que essa construção é a única possível.

3.8 VERBOS DEPOENTES

Embora ainda haja algumas divergências entre estudiosos dessa categoria verbal, de maneira geral, verbos depoentes são tratados como uma classe à parte, o que pode ser justificado pelas divergências semânticas encontradas nesses verbos do grego antigo: por exemplo, ἀγωνίζομαι, *competir*; ἀκροάομαι, *ouvir*; ἄλλομαι, *pular*; βούλομαι *querer*; γίγνομαι *nascer, tornar*; δέχομαι, *aceitar*; ἐπίσθαμαι, *saber*; ἐρχομαι, *ir*; εὔχομαι, *rezar*; λογιζομαι *calcular*; πυνθάνομαι, *aprender, ouvir, inquerir*. Salientam-se as diferenças também do ponto de vista morfológico, se pensarmos que as formas aoristas desses verbos ora são sigmáticas, ora passivas ou mesmo atemáticas³. Conforme mencionamos, na maioria das vezes, os verbos depoentes são citados separadamente em métodos de ensino ou mesmo em gramáticas, o que, a princípio, tornaria essa uma categoria particular. No entanto, as definições acerca dos depoentes se restringem, muito frequentemente, ao fato de essas formas verbais não possuírem flexão ativa. Resta a pergunta: os verbos depoentes, embora particulares por não possuírem uma oposição ativa, também são classificados como os demais médios? Segundo Allan (2003), existem problemas na separação dessa classe de verbos. Primeiramente, há um problema quanto ao critério utilizado na análise: de um lado, para verbos médios com oposição ativa, baseia-se no aspecto semântico, por exemplo, a média reflexiva indireta difere pelo traço semântico *sujeito que extrai benefício da ação*, e a forma médio-passiva difere pelo fato de possuir um sujeito cujo papel semântico é de *paciente*. Os verbos depoentes são caracterizados pela não existência

³ Para maior detalhes, cf. Allan (2003) cap.3

de uma forma ativa, critério que se torna ortogonal em relação ao critério semântico utilizado nos verbos médios com oposição ativa. Segundo o autor:

Muitos verbos depoentes são semanticamente muito próximos aos verbos médios com oposição ativa. Não seria, portanto, natural tratá-los como uma classe à parte pela única razão de não possuírem uma forma ativa em oposição. Um bom exemplo é o verbo depoente ἠδομαι, *gostar*, que é semanticamente próximo ao verbo εὐφραίνομαι, *alegrar-se* (que possui a forma ativa causativa εὐφραίνω, *alegrar*) e o verbo homérico τρέπομαι, *alegrar alguém* (com forma ativa causativa τρέπω, *alegrar*) [...]. Verbos depoentes geralmente fazem a mesma escolha tanto para o aoristo sigmático quanto para o aoristo passivo que as formas médias com oposição ativa do mesmo conteúdo semântico. (ALLAN, 2003, p. 35)

Exemplos de verbos depoentes em grego antigo classificados por Allan (2003):

- a) Verbos depoentes com sujeito beneficiário/recipiente: δέχομαι *aceitar/receber*; ἐργάζομαι *trabalhar/fazer*; κτάομαι *adquirir*.
- b) Verbos depoentes de movimento corporal: ἄλλομαι *pular*; ἔπομαι *seguir*; ἔρχομαι *ir*; πέτομαι, *voar*.
- c) Verbos depoentes de emoção e cognição: ἄγαμαι *supor*; ἄχθομαι *estar pesaroso*; βούλομαι *querer*; ἔραμαι *amar*; ἠδομαι *aproveitar*; οἶομαι *pensar*; πυνθάνομαι *aprender/ouvir*.
- d) Verbos depoentes de atividades mentais volitivas: λογίζομαι *calcular*; μηχανάομαι, *conspirar*.
- e) Verbos depoentes recíprocos: ἀγωνίζομαι *disputar*; μάχομαι, *lutar*.
- f) Verbos depoentes de percepção: ἀκροάομαι *ouvir*; δέρομαι *perceber*; θεάομαι *contemplar*; ὀσφραίνομαι *cheirar*; σκέπτομαι *olhar*.
- g) Verbos depoentes de atos de fala: αἰτιάομαι, *acusar*; ἀράομαι, *rezar*; ὀλοφύρομαι *lamentar*; μαρτύρομαι *chamar como testemunha*; μυθέομαι *falar*.

Verbos depoentes com sujeito beneficiário/recipiente são equivalentes aos médios com oposição ativa classificados como reflexivos indiretos. Já os de movimento corporal são equivalentes aos pseudo-reflexivos. Verbos depoentes de emoção e cognição podem equivaler aos pseudo-reflexivos propostos por Rijksbaron (1994) φοβέω *amedrontar*; φοβέομαι *temer*. Por fim, os verbos de (d) a (g) podem ser incluídos como extensões na estrutura polissêmica dos verbos médios com oposição ativa que também recebe essa classificação. Com efeito, em nossa análise, a categoria de verbos depoentes do grego antigo possui, de fato, a particularidade de não apresentar uma forma ativa em oposição; no entanto, essa diferença não se torna

motivo suficiente para classificá-la à parte dos demais verbos médios, uma vez que, do ponto de vista semântico, todos apresentam os mesmos traços que os definem como médios e, por conseguinte, podem se enquadrar num mesmo mapa semântico de classificação.

Finalmente, resta uma última questão acerca da voz média, que envolve a abordagem acerca da *valência* dos verbos. Conforme salientamos, seguimos a ideia de que a voz média apresenta o traço de *afetação do sujeito*, porém, há trabalhos que salientam que a voz média é, na verdade, uma marca de redução na valência, significando que os predicados transitivos são intransitivados pelos morfemas mediais. Segundo Marguilés (1929)

Se assumirmos o fato de que não há um sufixo responsável por tornar intransitivo um verbo, então, não parece muito ousado assumir que a função inicial da média seria a de intransitivar o verbo.⁴ (p.37)

O problema das teorias que tratam da redução da valência para a voz média grega está justamente ligado ao fato de existirem, nessas línguas, os verbos depoentes e, conseqüentemente, verbos médios sem oposição ativa. Ou seja, esses verbos não podem derivar de um predicado ativo, e, por outro lado, relegar esses verbos ao léxico seria negligenciar a unificação da categoria voz média. Além disso, muitos verbos médios em grego são transitivos, tal qual sua oposição ativa, o que enfraquece esse argumento. Cabe ressaltar que a maioria dos verbos médios intransitivos são mais frequentes nos textos do que seu correspondente ativo. Em Heródoto, por exemplo, encontramos a seguinte distribuição:

Verbos ativos transitivos	Verbos médios intransitivos
αἰσχύνω 1	αἰσχύνομαι 3
ἀπαλλάσσω 2	ἀπαλλάσσομαι 86
αὔξάνω 1	αὔξάνομαι 13
ἐγείρω 2	ἐγείρομαι 5
ἔλπω 0	ἔλπομαι 9
ἴζω 1	ἴζομαι 39

⁴Wenn wir bedenken daB es keine idg. sufficalen Intransitivbildungen gibt, dann scheint es nicht zu gewagt, anzunehmen, daB die ursprüngliche Funktion der Medialendungen die Intransitivierung war.

ἴστημι 47	ἴσταμαι
κῆδω 0	κῆδομαι 7
κομίζω 40	κομίζομαι 26
λείπω 36	λείπομαι 16
λυπέω 6	λιπέομαι 2
μιμνήσκω 0	μιμνήσκομαι 30
ὀρμάω 2	ὀρμάομαι 93
παύω 14	παύομαι 45
πείθω 47	πείθομαι 95
πορεύω 0	πορεύομαι 75
σήπω 0	σήπομαι 4
στέλλω 9	στέλλομαι 20
τήκω 2	τήκομαι 3
τρέπω 8	τρέπομαι 94
τρέφω 15	τρέφομαι 11
φαίνω 14	φαίνομαι 141
φοβέω 2	φοβέομαι 21
φύω 8	φύομαι 28
φέρω 118	φέρομαι 16
ψεύδω 0	ψεύδομαι 8

Tabela 4 – Os verbos depoentes em Heródoto, extraídos da Perseus Digital Library

Os dados acima, uma vez que mostram que na maioria dos exemplos a construção média intransitiva é mais frequente do que a ativa, afastam a hipótese de que, então, esses verbos seriam derivados de ativos transitivos. Dessa maneira, essa maior incidência dos intransitivos sugere que a forma média estivesse presente o ou um dos empregos originais do verbo.

3.9 LEVANTAMENTO DAS OCORRÊNCIAS DE VOZ MÉDIA EM APOLODORO – ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE TRADUÇÃO

Dando sequência à análise da voz média, o próximo passo é justamente fazer o levantamento dessas ocorrências no texto de Apolodoro, separando-as nas categorias debatidas previamente, neste capítulo, para, então, fazermos uma análise das características que a definem do ponto de vista tradutório e se os tradutores de língua

moderna salientam os traços médios que definem seu emprego. A obra *Biblioteca*, de Apolodoro, possui um total de 35.180 palavras⁵, dentre as quais 4070, excluindo as repetições, enquanto apenas 802 aparecem uma única vez. Quanto à densidade lexical, dividindo os dois primeiros valores, temos um resultado de 8,6, ou seja, uma palavra nova a cada 8,6 repetidas. Um problema enfrentado no grego antigo no uso dos *softwares* com que trabalhamos refere-se à lematização, isto é, reunir todas as flexões de uma palavra numa única forma, o lema, o que dificulta, por exemplo, encontrar se um verbo é médio ou ativo, quando não for uma forma depoente. Quanto aos verbos médios, foram encontradas 1251 ocorrências e, sobre esses resultados, apresentamos algumas tabelas a seguir:

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	PORCENTAGEM
Processos	398	32%
Processo Mental	83	7%
Deslocamento	228	19%
Recíproca	43	3,5%
Perceptiva	36	3%
Ato de Fala	65	5,2%
Reflexiva	399	32%
Total de de ocorrências	1251	100%

Tabela 5 – Total de ocorrências de verbos médios em Apolodoro

Nessa primeira contagem, foi feito um cálculo básico, contando todas as ocorrências classificadas como média e sua porcentagem no total de ocorrências da obra. Nessa exposição, nota-se o predomínio da Reflexiva Indireta, seguida pelo Processo Espontâneo e a Movimentação Corporal. Essa contagem, no entanto, não desconsidera a repetição de lemas, tampouco as formas depoentes, isto é, aqueles que só possuem forma média e, conseqüentemente, não dariam ao falante do grego antigo

⁵ Dados extraídos da Perseus Digital Library.

a opção de uma construção ativa. Nessa nova verificação, encontramos os seguintes resultados:

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	DEPOENTES
Processos	398	183
Processo Mental	83	33
Deslocamento	228	81
Recíproca	43	18
Perceptiva	36	11
Ato de Fala	65	18
Reflexiva	399	32
Total de ocorrências	1251	100%

Tabela 6 – Ocorrências de verbos depoentes em Apolodoro

Com base nesses dados, chama a atenção a categoria *Processos*, que conta com uma grande quantidade de verbos depoentes, que acarreta numa restrição de escolha por parte do falante. Por outro lado, a Média Reflexiva, proporcionalmente, apresenta a menor quantidade de verbos depoentes e, diante da possibilidade de uma construção ativa, a opção pela forma medial parece-nos uma escolha motivada. De maneira geral, a quantidade de verbos depoentes nas outras categorias é bem menor que a quantidade de verbos com oposição ativa. Ademais, analisamos a questão dos lemas, isto é, dentre as formas encontradas em cada categoria, quantos foram os lemas encontrados e, assim, foram colhidos os seguintes resultados:

TIPO DE MEDIAL	N. DE OCORRÊNCIAS	QUANTIDADE DE LEMAS
Processos	398	71
Processo Mental	83	24
Deslocamento	228	54
Recíproca	43	11

Perceptiva	36	07
Ato de Fala	65	43
Reflexiva Indireta	399	84
Total de ocorrências	1251	100%

Tabela 7 – Ocorrências de lemas distintos de verbos médios em Apolodoro

A categoria *Processos* é a que mais contempla a repetição de seus lemas, e, no sentido oposto, é na categoria *Ato de Fala* que temos a menor repetição, seguida pela *Reflexiva Indireta*. Os dados acima parecem-nos coerentes diante do fato de essas duas categorias assinalarem, geralmente, um sujeito *beneficiário* ou *recipiente* e, por essa razão, verbos que atribuem esse papel semântico ao sujeito se apresentam mais prolíficos. Finalmente, o último cruzamento de dados feitos foi, justamente, o cruzamento entre quantidade de ocorrências de verbos depoentes e lemas, obtendo os seguintes dados:

TIPO DE MEDIAL	VERBOS DEPOENTES	LEMAS DE DEPOENTES
Processos	184	10
Processo Mental	33	15
Deslocamento	81	20
Recíproca	18	03
Perceptiva	11	02
Ato de Fala	18	12
Reflexiva	32	9
Total de ocorrências	1251	100%

Tabela 8 – Lemas distintos de verbos depoentes em Apolodoro

Os verbos depoentes foram mais repetitivos, os mesmos lemas foram bastante recorrentes na obra, principalmente em categorias como Processo Espontâneo e Ato de Fala. Nas demais categorias, a proporção de número de ocorrências depoentes em relação aos lemas girou em torno da mesma média.

A partir da elaboração de um quadro reunindo os principais traços semânticos de cada uma dessas categorias e a manutenção do traço *afetação do sujeito* em nossa tradução para o português, o resultado pode ser apresentado da seguinte forma:

	Sujeito Animado	Sujeito Agente	Sujeito Beneficiário	Sujeito Experienciador	Sujeito Paciente	Sujeito que passa por mudança de estado
Média Passiva	+/-	-	-	-	+	+/-
Processo Espontâneo	-	-	-	-	+	+
Processo Mental	+	-	-	+	-	+/-
Movimentação Corporal	+	+	-	-	+	+
Ação Coletiva	+	+/-	-	-	+	+
Recíproca	+	+	-	-	+	-
Reflexiva Direta	+	+	-	-	+	-
Perceptiva	+	+	-	+	-	-
Atividade Mental	+	+	-	+	-	-
Ato de Fala	+	+	+/-	+	-	-
Reflexiva Indireta	+	+	+	-	-	-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste terceiro capítulo, foram abordados os tipos de emprego da voz média no grego, separados em sete grupos: processos, deslocamentos, reflexiva, perceptiva, ato de fala, processo mental e recíproca. Todas essas categorias são uma releitura e um refinamento daquelas estipuladas por Allan (2004), que elencou onze grupos para a mesma finalidade. Para isso, cada uma dessas categorias, processos; processo mental; deslocamento; reflexiva; recíproca; perceptiva e ato de fala, foi analisada quanto ao seu papel semântico e quanto às ocorrências no *corpus Bibliotheca*, para, então, serem analisadas do ponto de vista da tradução. Estabelecida a *afetação do sujeito* como traço que define a voz média, o próximo passo foi verificar se do ponto de vista morfológico ou semântico essa característica era mantida na tradução desses verbos em quatro línguas distintas: inglês, francês, espanhol e português.

Em seguida, tratamos dos chamados verbos depoentes, verbos que somente ocorrem em construção média no grego antigo. Mostramos que, embora somente a

forma média exista na língua, o traço de *afetação do sujeito* permanece presente, elencando algumas das hipóteses para a existência de uma categoria assim na língua. Ademais, fizemos o levantamento das ocorrências de voz média na obra de Apolodoro, separando-as em sete categorias para, então, fazermos um mapa semântico dos traços presentes em cada uma delas e como a *afetação do sujeito* aparece mais ou menos na tradução de cada uma dessas categorias.

Debatidas essas questões, este terceiro capítulo encerra o primeiro debate proposto nesta tese, acerca da tradução da voz média como um dos objetivos para se realizar uma edição em português de Apolodoro. Dessa forma, finalizada essa etapa, no próximo capítulo inaugura-se o trabalho envolvendo o algoritmo computacional para a elaboração de uma edição comentada, partindo dos verbos médios, culminando na escolha dos nomes próprios em *Biblioteca*.

CAPÍTULO 4

À procura de um algoritmo de busca: a geração automática de referências de uma edição comentada de um texto literário

No capítulo três desta tese, quando tratamos de nossa metodologia de pesquisa, vimos como a inclusão digital fomentou novas abordagens nos trabalhos científicos envolvendo línguas em geral e, principalmente, clássicas, como o grego antigo. Essa nova abordagem utilizando referências automáticas é derivada da elaboração de uma edição digital de Apolodoro, bem como da análise comparada das traduções de voz média. A princípio, os verbos médios seriam escolhidos como algoritmo de busca, porém, dada a pouca eficiência desse algoritmo, eles foram substituídos por outro termo, conforme será demonstrado neste capítulo. No entanto, permaneceu a proposta de geração do mesmo método, incorporando-o como um recurso a mais para um banco de dados digital de uma língua clássica ou não clássica.

Importantes trabalhos literários são frequentemente publicados nas chamadas edições comentadas, que oferecem além da tradução do texto fonte para um determinado idioma, comentários sobre leituras diversas, possíveis fontes, informações secundárias e referências em comum na própria literatura. Essas edições são amplamente usadas como ferramentas escolares nos estudos textuais, porém os esforços para produzi-las se concentraram em trabalhos mais conhecidos. Portanto, há ainda uma grande quantidade de textos que esperam por uma edição comentada. Se pensarmos na literatura helênica, autores como Homero e Hesíodo contam com um leque generoso de trabalhos científicos bem como de traduções comentadas, que facilitam o acesso ao texto e a compreensão de todo o universo construído nessas obras. De modo semelhante, os tragediógrafos, como Eurípides e Sófocles, assim como o comediógrafo Aristófanes, também apresentam uma maior quantidade de estudos com foco em suas peças. Por outro lado, autores como Pausânias e Apolodoro, comumente referenciados, sequer contam com versões traduzidas de seus textos e, por essa razão, uma análise aprofundada de suas obras e da relação delas com a literatura grega permanece ainda inexistente em português. Tendo isso em mente, a partir de nossa proposta de tradução de *Biblioteca*, elaborando uma versão digital do texto, neste capítulo, trataremos, brevemente, da teoria de reuso textual e de como nos apropriamos dela para, em seguida, falar de todo o processo de preparação

do *corpus* para a coleta de dados, descrevendo todos os procedimentos realizados durante essa etapa, para, finalmente, apresentarmos os métodos de geração automática de uma edição comentada que testamos: a mais longa sequência em comum (*Longest Common Sequence*); o método por peso de palavras (TFDIF), e o que adotamos, o cruzamento de nomes próprios, todos eles aplicados à obra *Biblioteca*, de Apolodoro, como plataforma de teste para essa tarefa. Discutiremos os resultados apresentados por cada um deles comparando com a edição comentada de Apolodoro feita por Frazer (1921), a fim de avaliarmos a eficiência de nosso algoritmo.

4.1. Reúso textual e referências cruzadas

Os trabalhos que têm como foco a busca automática por referências cruzadas num banco de dados de textos antigos são recentes e ainda não tão variados. Dentre os autores que trabalham ou trabalharam com essa vertente da pesquisa podemos citar Kinable (2006) que explorou como variações, sendo referências-fontes, foram listadas num dicionário histórico, propondo o uso de expressões regulares para padronizá-las. Seu trabalho consistiu em regularizar referências-fontes como meios de melhorar a obtenção de informação de um único dicionário eletrônico ao invés de explorar meios de identificação automática de citações de uma variedade de textos primários. Pouliquen et al. (2007) também optou por um trabalho que visava à identificação de citação automática, com foco em discursos diretos num *corpus* envolvendo artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento publicados em momentos próximos ao de seu trabalho.

Essas pesquisas também conduziram a trabalhos que buscavam a identificação de similaridades entre trabalhos acadêmicos, objetivando encontrar a possibilidade de plágios. Brin et al. (1995) apresentaram um trabalho pioneiro a esse respeito, cujo foco foi justamente detectar duplicações em documentos digitais. Bia et al. (2001) aproveitaram o *software* de busca por plágios para comparar textos de edições históricas diferentes de “Don Quixote”. Seguindo essa linha de pesquisa, Stein & Meyer zu Eissen (2005) introduziram uma busca por similaridade aproximada, a fim de encontrar documentos plagiados em *corpora* bem maiores. Metzler et al. (2005) optaram por explorar pequenos segmentos textuais, ao invés de documentos inteiros, buscando similaridades entre eles. Já no oriente, Lee (2003) desenvolveu um modelo

computacional de reuso de texto que é destinado exclusivamente a textos clássicos¹. Nesse modelo, é possível trabalhar tanto com a semelhança superficial de frases quanto com a variedade de traços semânticos e sintáticos que permitem avaliar a alternância de padrões e demonstrar como esse modelo pode ser usado para verificar o reuso de texto. Seu *corpus* de análise foi o Novo Testamento, especialmente os evangelhos de Lucas e Marcos, a fim de verificar a recorrência de construções, uma vez que ambos possuem como texto-fonte o livro de Marcos. Além dele, Takeda et al. (2000) desenvolveram um trabalho cujo intuito foi verificar semiautomaticamente poemas japoneses similares ao longo de várias antologias, trabalho este decorrente de seus primeiros estudos, em que foram examinados como diferentes algoritmos.

Clough et al. (2002) classificaram artigos de jornal como um todo, parcialmente, ou não derivados de um texto de agência de notícias. Hembold e O'Neil (1959) e Van den Hoek (1996) também exploraram material de reuso nos escritos de Plutarco, classificando manualmente citações, lembranças, referências ou paráfrases. O chamado reuso textual é a transformação de um texto-fonte em um texto-alvo com diferentes propósitos. Uma das hipóteses mais comuns quando trabalhamos com essa abordagem é a conservação em maior ou menor escala de similaridades lexicais entre o texto fonte e seu derivado. Uma pesquisa inicial, por exemplo, pode avaliar a similaridade lexical e calculá-la. Assim, dada uma determinada sentença do texto alvo, se sua ocorrência no texto fonte está acima do limite, então o primeiro é considerado derivado do segundo.

Van den Hoek (1996), novamente, salienta que é muito comum nos textos antigos encontrarmos o uso de outros materiais e o autor fazer uso deles em sua própria obra. Ocorre que, diante da escassez de livros escritos, muitas vezes recorria-se a sua própria memória, o que acarreta em citações não tão precisas e divergências entre elas. Por essa razão, era muito comum autores reunirem várias fontes que tratavam do mesmo assunto (como Apolodoro) e mesclar esse material em sua própria obra ou parafrasear suas construções. Cabe lembrar, contudo, que a versão usada por um autor grego, por exemplo, pode não ser a mesma a que temos acesso hoje. Até o surgimento dos materiais impressos, documentos estava suscetíveis a distorções por parte dos copistas. Lee (2006) ressalta que conhecer as fontes dos textos antigos pode ser útil de diversas maneiras: a) esse conhecimento nos ajuda a estabelecer algumas

¹ Dessa ferramenta trataremos com mais detalhes ainda neste capítulo, uma vez que foi ela a utilizada para nossa busca por referências cruzadas em Apolodoro.

datas e nos fornece uma organização cronológica; b) ajuda-nos a traçar uma evolução das ideias; c) o material citado, excluído ou alterado numa composição fornece muito a ideia da agenda do autor.

Embora um modelo computacional por si só não vá fornecer todas as respostas que almejamos, sua qualidade como suporte para as pesquisas linguísticas, literárias ou análises de reuso textual é inegável, principalmente quando lidamos com uma grande quantidade de textos-fontes. No caso de Apolodoro, sabemos sobre algumas de suas fontes², porém embora muitas sejam citadas nominalmente ou mesmo reconhecidas por transcrições literais de passagens de outros livros, muitas dessas referências não são explícitas. Dessa forma, reconhecer essas fontes por meio do cruzamento de sua obra com outras fontes não só é uma tarefa inédita, como também pode revelar grande parte de suas referências que permanecem um mistério em nossa sociedade contemporânea.

Dado que o volume de textos eletrônicos prontamente disponíveis está aumentado numa velocidade intensa, não é surpresa que o estudo computacional e análise de texto com reutilização está se tornando um tema de pesquisa popular. A detecção automática de reuso textual é um problema intelectual interessante, cuja solução promete benefícios práticos a indivíduos e organizações. Por exemplo, professores detectado a originalidade do trabalho de estudantes, companhias querendo encontrar brechas de patente ou desejando rastrear ou monitorar a disseminação de seu conteúdo digital, e *engines* de pesquisa na *Web* que querem eliminar conteúdo duplicado antes de apresentar resultados de pesquisa ao usuário, todos beneficiando de técnicas automáticas confiáveis para detectar reuso textual.

Conforme mencionado, a identificação de plágio é um viés muito abordado pelos trabalhos de pesquisa atuais, principalmente porque ele pode assumir várias formas como palavra por palavra, paráfrase, fontes secundárias de plágio, plágio de ideias e de autoria Martin (1994). A forma mais comum de se plagiar um texto é por meio de palavra por palavra, segundo (Berti 2012) e, hoje, essa é uma forma muito simples de se identificar. Um dos métodos para isso será aquele que mostramos a seguir, chamando de *Longest Common Sequence*. As pesquisas com plágio ganharam força não só na academia, mas também do ponto de vista comercial, já que o volume

² As fontes em Apolodoro serão comentadas com mais detalhes ainda neste capítulo.

de cópias de todos os tipos sempre foi grande, mas diante da falta de recursos para identificá-las automaticamente, essa realidade era pouco explorada.

Enquanto o plágio é identificado como uma forma mais explícita de reuso textual, existe também a possibilidade de existir um reuso textual na criação de novos textos, o que é muito comum, por exemplo, no contexto jornalístico e acadêmico. Claro que nesse caso, não encontraremos a repetição palavra por palavra ou mesmo de frases, mas é possível identificar similaridades entre os textos e claramente notar como um influenciou ou mesmo coordenou o outro. A grande diferença aqui é ver se no segundo caso o autor mantém a referência à autoria original e não assume como próprio o conteúdo expresso. Quando buscamos encontrar similaridades, não se visa apenas ao conteúdo do texto, mas levam-se em conta as expressões também, em outras palavras, o estilo do autor, a fim de verificar como os dois textos se aproximam.

A fim de comparar textos, comumente há pelos menos três estágios necessários: a) pré-processamento de textos em uma representação intermediária apropriada para comparação; b) comparar as representações intermediárias derivadas na etapa do pré-processamento; e c) uma medida quantitativa de similaridade ou visualizar a etapa de comparação.

No primeiro estágio, os textos são pré-processados, a fim de se criar uma representação intermediária para comparação. Por exemplo, é praxe aplicar alguma forma de sufixo removível para aumentar as chances de acerto entre os termos do documento buscado; para detectar plágio no código do *software*, é comum comparar árvores espaçadas ao invés do código do programa e substituir nomes variantes com identificadores únicos. Em língua natural, alguém pode imaginar visões alternativas de um texto como representações gramaticais ou semânticas do texto *input*. O principal objetivo desse estágio de pré-processamento é reduzir o efeito de diferenças devidas a mudanças sistemáticas resultados da variação lexical (por exemplo, o uso de sinônimos) ou variação sintática (mudança de tempo ou voz verbal). Mais decisões nesse estágio poderiam incluir o tamanho da unidade para comparar (palavras, sentenças) e a quais termos eles se associam.

No segundo estágio, as representações dos textos *input* derivadas do primeiro estágio são comparadas, geralmente usando algum tipo de medidor de similaridade. Por exemplo, se os textos estão representados por um aglomerado de itens lexicais desordenados ou pares lexicais ocorrendo neles, então a proximidade de variante

lexical ou medidas de *overlap* podem ser usadas para calcular a similaridade entre os textos. Se os textos estão representados por sequências ordenadas de caracteres ou palavras, então um método comparativo de sequência, como *edit distance*, pode ser usado para alinhar esses textos. O último estágio, portanto, seleciona uma forma apropriada de *output* depois de comparar os textos: uma medida quantitativa ou qualitativa de similaridade, ou diferença. Ao testar essas similaridades, somos capazes de reconhecer onde um mesmo texto ou tema pode ter sido reproduzido, mas é importante ter em mente o *corpus* que se usa e também o tipo de similaridade avaliada.

Não é objetivo desta tese, portanto, aprofundar nas inúmeras possibilidades de se avaliar o reuso textual a partir de um texto. Entretanto, neste capítulo, mostramos como dois métodos difundidos nessa área, o LCS e o TFIDF, foram usados em nossa tentativa de gerar automaticamente uma edição comentada de Apolodoro, explorando os mecanismos de cada um, desde a etapa de preparação do *corpus*, até a avaliação dos resultados obtidos. Na seção seguinte será mostrado como nosso método automático, o algoritmo de nomes próprios, é inédito e difere da tradicional abordagem do reuso textual.

4.1.1. Uma abordagem além de reuso textual

Conforme mencionado na seção anterior, o reuso textual foi, de fato, o grande ponto de partida para a busca por uma geração automática de referências de uma edição comentada de um texto literário, porém nossa abordagem não se restringiu a essa vertente de pesquisa e seu caráter inédito se deve a, principalmente, termos ultrapassados os limites de uma abordagem em reuso de texto. Primeiramente, esta pesquisa se diferenciou porque não se restringe a comparar o texto de Apolodoro com outros autores, com relação a estilo, por exemplo, a fim de averiguar as semelhanças e a possibilidade de o autor de *Biblioteca* ter se apropriado de textos anteriores aos seus. A primeira diferença é com relação à datação dos textos usados em nossos *corpus*, a esclarecer:

Homer; Hesíodo; Píndaro; Ésquilo;	Diodoro; Demóstenes; Estrabão;
Sófocles; Heródoto; Platão;	Plutarco ; Árrio; Ápio; Ateneu;
Aristófanes; Eurípides; Hinos Hom.;	Baquílides; Xenofonte; Zózimo .

Os dois autores assinalados são justamente o motivo de nossa abordagem não ser tradicionalmente um reuso textual, porque, para ser considerada, a pesquisa deve avaliar textos que antecedem o autor analisado. Apolodoro é um autor do séc. II d.C., posterior à grande maioria dos autores gregos do *corpus*, o que, a princípio, sugeriria a ideia de reuso textual. No entanto, os dois autores destacados, Plutarco e Zózimo, eliminam a possibilidade de uma abordagem somente de reuso textual, visto que ambos são posteriores a Apolodoro. Ademais, as abordagens em reuso textual atualmente, embora bastante diversificadas, não buscaram, na comparação dos textos, elaborar um índice de referências literárias para uma tradução comentada, o que foi justamente nosso objetivo. Ciente dessas duas razões para distinguir nossa pesquisa das até então feitas, na seção a seguir (4.2), daremos início ao detalhamento do processo de geração automática das referências, começando pela preparação do *corpus*.

4.2 Da preparação do *corpus* – a divisão da obra

O processo de preparação do *corpus* para a coleta de dados em busca de um método eficaz para a geração automática de referências para uma edição comentada de um texto literário envolveu etapas distintas quanto à organização do texto *Biblioteca*. A primeira dificuldade enfrentada foi com relação à divisão da obra, que se apresenta em 3 livros, separados por capítulos e estes, por sua vez, em seções. Abaixo, exemplificamos duas passagens extraídas do mesmo livro, porém de capítulos e seções distintas.

<p>Apol.3.7.6 Καλλιρρόη δὲ τὴν Ἀλκμαίωνος ἀπώλειαν μαθοῦσα, πλησιάζοντος αὐτῆ τοῦ Διός, αἰτεῖται τοὺς γεγεννημένους παῖδας ἐξ Ἀλκμαίωνος αὐτῆ γενέσθαι τελείους, ἵνα τὸν τοῦ πατρὸς τίσωνται φόνον. γενόμενοι δὲ ἐξαίφνης οἱ παῖδες τέλειοι ἐπὶ τὴν ἐκδικίαν τοῦ πατρὸς ἐξήεσαν. κατὰ τὸν αὐτὸν δὲ καιρὸν οἱ τε Φηγέως παῖδες Πρόνοος καὶ Ἀγήνωρ, εἰς Δελφοὺς κομίζοντες ἀναθεῖναι τὸν ὄρμον καὶ τὸν πέπλον, καταλύουσι</p>	<p>Apol.3.10.1 Ἄτλαντος δὲ καὶ τῆς Ὠκεανοῦ Πληιόνης ἐγένοντο θυγατέρες ἑπτὰ ἐν Κυλλήνῃ τῆς Ἀρκαδίας, αἱ Πληιάδες προσαγορευθεῖσαι, Ἀλκυόνη Μερόπη Κελαινῶ Ἥλέκτρα Στερόπη Ταυγέτη Μαῖα. τούτων Στερόπην μὲν Οἰνόμαος ἔγημε, Σίσυφος δὲ Μερόπην. δυσι δὲ ἐμίχθη Ποσειδῶν, πρώτη μὲν Κελαινοῖ, ἐξ ἧς Λύκος ἔγεντο, ὃν Ποσειδῶν ἐν μακάρων ᾤκισε νήσοις, δευτέρᾳ δὲ Ἀλκυόνη, ἣ θυγατέρα μὲν ἐτέκνωσεν Αἴθουσαν</p>
--	--

<p>πρὸς Ἀγαπήνορα, καὶ οἱ τοῦ Ἀλκμαίωνος παῖδες Ἀμφότερός τε καὶ Ἀκαρνάν: καὶ ἀνελόντες τοὺς τοῦ πατρὸς φονέας, παραγενόμενοί τε εἰς Ψωφίδα καὶ παρελθόντες εἰς τὰ βασιλεία τὸν τε Φηγέα καὶ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ κτείνουσι [...]</p>	<p>τὴν Απόλλωνι Ἐλευθῆρα τεκοῦσαν, υἱοὺς δὲ Ὑριέα καὶ Ὑπερήνορα. Ὑριέως μὲν οὖν καὶ Κλονίης νύμφης Νυκτεὺς καὶ Λύκος, Νυκτέως δὲ καὶ Πολυξοῦς Ἀντιόπη, Ἀντιόπης δὲ καὶ Διὸς Ζῆθος καὶ Ἀμφίων [...]</p>
--	--

Tabela 11 – A divisão de Biblioteca

Primeiramente, não há um padrão quanto à extensão de cada uma dessas seções, ou seja, elas variam amplamente quanto ao número de parágrafos e palavras que empregam. Por essa razão, foi necessário fazermos um teste e padronizar a divisão do *corpus* de uma forma que auxiliasse a busca e análise dos dados obtidos. Dessa forma, o primeiro passo foi dividir as seções em sentenças de acordo com a pontuação e com o índice de notas da edição traduzida de Frazer (1921). Usando novamente as duas passagens anteriores, a disposição do texto passou a ficar da seguinte maneira.

<p>Apol.3.7.6 Καλλιρρόη δὲ τὴν Ἀλκμαίωνος ἀπώλειαν μαθοῦσα, πλησιάζοντος αὐτῇ τοῦ Διός, αἰτεῖται τοὺς γεγεννημένους παῖδας ἐξ Ἀλκμαίωνος αὐτῇ γενέσθαι τελείους, ἵνα τὸν τοῦ πατρὸς τίσωνται φόνον (a). γενόμενοι δὲ ἐξαίφνης οἱ παῖδες τέλειοι ἐπὶ τὴν ἐκδικίαν τοῦ πατρὸς ἐξήεσαν (b). κατὰ τὸν αὐτὸν δὲ καιρὸν οἱ τε Φηγέως παῖδες Πρόνοος καὶ Ἀγήνωρ, εἰς Δελφοὺς κομίζοντες ἀναθεῖναι τὸν ὄρμον καὶ τὸν πέπλον, καταλύουσι πρὸς Ἀγαπήνορα, καὶ οἱ τοῦ Ἀλκμαίωνος παῖδες Ἀμφότερός τε καὶ Ἀκαρνάν (c): καὶ ἀνελόντες τοὺς τοῦ πατρὸς φονέας, παραγενόμενοί τε εἰς Ψωφίδα καὶ παρελθόντες εἰς τὰ βασιλεία τὸν τε Φηγέα καὶ τὴν</p>	<p>Apol.3.10.1 Ἄτλαντος δὲ καὶ τῆς Ὠκεανοῦ Πληιόνης ἐγένοντο θυγατέρες ἑπτὰ ἐν Κυλλήνῃ τῆς Ἀρκαδίας, αἱ Πληιάδες προσαγορευθεῖσαι, Ἀλκινόη Μερόπη Κελαινῶ Ἥλέκτρα Στερόπη Ταυγέτη Μαῖα (a). τούτων Στερόπην μὲν Οἰνόμαος ἔγημε, Σίσυφος δὲ Μερόπην. δυσι δὲ ἐμίχθη Ποσειδῶν, πρώτη μὲν Κελαινοῖ, ἐξ ἧς Λύκος ἔγεντο, ὃν Ποσειδῶν ἐν μακάρων ᾤκισε νήσοις, δευτέρα δὲ Ἀλκινόη, ἣ θυγατέρα μὲν ἐτέκνωσεν Αἴθουσαν τὴν Απόλλωνι Ἐλευθῆρα τεκοῦσαν, υἱοὺς δὲ Ὑριέα καὶ Ὑπερήνορα (b). Ὑριέως μὲν οὖν καὶ Κλονίης νύμφης Νυκτεὺς καὶ Λύκος, Νυκτέως δὲ καὶ Πολυξοῦς Ἀντιόπη, Ἀντιόπης δὲ καὶ Διὸς Ζῆθος καὶ Ἀμφίων (c). ταῖς δὲ λοιπαῖς</p>
---	--

<p>γυναῖκα αὐτοῦ κτείνουσι (d). διωχθέντες δὲ ἄχρι Τεγέας ἐπιβοηθησάντων Τεγεατῶν καί τινων Ἀργείων ἐσώθησαν, εἰς φυγὴν τῶν Ψωφιδίων τραπέντων (e).</p>	<p>Ἀτλαντίσι Ζεὺς συνουσιάζει (d).</p>
--	--

Tabela 12 – A divisão em sentenças de *Biblioteca*

Uma vez organizado o texto em linhas, o seguinte levantamento pode ser feito com relação a essa divisão:

a) *Biblioteca*

Nº. de sentenças: 423 + 425 + 643 = 1491

Nº. de palavras: 353177

b) Textos gregos

Nº. de textos: 317

Nº. de sentenças: 184870

Nº. de palavras no texto grego: 3961727

A soma do número de sentenças em *Biblioteca* é justamente a quantidade delas em cada um dos três livros, indicando como os dois primeiros possuem quase a mesma extensão, ao passo que o terceiro se amplia consideravelmente. Os textos gregos mencionados são o acervo digitalizado da *Perseus Digital Library*, também separados sem sentenças. Quanto maiores a seção e a quantidade de notas, um maior número de linhas foi aplicado, porém há linhas que não contam com referências feitas por Frazer (1921), mas em que encontramos semelhanças com outros autores, o que será debatido ainda neste capítulo. Feita essa divisão do *corpus*, o passo seguinte foi testar os métodos para a geração automática de referências. Uma vez que a avaliação dessas referências coletadas foi feita com base na edição comentada de Frazer (1921), todo esse processo será comentado na seção a seguir.

4.3 A coleta e classificação das referências e a resposta modelo

Algoritmo é uma sequência finita e de passos bem definidos que, quando executados, realizam uma tarefa específica ou resolvem um problema. Para testarmos a eficácia dos algoritmos utilizados para a elaboração de nossa edição digital, foi necessário comparar com alguma edição já comentada e, por essa razão, optamos por trabalhar com as notas de Frazer (1921), certamente um dos materiais mais completos sobre a obra de Apolodoro. A coleta das referências seguiu um procedimento básico: as notas do tradutor foram reunidas seguindo cada seção da obra *Biblioteca*, desconsiderando, entretanto, dois tipos: as que remetiam a autores latinos, visto que nossa geração automática de edição comentada envolve apenas autores gregos, e as que mencionavam o próprio livro de Apolodoro, como passagens ora ventiladas pelo autor e aprofundadas em momentos posteriores de sua obra. De maneira geral, as referências são dispostas da seguinte maneira.

The screenshot displays a digital library interface for the text 'Apollod. 1.1.4'. At the top, there is a progress bar and a 'Hide browse bar' button. Below the progress bar, the text is categorized by 'text:', 'book:', 'chapter:', and 'section:'. The main content area is divided into two columns. The left column contains navigation and search options: 'This text is part of:' (with links to Greek and Roman Materials, Greek Prose, Greek Texts, and Pseudo-Apollodorus), 'Search the Perseus Catalog for:' (with links to Editions/Translations and Author Group), 'View text chunked by:' (with links for text, book, section, and volume), and 'Table of Contents:' (with links for text library, book 1, and chapter 1). The right column contains the text passage in Greek, its English translation by Sir James George Frazer, and a footnote. The Greek text is: '[4] ἀγανακτοῦσα δὲ ἡ ἔπι τῇ ἀπωλείᾳ τῶν εἰς Τάρταρον ὀφθέντων παιδῶν πείθει τοὺς Τιτάνας ἐπιθέσθαι τῷ πατρὶ, καὶ δίδωσιν ἀδαμαντίνην ἄρπην Κρόνῳ. οἱ δὲ Ὠκεανοῦ χωρὶς ἐπιτιθενται, καὶ Κρόνος ἀποτεμών τὰ αἰδοῖα τοῦ πατρὸς εἰς τὴν θάλασσαν ἀφίησεν. ἐκ δὲ τῶν σταλαγμῶν τοῦ ῥέοντος αἵματος ἐρινύες ἐγένοντο, Ἀληκτῶ Τισιφόνῃ Μέγαيرا. τῆς δὲ ἀρχῆς ἐκβαλόντες τοὺς τε καταταραχωθέντας ἀνήγαγον ἀδελφοὺς καὶ τὴν ἀρχὴν Κρόνῳ παρέδωσαν.' The English translation is: '[4] But Earth, grieved at the destruction of her children, who had been cast into Tartarus, persuaded the Titans to attack their father and gave Cronus an adamantine sickle. And they, all but Ocean, attacked him, and Cronus cut off his father's genitals and threw them into the sea; and from the drops of the flowing blood were born Furies, to wit, Alecto, Tisiphone, and Megaera.¹ And, having dethroned their father, they brought up their brethren who had been hurled down to Tartarus, and committed the sovereignty to Cronus.' The footnote reads: '¹ Compare *Hes. Th. 156-190*. Here Apollodorus follows Hesiod, according to whom the Furies sprang, not from the genitals of Sky which were thrown into the sea, but from the drops of his blood which fell on Earth and impregnated her. The sickle with which Cronus did the deed is said to have been flung by him into the sea at Cape Drepanum in *Achaia* (*Paus. 7.23.4*). The barbarous story of the mutilation of the divine father by his divine son shocked the moral sense of later ages. See *Plat. Rep. 2, 377e-378a*; *Plat. Euthyph. 5e-6a*; *Cicero, De natura deorum ii.24.63ff.* Andrew Lang interpreted the story with some probability as one of a worldwide class of myths intended to explain the separation of Earth and Sky. See *Andrew Lang, Custom and Myth (London, 1884)*, pp. 45ff., and as to myths of the forcible separation of Sky and Earth, see *E. B. Tylor, Primitive Culture, 1.322ff.*

Fig.17 – As notas de Frazer

O número de notas, naturalmente, varia de acordo com a quantidade de informações dadas pelo autor em cada uma das seções. No entanto, cabe salientar que não há um padrão muito claro para a forma como Frazer expõe seus comentários e isso se dá por diferentes motivos.

- Há diversas referências com a indicação *ff.* Por exemplo, já em 1.1.1 encontramos *Hes. Teog. 126ff.*, ou seja, a passagem mencionada na nota se

inicia na linha 126 do poema épico e se estende às linhas seguintes, porém o ponto final dessa passagem não é determinado por Frazer. Esse tipo de referência será destacado mais adiante, ainda neste capítulo, por ter relevância na avaliação de um dos algoritmos que utilizamos;

- b) As referências também podem vir com a marcação de comparação, como em 3.7.1, *Comp. Aesch. Seven. 1005ff*. Essa indicação geralmente, porém nem sempre, remete-nos a uma passagem com o mesmo conteúdo, ou seja, Frazer (1921) busca nos remeter a uma intertextualidade, isto é, uma passagem em que outro autor reconta ou aborda o mesmo mito tratado por Apolodoro, geralmente envolvendo as variantes comumente encontradas entre os mitos gregos, como nascimento de deuses, semideuses e heróis; seus feitos e as relações com outras personagens;
- c) Algumas das notas assinalam passagens afins, porém explorando-as de formas distintas, como um conteúdo detalhado a respeito de uma passagem narrada por Apolodoro; incluindo detalhes descritivos quanto a um objeto ou lugar ou mesmo discutindo uma questão de significado, grafia e/ou pronúncia variável de um nome próprio ou termo da língua grega.

Primeiramente, considerando que uma edição comentada possui diferentes tipos de notas, optamos por avaliar qual tipo de referência feita por Frazer (1921) seria a mais comumente encontrada pelo nosso método de geração automática de referências literárias. No entanto, usar as terminologias *Comp*, *See*, por exemplo, geraria falhas quanto ao que diz respeito ao conteúdo da nota, visto que tanto uma intertextualidade quanto uma informação de fundo poderiam aparecer no mesmo grupo. Por essa razão, o próximo passo foi classificar o tipo de referência dado pelo tradutor o que implica não apenas em separar as notas por indicação, mas separadamente de acordo com seu conteúdo. Uma vez coletadas todas as referências, foi possível dividi-las em três categorias, especificadas a seguir.

- a) **Fonte.** O tipo mais comum de citação feita por Frazer (1921) indica fontes possíveis de uma sentença ou seção da obra de Apolodoro, remetendo-nos a uma intertextualidade, ou seja, uma passagem que trata do mesmo tema com a qual tem o intuito de comparar ou avaliar as pequenas variações entre as versões. O que é importante sobre esse tipo de nota quando utilizamos nosso

algoritmo é sua ligação direta com nomes próprios, ou seja, toda referência-fonte tinha, pelo menos, um nome próprio envolvido nos comentários do tradutor;

- b) **Informações secundárias.** Algumas citações oferecem mais detalhes acerca de um lugar, objeto ou conceito. Elas podem ser uma descrição geográfica, que por vezes está associada a um mito, ou a origem de algum famoso objeto mitológico que por vezes se encontra ao longo da narrativa de Apolodoro e em outros autores gregos. No caso das referências dessa categoria, como disponibilizamos o *corpus* para domínio público, é necessário encontrar palavras-chaves ou *clusters* de palavras para encontrá-las. Quando se refere a um objeto, como o *Paládio* (3.12.3), por exemplo, a palavra-chave é mais fácil de ser encontrada pela busca do vocábulo simples. No entanto, há momentos em que são necessárias mais palavras, como o conjunto *pai + assassinato*, a fim de encontrar o cruzamento de referências com outro texto.
- c) **Linguística.** As citações que envolvem um comentário linguístico tratam, basicamente, de declarações acerca de algum aspecto morfológico ou fonético de uma palavra grega, que pode variar entre autores de diferentes épocas, considerando a ampla variedade dialetal presente no grego antigo. Especificar esse grupo de notas tem um procedimento semelhante ao do grupo anterior, visto que a referência contempla uma ou duas palavras, sobre as quais se faz um comentário a respeito da grafia ou pronúncia.

No quadro abaixo, apresentamos um exemplo de cada uma dessas citações e a forma como são mencionadas na edição comentada de Frazer (1921).

Sky was the first who ruled over the whole world ... After these, Earth bore him the Cyclopes, to wit, Arges, Steropes, Brontes, of whom each had one eye on his forehead. [1] But them Sky bound and cast into Tartarus, ... [2] And having wedded Earth, he begat first the Hundred-handed, as they are named: Briareus, Gyes, Cottus [3]...		
Comentário	Anotação	Texto citado
[1] Compare Hes. Th. 139ff.	Tipo: fonte Texto fonte: Bibliotheca 1.1.2 Texto citado: H 139—145	... And again, she bore the Cyclopes, overbearing in spirit, Brontes, and Steropes and stubborn-hearted Arges, I who gave Zeus the thunder and made the thunderbolt: in all else they were like the gods, but one eye only was set in the midst of their foreheads.

[2] Compare Hes. Th. 147ff. Instead of Gyes, some MSS. of Hesiod read Gyges	Tipo: secundária Palavra alvo: Tartarus Texto citado: Hes. Th. 717—721	... as far beneath the earth as heaven is above earth; for so far is it from earth to Tartarus.
[3] Compare Hes. Th. 147ff. Instead of Gyes, some MSS. of Hesiod read Gyges	Tipo: Linguística Palavra alvo: Gyes Texto citado: Hes. Th. 147 - 150	Brontes, and Steropes and stubborn-hearted Arges who gave Zeus the thunder and made the thunderbolt: in all else they were like the gods, but one eye only was set in the midst of their foreheads.

Tabela 13 – Os tipos de referências na edição de Frazer (1921)

Definidas essas três categorias, o passo seguinte foi organizar todas essas informações numa “resposta-modelo” que funcionasse como guia para a busca por resultados por parte do computador. Abaixo apresentamos como essa resposta-modelo foi construída.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
1	# section (in Apollodorus)	author	filename	section	end of section	line index	end of line index	type			
2	1.1.1.a	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	126	130	125		source			
3	1.1.1.b	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	147	149	146		linguistics			
4											
5											
6	1.1.2.a	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	139	145	138		source			
7	1.1.2.b	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	617	620	616		source			
8	1.1.2.b	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	717	722	716		information	Tartarus/Τάρταρος		
9											
10											
11											
12	1.1.3	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	132	138	131		source			
13	1.1.3	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	453	458	452		source			
14											
15	1.1.4.c	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	156	190	155	189	source			
16	1.1.4.c	Pausanias	paus_gk.content.txt	7.23.4		1972		information	sickle;ῥέπρῶν		
17	1.1.4.c	Plato/Republic	plat.rep_gk.content.txt	377	378	48	49	information	Uranos; Chronos		
18											
19	1.1.5.b	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	453	467	452	466	source			
20	1.1.6.a	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	468	480	467	479	information	Mount Aegum		
21											
22	1.1.7.a	Hesiod/Theogony	hes.th_gk.content.txt	485	489	484		source			
23	1.1.7.b	Strabo/Geography	strab_gk.content.txt	8.7.5		606		source			
24	1.1.7.b	Strabo/Geography	strab_gk.content.txt	10.3.11		788		source			
25	1.1.7.b	Pausanias	paus_gk.content.txt	10.24.6		3024		source, information			
26	1.1.7.b	Pausanias	paus_gk.content.txt	8.8.2		2090		source			
27	1.1.7.b	Pausanias	paus_gk.content.txt	8.36.2		2327		source			
28	1.1.7.b	Pausanias	paus_gk.content.txt	9.2.7		2496		source			
29	1.1.7.b	Pausanias	paus_gk.content.txt	9.41.6		2803		source			

Fig.18 – A planilha resposta-modelo

A coluna da esquerda representa a passagem no livro de Apolodoro, nesse exemplo dividido em sentenças. A segunda coluna representa o autor e o livro mencionados por Frazer (1921) como referência àquela passagem, seguido pela quarta coluna em que temos o número da linha, ou do capítulo, dependendo da forma como o livro está dividido. A quarta coluna aparece preenchida apenas em alguns momentos, porque se trata das referências *ff* do tradutor e do término da citação encontrado por nós manualmente. A quinta coluna durante a elaboração da resposta-modelo ficou em branco, preenchida, posteriormente, pela linha, capítulo ou seção encontrada pelo

computador, para critérios de análise. A penúltima coluna, então, conta com a classificação do tipo de referência dada por Frazer (1921) num dos grupos mencionados anteriormente: fonte; informação secundária ou linguística. Por fim, na última coluna estão as palavras-chaves para todas as ocorrências em que a classificação da nota tenha sido de informação secundária. A resposta-modelo é importante, uma vez que organiza a comparação entre as referências dadas e as referências encontradas, etapa fundamental para a avaliação de nosso método, que será debatida ainda neste capítulo. Finalizado esse procedimento, a próxima tarefa, portanto, foi testar e avaliar qual dos métodos previamente estabelecidos seria o mais eficaz na busca pela geração automática de referências. Na seção a seguir especificaremos cada um dos três desses mecanismos testados, a LCS (4.4.1); o TFIDF (4.4.2) e os Nomes Próprios (4.4.3), mostrando a forma de apresentação e análise dos resultados em dados numéricos, registrando a eficiência do método.

4.4 A elaboração de um índice automático de referências de um texto literários

Espera-se que autores modernos nos forneçam citações e referências claras nas quais baseiam seu texto quando relacionado com outras fontes. Autores antigos, no entanto, tendem a não fazer isso; comentários modernos preenchem essas lacunas ao oferecer referências sempre que apropriado. Como sabemos o que sabemos sobre os autores antigos? Todas as informações que temos sobre, por exemplo, autores helênicos vêm dos próprios textos escritos na época. Uma vez que não temos edições comentadas ou que muitas dessas obras chegaram até nós em fragmentos, estudiosos sempre buscaram reunir todas as citações dentro de um texto e montar, como um quebra-cabeça, as referências entre eles, construindo, assim, um panorama da época. Então, um autor grego fala de outro autor grego ou de um determinado livro e a partir de seus comentários somos capazes de saber ou deduzir informações valiosas, como local de nascimento, idade, livros escritos, importância para a sociedade grega, dentre outras. Por exemplo, uma referência sobre o fim da Guerra de Tróia, descrita por Homero na *Iliada* aparece em Xenofonte, em *Anabásis*. Assim, somente após recolher e colar todas as passagens como um mosaico temos condições de ter acesso à história completa. Quando podemos ver a influência ou existência de um diálogo entre diferentes autores, somos capazes de compor com mais detalhes a identidade do mundo grego antigo.

Além disso, há muitos pesquisadores interessados em estudos comparados envolvendo a língua grega antiga e sua literatura que com frequência têm que procurar por referências comuns em autores gregos, a fim de extrair possíveis passagens correlacionadas, para encontrar uma intertextualidade entre autores de diferentes épocas, línguas e culturas. Se um deus grego é citado num poema contemporâneo, que tipo de citação é essa? Quais autores antigos mencionaram esse deus e como mencionaram? A citação moderna se aproxima ou se afasta da supostamente original? De forma semelhante, como autores que falam sobre as mesmas histórias fazem uso de um aspecto particular da língua grega antiga, como vozes verbais, aspecto ou mesmo partes do discurso? Nesse sentido, um guia de referências reduziria o longo tempo usado para uma tarefa manual em busca de uma proximidade entre dois ou mais textos e as referências forneceriam um acesso direto àquilo que o pesquisador procura. Nosso objetivo com esse método foi justamente otimizar a tarefa do pesquisador, valorizando também sua presença indispensável na análise dos resultados, e mostrar como um método automático pode aprimorar nosso mecanismo de busca científica.

Assim, uma vez que estamos longe de ter comentários para todo e cada texto, designamos um algoritmo para automaticamente encontrarmos referências na literatura grega antiga. O importante ao algoritmo é ser composto por ações simples e bem definidas (não pode haver ambiguidade, ou seja, cada instrução representa uma ação que deve ser entendida e realizada); uma sequência ordenada de ações e um conjunto finito de passos. É indispensável determinar o que se quer resolver ou qual objetivo a ser atingido. Então, quais informações serão oferecidas ao sistema e quais devem ser calculadas como resultado? Reunimos as referências desconsiderando repetições, referências a autores latinos e a trabalhos acadêmicos; ao final disso, alcançamos um total de 1340 referências, e uma média de 6.44 notas por seção. Dois dos algoritmos testados são métodos mais comumente difundidos nas pesquisas linguísticas principalmente envolvendo reuso textual, porém o terceiro partiu do próprio manuseio do *corpus*, que nos propiciou essa tentativa, e configura-se como uma tarefa inédita. Nas seções a seguir descrevemos cada um desses métodos e os resultados encontrados em cada um deles.

4.4.1 Algoritmo I: a mais longa sequência em comum de palavras - *The longest common sequence* (LCS)

Nosso primeiro algoritmo selecionou cada seção de *Biblioteca* a fim de verificar a maior sequência em comum de palavras, método conhecido em inglês como *The longest common sequence* (LCS), explorado por alguns pesquisadores em trabalhos diversos³. Em termos técnicos, temos uma sequência Z com suas partes, ou seja, $Z = \{z_1, z_2, z_3 \dots z_n\}$ e uma sequência $X = \{x_1, x_2, x_3 \dots x_n\}$; o computador avalia quais elementos na sequência X são iguais em Z , ou seja, quando $x_n = z_n$, a fim de criar o método de busca. Em outras palavras, esse procedimento consiste no seguinte: o computador extrai todas as sentenças do *corpus* selecionado, no caso desta pesquisa, *Biblioteca* de Apolodoro, e então busca identificar quais outras obras de nosso *corpus*, os textos gregos da *Perseus Digital Library*, compartilham sequências de palavras exatamente iguais. Vejamos um exemplo com base na primeira seção de *Biblioteca* e um dos textos de nosso *corpus*, uma passagem em *Teogonia*, de Hesíodo.

Apolodoro, *Biblioteca* 1.1.1

Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς
ἔδυνάστευσε κόσμου. γῆμας δὲ Γῆν
ἔτέκνωσε πρώτους τοὺς ἑκατόγχειρας
προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην
Κόττον, οἱ μεγέθει τε ἀνυπέρβλητοι καὶ
δυνάμει καθειστήκεσαν, χεῖρας μὲν
ἀνὰ ἑκατὸν κεφαλὰς δὲ ἀνὰ
πεντήκοντα ἔχοντες.

Hesíodo, *Teogonia*, 126a

ἦδ' Ἔρος, ὃς κάλλιστος ἐν ἀθανάτοισι
θεοῖσι, λυσιμελής, πάντων δὲ θεῶν
πάντων τ' ἀνθρώπων δάμναται ἐν
στήθεσσι νόον καὶ ἐπίφρονα βουλήν.
ἐκ Χάεος δ' Ἐρεβός τε μέλαινά τε Νύξ
ἐγένοντο: Νυκτὸς δ' αὐτ' Αἰθήρ τε καὶ
Ἡμέρη ἐξεγένοντο,
οὓς τέκε κυσαμένη Ἐρέβει φιλότῃτι
μιγεῖσα. Γαῖα δέ τοι πρῶτον μὲν ἐγείνατο
ἴσον ἑαυτῇ Οὐρανὸν ἀστερόενθ', ἵνα μιν
περὶ πάντα καλύπτῃ, ὄφρ' εἴη μακάρεσσι
θεοῖς ἔδος ἀσφαλὲς αἰεὶ.

³ Para mais informações acerca do método LCS, cf. Berti (2012) e Bamman (2009)

Partindo de uma palavra em comum entre os textos, nesse caso Urano (Οὐρανός), no primeiro excerto, o método consiste em extrair a primeira sequência de palavras em comum entre o texto de Apolodoro e cada texto presente em nosso amplo *corpus*, como no caso da obra *Teogonia*, de Hesíodo. Repare que assinalamos as quatro primeiras palavras de *Biblioteca* e procuramos uma equivalência em Hesíodo. Há, de fato, uma para a primeira palavra, Urano, porém o mesmo não ocorre com nenhum dos vocábulos seguintes (no primeiro trecho a palavra seguinte ao nome próprio é *πρῶτος*, enquanto no segundo é *ἀστερόενθ'*) o que elimina a chance de existência de uma sequência em comum entre os dois textos nesse trecho específico de Apolodoro, embora a relação entre os dois excertos seja evidente.

Οὐρανός πρῶτος τοῦ παντός / **Οὐρανὸν** ἀστερόενθ', ἵνα μιν

É importante salientar que houve uma delimitação quanto ao número de palavras para determinar a existência de uma sequência; 3-7 vocábulos foram usados como janela de uma sequência de palavras, buscando a total equivalência entre os trechos. Porém, como trabalhamos como uma língua como o grego antigo, o computador ignorou dois fatores: a) a diferença entre casos, ou seja, consideramos palavras de mesmo radical, excluindo as desinências de caso e b) letras com acentos diferentes foram consideradas as mesmas, ou seja, acentos foram ignorados. Impostas essas duas regras no *software* de busca, caso houvesse termos em comum, o programa assinalava o livro e a sequência encontrada; senão, partiria para a próxima sequência e assim seria o procedimento ao longo de todas as sentenças de *Biblioteca* sempre comparando com o banco de dados de textos gregos digitalizados. Na imagem a seguir encontramos a forma como esses resultados são mostrados; dada a grande quantidade de dados, fizemos um recorte da planilha, uma vez que ela não poderia ser colocada aqui em toda a sua extensão.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V
1	Section:	1.1.1																				
2	Content:	Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντός ἐδυνάστευσε κόσμου . γῆμας δὲ γῆν ἐτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἐκατόγχερας προσαγορευθέντας , Βριάρεων Γῆην Κόττων , οἱ μεγέθει τε ἀνυπόβλητοι καὶ δυνάμει καθιστήκεσαν , ;																				
3	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
4																						
5	Section:	1.1.2																				
6	Content:	μετὰ τούτους δὲ αὐτῶ τεκνῶν Γῆ Κίκλυμας , Ἄρηην Στερόπην Βρόντην , ὧν ἕκαστος εἶχεν ἓνα ὄφθαλμὸν ἐπὶ τοῦ μετώπου . ἀλλὰ τούτους μὲν Οὐρανὸς ὄθρας εἰς Τάρταρον ἔρριψε (τόπος δὲ αὐτὸς ἐρεβώσης ἐ																				
7	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
8																						
9	Section:	1.1.3																				
10	Content:	τεκνῶν δὲ αὐτῶς ἐκ Γῆς παῖδας μὲν τοὺς Τιτάνας προσαγορευθέντας , Υἱεαυὸν Κοῖον Ὑπερίωνα Κρείον Ἰαπετόν καὶ νεώτατον ἀπάντων Κρόνον , θυγατέρας δὲ τὰς κληθείσας Τιτανίδας , Τηθὸν Πῆαν Θέμιν																				
11	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
12																						
13	Section:	1.1.4																				
14	Content:	ἀγανακτούσα δὲ Γῆ ἐπὶ τῇ ἀπιθείᾳ τῶν εἰς Τάρταρον ῥιφέντων παίδων πείθει τοὺς Τιτάνας ἐπιθέσθαι τῷ πατρὶ , καὶ δίδωαι ἀδαμαντίνην ἄρην Κρόνῳ . οἱ δὲ Υἱεαυοὶ χωρὶς ἐπιτίθενται , καὶ Κρόνος αἰ																				
15	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
16																						
17	Section:	1.1.5																				
18	Content:	ὁ δὲ τούτους μὲν < ἐν > τῷ Ταρτάρῳ πάλιν ὄθρας καθείριξε , τὴν δὲ ἀδελφὴν Πῆαν γῆμας , ἐπειδὴ Γῆ τε καὶ Οὐρανὸς ἐθεσπέφθον αὐτῷ λέγοντες ὑπὸ παιδὸς ἰδίου τὴν ἀρχὴν ἀφαιρηθήσεσθαι , κατέπινε τὰ *																				
19	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
20	dem_gk, Demosthenes	23,85	δὲ τούτους μὲν	ὁ δὲ τούτους μὲν ἀθύρους παρήκε , καὶ οὐδὲ λόγον πεποιθὶται περὶ αὐτῶν οὐδένα , τοὺς δὲ τὸν ἦρσιν περυσγῶτα θῆσω γὰρ οὕτω κατὰ τὸν καινὸν ἀπάντων ἀνθρώπων νόμον , ὅς																		
21																						
22	Section:	1.1.6																				
23	Content:	ἀργισθεῖσα δὲ ἐπὶ τούτοις Πῆα παραγίνεται μὲν εἰς Κρήτην , ὀπιήνικα τὸν Δία ἐγκυμονούσα ἐτύγχανε , γεννᾷ δὲ ἓν ἄνθρωπος τῆς ἀδικτῆς Δία . καὶ τοῖτον μὲν δίδωαι τρέφεσθαι Κοῖρῶσι τε καὶ ταῖς Μελοσῶσις τ																				
24	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
25	arrian.acies_gk, Arrian	0,3	δὲ ἐπὶ τούτοις	περὶ δὲ ἐπὶ τούτοις τετάχθων , τὰ σημεῖα ἀνατεταμένα																		
26	andoc_gk, Andocides	0,52	δὲ ἐπὶ τούτοις	ἐπὶ δὲ ἐπὶ τούτοις καὶ τότε ἐνεβλήθη, ὁ ἄνθρωπος , καὶ ἐλογίζομαι πρὸς ἑμαυτὸν τοὺς ἐξημερικῶτας καὶ τὸ ἔργον εἰργασμένους , ὅτι οἱ μὲν αὐτῶν ἦρσιν ἐπέθεσαν ὑπὸ Τεῖκε																		

Fig.19 – Os resultados para LCS

A tabela acima apresenta a indicação livro/capítulo/seção de *Biblioteca*, o texto da referida passagem e o trecho extraído, quando houve, do banco de dados grego para a busca de LCS. Notemos que as sentenças seguem a divisão que mostramos anteriormente neste capítulo. O próximo passo, então, foi verificar quais desses resultados encontravam uma equivalência em nossa resposta-modelo, que tem como base as notas da edição de Frazer (1921). Reunidos os valores extraídos dessa coleta de dados, temos a seguinte contagem:

LCS	Recall
Precisão	Fonte
Fonte: 1/303(0.3%)	Top 5: 1/610(0.1%)
Informação: 1/151(0.6%)	Top 10: 1/610(0.1%)
Linguística: 0/16(0%)	Top 30: 1/610(0.1%)
Informação	Linguística
Top 5: 1/272(0.3%)	Top 5: 0/31(0%)
Top 10: 1/272(0.3%)	Top 10: 0/31(0%)
Top 30: 1/272(0.3%)	Top 30: 0/31(0%)

Primeiramente, o que mais nos chama atenção é o número extremamente baixo de equivalências, o que comprova a ideia comumente difundida pelos estudiosos do grego antigo de que a variedade do vocabulário entre dois ou mais autores é tão grande, a ponto de cada texto distinto exigir um novo estudo do léxico da língua. Há um predomínio de expressões cristalizadas da língua como μὲν οὖν τὸν; δὲ ἐπὶ τούτοις; μὲν οὖν καὶ; δὲ τὸ μὲν πρῶτον, o que, infelizmente, não é algo útil para

nossa proposta de geração automática de referências. Existem dois motivos que nos parecem plausíveis para justificar os resultados tão baixos para a LCS: a) os gêneros textuais são distintos entre os autores do *corpus*: Apolodoro é um texto em prosa pouco rebuscado, diferente, por exemplo, de um poema épico principalmente no que diz respeito ao estilo e poeticidade; b) como o grego antigo foi uma língua usada por muitos séculos, há intervalos muito grandes entre as diferentes produções escritas. Por exemplo, o mais antigo texto de nosso *corpus* é Homero, (séc. VIII a.C.) e o mais recente data do século IX d.C., com os fragmentos dos escoliastas. Portanto, a variação intrínseca e inevitável de toda língua acarreta numa mudança lexical bastante saliente entre os autores e essa riqueza de vocabulário dificulta a ocorrência de sequências comuns entre Apolodoro e outros autores. Essa baixa equivalência seria esperada em obras distintas. No entanto, mesmo com obras de temática semelhante, como a *Teogonia* de Hesíodo, ou com passagens tratando do mesmo tema, como em *Descrição da Grécia*, de Pausânias, as ocorrências foram pouco relevantes.

A fim de verificar se, de fato, houve algum problema com esse algoritmo ou se realmente a LCS não se configuraria como um bom mecanismo de geração automática de referências, realizamos o mesmo comparativo com um outro autor, dessa vez, Pausânias, cuja obra faz uma descrição geográfica da Grécia Antiga, diluída numa narrativa que por vezes se apoia em e faz menção aos mitos e à literatura de seu povo. Realizando o mesmo procedimento feito com Apolodoro, os resultados foram apresentados da seguinte maneira.

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V
1	Section:	1.1.1																				
2	Content:	Ἑλληνικός, Κυκλά τῆς ἡμετέρας τῆς Ἑλληνικῆς κατὰ νόησος τὰς Κυκλάδας καὶ πέλαγος τὸ Αἰγαίον ἄκρα σοσίνων πρόκειται γῆς Ἀττικῆς· καὶ Λυμὴν τε παραπλοῦσαν τὴν ἄκραν ἐστὶ καὶ ναὸς Ἀθηνᾶς σοσινῶδες ἐπὶ κορυφῆς																				
3	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
4																						
5	Section:	1.1.2																				
6	Content:	Παραυῖς, θεμιστὸ δὲ Παραυῖος ἄσμος μὲν ἦν ἐκ παλαιῶν, πρότερον δὲ πρὶν ἢ θεμιστοκλῆς Ἀθηναῖος ἤρξεν ἐπίνεον οὐκ ἦν· φαλῆρον δὲ ταυτὴ γὰρ ἐλάχιστον ἀπέχετο τῆς πόλεως ἢ θάλασσαν, τοῦτο σφαιρὸν ἐπίνεον ἦν, καὶ																				
7	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
8																						
9	Section:	1.1.3																				
10	Content:	Παραυῖς, Ἀθηνᾶς θεῶς δὲ ἄξιον τῶν ἐν Πιραυεῖ μύλαστα Ἀθηνᾶς ἐστὶ καὶ διὰς τῆς μόνου· χαλκοὶ μὲν ἀμφοτέρω τὰ ἀγάλματα, ἔχει δὲ ὁ μὲν σφῆτρον καὶ Νίκην, ἡ δὲ Ἀθηνᾶ δούρη· ἐνταῦθα Λεωσθένην, ὅς Ἀθηναῖος καὶ τὸ																				
11	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
12																						
13	Section:	1.1.4																				
14	Content:	Ἀθηναῖος, Μουνη ἐστὶ δὲ καὶ ἄλλος Ἀθηναῖος ὁ μὲν ἐπὶ Μουνηχῆ Λυμὴν καὶ Μουνηχῆς ναὸς Ἀρετῆδος, ὁ δὲ ἐπὶ Φαληρῶν, καθὰ καὶ πρότερον εἰρηται μοι, καὶ πρὸς αὐτῷ Δῆμητρος ἱερὸν, ἐνταῦθα καὶ σκερῶδες Ἀθηνᾶς νῆ																				
15	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
16																						
17	Section:	1.1.5																				
18	Content:	Κυκλάς, φθαρὲν ἀπέχετο δὲ σταθῶν εἰκοσὶν ἄκρα Κυκλάς· ἐς ταυτὴν φθαρῆτος τοῦ ναυτικοῦ τοῦ Μήδων καθήκοντες ὁ κλύων τὰ ναυάγια· Κυκλάδος δὲ ἐστὶν ἐνταῦθα Ἀφροδίτης ἀγάλμα καὶ Γενετιμίδος ἀναμαζόμεναι																				
19	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
20																						
21	Section:	1.2.1																				
22	Content:	Ἀντιόπη, Ἀμαζόνι ἐσπλήθοντι δὲ ἐς τὴν πόλιν ἐστὶν Ἀντιόπη μῆτρα Ἀμαζόνος· ταυτὴν τὴν Ἀντιόπην Πίνδαρος μὲν φησὶν ὑπὸ Περίθου καὶ Θηρέως ἀρπασθῆναι, Τροχόντι μὲν δὲ ἦν τὸ αὐτὸ ἐς αὐτὴν πεποιθῆναι· Ἡρακλῆα θε																				
23	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
24																						
25	Section:	1.2.2																				
26	Content:	Παραυῖς, Κόνων ἀνώντων δὲ ἐκ Παραυῖος ἔρημα τῶν ταχυῶν ἐστὶν, ἃ Κόνων ὕστερον τῆς πρὸς Κνίδου ναυμαχίας ἀνέστηρε· τὰ γὰρ θεμιστοκλῆος μετὰ τὴν ἀναχώρησιν ἀικοδομηθέντα τὴν Μήδων ἐπὶ τῆς ἀρχῆς καθιέρθη																				
27	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
28																						
29	Section:	1.2.3																				
30	Content:	Πολυκράτης, Ἄνα συνήσαν δὲ ἄρα καὶ τὸς βασιλεῖς ποικταὶ καὶ πρότερον ἐπὶ καὶ Πολυκράτης ἄσμου τυραννοῦντος Ἀνακρήτων παρῆν καὶ ἐς σκερῶσεως πρὸς Ἰβρίνα Ἀισχίλος καὶ σμυρῶνος ἐσπλήθον· διανομῆ δὲ,																				
31	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		
32																						
33	Section:	1.2.4																				
34	Content:	Δῆμητρος, Ἰαχρον ἐσπλήθοντι δὲ ἐς τὴν πόλιν οἰκοδόμησεν ἐστὶ τῶν ταχυῶν, ἃς πέμποσιν τὰς μὲν ἀνά πᾶν ἔτος, τὰς δὲ καὶ χρόνον διαλείποντας, καὶ πηλοσιν ναὸς ἐστὶ Δῆμητρος, ἀγάλματα δὲ αὐτῆς τε κα																				
35	Filename, author	Reference	Word sequence	content of line																		

Fig.20 – A LCS em Pausânias

A divisão do livro de Pausânias é semelhante à de Apolodoro, organizado em livro/capítulo/seção. Diante da extensão de sua obra, 10 livros, esperávamos encontrar uma quantidade maior de sequências em comum entre o autor e nosso *corpus*, porém, assim como ocorrera com *Biblioteca*, os resultados foram muito baixos, uma precisão de 0,9% e um recall de 1,1%. Com efeito, diante dos resultados encontrados e das justificativas feitas, o algoritmo LCS não pôde ser elencado como uma das ferramentas úteis para a geração automática de uma edição comentada de um texto em grego antigo. Esse método nos parece mais eficaz quando analisamos textos de um mesmo autor (cf. Lee (2009)), porém em nossa proposta teve que ser descartado. Vale ressaltar, por fim, que esse método talvez possa encontrar resultados mais eficazes em outras línguas, no entanto esses dados ainda não podem ser comprovados, visto que no recorte temático desta tese não contemplamos o emprego da LCS numa língua que não fosse o grego antigo. Diante da ineficácia da LCS, portanto, a decisão seguinte foi utilizar o método de peso das palavras (TFIDF), e sobre ele teceremos comentários na seção a seguir.

4.4.2 Algoritmo III: TFIDF – peso das palavras

Nosso segundo algoritmo foi baseado no TFIDF, método conhecido por fazer a pesagem das palavras, ou seja, ele avalia a importância de um vocábulo com base na sua recorrência no *corpus* com que se trabalha. Primeiramente, foi estabelecido que toda e qualquer palavra do texto de Apolodoro seria verificada e calculada pelo computador, tarefa esta que leva mais tempo quanto maior for o tamanho da base de dados utilizada. O passo fundamental deste método é delimitar qual ou quais palavras serão usadas e pesadas do texto de origem, *Biblioteca*, e no *corpus* digital da Biblioteca Perseus. De maneira geral, o procedimento funciona da seguinte forma:

Biblioteca 1.1.7

αὐται μὲν οὖν τὸν παῖδα
 ἔτρεφον τῷ τῆς Ἀμαλθείας
 γάλακτι, οἱ δὲ Κούρητες
 ἔνοπλοι ἐν τῷ τὸ βρέφος
 φυλάσσοντες τοῖς δόρασι
 τὰς ἀσπίδας συνέκρουον,
 ἵνα μὴ τῆς τοῦ παιδὸς

Teogonia, 485

Κρήτη ἐν εὐρείῃ τραφέμεν
 ἀτιταλλέμεναί τε.
 ἔνθα μιν ἴκτο φέρουσα
 θοὴν διὰ νύκτα μέλαιναν
 πρῶτην ἐς Λύκτον: κρύψεν
 δέ ἐ χειρὶ λαβοῦσα
 ἄντρον ἐν ἠλιβάτῳ, ζαθέης

História da Grécia 8.36.3

καὶ τεκεῖν μὲν συγχωροῦσιν
 αὐτὴν ἐν μοίρᾳ τινὶ τοῦ
 Λυκαίου, τὴν δὲ ἐς τὸν
 Κρόνον ἀπάτην καὶ ἀντὶ
 τοῦ παιδὸς τὴν λεγομένην
 ὑπὸ Ἑλλήνων ἀντίδοσιν τοῦ
 λίθου γενέσθαι φασίν

φωνῆς ὁ Κρόνος ἀκούση. ὑπὸ κεῦθεσι γαίης, ἐνταῦθα. ἔστι δὲ πρὸς τῇ
 Ῥέα δὲ λίθον Αἰγαίῳ ἐν ὄρει κορυφῇ τοῦ ὄρους σπήλαιον
 σπαργανώσασα δέδωκε πεπυκασμένῳ ὑλήεντι. τῷ τῆς Ῥέας, καὶ ἐς αὐτὸ ὅτι μὴ
 Κρόνῳ καταπιεῖν ὡς τὸν δὲ σπαργανίσασα μέγαν γυναιξὶ μόναϊς ἰεραῖς τῆς
 γεγεννημένον παῖδα. λίθον ἐγγυάλιξεν θεοῦ ἀνθρώπων γε οὐδενὶ
 Οὐρανίδῃ μέγ' ἄνακτι, ἐσελθεῖν ἔστι τῶν ἄλλων.
 θεῶν προτέρῳ βασιλῆι.

Por meio de método TDIDF, o computador assinala cada palavra do texto de Apolodoro e a procura no banco de dados disponível; nos exemplos acima temos dois excertos extraídos, respectivamente, das obras *Teogonia*, de Hesíodo, e de *Descrição da Grécia*, de Pausânias, e a palavra escolhida para a busca inicial foi “pedra, λίθος, no grego, que ocorre no acusativo nos dois primeiros textos e no genitivo, no terceiro. Embora nosso *corpus* seja maior do que os dois textos que ilustram o procedimento desse algoritmo, esse é o cálculo feito pelo método TDIDF, bastante inviável de ser executado manualmente dada a enorme quantidade de palavras em cada uma dessas obras. Nossa intenção com esse método era encontrar palavras que devido à recorrência salientassem passagens em comum entre autores e, por conseguinte, gerasse um possível índice de referências. A imagem abaixo representa a forma como a contagem feita pelo computador é feita.

Section	Content	TFIDF
1	Section: 1.1.1	
2	Content: Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντός ἐδνώσασαε κόραου . γῆμας δὲ Γῆν ἐτέκνισαε πρῶταυ τοῖς ἐκατόχημας προσαγορευθέντασ , Βριάρεωv Γῆν Κότων . οἱ μεγέθη τε ἀνιμέγβλητα καὶ δυνάμη καθιστήσασαυ	
3	Filename, author: Reference sum of 1 Words matched(TFIDF)	
4	plat.tetf89_gk Plato 29 11,07 τοῖ(0.295), παντο(1.718), κόραου(2.320), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
5	strab_gk Strabo 10,41 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
6	aristot.pol_gk Aristotle 1308b 10,37 τοῖ(0.295), παντο(1.718), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), θανάμει(1.621), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
7	aristot.met_gk Aristotle 1063b 10,37 τοῖ(0.295), παντο(1.718), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), θανάμει(1.621), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
8	appian.cw_gk Appian 0,7 10,29 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), κεφαλαῖ(1.542), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
9	plat.tetf89_gk Plato 32 10,28 τοῖ(0.295), παντο(1.718), κόραου(2.320), θε(0.008), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
10	plat.rep_gk Plato 511 10,02 τοῖ(0.295), παντο(1.718), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), θανάμει(1.621), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
11	xen.anab_gk Xenophon 4,12 9,86 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
12	strab_gk Strabo 11.14.15 9,05 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
13	appian.cw_gk Appian 0,68 9,05 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
14	appian.cw_gk Appian 0,9 9,05 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
15	appian.fw_gk Appian 0,42 9,05 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
16	strab_gk Strabo 8.6.19 8,75 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
17	appian.cw_gk Appian 0,44 8,75 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
18	appian.fw_gk Appian 0,89 8,75 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
19	strab_gk Strabo 9.3.1 8,70 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
20	paus_gk Pausanias 7.17.10 8,70 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
21	hdt_gk Herodotus 3.78.1 8,64 θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
22	paus_gk Pausanias 1.14.7 8,64 θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
23	appian.cw_gk Appian 0,12 8,57 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), κεφαλαῖ(1.542), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
24	appian.cw_gk Appian 0,56 8,50 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), μεγέθη(1.475), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
25	aristot.nic.eth_gk Aristotle 75 8,50 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
26	strab_gk Strabo 5.3.6 8,39 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
27	appian.cw_gk Appian 0,12 8,32 θε(0.008), τοῖ(0.352), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
28	strab_gk Strabo 5.1.11 8,31 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
29	strab_gk Strabo 5.3.5 8,31 τοῖ(0.295), θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
30	diod_gk Diodorus Siculus 12.61.6 8,29 θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	
31	hdt_gk Herodotus 3.39.3 8,28 τοῖ(0.295), θε(0.008), οἰ(0.434), τε(0.549), και(0.015), ἀνά(2.627), ἱκατόν(1.718), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
32	appian.cw_gk Appian 0,2 8,21 θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), μεγέθη(1.475), τε(0.549), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627)	
33	ath05_gk Athenaeus 27 8,20 θε(0.008), τοῖ(0.352), οἰ(0.434), και(0.015), μὲν(0.113), ἀνά(2.627), θε(0.008), ἀνά(2.627), ἔγοντες(2.019)	

Fig.21 – A forma de apresentação de resultados do TFIDF

O esquema apresentado na imagem X deve ser lido da seguinte forma: separada cada seção de *Biblioteca*, como no exemplo, 1.1.1, o programa faz o cálculo

ou pesagem das palavras em cada um dos textos do *corpus*, que são elencados na coluna da esquerda. Dessa forma, comparamos os resultados do TDIDF com as referências utilizadas por Frazer (1921), a fim de verificar a eficácia desse procedimento, obtendo os seguintes resultados.

TFIDF	Recall
Precisão	Fonte
Fonte: 6/303 (2%)	Top 5: 7/610 (1.1%)
Informação: 5/151 (3.3%)	Top 10: 8/610 (1.3%)
Linguística: 0/16 (0%)	Top 30: 10/610 (1.6%)
Informação	Linguística
Top 5: 6/272 (2.2%)	Top 5: 0/31 (0%)
Top 10: 6/272 (2.2%)	Top 10: 0/31 (0%)
Top 30: 6/272 (2.2%)	Top 30: 0/31 (0%)

Semelhantemente ao que ocorreu com a categoria da LCS, o TFDIF teve resultados muito baixos, menos que 3%, e na categoria Linguística não encontrou nenhuma equivalência, o que é pertinente, já que a diferença na grafia pode ser tão saliente a ponto de o sistema não considerar dois itens como a mesma palavra. Esse mecanismo de busca tem dois problemas-chave que dificultam sua utilização. Primeiro, diante de um *corpus* muito grande, como o que utilizamos, o *software* exige um computador muito avançado e, mesmo assim, ultrapassa, por vezes, 24 horas de análise, correndo o risco de ocorrerem falhas durante esse procedimento. Segundo, a busca por palavras isoladamente não garante um método preciso de busca, visto que, com frequência, uma referência envolve um grupo de palavras (*clusters*) ou, em alguns casos, embora um vocábulo seja importante do ponto de vista cultural, sua baixa recorrência no texto em questão ou em outros textos fará com o que programa não o considere como relevante. Ademais, as palavras consideradas expressivas pelo computador, na maioria das vezes, também se restringiram a pronomes demonstrativos (τοῦτον, οὗτος) ou partículas enfáticas do grego (μέν, δέ), o que acaba por não nos auxiliar em nosso objetivo. No entanto, é importante ressaltar que o TFIDF se mostrou bastante útil no sentido de mostrar a possibilidade de um novo

algoritmo, justamente aquele utilizado por nosso método e que será debatido na próxima seção, principalmente nas ocorrências de referências do tipo fonte, ou seja, aquelas que nos remetiam a uma intertextualidade. Elas mostraram que muitos dos exemplos assinalados como palavras frequentemente recorrentes em outros textos do *corpus* eram os nomes próprios, bastante prolíficos no texto de Apolodoro.

Tal como ocorrera com a LCS, para uma língua como o grego antigo, o TFIDF também se mostrou falho porque não é capaz de entender sinônimos. Portanto, às vezes, por mais que uma palavra em Apolodoro possa nos indicar alguma conexão de relevância com outros textos, a distância temporal e a variação dialetal entre esse texto e os demais dificulta ao método encontrar as equivalências e, sendo assim, o resultado acaba sendo falho. Também houve problemas para o sistema ignorar as desinências de casos, dificultando ainda mais o processo. Diante da ineficácia dos dois métodos apresentados, a LCS e o TFIDF, restou-nos a questão se de fato haveria uma forma de criar uma geração automática de referências de um texto literário usando o grego antigo como plataforma de teste. Conforme ressaltamos, as pequenas ocorrências apontadas pelo TFIDF nos sugeriram que poderíamos então tentar um método ainda não testado num trabalho de pesquisa e, por essa razão, optamos por trabalhar com os nomes próprios presentes em *Biblioteca*, método que não só exigiu mais destreza e etapas de pré-levantamento de ocorrências como também trouxe resultados mais significativos, conforme abordaremos a seguir.

4.4.3 Algoritmo: os nomes próprios

Quando analisamos comparativamente a tradução da voz média em traduções de Apolodoro em língua moderna (capítulo 2), surgiu a ideia de incorporar à pesquisa, derivado da elaboração de uma edição digital, o uso de uma unidade lexical como algoritmo para a geração automática de referências. O uso dos verbos médios, ideia original, contudo, não mostrou uma alta eficiência para configurar-se como método científico. Dessa forma, a escolha por se trabalhar com nomes próprios foi feita com base na alta frequência com que aparecem ao longo da narrativa de Apolodoro, o que foi comprovado em alguns momentos, conforme mencionamos, durante o uso do TFIDF e também após a tradução que fizemos da obra, assegurando-nos quanto a esse aspecto do texto. Por esse motivo, diante da busca por um método que nos auxiliasse a criar uma geração automática de referências, os nomes próprios pareciam ser uma tentativa plausível. No entanto, para que o computador fizesse qualquer tipo de busca

usando esse algoritmo, era necessário, primeiro, realizar uma série de procedimentos que envolveram tarefas distintas, anteriores ao momento da coleta de resultados, e específicas diante do fato de trabalharmos com um texto em grego antigo. Primeiro, o *software* precisa compreender o que é um nome próprio em grego e essa decisão foi feita da forma mais prática possível, a partir da identificação das iniciais maiúsculas no texto, organizadas no sistema por meio de uma simples tabela, conforme demonstramos abaixo.

A	B	Γ	Δ	E	Z
H	Θ	I	K	Λ	M
N	Ξ	O	Π	P	Σ
T	Υ	Φ	X	Ψ	Ω

Tabela 14 - Letras maiúsculas armazenadas pelo software

A extração das letras maiúsculas foi um método bem-sucedido, pois a grande vantagem dessa operação se deve ao fato de, na edição do texto que utilizamos, não haver distinção de letras maiúsculas e minúsculas no início ou na continuidade de um parágrafo no texto grego, ou seja, o emprego de letras em caixa alta sempre se refere aos nomes próprios da narrativa. Houve apenas necessidade de prestar atenção a algumas ocorrências no texto fonte que foram traduzidas como nomes próprios em línguas modernas e, por conseguinte, precisariam ser incluídas na contagem. Vejamos o exemplo a seguir:

Ex.1) ἐκ δὲ τῶν σταλαγμῶν τοῦ ῥέοντος αἵματος ἐρινύες ἐγένοντο, Ἀληκτῶ Τισιφόνῃ Μέγαιρα. τῆς δὲ ἀρχῆς ἐκβαλόντες τοὺς τε καταταρταρωθέντας ἀνήγαγον ἀδελφοὺς καὶ τὴν ἀρχὴν Κρόνῳ παρέδωσαν. (Apol. *Biblio.* 1.1.4) - Das gotas do sangue que ali fluía, nasceram as **Erínias**: Alecto, Tisífone e Megera. Depois de destronarem seu pai, os Titãs resgataram seus irmãos lançados no Tártaro e concederam a soberania a Crono.

No trecho acima, Erínias, ou Fúrias (em grego, ἐρινύες), é um termo que apresenta intertextualidade em outros autores e foi traduzido como nome próprio nas versões em língua moderna de *Biblioteca*, embora na língua de origem não tenha sido empregado com inicial maiúscula; por essa razão, foi necessário incluir no sistema

esse tipo de ocorrência. Extraídos os nomes próprios com iniciais minúsculas no texto original, a etapa a seguir consistiu em resolver o problema das diferenças morfológicas de um mesmo nome, decorrentes das variações dialetais do grego antigo, uma vez, vale lembrar, que nossa análise de dados perpassa um *corpus* que abarca desde Homero (séc. VIII), dialeto homérico, passando pelo próprio Apolodoro (séc. II d.C.), dialeto ateniense, até os textos dos escoliastas (séc. IX d.C.). As variantes dialetais podem acarretar em problemas de coleta de dados para o computador, visto que se usarmos apenas as formas presentes em *Biblioteca*, textos de outros autores podem não ser encontrados pelo sistema pela simples diferença na grafia. Ademais, um procedimento semelhante deve ser realizado para resolver a questão da irregularidade de alguns nomes próprios e das variantes morfológicas da língua grega decorrentes de sua organização gramatical por meio de casos. Já que a função sintática da palavra em uma sentença grega é dada pela sua construção morfológica, sanar esse problema também foi uma tarefa necessária e a esse respeito também faremos alguns comentários. Primeiramente, a questão da variação dialetal e das irregularidades de alguns nomes próprios foi resolvida da seguinte maneira: organizando uma tabela para incluir no *software* de busca, elencamos todos os nomes próprios extraídos da narrativa de Apolodoro e de acordo com as notas de Frazer (1921), verificamos sua ocorrência em outros autores e, por conseguinte, o dialeto encontrado nessa nota, para definir sua grafia. Por exemplo, Gaia (Terra) pode ser encontrada, na *Teogonia* de Hesíodo, em uma forma diferente dada a variação dialetal. Assim, essa forma deveria ser adicionada ao método de busca, a fim de que ele compreendesse todas as formas de Gaia uma mesma entidade. Para isso, todas essas variantes presentes em nosso *corpus* foram reunidas numa única tabela.

Ζεύς	Δία	Δί	Διὸς	Ζηνί
Γαῖα	Γαίης	Γαίη		
Χάος				
Οὐρα				
Ἐριωνῆς	Ἐριυαεῖς			

Tabela 15 – A incorporação no sistema das variantes dialetais em nosso corpus

A cada problema na busca que porventura sugerisse uma diferença entre dialetos, qualquer outro nome poderia ser incluído na tabela acima e uma nova coleta

de dados seria realizada, dessa vez com as informações atualizadas. No caso das variantes morfológicas, o procedimento foi semelhante ao empregado no método LCS: consideramos o radical da palavra ou a maior sequência de letras até a desinência de caso, e se houvesse equivalência entre essas sequências, as palavras seriam consideradas as mesmas. Esse mecanismo permite que as desinências de cada caso sejam ignoradas e o radical da palavra seja determinante de igualdade entre as palavras. Especifiquemos esse procedimento a seguir.

a)	Ποσειδων	b)	Ζεύς	c)	Οὐρανός
	Ποσειδωνος		Διός		οὐρανόν
	Οὐρανός		Ζεύς		Ἄθλας
	Οὐρανόν		Δίι		ἄθλον

No primeiro grupo, o computador identifica as letras em negrito uma a uma, desconsidera até as quatro últimas letras de uma palavra (entendendo-as como desinências de casos), por conta da morfologia do dativo plural, que pode ter mais de três também, e reconhece como mesma palavra uma igualdade de no mínimo cinco letras. Os dois pares do primeiro exemplo, Poseidon (nominativo e genitivo, respectivamente) e Urano (nominativo e acusativo) são lidos pelo sistema como ocorrências de uma mesma palavra. No caso do segundo grupo, Zeus, um nome irregular, acarretaria em problemas se avaliado da mesma forma que o primeiro par de palavras, ou seja, a sequência de letras aqui não permitiria ao computador identificar as duas ocorrências como uma mesma entidade. Porém, uma vez inseridas todas as variantes desse radical relativas a cada um dos casos em que o nome próprio aparecia no *corpus*, o sistema automaticamente processa todas as formas como Zeus. No caso do último par de palavras, a semelhança entre as três ou cinco primeiras letras poderia considerá-las como um mesmo nome, se desconsideradas as duas últimas como marcas de caso. Urano, nome próprio, tem a mesma grafia que o substantivo comum *céu*, enquanto que Atlas tem as três primeiras iniciais semelhantes ao do substantivo comum *trabalho*. No entanto, nesses casos prevalece o primeiro critério de inicial

maiuscula, o que resolve o problema de o programa trazer um substantivo comum ao longo da coleta de dados.

Depois da escolha do algoritmo e do ajuste desses pequenos detalhes, a próxima etapa, então, foi dar início ao rastreamento dos nomes próprios, a fim de avaliar a quantidade de dados obtidos. Com todos os nomes próprios extraídos de *Biblioteca*, foi feito um cruzamento de informações entre os textos de nosso *corpus*, provenientes da *Perseus Digital Library*, a fim de verificarmos em qual ou quais autores encontramos os mesmos nomes próprios, e as notas da edição comentada de Frazer (1921), a fim de avaliar a precisão do uso de nomes próprios num primeiro momento. Como a edição em inglês é extremamente completa, nossos resultados seriam comparados com as notas do tradutor, para que visualizássemos o grau de precisão de nosso método. Caso o número de referências obtidas pelo sistema fosse tão completo quanto ao da edição comentada, o algoritmo teria alta precisão; caso contrário, precisaria ser revisto.

J	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1	Section	Author/Book(filename)	Reference	Score	Names found(Original name, no. of letter matched)								
2	1.1.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	126	0.857	Οὐρανός(Οὐρανός, 6)								
3	1.1.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	147	3.315	Οὐρανός(Οὐρανός, 6), Βράρπειν(Βράρπειν, 7), Γύρν(Γύρν, 3), Κάτων(Κάτων, 5)								
4	1.1.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	211 - 233(221)	0.400	Γην(Γήρας, 2)								
5	1.1.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	139	3.000	Κόκλυτας(Κόκλυτας, 8), Άργην(Άργην, 5), Βρόντην(Βρόντην, 7)								
6	1.1.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	717	1.000	Τάρταρον(Τάρταρον, 8)								
7	1.1.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	720 - 726(720)	1.000	Τάρταρον(Τάρταρον, 8)								
8	1.1.3	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	132	8.400	Θεσσών(Θεσσών, 7), Κόλον(Κόλον, 5), Υπερίωνα(Υπερίωνα, 8), Ιαπετόν(Ιαπετόν, 7), Τηβόν(Τηβόν, 5), Πέαν(Πέαν, 2), Θέμν(Θέμν, 5), Μημοσύνην(Μημοσύνην, 5)								
9	1.1.3	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	453	1.300	Κρόνον(Κρόνον, 4), Πέαν(Πέαν, 2)								
10	1.1.3	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	137	0.833	Κρόνον(Κρόνον, 5)								
11	1.1.4	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	156 - 190(164)	0.667	Κρόνον(Κρόνον, 4)								
12	1.1.4	Pausanias(paus_gk)	7.23.4	1.500	Τιδάνας(Τιδάνας, 5), Κρόνον(Κρόνον, 4)								
13	1.1.4	Plato/Republic(plat.rep_gk)	377 - 378(377)	1.500	Κρόνον(Κρόνον, 4), Κρόνος(Κρόνος, 5)								
14	1.1.5	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	453 - 467(463)	1.357	Πέαν(Πέαν, 2), Οὐρανός(Οὐρανός, 6)								
15	1.1.6	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	468 - 480(468)	1.000	Δία(Δία, 2)								
16	1.1.7	Strabo/Geography(strab_gk)	10.3.11	3.250	Κρόνος(Κρονητος, 8), Κρόνος(Κρόνος, 5), Πέαν(Πέαν, 3), Κρόνον(Κρόνον, 4)								
17	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	10.24.6	2.000	Κρόνος(Κρόνος, 6), Κρόνον(Κρόνον, 5)								
18	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	8.8.2	2.500	Κρόνος(Κρόνος, 5), Πέαν(Πέαν, 3), Κρόνον(Κρόνον, 4)								
19	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	8.36.2	2.417	Κρόνος(Κρόνος, 6), Πέαν(Πέαν, 3), Κρόνον(Κρόνον, 4)								
20	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	9.2.7	1.800	Κρόνος(Κρόνος, 4), Πέαν(Πέαν, 3)								
21	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	9.41.6	1.583	Κρόνος(Κρόνος, 5), Πέαν(Πέαν, 3)								
22	1.1.7	Pausanias(paus_gk)	5.7.6	2.583	Κρόνος(Κρόνος, 5), Πέαν(Πέαν, 3), Κρόνον(Κρόνον, 5)								
23	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	493	0.667	Κρόνον(Κρόνον, 4)								
24	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	717	0.750	Τάρταρον(Τάρταρον, 6)								
25	1.2.1	Homer/Iliad(hom.il_gk)	15.187	2.267	Ζεύς(Ζεύς, 4), Κρόνον(Κρόνος, 4), Ρουσαι(Αΐδης, 3)								
26	1.2.1	Plato/Gorgias(plat.tet6_gk)	523	7.583	Ζεύς(Ζεύς, 4), Κρόνον(Κρόνος, 4), Κρόνον(Κρόνος, 5), Διί(Διός, 2), Πλούτων(Πλούτων, 7), Ποσειδών(Ποσειδών, 8), Ταρτάρον(Τάρταρον, 6), Πλούτων(Πλούτων, 7)								
27	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	623 - 634(630)	1.833	Κρόνον(Κρόνος, 5), Κρόνον(Κρόνος, 5)								
28	1.2.1	Homer/Iliad(hom.il_gk)	11.195 - 11.199(11.19)	2.000	Ζεύς(Ζεύς, 4), Διί(Διός, 3)								
29	1.2.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	243	1.400	Αμφικτιή(Αμφικτιή, 9), Θέαις(Θέαις, 2)								
30	1.2.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	346 - 366(358)	3.750	Θεσσών(Θεσσών, 7), Τηβίος(Τηβίος, 6), Ασία(Ασία, 3), Μητις(Μητις, 5)								
31	1.2.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	404	1.000	Κοιού(Κοιός, 5)								
32	1.2.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	371	2.857	Υπερίωνος(Υπερίωνος, 9), Ηώς(Ήώς, 2), Εὐρεβίας(Εὐρεβίας, 6)								
33	1.2.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	375	4.190	Ήως(Ήώς, 3), Εὐρεβίας(Εὐρεβίας, 6), Ασπράλιος(Ασπράλιος, 7), Πάλλας(Πάλλαντας, 5), Πέρονς(Πέρονς, 5)								
34	1.2.3	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	507 - 520(507)	4.067	ιαπετόν(ιαπετός, 6), Άλκας(Άλκας, 4), Πρωβίβει(Πρωβίβει, 7), Εμυβίβει(Εμυβίβει, 7), Μενόκτας(Μενόκτας, 8)								
35	1.2.4	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	378	0.857	Ασπράλιος(Ασπράλιος, 6)								

Fig.22 – Planilha com a extração dos nomes próprios

As informações acima são apresentadas da seguinte maneira: primeiro, na coluna da esquerda temos a seção de *Biblioteca* cujos nomes serão avaliados. A segunda coluna mostra os livros do *corpus* com nomes próprios em comum com aquela seção. Já na terceira coluna temos o *score*, ou pontuação, isto é, o número da mais alta equivalência e da menor, baseado na quantidade de nomes extraídos do capítulo. Se numa seção de Apolodoro houver 5 nomes próprios, essa pontuação variará de 0 a 5. 5 significa que todos os nomes foram encontrados, e 0, nenhum nome encontrado. A última coluna mostra os nomes próprios encontrados em cada uma das

seções na ordem em que eles aparecem; quais e com que frequência aparecem, informação esta dada pelo número entre parênteses. Por recorte da figura, não inserimos a planilha em toda sua extensão, porém mais à direita dela temos o exemplo contextualizado de onde esse nome próprio foi encontrado, da linha em que ele se encontra até as cinco seguintes. Com relação a essa extensão de linhas, o número cinco foi definido com base no tamanho médio dos períodos nas obras gregas. Entretanto, essa escolha ainda esbarrou em alguns problemas, principalmente no momento do cálculo de precisão do algoritmo, sobre o que falaremos mais adiante. É importante salientar como o computador, por mais preciso que seja e por mais que refinemos nosso algoritmo, é apenas um artefato que nos auxilia na busca; o papel do pesquisador, nesse momento, é demonstrar extrema atenção para avaliar a eficácia do método e também a qualidade dos resultados obtidos.

O passo seguinte, portanto, foi verificar o grau de precisão da coleta de referências utilizando os nomes próprios como algoritmo de busca, e o cálculo foi feito da seguinte maneira: reunidos todos os resultados encontrados pelo computador, checamos quais deles eram o número exato da referência dada na edição comentada de Frazer (1921) e uma vez que o sistema tinha armazenado como informação a resposta-modelo que elaboramos, ele mesmo assinalava os resultados equivalentes. Por exemplo, na seção 1.1.1 de Apolodoro, as notas de Frazer eram x e o sistema encontrou as referências y . A precisão seria calculada da seguinte forma: quantas dessas ocorrências de y são exatamente iguais a x ? Quais não são? Por que não? As que diferem são válidas como referências também? Partimos dessas perguntas para avaliar nosso algoritmo. Vale lembrar que, nessa primeira contagem, não foi considerada nenhuma variação para frente ou para trás do texto quanto ao número de linhas, ou seja, se a referência de Frazer (1921) foi *Hes. Teo. 126*, somente a linha 126 é considerada como equivalente pelo computador. A forma de apresentação desses resultados pode ser vista na tabela abaixo.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V
1	Top scor	Lowest	Section	Author/Book(filename)	Reference	Score	Names found(Original name, no. of letter matched)														
2	3,315	1,238	1.1.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	126	0,857	Όκρανός(Όκρανός, 6)														
3		1.1.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	147	3,315	Όκρανός(Όκρανός, 6), Βράρπειν(Βράρπειν, 7), Γύμν(Γύμν, 3), Κόρτον(Κόρτον, 5)														
4		1.1.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	211 - 233(225)	0,4	Γύμν(Γύμν, 2)														
5		1.1.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	116	0	No name found														
6	3	1,6	1.1.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	139	3	Κακκλιας(Κακκλιας, 8), Αργην(Αργην, 5), Βρόντην(Βρόντην, 7)														
7		1.1.2		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	717	1	Τάρταρον(Τάρταρον, 8)														
8		1.1.2		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	720 - 726(725)	1	Τάρταρον(Τάρταρον, 8)														
9		1.1.2		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	617	0	No name found														
10		1.1.2		Homer/Iliad(hom.il_gk)	1,403	0	No name found														
11		1.1.2		Strab/strab_gk	8,11	0	No name found														
12	10,333	2,565	1.1.3	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	132	9,4	Όκρανός(Όκρανός, 7), Κόλον(Κόλον, 5), Υμεσιον(Υμεσιον, 8), Ιαμετόν(Ιαμετόν, 7), Τηθόν(Τηθόν, 5), Πέαν(Πέαν, 2), Θέμν(Θέμν, 5), Μυρ														
13		1.1.3		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	453	1,3	Κρόνον(Κρόνον, 4), Πέαν(Πέαν, 2)														
14		1.1.3		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	137	0,833	Κρόνον(Κρόνον, 5)														
15	3,657	1,8	1.1.4	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	156 - 190(168)	0,667	Κρόνμ(Κρόνος, 4)														
16		1.1.4		Pausanias/paus_gk	7,23,4	1,5	Τιτάνας(Τιτάνας, 5), Κρόνμ(Κρόνος, 4)														
17		1.1.4		Plato/Republic(plat.rep_gk)	377 - 378(377)	1,5	Κρόνμ(Κρόνος, 4), Κρόνος(Κρόνου, 5)														
18		1.1.4		Esp/Eur/espch.sum_gk	321	0	No name found														
19	5	1,889	1.1.5	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	453 - 467(467)	1,357	Πέαν(Πέαν, 2), Όκρανός(Όκρανός, 6)														
20	4,214	2	1.1.6	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	475 - 485	0	No name found														
21	3,633	2,067	1.1.7	Strabo/Geography(strab_gk)	10,3,11	3,25	Κρόνος(Κρόνος, 6), Κρόνμ(Κρόνον, 5)														
22		1.1.7		Pausanias/paus_gk	10,24,6	2	Κρόνος(Κρόνος, 6), Κρόνμ(Κρόνον, 5)														
23		1.1.7		Pausanias/paus_gk	8,8,2	2,5	Κρόνος(Κρόνον, 5), Πέα(Πέαν, 3), Κρόνμ(Κρόνον, 4)														
24		1.1.7		Pausanias/paus_gk	8,36,2	2,417	Κρόνος(Κρόνον, 6), Πέα(Πέαν, 3), Κρόνμ(Κρόνον, 4)														
25		1.1.7		Pausanias/paus_gk	9,2,7	1,8	Κρόνος(Κρόνον, 4), Πέα(Πέαν, 3)														
26		1.1.7		Pausanias/paus_gk	9,41,6	1,583	Κρόνος(Κρόνον, 5), Πέα(Πέαν, 3)														
27		1.1.7		Pausanias/paus_gk	5,7,6	2,583	Κρόνος(Κρόνον, 5), Πέα(Πέαν, 3), Κρόνμ(Κρόνον, 5)														
28		1.1.7		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	485	0	No name found														
29		1.1.7		Strabo/Geography(strab_gk)	8,7,5	0	No name found														
30	9,563	4,667	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	493	0,667	Κρόνμ(Κρόνος, 4)														
31		1.2.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	717	0,75	Ταρταρον(Τάρταρον, 6)														
32		1.2.1		Homer/Iliad(hom.il_gk)	15,187	2,267	Ζεύς(Ζεύς, 4), Κρόνμ(Κρόνον, 4), Άβου(Άβου, 3)														
33		1.2.1		Plato/Gorgias(plat.tet6_gk)	523	7,583	Ζεύς(Ζεύς, 4), Κρόνμ(Κρόνον, 4), Κρόνον(Κρόνου, 5), Δεί(Δεί, 2), Μόουσι(Μόουσι, 7), Ποσειδών(Ποσειδών, 8), Τάρταρε(Τάρταρον, 6), Μό														
34		1.2.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	623 - 634(630)	1,833	Κρόνμ(Κρόνον, 5), Κρόνον(Κρόνου, 5)														
35		1.2.1		Homer/Iliad(hom.il_gk)	11,195 - 11,199(11,195)	2	Ζεύς(Ζεύς, 4), Δεί(Δεί, 3)														
36		1.2.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	617	0	No name found														
37		1.2.1		Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	501 - 506	0	No name found														

Fig.23 – Os nomes próprios equivalentes

As linhas demarcadas na planilha são aquelas com exata equivalência entre o dado coletado pelo computador e a linha, seção, capítulo e livro referência dado por Frazer (1921). Torna-se adequado salientar um detalhe curioso: às vezes, embora a equivalência seja exata, nem sempre o mesmo número de nomes próprios da seção de Apolodoro é encontrado no texto do *corpus*. É comum que em Apolodoro haja cinco nomes próprios e nos demais textos do *corpus* tenham sido coletados três, por exemplo. Por essa razão, às vezes, um resultado de maior número de ocorrências não indica maior variedade e, sim, maior repetição do mesmos nomes e não foi citada por Frazer (1921) justamente porque representa uma referência não muito relevante para uma edição comentada. Esse método de extração de nomes próprios nos permite visualizar os resultados e avaliá-los por meio de óticas diferentes. Primeiro, é possível verificar o autor e o gênero textual que um texto-fonte tem em comum com outro e fazer uma análise a esse respeito. *Biblioteca* é uma narrativa mitológica, porém sua temática pode ser abordada tanto por um poema épico, como o de Homero, como por uma tragédia de Eurípides, entretanto a forma como o mesmo mito ou alguma passagem relacionada a ele é abordada difere bastante entre os diversos textos e também nos auxilia a traçar uma rota com relação às fontes usadas pelo autor, já que sua origem e mesmo sua obra estão permeadas de várias incertezas⁴.

Considerando a melhor referência apenas, ou seja, e exata equivalência entre dado obtido e nota do tradutor com a maior quantidade de nomes próprios relevantes encontrados, o algoritmo alcançou uma precisão de 18.7% (39/208) e um *recall* de

⁴ As fontes usadas em *Biblioteca* e como elas se organizam serão abordadas no capítulo 5 desta tese.

2.9% (39/1340). Considerando as 10 melhores referências, o *recall* aumenta para 10.1% (136/1340). Esses resultados são muito baixos para considerar um sistema de busca como preciso, embora representem a contagem feita no geral, primeiramente, sem a divisão por sentenças feita no *corpus* e comentada previamente. Embora os números de imediato suponham a ineficácia do método, foi possível identificar vários problemas que contribuíram para a baixa precisão do algoritmo escolhido, sobre os quais falaremos ainda neste capítulo. Antes, contudo, optamos por fazer também uma contagem separando as citações de acordo com os grupos “fonte”; “informações” e “linguística” e avaliar a precisão e o *recall* desse método. Os valores dessa nova contagem foram:

Nomes próprios

Precisão

Fonte: 48/261 (18.4%)

Informação: 20/128 (15.6%)

Linguística: 2/12 (16.7%)

Recall

Fonte

5-melhores: 92/547 (16.8%)

10-melhores: 112/547 (20.5%)

30-melhores: 126/547 (23%)

Informação

5- melhores: 29/230 (12.6%)

10-melhores: 32/230 (13.9%)

30-melhores: 34/230 (14.8%)

Linguística

5-melhores: 4/26 (15.4%)

10-melhores: 4/26 (15.4%)

30-melhores: 4/26 (15.4%)

Os números acima nos mostram um aumento considerável, mais de 10% tanto na precisão quanto no *recall*, que ficaram com valores muito próximos, porém ainda não satisfatórios do ponto de vista científico. O que mais nos chamava a atenção era o seguinte: como poderia uma seção com nomes próprios e notas não ser encontrada pelo computador a ponto de tornar o método com uma precisão menor que 20%, visto que as referências da tradução inglesa apontavam, justamente, para essas entidades? O próximo passo, então, foi verificar o que houve com cada referência não encontrada e entender o motivo, além de ver as demais encontradas pelo método, e não citadas por Frazer (1921) e analisar se, de fato, também poderiam entrar numa edição comentada. O segundo momento da avaliação dos nomes próprios como algoritmo, portanto, passou para uma etapa comparativa e na seção a seguir discutiremos, com base nos

primeiros resultados encontrados, como foi aprimorada nossa técnica e distinguimos o que denominamos falhas do algoritmo e/ou das referências dadas por Frazer (1921).

4.5 Análise comparada de referências

4.5.1 Nomes não encontrados

A primeira etapa de análise dos resultados obtidos para o algoritmo de nomes próprios foi com relação à quantidade de nomes não encontrados pelo nosso algoritmo. Foram 491 de 1340 referências em que nenhum nome próprio foi identificado pelo computador, ou seja, nenhuma equivalência entre Apolodoro e outros textos, o que, a princípio, gerou muitas dúvidas quanto à real eficácia desse método. Esses resultados foram separados numa planilha, a fim de que pudéssemos identificar cada caso, conforme mostramos na imagem a seguir.

	A	B	C	D	E
1	Section	Author/Book(filename)	Reference	Score	Names found(Original name, no. of letter matched)
2	1.1.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	116	0.0	No name found
3	1.1.2	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	617	0.0	No name found
4	1.1.2	Homer/Iliad(hom.il_gk)	1.403	0.0	No name found
5	1.1.2	Strab(strab_gk)	8.11	0.0	No name found
6	1.1.4	Esq/Eum(aesch.eum_gk)	321	0.0	No name found
7	1.1.6	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	475 - 485	0.0	No name found
8	1.1.7	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	485	0.0	No name found
9	1.1.7	Strabo/Geography(strab_gk)	8.7.5	0.0	No name found
10	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	617	0.0	No name found
11	1.2.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	501 - 506	0.0	No name found
12	1.2.1	Pausanias(paus_gk)	24.6	0.0	No name found
13	1.2.5	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	775	0.0	No name found
14	1.2.5	Homer/Iliad(hom.il_gk)	15.37	0.0	No name found
15	1.2.5	Homer/Odyssey(hom.od_gk)	5.185	0.0	No name found
16	1.2.5	Homer/Odyssey(hom.od_gk)	5.186	0.0	No name found
17	1.2.5	HH Apollo(hh_gk)	86	0.0	No name found
18	1.2.5	HH Apollo(hh_gk)	85	0.0	No name found
19	1.2.5	Pausanias(paus_gk)	8.18.4	0.0	No name found
20	1.2.7	Homer/Iliad(hom.il_gk)	8.38 - 8.49	0.0	No name found
21	1.2.7	HH Demeter(hh_gk)	417 - 423	0.0	No name found
22	1.3.1	Euripides/Electra(eur.el_gk)	1098	0.0	No name found
23	1.3.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	188	0.0	No name found
24	1.3.1	Demogenes(dem_gk)	1	0.0	No name found
25	1.3.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	915	0.0	No name found
26	1.3.1	Pausanias(paus_gk)	9.37.9	0.0	No name found
27	1.3.1	Euripides/Helen(eur.hel_gk)	1098	0.0	No name found
28	1.3.1	Hesiod/Theogony(hes.th_gk)	190	0.0	No name found
29	1.3.2	Euripides/Rhesus(eur.rh_gk)	943	0.0	No name found
30	1.3.2	Aristophanes/Frogs(aristoph.frogs_gk)	1032	0.0	No name found
31	1.3.2	Plato/Republic(plat.rep_gk)	2365 - 2366	0.0	No name found
32	1.3.2	Apollonius(argo_gk)	1.23 - 1.24	0.0	No name found
33	1.3.2	Euripides/Ifigenia(eur.ia_gk)	1211	0.0	No name found
34	1.3.3	Euripides/Rhesus(eur.rh_gk)	915	0.0	No name found
35	1.3.5	HH Apollo(hh_gk)	316	0.0	No name found

Fig.24 – Os nomes próprios não encontrados

De forma bem simples, essa planilha deve ser lida assim: na coluna da esquerda temos a indicação da passagem (livro, capítulo e seção) em Apolodoro, seguida pelo autor e obra do *corpus* indicados por Frazer (1921) e a localização da passagem (livro, linha ou capítulo, de acordo com a divisão de cada livro). As duas últimas colunas são, respectivamente, a indicação de nenhuma equivalência (score 0)

e a indicação de que nenhum nome próprio foi encontrado. A fim de avaliar esses resultados, passamos a verificar cada uma das ocorrências em que os nomes próprios não foram encontrados, investigando texto a texto em busca da resposta para uma simples pergunta: por que um nome próprio não apareceria numa das referências dadas por Frazer (1921)? À medida que avaliamos cada uma das seções da planilha apresentada, encontramos diversos motivos pelos quais o algoritmo não foi capaz de encontrar um nome próprio. Primeiro, às vezes uma referência é mencionada para mostrar as variáveis entre as narrativas como, por exemplo, uma diferença de nomes entre um personagem em Apolodoro e em um dos textos presentes em nosso *corpus*, como filhos de deuses e heróis. Essa diferença gerará uma não-equivalência no sistema, conforme mostramos no exemplo abaixo.

Ex.a) Ἴλος δὲ γήμας Εὐρυδίκην τὴν Ἀδράστου Λαομέδοντα ἐγέννησεν [...]
(Apol. *Biblio.* 3.12.3) – Ilo se casou com Eurídice, filha de Adrasto, e deu à luz Laomédon.

A nota atribuída por Frazer (1921) a essa passagem é Hom. *Iliad.* 20.236, salientando que no poema épico não há menção à figura de Eurídice, como mãe de Laomédon, e que essa informação viria nos textos dos escolistas, nos quais Apolodoro teria se baseado, apesar de outras versões trocarem-na por Bátia. De qualquer forma, a intenção do tradutor é justamente salientar a divergência entre as duas versões da narrativa, ou seja, a ausência da figura de Eurídice em Homero. Claro que, se a nota se refere à ausência desse nome próprio, o computador não irá encontrá-lo. Vejamos a referida passagem em Homero, numa tradução inglesa.

Ex. a.1) “And Ilos again begat a son, peerless Laomedon, and Laomedon begat Tithonus and Priam and Clytius, and Hicetaon, scion of Ares” (2.236).⁵

Uma vez que diferentes versões do mesmo mito são muito comuns na mitologia grega, alguns nomes próprios não apresentarão *overlap* porque eles não são uma intersecção entre os autores. Essa divergência depende de um conhecimento prévio do tradutor, ciente de que uma entidade possui variação em outro autor. Ainda

⁵ Homer. *The Iliad with an English Translation* by A.T. Murray, Ph.D. in two volumes. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann, Ltd. 1924.

avaliando esse exemplo, a ausência do nome Eurídice formulou outra pergunta: embora esse nome não esteja presente, se compararmos as duas passagens, há duas ocorrências em comum, Ilo e Laomédon, presentes tanto no texto de Apolodoro quanto no de Homero. Sendo assim, por que o computador, então, não assinalaria essa passagem dada pelo tradutor? Há duas razões fundamentais para isso acontecer: primeiro, se o computador elencar os cinco melhores resultados, por exemplo, ou somente o melhor, ou seja, aquele com o maior *overlap* de nomes próprios, pode acontecer de outras passagens terem um número maior de equivalências e, por conseguinte, essa, selecionada por Frazer (1921), pode ser desconsiderada. Segundo, e de fato um motivo bastante recorrente, conforme apontaremos no decorrer desta seção, embora o tradutor nos forneça uma referência (Hom. *Iliad.* 2.236) isso não significa que o nome próprio buscado se encontra exatamente nessa indicação, nesse caso, no canto II, linha 236 da *Iliada*. Essa constatação foi de grande importância para justificar o primeiro resultado baixo da busca com os nomes próprios. Por vezes o nome próprio que buscamos na referência de Frazer (1921) se encontra antes (menos frequentemente) ou depois (na maioria das ocorrências) da linha mencionada pelo tradutor, o que gera um alto índice de nomes não encontrados nas notas marcadas por ele. Sobre como considerar essa margem de linhas anteriores ou posteriores e refazer o cálculo da eficácia de nosso algoritmo falaremos mais adiante.

Em segundo lugar, devemos considerar a questão dos anafóricos, ou seja, do emprego de pronomes ou termos equivalentes a um nome próprio que podem confundir o método de busca. Às vezes uma referência nos mostra passagens de diferentes autores que, de fato, tratam do mesmo assunto, o que, a princípio, sugeriria uma intertextualidade possível de ser identificada pelo algoritmo de nomes próprios, porém, ocorre que um nome próprio mencionado pode aparecer como um pronome (se ele apareceu previamente ao longo da narrativa) ou por um sinônimo. No caso do pronome, novamente o mesmo problema: se as entidades foram citadas em passagens anteriores à da nota de Frazer (1921), não teremos a equivalência linha encontrada/referência dada e, portanto, o sistema classificará essa seção em “nome não encontrado”. Outro fato que dificulta encontrar esses exemplos é que, muitas vezes, a quantidade de nomes próprios na passagem é pequena, portanto o *overlap* será mínimo e desconsiderado pelo computador no índice de melhores resultados. Vejamos um segundo exemplo abaixo com uma passagem extraída do livro de Apolodoro e uma das notas dadas na tradução de Frazer (1921).

Ex. b) Διὸς δὲ Πλούτωνι τὴν Κόρην ἀναπέμψαι κελεύσαντος, ὁ Πλούτων, ἵνα μὴ πολὺν χρόνον παρὰ τῆ μητρὶ καταμείνη, ῥοιᾶς ἔδωκεν αὐτῇ φαγεῖν κόκκον. (Apol. *Biblio.* 1.5.3) – Uma vez que Zeus ordenou a Plutão enviar de volta Cora, o deus dos mortos, para que ele não ficasse pouco tempo com ela, convenceu-a a comer uma semente de romã.

Ex. b.1) Dark-haired Hades, ruler over the departed, father Zeus bids me bring noble Persephone forth from Erebus unto the gods⁶ [...] (HH. Dem. 2.371)

A filha da deusa grega Deméter é conhecida por Perséfone, nome que lhe é dado pela maioria dos escritores gregos. No entanto, em alguns autores, como no próprio Apolodoro, o nome Cora é usado como sinônimo, e essa diferença foi justamente o que fez o sistema atribuir a essa passagem a etiqueta de “nome não encontrado”. Nesses dois exemplos apresentados, tanto em *Biblioteca* quanto nos *Hinos Homéricos*, a temática da passagem refere-se à mesma pessoa e mito, mas o nome próprio não achará seu equivalente em virtude da existência da variante Perséfone/Cora. A forma de corrigir esse problema será tratada mais a seguir, ainda neste capítulo.

Um terceiro problema enfrentado pelo nosso método foi justamente as passagens em que não havia nomes próprios e eram assinaladas por Frazer (1921) como partes do conjunto de notas de sua tradução comentada, que foram classificadas por nós como pertencentes ao grupo “informações secundárias”, que contam com uma quantidade considerável de referências sem a presença de um nome próprio. Vejamos dois exemplos abaixo:

Ex.c) τελεσθέντων δὲ τῶν ἄθλων ἐν μηνὶ καὶ ἔτεσιν ὀκτώ [...] (Apol. *Biblio.* 2.5.11) – Realizados os trabalhos em oito anos e um mês [...]

⁶ Anonymous. The Homeric Hymns and Homeric Hymns with an English Translation by Hugh G. Evelyn-White. Homeric Hymns. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1914.

Ex.c.1) ὡς δὲ εἶδεν Ἀθηνᾶ, μυσαχθεῖσα τὴν εὐεργεσίαν ἐπέσχε τε καὶ ἐφθόνησεν. (Apol. *Biblio.* 3.6.8) – Ao ver aquilo, Atena sentiu nojo e interrompeu o benefício.

O primeiro exemplo foi extraído do capítulo cinco do Livro II de *Biblioteca*, um capítulo dedicado aos doze trabalhos de Hércules. Nessa seção 11, a penúltima, o autor relembra que os trabalhos foram resultados de um exílio proposto ao herói por parte do oráculo em Delfos e, em razão dessa informação, Frazer (1921) faz comentários acerca desses oitos anos, como um tempo marcado no calendário religioso grego, como intervalo entre jogos olímpicos, por exemplo, ou mesmo um tempo comum de expiação para personagens que sofreram alguma punição, como Hércules e Cadmo, ou referente ao tempo de exílio na Grécia Antiga, definido como “um grande ano”, equivalente a 8 anos na concepção atual. Todo esse conjunto de informações acaba encontrando referências em diversos textos de autores distintos⁷, porém em nenhum deles vamos encontrar nomes próprios que nos levariam à passagem de Apolodoro. Portanto, nesse caso, a busca pela referência somente pelo nome próprio será falha. Já no segundo exemplo, essa passagem remonta ao momento em que Atena vê Tideu abrindo a cabeça de Melanipo e devorando o cérebro deste. A nota⁸ dada por Frazer (1921) nos remete a uma prática cultural por parte dos povos considerados bárbaros ou selvagens descrita em algumas passagens de Heródoto: beber o sangue do primeiro homem que um guerreiro assassinava. Nesse caso, os nomes próprios presentes na passagem de *Biblioteca*, como Tideu e Melanipo, não aparecerão no trecho de *Histórias*⁹ e, por conseguinte, o sistema classificará essa passagem como “nome não encontrado”. Esse tipo de falha no método foi, de fato, a tarefa mais complicada a ser resolvida, visto que só encontramos essa referência, porque temos em mãos uma edição comentada e bem completa, como a de Frazer (1921), mas no caso de produzir uma ainda inédita, passagens assim poderiam ficar de fora da versão final, se o algoritmo não fosse refinado, algo que também pudemos fazer para esse tipo de ocorrência, cuja solução mostraremos na próxima seção, além

⁷ As notas de Frazer (1921) são Eu. Or. 1643 – 1645; Eur. Hipp. 34 – 37; Hes. Teog. 793 – 804; Paus. 8.2 etc.

⁸ Hrdt. Hist. 4.64

⁹ A Scythian drinks the blood of the first man whom he has taken down. He carries the heads of all whom he has slain in the battle to his king; for if he brings a head, he receives a share of the booty taken, but not otherwise.

da nova contagem de resultados. Felizmente, as referências “informações secundárias” que não trazem nenhum nome próprio são muito poucas, e, na maioria das vezes, contam com uma ou duas entidades nominais que quando combinadas com as palavras-chaves, permitem que nosso método possa encontrá-las ao longo de outras obras.

Ainda sobre o grupo de “informações secundárias”, há também um problema com relação a algumas citações que se desdobram em conteúdos semelhantes ao último que apresentamos. *Biblioteca* é uma compilação de mitos gregos inseridos no universo cultural da Grécia Antiga e faziam não só parte de um imaginário coletivo, como também eram suporte pedagógico ou mesmo argumentativo em muitos momentos. Oradores como Diógenes ou mesmo em discursos da prosa filosófica de Platão (na maioria das vezes quando a personagem de Sócrates está presente) ou de Xenofonte trazem com frequência referências aos mitos, principalmente aqueles mais cristalizados no senso comum. Com efeito, por vezes uma referência está ligada à mensagem de uma passagem mitológica, em outras palavras, autores a usavam para extrair uma moral ou lição enquanto argumentam sobre algo relacionado ao tema. Vejamos o exemplo abaixo:

Ex. d) οἱ δὲ Ὠκεανοῦ χωρὶς ἐπιτίθενται, καὶ Κρόνος ἀποτεμῶν τὰ αἰδοῖα τοῦ πατρὸς εἰς τὴν θάλασσαν ἀφίησεν. (Apol. *Biblio.* 1.1.4)

Essa passagem é, sem dúvida, um dos momentos mais marcantes e conhecidos da genealogia dos deuses gregos e se refere ao momento em que Crono corta as genitais de seu pai com uma foice. Essa narrativa está presente de diversas maneiras ao longo da literatura grega, seja na *Teogonia*, de Hesíodo, seja nos fragmentos da obra de Ferecides, como referência para as falas dos heróis dos poemas épicos ou para as reflexões de um filósofo. No caso de uma recontagem do mito, o algoritmo de nomes próprios funciona de forma bastante eficiente, porque o par *Urano* e *Crono* será facilmente identificado e encontrado em diversas passagens da literatura. No entanto, para “informações secundárias”, ou seja, referências que derivem do núcleo principal dessa passagem, o algoritmo também encontra problemas. Nessa narrativa, temos o filho que se rebela contra seu pai, mote que será abordado, por exemplo, em *Eutífron*, de Platão, em que a personagem Sócrates fará menção à relação pai e filho,

ao saber que Eutífron, personagem com quem dialoga e encontra no “Pórtico do rei”, está acusando o próprio pai. Vejamos essa passagem a seguir:

d.1) “Well then, I say that holiness is doing what I am doing now, prosecuting the wrongdoer who commits murder or steals from the temples or does any such thing, whether he be your father, or your mother or anyone else, and not prosecuting him is unholy”.¹⁰ (Plato. *Eutiphhr.* 5-6).

O texto faz uma referência ao clássico embate pai vs filho da mitologia, Urano vs Crono, porém nenhum nome próprio está explicitamente mencionado no excerto e, por conseguinte, acaba desconsiderado pelo computador ao utilizar nosso algoritmo. Claro que o conteúdo das notas de uma edição comentada e a relevância delas para uma tradução fica a critério do tradutor, que pode optar por focar suas referências em aspectos intertextuais, como no caso desse exemplo. No entanto, a inclusão desse comentário não deixa de acrescentar à obra uma informação pertinente, mas, de fato, depende do conhecimento enciclopédico do tradutor, porque, conforme veremos no recálculo de nosso método de precisão mais adiante, esse exemplo representa bem os momentos em que o sistema não foi capaz de encontrar as referências de Frazer (1921).

As notas do grupo “Linguística” encontraram alguns obstáculos também, principalmente quando o nome próprio necessitava de alguma palavra-chave para refinar sua precisão, ou quando ele se encontrava inexistente. Abaixo, mostramos duas ocorrências distintas dessa categoria.

Apolodoro, <i>Biblio.</i> 1.1.1	Apolodoro, <i>Biblio.</i> 2.5.1
Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς ἐδυνάστευσε κόσμου. γήμας δὲ Γῆν ἐτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἐκατόγχειρας προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην Κόττον [...]	καὶ θύειν ἱερεῖον θέλοντι εἰς ἡμέραν ἔφη τηρεῖν τριακοστήν, καὶ ἂν μὲν ἀπὸ τῆς θήρας σῶος ἐπανεέλθη, Διὶ σωτήρι θύειν, ἐὰν δὲ ἀποθάνῃ, τότε ὡς ἦρωι ἐναγίζειν.
Nota de Frazer: Compare Hes. Th. 147ff. Instead of Gyes, some MSS. of Hesiod read Gyges	Nota de Frazer: The Greeks had two distinct words for sacrificing, according as the sacrifice

¹⁰ Plato. Plato in Twelve Volumes, Vol. 1 translated by Harold North Fowler; Introduction by W.R.M. Lamb. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1966.

	was offered to a god or to a hero, that is, to a worshipful dead man; the former sacrifice was expressed by the verb θύειν, the latter by the verb ἐναγίζειν.
Foco: Gigas	Foco: Sacrifício

Tabela 16 – Comparando referências do grupo linguística

O primeiro exemplo foi facilmente rastreado pelo computador, visto que a variação dialetal entre Apolodoro e Hesíodo foi prevista na etapa pré-busca e, por essa razão, o nome Gigas foi encontrado no texto mencionado e identificado como equivalente. No entanto, já no segundo exemplo, o grande problema é que, embora em momentos prévios desse trecho haja nomes próprios (Hércules e Molorco), o foco da referência é discutir a variante da palavra “sacrificar”, representada em grego antigo pelo par ἐναγίζειν / θύειν, e essa oposição não pode ser encontrada pelo nosso algoritmo. Esse exemplo entrou na contagem de nomes não encontrados e também nas ocorrências que não garantiram a completa eficácia no método. No entanto, novamente podemos pensar na validação dessa referência e no foco do tradutor ao atribuir notas e isso discutiremos posteriormente.

Há um detalhe que devemos ressaltar com relação ao método de nomes próprios. Como *Biblioteca* é uma narrativa mitológica, é comum que certos personagens sejam mais recorrentes e apareçam em vários momentos da trama o que, durante o sistema de busca, gera ocorrências em diversas passagens distintas de mesmos nomes em um mesmo livro. Muitas vezes, com efeito, o computador encontra passagens anteriores às citadas por Frazer (1921), por já tratarem do assunto em questão, ao menos de forma introdutória ou mesmo como uma rápida referência e, nesse caso, se o sistema encontra nomes recorrentes em diversas passagens, ele pode selecionar apenas as primeiras e descartar as demais. Esse ranqueamento pode gerar falhas na precisão. Vejamos o exemplo abaixo.

Ex.e) αὐται μὲν οὖν τὸν παῖδα ἔτρεφον τῷ τῆς **Ἀμαλθείας** γάλακτι, οἱ δὲ **Κούρητες** ἔνοπλοι ἐν τῷ ἄντρῳ τὸ βρέφος φυλάσσοντες τοῖς δόρασι τὰς ἀσπίδας συνέκρουον, ἵνα μὴ τῆς τοῦ παιδὸς φωνῆς ὁ **Κρόνος** ἀκούσῃ. **Ρέα** δὲ λίθον [...] (Apol. *Biblio.* 1.1.7)

Esse é um exemplo de como o método pode sofrer com a precisão: Crono e Réia são dois nomes presentes no trecho, porém, devido a sua recorrência no texto, podem ser descartados pelo computador, porque esses nomes já apareceram anteriormente no *corpus*.

Surge, então, um novo problema: os outros dois nomes próprios, Amaltea e Curetes, podem acabar sobrepostos pela reincidência dos demais e não elencados no resultado final da busca. Ademais, se formos seguir a linha com maior número de *overlaps*, novamente encontraremos obstáculos, visto que será justamente aquela em que encontraremos Crono e Réia, enquanto Amaltea e Curetes estão em linhas separadas. Conforme mencionamos ainda no começo deste capítulo, o maior problema com relação à precisão de nosso método foi a própria sistematização das referências por parte de Frazer (1921), que não seguem um padrão muito rígido quanto à forma de elencá-las. Por vezes, temos o problema, já detalhado previamente, das notas *ff*, ou seja, aquelas que indicam o início da passagem em que se encontra uma intertextualidade, porém não o fim dela. Ademais, esse início nem sempre é a exata linha em que o nome próprio se encontra ou em que todos se encontram.

Por razões de organização, Frazer (1921) às vezes opta por escolher o início do parágrafo em que um nome ou história será mencionado, mesmo que essa linha se inicie mais de cinco linhas antes do nome que procuramos em questão. No entanto, há passagens em que ele opta pela exata linha do nome próprio àquilo que deseja fazer alusão e, nesse caso, às vezes há entidades em linhas anteriores que acabam ignoradas. Há, de fato, vários momentos em que situações como essas ocorrem, conforme mostraremos em alguns exemplos a seguir.

Ex.f) [...] ἀλλὰ τούτους μὲν Οὐρανὸς δήσας εἰς Τάρταρον ἔρριψε [...] (Apol. *Biblio.* 1.1.2) – [...] Mas Urano os acorrentou e lançou no Tártato [...]

Nessa passagem, uma das referências apontadas por Frazer (1921) é *Hes. Teog.* 717, remetendo-nos ao momento da *Teogonia* em que o autor também tecerá comentários acerca do Tártaro (Τάρταρον), na obra, uma representação do mundo dos mortos na mitologia grega; um lugar com frequência referido pelos nomes próprios Tártaro ou Hades, este último como uma metonímia do próprio deus que comanda o lugar. Portanto, a citação que temos foi feita com o intuito de fazermos

uma comparação com relação a descrição de um mesmo lugar, feita pelos dois autores:

f.1) Τιτῆνας, καὶ τοὺς μὲν ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης [717]
πέμψαν καὶ δεσμοῖσιν ἐν ἀργαλείοισιν ἔδησαν
χερσὶν νικήσαντες ὑπερθύμους περ ἑόντας,
τόσσον ἔνερθ' ὑπὸ γῆς, ὅσον οὐρανός ἐστ' ἀπὸ γαίης:
τόσσον γάρ τ' ἀπὸ γῆς ἐς **Τάρταρον** ἠερόεντα [...] [721]

Notemos que a linha 717 dada por Frazer (1921) é, na realidade, um início de período que apresenta um nome em letra maiúscula, Titãs. Porém diferente daquele que procuramos, Tártaro, que só será encontrado cinco linhas à frente, conforme assinalado no trecho. O problema do computador não é identificar Tártaro, mas, sim, encontrá-lo na exata linha dada pelo tradutor, e como isso não ocorre, entrará no cálculo de “nomes não encontrados”. A única forma de solucionar esse problema seria considerar um número N de linhas, capítulos ou seções para mais, ou para menos, a fim de que essa referência passe a ser assinalada como encontrada.

Ainda com relação à sistematização das notas feitas pelo tradutor, o método de nomes próprios também enfrentou alguns problemas para encontrar a exata equivalência com as notas de Frazer (1921), porque às vezes a sentença indicada não era a que continha o maior número de *overlaps* e, por conseguinte, era eliminada na contagem. Vejamos um rápido comparativo na tabela abaixo com relação a esse problema:

Apol. Biblio. 1.1.1	Hes. Teog. 147
Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντός ἐδυνάστευσε κόσμου. γῆμας δὲ Γῆν ἐτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἐκατόγχειρας προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην Κόττον , οἱ μεγέθει τε ἀνυπέρβλητοι καὶ δυνάμει καθειστήκεσαν, χειρῶν μὲν ἀνὰ ἑκατὸν κεφαλᾶς δὲ ἀνὰ	ἄλλοι δ' αὖ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἐξεγένοντο [147] τρεῖς παῖδες μεγάλοι τε καὶ ὄβριμοι, οὐκ ὀνομαστοί, Κόττος τε Βριάρεώς τε Γύης θ', ὑπερήφανα τέκνα.

πεντήκοντα ἔχοντες.	
Urano foi quem primeiro governou o mundo todo. Após se casar com Gaia, primeiro engendrou os chamados hecatônquiros: Briareu, Gies e Coto, que, possuindo cem mãos e cinquenta cabeças, apresentavam-se insuperáveis em estatura e força.	“And again, three other sons were born of Earth and Heaven, great and doughty beyond telling, Cottus and Briareos and Gyes, presumptuous children”. ¹¹

Tabela 17 – A linha com maior número de overlap

Nesse exemplo, os nomes próprios em comum são: Urano; Gaia; Briareu; Gies e Coto. Na obra de Hesíodo, na qual buscamos uma intertextualidade, a sentença com o maior número de nomes em *overlap* é a linha 148, mas a referência que nos foi dada na edição comentada inglesa foi a 147, na qual só há dois nomes próprios, Gaia e Urano, não só porque vai tratar da descendência desses dois deuses, mas também porque essa é a linha em que o parágrafo se inicia. Então, aqui temos o problema mais comum enfrentado pelo nosso método: a falta de exata equivalência com a nota de Frazer (1921) acarretará, novamente, em “nome não encontrado”. Conforme ressaltamos anteriormente, alguns nomes próprios como Urano, Gaia e Zeus são muito prolíficos na narrativa de Apolodoro, assim como em textos de outros autores e, por isso, delimitar o *overlap* ou a variedade de nomes que se busca também é possível e necessário. Nesse exemplo, se fizermos um *cluster* “Briareu, Gies e Coto”, o computador certamente encontrará a linha 148 de Hesíodo. Esse é um exemplo em que a linha com maior número de nomes é a desejada, porém a indicada é outra.

Identificados todos esses problemas geraram ocorrências de “nomes não encontrados” no sistema, a pergunta que surgiu a seguir foi: existe, então, alguma forma de corrigir essas falhas e aprimorar o algoritmo ou, de fato, refiná-lo é uma tarefa impossível e o método sofre de uma imprecisão incorrigível? Na seção a seguir comentaremos as soluções que encontramos e que aumentaram a precisão de nosso método e também um parecer final sobre ele, avaliando qual tipo de referência é mais comumente encontrada e se o grau de precisão final nos permite utilizar esse algoritmo no processo de elaboração de referências para uma edição comentada de um texto literário. Ademais, mostraremos também um rápido comparativo de quando as referências que encontramos foram diferentes daquelas encontradas por Frazer

¹¹ Hesiod. The Homeric Hymns and Homeric with an English Translation by Hugh G. Evelyn-White. Theogony. Cambridge, MA., Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1914.

(1921), como as avaliamos e o resultado final de nossa própria edição comentada da obra *Biblioteca*, de Apolodoro.

4.5.2 Aprimorando o algoritmo dos nomes próprios

Uma vez apresentados os problemas que surgiram enquanto aplicamos os nomes próprios como método para a geração automática de referências para uma edição comentada de um texto literário, o passo a seguir foi realizar a nova busca agora com o algoritmo mais refinado e com os erros corrigidos. Sobre esses procedimentos teceremos alguns comentários divididos nos itens a seguir.

a) Delimitar a janela das referências de Frazer

Conforme mencionamos anteriormente, o tradutor por vezes faz uso da *ff* (*and following page*, em inglês), o que significa que a citação começa na linha indicada, porém seu final não foi precisado. As indicações como *Hes. Th. 126ff.* foram verificadas uma a uma e, com a delimitação de seu início e fim, aquilo que o sistema encontrasse dentro desse intervalo seria considerado como válido e equivalente com relação à nota fornecida por Frazer (1921). Abaixo mostramos em duas colunas como a nova demarcação de início e término de uma referência foi compreendida pelo computador. Na coluna da esquerda temos o texto fonte, *Biblioteca*, em que assinalamos os nomes próprios encontrados, enquanto que na coluna da direita temos o texto referenciado pelo tradutor, no caso, a *Teogonia*.

Apol. *Biblio.* 1.1.1

Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς
ἔδυνάστευσε κόσμου. γῆμας δὲ Γῆν
ἔτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἑκατόγχειρας
προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην
Κόπτον, οἱ μεγέθει τε ἀνυπέρβλητοι καὶ
δυνάμει καθειστήκεσαν, χεῖρας μὲν ἀνὰ
ἑκατὸν κεφαλὰς δὲ ἀνὰ πεντήκοντα
ἔχοντες.

Hes. *Teog.* 126

Γαῖα δὲ τοὶ πρῶτον μὲν ἐγένετο ἴσον
ἑαυτῇ Οὐρανὸν ἀστερόενθ', ἵνα μιν περὶ
πάντα καλύπτοι, ὄφρ' εἴη μακάρεσσι
θεοῖς ἕδος ἀσφαλὲς αἰεὶ. γένητο δ'
Οὐρεα μακρὰ, θεῶν χαρίεντας
ἐναύλους, Νυμφέων, αἷ ναίουσιν ἀν'
οὔρεα βησσηέντα.

Nesse exemplo, a citação de Frazer (1921) pode ser encerrada na linha 130 e a informação encontrada pelo computador foi da linha 128. Dessa forma, antes, buscando a exata equivalência, não teríamos um *match* nesse exemplo, mas considerando a extensão da citação, passamos a considerar o resultado dessa seção como correto. Tínhamos, de início, um total de 650 notas *ff*, dentre as quais 380 não

havam sido encontradas; portanto, delimitando o início e fim de algumas notas e incluindo-as na nova contagem, tivemos um aumento de 85% na precisão do algoritmo, distribuídos nos três grupos das notas, passando para somente 22 ocorrências não encontradas. O resultado final apresentaremos mais adiante.

b) Incluir as palavras-chaves para dois grupos de referências

Quando fizemos a classificação das referências e abordamos a questão das seções com nomes não encontrados, comentamos sobre a possibilidade de incluir palavras-chaves nos grupos “informações” e “linguística”, a fim de que além dos nomes próprios, o computador usasse qualquer tipo de palavra que nos levasse à referência dada por Frazer (1921), ou ao menos encontrasse referências no *corpus* de busca. Esse procedimento foi feito conforme mostramos no exemplo a seguir:

Ex.1) **Θησεύς** δὲ γεννηθεὶς ἐξ Αἴθρας Αἰγεί παῖς, ὡς ἐγένετο τέλειος, ἀπωσάμενος τὴν πέτραν τὰ πέδιλα καὶ τὴν μάχαιραν ἀναιρεῖται, καὶ **πεζὸς** ἠπειύγετο εἰς τὰς Ἀθήνας. (Apol. *Biblio.* 3.16.1) – De Egeu, Etra deu à luz Teseu e, quando adulto, ele moveu a pedra, recolheu a sandália e o cutelo e seguiu pelo caminho em direção a Atenas.

Os nomes próprios dessa passagem não foram acusados pelo sistema como presentes em outras de mesmo conteúdo, uma vez que as referências, como Bacc. 16, são classificadas no grupo de “informações”; elas descrevem a trajetória de Teseu nessa estrada, anterior ao momento em que o herói chega a Atenas. Diante desse pequeno detalhe, formulamos o *cluster* Teseu + caminho + Atenas e, enfim, o sistema conseguiu encontrar a nota dada pelo comentarista. É importante lembrarmos toda a competência de Frazer (1921) ao realizar sua tradução, visto que ela nos permite buscar o refinamento do texto. No entanto, no caso de elaborar a primeira edição comentada de um determinado texto, é extremamente necessário contar com uma grande bagagem cultural do comentarista, uma vez que a busca por notas assim, embora facilitada pelo sistema, depende muito do conhecimento enciclopédico de quem compõe a edição. Inicialmente com o algoritmo sem refinamento, atingimos uma precisão de 13.2% para esse grupo de referências, ou seja, do total de 151 notas de “informações”, 20 haviam sido encontradas. Com a inclusão das palavras-chaves,

sem considerar a mudança da janela da citação, passamos a encontrar 132/151 notas, ou seja 87% de precisão, um considerável aumento de 74%.

c) O uso de sentenças

Apresentamos a divisão em sentenças na etapa de preparação do *corpus*, que surgiu como um diferencial para alguns momentos de nossa busca. Quando o uso de seções pareceu impreciso, recorremos à divisão de sentenças, o que nos auxiliou de duas formas. Primeiro, ela nos permitiu criar *clusters* com nomes específicos, sem misturar, por exemplo, nomes em uma mesma seção, que tratavam de histórias diferentes e poderiam gerar referências diversas ou menos precisas. Segundo, ela também nos permitiu encontrar várias referências cruzadas não mencionadas por Frazer (1921) em suas notas. Na divisão inicial tínhamos a seguinte leitura feita pelo computador:

Apol. *Biblio.* 2.1.1

Nomes próprios: Δευκαλίωνος; Ίνάχειον; Ίνάχειον; Μελίας; Ωκεανού; Φορωνεύς; Αἰγιαλεὺς; Αἰγιαλέως; Αἰγιάλεια; Φορωνεύς; Πελοποννήσου; Τηλεδίκης; Ἄπιν; Νιόβην; Νιόβην; Ἄπις; Θελξίονος; Τελχίνος; Σάραπις; Διός; Ζεὺς; Ἄργος

Trecho

ἐπειδὴ δὲ τὸ τοῦ Δευκαλίωνος διεξεληλύθαμεν γένος, ἐχομένως λέγωμεν τὸ Ίνάχειον.

Ωκεανού καὶ Τηθύος γίνεται παῖς Ίναχος, ἀφ' οὗ ποταμὸς ἐν Ἄργει Ίναχος καλεῖται. τούτου καὶ Μελίας τῆς Ωκεανού Φορωνεύς τε καὶ Αἰγιαλεὺς παῖδες ἐγένοντο. Αἰγιαλέως μὲν οὖν ἄπαιδος ἀποθανόντος ἡ χώρα ἅπασα Αἰγιάλεια ἐκλήθη, Φορωνεύς δὲ ἀπάσης τῆς ὕστερον Πελοποννήσου προσαγορευθείσης δυναστεύων ἐκ Τηλεδίκης νύμφης Ἄπιν καὶ Νιόβην ἐγέννησεν. Ἄπις μὲν οὖν εἰς τυραννίδα τὴν ἑαυτοῦ μεταστήσας δύναμιν καὶ βίαιος ὢν τύραννος, ὀνομάσας ἀφ' ἑαυτοῦ τὴν Πελοπόννησον Ἀπίαν, ὑπὸ Θελξίονος καὶ Τελχίνος ἐπιβουλευθεὶς ἄπαις ἀπέθανε, καὶ νομισθεὶς θεὸς ἐκλήθη Σάραπις: Νιόβης δὲ καὶ Διός (ἢ πρώτη γυναικὶ Ζεὺς θνητῇ ἐμίγη) παῖς Ἄργος ἐγένετο, ὡς δὲ Ἀκουσίλαός φησι, καὶ Πελασγός, ἀφ' οὗ κληθῆναι τοὺς τὴν Πελοπόννησον οἰκοῦντας Πελασγούς. Ἡσίοδος δὲ τὸν Πελασγὸν αὐτόχθονά φησιν εἶναι.

Divindo em sentenças, criamos *clusters* de nomes próprios que foram lidos pelo sistema da seguinte forma.

2.1.1.a

Nomes próprios: Δευκαλίωνος, Ίνάχειον

ἐπειδὴ δὲ τὸ τοῦ Δευκαλίωνος διεξεληλύθαμεν γένος, ἐχομένως λέγωμεν τὸ Ίνάχειον. (a)

2.1.1.b

Nomes próprios: Ωκεανοῦ, Τηθύος, Ίναχος, Ἄργει, Ίναχος, Μελίας, Ωκεανοῦ, Φορωνεύς, Αἰγιαλεὺς

Ωκεανοῦ καὶ Τηθύος γίνεται παῖς Ίναχος, ἀφ' οὗ ποταμὸς ἐν Ἄργει Ίναχος καλεῖται. τούτου καὶ Μελίας τῆς Ωκεανοῦ Φορωνεύς τε καὶ Αἰγιαλεὺς παῖδες ἐγένοντο (b).

2.1.1.c

Nomes próprios: Αἰγιαλέως, Αἰγιάλεια, Φορωνεύς, Πελοποννήσου, Τηλεδίκης, Ἄπιν, Νιόβην

Αἰγιαλέως μὲν οὖν ἄπαιδος ἀποθανόντος ἡ χώρα ἅπασα Αἰγιάλεια ἐκλήθη, Φορωνεύς δὲ ἀπάσης τῆς ὕστερον Πελοποννήσου προσαγορευθείσης δυναστεύων ἐκ Τηλεδίκης νύμφης Ἄπιν καὶ Νιόβην ἐγέννησεν (c).

2.1.1.d

Nomes próprios: Ἄπις, Πελοπόννησον, Ἀπίαν, Θελξίονος, Τελχίνος, Σάραπις

Ἄπις μὲν οὖν εἰς τυραννίδα τὴν ἑαυτοῦ μεταστήσας δύναμιν καὶ βίαιος ὢν τύραννος, ὀνομάσας ἀφ' ἑαυτοῦ τὴν Πελοπόννησον Ἀπίαν, ὑπὸ Θελξίονος καὶ Τελχίνος ἐπιβουλευθεὶς ἄπαις ἀπέθανε, καὶ νομισθεὶς θεὸς ἐκλήθη Σάραπις (d)

2.1.1.e

Nomes próprios: Νιόβης, Διός, Ζεὺς, Ἄργος, Ἀκουσίλαός, Πελασγός, Πελοπόννησον, Πελασγούς, Ἡσίοδος, Πελασγὸν

Νιόβης δὲ καὶ Διός (ἢ πρώτη γυναικὶ Ζεὺς θνητῇ ἐμίγη) παῖς Ἄργος ἐγένετο, ὡς δὲ Ἀκουσίλαός φησι, καὶ Πελασγός, ἀφ' οὗ κληθῆναι τοὺς τὴν Πελοπόννησον οἰκοῦντας Πελασγούς. Ἡσίοδος δὲ τὸν Πελασγὸν αὐτόχθονά φησιν εἶναι.

Antes tínhamos 349/1491 sentenças com nomes não encontrados; realizando todos os refinamentos explicados acima, tivemos uma redução considerável, somente 55/1491 sentenças não foram encontradas, aprimorando e muito o mecanismo de busca. Ademais, tivemos uma média de 4 notas por sentença possíveis de ser adicionadas às de Frazer e sobre essa avaliação teceremos comentários mais adiante.

4.5.3 As referências adicionais encontradas

A fim de avaliarmos o grau de eficiência de nosso método, verificamos também as seções em que referências nas obras do *corpus* foram encontradas, porém diferentes daquelas enumeradas por Frazer (1921). O procedimento consiste no seguinte: comparamos uma nota de Frazer, não encontrada pelo nosso sistema, e uma de nosso método não mencionada na edição do comentador. Dessa forma, foram elaboradas três perguntas; a) nossa citação também é aceitável ou talvez melhor que a de Frazer? b) é necessário aumentar a janela de linhas da referência de Frazer para encontrarmos a citação?; c) se nenhuma das alternativas acima, quais as razões para o método incorreto de busca (por exemplo, variações dialetais, uso de pronomes)? Diante dessas perguntas, encontramos, conforme o caso, respostas diferentes ao longo de nossa análise, que foram:

a) Nossa passagem é tão boa quanto a de Frazer (1921), porém aborda um momento anterior ou posterior do livro ou ressalta outro aspecto e/ou assunto que não aquele abordado pelo tradutor;

b) Nossa referência também é aceitável e poderia ser incluída com ou no lugar daquela dada pelo tradutor;

c) Nosso método encontrou uma passagem, porém, de fato, não está relacionada com o trecho extraído de Apolodoro;

d) Nossa referência é melhor que a de Frazer.

Essas possibilidades surgiram diante da análise comparada de cada uma das ocorrências geradas pelo computador que eram diferentes das notas usadas da edição comentada em inglês. A fim de explicitarmos como foi feita essa avaliação, apresentaremos um exemplo de cada uma delas antes de gerarmos um novo cálculo e um parecer final sobre o algoritmo dos nomes próprios. Conforme foi citado no terceiro item, há momentos em que embora o computador tenha encontrado uma

referência com nomes próprios em comum com a seção ou sentença de Apolodoro, essa passagem não está relacionada ao tema abordado na ocasião. A seguir, temos:

Ex.1) Apol. Biblio. 1.7.2

Προμηθέως δὲ παῖς Δευκαλίων ἐγένετο. οὗτος βασιλεύων τῶν περὶ τὴν Φθίαν τόπων γαμει Πύρραν τὴν Ἐπιμηθέως καὶ Πανδώρας, ἣν ἔπλασαν θεοὶ πρώτην γυναῖκα. ἐπεὶ δὲ ἀφανίσαι Ζεὺς τὸ χαλκοῦν ἠθέλησε γένος, ὑποθεμένου Προμηθέως Δευκαλίων τεκτηνάμενος λάρνακα, καὶ τὰ ἐπιτήδεια ἐνθέμενος, εἰς ταύτην μετὰ Πύρρας εἰσέβη. Ζεὺς δὲ πολὺν ὑέτον ἀπ' οὐρανοῦ χέας τὰ πλεῖστα μέρη τῆς Ἑλλάδος κατέκλυσεν, ὥστε διαφθαρεῖν πάντας ἀνθρώπους, ὀλίγων χωρὶς οἱ συνέφυγον εἰς τὰ πλησίον ὑψηλὰ ὄρη. τότε δὲ καὶ τὰ κατὰ Θεσσαλίαν ὄρη διέστη, καὶ τὰ ἐκτὸς Ἰσθμοῦ καὶ Πελοποννήσου συνεχέθη πάντα. Δευκαλίων δὲ ἐν τῇ λάρνακι διὰ τῆς θαλάσσης φερόμενος ἐφ' ἡμέρας ἑννέα καὶ νύκτας τὰς ἴσας τῷ Παρνασῷ προσίσχει, κάκει τῶν ὄμβρων παύλαν λαβόντων ἐκβὰς θύει Διὶ φυξίω. Ζεὺς δὲ πέμψας Ἑρμῆν πρὸς αὐτὸν ἐπέτρεψεν αἰρεῖσθαι ὃ τι βούλεται: ὁ δὲ αἰρεῖται ἀνθρώπους αὐτῷ γενέσθαι. καὶ Διὸς εἰπόντος ὑπὲρ κεφαλῆς ἔβαλλεν αἴρων λίθους, καὶ οὓς μὲν ἔβαλε Δευκαλίων, ἄνδρες ἐγένοντο, οὓς δὲ Πύρρα, γυναῖκες. ὅθεν καὶ λαοὶ μεταφορικῶς ὠνομάσθησαν ἀπὸ τοῦ λάας ὁ λίθος. γίνονται δὲ ἐκ Πύρρας Δευκαλίωνι παῖδες Ἑλλήν μὲν πρῶτος, ὃν ἐκ Διὸς γεγεννησθαι ἔνιοι λέγουσι, δεύτερος δὲ Ἀμφικτύων ὁ μετὰ Κραναὸν βασιλεύσας τῆς Ἀττικῆς, θυγάτηρ δὲ Πρωτογένεια, ἐξ ἧς καὶ Διὸς Ἀέθλιος.

Nomes próprios: Προμηθέως Δευκαλίων Φθίαν Πύρραν Ἐπιμηθέως Πανδώρας Ζεὺς Πύρρας Ἑλλάδος Θεσσαλίαν Ἰσθμοῦ Πελοποννήσου φερόμενος Παρνασῷ Διὶ φυξίω Ἑρμῆν Διὸς Πύρρα Δευκαλίωνι Ἑλλήν Ἀμφικτύων Κραναὸν Ἀττικῆς Πρωτογένεια Ἀέθλιος

Citação de Frazer	Nossa citação
Hesiod/Theogony(hes.th_gk) 571γαίης γὰρ σύμπλασσε περικλυτὸς Ἀμφιγυήεις παρθένω αἰδοίῃ ἴκελον Κρονίδεω διὰ βουλάς. ζῶσε δὲ καὶ κόσμησε θεὰ	Strabo 8.7.1 – 5 ταύτης δὲ τῆς χώρας τὸ μὲν παλαιὸν Ἴωνες ἐκράτουν, ἐξ Ἀθηναίων τὸ γένος ὄντες, ἐκαλεῖτο δὲ τὸ μὲν παλαιὸν Αἰγιάλεια καὶ οἱ ἐνοικοῦντες

<p>γλαυκῶπις Ἀθήνη ἀργυφῆ ἐσθῆτι· κατὰ κρηθὲν δὲ καλύπτρην δαιδαλέην χεῖρεσσι κατέσχεθε, θαῦμα ἰδέσθαι·</p>	<p>Αἰγιαλεῖς, ὕστερον δ' ἀπ' ἐκείνων Ἰωνία, καθάπερ καὶ ἡ Ἀττικὴ, ἀπὸ Ἴωνος τοῦ Ξούθου [...].</p>
<p>Nomes próprios em comum: N/A</p>	<p>Nomes próprios em comum: Δευκαλίωνος, Φθίαν, Πύρρου, Πύρρου, Ἑλλάδα, Ἴσθμου, Παρνασσὸν, Διὶ, φυλάς, Ἑρμιῶν, Διὸς, Πύρρου, Δευκαλίωνος, Ἑλληνα, Ἀττικῆς</p>

Tabela 18 – Mesmos nomes, diferentes passagens

O que é interessante apontar nesse exemplo é justamente a quantidade de nomes próprios em comum com a passagem de Apolodoro, porém todos eles mencionados de uma forma que pouco se relaciona ao tema principal do trecho, tratando de narrativas paralelas. Na nota de Frazer (1921) o foco é a origem de Pandora, discorrendo sobre os acontecimentos do seu nascimento a partir do dilúvio que envolveu Deucalião. No caso da obra de Estrabão, primeiramente temos um conteúdo bem distinto em comparação à narrativa mitológica de Apolodoro e Hesíodo: o autor faz um tratado sobre a história e a geografia de todo o mundo conhecido por ele na época e essa narrativa se apoia em alguns momentos nos mitos para fazer algumas descrições. Diante dessa diferença de gênero e conteúdo, é natural que as afinidades sejam menores. Porém, nesse exemplo, o que Estrabão faz é descrever o surgimento da Egialéia, um território pertencente aos jônios na Antiguidade e, para falar dele, mencionará figuras conhecidas da mitologia, como Deucalião, porém sem abordar o dilúvio ou o nascimento de Pandora. Novamente, o método encontrou uma referência que inclui informações secundárias, não diretamente relacionadas ao trecho de *Biblioteca*, mas que poderia ser muito bem incluída numa edição comentada.

No caso do segundo resultado da comparação entre as notas, há determinados trechos em que a referência encontrada pelo computador nos mostra um trecho com um conteúdo diferente daquele buscado por Frazer (1921), porém relacionado à passagem de Apolodoro, que pode, então, ser incorporado como uma nota numa edição comentada.

Ex.2) Apol. *Biblio.* 1.1.1

Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς ἐδυνάστευσε κόσμου. γήμας δὲ Γῆν ἐτέκνωσε πρώτους τοὺς ἑκατόγχειρας προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην Κόττον, οἱ μεγέθει τε ἀνυπέρβλητοι καὶ δυνάμει καθειστήκεσαν, χεῖρας μὲν ἀνὰ ἑκατὸν κεφαλὰς δὲ ἀνὰ πεντήκοντα ἔχοντες.

Nomes próprios: Οὐρανὸς Γῆν Βριάρεων Γύην Κόττον

Citação de Frazer	Nossa citação
Hesiod/Theogony 126 Γαῖα δὲ τοι πρῶτον μὲν ἐγένετο ἴσον ἑαυτῇ Οὐρανὸν ἀστερόενθ', ἵνα μιν περὶ πάντα καλύπτει, ὄφρ' εἴη μακάρεσσι θεοῖς ἔδος ἀσφαλὲς αἰεὶ. γένετο δ' Οὐρεα μακρὰ, θεῶν χαρίεντας ἐναύλους, Νυμφέων, αἰναίουσιν ἄν' οὐρεα βησσήεντα.	Hesiod 147- 149 ἄλλοι δ' αὖ Γαίης τε καὶ Οὐρανοῦ ἐξεγένοντο τρεῖς παῖδες μεγάλοι τε καὶ ὄβριμοι, οὐκ ὀνομαστοί, Κόττος τε Βριάρεώς τε Γύης θ', ὑπερήφανα τέκνα.
Nomes próprios em comum: Οὐρανὸν	Nomes próprios em comum: Οὐρανοῦ, Βριάρεώς, Γύης, Κόττος

Tabela 19 – Uma referência diferente

Nesse exemplo, Frazer (1921) elucidava o nascimento de Urano como filho da deusa Gaia (Terra), para, então, abordar a primeira descendência desses deuses, começando pelos ciclopes. A ideia do comentador aqui é mostrar como os dois autores gregos começam suas narrativas pelo mesmo lugar, a origem dos deuses a partir do reinado de Urano. No entanto, nosso método de busca encontrou uma referência que elucidava a descendência de Urano e Gaia, sem ater-se, contudo, ao relacionamento mãe e filho de ambos. As duas referências possuem, portanto, escopos distintos, porém ambos pertinentes à elaboração de uma edição comentada de um texto literário e, por essa razão, esse resultado incrementa a precisão de nosso algoritmo. Vale ressaltar que, diante da qualidade do trabalho de Frazer, este optou

por não incluir determinadas referências como essa, visto que as motivações de um comentador, ao elaborar uma tradução, são distintas.

O terceiro tipo de resposta obtido em nossa comparação foi a constatação de ma referência, diante da existência de nomes próprios em comum, porém com uma relação praticamente inexistente com o texto fonte. Esse caso pode acontecer em alguns momentos, principalmente com nomes próprios mais comuns no universo grego, como Zeus e Crono, de modo que elucidamos esse tipo de ocorrência no terceiro exemplo.

Ex.3) Apol. Biblio. 1.3.6

μίγνυται δὲ Ζεὺς Μήτηρι, μεταβαλλούση εἰς πολλὰς ἰδέας ὑπὲρ τοῦ μὴ συνελθεῖν, καὶ αὐτὴν γενομένην ἔγκυον καταπίνει φθάσας, ἐπεὶπερ ἔλεγε < Γῆ > γεννήσειν παῖδα μετὰ τὴν μέλλουσαν ἐξ αὐτῆς γεννᾶσθαι κόρην, ὅς οὐρανοῦ δυνάστης γενήσεται. τοῦτο φοβηθεὶς κατέπιεν αὐτήν: ὡς δ' ὁ τῆς γεννήσεως ἐνέστη χρόνος, πλήξαντος αὐτοῦ τὴν κεφαλὴν πελέκει Προμηθέως ἢ καθάπερ ἄλλοι λέγουσιν Ἡφαίστου, ἐκ κορυφῆς, ἐπὶ ποταμοῦ Τρίτωνος, Ἀθηνᾶ σὺν ὅπλοις ἀνέθορεν.

Nomes próprios: Ζεὺς Μήτηρι φθάσας Γῆ φοβηθεὶς Προμηθέως Ἡφαίστου Τρίτωνος Ἀθηνᾶ

Citação de Frazer	Nossa citação
Hesiod/Theogony 886 – 900 Ζεὺς δὲ θεῶν βασιλεὺς πρώτην ἄλοχον θέτο Μητιν πλεῖστα τε ἰδυίαν ἰδὲ θνητῶν ἀνθρώπων. ἀλλ' ὅτε δὴ ἄρ' ἔμελλε θεὰν γλαυκῶπιν Ἀθήνην τέξεσθαι, τότε ἔπειτα δόλω φρένας ἐξαπατήσας αἰμυλίῳσι λόγοισιν ἔην ἐσκάτθετο νηδὺν Γαίης φραδμοσύνησι καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος [...].	Pausanias 1.2.6 – 8 τὴν δὲ βασιλείαν Ἀμφικτύων ἔσχεν οὕτως. Ἀκταῖον λέγουσιν ἐν τῇ νῦν Ἀττικῇ βασιλεῦσαι πρῶτον· ἀποθανόντος δὲ Ἀκταίου Κέκροψ ἐκδέχεται τὴν ἀρχὴν θυγατρὶ συνοικῶν Ἀκταίου, καὶ οἱ γίνονται θυγατέρες μὲν Ἔρση καὶ Ἄγλαυρος καὶ Πάνδροσος, υἱὸς δὲ Ἐρυσίχθων· οὗτος οὐκ ἐβασίλευσεν Ἀθηναίων, ἀλλὰ οἱ τοῦ πατρὸς ζῶντος τελευτῆσαι συνέβη, καὶ τὴν ἀρχὴν τὴν Κέκροπος Κραναὸς ἐξεδέξατο, Ἀθηναίων δυνάμει προύχων.
Nomes próprios em comum: Ζεὺς	Nomes próprios em comum: Ζεὺς, Γῆν, Ἡφαιστον, Ἀθηναίων

Tabela 20 – Referência diferente da obra fonte

No exemplo três, Apolodoro trata da relação que Zeus tivera com Métis e a partir daí narra toda a história desse relacionamento amoroso até o nascimento de Atena, que saíra da cabeça de Zeus, já com armas em mãos, depois de Hefesto golpear a cabeça do pai dos deuses. No entanto, na passagem extraída pelo nosso computador temos as mesmas personagens envolvidas, porém como são nomes muito prolíficos e recorrentes na literatura grega, há várias passagens ou referências a essas entidades e, por muitas vezes, não apresentam relação nenhuma com a passagem fonte, justamente o que ocorre nesse caso que apresentamos.

O próximo exemplo, então, assinala uma ocorrência de quando nosso método encontrou uma referência não mencionada na edição comentada de Frazer, porém com um conteúdo bastante relevante para ser mencionado.

Ex.4) Apol. *Biblio.* 1.3.1

Ζεὺς δὲ γαμεῖ μὲν Ἥραν, καὶ τεκνοῖ Ἥβην Εἰλείθυιαν Ἄρην, μίγνυται δὲ πολλαῖς θνηταῖς τε καὶ ἀθανάτοις γυναιξίν. ἐκ μὲν οὖν Θέμιδος τῆς Οὐρανοῦ γεννᾷ θυγατέρας ὥρας. Εἰρήνην Εὐνομίαν Δίκην, μοίρας, Κλωθῶ Λάχεσιν Ἄτροπον, ἐκ Διώνης δὲ Ἀφροδίτην, ἐξ Εὐρυνόμης δὲ τῆς Ωκεανοῦ χάριτας, Ἀγλαΐην Εὐφροσύνην Θάλειαν, ἐκ δὲ Στυγὸς Περσεφόνην, ἐκ δὲ Μνημοσύνης μούσας, πρώτην μὲν Καλλιόπην, εἶτα Κλειῶ Μελομένην Εὐτέρπην Ἐρατῶ Τερψιχόρην Οὐρανίαν Θάλειαν Πολυμνίαν.

Nomes próprios: Ζεὺς; Ἥραν; Ἥβην; Εἰλείθυιαν; Ἄρην; Θέμιδος; Οὐρανοῦ; Εἰρήνην; Εὐνομίαν; Δίκην; Κλωθῶ; Λάχεσιν; Ἄτροπον; Διώνης; Ἀφροδίτην; Εὐρυνόμης; Ωκεανοῦ; Ἀγλαΐην; Εὐφροσύνην; Θάλειαν; Στυγὸς; Περσεφόνην; Μνημοσύνης; Καλλιόπην; Κλειῶ; Μελομένην; Εὐτέρπην; Ἐρατῶ; Τερψιχόρην; Οὐρανίαν; Θάλειαν; Πολυμνίαν

Citação de Frazer	Nossa citação
Homer/Iliad(hom.il_gk) 5.889 μή τί μοι ἀλλοπρόσαλλε παρεζόμενος μινύριζε. ἔχθιστος δέ μοι ἔσσι θεῶν οἱ Ὀλυμπον ἔχουσιν· αἰεὶ γάρ τοι ἕρις τε φίλη πόλεμοί τε μάχαι τε. μητρὸς τοι μένος ἔστιν ἀάσχετον οὐκ ἐπιεικτὸν Ἥρης· τὴν μὲν ἐγὼ σπουδῆ δάμνημ' ἐπέεσσι·	Hesiod/Teog. 76 - 79 ἐννέα θυγατέρες μεγάλου Διὸς ἐκγεγαυῖαι, Κλειῶ τ' Εὐτέρπη τε Θάλειά τε Μελομένην τε Τερψιχόρη τ' Ἐρατῶ τε Πολύμνιά τ' Οὐρανίη τε Καλλιόπη θ' ἢ δὲ προφερεστάτη ἔστιν ἀπασέων.

Nomes próprios em comum: Ἡρῆς·	Nomes próprios em comum: Οὐρανίη, Διὸς, Κλειώ, Θάλειά, Καλλιόπη, Κλειώ, Μελομένη, Εὐτέρπη, Ἐρατώ, Τερψιχόρη, Οὐρανίη, Πολύμνιά

Tabela 21 – Comparando as referências encontradas com as de Frazer

Extraímos apenas uma das citações de Frazer (1921) para não deixar a tabela muito grande, porém nesse exemplo as outras referências dadas pelo tradutor também têm um *overlap* de dois ou, no máximo, três nomes próprios. O que é interessante nesse exemplo é que a citação que encontramos é mais completa que aquelas dadas pelo tradutor, no sentido de trazerem uma passagem muito próxima ao texto de Apolodoro, do tipo “fonte”, por se referirem a uma intertextualidade muito mais completa do que aquelas mencionadas na edição inglesa. Esse exemplo ilustra que embora as passagens do tradutor não tenham sido encontradas pelo nosso método de busca, este encontrou uma passagem melhor e, por essa razão, poderia ser muito bem usada como parte de uma edição comentada, contribuindo para aumentar o grau de precisão e eficiência de nosso algoritmo.

Todos os exemplos que discutimos e apresentamos nesta seção foram coletados depois do refinamento de nosso algoritmo, avaliando o porquê de algumas das referências do computador não terem encontrado equivalência com aquelas propostas por Frazer (1921). No entanto, todo esse percurso nos mostrou que embora a edição inglesa seja um manual extremamente completo, ele pode ser incrementado com outras passagens não mencionadas pelo comentador, cujo mérito, ressaltamos, está no enorme conhecimento que possuía da literatura grega.

4.5.4 Nova contagem e parecer final sobre o algoritmo dos nomes próprios

Resta-nos, portanto, apresentar os resultados finais da coleta de referências feita com nosso algoritmo de nomes próprios, a fim de verificar se após todas as etapas de refinamento descritas ao longo deste capítulo foram capazes de aumentar a precisão do método e torná-lo uma ferramenta eficiente para nossa proposta. O que tínhamos anteriormente era:

1. Nomes próprios

1.1 Precisão

- 1.1.1 Fonte: 48/261 (18.4%)
- 1.1.2 Informações: 20/128 (15.6%)
- 1.1.3 Linguística: 2/12 (16.7%)

1.2.2 Informação

- 1.2.2.1 Top 5: 29/230 (12.6%)
- 1.2.2.2 Top 10: 32/230 (13.9%)
- 1.2.2.3 Top 30: 34/230 (14.8%)

1.2 Recall

- 1.2.1 Fonte
- 1.2.1.1 Top 5: 92/547 (16.8%)
- 1.2.1.2 Top 10: 112/547 (20.5%)
- 1.2.1.3 Top 30: 126/547 (23%)

1.2.3 Linguística

- 1.2.3.1 Top 5: 4/26 (15.4%)
- 1.2.3.1 Top 10: 4/26 (15.4%)
- 1.2.3.1 Top 30: 4/26 (15.4%)

Feito o refinamento do algoritmo, alcançamos os seguintes resultados:

1. Nomes próprios

1.1 Precisão

- 1.1.1 Fonte: 240/261 (91.9%)
- 1.1.2 Informações: 108/128 (84.3%)
- 1.1.3 Linguística: 10/12 (83.3%)

1.2.2 Informação

- 1.2.2.1 Top 5: 211/230 (91.7%)
- 1.2.2.2 Top 10: 215/230 (93.4%)
- 1.2.2.3 Top 30: 219/230 (95.2%)

1.2 Recall

- 1.2.1 Fonte
- 1.2.1.1 Top 5: 500/547 (91.4%)
- 1.2.1.2 Top 10: 508/547 (92.8%)
- 1.2.1.3 Top 30: 532/547 (97.2%)

1.2.3 Linguística

- 1.2.3.1 Top 5: 18/26 (70%)
- 1.2.3.1 Top 10: 19/26 (73%)
- 1.2.3.1 Top 30: 21/26 (80.7%)

Os resultados acima nos mostram uma precisão muito maior do algoritmo e um resultado bastante eficiente para utilizarmos na busca por uma geração automática de referências para uma edição literária. Conforme esperado, o tipo de referência mais fácil de ser rastreado pelo sistema é do tipo fonte, cuja precisão alcançou aproximadamente 92%, o que é bastante importante, principalmente porque é nela que encontramos as ocorrências de intertextualidade, uma questão bastante procurada em análises comparadas e também na elaboração de edições comentadas. A alta precisão se deve não só ao refinamento de nosso método de busca, mas também ao fato de

usarmos um algoritmo que trabalha com nomes próprios quando feito um cruzamento com outros textos. O grupo “informações secundárias”, embora mais diversificado que o “fonte”, também aumentou significativamente e, de fato, os resultados não encontrados se devem a questões que justificamos anteriormente, principalmente quando as passagens nos remetem a trechos em outros autores em que não há nomes próprios envolvidos, mas aspectos culturais ou mesmo descrição de regiões, hábitos, práticas ritualísticas, objetos etc. Esses dados reforçam também a necessidade da presença de um tradutor bastante inteirado quanto ao universo cultural das referências existentes na obra que traduz. Por fim, o grupo “linguística”, embora de menor ocorrência no *corpus* foi o que apresentou exemplos mais difíceis de serem solucionados pelo computador, porém o alto número a que chegamos nos deixa com uma precisão excelente para o objetivo almejado. As referências coletadas foram, na maioria das vezes, graças à diferença de grafia entre possíveis nomes próprios e às palavras-chaves que incorporamos na resposta-modelo. Os casos omissos, contudo, precisam ser revistos para avaliar se algum outro refinamento é possível para encontrá-los automaticamente.

Com esses resultados em mãos, nosso método de geração automática de referências usando os nomes próprios como algoritmo se mostra bastante preciso e passível de ser usado no grego antigo, mesmo com todas os obstáculos que essa língua antiga nos oferece. O alto grau de precisão quando comparado com uma edição comentada canonizada nos assegura quanto à viabilidade de utilizá-lo em outros textos gregos e também de exportá-lo para o trabalho com línguas modernas, acreditando que embora possa haver outras dificuldades em novos idiomas, o grau de eficiência deve manter seu alto índice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos, primeiramente, uma breve reflexão sobre a abordagem em reuso textual e como nossa pesquisa se diferenciou dela. Em seguida, tratamos da geração automática de referências para uma edição comentada de um texto literário, a partir da obra *Biblioteca*, de Apolodoro, realizando três procedimentos distintos. Os dois primeiros foram a Longest common sequence (LCS) e o TFIDF, porém os resultados mostraram uma precisão muito baixa para ambos (menos de 3%), o que nos obrigou a descartá-los. Assim, optamos por criar um método novo, que consistiu no uso dos nomes próprios extraídos da narrativa de

Apolodoro como algoritmo para a busca de referências cruzadas nos textos do *corpus* digital da Perseus Digital Library. Primeiramente descrevemos todas as etapas de preparação do *corpus* para a busca e os resultados iniciais, que também mostraram baixa precisão, em torno de 13% e um *recall* de 17%. No entanto, apresentamos uma solução para essa baixa precisão, propondo refinar esse algoritmo, analisando os problemas encontrados, e incrementar os mecanismos de busca, chegando a uma precisão média de 88%, o que nos leva a crer na eficácia e na possibilidade de usar esse método em outros *corpora*. Nosso índice de precisão foi baseado na edição traduzida e comentada de Frazer (1921), buscando exata equivalência com as notas dadas pelo tradutor. Entretanto, nosso método também nos mostrou os problemas da sistematização dessas notas, além de evidenciar a existência de outras referências passíveis de ser incorporadas a uma edição comentada, cujas ocorrências comentamos uma a uma. Acreditamos, finalmente, que embora usemos o grego antigo como idioma de um texto literário, nosso método pode ser empregado independente da língua com que se trabalhe e deve ser testado de outras formas e em outros textos também, a fim de que sua eficiência seja ratificada. Com efeito, com base nos números obtidos e apresentados, acreditamos que esse método inédito de geração automática de referências é uma ferramenta precursora para as pesquisas envolvendo Linguística Computacional e também para elaboração de edições literárias de textos, servindo como forte aliado a um tradutor que busca otimizar suas ferramentas de trabalho. Com esse algoritmo, mostramos como agilizar essa elaboração usando um *corpus* do grego antigo, apontando as possíveis falhas e os momentos em que se faz necessário um olhar atento e um conhecimento de mundo por parte de quem traduz um texto, preenchendo as lacunas que o computador ainda não é capaz de resolver automaticamente. Com efeito, descritos e debatidos todos os resultados neste capítulo, entregamos à comunidade científica uma ferramenta precursora no desenvolvimento de novos trabalhos linguísticos.

CAPÍTULO 5

Apolodoro e *Biblioteca*: tradução e comentários sobre o autor e sua obra.

INTRODUÇÃO

Todas as etapas desta tese, as reflexões teóricas acerca dos procedimentos práticos sobre o conceito de tradução, com uma abordagem que deu ênfase à tradução da prosa grega antiga e à voz média (Capítulo 1); o percurso teórico-metodológico sobre a inclusão digital e humanidades com uma apresentação sobre *corpora* digitais, bancos de dados eletrônico, pesquisas linguísticas envolvendo tecnologias como reuso textual, bem como as etapas de construção da nossa própria edição digital de Apolodoro, etiquetagem e alinhamento do texto (Capítulo 2); a classificação dos empregos de voz média do grego antigo e uma análise comparada de sua tradução em quatro traduções modernas de idiomas diferentes (Capítulo 3); e a descrição de nosso método de geração automática de referências para uma edição comentada de um texto literário (Capítulo 4) proporcionaram como resultado a apresentação da tradução para o português da obra *Biblioteca* de Apolodoro.

Neste capítulo, teceremos alguns comentários sobre o livro *Biblioteca* no que diz respeito ao autor e à polêmica sobre sua real autoria; às fontes usadas na narrativa, bem como à organização da obra e estilo narrativo. Por fim, apresentaremos a tradução em português dos três livros que compõem toda a narrativa. É importante ressaltarmos duas questões fundamentais: primeiro, conforme esclareceremos neste capítulo na seção sobre a organização do livro, não apresentaremos a tradução dos fragmentos da obra, compilados por Frazer (1929) num volume chamado Epítome, já que nosso objetivo nesta tese foram as partes completas dessa compilação de mitos. Segundo, esta tradução impressa, nesta primeira edição, não dispõe de notas ou comentários do tradutor, visto que, como outrora também ressaltado, o objetivo primário era uma edição digital com ferramentas voltadas ao ensino-aprendizagem de grego antigo e do uso de ferramentas digitais para pesquisas linguísticas. Com efeito, esta tradução é resultado de um trabalho tradutório e também de comparação e leitura de traduções em outras línguas, a fim de que todo um público interessado no conteúdo de *Biblioteca* finalmente tenha acesso a uma versão em português desse livro.

5.1 Apolodoro ou Pseudo-Apolodoro? O mistério acerca do autor de *Biblioteca*.

Apolodoro não é um autor rebuscado e não parece demonstrar uma preocupação estética com sua narrativa: ao contrário, ele se volta para o conteúdo por meio de um texto expositivo bastante simples e em vários momentos consideravelmente truncado, dado, por exemplo, ao exaustivo emprego de participípios, principal marca da sua narrativa. A questão da autoria da obra *Biblioteca* é bastante controversa e mesmo que inúmeros estudiosos de língua e literatura gregas e latinas tenham tocado nessa questão, ainda permanece um mistério sobre quem realmente teria escrito o livro e o porquê das escolhas temáticas. Como de costume, muito do que sabemos sobre os escritores gregos provém de citações e referências dadas ou feitas por autores contemporâneos a ele. Entretanto, torna-se adequado ressaltar que Apolodoro não menciona seus contemporâneos, que, por sua vez, também não o referenciam. Nesse sentido, o primeiro recurso que poderíamos usar para encontrar referências sobre nosso autor seria buscar autores posteriores a ele que o citam, dentre os quais temos: Fócio¹, patriarca de Constantinopla no século IX d. C., que o chama de Apolodoro, o gramático, depois deste John e Isaac Tzetes, gramáticos bizantinos que fazem uma referência nominal a Apolodoro; e escolásticos de Homero, Sófocles e Eurípides, que também o citam; porém, como não sabemos a data de seus trabalhos, fica difícil reunir alguma pista sobre a possível origem histórica de *Biblioteca*. É em Fócio, contudo, que encontramos o maior conteúdo de referência ao nosso autor, embora as informações não sejam muito aprofundadas e ainda ramifiquem em mais questionamentos. Ele diz:

No mesmo volume, li uma pequena obra do gramático Apolodoro. Leva o título de *Biblioteca*. Contém as mais antigas histórias dos gregos: tudo o que o tempo lhes proporcionou a crer quanto os deuses e os heróis, os nomes dos rios, dos países, das populações, das cidades, de sua origem; e, além disso, todos os feitos que remontam à épocas antigas. Chega até os feitos da guerra de Tróia, revisa os combates que livram certos heróis, suas façanhas e certas viagens daqueles que voltaram de Tróia, particularmente de Ulisses, com o qual termina esta história dos tempos antigos. A maior parte do livro é um resumo que será útil para aqueles que querem recordar viagens históricas. Este epigrama não está isento de elegância: a sucessão dos tempos poderá consegui-la através da minha erudição e poderá conhecer as fábulas antigas. Não terá de olhar as páginas de Homero nem na elegia, nem na musa trágica, nem na poesia mélica, nem buscar na obra

¹ FÓCIO, *Biblioteca*. p.142 Ed. Bekker.

sonora dos poetas cíclicos, senão apenas olhar-me e encontrará em mim tudo o que há no mundo. (FÓCIO, 850 d.C, cod.189)²

A primeira dúvida decorrente dessa citação é a denominação de “gramático” que Fócio atribui ao nosso autor. De fato, houve um gramático ateniense conhecido como Apolodoro, cujo auge da produção intelectual foi em 147 a.C., considerado autor de inúmeras obras, dentre as quais duas se destacam: o tratado escrito em vinte e quatro livros, chamado *Sobre os deuses*, e uma coletânea de poemas intitulada *Crônica*. No entanto, existem alguns fatores que contribuem para a não-atribuição de *Biblioteca* a esse gramático chamado Apolodoro. Primeiro, de acordo com Frazer (1921), com base numa análise comparada dos fragmentos e as referências a respeito de *Sobre os deuses*, há uma grande diferença de estilo entre as obras e esse distanciamento estético fica claro porque *Sobre os deuses* se preocupa em descrever as deidades de um ponto de vista racional, considerando-as como poder da natureza ou mesmo como homens e mulheres mortas, e essa descrição parece ser construída a partir de uma interpretação bastante livre da etimologia dos nomes, diferentemente do autor de *Biblioteca*, que deixa claro em sua narrativa seu objetivo meramente descritivo e não crítico ao tratar dos mitos gregos. Esse caráter expositivo, além da existência de contradições entre as narrativas das duas obras, enfraquece o argumento de que ambos seriam a mesma pessoa. Segundo, na obra *Biblioteca* há uma citação ao cronista Cástor, que seria de aproximadamente 61 a.C., contemporâneo de Cícero. Vejamos a passagem:

Pass.1) Κάστωρ δὲ ὁ συγγραψας τὰ χρονικά καὶ πολλοὶ τῶν τραγικῶν Ἰνάχου τὴν Ἰὼ λέγουσιν. (Apol. *Biblio.* 2.1.3) - O cronista Cástor, assim como muitos dos tragediógrafos, afirma que Io era filha de Ínaco.

Mesmo se considerarmos uma relativa margem de erro de data, Apolodoro, o gramático, não poderia citar alguém; esse argumento, portanto, fica enfraquecido diante do excerto acima que extraímos do Livro II. Retomando a citação de Fócio, o que chama atenção é que o patriarca de Constantinopla e afirma ter lido a obra junto com o volume em que estavam as narrativas de Cónon, cuja temática de seu texto se

² Traduzido de SEPÚLVEDA, M. *Biblioteca*. Madrid, 1985.

assemelha à de Apolodoro e, por essa razão, é bem provável que algum copista ou alguém que tenha tido acesso às obras tenha colocado ambas em um único volume. Além disso, Fócio dá ênfase a Tróia e a Odisseu, partes que chegaram fragmentadas até nós. É curioso notar como a citação considera esses momentos da narrativa em detrimento de todo o conteúdo prévio existente em *Biblioteca*, visto que até que as histórias envolvendo Tróia e Odisseu cheguem, há três livros com a descrição de nove famílias que se desdobram em inúmeras narrativas. Portanto, qual a razão para Fócio, em sua citação, salientar apenas um momento tão posterior no conjunto da obra? O fato de os fragmentos de *Biblioteca*, reunidos no Epítome, dedicarem-se em grande parte a toda a história de Tróia sugere também que tenha sido esta parte lida por Fócio? Infelizmente não há como nos aprofundarmos nos motivos que levaram o patriarca de Constantinopla a fazer esse recorte, uma vez que em nenhum outro momento encontramos mais referências por parte dele ou de algum contemporâneo seu acerca de Apolodoro e de *Biblioteca*. De qualquer maneira, sem considerar toda a incerteza sobre o autor e sua obra, por questões práticas chamamos de Apolodoro o autor de *Biblioteca* neste trabalho, acreditando na veracidade dessa possibilidade, ao mesmo tempo, contudo, que deixamos portas abertas a buscar novas teorias que tentem encontrar uma solução a essa atmosfera que até hoje permanece tão misteriosa.

Vale mencionar ainda que, historicamente, existem poucas obras no mundo antigo com o nome *Biblioteca*, especificamente três: *A Biblioteca História*, de Diodoro Sículo; *A Biblioteca* de Fócio e a de Apolodoro. A primeira parece ter sido assim intitulada por escolha do próprio autor, já que Plínio afirma exatamente isso em uma das suas menções a Diodoro Sículo³. A de Fócio originalmente se chamava *Inventário e Enumeração dos livros que lemos... etc.* Na época bizantina, recebeu o nome de *Myriobiblion* e, posteriormente, já a partir do séc. XVII, foi chamada de *Biblioteca*. Finalmente, a de Apolodoro, infelizmente, não sabemos se, de fato, foi chamada assim pelo próprio autor ou se ganhou esse título por sugestão do próprio Fócio, que assim a denominou. Mas o que os antigos chamavam de *Biblioteca*? Embora sejam poucas as obras que recebam esse título, de maneira geral entendemos uma biblioteca como uma compilação de várias fontes que buscam resumir um determinado assunto ou segundo a própria definição de Fócio, “uma obra que pode ser, ou poderia ser, utilizada como uma espécie de biblioteca” (FÓCIO, 850,

³ A referência feita se encontra na frase *apud graecos desiit nugare Diodorus et bibliotheke historiam sua inscripsit*. Extraído de SEPULVEDA, M. *Biblioteca*, Madrid, 1985.

cod.189). Ironicamente, nenhuma outra obra de autores de genealogias ou mitógrafos semelhante à de Apolodoro leva esse título, e se pensarmos nessa definição, outras coletâneas, como a de Estrabão, poderiam também receber esse título. Recolhidas todas essas informações, como tradutores de Apolodoro chegamos a duas questões possíveis:

- a) o texto que traduzimos, incompleto, chamou-se *Biblioteca* e seu autor foi um gramático chamado Apolodoro. Esse é o texto descrito por Fócio e também citado pelos escoliastas. O copista da obra Parisinus Graecus errou ao atribuir o texto a Apolodoro de Atenas; tratava-se de uma *Biblioteca* de outro Apolodoro.
- b) O texto que traduzimos aqui se chamava *Genedogíai* e a *Biblioteca* descrita por Fócio é outra obra com algum conteúdo afim também referida pelos escoliastas. Da nossa, então, não conhecemos autor e título, da de Fócio não sabemos se ainda existe.

Essas indagações, assim como todos esses argumentos, são os motivos por que estudiosos chamam o autor de *Biblioteca* de Pseudo-Apolodoro, como uma forma de distingui-lo do gramático ateniense. No entanto, quem é esse Pseudo-Apolodoro? Ocorre que em sua obra em momento algum o autor se revela ou tece comentários sobre sua vida ou eventos contemporâneos a sua narrativa, que, considerando os fragmentos, encerra-se com a morte de Odisseu e o retorno dos Heráclidas. Chama atenção, contudo, que sua própria narrativa, teoricamente, levaria a um comentário sobre Roma ou sobre os romanos, principalmente em momentos como nas passagens sobre Hércules, quando este atravessa a Itália, da Ligúria, no norte, até Régio, ao sul, e como daqui passou pelo estreito da Sicília, quando conduzia o gado de Gerião (Apol. *Biblio.* 2.5.7). Da mesma forma, mesmo comentando sobre o saque a Tróia e o destino de alguns heróis após essa batalha, espalhando-se em lugares como a Itália e a Sicília, e mesmo comentando sobre Filoctetes na Campânia, Apolodoro em momento algum narra a chegada de Enéias ao Lácio, apesar de mencionar que ele era filho de Afrodite. Pensar em Apolodoro como um cidadão romano, segundo Frazer (1942), fica, portanto, algo pouco plausível, embora seja possível imaginá-lo vivendo em alguma região grega ainda nos primórdios do Império Romano para ser mais adequado e verossímil dadas as circunstâncias de toda a penumbra que recai sobre sua

identidade. Dessa forma, diante dessa omissão, restam duas hipóteses: a) ou o autor não tinha conhecimento sobre Roma ou b) preferiu omitir esse lado da história por razões diversas, como pressão política ou mesmo por razões de recorte temático de sua obra, optando por concentrar-se nos mitos envolvendo o mundo grego antigo, numa tentativa de conservá-los, já que a quantidade de obras a esse respeito já poderia não ser muito grande em sua época.

Considerando, então, as poucas fontes sobre Apolodoro e *Biblioteca*, o mais aceito hoje é que ele tenha escrito seu trabalho entre os séculos I e II d.C. e que seu nome, ou mesmo de Pseudo-Apolodoro, quando citado faz referência ao autor da compilação de mitos chamada *Biblioteca*. Na seção a seguir, trataremos de algumas questões referentes a esse texto, comentando um pouco sobre a divisão da narrativa, o recorte temático e algumas das particularidades quanto ao estilo do autor.

5.2 *Biblioteca*: características das traduções, divisão e tema.

A primeira edição grega de Apolodoro veio com uma tradução latina no ano de 1555, publicada por Benedictus Aegius, em Roma, seguido por Hieronimus Cornelius, em 1599. Em línguas estrangeiras modernas, a oferta de traduções de *Biblioteca* é considerável. Uma das mais conhecidas e referenciada exaustivamente neste trabalho é a de Sir George Frazer (1921), não apenas pela tradução, mas pelo conteúdo completo da edição, que apresenta um apêndice e notas bastante extensas repletas de informações adicionais, como dados culturais, intertextualidades, comparações etc. Em espanhol, destacamos a edição da editora Gredos do tradutor Rodriguez Sepúlveda, que embora nos apresente uma edição comentada, reafirma que as notas são, na maioria das vezes e de forma inevitável, as mesmas feitas por Fraser (1921). Vale destacar, inclusive, que muitas das escolhas de tradução dessa edição, diante de questões linguísticas mais discutíveis do grego antigo, como voz verbal e tradução do participio, parecem ter sido feitas sob a orientação da tradução inglesa. Em francês, temos a de Jean-Claude Carrière & Bertrand Massonnie, uma edição comentada, porém com notas mais restritas às escolhas dos tradutores e muitos menos prolíficas quando comparadas nas versões das outras línguas. Há ainda um trabalho louvável a destacar-se, a tradução de Van der Valk (1958), que não só nos apresenta uma versão italiana do texto grego, como também inúmeras notas, abarcando questões linguísticas, culturais e também literárias de Apolodoro.

Os textos gregos não eram separados por parágrafos e na sua maioria sequer apresentavam qualquer tipo de pontuação ou separação de capítulos ou seções. Tradutores, por sua vez, optaram por dividir muitas das obras clássicas em capítulos, seções, cantos etc. Dessa forma, a obra *Biblioteca* é comumente dividida em três livros, os quais são separados em capítulos e estes, por sua vez, em seções. Por isso, quando citamos passagens do livro, encontramos uma referência de três números, por exemplo, 3.3.2, ou seja, Livro III, Capítulo 3, Seção 2. *Biblioteca* pode ser definida como uma compilação mitológica em que Apolodoro reúne os mitos difundidos pelo seu povo, e a divisão dos temas dos livros pode ser organizada da seguinte forma:

TEMA	LIVRO	CAPÍTULO
Teogonia	I	VII ao IX
A família de Deucalião	I	VII ao IX
A família de Ínaco (Belo)	II	I ao VIII
A família de Agenor (Europa)	III	I ao III
A família de Agenor (Cadmo)	III	IV ao VII
A família de Pelasgo	III	VIII ao IX
A família de Altas	III	X ao XII
A família de Cécrope	III	XIII ao XVI
Teseu	III	XVI

Tabela X – Divisão dos temas em Biblioteca

Cada história dedicada a uma família desdobra-se em várias narrativas sobre heróis e reis que compõem o conteúdo do livro. Vale ressaltar que nos primeiros livros há uma menor variedade de temas, ou pelo menos de descendências, algo maior e mais evidente no terceiro. Nos trechos referentes à família de Ínaco, por exemplo, desenrolam-se as aventuras de Hércules, uma das maiores sequências narrativas de toda a obra. Cabe destacar que Apolodoro não parece ter recolhido mitos de uma tradição oral, ao menos nada evidencia isso, e seu trabalho sugere uma busca individual da sua parte em outros livros, a fim de compor sua narrativa. Sobre os fragmentos reunidos, a que Frazer (1921) denominou Epítome, em 1885 R. Wagner encontrou um códice⁴ e reconheceu como excertos do texto que traduzimos aqui,

⁴ *satis obsoletum et male habitum*

fragmentos da história de Teseu e sua estirpe (onde acaba nosso texto); toda a estirpe de Pélope; fragmentos da guerra e queda de Tróia e o ciclo dos *Nóstoi*. Dois anos depois, em 1887, Papadopoulos Kerameus (1891) encontrou um manuscrito grego, um epítome de certa extensão com tema e texto muitos parecidos com o encontrado por Wagner (1894), cujos fragmentos abarcam a história de Odisseu, seu retorno e morte. O que Wagner (1894) propôs foi que os fragmentos do Vaticano eram obra de Tzetzes, que conhecia bem Apolodoro e resumiu a obra dele para seus alunos, porque por vezes o epítome coincide com o texto de Apolodoro citado pelo próprio Tzetzes.

O valor de *Biblioteca* como documento e índice mitológico-cultural é inegável; a presença dos mitos e sua influência na sociedade ocidental é inquestionável e apesar de não ter sido a única obra dedicada a isso, foi a única que, quanto a certos mitos, sobreviveu com partes completas até nossos dias. Apolodoro não era filósofo ou retórico e tampouco demonstra interesse em atribuir a sua narrativa um requinte literário. A forma como aceita as tradições populares fica bem clara diante dessa sua ausência na narrativa. A esse respeito, há pouquíssimos momentos em que o autor parece refutar o senso comum, como na passagem das maçãs da Hespérides (2.5.11)⁵, em que ele afirma que as frutas não estavam na Líbia, segundo difundido pelo povo, mas bem ao norte, na região dos hiperbóreos; e na disputa entre Poseidon e Atena pela cidade de Atenas (3.14.1)⁶, ao afirmar que os juízes desse entrave foram os dozes deuses e não Cécropo, Crâno ou Erisícton, conforme pregava a crença popular. Entretanto, apesar desses trechos em que Apolodoro faz essa interferência, fica nítida a proposta da narrativa de manter a impessoalidade e seu caráter expositivo: mesmo quando a 3ª pessoa do singular não é usada, o autor faz uso da primeira do plural, o que busca manter esse mesmo traço. Vejamos o exemplo:

Pass.2) [...] Μελπομένης δὲ καὶ Ἀχελώου Σειρῆνες, περὶ ὧν ἐν τοῖς περὶ Ὀδυσσεύος ἐροῦμεν. (Apol. *Biblio.* 1.3.4) – [...] de Melpômene e Aquelôo nasceram as sereias, sobre as quais falaremos nas passagens sobre Odisseu.

⁵ ταῦτα δὲ ἦν, οὐχ ὡς τινες εἶπον ἐν Λιβύῃ, ἀλλ' ἐπὶ τοῦ Ἄτλαντος ἐν Ὑπερβορείοις.

⁶ γενομένης δὲ ἔριδος ἀμφοῖν περὶ τῆς χώρας, διαλύσας Ζεὺς κριτὰς ἔδωκεν, οὐχ ὡς εἶπόν τινες, Κέκροπα καὶ Κραναόν, οὐδὲ Ἐρυσίχθονα, θεοὺς δὲ τοὺς δώδεκα.

De maneira geral, o papel do autor consiste em trazer os mitos desde uma origem menos difundida, relativa à formação do mundo, até o desenrolar dos mitos e surgimento dos heróis que se consagraram na literatura grega mitológica. Esses heróis sempre se confundirão entre personagens míticos e homens que realmente existiram, e isso na narrativa parece diluir-se a ponto de ficarmos em dúvida quanto os limites entre o fantástico e o verídico ou a linha em que os dois atuam juntos. Podemos acreditar no retorno dos Heráclidas ao Peloponeso, por exemplo, ao passo que pensar em Hércules e em seus feitos como um homem comum exige um pouco mais de esforço para uma aceitação literal da nossa parte, dadas algumas circunstâncias fantásticas presentes em suas aventuras, como a ida ao inferno ou a presença de monstros descomunais.

Do ponto de vista linguístico, conforme mencionamos em momentos prévios desta tese, mais especificamente no primeiro capítulo, uma das maiores marcas de Apolodoro é o recorrente emprego do particípio ao longo de seu texto. Como sua narrativa é, muitas vezes, uma sequência de ações (nascer, crescer, lutar; julgar, fugir, voltar) o autor não economiza nos participios aoristos para organizar a ordem de eventos e os interrompe somente no último verbo, fazendo uso, geralmente, do aoristo ou do imperfeito do indicativo.

ὁ δὲ ἐπὶ τὸ Ἥφαιστου χαλκεῖον ἐλθὼν καὶ ἀρπάσας παῖδα ἕνα, ἐπὶ τῶν ὤμων ἐπιθέμενος ἐκέλευσε ποδηγεῖν πρὸς τὰς ἀνατολάς. (Apol. Biblio. 1.4.3) - Dirigindo-se ao caldeirão de Hefesto, após raptar uma criança e colocá-la nos ombros, Órion pediu para ele conduzi-lo ao nascer do sol.

Os participios estão assinalados em negrito e organizam uma sequência de três ações (ir; raptar e colocar) até que o último verbo, em itálico, no aoristo (pedir) indique o término dessa sequência de forma pontual. Esse tipo de passagem pode ser considerada prototípica ao longo da obra com relação à forma com que Apolodoro organiza cronologicamente as ações ou processos verbais, o que acarreta numa maior simplicidade quanto ao seu estilo. É difícil, contudo, sabermos se esse estilo se estabeleceu assim nessa narrativa especificamente, pelo caráter expositivo, ou se de fato essa característica era recorrente em outros textos de sua autoria, sobre os quais, infelizmente, não temos conhecimento e, portanto, eliminam a chance de uma

comparação. Como *Biblioteca* é consideravelmente extensa, há também uma enorme variedade de emprego das vozes verbais do grego antigo (ativa, média e passiva) bastante discriminada entre as três variedades de acordo com o contexto de uso. Apolodoro é também bastante fiel à uniformidade das estruturas, com poucas variações na ordem dos elementos, em que predominam *objeto (complemento) + sujeito + verbo*. Conforme vimos anteriormente, a maior recorrência de verbos é no tempo aoristo e também no imperfeito, o que é bastante coerente já que estamos diante de uma narrativa mitológica. No entanto, em alguns momentos, conforme já demonstrado anteriormente, o autor faz uso do presente histórico, recurso semelhante ao que temos em língua portuguesa, como uma forma de aproximação da sua narrativa ao momento presente do leitor.

Ex.1) οἱ δὲ Ὠκεανοῦ χωρὶς ἐπιτίθενται, καὶ Κρόνος ἀποτεμῶν τὰ αἰδοῖα τοῦ πατρὸς εἰς τὴν θάλασσαν ἀφίησεν. (Apol. Biblio. 1.1.4) - Eles, então, com exceção de Oceano, partem (partiram) para o ataque: Crono *cortou* as genitais de seu pai e as *lançou* no mar.

No exemplo acima, o verbo “partem” está no presente, quebrando uma sequência de verbos empregados no passado (*cortar* e *lançar*, ambos em itálico). Ao longo dos três livros, é comum o autor incluir em alguns momentos esse presente histórico, principalmente no primeiro livro. Como toda língua, o grego antigo segue um conjunto de regras que compõem sua gramática, porém como é uma língua em uso durante séculos (desde 4000 a.C., até a Idade Média), repleta de diferentes dialetos e usada por inúmeros autores, cada texto novo exige a apreensão de um amplo e diferente vocabulário. Com Apolodoro não é diferente, porém o escopo lexical do autor é bastante repetitivo e a lista de sinônimos não é extensa. Por exemplo, no campo semântico *matar*, são recorrentes os seguintes verbos: κτείνω; ἀπόλλυμι; διαφθείρω, sendo o primeiro a preferência do autor. Ademais, por se tratar de uma obra com páginas e páginas de descrição de genealogias, o nascimento de deuses, reis e heróis é frequentemente descrito por meio de dois verbos: τεκνῶω, γεννᾶω (dar à luz).

Ex.1) Κατρώως δὲ τοῦ Μίνωος Αερόπη καὶ Κλυμένη καὶ Ἀπημοσύνη καὶ Ἀλθαμιμένης υἱὸς γίνονται. (Apol. *Biblio* 3.2.1) - De Catreu, filho de Minos, nasceram Érope, Clímene, Apemusine e seu filho Altêmene.

Ex.2) ὡς δ' ἐκράτησαν οἱ θεοὶ τῶν Γιγάντων, Γῆ μᾶλλον χολωθεῖσα μίγνυται Ταρτάρῳ, καὶ γεννᾷ Τυφῶνα ἐν Κιλικίᾳ (Apol. *Biblio*. 1.6.3) - Quando os deuses venceram os Gigantes, Gaia, ainda mais enfurecida, uniu-se ao Tártato e engendrou, na Cilícia, Tífon.

Ex.3) τῶν δὲ Αἰόλου παίδων Ἀθάμας, Βοιωτίας δυναστεύων, ἐκ Νεφέλης **τεκνοῖ** παῖδα μὲν Φοῖξον θυγατέρα δὲ Ἑλλην. (Apol. *Biblio*. 1.9.1) - Dentre os filhos de Éolo, Átamas governou a Beócia e de Néfele deu à luz seu filho Frixo e à filha Hélen.

Essa estética bastante uniforme e cristalizada sem dúvida auxilia o tradutor ao longo do processo tradutório, principalmente porque permite criar padrões de tradução no português para o texto grego. Dessa forma, a mesma identidade buscada e construída no original pode ser transportada à língua de tradução. Outro dado curioso da obra é o escopo desenhado pelo autor com relação a um determinado acontecimento. É muito comum, por exemplo, Apolodoro dedicar várias linhas de uma seção a um assunto secundário ao foco daquele momento e, no tema principal, tratar dele muito rapidamente. Por exemplo, na passagem em que Hércules vai em busca do javali de Erimanto (Apol. *Biblio*. 2.5.4) a seção toda tem um total de 34 linhas, porém dessas, somente 4 tratam da captura do animal, enquanto as demais narram aventuras secundárias, como a de Hércules com os centauros, que antecedem ao momento da captura do javali. Isso acontece mais de uma vez ou também, de forma semelhante, às vezes Apolodoro lança uma informação pouco ligada ao que vinha narrando ou ao que virá em sequência, um complemento aparentemente dispensável, como um nascimento de alguém ou um feito paralelo pouco difundido ou conhecido.

De qualquer forma, independe do viés pelo qual se analisa a obra de Apolodoro, *Biblioteca* deve ser vista como, acima de tudo, uma herança singular ao mundo ocidental, que deve enorme gratidão ao trabalho do autor graças ao qual somos capazes de edificar peças que compõem nossa identidade como herdeiros do

pensamento iniciado com os gregos.

5.3 As fontes em *Biblioteca*

Biblioteca é uma coletânea de mitos gregos apresentados paulatinamente, seguindo as genealogias que se estendem por toda narrativa. Ao longo do texto, Apolodoro deixa clara sua tentativa bem sucedida de imparcialidade, porque em diversos momentos recorre a outros autores que trataram do mesmo tema para comentar uma mesma passagem mitológica. Sobre as citações, inclusive, Apolodoro não seguiu um manual, segundo Van der Valk (1958), mas suas referências são, de fato, pontuais e manualmente buscadas pelo autor. Cabe considerarmos que essas fontes podem ser avaliadas de duas maneiras: uma delas é quanto àquelas mencionadas pelo próprio autor ao longo de sua narrativa, enquanto a outra é com base numa análise do próprio *corpus* em conjunto com o uso de ferramentas tecnológicas previamente apresentadas (capítulo 3). Com relação a essas fontes, algumas são mais conhecidas no contexto de autores gregos clássicos, outras, contudo, soam menos evidentes e as que encontramos citadas pelo nosso autor ao longo de seu texto são: Acusilau; Apolônio; Asclepiades; Ásio; Cástor; Cércopes; Demarato; Dionísio; Estesícoro; Êumelo; Eurípides; Ferecides; Hesíodo; Herodoro; Homero; Meleságoras; Paníasis; Píndaro; Telésila; trágicos em geral; o autor de *Alcmeônidas*; o autor de *Naupáticas* (Regressos); e pelo menos 34 vezes fontes não mencionadas explicitamente. Organizadas com base na frequência com que são mencionadas, resumimos essas referências da seguinte forma:

Ferecides – 12 vezes	Herodoro – 2 vezes	Ásio – 1 vez
Hesíodo – 12 vezes	Demarato – 1 vez	Estesícoro – 1 vez
Acusilau – 9 vezes	Dionísio – 1 vez	Meleságoras – 1 vez
Homero – 5 vezes	Cástor – 1 vez	Trágicos – 3 vezes
Êumelo – 4 vezes	Píndaro – 1 vez	<i>Alcmeônidas</i> – 1 vez
Eurípides - 4 vezes	Apolônio – 1 vez	<i>Naupáticas</i> – 1 vez
Paníasis - 3 vezes	Asclepiades – 1 vez	Demais – 34 vezes
Cércopes – 2 vezes	Telésila – 1 vez	

Dentre esses autores, não será necessário tecermos comentários a respeito de Homero, Píndaro, Eurípides e Hesíodo, uma vez que são bem mais conhecidos e seus

trabalhos muito mais explorados do ponto de vista acadêmico-científico. Com relação aos demais, cabem algumas menções, a fim de conhecermos mais sobre suas origens e obras. Primeiramente sobre os prosadores, Acusilau (550 – 500) a.C. foi um mitógrafo e é a mais antiga referência de Apolodoro depois de Homero e Hesíodo. Sua obra intitulada *Nostoi* chegou até nós em forma de fragmentos e não há uma tradução deles para o português. No entanto, com base nesses fragmentos, seu texto em prosa se ocupa também de uma genealogia dos deuses e heróis gregos, de uma forma simplesmente expositiva, sem que haja interferências do autor com análises ou interpretações dos mitos, por exemplo. O mais antigo autor grego a citá-lo em uma obra foi Platão, no *Banquete*, mencionado-o, contudo, uma única vez⁷. Apesar dessa escassa referência, acredita-se que sua obra seja muito próxima à de Hesíodo tanto na estética quanto no conteúdo e sua presença em Platão e também como fonte em Apolodoro sugere um prestígio quanto ao que produzira em seus textos. Com relação a Fecides, embora o tratemos pelo primeiro nome, houve dois autores Fecides na Grécia Antiga. Um deles foi o filósofo pré-socrático Fecides de Siro; e o segundo, a quem nos referimos aqui e cujos textos serviram de fonte a Apolodoro, é Fecides de Leros, que nasceu na ilha de Leros e posteriormente mudou-se para Atenas, ficando conhecido também como Fecides de Atenas. Seu texto também chegou até nós fragmentado, porém credita-se a ele uma *Teogonia* escrita em dez livros no dialeto jônico, pouco antes da Guerra do Peloponeso, tratando de narrativas como a dos Heráclidas. O último dos prosadores mencionados na obra de Apolodoro é Herodoro de Heracléia, a quem se atribui uma *Heracléia*, uma *Argonáutica* e uma *Pelopéia*, coletâneas essas que também foram se perdendo ao longo do tempo, restando apenas em fragmentos nos dias de hoje, sem tradução. Há uma referência a esse autor na obra *Vidas Paralelas - Teseu*⁸, de Plutarco, quando este trata da vida de Teseu. Esses três autores compõem o grupo dos mitógrafos citados nominalmente na obra de Apolodoro.

⁷ E com Hesíodo também concorda Acusilau. Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. (Plat. *Symp.* 178c)

⁸ Herodoro Pôntico conta que Hércules também ficava contente, se lhe aparecesse um abutre antes de iniciar um trabalho. PLUTARCO, *Vidas paralelas: Teseu e Rômulo*. Trad: Delfim F. Leão; Maria do Céu Fialho. Coleção Autores Gregos e Latinos, Série Textos. Coimbra, Portugal, 2008, p. 27

Com relação aos poetas referidos em *Biblioteca*, conforme mencionamos, algumas dessas citações não são nominais, mas feitas por meio da obra que lhes é creditada. As *Naupáticas*, por exemplo, têm uma origem muito antiga e pouco conhecida. Provavelmente eram poemas sobre os Argonautas escritos após Hesíodo. A *Tebaida* é posterior a Homero e contava com numerosos versos (7000 mil) sobre as lendas do ciclo tebano dentro do ciclo das Cíprias. A outra obra mencionada, *Alcmeônidas*, era uma continuação do ciclo homérico. Já Êumelo é considerado um contemporâneo de Hesíodo, um poeta lírico cujas composições falam das origens de Corinto, na obra *Corintíacas*, além de uma *Európia* e uma *Bugônia*. Ásio, por sua vez, escreveu sobre Hércules e é considerado um grande desenvolvedor do gênero de composição de genealogias. Paníasis de Halicarnasso escreveu 14 livros de Heracléia em versos (3 mil dísticos). Finalmente, Telésila de Argos (520-493 a.C) é autora de um hino coral a Apolo e a Ártemis. Os poetas trágicos, três vezes mencionados na narrativa, sempre aparecem de forma genérica, como no exemplo a seguir.

Ex.1) πρὶν δὲ τελευτῆσαι ἔγημε ὡς μὲν οἱ τραγικοὶ λέγουσι Κλυμένην τὴν Κατρώως (Apol. *Biblio.* 2.1.5) Antes de morrer, contudo, casou-se, segundo os poetas trágicos, com Clímene, filha de Catreu.

Não sabemos ao certo quem são eles e também não há outros indícios no texto que possam nos dar alguma pista sobre o nome dos poetas escolhidos pelo autor. Considerando o uso da construção no plural, Apolodoro nos permite inferir que o relato dado sobre aquele tema era compartilhado por mais de um poeta trágico, um senso comum entre eles, portanto, porém nomeá-los é uma tarefa impossível a nós. Ademais, ainda acerca das fontes menos conhecidas, Asclepiades de Trágilo, citado por Apolodoro, é um autor do século IV a.C., discípulo de Isócrates, que vivia em conflito com Filócoro. É de sua autoria a obra *Tragodúmena*, mencionada em *Biblioteca*, uma coletânea de seis livros em que o autor relaciona os mitos com as tragédias gregas. Mais um escritor grego citado foi Asclepsíades, que se mostra bastante questionador em seus textos, negligenciando as tradições e as lendas tal como chegaram a sua época. Já do século IV a.C. temos Demarato, autor de uma obra intitulada *Argonáuticas*, e Dionísio Esquitobráquion, cuja produção, datada entre 150 e 90 a.C., foi escrita em versos alexandrinos e tratou em seus livros de temas acerca

do deus Dioniso, das amazonas, Tróia e também dos argonautas. Apolodoro ainda cita outro autor do mesmo século, Dionísio de Samos, autor de *Ciclos*, 7 livros em que descreve a história dos deuses, a Guerra de Tróia e a viagem dos argonautas. Meleságoras foi um atidógrafo, autor responsável por compor histórias sobre a Ática em seu século. Finalmente, foi citado Cástor de Rodes, aluno da escola retórica de Rodes, autor de uma *Crônica*, que dá sequência à de Apolodoro de Atenas e aos órficos, escritos do século V a.C., que compilam opiniões religioso-filosóficas acerca da mitologia e religião antigas.

Esses são os autores mencionados por Apolodoro ao longo de sua narrativa, principalmente em momentos em que um mito narrado pelo autor apresenta diferentes versões em outros escritores. A ideia presente em *Biblioteca* é mostrar que embora nos conte uma versão, há outras possibilidades para uma mesma história, mostrando os autores em que podemos encontrar essas diferenças, reforçando o caráter expositivo de seu livro. Há poucas ocasiões em *Biblioteca* em que Apolodoro faz a citação literal ou parafraseada de alguma obra ou autor grego. Dentre elas, podemos destacar *O escudo*, de Hesíodo; o trecho das Argonáuticas, de Apolônio de Rodes; *A Erífila*, de Estesícoro (cujo conteúdo restou apenas em fragmentos) e a *Crônica*, de Cástor. É importante lembrar que embora essas menções sejam por vezes pontuais, isso não necessariamente implica que somente naquela passagem Apolodoro tenha feito referência a esses autores e suas obras, podendo ter usado o conteúdo de outros textos em outros momentos de sua própria composição. A fim de especificar uma dessas ocorrências, vejamos o exemplo a seguir:

Pass.3) Πίνδαρος δὲ καὶ Ἡσίοδος ἐν Ἀσπίδι ἐπὶ τοῦ Περσέως: “πᾶν δὲ μετάφρενον εἶχε κάρα δεινοῖο πελώρου/ Γοργοῦς, ἀμφὶ δέ μιν κίβισις θέε”. (Apol. *Biblio.* 2.4.2) - A respeito de Perseu, falam Píndaro e também Hesíodo, em *O escudo*, que bconta o seguinte: “Mas nas costas inteiras havia a cabeça de um monstro terrível, a Górgona, e a quíbis circundava-lhe a cintura”.

Como mencionamos, a citação literal é bem evidente quando ocorre na narrativa e ao mesmo tempo muito pouco recorrente. Resta-nos destacar, então, as muitas ocasiões (mais de trinta passagens), conforme adiantamos anteriormente, em que Apolodoro refere-se a diferentes versões de um mesmo mito citando fontes de

forma genérica, na maioria das vezes, por meio de pronomes indefinidos, tal qual nos exemplos abaixo.

Pass.4) ταύτην μὲν, ὡς ἔνιοι λέγουσιν, ἔφθειρε Προῖτος, ὅθεν αὐτοῖς καὶ ἡ στάσις ἐκινήθη: ὡς δὲ ἔνιοί φασι, Ζεὺς μεταμορφωθείς εἰς χρυσὸν καὶ διὰ τῆς ὀροφῆς εἰς τοὺς Δανάης εἰσρυεῖς κόλπους συνῆλθεν. (Apol. *Biblio.* 2.4.1)

- Alguns afirmam que Preto a seduziu, e foi quando a rivalidade entre eles dois foi incitada. Outros contam que Zeus teve relações com ela, transformado em ouro líquido que escorreu pelo telhado até o útero dela.

Pass.5) ὁ δ' Ὠρίων, ὡς μὲν ἔνιοι λέγουσιν, ἀνηρέθη δισκεύειν Ἄρτεμιν προκαλούμενος, ὡς δέ τινες, βιαζόμενος Ὀπιν μίαν τῶν ἐξ Ὑπερβορέων παραγενομένων παρθένων ὑπ' Ἀρτέμιδος ἐτοξεύθη. (Apol. *Biblio.* 1.4.5) - Órion, então, conforme afirmam alguns, foi morto após desafiar Ártemis numa disputa de discos, mas outros contam que ele foi flechado por Ártemis ao agir com violência contra Opis, uma das virgens vindas dos hiperbóreos.

O uso das formas *ἔνιος* e *τίς* e suas respectivas declinações são os recursos mais utilizados por Apolodoro para se referir a essas fontes genéricas, sobre as quais podemos levantar três hipóteses:

- a) elas se referem aos mesmos autores citados explicitamente em outros momentos da narrativa, porém por escolha de Apolodoro foram resumidas e construídas sob a forma de pronomes indefinidos;
- b) essas referências são a obras e autores diferentes daqueles mencionados pelo autor, ou por serem menos conhecidos, ou por serem considerados “menores” em sua época, e não citados nominalmente em outros momentos da narrativa;
- c) essas referências podem remeter ao senso comum da época do autor, ou seja, às versões oralmente difundidas pelas pessoas que sejam do conhecimento do autor.

Independentemente de qual hipótese for mais plausível, essas fontes genéricas em Apolodoro permanecem um verdadeiro enigma aos seus leitores dos dias atuais. O

que nos chama atenção é a quantidade de trabalhos com temáticas semelhantes na Antiguidade Clássicas e, infelizmente, não fosse a perda de todos esses materiais ao longo dos milhares de anos, muitos trabalhos comparativos e, provavelmente, mais informações sobre todo esse universo nos seriam mais acessíveis.

Há ainda reflexões a se fazer com base num levantamento feito acerca das referências contidas na tradução de Frazer (1921) e em nosso índice de notas gerado automaticamente (capítulo 4), a partir dos quais podemos estabelecer o predomínio de três autores cujas obras mais dialogam com Apolodoro, sendo eles: Hesíodo, Homero e Pausânias. Conforme vimos há pouco, embora existam outros vários autores também mencionados, como os tragediógrafos ou historiadores, esses possuem obras mais extensas e em versões completas, facilitando uma análise comparada. Hesíodo, assim como Ferecides, é o mais citado pelo próprio autor e da mesma forma é a fonte mais recorrente no livro I de *Biblioteca*, diminuindo consideravelmente nos livros II e III. O gráfico a seguir mostra a recorrência das citações do poeta épico em Frazer (1921)

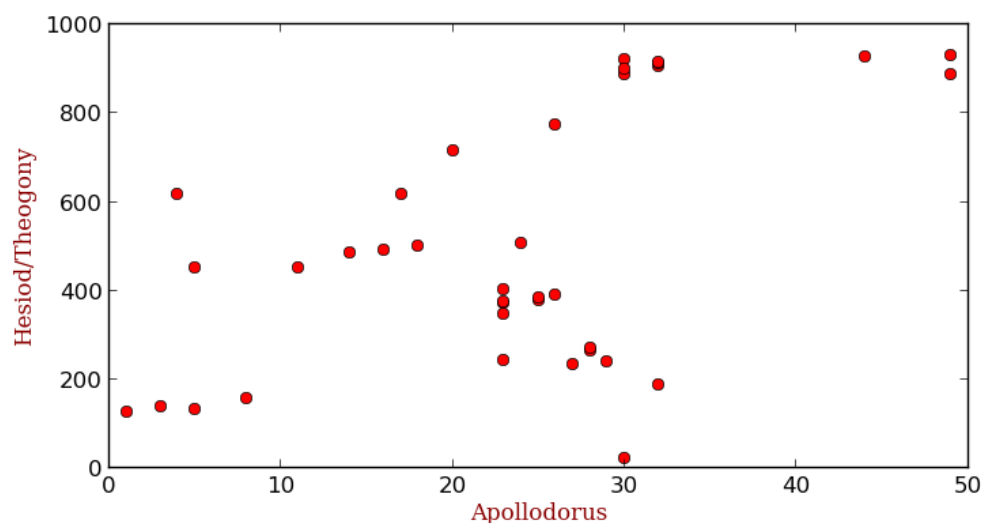


Imagem 25 – As citações de Hesíodo em Frazer (1921)

O eixo vertical representa a *Teogonia* de Hesíodo de forma crescente com relação às linhas. Já o eixo horizontal corresponde à obra de Apolodoro em sua totalidade, ou seja, os três livros. O mesmo levantamento foi feito com as citações de Homero retiradas da obra *Iliada*, por ser mais recorrente que *Odisséia*, e está representado no gráfico a seguir.

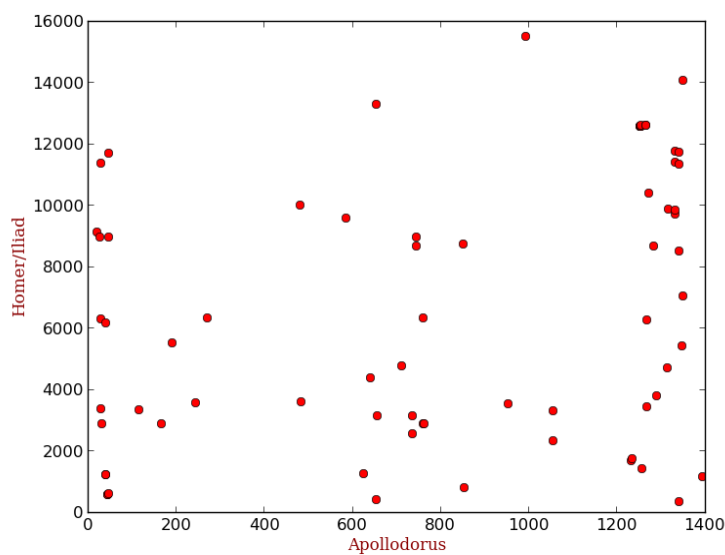


Imagem 26 – As citações de Homero em Frazer (1921)

Por fim, da mesma forma, as citações de Pausânias podem ser visualizadas próximo gráfico.

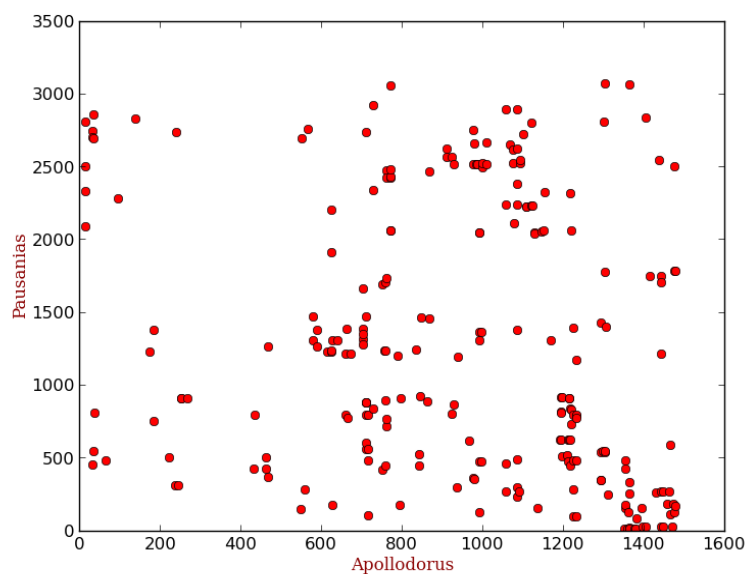


Imagem 27 – As citações de Pausânias Frazer (1921)

O que difere Hesíodo dos demais é o número crescente de citações de sua obra no livro I de *Biblioteca*, ou seja, Apolodoro, de fato, parece não só seguir Hesíodo quanto ao conteúdo de narrativa, mas também a mesma organização temporal dos eventos narrados. Há um aglomerado de citações ao final do livro I e no início do segundo livro que quebram rapidamente essa cronologia, porém esse fato se justifica

pelo fato de que Apolodoro apresenta uma narrativa mais extensa e com mais personagens do que a de Hesíodo, cujo foco temático é a origem dos deuses, em especial, a consolidação de Zeus como senhor do Panteão; por essa razão, muitos dos eventos que ele descreve ramificam-se em histórias que Hesíodo não aborda e, ao final delas, há um recuo na história, a fim de tratar dos personagens ignorados anteriormente. No caso desse exemplo, Apolodoro encerra sua teogonia e dá sequência à história de Deucalião e o dilúvio, previamente apresentada por Hesíodo, e esse intervalo ocorre porque o autor de *Biblioteca* se estende para além das narrativas mitológicas dos descendentes de Deucalião. Ademais, temos que levar em conta o *Catálogo de mulheres*, obra composta de muitos fragmentos em papiro que só foram publicados depois da edição de Frazer. A obra possui uma estrutura muito parecida com os Livros II e III de *Biblioteca*, o que nos sugere que Frazer não o conhecia tão bem como conhecemos hoje.

Por esse mesmo motivo, Hesíodo aparece menos nos livros II e III, uma vez que sua obra não abarca o mesmo conteúdo explorado por Apolodoro. Assim, Homero aparece com mais frequência de forma a dialogar com as narrativas de *Biblioteca* em momentos pincelados de seu poema épico. Já Pausânias, enquanto descreve a Grécia Antiga em sua extensa obra, por vezes se apoia nos mitos para contar a história de lugares de seu país e são esses os momentos cujas informações cruzam com a narrativa de Apolodoro. É interessante notarmos que mesmo que tenha tantas passagens em comum com o geógrafo, Apolodoro não o cita, o que aparentemente pode ser justificado por pertencerem ao mesmo século e, conseqüentemente, não terem tido contato com a obra do outro.

Diante dessa diferença de gênero narrativo, Hesíodo aparece de forma mais cronológica, visto que sua obra também é um poema narrativo mitológico, enquanto Homero e Pausânias inserem o mito num segundo plano dentro da narrativa: secundário à história de uma guerra e do retorno de um herói e à descrição geográfica de um país, respectivamente. Organizando, novamente, todos esses resultados, os gráficos a seguir resumem a quantidade de citações de cada um desses três autores ao longo dos 3 livros de *Biblioteca*.

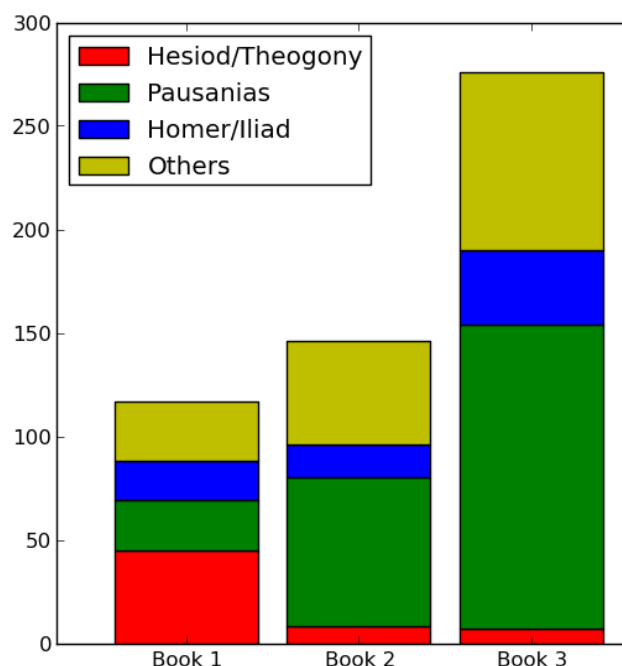


Imagem X – A distribuição de Hesíodo, Homero e Pausânias em Frazer (1921)

Reforçando o que extraímos dos gráficos elaborados acima, desconsiderando a obra *Catálogo de mulheres*, de Hesíodo, confirmamos a maioria de citações em Pausânias, porém aleatórias, assim como Homero, mais presentes nos dois últimos livros, e o predomínio de referências a Hesíodo no Livro I de *Biblioteca*, seguindo a mesma cronologia do poema épico, na mesma organização cronológica da narrativa, e menos recorrentes nos dois últimos livros, por não tratar do mesmo conteúdo e estender sua narrativa aos mesmos temas. Seria interessante fazer o mesmo levantamento com a obra de Ferecides, de mesmo gênero que *Biblioteca*, contudo há dois problemas a se considerar: a) sua obra está fragmentada, o que gera uma análise parcial dos resultados e b) ainda não há versão digitalizada de todos os fragmentos, o que impossibilita o levantamento de dados. Uma vez feitas todas essas considerações, apresentaremos a seguir a tradução em português da obra *Biblioteca*, com o intuito de trazer a todo um público interessado nessa temática dos mitos gregos uma tradução bastante acessível e fiel ao conteúdo original, fazendo as adequações necessárias do ponto de vista da forma. Com efeito, esperamos que todo o trabalho de Apolodoro, mesmo sob toda a neblina que oculta sua real identidade, e os mistérios que permeiam a composição de sua obra, forneça um amplo material literário-cultural e também

linguístico contribuindo para a ampliação do acervo de obras gregas traduzidas para o português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo tecemos comentários acerca de Apolodoro, buscando informações que nos ajudassem a esclarecer toda o enigma que gira em torno de sua origem e da data de publicação de seu trabalho. Além disso, mostramos um pouco dos principais traços de sua estética narrativa, bem como a divisão da obra e dos temas abordados por ele, separando-os nas genealogias dos deuses e das principais famílias da Grécia Antiga. Uma vez que *Biblioteca* é uma compilação de mitos gregos provavelmente escrita já no segundo século d.C., buscamos explorar as referências que o autor porventura utilizou para compor essa sua antologia de mitos, identificando tanto as fontes explicitamente citadas nas obras, como aquelas extraídas da edição comentada de Frazer (1921), analisando como estas se encontram diluídas na obra, de forma aleatória, como Homero e Pausânias, e numa mesma sequência cronológica, como em Hesíodo, porém não em mesma extensão temática. Finalmente, apresentamos uma versão impressa e traduzida dos três livros de *Biblioteca*, seguindo a mesma divisão do original, buscando a maior fidelidade possível ao conteúdo.

1.1.1

Οὐρανὸς πρῶτος τοῦ παντὸς
ἐδυνάστευσε κόσμου. γήμας δὲ Γῆν
ἐτέκνωσε πρῶτους τοὺς ἑκατόγχειρας
προσαγορευθέντας, Βριάρεων Γύην
Κόττον, οἱ μεγέθει τε ἀνυπέρβλητοι
καὶ δυνάμει καθειστήκεσαν, χεῖρας
μὲν ἀνὰ ἑκατὸν κεφαλὰς δὲ ἀνὰ
πεντήκοντα ἔχοντες.

1.1.2

μετὰ τούτους δὲ αὐτῷ τεκνοῖ Γῆ
Κύκλωπας, Ἄργην Στερόπην
Βρόντην, ὧν ἕκαστος εἶχεν ἓνα
ὀφθαλμὸν ἐπὶ τοῦ μετώπου. ἀλλὰ
τούτους μὲν Οὐρανὸς δήσας εἰς
Τάρταρον ἔρριψε (τόπος δὲ οὗτος
ἐρεβώδης ἐστὶν ἐν Ἄιδου, τοσοῦτον
ἀπὸ γῆς ἔχων διάστημα ὅσον ἀπ’
οὐρανοῦ γῆ)

1.1.3

τεκνοῖ δὲ αὐθις ἐκ Γῆς παιδας μὲν
τοὺς Τιτᾶνας προσαγορευθέντας,
Ὠκεανὸν Κοῖον Ὑπερίονα Κρεῖιον
Ἰαπετὸν καὶ νεώτατον ἀπάντων
Κρόνον, θυγατέρας δὲ τὰς κληθείσας
Τιτανίδας, Τηθὺν Ῥέαν Θέμιν
Μνημοσύνην Φοίβην Διώνην Θεΐαν.

1.1.4

ἀγανακτοῦσα δὲ Γῆ ἐπὶ τῇ ἀπωλείᾳ
τῶν εἰς Τάρταρον ῥιφέντων παιδῶν
πείθει τοὺς Τιτᾶνας ἐπιθέσθαι τῷ
πατρὶ, καὶ δίδωσιν ἀδαμαντίνην
ἄρπην Κρόνῳ. οἱ δὲ Ὠκεανοῦ χωρὶς
ἐπιτίθενται, καὶ Κρόνος ἀποτεμῶν τὰ
αἰδοῖα τοῦ πατρὸς εἰς τὴν θάλασσαν
ἀφίησεν. ἐκ δὲ τῶν σταλαγμῶν τοῦ
ῥέοντος αἵματος ἐρινύες ἐγένοντο,
Ἀληκτὼ Τισιφόνη Μέγαιρα. τῆς δὲ
ἀρχῆς ἐκβαλόντες τοὺς τε
καταταρταρωθέντας ἀνήγαγον
ἀδελφούς καὶ τὴν ἀρχὴν Κρόνῳ
παρέδοσαν.

1.1.1

Urano foi quem primeiro governou o mundo todo. Após se casar com Gaia, primeiro engendrou os chamados hecatônquiros: Briareu, Gies e Coto, que, possuindo cem mãos e cinquenta cabeças, apresentavam-se insuperáveis em estatura e força.

1.1.2

Depois desses, com Urano Gaia engendrou os ciclopes: Arges, Estéerope e Brontes, cada um dos quais tinha um olho em sua testa. Mas Urano os aprisionou e os enviou ao Tártaro (um lugar sombrio no Hades, tão distante da terra, quanto a terra do céu).

1.1.3

Novamente de Gaia, Urano gerou mais filhos, os chamados Titãs: Oceano, Ceo, Hiperión, Crio, Iápeto e o mais novo de todos, Crono; e gerou também filhas, as que foram chamadas Titânidas: Tétis, Réia, Têmis, Mnemosine, Febe, Dione e Téia.

1.1.4

Irritada com a destruição de seus filhos lançados ao Tártaro, Gaia convenceu os Titãs a investir contra o pai e entregou a Crono uma foice de aço. Eles, então, com exceção de Oceano, partiram para o ataque: Crono cortou as genitais de seu pai e as lançou no mar. Das gotas do sangue que ali fluía, nasceram as Erinias: Alecto, Tisífone e Megera. Depois de destronarem seu pai, os Titãs resgataram seus irmãos lançados no Tártaro e concederam a soberania a Crono.

1.1.5

ὁ δὲ τούτους μὲν <ἐν> τῷ Ταρτάρῳ
πάλιν δῆσας καθειῖρξε, τὴν δὲ
ἀδελφὴν Ῥέα γήμας, ἐπειδὴ Γῆ τε
καὶ Οὐρανὸς ἐθεσπιώδουν αὐτῷ
λέγοντες ὑπὸ παιδὸς ἰδίου τὴν
ἀρχὴν ἀφαιρεθήσεσθαι, κατέπιεν
τὰ γεννώμενα. καὶ πρώτην μὲν
γεννηθεῖσαν Ἑστίαν κατέπιεν,
εἶτα Δήμητραν καὶ Ἥραν, μεθ' ἧς
Πλούτωνα καὶ Ποσειδῶνα.

1.1.6

ὀργισθεῖσα δὲ ἐπὶ τούτοις Ῥέα
παραγίνεται μὲν εἰς Κρήτην,
ὀπηνίκα τὸν Δία ἐγκυμονοῦσα
ἐτύγχανε, γεννᾷ δὲ ἐν ἄντρῳ τῆς
Δίκτης Δία. καὶ τοῦτον μὲν δίδωσι
τρέφεσθαι Κούρησίν τε καὶ ταῖς
Μελισσέως παισὶ νύμφαις,
Ἀδραστεία τε καὶ Ἴδη.

1.1.7

αὐταὶ μὲν οὖν τὸν παῖδα ἔτρεφον
τῷ τῆς Ἀμαλθείας γάλακτι, οἱ δὲ
Κούρητες ἔνοπλοι ἐν τῷ ἄντρῳ τὸ
βρέφος φυλάσσοντες τοῖς δόρασι
τὰς ἀσπίδας συνέκρουον, ἵνα μὴ
τῆς τοῦ παιδὸς φωνῆς ὁ Κρόνος
ἀκούσῃ. Ῥέα δὲ λίθον
σπαργανώσασα δέδωκε Κρόνῳ
καταπιεῖν ὡς τὸν γεγεννημένον
παῖδα.

1.1.5

No entanto, Crono os aprisionou
Titãs, novamente, e os lançou ao
Tártaro. Casou-se com sua irmã, Réia e,
uma vez que Gaia e Urano lhe
proferiram um oráculo, dizendo que ele
seria destronado pelo próprio filho,
devorou sua prole. Crono devorou a
primogênita, Héstia, depois Deméter e
Hera e, depois delas, Plutão e Poseidon.

1.1.6

Enfurecida por causa disso, Réia
dirigiu-se a Creta, quando estava
grávida de Zeus, a quem deu à luz na
caverna de Dicte. Réia o entregou para
os Curetes e para as ninfas Adrastéia e
Ida, filhas de Melisseu, para criá-lo.

1.1.7

Elas, então, amamentaram a criança
com o leite de Amaltea; protegendo o
bebê na caverna, os Curetes, armados,
batiam suas lanças nos escudos, para
que Crono não ouvisse a voz da criança.
Réia, por sua vez, embrulhou uma pedra
com trapos e a entregou para Crono
engolir, como se fosse seu filho recém-
nascido.

1.2.1

ἐπειδὴ δὲ Ζεὺς ἐγενήθη τέλειος,
λαμβάνει Μῆτιν τὴν Ὠκεανοῦ
συνεργόν, ἣ δίδωσι Κρόνῳ
καταπιεῖν φάρμακον, ὑφ' οὗ
ἐκεῖνος ἀναγκασθεὶς πρῶτον μὲν
ἐξεμεῖ τὸν λίθον, ἔπειτα τοὺς
παῖδας οὓς κατέπιε: μεθ' ὧν Ζεὺς
τὸν πρὸς Κρόνον καὶ Τιτᾶνας
ἐξήνεγκε πόλεμον. μαχομένων δὲ
αὐτῶν ἐνιαυτοὺς δέκα ἢ Γῆ τῷ Διὶ
ἔχρησε τὴν νίκην, τοὺς
καταταρταρωθέντας ἂν ἔχη
συμμάχους: ὁ δὲ τὴν φρουροῦσαν
αὐτῶν τὰ δεσμὰ Κάμπην
ἀποκτείνας ἔλυσε. καὶ Κύκλωπες
τότε Διὶ μὲν διδόασι βροντὴν καὶ
ἀστραπὴν καὶ κεραυνόν,
Πλούτωνι δὲ κυνέην, Ποσειδῶνι δὲ
τρίαINAN: οἱ δὲ τούτοις
ὀπλισθέντες κρατοῦσι Τιτάνων,
καὶ καθειρξάντες αὐτοὺς ἐν τῷ
Ταρτάρῳ τοὺς ἐκατόγχειρας
κατέστησαν φύλακας. αὐτοὶ δὲ
διακληροῦνται περὶ τῆς ἀρχῆς, καὶ
λαγχάνει Ζεὺς μὲν τὴν ἐν οὐρανῷ
δυναστείαν, Ποσειδῶν δὲ τὴν ἐν
θαλάσῃ, Πλούτων δὲ τὴν ἐν
Ἄιδου.

1.2.2

ἐγένοντο δὲ Τιτάνων ἔκγονοι
Ὠκεανοῦ μὲν καὶ Τηθύος
Ὠκεανίδες, Ἀσία Στύξ Ἥλέκτρα
Δωρὶς Εὐρονόμη [Ἀμφιτρίτη]
Μῆτις, Κοίου δὲ καὶ Φοίβης
Ἄστερία καὶ Λητώ, Ὑπερίονος δὲ
καὶ Θείας Ἥως Ἥλιος Σελήνη,
Κρείου δὲ καὶ Εὐρυβίας τῆς
Πόντου Ἀστραῖος Πάλλας Πέρσης.

1.2.1

Quando Zeus se tornou adulto, tomou como sua ajudante Métis, filha do Oceano, que deu para Crono engolir um fármaco, devido ao qual, à força, ele vomitou, primeiro, a pedra e, em seguida, os filhos que havia devorado. Junto com eles, Zeus deu início à guerra contra Crono e os Titãs. Eles combateram por dez anos, até que Gaia profetizou a Zeus a vitória dele, caso tivesse como aliados aqueles outrora lançados no Tártaro: ele, então, assassinou o guardião Campe e soltou as correntes. Os Ciclopes deram a Zeus o trovão, a centelha e o raio; a Plutão, o elmo; e a Poseidon, o tridente: os três, equipados com essas armas, sobrepujaram os Titãs, aprisionaram-nos no Tártaro e colocaram como guardiões deles os Hecatônquiros. Os deuses sortearam os reinos e Zeus obteve o domínio sobre o céu; Poseidon, sobre o mar, e Plutão, sobre o Hades.

1.2.2

Dos Titãs nasceram filhos: de Oceano e Tétis nasceram as Oceânides: Ásia, Estige, Electra, Dóris, Eurínome, Anfitrite e Métis; de Ceo e Febe nasceram Astéria e Leto; Aurora, Hélio e Selene nasceram de Hipérion e Téia, e de Crio e Euríbia, filha de Ponto, nasceram Astraios, Palas e Perses.

1.2.3

Ἰαπετοῦ δὲ καὶ Ἀσίας Ἄτλας, ὃς
ἔχει τοῖς ὤμοις τὸν οὐρανόν, καὶ
Προμηθεὺς καὶ Ἐπιμηθεὺς καὶ
Μενοίτιος, ὃν κεραυνώσας ἐν τῇ
τιτανομαχίᾳ Ζεὺς
κατεταρτάρωσεν.

1.2.4

ἐγένετο δὲ καὶ Κρόνου καὶ
Φιλύρας Χείρων διφυῆς
Κένταυρος, Ἡοῦς δὲ καὶ Ἀστραίου
ἄνεμοι καὶ ἄστρα, Πέρσου δὲ καὶ
Ἀστερίας Ἑκάτη, Πάλλαντος δὲ
καὶ Στυγὸς Νίκη Κράτος Ζῆλος
Βία.

1.2.5

τὸ δὲ τῆς Στυγὸς ὕδωρ ἐκ πέτρας
ἐν Αἴδου ῥέον Ζεὺς ἐποίησεν
ὄρκον, ταύτην αὐτῇ τιμὴν διδούς
ἀνθ' ὧν αὐτῷ κατὰ Τιτάνων μετὰ
τῶν τέκνων συνεμάχησε.

1.2.6

Πόντου δὲ καὶ Γῆς Φόρκος Θαύμας
Νηρεὺς Εὐρυβία Κητώ. Θαύμαντος
μὲν οὖν καὶ Ἥλέκτρας Ἴρις καὶ
ἄρπυιαι, Ἀελλῶ <καὶ> Ὠκυπέτη,
Φόρκου δὲ καὶ Κητοῦς Φορκίδες
<καὶ> Γοργόνες, περὶ ὧν ἐροῦμεν
ὅταν τὰ κατὰ Περσέα λέγωμεν [...]

1.2.7

Νηρέως δὲ καὶ Δωρίδος Νηρηίδες,
ὧν τὰ ὀνόματα Κυμοθόη Σπειῶ
Γλαυκονόμη Ναυσιθόη Ἀλίη,
Ἐρατῶ Σαῶ Ἀμφιτρίτη Εὐνίκη
Θέτις, Εὐλιμένη Ἀγαυή Εὐδώρη
Δωτῶ Φέρουσα, Γαλάτεια Ἀκταΐη
Ποντομέδουσα Ἴπποθόη
Λυσιάνασσα, Κυμῶ Ἡιόνη
Ἀλιμήδη Πληξαύρη Εὐκράντη,
Πρωτῶ Καλυψῶ Πανόπη

1.2.3

De Iápeto e Ásia nasceu Atlas, que
mantém sobre os ombros o céu, e
também Prometeu, Epimeteu e
Menécio, quem, na guerra contra os
Titãs, Zeus fulminou com o raio e jogou
no Tártaro.

1.2.4

E de Crono e Fílira nasceu Quíron,
um centauro de natureza dupla; os
ventos e os astros nasceram de Aurora e
Astraiio; de Perses e Astéria nasceu
Hécate; e de Palas e Estige nasceram
Nice, Crato, Zelo e Bias.

1.2.5

Zeus criou um juramento pelas águas
de Estige, que fluíam de uma pedra no
Hades, oferecendo-lhe essa honra por
ela e os filhos terem lutado ao seu lado
na batalha contra os Titãs.

1.2.6

De Ponto (Mar) e Gaia nasceram
Fórcis, Taumas, Nereu, Euríbia e Ceto.
Já Íris e as Harpias Aelo e Ocípete
nasceram de Taumas e Electra; de
Fórcis e Ceto nasceram as Fórcides e as
Górgonas, acerca das quais trataremos
quando narrarmos as histórias de
Perseu.

1.2.7

De Nereu e Dóris nasceram as
Nereidas, cujos nomes eram: Cimótoe,
Espio, Glaucônome, Nausítoe, Hália,
Erato, Sao, Anfitrite, Eunice, Tétis,
Eulimene, Agave, Eudora, Doto,
Ferusa, Galatéia, Actéia, Pontomedusa,
Hipótoe, Lusianassa, Cimo, Eione,
Halimede, Plexaura, Eucrante, Proto,
Calipso, Pânope, Cranto,

Κραντώ Νεόμηρις, Ίππονόη
Ίάνειρα Πολυνόμη Αὐτονόη
Μελίτη, Διώνη Νησαίη Δηρῶ
Εὐαγόρη Ψαμάθη, Εὐμόλπη Ἴονη
Δυναμένη Κητῶ Λιμνώρεια.

Neomeris, Hipônoe, Ianira,
Polinome, Autônoe, Mélita, Dione,
Nessaia, Dero, Evâgora, Psâmata,
Eumolpe, Ione, Dinamene, Ceto,
Limnôria.

1.3.1

Ζεὺς δὲ γαμεῖ μὲν Ἥραν, καὶ
τεκνοῖ Ἥβην Εἰλείθυιαν Ἄρην,
μῖγνυται δὲ πολλαῖς θνηταῖς τε
καὶ ἀθανάτοις γυναιξίν. ἐκ μὲν
οὖν Θέμιδος τῆς Οὐρανοῦ γεννᾷ
θυγατέρας ὥρας. Εἰρήνην
Εὐνομίαν Δίκην, μοίρας, Κλωθῶ
Λάχεσιν Ἄτροπον, ἐκ Διώνης δὲ
Ἀφροδίτην, ἐξ Εὐρυνόμης δὲ τῆς
Ὠκεανοῦ χάριτας, Ἀγλαΐην
Εὐφροσύνην Θάλειαν, ἐκ δὲ
Στυγὸς Περσεφόνην, ἐκ δὲ
Μνημοσύνης μούσας, πρώτην μὲν
Καλλιόπην, εἶτα Κλειῶ
Μελπομένην Εὐτέρπην Ἐρατῶ
Τερψιχόρην Οὐρανίαν Θάλειαν
Πολυμνίαν.

1.3.2

Καλλιόπης μὲν οὖν καὶ Οἰάγρου,
κατ' ἐπὶ κλησιν δὲ Ἀπόλλωνος,
Λίνος, ὃν Ἡρακλῆς ἀπέκτεινε, καὶ
Ὀρφεὺς ὁ ἀσκήσας κιθαρωδίαν, ὃς
ἄδων ἐκίνει λίθους τε καὶ δένδρα.
ἀποθανούσης δὲ Εὐρυδίκης τῆς
γυναικὸς αὐτοῦ, δηχθείσης ὑπὸ
ὄφεως, κατήλθεν εἰς Ἄιδου θέλων
ἀνάγειν αὐτήν, καὶ Πλούτωνα
ἔπεισεν ἀναπέμψαι. ὁ δὲ ὑπέσχετο
τοῦτο ποιήσιν, ἂν μὴ
πορευόμενος Ὀρφεὺς ἐπιστραφῆ
πρὶν εἰς τὴν οἰκίαν αὐτοῦ
παραγενέσθαι: ὁ δὲ ἀπιστῶν
ἐπιστραφεὶς ἐθεάσατο τὴν
γυναῖκα, ἣ δὲ πάλιν ὑπέστρεψεν.
εὔρε δὲ Ὀρφεὺς καὶ τὰ Διονύσου
μυστήρια, καὶ τέθραπται περὶ τὴν
Πιερίαν διασπασθεὶς ὑπὸ τῶν
μαινάδων.

1.3.1

Zeus se casou com Hera e engendrou Hebe, Ilítia e Ares, mas se envolveu com muitas outras mulheres, tanto mortais quanto imortais. De Têmis, filha de Urano, teve filhas: as Estações, Irene (Paz), Eunômia (Ordem) e Dique (Justiça); e as Moiras, Cloto, Láquese e Átropos. De Dione deu à luz Afrodite; de Eurínome, filha do Oceano, gerou as Graças: Aglaia, Eufrosine e Tália; de Estige teve Perséfone; e de Mnemosine teve as musas, primeiro Calíope e depois Clio, Melpomene, Euterpe, Erato, Terpsícore, Urânia, Tália e Polímnia.

1.3.2

Então, de Calíope e Éagro, sobrenome de Apolo, nasceu Lino, quem Hércules matou, e Orfeu, citarista que com seu canto movia pedras e árvores. Depois da morte de sua esposa Eurídice, picada por uma cobra, foi até o Hades e desejando resgatá-la, e convenceu Plutão a enviá-la de volta à terra. O deus prometeu fazer isso, caso Orfeu, enquanto percorresse o caminho de volta, não se virasse para trás até chegar à casa dele. Orfeu, contudo, desobedecendo às ordens dadas, virou-se e contemplou sua mulher, que, por sua vez, retornou ao Hades. Orfeu também criou os mistérios de Dioniso e, depois de ser feito em pedaços pelas Mênades, foi sepultado na Piéria.

1.3.3

Κλειώ δὲ Πιέρου τοῦ Μάγνητος
ἠράσθη κατὰ μῆνιν Ἀφροδίτης
(ὠνείδισε γὰρ αὐτῇ τὸν τοῦ
Ἀδώνιδος ἔρωτα) , συνελθοῦσα δὲ
ἐγέννησεν ἐξ αὐτοῦ παῖδα
Ἰάκινθον, οὗ Θάμυρις ὁ
Φιλάμμωνος καὶ Ἀργιόπης νύμφης
ἔσχεν ἔρωτα, πρῶτος ἀρξάμενος
ἐρᾶν ἀρρένων. ἀλλ' Ἰάκινθον μὲν
ὑστερον Ἀπόλλων ἐρώμενον ὄντα
δίσκῳ βαλὼν ἄκων ἀπέκτεινε,
Θάμυρις δὲ κάλλει διενεγκῶν καὶ
κιθαρωδία περὶ μουσικῆς ἤρισε
μούσαις, συνθέμενος, ἂν μὲν
κρείττων εὐρεθῆ, πλησιάσειν
πάσαις, ἐὰν δὲ ἠττηθῆ,
στερηθήσεσθαι οὗ ἂν ἐκεῖναι
θέλωσι. καθυπέρτεραι δὲ αἱ
μοῦσαι γενόμεναι καὶ τῶν
ὀμμάτων αὐτὸν καὶ τῆς
κιθαρωδίας ἐστέρησαν.

1.3.4

Εὐτέρπης δὲ καὶ ποταμοῦ
Στυμόνος Ῥῆσος, ὃν ἐν Τροίᾳ
Διομήδης ἀπέκτεινεν: ὡς δὲ ἔνιοι
λέγουσι, Καλλιόπης ὑπῆρχεν.
Θαλείας δὲ καὶ Ἀπόλλωνος
ἐγένοντο Κορύβαντες,
Μελπομένης δὲ καὶ Ἀχελώου
Σειρήνες, περὶ ὧν ἐν τοῖς περὶ
Ὀδυσσέως ἐροῦμεν.

1.3.3

Clio apaixonou-se por Piero, filho de Magnas, por causa da cólera de Afrodite (a quem ela repreendeu em virtude da paixão da deusa por Adônis) e deitando-se com ele, deu à luz seu filho Jacinto, por quem Tâmiris, filho de Filámon e da ninfa Argíope, apaixonou-se, sendo o primeiro a amar um homem. Posteriormente, entretanto, Apolo que também amava Jacinto matou-o, involuntariamente, depois que atirou nele um disco. Tâmiris, que excedia em beleza e na habilidade com a cítara, propôs um acordo e travou uma disputa musical com as musas: caso ganhasse, poderia juntar-se a todas elas; caso perdesse, seria privado daquilo que elas determinassem. Depois de vencerem, as musas privaram-no da visão e da habilidade de citaredo

1.3.4

De Euterpe e do rio Estrímon nasceu Reso, quem, em Tróia, Diomedes assassinou. Também dizem que era filho de Calíope. Já os Coribantes nasceram de Tália e Apolo, e de Melpómene e Aqueloo nasceram as sereias, sobre as quais falaremos nas passagens sobre Odisseu.

1.3.5

Ἥρα δὲ χωρὶς εὐνῆς ἐγέννησεν
Ἥφαιστον: ὡς δὲ Ὅμηρος λέγει,
καὶ τοῦτον ἐκ Διὸς ἐγέννησε.
ὀίπτει δὲ αὐτὸν ἐξ οὐρανοῦ Ζεὺς
Ἥρα δεθείση βοηθοῦντα: ταύτην
γὰρ ἐκρέμασε Ζεὺς ἐξ Ὀλύμπου
χειμῶνα ἐπιπέμφασαν Ἥρακλει,
ὅτε Τροίαν ἐλὼν ἔπλει. πεσόντα δ'
Ἥφαιστον ἐν Λήμνῳ καὶ
πηρωθέντα τὰς βάσεις διέσωσε
Θέτις.

1.3.6

μίγνυται δὲ Ζεὺς Μήτιδι,
μεταβαλλούσῃ εἰς πολλὰς ἰδέας
ὑπὲρ τοῦ μὴ συνελθεῖν, καὶ αὐτὴν
γενομένην ἔγκυον καταπίνει
φθάσας, ἐπεὶπερ ἔλεγε <Γῆ>
γεννήσειν παῖδα μετὰ τὴν
μέλλουσαν ἐξ αὐτῆς γεννᾶσθαι
κόρην, ὃς οὐρανοῦ δυνάστης
γενήσεται. τοῦτο φοβηθεὶς
κατέπιεν αὐτήν: ὡς δ' ὁ τῆς
γεννήσεως ἐνέστη χρόνος,
πλήξαντος αὐτοῦ τὴν κεφαλὴν
πελέκει Προμηθέως ἢ καθάπερ
ἄλλοι λέγουσιν Ἥφαιστου, ἐκ
κορυφῆς, ἐπὶ ποταμοῦ Τρίτωνος,
Ἀθηνᾶ σὺν ὅπλοις ἀνέθορεν.

1.3.5

Hera deu à luz Hefesto, sem núpcias,
mas conforme afirma Homero, ela
também o pariu de Zeus, que o atirou do
céu por ele ter socorrido Hera, ainda
aprisionada. Zeus a suspendeu do
Olimpo, depois que ela enviou uma
tempestade sobre Hércules quando
navegava, logo após conquistar Tróia.
Depois que Hefesto caiu em Lemnos e
teve as pernas aleijadas, Tétis o
resgatou.

1.3.6

Zeus teve relações com Métis, que
assumia diversas formas, para que ele
não a abraçasse. Depois que ela ficou
grávida, Zeus rapidamente a engoliu,
uma vez que Gaia dissera que depois de
parir a filha prestes a nascer, Métis daria
a luz a um filho que se tornaria senhor
do céu. Temendo isso, Zeus a devorou:
dessa forma, transcorrido o tempo de
gestação, Prometeu, ou Hefesto,
segundo alguns, golpeou a cabeça de
Zeus com um machado e do alto dela,
no rio Tritão, emergiu Atena, provida de
armas.

1.4.1

τῶν δὲ Κοίου θυγατέρων Ἀστερία
μὲν ὁμοιωθεῖσα ὄρτυγι ἑαυτὴν εἰς
θάλασσαν ἔρριψε, φεύγουσα τὴν
πρὸς Δία συνουσίαν: καὶ πόλις ἀπ’
ἐκείνης Ἀστερία πρότερον
κληθεῖσα, ὕστερον δὲ Δῆλος. Λητώ
δὲ συνελθοῦσα Διὶ κατὰ τὴν γῆν
ἄπασαν ὑφ’ Ἥρας ἠλαύνετο,
μέχρις εἰς Δῆλον ἐλθοῦσα γεννᾷ
πρώτην Ἄρτεμιν, ὑφ’ ἧς
μαιωθεῖσα ὕστερον Ἀπόλλωνα
ἐγέννησεν.

Ἄρτεμις μὲν οὖν τὰ περὶ θήραν
ἀσκήσασα παρθένος ἔμεινεν,
Ἀπόλλων δὲ τὴν μαντικὴν μαθὼν
παρὰ Πανὸς τοῦ Διὸς καὶ Ὑβρεως
ἤκεν εἰς Δελφούς, χρησμοδούσης
τότε Θέμιδος: ὡς δὲ ὁ φρουρῶν τὸ
μαντεῖον Πύθων ὄφεις ἐκάλυεν
αὐτὸν παρελθεῖν ἐπὶ τὸ χάσμα,
τοῦτον ἀνελὼν τὸ μαντεῖον
παραλαμβάνει. κτείνει δὲ μετ’ οὐ
πολὺ καὶ Τιτυόν, ὃς ἦν Διὸς υἱὸς
καὶ τῆς Ὀρχομενοῦ θυγατρὸς
Ἑλάρης, ἦν Ζεὺς, ἐπειδὴ συνῆλθε,
δείσας Ἥραν ὑπὸ γῆν ἔκρυψε, καὶ
τὸν κυοφορηθέντα παῖδα Τιτυὸν
ὑπερμεγέθη εἰς φῶς ἀνήγαγεν.
οὗτος ἐρχομένην εἰς Πυθῶ Λητώ
θεωρήσας, πόθῳ κατασχεθεὶς
ἐπισπᾶται: ἡ δὲ τοὺς παῖδας
ἐπικαλεῖται καὶ κατατοξεύουσιν
αὐτόν. κολάζεται δὲ καὶ μετὰ
θάνατον: γῦπες γὰρ αὐτοῦ τὴν
καρδίαν ἐν Ἄιδου ἐσθίουσι

1.4.1

Dentre as filhas de Ceo, Astéria foi transformada em uma codorna e se jogou no mar, escapando da união sexual com Zeus: por causa dela, primeiro a cidade foi chamada Astéria e, posteriormente, Delos. Leto uniu-se com Zeus e foi perseguida por Hera por toda a terra, até chegar a Delos e engendrar, primeiro, Ártemis, com cuja ajuda, depois, pariu Apolo.

Ártemis, então, praticou a arte da caça e manteve-se virgem; já Apolo aprendeu a arte da adivinhação com Pan, filho de Zeus e Híbris, e veio para Delfos, onde Têmis fornecia oráculos: como a serpente Píton guardava o oráculo e o impedia de chegar perto, ele a matou e se apoderou do oráculo. Pouco tempo depois matou também Tício, filho de Zeus e Elares, filha de Orcômeno, quem Zeus, depois de deitar-se com ela, escondeu sob a terra, temendo Hera. Ela deu à luz um filho, Tício, de tamanho monstruoso. Tício foi para Pito e, após contemplar Leto, puxou-a para si, dominado pelo desejo: ela, por sua vez, chamou os filhos dela, que atiraram flechas nele. Castigado após a morte, no Hades, abutres devoram o coração dele.

1.4.2

ἀπέκτεινε δὲ Ἀπόλλων καὶ τὸν Ὀλύμπου παῖδα Μαρσύαν. οὗτος γὰρ εὐρών ἀλύος, οὗς ἔρριψεν Ἀθηναῖα διὰ τὸ τὴν ὄψιν αὐτῆς ποιεῖν ἄμορφον, ἦλθεν εἰς ἔριν περὶ μουσικῆς Ἀπόλλωνι. συνθεμένων δὲ αὐτῶν ἵνα ὁ νικήσας ὁ βούλεται διαθῆ τὸν ἠττημένον, τῆς κρίσεως γινομένης τὴν κιθάραν στρέψας ἠγωνίζετο ὁ Ἀπόλλων, καὶ ταῦτὸ ποιεῖν ἐκέλευσε τὸν Μαρσύαν: τοῦ δὲ ἀδυνατοῦντος εὐρεθεὶς κρείστων ὁ Ἀπόλλων, κρεμάσας τὸν Μαρσύαν ἔκ τινος ὑπερτενοῦς πίτυος, ἐκτεμών τὸ δέρμα οὕτως διέφθειρεν.

1.4.3

Ὠρίωνα δὲ Ἄρτεμις ἀπέκτεινεν ἐν Δήλῳ. τοῦτον γηγενῆ λέγουσιν ὑπερμεγέθη τὸ σῶμα: Φερεκίδης δὲ αὐτὸν Ποσειδῶνος καὶ Εὐρυάλης λέγει. ἐδωρήσατο δὲ αὐτῷ Ποσειδῶν διαβαίνειν τὴν θάλασσαν. οὗτος πρώτην μὲν ἔγημε Σίδην, ἣν ἔρριψεν εἰς Ἄιδου περὶ μορφῆς ἐρίσασαν Ἥρα: αὐθις δὲ ἐλθὼν εἰς Χίον Μερόπην τὴν Οἰνοπίωνος ἐμνηστεύσατο. μεθύσας δὲ Οἰνοπίων αὐτὸν κοιμώμενον ἐτύφλωσε καὶ παρὰ τοῖς αἰγιαλοῖς ἔρριψεν. ὁ δὲ ἐπὶ τὸ Ἥφαιστου χαλκεῖον ἐλθὼν καὶ ἀρπάσας παῖδα ἕνα, ἐπὶ τῶν ὤμων ἐπιθέμενος ἐκέλευσε ποδηγεῖν πρὸς τὰς ἀνατολάς. ἐκεῖ δὲ παραγενόμενος ἀνέβλεψεν ἔξακροθεὶς ὑπὸ τῆς ἡλιακῆς ἀκτίνος, καὶ διὰ ταχέων ἐπὶ τὸν Οἰνοπίωνα ἔσπευδεν.

1.4.2

Apolo matou o filho de Olimpo, Mársias, que, logo após descobrir as flautas que Atena descartara por terem deformado o rosto dela, entrou em uma disputa musical contra Apolo. Ambos fizeram um acordo para que o vencedor exercesse sua vontade sobre o derrotado e, assim, iniciaram o embate. Apolo manuseou sua cítara na disputa e impeliu Mársias a fazer o mesmo: este, contudo, não era capaz. Superior, Apolo o matou, arrancou-lhe a pele e o pendurou em um alto pinheiro.

1.4.3

Ártemis, então, matou Órion, em Delos, que segundo afirmam nasceu da terra e era detentor de um corpo gigantesco. Ferecides diz que ele era filho de Euriale e Poseidon, que o presenteou com a capacidade de atravessar o mar.

Primeiro ele se casou com Side, que Hera lançou no Hades, após rivalizá-la em beleza; em seguida, a caminho de Quio, desposou Mérope, filha de Enópion, que o embebedou, cegou-o depois que ele dormiu e o jogou na orla da praia. Dirigindo-se ao caldeirão de Hefesto, após raptar uma criança e colocá-la nos ombros, Órion pediu para ele conduzi-lo ao nascer do sol. Chegando lá, olhou para cima e, curado pelos raios do sol, apressou-se a toda velocidade em direção a Enópion.

1.4.4

ἀλλὰ τῷ μὲν Ποσειδῶν
ἠφαιστότευκτον ὑπὸ γῆν
κατεσκεύασεν οἶκον, Ὠρίωνος δ'
Ἥως ἐρασθεῖσα ἤρπασε καὶ
ἐκόμισεν εἰς Δῆλον: ἐποίει γὰρ
αὐτὴν Ἀφροδίτη συνεχῶς ἐρᾶν, ὅτι
Ἄρει συνευνάσθη.

1.4.5

ὁ δ' Ὠρίων, ὡς μὲν ἔνιοι λέγουσιν,
ἀνηρέθη δισκεύειν Ἄρτεμιν
προκαλούμενος, ὡς δέ τινες,
βιαζόμενος Ὠπιν μίαν τῶν ἐξ
Ἵπερβορέων παραγενομένων
παρθένων ὑπ' Ἀρτέμιδος
ἐτοξεύθη.

Ποσειδῶν δὲ Ἀμφιτρίτην τὴν
Ὠκεανοῦ γαμεῖ, καὶ αὐτῷ γίνεται
Τρίτων καὶ Ῥόδη, ἣν Ἥλιος ἔγημε.

1.4.4

Então, para ele, Poseidon aprontou uma casa subterrânea forjada por Hefesto. Aurora, tomada de amor por Órion, raptou-o e o levou a Delos: pois Afrodite fê-la ficar para sempre apaixonada, já que Aurora outrora havia se deitado com Ares.

1.4.5

Órion, então, conforme afirmam alguns, foi morto após desafiar Ártemis numa disputa de discos; mas outros contam que ele foi flechado por Ártemis por ser violento com Ópis, uma das virgens vindas dos hiperbóreos.

Já Poseidon se casou com Anfitrite, filha de Oceano, e teve os filhos Trítion e Rode, com quem Hélio se casou.

1.5.1

Πλούτων δὲ Περσεφόνης ἔρασθεις
 Διὸς συνεργοῦντος ἤρπασεν
 αὐτὴν κρύφα. Δημήτηρ δὲ μετὰ
 λαμπάδων νυκτός τε καὶ ἡμέρας
 κατὰ πᾶσαν τὴν γῆν ζητοῦσα
 περιήει: μαθοῦσα δὲ παρ’
 Ἑρμιονέων ὅτι Πλούτων αὐτὴν
 ἤρπασεν, ὀργιζομένη θεοῖς
 κατέλιπεν οὐρανόν, εἰκασθεῖσα δὲ
 γυναικὶ ἦκεν εἰς Ἐλευσίνα. καὶ
 πρῶτον μὲν ἐπὶ τὴν ἀπ’ ἐκείνης
 κληθεῖσαν Ἀγέλαστον ἐκάθισε
 πέτρῳ παρὰ τὸ Καλλίχορον
 φρέαρ καλούμενον, ἔπειτα πρὸς
 Κελεὸν ἐλθοῦσα τὸν βασιλεύοντα
 τότε Ἐλευσινίων, ἔνδον οὐσῶν
 γυναικῶν, καὶ λεγουσῶν τούτων
 παρ’ αὐτὰς καθέζεσθαι, γραῖά τις
 Ἰάμβη σκώψασα τὴν θεὸν ἐποίησε
 μειδιᾶσαι. διὰ τοῦτο ἐν τοῖς
 θεσμοφορίοις τὰς γυναικῶν
 σκώπτειν λέγουσιν.

ὄντος δὲ τῆ τοῦ Κελεοῦ γυναικὶ
 Μετανείρᾳ παιδίου, τοῦτο ἔτρεφεν
 ἡ Δημήτηρ παραλαβοῦσα:
 βουλομένη δὲ αὐτὸ ἀθάνατον
 ποιῆσαι, τὰς νύκτας εἰς πῦρ
 κατετίθει τὸ βρέφος καὶ περιήρει
 τὰς θνητὰς σάρκας αὐτοῦ. καθ’
 ἡμέραν δὲ παραδόξως
 ἀξανομένου τοῦ Δημοφῶντος
 (τοῦτο γὰρ ἦν ὄνομα τῷ παιδί)
 ἐπετήρησεν ἡ Πραξιθέα, καὶ
 καταλαβοῦσα εἰς πῦρ
 ἐγκεκρυμμένον ἀνεβόησε: διόπερ
 τὸ μὲν βρέφος ὑπὸ τοῦ πυρός
 ἀνηλώθη, ἡ θεὰ δὲ αὐτὴν ἐξέφηνε.

1.5.1

Plutão se apaixonou por Perséfone e a levou secretamente com a ajuda de Zeus. Deméter, dia e noite, com tochas, saía para procurá-la por toda a terra, até que soube de Hermíone que Plutão a raptara; furiosa com os deuses, deixou os céus, assumiu a forma de uma mulher e foi para Elêusis. Primeiro, sentou-se na pedra que, por causa dela, foi chamada de Agélasto (aquela que não sorri), próxima à chamada fonte artificial de Calícoro. Em seguida, foi até Céleo, o então rei dos eleusinos. Havia mulheres dentro da casa, que a convidaram para sentar-se juntas a elas. Uma mulher já de idade, Iambe, divertiu a deusa e a fez sorrir. Dizem que, por causa disso, Iambe passou a entreter as mulheres no Templo de Deméter, nas Tesmofórias.

Metanira, a esposa de Céleo, deu à luz um filho que Deméter acolheu e criou. Desejando tornar a criança imortal, durante a noite a deusa colocava o bebê no fogo e removia-lhe a carne mortal. Uma vez que durante o dia Demofonte (pois era assim chamado) crescia surpreendentemente, Praxitéia passou a observá-lo e ao surpreendê-lo envolvido pelo fogo, gritou: dessa forma, o bebê foi consumido pelas chamas, e a deusa se revelou.

1.5.2

Τριπτολέμῳ δὲ τῷ πρεσβυτέρῳ
τῶν Μετανείρας παίδων δίφρον
κατασκευάσασα πτηνῶν
δρακόντων τὸν πυρὸν ἔδωκεν, ᾧ
τὴν ὅλην οἰκουμένην δι' οὐρανοῦ
αἰρόμενος κατέσπειρε. Πανύσις
δὲ Τριπτόλεμον Ἐλευσίνοσ λέγει:
φησὶ γὰρ Δήμητρα πρὸς αὐτὸν
ἔλθεῖν. Φερεκύδης δὲ φησιν αὐτὸν
Ὠκεανοῦ καὶ Γῆς.

1.5.3

Διὸς δὲ Πλούτωνι τὴν Κόρην
ἀναπέμψαι κελεύσαντος, ὁ
Πλούτων, ἴνα μὴ πολὺν χρόνον
παρὰ τῇ μητρὶ καταμείνη, ῥοιᾶς
ἔδωκεν αὐτῇ φαγεῖν κόκκον. ἡ δὲ
οὐ προϊδομένη τὸ συμβησόμενον
κατηνάλωσεν αὐτόν.
καταμαρτυρήσαντος δὲ αὐτῆς
Ἀσκαλάφου τοῦ Ἀχέροντος καὶ
Γοργύρας, τούτῳ μὲν Δημήτηρ ἐν
Ἄιδου βαρεῖαν ἐπέθηκε πέτραν,
Περσεφόνη δὲ καθ' ἕκαστον
ἐνιαυτὸν τὸ μὲν τρίτον μετὰ
Πλούτωνος ἠναγκάσθη μένειν, τὸ
δὲ λοιπὸν παρὰ τοῖς θεοῖς.

1.5.2

Para Triptólemo, o filho mais velho de Metanira, Deméter construiu uma carruagem de serpentes aladas e lhe forneceu o trigo, com o qual ele, elevando-se ao céu, semeou toda terra habitada. Paníase diz que Triptólemo era filho de Elêusis e afirma, portanto, que Deméter veio até ele. Ferecides, por sua vez, conta que Triptólemo era filho de Oceano e Gaia.

1.5.3

Zeus ordenou a Plutão que enviasse Cora (Perséfone) para a terra, mas o deus dos mortos, para que ela não ficasse muito tempo com a mãe dela, deu-lhe de comer uma semente de romã. Não prevendo o resultado, ela a engoliu. Como Ascalafo, filho de Aqueronte e Górgira, testemunhou contra Perséfone, Deméter jogou sobre ele uma pesada pedra no Hades. Já Perséfone foi forçada a permanecer durante um terço do ano com Plutão e o restante do tempo junto aos deuses.

1.6.1

περὶ μὲν οὖν Δήμητρος ταῦτα
λέγεται: Γῆ δὲ περὶ Τιτάνων
ἀγανακτοῦσα γεννᾷ Γίγαντας ἐξ
Οὐρανοῦ, μεγέθει μὲν σωμαίων
ἀνυπερβλήτους, δυνάμει δὲ
ἀκαταγωνίστους, οἱ φοβεροὶ μὲν
ταῖς ὄψεσι κατεφαίνοντο,
καθειμένοι βαθειᾶν κόμην ἐκ
κεφαλῆς καὶ γενείων, εἶχον δὲ τὰς
βάσεις φολίδας δρακόντων.
ἐγένοντο δέ, ὡς μὲν τινες
λέγουσιν, ἐν Φλέγραις, ὡς δὲ
ἄλλοι, ἐν Παλλήνῃ. ἠκόντιζον δὲ
εἰς οὐρανὸν πέτρας καὶ δρυὸς
ἡμμένας. διέφερον δὲ πάντων
Πορφυρίων τε καὶ Ἀλκυονεύς, ὃς
δὴ καὶ ἀθάνατος ἦν ἐν ἧπερ
ἐγεννήθη γῆ μαχόμενος. οὗτος δὲ
καὶ τὰς Ἥλιου βόας ἐξ Ἐρυθρίας
ἤλασε. τοῖς δὲ θεοῖς λόγιον ἦν ὑπὸ
θεῶν μὲν μηδένα τῶν Γιγάντων
ἀπολέσθαι δύνασθαι,
συμμαχοῦντος δὲ θνητοῦ τινος
τελευτήσειν. αἰσθομένη δὲ Γῆ
τοῦτο ἐζήτει φάρμακον, ἵνα μηδ'
ὑπὸ θνητοῦ δυνηθῶσιν
ἀπολέσθαι. Ζεὺς δ' ἀπειπῶν
φαίνειν Ἡοῖ τε καὶ Σελήνῃ καὶ
Ἥλίῳ τὸ μὲν φάρμακον αὐτὸς
ἔτεμε φθάσας, Ἡρακλέα δὲ
σύμμαχον δι' Ἀθηνᾶς
ἐπεκαλέσατο. κἀκεῖνος πρῶτον
μὲν ἐτόξευσεν Ἀλκυονέα: πίπτων
δὲ ἐπὶ τῆς γῆς μάλλον
ἀνεθάλπετο: Ἀθηνᾶς δὲ
ὑποθεμένης ἔξω τῆς Παλλήνης
εἴλκυσεν αὐτόν.

1.6.1

Sobre Deméter, então, contam-se essas histórias. Já Gaia, irritada por causa dos Titãs, de Urano deu à luz os Gigantes que, indestrutíveis na magnitude de seus corpos e invencíveis em poder, revelavam aparência terrível com seus longos cabelos que caíam-lhe da cabeça e queixos, e tinham pés de escamas de dragões. Segundo alguns contam, nasceram em Flegras ou, para outros, em Palene; jogavam para o céu pedras e carvalhos inflamados. Superiores a todos os outros eram Porfirion e Alcioneu; este, inclusive, lutando na terra onde nascera, era imortal. Ele também conduziu da Euritéia as vacas de Hélio.

Os deuses tinham um oráculo segundo o qual nenhum dos gigantes seria capaz de perecer pelas mãos dos deuses, mas findariam com algum mortal aliando-se aos deuses. Consciente disso, Gaia buscou um remédio para que aqueles não pudessem ser destruídos por um mortal. Zeus, então, proibiu Aurora, Hélio e Selene de brilhar; antecipando-se, ele próprio extraiu a droga medicinal e, por meio de Atena chamou Hércules para ajudá-lo. Este primeiro atirou uma flecha em Alcioneu que, ao cair sobre a terra, revigorou-se. Aconselhado por Atena, Hércules o arrastou para fora de Palene.

1.6.2

κάκεινος μὲν οὕτως ἐτελεύτα,
 Πορφυριῶν δὲ Ἡρακλεῖ κατὰ τὴν
 μάχην ἐφόρμησε καὶ Ἥρα. Ζεὺς
 δὲ αὐτῷ πόθον Ἥρας ἐνέβαλεν,
 ἥτις καὶ καταρρηγνύντος αὐτοῦ
 τοὺς πέπλους καὶ βιάζεσθαι
 θέλοντος βοηθούς ἐπεκαλεῖτο: καὶ
 Διὸς κεραυνώσαντος αὐτὸν
 Ἡρακλῆς τοξεύσας ἀπέκτεινε. τῶν
 δὲ λοιπῶν Ἀπόλλων μὲν Ἐφιάλτου
 τὸν ἀριστερόν ἐτόξευσε
 ὀφθαλμόν, Ἡρακλῆς δὲ τὸν
 δεξιόν: Εὐρυτον δὲ θύρσῳ
 Διόνυσος ἔκτεινε, Κλυτίον δὲ
 δασὶν Ἐκάτη, Μίμαντα δὲ
 Ἥφαιστος βαλὼν μύδροις. Ἀθηνᾶ
 δὲ Ἐγκελάδῳ φεύγοντι Σικελίαν
 ἐπέρριψε τὴν νῆσον, Πάλλαντος
 δὲ τὴν δορὰν ἐκτεμοῦσα ταύτη
 κατὰ τὴν μάχην τὸ ἴδιον ἐπέσκεπε
 σῶμα. Πολυβώτης δὲ διὰ τῆς
 θαλάσσης διωχθεὶς ὑπὸ τοῦ
 Ποσειδῶνος ἦκεν εἰς Κῶ:
 Ποσειδῶν δὲ τῆς νήσου μέρος
 ἀπορρήξας ἐπέρριψεν αὐτῷ, τὸ
 λεγόμενον Νίσυρον. Ἑρμῆς δὲ τὴν
 Ἄιδος κυνὴν ἔχων κατὰ τὴν μάχην
 Ἴππόλυτον ἀπέκτεινε, Ἄρτεμις δὲ
 † Γρατίωνα, μοῖραι δ' Ἄγριον καὶ
 Θόωνα χαλκείοις ῥοπάλοις
 μαχόμεναι τοὺς δὲ ἄλλους
 κεραυνοῖς Ζεὺς βαλὼν διέφθειρε:
 πάντα δὲ Ἡρακλῆς
 ἀπολλυμένους ἐτόξευσε.

1.6.2

Assim morreu Alcioneu. Durante o
 combate, Porfirion atacou Héracles e
 Hera. Zeus incutiu no gigante o desejo
 por Hera, que pediu ajuda assim que ele
 rasgou-lhe as túnicas, querendo tomá-la
 à força. Zeus o fulminou com o raio e
 Héracles o matou a flechadas.

Dentre os gigantes restantes, Apolo
 atirou flechas no olho esquerdo de
 Efiáltes, e Héracles, no direito. Com seu
 tirso, Dioniso matou Eurito; Hécate
 venceu Clito com tochas e Hefesto
 matou Mimas jogando nele massas
 incandescentes de ferro. Atena jogou a
 ilha da Sicília sobre o fugitivo Encélado
 e também cortou a pele de Palas, com a
 qual cobriu o próprio corpo na batalha.
 Pelo mar, Polibetes foi perseguido por
 Poseidon e chegou a Cós: após separar
 um pedaço da ilha, Poseidon jogou
 sobre o gigante a parte chamada Nisiro.
 Durante o combate, Hermes, usando o
 elmo de Hades, matou Hipólito, e
 Ártemis, Grátion. Lutando com claves
 de bronze as Moiras dizimaram Ágrio e
 Toona e os demais Zeus matou
 lançando seus raios. Héracles, por sua
 vez, atirou flechas em todos os gigantes
 enquanto eram aniquilados.

1.6.3

ὡς δ' ἐκράτησαν οἱ θεοὶ τῶν
 Γιγάντων, Γῆ μᾶλλον χολωθεῖσα
 μίγνυται Ταρτάρῳ, καὶ γεννᾷ
 Τυφῶνα ἐν Κιλικίᾳ, μεμιγμένην
 ἔχοντα φύσιν ἀνδρὸς καὶ θηρίου.
 οὗτος μὲν καὶ μεγέθει καὶ δυνάμει
 πάντων διήνεγκεν ὅσους ἐγέννησε
 Γῆ, ἣν δὲ αὐτῷ τὰ μὲν ἄχρι μηρῶν
 ἄπλετον μέγεθος ἀνδρόμορφον,
 ὥστε ὑπερέχειν μὲν πάντων τῶν
 ὄρῳν, ἡ δὲ κεφαλὴ πολλακίς καὶ
 τῶν ἄστρον ἔψαυε: χεῖρας δὲ εἶχε
 τὴν μὲν ἐπὶ τὴν ἐσπέραν
 ἐκτεινομένην τὴν δὲ ἐπὶ τὰς
 ἀνατολάς: ἐκ τούτων δὲ ἐξεῖχον
 ἑκατὸν κεφαλαὶ δρακόντων. τὰ δὲ
 ἀπὸ μηρῶν σπείρας εἶχεν
 ὑπερμεγέθεις ἐχιδνῶν, ὧν ὅλκοι
 πρὸς αὐτὴν ἐκτεινόμενοι κορυφῆν
 συριγμὸν πολὺν ἐξίεσαν. πᾶν δὲ
 αὐτοῦ τὸ σῶμα κατεπτέρωτο,
 ἀνχηραὶ δὲ ἐκ κεφαλῆς καὶ
 γενύων τρίχες ἐξηγέμωντο, πῦρ δὲ
 ἐδέρκετο τοῖς ὄμμασι. τοιοῦτος ὢν
 ὁ Τυφῶν καὶ τηλικούτος ἡμμένας
 βάλλον πέτρας ἐπ' αὐτὸν τὸν
 οὐρανὸν μετὰ συριγμῶν ὁμοῦ καὶ
 βοῆς ἐφέρετο: πολλὴν δὲ ἐκ τοῦ
 στόματος πυρὸς ἐξέβρασσε ζάλην.
 θεοὶ δ' ὡς εἶδον αὐτὸν ἐπ' οὐρανὸν
 ὀρμώμενον, εἰς Αἴγυπτον φυγάδες
 ἐφέροντο, καὶ διωκόμενοι τὰς
 ιδέας μετέβαλον εἰς ζῶα. Ζεὺς δὲ
 πόρρω μὲν ὄντα Τυφῶνα ἔβαλλε
 κεραυνοῖς, πλησίον δὲ γενόμενον
 ἀδαμαντίνῃ κατέπληττεν ἄρπη,
 καὶ φεύγοντα ἄχρι τοῦ Κασίου
 ὄρους συνεδίωξε: τοῦτο δὲ
 ὑπέρεκειται Συρία.

1.6.3

Quando os deuses venceram os Gigantes, Gaia, ainda mais enfurecida, uniu-se ao Tártaro e engendrou, na Cilícia, Tifon, criatura de natureza híbrida, metade homem, metade besta, que superou em magnitude e força os outros filhos que Gaia tivera. Até as coxas tinha forma humana descomunhal, elevando-se sobre todas as montanhas. Sua cabeça com frequência tocava as estrelas e possuía uma mão que se estendia até o oeste, e a outra, até o leste: de ambas saltavam cem cabeças de dragões. Sobre as coxas possuía enormes anéis de víboras que, esticados até sua própria cabeça, emitiam um zunido alto. Todo o corpo dele era adornado por asas, seus cabelos secos esvoaçavam da cabeça e das bochechas e o fogo reluzia em seus olhos. De tal tipo e grandiosidade era Tifon, que, jogando pedras inflamadas, lançava-se contra o céu em meio a zunidos e gritos e expeliu da boca um potente jato de fogo. Ao vê-lo vindo em direção ao céu, os deuses fugiram para o Egito e, perseguidos, assumiram formas de animais. À distância, Zeus lançava raios contra Tifon; já próximo, derrubou a criatura com uma foice de aço e o perseguiu em sua fuga até as montanhas de Cássio, localizadas acima da Síria.

κειῖθι δὲ αὐτὸν κατατετρομένον
ιδῶν εἰς χειῖρας συνέβαλε. Τυφῶν
δὲ ταῖς σπείραις περιπλεχθεὶς
κατέσχευεν αὐτόν, καὶ τὴν ἄρπην
περιελάμενος τὰ τε τῶν χειρῶν καὶ
ποδῶν διέτεμε νεῦρα, ἀράμενος δὲ
ἐπὶ τῶν ὤμων διεκόμισεν αὐτόν
διὰ τῆς θαλάσσης εἰς Κιλικίαν καὶ
παρελθὼν εἰς τὸ Κωρύκιον ἄντρον
κατέθετο. ὁμοίως δὲ καὶ τὰ νεῦρα
κρύψας ἐν ἄρκτου δορᾷ κειῖθι
ἀπέθετο, καὶ κατέστησε φύλακα
Δελφύνην δράκαιναν: ἡμίθηρ δὲ
ἦν αὕτη ἢ κόρη. Ἑρμῆς δὲ καὶ
Αἰγίπαν ἐκκλέψαντες τὰ νεῦρα
ἤρμωσαν τῷ Διὶ λαθόντες. Ζεὺς δὲ
τὴν ἰδίαν ἀνακομισάμενος ἰσχύν,
ἐξαίφνης ἐξ οὐρανοῦ ἐπὶ πτηνῶν
ὀχούμενος ἵππων ἄρματι, βάλλων
κεραυνοῖς ἐπ' ὄρος ἐδίωξε Τυφῶνα
τὸ λεγόμενον Νῦσαν, ὅπου μοῖραι
αὐτὸν διωχθέντα ἠπάτησαν:
πεισθεὶς γὰρ ὅτι ῥωσθήσεται
μᾶλλον, ἐγεύσατο τῶν ἐφημέρων
καρπῶν. διόπερ ἐπιδιωκόμενος
αὐθις ἦκεν εἰς Θράκην, καὶ
μαχόμενος περὶ τὸν Αἴμον ὄλα
ἔβαλλεν ὄρη. τούτων δὲ ἐπ' αὐτὸν
ὑπὸ τοῦ κεραυνοῦ πάλιν
ᾠθουμένων πολὺ ἐπὶ τοῦ ὄρους
ἐξέκλυσεν αἶμα: καὶ φασιν ἐκ
τούτου τὸ ὄρος κληθῆναι Αἴμον.
φεύγειν δὲ ὀρμηθέντι αὐτῷ διὰ τῆς
Σικελικῆς θαλάσσης Ζεὺς
ἐπέριψεν Αἴτην ὄρος ἐν Σικελίᾳ:
τοῦτο δὲ ὑπερμέγεθές ἐστιν, ἐξ οὗ
μέχρι δεῦρὸ φασιν ἀπὸ τῶν
βληθέντων κεραυνῶν γίνεσθαι
πυρὸς ἀναφυσήματα. ἀλλὰ περὶ
μὲν τούτων μέχρι τοῦ δεῦρο ἡμῖν
λελέχθω.

Lá, ao vê-lo ferido, Zeus agarrou
as mãos dele; o Tífon, por sua vez,
pegou o deus, entrelaçado pelas
espirais, removeu o agulhão e cortou-
lhe os tendões das mãos e dos pés. Após
erguê-lo por sobre seus ombros, levou-o
através do mar até a Cilícia, foi para
Córico e colocou-o na caverna. Da
mesma forma o Tífon guardou os
tendões dele escondidos na pele de um
urso e colocou o dragão fêmea Delfine,
metade mulher, metade besta, como
guardiã da caverna.

Hermes e Egipã, despercebidos,
roubaram os tendões e os ajustaram em
Zeus, que após reaver sua força,
subitamente partindo do céu,
transportou-se numa carruagem de
cavalos alados e, jogando raios,
perseguiu o Tífon até a montanha
chamada Nisa, onde as Moiras
enganaram a criatura perseguida.
Convencido de que seria fortalecido, o
Tífon provou dos frutos efêmeros.
Então, perseguido novamente, foi para a
Trácia, e lutando ao redor do Monte
Hemo, atirava montanhas inteiras. Pela
força do raio, os montes o repeliram
para trás e, por isso, muito sangue
jorrou sobre a montanha: conta-se que
por essa razão a montanha foi chamada
de Hemo. Quando o Tífon fugiu pelo
mar Sículo, Zeus jogou sobre ele, na
Sicília, o monte Etna, que é enorme e
cuja erupção de fogo, dizem, até hoje é
decorrente dos raios ali lançados. A
respeito desse assunto, isso é tudo a
dizer.

1.7.1

Προμηθεὺς δὲ ἐξ ὕδατος καὶ γῆς
ἀνθρώπους πλάσας ἔδωκεν αὐτοῖς
καὶ πῦρ, λάθρα Διὸς ἐν νάρθηκι
κρύψας. ὥς δὲ ἦσθετο Ζεὺς,
ἐπέταξεν Ἡφαίστῳ τῷ Καυκάσῳ
ὄρει τὸ σῶμα αὐτοῦ προσηλῶσαι:
τοῦτο δὲ Σκυθικὸν ὄρος ἐστίν. ἐν
δὴ τούτῳ προσηλωθεὶς Προμηθεὺς
πολλῶν ἐτῶν ἀριθμὸν ἐδέδετο:
καθ' ἐκάστην δὲ ἡμέραν ἀετὸς
ἐφιπτάμενος αὐτῷ τοὺς λοβοὺς
ἐνέμετο τοῦ ἥπατος ἀξανομένου
διὰ νυκτός. καὶ Προμηθεὺς μὲν
πυρὸς κλαπέντος δίκην ἔτινε
ταύτην, μέχρις Ἡρακλῆς αὐτὸν
ὑστερον ἔλυσεν, ὥς ἐν τοῖς καθ'
Ἡρακλέα δηλώσομεν.

1.7.2

Προμηθεὺς δὲ παῖς Δευκαλίων
ἐγένετο. οὗτος βασιλεύων τῶν
περὶ τὴν Φθίαν τόπων γαμει
Πύρρα τὴν Ἐπιμηθέως καὶ
Πανδώρας, ἣν ἔπλασαν θεοὶ
πρώτην γυναῖκα. ἐπεὶ δὲ ἀφανίσαι
Ζεὺς τὸ χαλκοῦν ἠθέλησε γένος,
ὑποθεμένου Προμηθεὺς
Δευκαλίων τεκτηνάμενος
λάρνακα, καὶ τὰ ἐπιτήδεια
ἐνθέμενος, εἰς ταύτην μετὰ
Πύρρας εἰσέβη. Ζεὺς δὲ πολὺν
ὑετὸν ἀπ' οὐρανοῦ χέας τὰ
πλεῖστα μέρη τῆς Ἑλλάδος
κατέκλυσεν, ὥστε διαφθαρεῖναι
πάντας ἀνθρώπους, ὀλίγων χωρὶς
οἱ συνέφυγον εἰς τὰ πλησίον
ὑψηλὰ ὄρη.

1.7.1

Prometeu moldou os homens a partir da água e da terra e lhes deu o fogo, escondido numa fênalia, sem o conhecimento de Zeus. Quando Zeus percebeu, ordenou a Hefesto acorrentar o corpo dele no Monte Cáucaso, uma montanha da Cítia. Nele Prometeu foi acorrentado e ficou preso por muitos anos: diariamente uma águia voava até ele e devorava os lóbulos de seu fígado, que crescia à noite. Como o fogo foi roubado, Prometeu pagou essa punição até que Hércules mais tarde o soltou. Falaremos disso, quando tratarmos de Hércules.

1.7.2

De Prometeu nasceu seu filho Deucalião que, enquanto governava as regiões ao redor da Fítia, casou-se com Pirra, filha de Epitemeu e Pandora, a primeira mulher que os deuses moldaram. Quando Zeus desejou arrasar os homens da Idade de Bronze, Deucalião, aconselhado por Prometeu, construiu uma arca, encheu-a com meios de subsistência e embarcou com ela com Pirra. Zeus fez cair do céu muita chuva e inundou a maior parte da Hélade, a ponto de todos os homens serem destruídos, com exceção de poucos que fugiram para altas montanhas nos arredores.

τότε δὲ καὶ τὰ κατὰ Θεσσαλίαν
ὄρη διέστη, καὶ τὰ ἐκτὸς Ἰσθμοῦ
καὶ Πελοποννήσου συνεχέθη
πάντα. Δευκαλίων δὲ ἐν τῇ
λάρνακι διὰ τῆς θαλάσσης
φερόμενος ἐφ' ἡμέρας ἑννέα καὶ
νύκτας τὰς ἴσας τῶ Παρνασῶ
προσίσχει, κἀκεῖ τῶν ὄμβρων
παῦλαν λαβόντων ἐκβάς θύει Διὶ
φυξίῳ. Ζεὺς δὲ πέμψας Ἑρμῆν
πρὸς αὐτὸν ἐπέτρεψεν αἰρεῖσθαι ὅ
τι βούλεται: ὁ δὲ αἰρεῖται
ἀνθρώπους αὐτῶ γενέσθαι. καὶ
Διὸς εἰπόντος ὑπὲρ κεφαλῆς
ἔβαλλεν αἴρων λίθους, καὶ οὓς μὲν
ἔβαλε Δευκαλίων, ἄνδρες
ἐγένοντο, οὓς δὲ Πύρρα, γυναῖκες.
ὅθεν καὶ λαοὶ μεταφορικῶς
ὠνομάσθησαν ἀπὸ τοῦ λαῶς ὁ
λίθος.

γίνονται δὲ ἐκ Πύρρας Δευκαλίωνι
παῖδες Ἑλλήν μὲν πρῶτος, ὃν ἐκ
Διὸς γεγεννηῖσθαι ἔνιοι λέγουσι,
δεύτερος δὲ Ἀμφικτύων ὁ μετὰ
Κραναὸν βασιλεύσας τῆς Ἀττικῆς,
θυγάτηρ δὲ Πρωτογένεια, ἐξ ἧς
καὶ Διὸς Ἀέθλιος.

Foi então que as montanhas da Tessália se separaram e tudo fora do Istmo e do Peloponeso foi dizimado. Pelo mar, Deucalião transportou-se na arca e em nove dias e nove noites aportou no Parnaso, onde com o cessar das chuvas desembarcou e ofereceu um sacrifício a Zeus que dá refúgio. Zeus enviou Hermes até ele e permitiu-lhe escolher aquilo que desejasse: ele, então, escolheu gerar homens. Assim, depois que Zeus lhe ordenou, ergueu pedras sobre a cabeça e as jogou; daquelas que Deucalião atirou nasceram homens, e das que Pirra lançara, mulheres. Por essa razão as pessoas foram chamadas metaforicamente de pessoas de laas, a pedra.

De Pirra Deucalião teve filhos: Heleno, o primeiro, filho de Zeus para alguns; Anfíteão, o segundo, que reinou na Ática depois de Cránao, e, em terceiro, sua filha Protogênia, que junto com Zeus deu à luz Aétlio.

1.7.3

Ἕλληνας δὲ καὶ νύμφης Ὀρσηίδος
 Δῶρος Ἐοῦθος Αἴολος. αὐτὸς μὲν
 οὖν ἀφ' αὐτοῦ τοὺς καλουμένους
 Γραικοὺς προσηγόρευσεν
 Ἕλληνας, τοῖς δὲ παισὶν ἐμέρισε
 τὴν χώραν: καὶ Ἐοῦθος μὲν λαβὼν
 τὴν Πελοπόννησον ἐκ Κρεούσης
 τῆς Ἐρεχθέως Ἀχαιοὺς ἐγέννησε
 καὶ Ἴωνα, ἀφ' ὧν Ἀχαιοὶ καὶ
 Ἴωνες καλοῦνται, Δῶρος δὲ τὴν
 πέραν χώραν Πελοποννήσου
 λαβὼν τοὺς κατοικοῦς ἀφ' ἑαυτοῦ
 Δωριεῖς ἐκάλεσεν, Αἴολος δὲ
 βασιλεύων τῶν περὶ τὴν
 Θεσσαλίαν τόπων τοὺς
 ἐνοικοῦντας Αἰολεῖς
 προσηγόρευσε, καὶ γήμας
 Ἐναρέτην τὴν Δημάχου παῖδας
 μὲν ἐγέννησεν ἑπτὰ, Κρηθέα
 Σίσυφον Ἀθάμαντα Σαλμωνέα
 Δηϊόνα Μάγνητα Περιήρη,
 θυγατέρας δὲ πέντε, Κανάκην
 Ἀλκυόνην Πεισιδίκην Καλύκην
 Περιμήδην.
 Περιμήδης μὲν οὖν καὶ Ἀχελῷου
 Ἴπποδάμας καὶ Ὀρέστης,
 Πεισιδίκης δὲ καὶ Μυρμιδόνος
 Ἄντιφος καὶ Ἄκτωρ.

1.7.3

De Heleno e da ninfa Orseis
 nasceram Doro, Xuto e Éolo. Por causa
 dele próprio, Heleno chamou os então
 denominados gregos de helenos e
 distribuiu o país aos seus filhos. Xuto
 recebeu o Peloponeso e engendrou de
 Creúsa, filha de Erecteu, Aqueu e Íon,
 por causa dos quais Aqueus e Iônicos
 foram assim chamados. Doro recebeu a
 terra oposta ao Peloponeso e chamou os
 habitantes de dórios. Já Éolo governou
 as regiões ao redor da Tessália, chamou
 os habitantes de eólios, casou-se com
 Enarete, filha de Dêimaco, e deu à luz
 sete filhos: Creteu, Sísifo, Átamas,
 Salmoneu, Déion, Magnes e Periere; e
 cinco filhas: Cãnace, Alcíone, Pisidice,
 Cálce, Perimede.

De Áquelo Perimede deu à luz
 Hipodamas e Orestes, e de Mirmidão
 Pisidice engendrou Antifo e Actor.

1.7.4

Ἀλκυόνην δὲ Κῆρυξ ἔγημεν
Ἐωσφόρου παῖς. οὗτοι δὲ δι'
ὑπερηφάνειαν ἀπώλοντο: ὁ μὲν
γὰρ τὴν γυναῖκα ἔλεγεν Ἥραν, ἡ
δὲ τὸν ἄνδρα Δία, Ζεὺς δὲ αὐτοὺς
ἀπωρνήωσε, καὶ τὴν μὲν ἀλκυόνα
ἐποίησε τὸν δὲ κήυκα.

Κανάκη δὲ ἐγέννησεν ἐκ
Ποσειδῶνος Ὀπλέα καὶ Νιρέα καὶ
Ἐπωπέα καὶ Ἀλωέα καὶ Τρίοπα.
Ἀλωεύς μὲν οὖν ἔγημεν
Ἴφιμέδειαν τὴν Τρίοπος, ἥτις
Ποσειδῶνος ἠράσθη, καὶ συνεχῶς
φοιτῶσα ἐπὶ τὴν θάλασσαν,
χερσὶν ἀρουμένη τὰ κύματα τοῖς
κόλποις ἐνεφόρει. συνελθῶν δὲ
αὐτῇ Ποσειδῶν δύο ἐγέννησε
παῖδας, Ὄτον καὶ Ἐφιάλτην, τοὺς
Ἀλωάδας λεγομένους. οὗτοι κατ'
ἐνιαυτὸν ἠΰξανον πλάτος μὲν
πηχυαῖον μῆκος δὲ ὀργυιαῖον:
ἐννέα δὲ ἐτῶν γενόμενοι, καὶ τὸ
μὲν πλάτος πηχῶν ἔχοντες ἐννέα
τὸ δὲ μέγεθος ὀργυιῶν ἐννέα, πρὸς
θεοὺς μάχεσθαι διανοοῦντο, καὶ
τὴν μὲν Ὀσσαν ἐπὶ τὸν Ὀλυμπον
ἔθεσαν, ἐπὶ δὲ τὴν Ὀσσαν θέντες
τὸ Πήλιον διὰ τῶν ὀρῶν τούτων
ἠπεύλουσαν εἰς οὐρανὸν
ἀναβήσασθαι, καὶ τὴν μὲν
θάλασσαν χῶσαντες τοῖς ὄρεσι
ποιήσασθαι ἔλεγον ἠπειρον, τὴν δὲ
γῆν θάλασσαν, ἐμνῶντο δὲ
Ἐφιάλτης μὲν Ἥραν Ὄτος δὲ
Ἄρτεμιν. ἔδησαν δὲ καὶ Ἄρην.
τοῦτον μὲν οὖν Ἐρμῆς ἐξέκλεψεν,
ἀνείλε δὲ τοὺς Ἀλωάδας ἐν Νάξῳ
Ἄρτεμις δι' ἀπάτης: ἀλλάξασα
γὰρ τὴν ιδέαν εἰς ἔλαφον διὰ
μέσων αὐτῶν ἐπήδησεν, οἱ δὲ
βουλόμενοι εὐστοχῆσαι τοῦ
θηρίου ἐφ' ἑαυτοὺς ἠκόντισαν.

1.7.4

Céix, filho de Eósforo, casou-se com Alcíone. Ambos, contudo, pereceram devido ao orgulho já que ele disse que sua esposa era Hera, e ela disse que seu marido era Zeus, que, por sua vez, transformou-os em pássaros: dela fez um alcíone e dele, um janete.

De Poseidon Cânace pariu Opleu, Nireu, Eropheu, Aloeu e Tríopa. Aloeu, por sua vez, casou-se com Ifimedia, filha de Tríopas, que se apaixonou por Poseidon e, continuamente indo ao mar, agitava as ondas com as mãos e levava a água até seu ventre. Depois de conhecê-la, Poseidon engendrou dois filhos: Oto e Efiáltes, chamados de Aloídas. A cada ano eles aumentavam um côvado de largura e uma braça em comprimento: aos nove anos, já com nove côvados de largura e nove braças de altura, conceberam lutar contra os deuses. Assim, puseram o Ossa sobre o Olimpo, colocaram Pélio sobre o Ossa e ameaçavam subir ao céu através dessas montanhas.

Enchendo o mar com as montanhas, disseram que fariam do mar terra firme, e da terra, mar. Efiáltes cortejou Hera, e Oto, o de Ártemis. Prenderam Ares, que Hermes resgatou secretamente. Em Naxo, Ártemis matou os Aloídas com um truque: depois de mudar sua forma para a de um cervo, pulou no meio deles, que, desejando atingir o animal, dardejaram um ao outro.

1.7.5

Καλύκης δὲ καὶ Ἀεθλίου παῖς
Ἐνδυμίων γίνεται, ὅστις ἐκ
Θεσσαλίας Αἰολέας ἀγαγὼν Ἥλιν
ᾤκισε. Λέγουσι δὲ αὐτὸν τινες ἐκ
Διὸς γενέσθαι. τούτου κάλλει
διενεγκόντος ἠράσθη Σελήνη,
Ζεὺς δὲ αὐτῷ δίδωσιν ὃ βούλεται
ἐλέσθαι: ὃ δὲ αἰρεῖται κοιμᾶσθαι
διὰ παντὸς ἀθάνατος καὶ ἀγήρως
μένων.

1.7.6

Ἐνδυμίωνος δὲ καὶ νηίδος νύμφης,
ἣ ὡς τινες Ἴφιανάσσης, Αἰτωλός,
ὃς ἀποκτείνας Ἄπιν τὸν Φορωνέως
καὶ φυγὼν εἰς τὴν Κουρήτιδα
χώραν, κτείνας τοὺς
ὑποδεξαμένους Φθίας καὶ
Ἀπόλλωνος υἱούς, Δῶρον καὶ
Λαόδοκον καὶ Πολυποίτην, ἀφ'
ἑαυτοῦ τὴν χώραν Αἰτωλίαν
ἐκάλεσεν.

1.7.7

Αἰτωλοῦ δὲ καὶ Προνόης τῆς
Φόρβου Πλευρῶν καὶ Καλυδῶν
ἐγένοντο, ἀφ' ὧν αἱ ἐν Αἰτωλία
πόλεις ὠνομάσθησαν. Πλευρῶν
μὲν οὖν γήμας Ξανθίππην τὴν
Δώρου παῖδα ἐγέννησεν Ἀγήνορα,
θυγατέρας δὲ Στερόπην καὶ
Στρατονίκην καὶ Λαοφόντην:
Καλυδῶνος δὲ καὶ Αἰολίας τῆς
Ἀμυθάνος Ἐπικάστη καὶ
Πρωτογένεια, ἐξ ἧς καὶ Ἄρεος
Ἵξυλος. Ἀγήνωρ δὲ ὁ Πλευρῶνος
γήμας Ἐπικάστην τὴν Καλυδῶνος
ἐγέννησε Πορθάονα καὶ
Δημονίκην, ἧς καὶ Ἄρεος Εὐήνος
Μῶλος Πύλος Θεστίος.

1.7.5

De Cálice e Átila nasceu um filho, Endímion, que conduziu os eólios da Tessália e fundou uma colônia em Élis. Alguns afirmam que ele era filho de Zeus. Devido à extraordinária beleza dele, Selene se apaixonou por ele, e Zeus ofereceu a Endímion escolher aquilo que desejava: o jovem, por sua vez, escolheu dormir para sempre, permanecendo jovem e imortal.

1.7.6

De Endímion e de uma ninfa Náíade, ou de Ifianassa, segundo alguns, nasceu Etolo, que matou Ápis, filho de Foroneu e fugiu para o país Curétida. Lá matou seus hóspedes Doro, Laódoco e Polipetes, filhos de Fítia e Apolo, e por sua causa chamou o país de Etólia.

1.7.7

De Etolo e Pronoé, filha de Forbos, nasceram Plêuron e Cálidon, por causa dos quais as cidades na Etólia foram assim chamadas. Então Plêuron se casou com Xantipe, filha de Doro, e deu à luz um filho, Agenor, e as filhas Estérope, Estratonice e Laofonte. De Cálidon e Aiólia, filha de Amitaón, nasceram Epicaste e Protogênia; desta e de Ares nasceu Oxilo. Agenor, filho de Plêuron, casou-se com Epicaste, filha de Cálidon, e gerou Portáon e Demonice, e desta e de Ares nasceram Eveno, Molo, Pilo e Téstio.

1.7.8

Εὐηνος μὲν οὖν ἐγέννησε
Μάρπησσαν, ἣν Ἀπόλλωνος
μνηστευομένου Ἴδας ὁ Ἀφαρέως
ἤρπασε, λαβὼν παρὰ Ποσειδῶνος
ἄρμα ὑπόπτερον. διώκων δὲ
Εὐηνος ἐφ' ἄρματος ἐπὶ τὸν
Λυκόρμαν ἦλθε ποταμόν,
καταλαβεῖν δ' οὐ δυνάμενος τοὺς
μὲν ἵππους ἀπέσφαξεν, ἑαυτὸν δ'
εἰς τὸν ποταμόν ἔβαλε: καὶ
καλεῖται Εὐηνος ὁ ποταμὸς ἀπ'
ἐκείνου.

1.7.9

Ἴδας δὲ εἰς Μεσσήνην
παραγίνεται, καὶ αὐτῷ ὁ Ἀπόλλων
περιτυχὼν ἀφαιρεῖται τὴν κόρην.
μαχομένων δὲ αὐτῶν περὶ τῶν τῆς
παιδὸς γάμων, Ζεὺς διαλύσας
ἐπέτρεψεν αὐτῇ τῇ παρθένῳ
ἐλέσθαι ὅποτέρῳ βούλεται
συνοικεῖν: ἡ δὲ δείσασα, ὡς ἂν μὴ
γηρῶσαν αὐτὴν Ἀπόλλων
καταλίπη, τὸν Ἴδαν εἶλετο ἄνδρα.

1.7.10

Θεστίῳ δὲ ἐξ Εὐρυθέμιδος τῆς
Κλεοβοίας ἐγένοντο θυγατέρες
μὲν Ἀλθαία Λήδα Ὑπερμνήστρα,
ἄρρενες δὲ Ἴφικλος Εὐίππος
Πλήξιππος Εὐρύπυλος.

Πορθάονος δὲ καὶ Εὐρύτης τῆς
Ἴπποδάμαντος ἐγένοντο παῖδες
Οἰνεὺς Ἄγριος Ἀλκάθοος Μέλας
Λευκωπεύς, θυγάτηρ δὲ Στερόπη,
ἐξ ἧς καὶ Ἀχελῷου Σειριῆνας
γενέσθαι λέγουσιν.

1.7.8

Eveno deu a luz Marpessa, quem Apolo pediu em casamento. Idas, contudo, filho de Afareu, recebeu de Poseidon sua carruagem alada e a raptou. Também em uma carruagem, Eveno perseguiu Idas e chegou ao rio Licorma; mas sendo incapaz de alcançá-lo, degolou seus cavalos, e jogou a si próprio no rio: por causa dele o rio é chamado de Eveno.

1.7.9

Idas chegou a Messene, mas Apolo deparou-se com ele e tirou-lhe a moça. Quando ambos lutavam pela mão dela, Zeus os separou e permitiu à própria donzela escolher com qual dos dois desejava casar-se: temendo que Apolo a abandonasse quando ela envelhecesse, Messene escolheu Idas como seu marido.

1.7.10

De Eurítemis, filha de Cleobéia, Téstitio teve as filhas Altéia, Leda e Hipermnestra, e os filhos Íficlo, Evipo, Plexipo e Eurípilo.

De Portáon e Éurite, filha de Hipodamas, nasceram os filhos Eneu, Ágrio, Alcátoo, Melas, Leucopeu, e a filha Estérope, quem, segundo dizem, com Aqueloo deu a luz às Sirenes.

1.8.1

Οἰνεὺς δὲ βασιλεύων Καλυδῶνος
παρὰ Διονύσου φυτὸν ἀμπέλου
πρῶτος ἔλαβε. γήμας δὲ Ἀλθαίαν
τὴν Θεστίου γεννᾷ Τοξέα, ὃν
αὐτὸς ἔκτεινεν ὑπερπηδήσαντα
τὴν τάφρον, καὶ παρὰ τοῦτον
Θυρέα καὶ Κλύμενον, καὶ
θυγατέρα Γόργην, ἣν Ἀνδραίμων
ἔγημε, καὶ Δηιάνειραν, ἣν
Ἀλθαίαν λέγουσιν ἐκ Διονύσου
γεννηῆσαι. αὕτη δ' ἠνιόχει καὶ τὰ
κατὰ πόλεμον ἤσκει, καὶ περὶ τῶν
γάμων αὐτῆς Ἡρακλῆς πρὸς
Ἀχελῶον ἐπάλαισεν.

1.8.2

ἐγέννησε δὲ Ἀλθαία παῖδα ἐξ
Οἰνέως Μελέαγρον, ὃν ἐξ Ἄρεος
γεγεννησθαι φασί. τούτου δ' ὄντος
ἡμερῶν ἑπτὰ παραγενομένας τὰς
μοίρας φασὶν εἰπεῖν, ὅτι τότε
τελευτήσει Μελέαγρος, ὅταν ὁ
καιόμενος ἐπὶ τῆς ἐσχάρας δαλὸς
κατακαῆ. τοῦτο ἀκούσασα τὸν
δαλὸν ἀνείλετο Ἀλθαία καὶ
κατέθετο εἰς λάρνακα. Μελέαγρος
δὲ ἀνὴρ ἄτρωτος καὶ γενναῖος
γενόμενος τόνδε τὸν τρόπον
ἐτελεύτησεν. ἐτησίων καρπῶν ἐν
τῇ χώρᾳ γενομένων τὰς ἀπαρχὰς
Οἰνεὺς θεοῖς πᾶσι θύων μόνης
Ἀρτέμιδος ἐξέλαθετο. ἡ δὲ
μηνίσασα κάπρον ἐφῆκεν ἔξοχον
μεγέθει τε καὶ ῥώμῃ, ὃς τὴν τε γῆν
ἄσπορον ἐτίθει καὶ τὰ βοσκήματα
καὶ τοὺς ἐντυγχάνοντας
διέφθειρεν. ἐπὶ τοῦτον τὸν κάπρον
τοὺς ἀρίστους ἐκ τῆς Ἑλλάδος
πάντας συνεκάλεσε, καὶ τῷ
κτείναντι τὸν θῆρα τὴν δορὰν
δώσειν ἀριστεῖον ἐπηγγείλατο.

1.8.1

Reinando em Cálidon, Eneu foi o primeiro que recebeu uma vinha-planta de Dioniso. Casou-se com Altéia, filha de Téstio e engendrou Toxeu, quem ele próprio matou por pular um fosso. Além dele, deu à luz Tireu e Climeno, e à filha Gorge, com quem Andraimon se casou, e Dejanira, quem, segundo dizem, Altéia pariu de Dioniso. Dejanira costumava conduzir uma carruagem e praticava a arte de combater, pela mão dela Hércules lutou com Aqueloo.

1.8.2

De Eneu, Altéia deu à luz seu filho Meleagro, quem, dizem, foi gerado de Ares. Dizem que com sete dias, as Moiras chegaram e disseram que Meleagro morreria quando a lenha inflamada na lareira fosse queimada por completo. Depois de ouvir isso, Altéia recolheu a lenha e a colocou numa urna. Meleagro, por sua vez, tornou-se um homem notável e invulnerável, e morreu da seguinte maneira: Eneu ofereceu a todos os deuses como sacrifício as premícias dos frutos anuais cultivados no país, mas esqueceu-se somente de Ártemis. Enfurecida, ela enviou um javali de tamanho e força extraordinários, que tornava a terra incultivável e destruía os rebanhos, bem como quem quer que cruzasse em seu caminho. Para vencer o javali, Eneu chamou todos os melhores homens da Hélade e anunciou que daria a pele como prêmio a quem matasse a fera.

οἱ δὲ συνελθόντες ἐπὶ τὴν τοῦ
κάπρου θήραν ἦσαν οἶδε:
Μελέαγρος Οἰνέως, Δρύας Ἄρεος,
ἐκ Καλυδῶνος οὔτοι, Ἴδας καὶ
Λυγκεὺς Ἀφαρέως ἐκ Μεσσήνης,
Κάστωρ καὶ Πολυδεύκης Διὸς καὶ
Λήδας ἐκ Λακεδαίμονος, Θησεὺς
Αἰγέως ἐξ Ἀθηνῶν, Ἄδμητος
Φέρητος ἐκ Φερῶν, Ἀγκαῖος καὶ
Κηφεὺς Λυκούργου ἐξ Ἀρκαδίας,
Ἰάσων Αἴσονος ἐξ Ἰωλκοῦ,
Ἴφικλῆς Ἀμφιτρούωνος ἐκ Θηβῶν,
Πειρίθους Ἰξίονος ἐκ Λαρίσης,
Πηλεὺς Αἰακοῦ ἐκ Φθίας,
Τελαμῶν Αἰακοῦ ἐκ Σαλαμῖνος,
Εὐρυτίων Ἄκτορος ἐκ Φθίας,
Ἀταλάντη Σχοινέως ἐξ Ἀρκαδίας,
Ἀμφιάραος Οἰκλέους ἐξ Ἄργους:
μετὰ τούτων καὶ οἱ Θεστίου
παῖδες. συνελθόντας δὲ αὐτοὺς
Οἰνεὺς ἐπὶ ἑννέα ἡμέρας ἐξένισε:
τῇ δεκάτῃ δὲ Κηφέως καὶ Ἀγκαίου
καὶ τινῶν ἄλλων ἀπαξιούντων
μετὰ γυναικὸς ἐπὶ τὴν θήραν
ἐξιέναι, Μελέαγρος ἔχων γυναῖκα
Κλεοπάτραν τὴν Ἴδα καὶ
Μαρπήσης θυγατέρα,
βουλόμενος δὲ καὶ ἐξ Ἀταλάντης
τεκνοποιήσασθαι, συνηνάγκασεν
αὐτοὺς ἐπὶ τὴν θήραν μετὰ ταύτης
ἐξιέναι. περιστάντων δὲ αὐτῶν τὸν
κάπρον, Ὑλεὺς μὲν καὶ Ἀγκαῖος
ὑπὸ τοῦ θηρὸς διεφθάρησαν,
Εὐρυτίωνα δὲ Πηλεὺς ἄκων
κατηκόντισε. τὸν δὲ κάπρον
πρώτῃ μὲν Ἀταλάντῃ εἰς τὰ νῶτα
ἐτόξευσε, δεύτερος δὲ Ἀμφιάραος
εἰς τὸν ὀφθαλμόν: Μελέαγρος δὲ
αὐτὸν εἰς τὸν κενεῶνα πλήξας
ἀπέκτεινε, καὶ λαβὼν τὸ δέρας
ἔδωκεν Ἀταλάντῃ.

Os que se juntaram à caça ao javali foram estes: Meleagro, filho de Eneu; Drias, filho de Ares; ambos vieram de Cálidon; Idas e Linceu, filhos de Afareu de Messena; Castor e Polideuce, filhos de Zeus e Leda, da Lacedemônia; Teseu, filho de Egeu de Atenas; Admeto, filho de Feres, de Feras; Anceu e Cefeu, filhos de Licurgo da Arcádia; Jasão, filho de Esão, de Iolco; Íficles, filho de Anfítrião de Tebas; Pirito, filho de Íxion de Larissa; Peleu, filho de Éaco de Fítia; Télamon, filho de Éaco de Salamina; Eurítion, filho de Actor, de Fítia; Atalanta, filha de Escoineu, da Arcádia; Anfiarau, filho de Ecleu de Argos e, por fim, junto com eles, os filhos de Téstio. Reunidos, Eneu os hospedou por nove dias e, no décimo, Cefeu, Anceu e alguns outros julgaram indigno irem juntos à caça com uma mulher, mas Meleagro, embora casado com Cleópatra, filha de Idas e Marpesse, desejava dar à luz um filho de Atalanta e, por isso, pressionou-os a realizar a caçada com ela.

Os homens, então, cercaram o javali, Hileu e Ancaio, contudo, foram mortos pela fera e Peleu, involuntariamente, abateu Eurítion com sua lança. Atalanta, por sua vez, primeiro atirou flechas no javali, mirando-lhe as costas, depois Anfiarau atirou-lhe no olho; já Meleagro o golpeou no flanco e matou. Depois que se apoderou da pele do javali, entregou-a para Atalanta.

οἱ δὲ Θεστίου παῖδες, ἀδοξοῦντες
εἰ παρόντων ἀνδρῶν γυνὴ τὰ
ἀριστεῖα λήψεται, τὸ δέρας αὐτῆς
ἀφείλοντο, κατὰ γένος αὐτοῖς
προσήκειν λέγοντες, εἰ Μελέαγρος
λαμβάνειν μὴ προαιροῖτο.

1.8.3

ὀργισθεὶς δὲ Μελέαγρος τοὺς μὲν
Θεστίου παῖδας ἀπέκτεινε, τὸ δὲ
δέρας ἔδωκε τῇ Ἀταλάντῃ. Ἀλθαία
δὲ λυπηθεῖσα ἐπὶ τῇ τῶν ἀδελφῶν
ἀπωλείᾳ τὸν δαλὸν ἤψε, καὶ ὁ
Μελέαγρος ἐξαίφνης ἀπέθανεν.

οἱ δὲ φασιν οὐχ οὕτω Μελέαγρον
τελευτῆσαι, ἀμφισβητούντων δὲ
τῆς δορᾶς τῶν Θεστίου παίδων ὡς
Ἴφίκλου πρώτου βαλόντος,
Κούρησι καὶ Καλυδωνίοις πόλεμον
ἐνστήναι, ἐξελθόντος δὲ
Μελεάγρου καὶ τινὰς τῶν Θεστίου
παίδων φονεύσαντος Ἀλθαίαν
ἀράσασθαι κατ' αὐτοῦ: τὸν δὲ
ὀργιζόμενον οἴκοι μένειν. ἤδη δὲ
τῶν πολεμίων τοῖς τείχεσι
προσπελαζόντων καὶ τῶν πολιτῶν
ἀξιούντων μεθ' ἱκετηρίας βοηθεῖν,
μόλις πεισθέντα ὑπὸ τῆς γυναικὸς
ἐξελθεῖν, καὶ τοὺς λοιποὺς
κτείναντα τῶν Θεστίου παίδων
ἀποθανεῖν μαχόμενον. μετὰ δὲ
τὸν Μελεάγρου θάνατον Ἀλθαία
καὶ Κλεοπάτρα ἑαυτὰς
ἀνήρτησαν, αἱ δὲ θρηνοῦσαι τὸν
νεκρὸν γυναῖκες ἀπωρνεώθησαν.

Os filhos de Téstio, no entanto,
repudiando que uma mulher levasse o
prêmio na presença de homens, tiraram-
lhe a pele, afirmando concernir a eles
por nascença, caso Meleagro não
escolhesse ficar com ela.

1.8.3

Enfurecido, Meleagro matou os filhos
de Téstio e deu a pele para Atalanta.
Altéia, aborrecida com a morte dos
irmãos, incendiou a lenha e,
subitamente, Meleagro morreu.

Alguns afirmam que Meleagro não
morreu dessa maneira: depois que os
filhos de Téstio discordaram sobre a
entrega da pele, já que Íficlo foi o
primeiro a atirar no javali, um embate
entre Curetes e Calidônios se iniciou, e
quando Meleagro partiu e matou alguns
dos filhos de Téstio, Altéia praguejou
contra ele, que enfurecido, permaneceu
em casa. Com os inimigos próximos aos
muros e os cidadãos suplicando-lhe por
socorro, persuadido a duras penas por
sua mulher, Meleagro saiu e matou os
demais filhos de Téstio, mas morreu
enquanto lutava. Após sua morte, Altéia
e Cleópatra enforcaram-se e as
mulheres que lamentavam pelos mortos
foram transformadas em pássaros.

1.8.4

Ἀλθαίας δὲ ἀποθανούσης ἔγημεν
 Οἰνεὺς Περίβοιαν τὴν Ἴππονόου.
 ταύτην δὲ ὁ μὲν γράψας τὴν
 Θηβαΐδα πολεμηθείσης Ὠλένου
 λέγει λαβεῖν Οἰνέα γέρας,
 Ἡσίοδος δὲ ἐξ Ὠλένου τῆς Ἀχαΐας,
 ἐφθαρμένην ὑπὸ Ἴπποστράτου τοῦ
 Ἀμαρυγκέως, Ἴππόνουν τὸν
 πατέρα πέμψαι πρὸς Οἰνέα πόρρω
 τῆς Ἑλλάδος ὄντα, ἐντειλάμενον
 ἀποκτεῖναι.

1.8.5

εἰσὶ δὲ οἱ λέγοντες Ἴππόνουν
 ἐπιγνόντα τὴν ἰδίαν θυγατέρα
 ἐφθαρμένην ὑπὸ Οἰνέως, ἔγκυον
 αὐτὴν πρὸς τοῦτον ἀποπέμψαι.
 ἐγεννήθη δὲ ἐκ ταύτης Οἰνεῖ
 Τυδεὺς. Πείσανδρος δὲ αὐτὸν ἐκ
 Γόργης γενέσθαι λέγει: τῆς γὰρ
 θυγατρὸς Οἰνέα κατὰ τὴν
 βούλησιν Διὸς ἐρασθῆναι.
 Τυδεὺς δὲ ἀνὴρ γενόμενος
 γενναῖος ἐφυγαδεύθη, κτείνας, ὡς
 μὲν τινες λέγουσιν, ἀδελφὸν
 Οἰνέως Ἀλκάθοον, ὡς δὲ ὁ τὴν
 Ἀλκμαιωνίδα γεγραφώς, τοὺς
 Μέλανος παῖδας ἐπιβουλεύοντας
 Οἰνεῖ, Φηνέα Εὐρύαλον Ὑπέρλαον
 Ἀντίοχον Εὐμήδην Στέρνοπα
 Εἰάνθιππον Σθενέλαον, ὡς δὲ
 Φερεκύδης φησὶν, Ὠλενίαν
 ἀδελφὸν ἴδιον. Ἀγρίου δὲ δίκας
 ἐπάγοντος αὐτῷ φυγῶν εἰς Ἄργος
 ἦκε πρὸς Ἄδραστον, καὶ τὴν
 τούτου γήμας θυγατέρα Δηιπύλην
 ἐγέννησε Διομήδην.

Τυδεὺς μὲν οὖν ἐπὶ Θήβας μετ'
 Ἀδράστου στρατευσάμενος ὑπὸ
 Μελανίππου τραθεὶς ἀπέθανεν

1.8.4

Depois que Altéia morreu, Eneu casou-se com Peribéia, filha de Hipónoo. O autor da Tebaida conta que depois que a cidade de Oleno foi saqueada, Eneu recebeu Peribéia como presente de honra. Já Hesíodo afirma que, seduzida por Hipostrato, filho de Amariceu, seu pai Hipónoo a enviou de Oleno, na Acaia, para Eneu, já que morava longe da Hélade, ordenando matá-la.

1.8.5

Há os que contam que Hipónoo descobriu que sua própria filha fora seduzida por Eneu, que a mandou de volta grávida e de ambos nasceu Tideu, quem, segundo Pisandro, nasceu de Gorge, pois era desejo de Zeus que Eneu se apaixonasse pela filha dele.

Tideu tornou-se um homem nobre, mas foi banido, dizem, após matar Alcátoo, irmão de Eneu, ou conforme narra o autor da *Alcmeônida*, os filhos de Melano, Feneu, Euríalo, Hiperlau, Antíoco, Eumedes, Estérnope, Xantipo, Estenelau, que conspiravam contra Eneu. De acordo com Ferecides, ele matou o próprio irmão Olênias.

Ágrio o puniu, mas Tideu fugiu para Argos, foi até Adrasto, casou-se com a filha dele, Deipile, e deu à luz Diomedes. Então, junto com Adrasto, marchou contra Tebas, mas morreu ferido por Melanipo.

1.8.6

οἱ δὲ Ἀγρίου παῖδες, Θερσίτης
 Ὀγχηστὸς Πρόθοος Κελεύτωρ
 Λυκωπεὺς Μελάνιππος,
 ἀφελόμενοι τὴν Οἰνέως βασιλείαν
 τῷ πατρὶ ἔδοσαν, καὶ προσέτι
 ζῶντα τὸν Οἰνέα καθείρξαντες
 ἠκίζοντο. ὕστερον δὲ Διομήδης ἐξ
 Ἄργους παραγενόμενος μετ'
 Ἀλκμαίωνος κρύφα τοὺς μὲν
 Ἀγρίου παῖδας, χωρὶς Ὀγχηστοῦ
 καὶ Θερσίτου, πάντας ἀπέκτεινε
 (οὔτοι γὰρ φθάσαντες εἰς
 Πελοπόννησον ἔφυγον) , τὴν δὲ
 βασιλείαν, ἐπειδὴ γηραιὸς ἦν ὁ
 Οἰνεύς, Ἀνδραίμονι τῷ τὴν
 θυγατέρα τοῦ Οἰνέως γήμαντι
 δέδωκε, τὸν δὲ Οἰνέα εἰς
 Πελοπόννησον ἤγευ. οἱ δὲ
 διαφυγόντες Ἀγρίου παῖδες
 ἐνεδρεύσαντες περὶ τὴν Τηλέφου
 ἐστίαν τῆς Ἀρκαδίας τὸν
 πρεσβύτην ἀπέκτειναν. Διομήδης
 δὲ τὸν νεκρὸν εἰς Ἄργος κομίσας
 ἔθαψεν ἔνθα νῦν πόλις ἀπ'
 ἐκείνου Οἰνόη καλεῖται, καὶ γήμας
 Αἰγιάλειαν τὴν Ἀδράστου, ἣ ὡς
 ἔνιοι φασὶ τὴν Αἰγιαλέως, ἐπὶ τε
 Θήβας καὶ Τροίαν ἐστράτευσε.

1.8.6

Tersites, Onquesto, Prótoo, Celeutor, Licopeu e Melanipo, filhos de Ágrio, tomaram o reino de Eneu e o entregaram ao pai deles. Além disso, aprisionaram Eneu vivo e o torturaram. Mais tarde, Diomedes chegou de Argo com Alcmeão e, secretamente, matou todos os filhos de Ágrio, com exceção de Oncesto e Tersites (pois estes se anteciparam e fugiram para o Peloponeso).

Quando Eneu estava velho, entregou o reino a Andraímon, quem, casado com a filha dele, levou-o ao Peloponeso. Os filhos fugitivos de Ágrio armaram uma emboscada no centro de Télefo, na Arcádia, onde mataram o velho. Diomedes levou o corpo para Argos e enterrou-o lá. Por causa dele, hoje, a cidade é chamada de Énoe. Casou-se com Egialéia, filha de Adrasto, ou, segundo dizem, de Egialeu, e marchou contra Tebas e Tróia.

1.9.1

τῶν δὲ Αἰόλου παίδων Ἀθάμας,
 Βοιωτίας δυναστεύων, ἐκ Νεφέλης
 τεκνοῖ παῖδα μὲν Φρίξον θυγατέρα
 δὲ Ἑλλην. αὐθις δὲ Ἰνώ γαμεῖ, ἐξ
 ἧς αὐτῷ Λέαρχος καὶ Μελικέρτης
 ἐγένοντο. ἐπιβουλεύουσα δὲ Ἰνώ
 τοῖς Νεφέλης τέκνοις ἔπεισε τὰς
 γυναῖκας τὸν πυρὸν φρύγειν.
 λαμβάνουσαι δὲ κρύφα τῶν
 ἀνδρῶν τοῦτο ἔπρασον. γῆ δὲ
 πεφρυγμένους πυρὸς δεχομένη
 καρποὺς ἐτησίους οὐκ ἀνεδίδου.
 διὸ πέμπων ὁ Ἀθάμας εἰς Δελφοὺς
 ἀπαλλαγὴν ἐπυνθάνετο τῆς
 ἀφορίας. Ἰνώ δὲ τοὺς πεμφθέντας
 ἀνέπεισε λέγειν ὡς εἶη
 κεχρησμένον παύσεσθαι τὴν
 ἀκαρπίαν, ἐὰν σφαγῆ Διὶ ὁ Φρίξος.
 τοῦτο ἀκούσας Ἀθάμας,
 συναναγκαζόμενος ὑπὸ τῶν τῆν
 γῆν κατοικούντων, τῷ βωμῷ
 παρέστησε Φρίξον. Νεφέλη δὲ
 μετὰ τῆς θυγατρὸς αὐτὸν
 ἀνήρπασε, καὶ παρ' Ἑρμῶ
 λαβοῦσα χρυσομάλλον κριὸν
 ἔδωκεν, ὑφ' οὗ φερόμενοι δι'
 οὐρανοῦ γῆν ὑπερέβησαν καὶ
 θάλασσαν. ὡς δὲ ἐγένοντο κατὰ
 τὴν μεταξὺ κειμένην θάλασσαν
 Σιγείου καὶ Χερρονήσου, ὤλισθεν
 εἰς τὸν βυθὸν ἡ Ἑλλη, κάκει
 θανούσης αὐτῆς ἀπ' ἐκείνης
 Ἑλλήσποντος ἐκλήθη τὸ πέλαγος.
 Φρίξος δὲ ἦλθεν εἰς Κόλχους, ὧν
 Αἰήτης ἐβασίλευε παῖς Ἡλίου καὶ
 Περσηίδος, ἀδελφὸς δὲ Κίρκης καὶ
 Πασιφάης, ἣν Μίνως ἔγημεν.

1.9.1

Dentre os filhos de Éolo, Átamas governou a Beócia e de Néfele deu à luz seu filho Frixo e a filha Hele. Casou-se, novamente, com Ino, de quem engendrou Learco e Melicertes. Ino tramou contra os filhos de Néfele e convenceu as mulheres a torrar o trigo. Elas, então, pegaram o trigo e fizeram isso, sem o consentimento dos homens.

A terra, contudo, recebendo o trigo torrado, não fez brotar seus frutos anuais. Então, Átamas, enviado embaixada a Delfos, perguntou acerca do fim da infertilidade. Ino, por sua vez, convenceu os enviados a falar que fora proclamado que a infertilidade cessaria, se Frixo fosse imolado a Zeus.

Depois de ouvir isso, Átamas, pressionado pelos habitantes daquela terra, colocou Frixo no altar, mas Néfele, junto com sua filha, resgatou-o e deu a ele o carneiro de velo dourado, recebido de Hermes, com o qual subiram pelo céu, atravessando terra e mar. Quando estavam no meio do mar que se estende de Sigeu ao Queroneo, Hele caiu nas profundezas e morreu: por causa dela o mar foi chamado de Helesponto. Frixo foi para a Cólquida, onde reinava Eetes, filho de Hélio e Perse, irmão de Circe e Pasífae, com quem Minos se casou.

οὗτος αὐτὸν ὑποδέχεται, καὶ μίαν
τῶν θυγατέρων Χαλκιόπην
δίδωσιν. ὁ δὲ τὸν χρυσόμαλλον
κρίον Διὶ θύει φυξίῳ, τὸ δὲ τούτου
δέρας Αἰήτη δίδωσιν: ἐκεῖνος δὲ
αὐτὸ περὶ δρυῶν ἐν Ἄρεος ἄλσει
καθήλωσεν. ἐγένοντο δὲ ἐκ
Χαλκιόπης Φρίξω παῖδες Ἄργος
Μέλας Φρόντις Κυτίσωρος.

1.9.2

Ἀθάμας δὲ ὕστερον διὰ μῆνιν
Ἥρας καὶ τῶν ἐξ Ἴνου ἐστερήθη
παίδων: αὐτὸς μὲν γὰρ μανεῖς
ἐτόξευσε Λέαρχον, Ἰνώ δὲ
Μελικέρτην μεθ' ἑαυτῆς εἰς
πέλαγος ἔρριψεν. ἐκπεσῶν δὲ τῆς
Βοιωτίας ἐπυρθάνετο τοῦ θεοῦ
ποῦ κατοικήσει: χρησθέντος δὲ
αὐτῷ κατοικεῖν ἐν ὧπερ ἂν τόπῳ
ὑπὸ ζώων ἀγρίων ξενισθῆ, πολλὴν
χώραν διελθῶν ἐνέτυχε λύκοις
προβάτων μοίρας νεμομένοις: οἱ
δέ, θεωρήσαντες αὐτόν, ἅ
διηροῦντο ἀπολιπόντες ἔφυγον.
Ἀθάμας δὲ κτίσας τὴν χώραν
Ἀθαμαντίαν ἀφ' ἑαυτοῦ
προσηγόρευσε, καὶ γήμας
Θεμιστῶ τὴν Ὑψέως ἐγέννησε
Λεύκωνα Ἐρύθριον Σχοινέα
Πτῶον.

1.9.3

Σίσυφος δὲ ὁ Αἰόλου κτίσας
Ἐφύραν τὴν νῦν λεγομένην
Κόρινθον γαμειῖ Μερόπην τὴν
Ἄτλαντος. ἐξ αὐτῶν παῖς γίνεται
Γλαῦκος, ᾧ παῖς Βελλεροφόντης
ἐξ Εὐρυμέδης ἐγεννήθη, ὃς ἔκτεινε
τὴν πυρίπνου Χίμαιραν.

Eetes o hospedou e Ihe ofereceu
uma de suas filhas, Calcíope. Frixo,
então, sacrificou o carneiro de velo de
ouro a Zeus que dá refúgio e a pele do
animal deu a Aietes, que a pregou num
carvalho no bosque de Ares. Frixo e
Calcíope deram à luz os seus filhos
Argos, Melas, Frôntis, Citissoro.

1.9.2

Depois, Átamas foi despojado de seus
filhos com Ino pela cólera de Hera, pois
ele, enlouquecido, atirou flechas em
Learco, enquanto Ino jogou a si própria
e Melicertes no mar. Átamas deixou a
Beócia e perguntou ao deus onde
deveria habitar: informado a morar onde
quer que fosse recebido por animais
selvagens, percorreu grande parte do
país e encontrou-se com lobos
devorando partes dos rebanhos. Depois
que o viram, os animais abandonaram
sua presa, dispersaram en fugiram.
Átamas se estabeleceu naquele país e
por causa dele o chamou de Atamântia.
Casou-se com Temisto, filha de Hipseu,
e deu à luz Leuco, Eritrio, Esqueneu e
Ptooo.

1.9.3

Sísifo, filho de Éolo, fundou Éfira,
agora chamada de Corinto, e casou-se
com Mérope, filha de Atlas. Deles
nasceu o filho Glauco, que de Eurimede
teve o filho Belerofonte, quem matou a
Quimera cuspidora de fogo.

κολάζεται δὲ Σίσυφος ἐν Ἄιδου
πέτρον ταῖς χερσὶ καὶ τῇ κεφαλῇ
κυλίων, καὶ τοῦτον ὑπερβάλλειν
θέλων: οὗτος δὲ ὠθούμενος ὑπ'
αὐτοῦ ὠθεῖται πάλιν εἰς τοῦπίσω.
τίνει δὲ ταύτην τὴν δίκην διὰ τὴν
Ἄσωποῦ θυγατέρα Αἴγιναν:
ἀρπάσαντα γὰρ αὐτὴν κρύφα Δία
Ἄσωπῶ μηνῦσαι ζητοῦντι λέγεται.

1.9.4

Δηϊῶν δὲ βασιλεύων τῆς Φωκίδος
Διομήδην τὴν Ξούθου γαμεῖ, καὶ
αὐτῶ γίνεται θυγάτηρ μὲν
Ἄστεροδία, παῖδες δὲ Αἰνετὸς
Ἄκτωρ Φύλακος Κέφαλος, ὃς
γαμεῖ Πρόκριν τὴν Ἐρεχθέως.
αὐθις δὲ ἡ Ἥως αὐτὸν ἀρπάζει
ἐρασθεῖσα.

1.9.5

Περιήρης δὲ Μεσσήνην κατασχὼν
Γοργοφόνην τὴν Περσέως ἔγημεν,
ἐξ ἧς Ἀφαρεὺς αὐτῶ καὶ
Λεύκιππος καὶ Τυνδάρεως ἔτι τε
Ἰκάριος παῖδες ἐγένοντο. πολλοὶ
δὲ τὸν Περιήρην λέγουσιν οὐκ
Αἰόλου παῖδα ἀλλὰ Κυνόρτα τοῦ
Ἀμύκλα: διόπερ τὰ περὶ τῶν
Περιήρους ἐκγόνων ἐν τῶ
Ἀτλαντικῶ γένει δηλώσομεν.

1.9.6

Μάγνης δὲ γαμεῖ νύμφην νηίδα,
καὶ γίνονται αὐτῶ παῖδες
Πολυδέκτης καὶ Δίκτυς: οὗτοι
Σέριφον ᾤκισαν.

No Hades, Sísifo foi condenado a rolar uma pedra com as mãos e a cabeça, desejando chegar ao topo com ela. Ao empurrar a pedra para frente, ela precipita-se de volta. Sísifo paga essa punição por Egina, filha de Asopo, pois quando Zeus a sequestrou secretamente, diz-se que Sísifo contou isso a Asopo, que a procurava.

1.9.4

Déion, que governava a Fócida, casou-se com Diomedes, filha de Xuto, e deu à luz sua filha Asteródia, e os filhos Êneto, Actor, Fílaco e Céfalo, que se casou com Prócris, filha de Erecteu. Mais tarde, apaixonada por ele, Aurora o raptou.

1.9.5

Perieres se apoderou de Messene e casou-se com Gorgófone, filha de Perseu, com quem engendrou seus filhos Afareu, Leucipo, Tindareu e também Icário. Muitos afirmam que Perieres não era filho de Éolo, mas de Cinortas, filho de Amiclas. Assim, acerca dos descendentes de Perieres trataremos deles quando falarmos da família de Atlas.

1.9.6

Magnes se casou com uma ninfá náiaide e teve seus filhos Polidectes e Díctis, que fundaram Sérifos.

1.9.7

Σαλμωνεύς δὲ τὸ μὲν πρῶτον περὶ
 Θεσσαλίαν κατῶκει,
 παραγενόμενος δὲ αὖθις εἰς Ἥλιν
 ἐκεῖ πόλιν ἔκτισεν. ὕβριστῆς δὲ ὢν
 καὶ τῷ Διὶ ἐξισοῦσθαι θέλων διὰ
 τὴν ἀσέβειαν ἐκολάσθη: ἔλεγε
 γὰρ ἑαυτὸν εἶναι Δία, καὶ τὰς
 ἐκείνου θυσίας ἀφελόμενος ἑαυτῷ
 προσέτασσε θύειν, καὶ βύρσας μὲν
 ἐξηραμμένας ἐξ ἄρματος μετὰ
 λεβήτων χαλκῶν σύρων ἔλεγε
 βροντᾶν, βάλλων δὲ εἰς οὐρανὸν
 αἰθομένας λαμπάδας ἔλεγεν
 ἀστράπτειν. Ζεὺς δὲ αὐτὸν
 κεραυνώσας τὴν κτισθεῖσαν ὑπ'
 αὐτοῦ πόλιν καὶ τοὺς οἰκήτορας
 ἠφάνισε πάντας.

1.9.8

Τυρῶ δὲ ἡ Σαλμωνέως θυγάτηρ
 καὶ Ἀλκιδίκης παρὰ Κρηθεῖ τῷ
 Σαλμωνέως ἀδελφῷ τρεφομένη
 ἔρωτα ἴσχει Ἐνιπέως τοῦ ποταμοῦ,
 καὶ συνεχῶς ἐπὶ τὰ τούτου ῥεῖθρα
 φοιτῶσα τούτοις ἐπωδύρετο.
 Ποσειδῶν δὲ εἰκασθεὶς Ἐνιπεῖ
 συγκατεκλίθη αὐτῇ: ἡ δὲ
 γεννήσασα κρύφα διδύμους
 παῖδας ἐκτίθησιν. ἐκκειμένων δὲ
 τῶν βρεφῶν, παριόντων
 ἵπποφορβῶν ἵππος μία
 προσαψαμένη τῇ χηλῇ θατέρου
 τῶν βρεφῶν πέλιόν τι τοῦ
 προσώπου μέρος ἐποίησεν. ὁ δὲ
 ἵπποφορβὸς ἀμφοτέρους τοὺς
 παῖδας ἀνελόμενος ἔθρεψε, καὶ
 τὸν μὲν πελιωθέντα Πελίαν
 ἐκάλεσε, τὸν δὲ ἕτερον Νηλέα.

1.9.7

Salmoneu primeiro habitou a Tessália; mais tarde chegou a Élis e lá fundou uma cidade. Arrogante e desejando igualar-se a Zeus, foi punido por sua impiedade, pois dizia ser ele próprio Zeus, cujos sacrifícios ele recolhia e ordenava oferecê-los a si mesmo. Além disso, dizia tropejar ao arrastar peles ressecadas e caldeirões de bronze em sua carruagem; e ao jogar para o céu tochas em chamas, afirmava relampejar. Zeus o fulminou com o raio e fez desaparecer a cidade fundada por ele, bem como todos os seus habitantes.

1.9.8

Tiro, filha de Salmoneu e Alcídice, criada por Creteu, irmão de Salmoneu, apaixonou-se pelo rio Enipeu e com frequência ela se lamentava, enquanto vagava sobre sua correnteza. Poseidon, na forma de Enipeu, deitou-se com ela, que, às escondidas, deu à luz filhos gêmeos e os abandonou. Uma vez expostos os recém-nascidos, uma égua de um guardador de cavalos que ali passava golpeou com o casco o rosto de um dos bebês e cravou-lhe uma marca no rosto. O cocheiro, então, tomou em seus braços ambas as crianças, alimentou-as e chamou de Pélias o menino marcado pelo casco e o outro, de Neleu.

τελειωθέντες δὲ ἀνεγνώρισαν τὴν
μητέρα, καὶ τὴν μητροῖαν
ἀπέκτειναν Σιδηρῶ: κακουμένην
γὰρ γνόντες ὑπ' αὐτῆς τὴν μητέρα
ᾠρμησαν ἐπ' αὐτήν, ἥ δὲ φθάσασα
εἰς τὸ τῆς Ἥρας τέμενος
κατέφυγε, Πελίας δὲ ἐπ' αὐτῶν
τῶν βωμῶν αὐτὴν κατέσφαξε, καὶ
καθόλου διετέλει τὴν Ἥραν
ἀτιμάζων.

1.9.9

ἔστασίασαν δὲ ὕστερον πρὸς
ἀλλήλους, καὶ Νηλεὺς μὲν
ἐκπεσὼν ἦκεν εἰς Μεσσήνην καὶ
Πύλον κτίζει, καὶ γαμει Χλωρίδα
τὴν Ἀμφίονος, ἐξ ἧς αὐτῷ γίνεται
θυγάτηρ μὲν Πηρῶ, ἄρρενες δὲ
Ταῦρος Ἀστέριος Πυλάων
Δηίμαχος Εὐρύβιος Ἐπίλαος
Φράσιος Εὐρυμένης Εὐαγόρας
Ἀλάστωρ Νέστωρ Περικλύμενος,
ᾧ δὴ καὶ Ποσειδῶν δίδωσι
μεταβάλλειν τὰς μορφάς, καὶ
μαχόμενος ὅτε Ἡρακλῆς
ἐξεπόρθει Πύλον, γινόμενος ὅτε
μὲν λέων ὅτε δὲ ὄφις ὅτε δὲ
μέλισσα, ὑφ' Ἡρακλέους μετὰ τῶν
ἄλλων Νηλέως παίδων ἀπέθανεν.
ἔσώθη δὲ Νέστωρ μόνος, ἐπειδὴ
παρὰ Γερηνίοις ἐτρέφετο: ὃς
γῆμας Ἀναξιβίαν τὴν Κρατιέως
θυγατέρας μὲν Πεισιδίκην καὶ
Πολυκάστην ἐγέννησε, παῖδας δὲ
Περσέα Στράτιχον Ἄρητον
Ἐχέφρονα Πεισιστρατον
Ἀντίλοχον Θρασυμήδην.

Já maduros, os dois conheceram sua
mãe e mataram sua madrasta, Sidero,
pois souberam que sua mãe era
maltratada por ela e a atacaram. Sidero,
contudo, antecipou-se e fugiu para o
templo de Hera. Pélias a matou nos
próprios altares e de modo geral
continuou a tratar Hera com desonra.

1.9.9

Mais tarde, revoltados os irmãos um
com o outro, Neleu, banido, foi para
Messene, fundou Pilo e casou-se com
Clóris, filha de Anfion, com quem deu à
luz sua filha Pero, e os homens Tauro,
Astério, Pilaon, Deímaco, Euríbio,
Epilau, Frásio, Eurímenes, Evágoras,
Alastor, Nestor e Periclímene: a este
Poseidon proporcionou mudar de
forma. Quando Hércules arruinava Pilo,
Periclímene, enquanto combatia,
tornando-se ora um leão, ora uma
serpente, ora uma abelha, Periclímene
foi morto por Hércules junto com os
outros filhos de Neleu. Somente Nestor
foi salvo, porque foi criado junto aos
gerênios; casou-se com Anaxíbia, filha
de Cratieu, e gerou suas filhas Pisídice e
Policasta e seus filhos Perseu, Estratégico,
Areto, Équefron, Pisístrato, Antíloco e
Trasímedes.

1.9.10

Πελίας δὲ περὶ Θεσσαλίαν
κατώκει, καὶ γήμας Ἀναξιβίαν τὴν
Βίαντος, ὡς δὲ ἔνιοι Φυλομάχην
τὴν Ἀμφίονος, ἐγέννησε παῖδα
μὲν Ἄκαστον, θυγατέρας δὲ
Πεισιδίκην Πελόπειαν Ἴπποθόην
Ἄλκηστιν.

1.9.11

Κρηθεὺς δὲ κτίσας Ἴωλκὸν γαμεῖ
Τυρῶ τὴν Σαλμωνέως, ἐξ ἧς αὐτῶ
γίνονται παῖδες Αἴσων Ἀμυθάων
Φέρης. Ἀμυθάων μὲν οὖν οἰκῶν
Πύλον Εἰδομένην γαμεῖ τὴν
Φέρητος, καὶ γίνονται παῖδες αὐτῶ
Βίας καὶ Μελάμπους, ὃς ἐπὶ τῶν
χωρίων διατελῶν, οὔσης πρὸ τῆς
οικήσεως αὐτοῦ δρυὸς ἐν ἧ φωλεὸς
ὄφρων ὑπῆρχεν, ἀποκτεινάντων
τῶν θεραπόντων τοὺς ὄφεις τὰ
μὲν ἔρπετὰ ξύλα συμφορήσας
ἔκαυσε, τοὺς δὲ τῶν ὄφρων
νεοσσοὺς ἔθρεψεν. οἱ δὲ γενόμενοι
τέλειοι παραστάντες αὐτῶ
κοιμωμένῳ τῶν ὤμων ἐξ ἑκατέρου
τὰς ἀκοὰς ταῖς γλώσσαις
ἐξεκάθειρον. ὁ δὲ ἀναστὰς καὶ
γενόμενος περιδεὴς τῶν
ὑπερπετομένων ὀρνέων τὰς
φωνὰς συνίει, καὶ παρ' ἐκείνων
μανθάνων προύλεγε τοῖς
ἀνθρώποις τὰ μέλλοντα.
προσέλαβε δὲ καὶ τὴν διὰ τῶν
ἰερῶν μαντικήν, περὶ δὲ τὸν
Ἄλφειὸν συντυχῶν Ἀπόλλωνι τὸ
λοιπὸν ἄριστος ἦν μάντις.

1.9.10

Pélias habitou a Tessália e se casou
com Anaxíbia, filha de Bias, ou,
segundo alguns, com Filômaca, filha de
Anfíon, e engendrou seu filho Acasto e
suas filhas Pisídice, Pelopéia, Hipótoe e
Alceste.

1.9.11

Creteu fundou Iolco e se casou com
Tiro, filha de Salmoneu, com quem teve
os filhos Éson, Amítaon e Feres.
Amítaon, então, morando em Pilo,
casou-se com Eidomene, filha de Feres,
e teve os filhos Bias e Melampo. Este
passava a vida nos campos e em frente a
sua casa estava um carvalho em que
havia um ninho de serpentes. Seus
serviçais mataram as cobras e ele reuniu
pedaços de madeiras, incendiou os
répteis e alimentou os filhotes, que, já
crescidos, colocaram-se sobre cada um
dos ombros de Melampo, quando
adormecido, e depuravam-lhe as orelhas
com suas línguas.

Melampo se levantou apavorado,
mas percebeu os sons dos pássaros que
o sobrevoavam e, aprendendo com eles,
predizia o que estava destinado aos
homens. Adquiriu também a arte da
adivinhação dos auspícios e depois de
encontrar-se com Apolo na região de
Alfeio, passou a ser o melhor adivinho.

1.9.12

Βίας δὲ ἐμνηστεύετο Πηρῶ τὴν
Νηλέως: ὁ δὲ πολλῶν αὐτῶ
μνηστευομένων τὴν θυγατέρα
δώσειν ἔφη τῶ τὰς Φυλάκου βόας
κομίσαντι αὐτῶ. αὗται δὲ ἦσαν ἐν
Φυλάκῃ, καὶ κύων ἐφύλασσε
αὐτὰς οὔ οὔτε ἄνθρωπος οὔτε
θηρίον πέλας ἐλθεῖν ἠδύνατο.
ταύτας ἀδυνατῶν Βίας τὰς βόας
κλέψαι παρεκάλει τὸν ἀδελφὸν
συλλαβέσθαι. Μελάμπους δὲ
ὑπέσχετο, καὶ προεῖπεν ὅτι
φωραθήσεται κλέπτων καὶ δεθεῖς
ἐνιαυτὸν οὕτω τὰς βόας λήψεται.
μετὰ δὲ τὴν ὑπόσχεσιν εἰς
Φυλάκην ἀπήει καί, καθάπερ
προεῖπε, φωραθεὶς ἐπὶ τῇ κλοπῇ
δέσμιος ἐν οἰκῆματι ἐφυλάσσετο.
λειπομένου δὲ τοῦ ἐνιαυτοῦ
βραχέος χρόνου, τῶν κατὰ τὸ
κρυφαῖον τῆς στέγης σκωλήκων
ἀκούει, τοῦ μὲν ἐρωτῶντος πόσον
ἤδη μέρος τοῦ δοκοῦ διαβέβρωται,
τῶν δὲ ἀποκρινομένων λοιπὸν
ἐλάχιστον εἶναι. καὶ ταχέως
ἐκέλευσεν αὐτὸν εἰς ἕτερον
οἶκημα μεταγαγεῖν, γενομένου δὲ
τούτου μετ' οὐ πολὺ συνέπεσε τὸ
οἶκημα. θαυμάσας δὲ Φύλακος,
καὶ μαθὼν ὅτι ἐστὶ μάντις ἄριστος,
λύσας παρεκάλει εἰπεῖν ὅπως
αὐτοῦ τῶ παιδὶ Ἰφίκλῳ παῖδες
γένωνται. ὁ δὲ ὑπέσχετο ἐφ' ᾧ τὰς
βόας λήψεται. καὶ καταθύσας
ταύρους δύο καὶ μελίσας τοὺς
οἰωνοὺς προσεκαλέσατο:

1.9.12

Bias pretendia casar-se com Pero, filha de Neleu, que, como eram muitos os pretendentes a sua filha, disse que daria a mão dela a quem lhe trouxesse as vacas de Filaco. Elas estavam na Fílaca, e um cão as protegia para que nenhum homem ou animal selvagem fosse capaz de aproximar-se. Incapaz de roubar essas vacas, Bias chamou seu irmão para ajudar. Melampo prometeu auxiliá-lo e previu que ele próprio fosse pego roubando, para, dessa forma, apoderar-se das vacas depois de preso por um ano. Com essa promessa, partiu para Fílaca e, conforme previra, foi detectado pelo roubo e mantido preso numa cela.

Prestes a findar o ano, Melampo ouviu vermes numa parte escondida do telhado, uma delas perguntando a quantidade já consumida da viga, e outras respondendo ser pouco o que restava. Rapidamente pediu para que o transferissem a outra cela, e, em pouco tempo, aquela em que estava caiu. Muito admirado ao saber que ele era um grande adivinho, Fílaco o soltou e o chamou para dizer como seu filho Íficlo poderia gerar filhos. Melampo prometeu contar somente se ficasse com as vacas; sacrificou dois touros, cortou-os em pedaços e invocou os pássaros:

παραγενομένου δὲ αἰγυπιοῦ, παρὰ
τούτου μανθάνει δὴ ὅτι Φύλακός
ποτε κριούς τέμνων ἐπὶ τῶν
αἰδοίων παρὰ τῷ Ἰφίκλῳ τὴν
μάχαιραν ἠμαγμένην ἔτι
κατέθετο, δείσαντος δὲ τοῦ παιδὸς
καὶ φυγόντος αὐθις κατὰ τῆς ἱερᾶς
δρυὸς αὐτὴν ἔπηξε, καὶ ταύτην
ἀμφιτροχάσας ἐκάλυψεν ὁ φλοιός.
ἔλεγεν οὖν, εὐρεθείσης τῆς
μαχαίρας εἰ ξύων τὸν ἰὸν ἐπὶ
ἡμέρας δέκα Ἰφίκλῳ δῶ πειῖν,
παῖδα γεννήσειν. ταῦτα μαθὼν
παρ' αἰγυπιοῦ Μελάμπους τὴν
μὲν μάχαιραν εὔρε, τῷ δὲ Ἰφίκλῳ
τὸν ἰὸν ξύσας ἐπὶ ἡμέρας δέκα
δέδωκε πειῖν, καὶ παῖς αὐτῷ
Ποδάρκης ἐγένετο. τὰς δὲ βόας εἰς
Πύλον ἤλασε, καὶ τῷ ἀδελφῷ τὴν
Νηλέως θυγατέρα λαβὼν ἔδωκε.
καὶ μέχρι μὲν τινος ἐν Μεσσήνῃ
κατῴκει, ὡς δὲ τὰς ἐν Ἄργει
γυναῖκας ἐξέμηνε Διόνυσος, ἐπὶ
μέρει τῆς βασιλείας ἰασάμενος
αὐτὰς ἐκεῖ μετὰ Βίαντος κατῴκησε

1.9.13

Βίαντος δὲ καὶ Πηροῦς Ταλαός, οὗ
καὶ Λυσιμάχης τῆς Ἄβαντος τοῦ
Μελάμποδος Ἄδραστος
Παρθενοπαῖος Πρῶναξ Μηκιστεὺς
Ἀριστόμαχος Ἐριφύλη, ἦν
Ἀμφιάραος γαμεῖ. Παρθενοπαῖου
δὲ Πρόμαχος ἐγένετο, ὃς μετὰ τῶν
ἐπιγόνων ἐπὶ Θήβας ἐστρατεύθη,
Μηκιστέως δὲ Εὐρύαλος, ὃς ἦκεν
εἰς Τροίαν. Πρῶνακτος δὲ ἐγένετο
Λυκοῦργος, Ἀδράστου δὲ καὶ
Ἀμφιθέας τῆς Πρῶνακτος
θυγατέρες μὲν Ἀργεία Δηιπύλη
Αἰγιάλεια, παῖδες δὲ Αἰγιαλεὺς καὶ
Κυάνιππος.

Um abutre se aproximou, junto ao
qual Melampo ficou sabendo que
Fílaco, certa vez, castrou carneiros e
colocou o cutelo ensanguentado ao lado
de Íficlo. O menino se assustou e fugiu.
Fílaco, então, fincou a faca no carvalho
sagrado, cuja casca, rapidamente,
cobriu-a.

Melampo, então, disse que, se
descoberto o cutelo, raspando-lhe a
ferrugem e entregando-a a Íficlo para
beber por dez dias, nasceria uma
criança. Após tomar conhecimento
disso da parte do abutre, ele encontrou o
cutelo, raspou-lhe a ferrugem e a deu de
beber a Íficlo por dez dias; assim nasceu
o filho dele, Podarces. Melampo levou
as vacas para Pilo, recebeu a filha de
Neleu, mas a entregou ao seu irmão.
Até certo tempo, habitou em Messene,
porém quando Dioniso enlouqueceu as
mulheres em Argos, Melampo as curou
em troca de uma parte do reino e por lá
morou com Bias.

1.9.13

De Bias e Pero nasceu Tálao,
com quem se casou Lisímaca, filha de
Abas, por sua vez, filho de Melampo, e
deles nasceram Adrasto, Partenopeu,
Prônax, Mecisteu, Aristômaco e Erifila,
com quem Anfiarau se casou. De
Partenopeu nasceu Prômaco, que
marchou contra Tebas junto com os
epígonos. De Mecisteu nasceu Euríalo,
que foi para Tróia. De Prônax nasceu
Licurgo, de Adrasto e de Anfítea, filha
de Prônax, nasceram suas filhas Árgia,
Deípíle, Egiatéia, e seus filhos Egialeu e
Cianipo.

1.9.14

Φέρης δὲ ὁ Κρηθέως Φεράς ἐν
 Θεσσαλία κτίσας ἐγέννησεν
 Ἄδμητον καὶ Λυκοῦργον.
 Λυκοῦργος μὲν οὖν περὶ Νεμέαν
 κατώκησε, γήμας δὲ Εὐρυδίκην, ὡς
 δὲ ἔνιοί φασιν Ἀμφιθέαν,
 ἐγέννησεν Ὀφέλτην τὸν ὕστερον
 κληθέντα Ἀρχέμορον.

1.9.15

Ἀδμήτου δὲ βασιλεύοντος τῶν
 Φερῶν, ἐθήτευσεν Ἀπόλλων αὐτῷ
 μνηστευομένῳ τὴν Πελίου
 θυγατέρα Ἄλκηστιν. ἐκείνου δὲ
 δώσειν ἐπαγγειλαμένου τὴν
 θυγατέρα τῷ καταζεύξαντι ἄρμα
 λέοντος καὶ κάπρου, Ἀπόλλων
 ζεύξας ἔδωκεν: ὁ δὲ κομίσας πρὸς
 Πελίαν Ἄλκηστιν λαμβάνει. θύων
 δὲ ἐν τοῖς γάμοις ἐξελάθετο
 Ἀρτέμιδι θῦσαι: διὰ τοῦτο τὸν
 θάλαμον ἀνοίξας εὗρε δρακόντων
 σπειράμασι πεπληρωμένον.
 Ἀπόλλων δὲ εἰπὼν ἐξιλάσκεσθαι
 τὴν θεόν, ἠτήσατο παρὰ μοιρῶν
 ἵνα, ὅταν Ἄδμητος μέλλῃ
 τελευτᾶν, ἀπολυθῇ τοῦ θανάτου,
 ἂν ἐκουσίως τις ὑπὲρ αὐτοῦ
 θνήσκῃν ἔληται. ὡς δὲ ἦλθεν ἡ
 τοῦ θνήσκῃν ἡμέρα, μήτε τοῦ
 πατρὸς μήτε τῆς μητρὸς ὑπὲρ
 αὐτοῦ θνήσκῃν θελόντων,
 Ἄλκηστις ὑπεραπέθανε. καὶ αὐτὴν
 πάλιν ἀνέπεμψεν ἡ Κόρη, ὡς δὲ
 ἔνιοι λέγουσιν, Ἡρακλῆς πρὸς
 αὐτὸν ἀνεκόμισε μαχεσάμενος
 Ἄϊδη.

1.9.14

Feres, filho de Creteu, fundou Feras, na Tessália e deu à luz Admeto e Licurgo. Este, por sua vez, residiu em Neméia, casou-se com Eurídice, ou segundo alguns, com Anfitéia e gerou Ofeltes, que mais tarde foi chamado de Arquêmoros.

1.9.15

Apolo serviu Admeto, enquanto este governava Feras, e pretendia casar-se com Alceste, filha de Pélias, que anunciou que daria sua filha a quem atrelasse um leão e um javali numa carruagem. Apolo os atrelou e os entregou a Admeto, que os levou até Pélias e, assim, obteve Alceste. O rei de Feras ofereceu sacrifícios em seu casamento, mas se esqueceu de sacrificar em honra a Ártemis: por causa disso, ao abrir seu quarto, descobriu-o repleto de cobras espiraladas. Apolo disse à deusa que se acalmasse e pediu às Moiras que, quando Admeto estivesse prestes a morrer, fosse livrado da morte, se voluntariamente alguém escolhesse morrer no lugar dele. Quando chegou o dia de sua morte, nem seu pai nem sua mãe desejaram morrer em seu lugar, mas Alceste morreu por ele. Cora (Perséfone), contudo, levou-a de volta à superfície, ou conforme dizem, Hércules lutou no Hades e a trouxe de volta.

1.9.16

Αἴσονος δὲ τοῦ Κρηθέως καὶ
Πολυμήδης τῆς Αὐτολύκου Ἰάσων.
οὗτος ᾧκει ἐν Ἴωλκῶ, τῆς δὲ
Ἴωλκοῦ Πελίας ἐβασίλευσε μετὰ
Κρηθέα, ᾧ χρωμένῳ περὶ τῆς
βασιλείας ἐθέσπισεν ὁ θεὸς τὸν
μονοσάνδαλον φυλάξασθαι. τὸ
μὲν οὖν πρῶτον ἠγνῶει τὸν
χρησμόν, αὐθις δὲ ὕστερον αὐτὸν
ἔγνω. τελῶν γὰρ ἐπὶ τῇ θαλάσῃ
Ποσειδῶνι θυσίαν ἄλλους τε
πολλοὺς ἐπὶ ταύτῃ καὶ τὸν Ἰάσωνα
μετεπέμψατο. ὁ δὲ πόθῳ γεωργίας
ἐν τοῖς χωρίοις διατελῶν ἔσπευσεν
ἐπὶ τὴν θυσίαν: διαβαίνων δὲ
ποταμὸν Ἄναυρον ἐξῆλθε
μονοσάνδαλος, τὸ ἔτερον
ἀπολέσας ἐν τῷ ῥείθῳ πέδιλον.
θεασάμενος δὲ Πελίας αὐτὸν καὶ
τὸν χρησμόν συμβαλὼν ἠρώτα
προσελθὼν, τί ἂν ἐποίησεν
ἐξουσίαν ἔχων, εἰ λόγιον ἦν αὐτῷ
πρὸς τινος φονευθήσεσθαι τῶν
πολιτῶν. ὁ δὲ, εἴτε ἐπελθὼν ἄλλως,
εἴτε διὰ μῆνιν Ἑρας, ἵν' ἔλθοι
κακὸν Μήδεια Πελία (τὴν γὰρ
Ἑραν οὐκ ἐτίμα) , 'τὸ
χρυσόμαλλον δέρας' ἔφη
'προσέταπτον ἂν φέρειν αὐτῷ.'
τοῦτο Πελίας ἀκούσας εὐθύς ἐπὶ
τὸ δέρας ἐλθεῖν ἐκέλευσεν αὐτόν.
τοῦτο δὲ ἐν Κόλχοις ἦν ἐν Ἄρεος
ἄλσει κρεμᾶμενον ἐκ δρυός,
ἐφρουρεῖτο δὲ ὑπὸ δράκοντος
ἀύπνου.

1.9.16

De Polimede, filha, de Autólico,
Éson, filho de Creteu, deu à luz Jasão,
que habitou em Iolco, onde, depois de
Creteu, governou Pélias, a quem o deus,
proferindo oráculo acerca do reino,
advertiu para que se precavesse contra o
homem calçado só com uma sandália.
Pélias a princípio não compreendeu o
oráculo; mais tarde, porém, entendeu.

Ao realizar um sacrificio para
Poseidon, no mar, convocou para que
viesses Jasão e muitos outros. Vivendo
nos campos, Jasão tinha paixão pela
agricultura e se apressou para o
sacrificio. Ao atravessar o rio Anauro,
partiu apenas com uma sandália, já que
a outra desaparecera na correnteza.
Quando Pélias o viu, interpretou o
oráculo e, aproximando-se, perguntou-
lhe o que ele faria, caso tivesse poder
para isso, se lhe fosse dado um oráculo
segundo o qual ele seria assassinado por
um dos cidadãos. Jasão, então, quer
viesses por acaso, quer pela ira de Hera,
para que Medéia levasse desgraça a
Pélias (pois ele não honrava Hera),
disse “ordenaria que trouxesse o velo de
ouro”. Ao ouvir isso, Pélias
imediatamente o ordenou a ir atrás do
velo de ouro, que ficava na Cólquida,
no bosque de Ares, suspenso num
carvalho, protegido por uma serpente
que nunca dormia.

ἐπὶ τοῦτο πεμπόμενος Ἰάσων
Ἄργον παρεκάλεσε τὸν Φρίξου,
κἀκεῖνος Ἀθηνᾶς ὑποθεμένης
πεντηκόντορον ναῦν κατεσκεύασε
τὴν προσαγορευθεῖσαν ἀπὸ τοῦ
κατασκευάσαντος Ἀργώ: κατὰ δὲ
τὴν προῶραν ἐνήρμοσεν Ἀθηνᾶ
φωνῆεν φηγοῦ τῆς Δωδωνίδος
ξύλον. ὥς δὲ ἡ ναῦς
κατεσκευάσθη, χρωμένω ὁ θεὸς
αὐτῷ πλεῖν ἐπέτρεψε
συναθροίσαντι τοὺς ἀρίστους τῆς
Ἑλλάδος. οἱ δὲ συναθροισθέντες
εἰσὶν οἶδε: Τίφυς Ἀγνίου, ὃς
ἐκυβέρνα τὴν ναῦν, Ὀρφεὺς
Οἰάγρου, Ζήτης καὶ Κάλαϊς
Βορέου, Κάστωρ καὶ Πολυδεύκης
Διός, Τελαμών καὶ Πηλεὺς Αἰακοῦ,
Ἡρακλῆς Διός, Θησεὺς Αἰγέως,
Ἴδας καὶ Λυγκεὺς Ἀφαρέως,
Ἀμφιάραος Οἰκλέους, Καινεὺς
Κορώνου Παλαίμων Ἡφαίστου ἢ
Αἰτωλοῦ, Κηφεὺς Ἀλεοῦ, Λαέρτης
Ἀρκεισίου, Αὐτόλυκος Ἑρμοῦ,
Ἀταλάντη Σχοινέως, Μενοίτιος
Ἄκτορος, Ἄκτωρ Ἴππᾶσου,
Ἄδμητος Φέρητος, Ἄκαστος
Πελίου, Εὐρυτος Ἑρμοῦ,
Μελέαγρος Οἰνέως, Ἀγκαῖος
Λυκούργου, Εὐφημος Ποσειδῶνος,
Ποίας Θαυμακού, Βούτης
Τελέοντος, Φᾶνος καὶ Στάφυλος
Διονύσου, Ἐργῖνος Ποσειδῶνος,
Περικλύμενος Νηλέως, Αὐγέας
Ἥλιου, Ἴφικλος Θεστίου, Ἄργος
Φρίξου, Εὐρύαλος Μηκιστέως,
Πηνέλεως Ἴππάλμου, Λήιτος
Ἀλέκτορος, Ἴφίτος Ναυβόλου,
Ἀσκάλαφος καὶ Ἰάλμενος Ἄρεος,
Ἀστέριος Κομήτου, Πολύφημος
Ἐλάτου.

Enviado por essa razão, Jasão chamou Argo, filho de Frixo, quem, aconselhado por Atena, construiu um navio de cinquenta remos chamado Argo, por causa do nome de seu construtor. Na proa, Atena colocou uma tora de madeira falante do carvalho de Dodona. Quando o barco foi construído, Jasão procurou um oráculo, e o deus lhe informou para navegar reunindo os melhores homens da Hélade. Os homens reunidos foram estes: Tífis, filho de Hágnias, que pilotava o navio; Orfeu, filho de Éagro; Zetas e Cálais, filhos de Bóreas; Castor e Pólux, filhos de Zeus; Télamon e Peleu, filhos de Éaco; Hércules, filho de Zeus; Teseu, filho de Egeu; Idas e Linceu, filhos de Afareu; Anfiarau, filho de Oicles, Ceneu, filho de Coronos; Palaimon, filho de Hefesto ou de Étolo; Cefeu, filho de Aleu; Laertes, filho de Arquísio; Autolico, filho de Hermes; Atalanta, filha de Escoineu; Menécio, filho de Actor; Actor, filho de Hipasso; Admeto, filho de Feres; Acasto, filho de Pélias; Eurito, filho de Hermes; Meleagro, filho de Eneu; Ancaio, filho de Licurgo; Êufemo, filho de Posseidon; Poias, filho de Táumaco; Butes, filho de Téleon; Fano e Estáfílo, filhos de Dioniso; Ergino, filho de Posseidon; Periclímene, filho de Neleu; Áugeas, filho de Hélio; Íficlos, filho de Téstio; Argo, filho de Frixo; Euríalo, filho de Mecisteu; Peneleu, filho de Hipalmo, Leito, filho de Alector; Ífito, filho de Náubolo; Ascálafo e Iálmene, filhos de Ares; Astério, filho de Cometo; Polífemo, filho de Élatos.

1.9.17

οὔτοι ναυαρχοῦντος Ἰάσονος
ἀναχθέντες προσίσχουσι Λήμνω.
ἔτυχε δὲ ἡ Λήμνος ἀνδρῶν τότε
οὔσα ἔρημος, βασιλευομένη δὲ
ὑπὸ Ὑψιπύλης τῆς Θόαντος δι'
αἰτίαν τήνδε. αἱ Λήμνιαι τὴν
Ἀφροδίτην οὐκ ἐτίμων· ἡ δὲ αὐταῖς
ἐμβάλλει δυσοσμίαν, καὶ διὰ τοῦτο
οἱ γήμαντες αὐτὰς ἐκ τῆς πλησίον
Θράκης λαβόντες αἰχμαλωτίδας
συνευνάζοντο αὐταῖς.
ἀτιμαζόμεναι δὲ αἱ Λήμνιαι τοὺς
τε πατέρας καὶ τοὺς ἄνδρας
φονεύουσι· μόνη δὲ ἔσωσεν
Ὑψιπύλη τὸν ἑαυτῆς πατέρα
κρύψασα Θόαντα. προσσχόντες
οὖν τότε γυναικοκρατούμενη τῇ
Λήμνω μίσγονται ταῖς γυναῖξιν.
Ὑψιπύλη δὲ Ἰάσονι συνευνάζεται,
καὶ γεννᾷ παιῖδας Εὐνήον καὶ
Νεβροφόνον.

1.9.18

ἀπὸ Λήμνου δὲ προσίσχουσι
Δολίωσιν, ὧν ἐβασίλευε Κύζικος.
οὗτος αὐτοὺς ὑπεδέξατο
φιλοφρόνως. νυκτὸς δὲ
ἀναχθέντες ἐντεῦθεν καὶ
περιπεσόντες ἀντιπνοίαις,
ἀγνοοῦντες πάλιν τοῖς Δολίωσι
προσίσχουσιν. οἱ δὲ νομίζοντες
Πελασγικὸν εἶναι στρατόν
(ἔτυχον γὰρ ὑπὸ Πελασγῶν
συνεχῶς πολεμούμενοι) μάχην
τῆς νυκτὸς συνάπτουσιν
ἀγνοοῦντες πρὸς ἀγνοοῦντας.

1.9.17

Conduzidos pelo comandante Jasão, os Argonautas aportaram em Lemnos, que calhava de estar, naquele momento, desprovida de homens e, por essa razão, era governada por Hipsípyle, filha de Toas. As moças lêmnicas não honravam Afrodite, que, então, lançou nelas um odor fétido, por causa do qual seus maridos tomaram cativas mulheres de regiões próximas à Trácia e se deitaram com elas. Desonradas, as lêmnicas assassinaram seus pais e os homens, mas somente Hipsípyle escondeu e salvou seu próprio pai, Toas. Então, os Argonautas aportaram em Lemnos, naquele momento governada por mulheres, e se deitaram com elas. Hipsípyle deitou-se com Jasão e deu à luz os seus filhos Euneu e Nebrófono.

1.9.18

Depois de Lemnos, os Argonautas aportaram nas ilhas Dolíosis, das quais Cízico, que os recebeu amigavelmente, era rei. À noite os homens voltaram ao mar, mas toparam com ventos contrários, enganaram-se e aportaram novamente nas ilhas Dolíosis. Os doliones, tomando-os como um exército pelasgo (pois calhavam de estar, continuamente, em guerra com os pelasgos) travaram um combate noturno em mútua ignorância um em relação aos outros.

κτείναντες δὲ πολλοὺς οἱ
Ἄργοναῦται, μεθ' ὧν καὶ Κύζικον,
μεθ' ἡμέραν, ὡς ἔγνωσαν,
ἀποδυράμενοι τὰς τε κόμας
ἐκείραντο καὶ τὸν Κύζικον
πολυτελῶς ἔθαψαν. καὶ μετὰ τὴν
ταφὴν πλεύσαντες Μυσία
προσίσχουσιν.

1.9.19

ἐνταῦθα δὲ Ἡρακλέα καὶ
Πολύφημον κατέλιπον. Ὕλας γὰρ
ὁ Θειοδάμαντος παῖς, Ἡρακλέους
δὲ ἐρώμενος, ἀποσταλεὶς
ὕδρευσασθαι διὰ κάλλος ὑπὸ
νυμφῶν ἠρπάγη. Πολύφημος δὲ
ἀκούσας αὐτοῦ βοήσαντος,
σπασάμενος τὸ ξίφος ἐδίωκεν, ὑπὸ
ληστῶν ἄγεσθαι νομίζων. καὶ
δηλοῖ συντυχόντι Ἡρακλεῖ.
ζητούντων δὲ ἀμφοτέρων τὸν
Ὕλαν ἢ ναῦς ἀνήχθη, καὶ
Πολύφημος μὲν ἐν Μυσία κτίσας
πόλιν Κίον ἐβασίλευσεν, Ἡρακλῆς
δὲ ὑπέστρεψεν εἰς Ἄργος.
Ἡρόδωρος δὲ αὐτὸν οὐδὲ τὴν
ἀρχὴν φησι πλεῦσαι τότε, ἀλλὰ
παρ' Ὀμφάλῃ δουλεύειν.
Φερεκύδης δὲ αὐτὸν ἐν Ἀφεταιῖς
τῆς Θεσσαλίας ἀπολειφθῆναι
λέγει, τῆς Ἀργοῦς φθεγξαμένης
μὴ δύνασθαι φέρειν τὸ τούτου
βάρος. Δημάρατος δὲ αὐτὸν εἰς
Κόλχους πεπλευκότα παρέδωκε:
Διονύσιος μὲν γὰρ αὐτὸν καὶ
ἡγεμόνα φησὶ τῶν Ἀργοναυτῶν
γενέσθαι.

Os Argonautas mataram muitos dos doliosinos, dentre os quais Cízico e, de dia, quando o reconheceram, lamentando profundamente, cortaram-lhe os cabelos e o honraram suntuosamente com funerais. Após esse enterro, navegaram e aportaram na Mísia.

1.9.19

Lá os Argonautas deixaram Hércules e Polifemo, pois o filho de Teodamas, Hílas, amado de Hércules, foi enviado para puxar água, mas por causa da sua beleza, foi levado pelas ninfas. Polifemo o ouviu gritar, desembainhou sua espada e o perseguiu, acreditando que ele fora levado por ladrões. Polifemo se encontrou com Hércules e lhe contou o ocorrido. Enquanto ambos procuravam por Hílas, o navio partiu, e Polifemo, na Mísia, fundou a cidade de Cio e a governou, enquanto Hércules retornou a Argos. A respeito deste, Herodoro conta que Hércules sequer embarcara naquela época, em que estava servindo como escravo de Ônfale. Ferecides, por sua vez, afirma que ele foi deixado em Afetas, na Tessália, depois que a Argo contou que não era capaz de suportar o peso dele. Já Demarato declarou que Hércules navegou para a Cólquida, e Dionísio, que ele se tornou líder dos Argonautas.

1.9.20

ἀπὸ δὲ Μυσίας ἀπῆλθον εἰς τὴν
Βεβρύκων γῆν, ἧς ἐβασίλευεν
Ἄμυκος Ποσειδῶνος παῖς καὶ
νύμφης Βιθυνίδος. γενναῖος δὲ ὢν
οὗτος τοὺς προσσχόντας ξένους
ἠνάγκαζε πυκτεύειν καὶ τοῦτον
τὸν τρόπον ἀνήρει.
παραγενόμενος οὖν καὶ τότε ἐπὶ
τὴν Ἀργῶ τὸν ἄριστον αὐτῶν εἰς
πυγμῆν προεκαλεῖτο. Πολυδεύκης
δὲ ὑποσχόμενος πυκτεύσειν πρὸς
αὐτόν, πλήξας κατὰ τὸν ἀγκῶνα
ἀπέκτεινε. τῶν δὲ Βεβρύκων
ὄρμησάντων πρὸς αὐτόν,
ἀρπάσαντες οἱ ἀριστεῖς τὰ ὄπλα
πολλοὺς φεύγοντας φονεύουσιν
αὐτῶν.

1.9.21

ἐντεῦθεν ἀναχθέντες καταντῶσιν
εἰς τὴν τῆς Θράκης Σαλμυδησσόν,
ἔνθα ᾤκει Φινεὺς μάντις τὰς ὄψεις
πεπηρωμένος. τοῦτον οἱ μὲν
Ἀγήνορος εἶναι λέγουσιν, οἱ δὲ
Ποσειδῶνος υἱόν: καὶ πηρωθῆναί
φασιν αὐτόν οἱ μὲν ὑπὸ θεῶν, ὅτι
προέλεγε τοῖς ἀνθρώποις τὰ
μέλλοντα, οἱ δὲ ὑπὸ Βορέου καὶ
τῶν Ἀργοναυτῶν, ὅτι πεισθεῖς
μητριᾷ τοὺς ἰδίους ἐτύφλωσε
παῖδας, τινὲς δὲ ὑπὸ Ποσειδῶνος,
ὅτι τοῖς Φριξοῦ παισὶ τὸν ἐκ
Κόλχων εἰς τὴν Ἑλλάδα πλοῦν
ἐμήνυσεν. ἔπεμψαν δὲ αὐτῶ καὶ
τὰς ἀρπυίας οἱ θεοί: περωταὶ δὲ
ἦσαν αὐταὶ, καὶ ἐπειδὴ τῶ Φινεῖ
παρετίθετο τράπεζα, ἐξ οὐρανοῦ
καθιπτάμεναι τὰ μὲν πλείονα
ἀνήρπαζον, ὀλίγα δὲ ὅσα ὀσμῆς
ἀνάπλεα κατέλειπον, ὥστε μὴ
δύνασθαι προσενέγκασθαι.

1.9.20

Da Mísia, partiram para a terra dos bébrices, da qual Âmico, filho de Poseidon e da ninfa Bitinis, era rei. De boa estirpe, impelia os estrangeiros aportados a boxear e dessa maneira matava-os. Aproximou-se, então, da Argo e desafiou o melhor dentre os homens para um combate. Pólux encarregou-se de lutar contra ele e o matou com um golpe no cotovelo. Os bébrices avançaram contra Pólux, mas, rapidamente, os comandantes sacaram suas armas e mataram muitos dos que afugentavam.

1.9.21

Dali, levados para o alto mar, os Argonautas chegaram a Salmideso, região da Trácia, onde habitava o adivinho Fineu, que havia perdido a visão. Alguns afirmam que ele era filho de Agenor, outros, de Poseidon: conta-se também que Fineu fora privado da visão pelos deuses, já que predizia aos homens seus destinos; ou por Bóreas e pelos Argonautas, porque fora persuadido por sua mãe adotiva a cegar os próprios filhos. Há quem afirme que foi por Poseidon, já que revelou aos filhos de Frixo a viagem da Cólquida para a Hélade. Os deuses enviaram até Fineu as Harpias, criaturas aladas que, quando uma mesa lhe era servida, do céu voavam em rasante e levaram a maior parte dos suprimentos, deixando a menor com um odor fétido a ponto de ser impossível comê-la.

βουλομένοις δὲ τοῖς Ἀργοναύταις
 τὰ περὶ τοῦ πλοῦ μαθεῖν
 ὑποθήσασθαι τὸν πλοῦν ἔφη, τῶν
 ἄρπυιῶν αὐτὸν εἶν ἀπαλλάξωσιν.
 οἱ δὲ παρέθεσαν αὐτῷ τράπεζαν
 ἐδεσμάτων, ἄρπυιαι δὲ ἐξαίφνης
 σὺν βοῇ καταπτᾶσαι τὴν τροφήν
 ἤρπασαν. θεασάμενοι δὲ οἱ Βορέου
 παῖδες Ζήτης καὶ Κάλαις, ὄντες
 πτερωτοί, σπασάμενοι τὰ ξίφη δι'
 ἄερος ἐδίωκον. ἦν δὲ ταῖς ἄρπυίαις
 χρεῶν τεθνάσαι ὑπὸ τῶν Βορέου
 παίδων, τοῖς δὲ Βορέου παισὶ τότε
 τελευτήσῃν ὅταν διώκοντες μὴ
 καταλάβωσι. διωκομένων δὲ τῶν
 ἄρπυιῶν ἢ μὲν κατὰ
 Πελοπόννησον εἰς τὸν Τίγρη
 ποταμὸν ἐμπίπτει, ὃς νῦν ἀπ'
 ἐκείνης Ἄρπυς καλεῖται: ταύτην δὲ
 οἱ μὲν Νικοθήνην οἱ δὲ Ἀελλόπου
 καλοῦσιν. ἢ δὲ ἑτέρα καλουμένη
 Ὠκυπέτη, ὡς δὲ ἔνιοι Ὠκυθήνη
 (Ἡσίοδος δὲ λέγει αὐτὴν
 Ὠκυπόδη) , αὕτη κατὰ τὴν
 Προποντίδα φεύγουσα μέχρις
 Ἐχινάδων ἦλθε νήσων, αἱ νῦν ἀπ'
 ἐκείνης Στροφάδες καλοῦνται:
 ἐστράφη γὰρ ὡς ἦλθεν ἐπὶ ταύτας,
 καὶ γενομένη κατὰ τὴν ἡίονα ὑπὸ
 καμάτου πίπτει σὺν τῷ διώκοντι.
 Ἀπολλώνιος δὲ ἐν τοῖς
 Ἀργοναύταις ἕως Στροφάδων
 νήσων φησὶν αὐτὰς διωχθῆναι καὶ
 μηδὲν παθεῖν, δούσας ὄρκον τὸν
 Φινέα μηκέτι ἀδικῆσαι.

Os Argonautas desejavam aprender mais sobre a viagem e Fineu disse que os informaria, caso eles o livrassem das Harpias. Ele, então, dispuseram uma mesa com alimentos e, subitamente, as Harpias aos gritos, deram um rasante e levaram a comida. Os filhos de Bóreas, Zetes e Cálais, viram aquilo e, sendo providos de asas, desembainharam suas espadas e as perseguiram pelo ar. Era destinado às Harpias morrer pelas mãos dos filhos de Bóreas, e a estes, morrer quando não as alcançassem enquanto as perseguissem.

Uma das Harpias perseguidas caiu no Peloponeso, no rio Tigre, que por causa dela hoje é chamado de Hárpis: alguns chamam essa Harpia de Nicótoe, outros, de Aélopo. A outra, chamada de Ocípete, ou conforme alguns Ocítoe (Hesíodo a chama de Ocípode) fugiu para Propôntida e foi até as ilhas Equínades, as quais, agora, por causa dela, são chamadas de Estrófades. Quando a Harpia chegou até as ilhas, virou-se e, exausta, caiu na margem, assim como seu perseguidor. Apolônio no *Argonautas* conta que elas, perseguidas até as Ilhas Estrófades não sofreram nenhum castigo, pois juraram não mais cometer injustiça contra Fineu.

1.9.22

ἀπαλλαγείς δὲ τῶν ἀρπυιῶν
Φινεὺς ἐμήνυσε τὸν πλοῦν τοῖς
Ἀργοναύταις, καὶ περὶ τῶν
συμπληγάδων ὑπέθετο πετρῶν
τῶν κατὰ θάλασσαν. ἦσαν δὲ
ὑπερμεγέθεις αὐται,
συγκρούμεναι δὲ ἀλλήλαις ὑπὸ
τῆς τῶν πνευμάτων βίας τὸν διὰ
θαλάσσης πόρον ἀπέκλειον.
ἐφέρετο δὲ πολλή μὲν ὑπὲρ αὐτῶν
ὀμίχλη πολὺς δὲ πάταγος, ἦν δὲ
ἀδύνατον καὶ τοῖς πετεινοῖς δι'
αὐτῶν διελθεῖν. εἶπεν οὖν αὐτοῖς
ἀφεῖναι πελειάδα διὰ τῶν πετρῶν,
καὶ ταύτην ἔαν μὲν ἴδωσι
σωθεῖσαν, διαπλεῖν
καταφρονοῦντας, ἔαν δὲ
ἀπολομένην, μὴ πλεῖν βιάζεσθαι.
ταῦτα ἀκούσαντες ἀνήγοντο, καὶ
ὡς πλησίον ἦσαν τῶν πετρῶν,
ἀφιαῖσιν ἐκ τῆς πρῶρας πελειάδα:
τῆς δὲ ἵπταμένης τὰ ἄκρα τῆς
οὐρᾶς ἢ σύμπτωσις τῶν πετρῶν
ἀπεθέρισεν. ἀναχωρούσας οὖν
ἐπιτηρήσαντες τὰς πέτρας μετ'
εἰρεσίας ἐντόνου, συλλαβομένης
Ἥρας, διήλθον, τὰ ἄκρα τῶν
ἀφλάστων τῆς νεῶς περικοπέισης.
αἱ μὲν οὖν συμπληγάδες ἔκτοτε
ἔστησαν: χρεῶν γὰρ ἦν αὐταῖς
νεῶς περαιωθείσης στήναι
παντελῶς.

1.9.22

Fineu, livre das Harpias, revelou o percurso aos Argonautas e avisou-os sobre as rochas Simplégades, presentes no mar. Enormes e entrechocadas umas às outras por causa da força dos ventos, fechavam o caminho marítimo. A neblina era densa ao redor delas, alto era o estrondo do choque entre ambas e era impossível até aos pássaros por elas atravessar. Fineu lhes disse, então, para soltar uma pomba entre as rochas, e se a vissem a salvo, poderiam navegar despreocupados, mas caso a pomba morresse, não deveriam forçar a passagem.

Depois de ouvirem essas recomendações, os Argonautas foram para alto mar e, quando estavam próximos às pedras, soltaram da proa a pomba, cuja ponta da cauda o choque das pedras cortou. Eles, então, esperaram as rochas recuar, e com um remar vigoroso, enquanto Hera os assistia, atravessaram-nas, arrebatando a ponta do aplustre do navio. Desde então, as Simplégades permaneceram firmes: pois tinham um oráculo segundo o qual quando um barco as cruzasse, ficariam completamente imóveis.

1.9.23

οἱ δὲ Ἀργοναῦται πρὸς
Μαριανδυνοὺς παρεγένοντο,
κάκει φιλοφρόνως ὁ βασιλεὺς
ὑπεδέξατο Λύκος. ἔνθα θνήσκει
μὲν Ἴδμων ὁ μάντις πλήξαντος
αὐτὸν κάπρου, θνήσκει δὲ καὶ
Τίφυς, καὶ τὴν ναῦν Ἀγκαῖος
ὑπισχνεῖται κυβερνᾶν.

παραπλεύσαντες δὲ Θερμώδοντα
καὶ Καύκασον ἐπὶ Φᾶσιν ποταμὸν
ἦλθον: οὗτος τῆς Κολχικῆς ἐστίν.
ἐγκαθορμισθείσης δὲ τῆς νεῶς ἤκε
πρὸς Αἰήτην Ἰάσων, καὶ τὰ
ἐπιταγέντα ὑπὸ Πελίου λέγων
παρεκάλει δοῦναι τὸ δέρας αὐτῶ:
ὁ δὲ δώσειν ὑπέσχετο, ἔὰν τοὺς
χαλκόποδας ταύρους μόνος
καταζεύξη. ἦσαν δὲ ἄγριοι παρ'
αὐτῶ ταῦροι δύο, μεγέθει
διαφέροντες, δῶρον Ἡφαίστου, οἱ
χαλκοῦς μὲν εἶχον πόδας, πῦρ δὲ
ἐκ στομάτων ἐφύσων. τούτους
αὐτῶ ζεύξαντι ἐπέτασσε σπείρειν
δράκοντος ὀδόντας: εἶχε γὰρ
λαβῶν παρ' Ἀθηνᾶς τοὺς ἡμίσεις
ᾧν Κάδμος ἔσπειρεν ἐν Θήβαις.
ἀποροῦντος δὲ τοῦ Ἰάσονος πῶς
ἂν δύναίτο τοὺς ταύρους
καταζεύξαι, Μήδεια αὐτοῦ ἔρωτα
ἴσχει: ἦν δὲ αὕτη θυγάτηρ Αἰήτου
καὶ Εἰδυίας τῆς Ωκεανοῦ,
φαρμακίς. δεδοικυῖα δὲ μὴ πρὸς
τῶν ταύρων διαφθαρή, κρύφα τοῦ
πατρὸς συνεργήσειν αὐτῶ πρὸς
τὴν κατάζευξιν τῶν ταύρων
ἐπηγγείλατο καὶ τὸ δέρας
ἐγχειριεῖν, ἔὰν ὁμόση αὐτὴν ἔξειν
γυναῖκα καὶ εἰς Ἑλλάδα σύμπλουν
ἀγάγηται.

1.9.23

Os Argonautas chegaram à terra dos mariandinos onde o rei Lico os recebeu amigavelmente. Lá morreu o adivinho Ídmon, ferido por um javali, e também Tifis. Anceu, por sua vez, comprometeu-se a pilotar a nau.

Os Argonautas navegaram pelo Termodonte e pelo Cáucaso e chegaram ao rio Fásis, que fica na região da Cólquida. Ancorado o navio, Jasão foi até Eetes e o exortou a entregar-lhe o velo, contando as ordens dadas por Pélias. O rei prometeu entregá-lo, caso Jasão atrelasse sozinho os touros de cascos de bronze. Eetes possuía dois touros selvagens de tamanho descomunal. Presentes de Hefesto, tinham cascos de bronze e sopravam fogo de suas bocas. Ordenou-lhe também que, assim que os atrelasse, plantasse os dentes de um dragão, pois, obtidos de Atena, tinha a metade daqueles que Cadmo plantara em Tebas. Enquanto Jasão estava em dúvida sobre como seria capaz de atrelar os touros, Medéia se apaixonou por ele. Feiticeira, ela era filha de Eetes e Ídia, filha do Oceano. Temendo que Jasão fosse morto pelos touros, sem o conhecimento de seu pai, declarou que iria ajudá-lo a atrelar os animais e dar-lhe o velo de ouro, se ele jurasse tomá-la como esposa e a levasse como companheira de navegação para a Hélade.

ὁμόσαντος δὲ Ἰάσονος φάρμακον
δίδωσιν, ᾧ καταζευγνύναι
μέλλοντα τοὺς ταύρους ἐκέλευσε
χρῖσαι τὴν τε ἀσπίδα καὶ τὸ δόρυ
καὶ τὸ σῶμα: τούτῳ γὰρ χρισθέντα
ἔφη πρὸς μίαν ἡμέραν μῆτ' ἂν ὑπὸ
πυρὸς ἀδικηθήσεται μήτε ὑπὸ
σιδήρου. ἐδήλωσε δὲ αὐτῶ
σπειρομένων τῶν ὀδόντων ἐκ γῆς
ἄνδρας μέλλειν ἀναδύεσθαι ἐπ'
αὐτὸν καθωπλισμένους, οὓς
ἔλεγεν ἐπειδὴν ἀθρόους θεάσεται,
βάλλειν εἰς μέσον λίθους ἀποθεν,
ὅταν δὲ ὑπὲρ τούτου μάχωνται
πρὸς ἀλλήλους, τότε κτείνειν
αὐτούς. Ἰάσων δὲ τοῦτο ἀκούσας
καὶ χρισάμενος τῷ φαρμάκῳ,
παραγενόμενος εἰς τὸ τοῦ νεῶ
ἄλσος ἐμάστευε τοὺς ταύρους, καὶ
σὺν πολλῶ πυρὶ ὀρμήσαντας
αὐτοὺς κατέζευξε. σπείραντος δὲ
αὐτοῦ τοὺς ὀδόντας ἀνέτελλον ἐκ
τῆς γῆς ἄνδρες ἔνοπλοι: ὁ δὲ ὅπου
πλείονας ἐώρα, βάλλων ἀφανῶς
λίθους, πρὸς αὐτοὺς μαχομένους
πρὸς ἀλλήλους προσιῶν ἀνήρει.
καὶ καταζευγμένων τῶν ταύρων
οὐκ ἐδίδου τὸ δέρας Αἰήτης,
ἐβούλετο δὲ τὴν τε Ἀργῶ
καταφλέξει καὶ κτεῖναι τοὺς
ἐμπλέοντας. φθάσασα δὲ Μήδεια
τὸν Ἰάσονα νυκτὸς ἐπὶ τὸ δέρας
ἤγαγε, καὶ τὸν φυλάσσοντα
δράκοντα κατακοιμίσασα τοῖς
φαρμάκοις μετὰ Ἰάσονος, ἔχουσα
τὸ δέρας, ἐπὶ τὴν Ἀργῶ
παρεγένετο. συνείπετο δὲ αὐτῇ καὶ
ὁ ἀδελφὸς Ἄψυρτος. οἱ δὲ νυκτὸς
μετὰ τούτων ἀνήχθησαν.

Jasão jurou, e a feiticeira lhe entregou um fármaco, com o qual, prestes a atrelar os touros, ordenou-lhe untar o escudo, a lança e o corpo, pois untado com isso, ela assegurou que durante um dia ele não sofreria nenhum dano nem pelo fogo nem pelo ferro. Medéia revelou-lhe também que ao semear os dentes de dragão, homens armados surgiriam da terra prestes a atacá-lo, e, então, disse-lhe para, sempre que os visse em blocos, jogar pedras, de longe, no meio deles; assim, quando eles lutassem pelas pedras uns contra os outros, deveria matá-los.

Depois de ouvir tudo isso e untado o corpo com o fármaco, Jasão chegou à bosque do templo e procurou pelos touros, os quais, mesmo atacando-o com muito fogo, atrelou. Quando semeou os dentes de dragão e da terra brotaram homens armados, no lugar em que via muitos, jogou pedras sem que eles o percebessem, e quando lutaram uns contra os outros, Jasão se aproximou e os matou.

Mesmo atrelando os touros, Eetes não lhe entregou o velo, pois desejava incendiar a Argo e matar os tripulantes. À noite, contudo, Medéia antecipou-se e levou Jasão até a pele. Depois de fazer a serpente guardiã adormecer com seus fármacos, pegou o velo e com Jasão foi para a Argo, acompanhada também pelo seu irmão Apsirto. Com eles, à noite, os Argonautas partiram para alto mar.

1.9.24

Αιήτης δὲ ἐπιγνοῦς τὰ τῆ Μηδεία
τετολημμένα ὥρμησε τὴν ναῦν
διώκειν. ἰδοῦσα δὲ αὐτὸν πλησίον
ὄντα Μήδεια τὸν ἀδελφὸν φονεῦει
καὶ μελίσασα κατὰ τοῦ βυθοῦ
ρίπτει. συναθροίζων δὲ Αἰήτης τὰ
τοῦ παιδὸς μέλη τῆς διώξεως
ὑστέρησε: διόπερ ὑποστρέψας, καὶ
τὰ σωθέντα τοῦ παιδὸς μέλη
θάψας, τὸν τόπον προσηγόρευσε
Τόμους. πολλοὺς δὲ τῶν Κόλχων
ἐπὶ τὴν ζήτησιν τῆς Ἀργουῆς
ἐξέπεμψεν, ἀπειλήσας, εἰ μὴ
Μήδειαν ἄξουσιν, αὐτοὺς
πεῖσεσθαι τὰ ἐκείνης. οἱ δὲ
σχισθέντες ἄλλος ἄλλαχοῦ
ζήτησιν ἐποιοῦντο.

τοῖς δὲ Ἀργοναύταις τὸν Ἡριδανὸν
ποταμὸν ἤδη παραπλέουσι Ζεὺς
μηνίσας ὑπὲρ τοῦ φονευθέντος
Ἀψύρτου χειμῶνα λάβρον
ἐπιπέμψας ἐμβάλλει πλάνην. καὶ
αὐτῶν τὰς Ἀψυρτίδας νήσους
παραπλεόντων ἢ ναῦς φθέγγεται
μὴ λήξιν τὴν ὀργὴν τοῦ Διός, ἐὰν
μὴ πορευθέντες εἰς τὴν Αὐσονίαν
τὸν Ἀψύρτου φόνον καθαρῶσιν
ὑπὸ Κίρκης. οἱ δὲ παραπλεύσαντες
τὰ Λιγύων καὶ Κελτῶν ἔθνη, καὶ
διὰ τοῦ Σαρδονίου πελάγους
διακομισθέντες, παραμειψάμενοι
Τυρρηνίαν ἦλθον εἰς Αἰαίην, ἔνθα
Κίρκης ἰκέται γενόμενοι
καθαίρονται.

1.9.24

Eetes começou a perseguir a nau, dando-se conta dos atrevimentos de Medéia, que, ao vê-lo próximo, matou seu irmão, desmembrou-o e o jogou nas profundezas. Reunindo os pedaços de seu filho, Eetes retardou a perseguição: voltou, sepultou as partes resgatadas dele e chamou o lugar de Tomos. O rei enviou muitos dos cólquidos à procura da Argo e ameaçou puni-los com os castigos destinados a Medéia, caso não a trouxessem até ele. Separados, os homens realizavam a busca em vários lugares.

Enfurecido pelo assassinato de Apsirto, Zeus lançou uma rigorosa tempestade sobre os Argonautas, que então navegavam pelo rio Erídano, e os desviou da trajetória. Eles navegaram pelas ilhas Apsírtidas, e a nau lhes disse que a fúria de Zeus não cessaria, a menos que viajassem por mar até Aussônia e fossem purificados por Circe, pelo assassinato de Apsirto. Os Argonautas velejaram pelo país dos lígios e dos celtas e foram transportados pelo mar Sardônico. Após passarem ao longo da Tirrênia, foram para Eeia e lá, suplicantes, foram purificados por Circe.

1.9.25

παραπλεόντων δὲ Σειριῆνας
αὐτῶν, Ὀρφεὺς τὴν ἐναντίαν
μοῦσαν μελωδῶν τοὺς
Ἀργοναύτας κατέσχε. μόνος δὲ
Βούτης ἐξενήξατο πρὸς αὐτάς, ὄν
ἀρπάσασα Ἀφροδίτη ἐν Λιλυβαίῳ
κατώκισε.

μετὰ δὲ τὰς Σειριῆνας τὴν ναῦν
Χάρυβδις ἐξεδέχετο καὶ Σκύλλα
καὶ πέτραι πλαγκταί, ὑπὲρ ὧν
φλόξ πολλὴ καὶ καπνὸς
ἀναφερόμενος ἐωρᾶτο. ἀλλὰ διὰ
τούτων διεκόμισε τὴν ναῦν σὺν
Νηρηίσι Θετίς παρακληθεῖσα ὑπὸ
Ἥρας.

παραμειψάμενοι δὲ Θρινακίαν
νῆσον Ἥλιου βοῦς ἔχουσιν εἰς τὴν
Φαιάκων νῆσον Κέρκυραν ἦκον,
ἧς βασιλεὺς ἦν Ἀλκίνοος. τῶν δὲ
Κόλχων τὴν ναῦν εὐρεῖν μὴ
δυναμένων οἱ μὲν τοῖς Κεραυνίοις
ὄρεσι παρῶκησαν, οἱ δὲ εἰς τὴν
Ἰλλυρίδα κομισθέντες ἔκτισαν
Ἀψυρτίδας νήσους: ἔνιοι δὲ πρὸς
Φαίακας ἐλθόντες τὴν Ἀργῶ
κατέλαβον καὶ τὴν Μήδειαν
ἀπῆτουν παρ' Ἀλκινόου. ὁ δὲ
εἶπεν, εἰ μὲν ἤδη συνελήλυθεν
Ἰάσονι, δώσειν αὐτὴν ἐκείνῳ, εἰ δ'
ἔτι παρθένος ἐστί, τῷ πατρὶ
ἀποπέμψειν. Ἀρήτη δὲ ἡ Ἀλκινόου
γυνὴ φθάσασα Μήδειαν Ἰάσονι
συνέζευξεν: ὅθεν οἱ μὲν Κόλχοι
μετὰ Φαιάκων κατώκησαν, οἱ δὲ
Ἀργοναῦται μετὰ τῆς Μηδείας
ἀνήχθησαν.

1.9.25

Quando navegaram pelas Sereias, Orfeu conteve os Argonautas cantando uma contra-melodia. Somente Butes nadou até elas, e depois que Afrodite o levou, passou a morar em Lilibeu.

Depois das Sereias, o navio passou por Caribdis, Cila e pelas Rochas Errantes, sobre as quais se via muito fogo e fumaça subindo. Através delas, Tétis, convocada por Hera, transportou o navio com as Nereidas.

Passaram ao longo da ilha Trinácia, onde estavam as vacas de Hélio, e foram para a Cercira, ilha dos feácios, da qual Alcínoo era rei. Quando os cólquidas não foram capazes de encontrar o navio, alguns foram morar junto aos montes Ceráunios, enquanto outros se transportaram para a Ilírida e colonizaram as Ilhas Apsírtidas. Houve aqueles que foram até os feácios, encontraram a Argo e exigiram de Alcínoo Medéia. O rei disse que, se ela já tivesse se unido a Jasão, então a entregaria a ele, mas se ela ainda fosse virgem, ele a enviaria de volta ao pai dela. Arete, esposa de Alcínoo, antecipou-se e casou Medéia com Jasão: por essa razão os cólquidas passaram a morar junto com os feácios e os Argonautas lançaram-se de volta ao mar junto com Medéia.

1.9.26

πλέοντες δὲ νυκτὸς σφοδρῶ
περιπίπτουσι χειμῶνι. Ἀπόλλων
δὲ στὰς ἐπὶ τὰς Μελαντίους
δειράς, τοξεύσας τῷ βέλει εἰς τὴν
θάλασσαν κατήστραψεν. οἱ δὲ
πλησίον ἐθεάσαντο νῆσον, τῷ δὲ
παρὰ προσδοκίαν ἀναφανῆναι
προσορμισθέντες Ἀνάφην
ἐκάλεσαν: ἰδρυσάμενοι δὲ βωμὸν
Ἀπόλλωνος αἰγλήτου καὶ
θυσιάσαντες ἐπ' εὐωχίαν
ἐτράπησαν. δοθεῖσαι δ' ὑπὸ
Ἀρήτης Μηδεία δώδεκα
θεράπαινοι τοὺς ἀριστέας
ἔσκωπτον μετὰ παιγνίας: ὅθεν ἔτι
καὶ νῦν ἐν τῇ θυσίᾳ σύνηθές ἐστι
σκώπτειν ταῖς γυναιξίν.

ἐντεῦθεν ἀναχθέντες κωλύονται
Κρήτη προσίσχειν ὑπὸ Τάλῳ.
τοῦτον οἱ μὲν τοῦ χαλκοῦ γένους
εἶναι λέγουσιν, οἱ δὲ ὑπὸ
Ἥφαιστου Μίνῳι δοθῆναι: ὃς ἦν
χαλκοῦς ἀνὴρ, οἱ δὲ ταῦρον αὐτὸν
λέγουσιν. εἶχε δὲ φλέβα μίαν ἀπὸ
αὐχένος κατατείνουσιν ἄχρι
σφυρῶν: κατὰ δὲ τὸ τέρμα τῆς
φλεβὸς ἦλος διήρειστο χαλκοῦς.
οὗτος ὁ Τάλως τρεῖς ἐκάστης
ἡμέρας τὴν νῆσον περιτροχάζων
ἐτήρει: διὸ καὶ τότε τὴν Ἀργὴν
προσπλέουσιν θεωρῶν τοῖς λίθοις
ἔβαλλεν. ἔξαπατηθεὶς δὲ ὑπὸ
Μηδείας ἀπέθανεν, ὡς μὲν ἔνιοι
λέγουσι, διὰ φαρμάκων αὐτῷ
μανίαν Μηδείας ἐμβαλούσης, ὡς
δέ τινες, ὑποσχομένης ποιήσειν
ἀθάνατον καὶ τὸν ἦλον ἐξελοῦσης,
ἐκρύντος τοῦ παντὸς ἰχώρος
αὐτὸν ἀποθανεῖν.

1.9.26

Navegando à noite, os Argonautas depararam-se com uma violenta tempestade. Apolo, posicionado sobre as cadeias montanhosas de Melantion, atirou uma flecha em direção ao mar e criou clarões. Os Argonautas viram uma ilha próxima, ancoraram lá e a chamaram de Ánafe, por ela ter surgido de modo inesperado. Eles também fundaram um altar a Apolo, o radiante, ofereceram um sacrifício ao deus e se entreteram com um banquete. Doze criadas, dadas a Medéia por Arete, entreteram os chefes com brincadeiras: por isso, agora, é habitual às mulheres promover zombarias durante os sacrifícios.

De lá se lançaram ao mar, mas foram impedidos por Talo de aportar em Creta. Alguns afirmam que ele era da raça de bronze, outros, que foi dado a Minos por Hefesto. Talo era um homem de bronze, mas há quem diga que ele era um touro. Tinha uma veia que se estendia do pescoço até os tornozelos: no extremo da veia apoiava um prego de bronze. Talo protegia a ilha, circundando-a três vezes ao dia: por essa razão, ao ver a Argo navegando naquela direção, começou a atirar pedras. Morreu enganado por Medéia, que, segundo conta-se, por meio das drogas incutiu nele a loucura; há quem diga que depois que Medéia prometeu torná-lo imortal, ela retirou-lhe o prego, assim todo seu sangue jorrou e ele morreu.

τινὲς δὲ αὐτὸν τοξευθέντα ὑπὸ
Ποίαντος εἰς τὸ σφυρὸν
τελευτῆσαι λέγουσι.

μίαν δὲ ἐνταῦθα νύκτα μείναντες
Αἰγίνη προσίσχουσιν ὑδρεύσασθαι
θέλοντες, καὶ γίνεται περὶ τῆς
ὑδρείας αὐτοῖς ἄμιλλα. ἐκεῖθεν δὲ
διὰ τῆς Εὐβοίας καὶ τῆς Λοκρίδος
πλεύσαντες εἰς Ἴωλκὸν ἦλθον, τὸν
πάντα πλοῦν ἐν τέτταρσι μηνὶ
τελειώσαντες.

1.9.27

Πελίας δὲ ἀπογνοὺς τὴν
ὑποστροφὴν τῶν Ἀργοναυτῶν τὸν
Αἴσονα κτείνειν ἤθελεν: ὁ δὲ
αἰτησάμενος ἑαυτὸν ἀνελεῖν
θυσίαν ἐπιτελῶν ἀδεῶς τοῦ
ταυρείου σπασάμενος αἵματος
ἀπέθανεν. ἡ δὲ Ἰάσονος μήτηρ
ἐπαρασαμένη Πελία, νήπιον
ἀπολιποῦσα παῖδα Πρόμαχον
ἑαυτὴν ἀνήρτησε: Πελίας δὲ καὶ
τὸν αὐτῇ καταλειφθέντα παῖδα
ἀπέκτεινεν. ὁ δὲ Ἰάσων κατελθὼν
τὸ μὲν δέρας ἔδωκε, περὶ ὧν δὲ
ἠδικήθη μετελθεῖν ἐθέλων καιρὸν
ἐξεδέχετο. καὶ τότε μὲν εἰς Ἴσθμὸν
μετὰ τῶν ἀριστέων πλεύσας
ἀνέθηκε τὴν ναῦν Ποσειδῶνι,
αὐθις δὲ Μήδειαν παρακαλεῖ
ζητεῖν ὅπως Πελίας αὐτῷ δίκας
ὑπόσχη. ἡ δὲ εἰς τὰ βασίλεια τοῦ
Πελίου παρελθοῦσα πείθει τὰς
θυγατέρας αὐτοῦ τὸν πατέρα
κρεουργῆσαι καὶ καθεψῆσαι, διὰ
φαρμάκων αὐτὸν ἐπαγγελλομένη
ποιήσιν νέον: καὶ τοῦ πιστεῦσαι
χάριν κριὸν μελίσασα καὶ
καθεψήσασα ἐποίησεν ἄρνα.

Para alguns, ele foi flechado no
tornozelo por Peante e morreu.

Por uma noite os Argonautas
permaneceram por lá e aportaram em
Egina, para abastecer-se de água, pelo
que começou entre eles uma disputa.
Dali navegaram pela Eubéia e pela
Lócrida e chegaram a Iolco,
completando toda a viagem em quatro
meses.

1.9.27

Pélias, indisposto a ajudar com o
retorno dos Argonautas, desejava matar
Éson, que, por sua vez, pediu para se
matar. Enquanto ele próprio realizava
um sacrifício, sem medo, bebeu o
sangue do touro e morreu. A mãe de
Jasão amaldiçoou Pélias e se enforcou,
deixando um filho ainda criança,
Prômaco. Pélias, contudo, matou a
criança abandonada por ela.

Jasão regressou e entregou o velo.
Embora desejasse vingar-se das injúrias
sofridas, aguardou o momento
oportuno. Navegou, então, para o Istmo
com os mais bravos homens, dedicou o
navio a Poseidon, e mais tarde
convocou Média para encontrar uma
maneira de punir Pélias. A feiticeira foi
para o palácio deste e persuadiu as
filhas dele a cortá-lo em pedaços e
fervê-lo, prometendo, por meio das
drogas, torná-lo jovem. Para ganhar a
confiança delas, Média desmembrou
um carneiro, ferveu-o e fez dele um
cordeiro.

αἱ δὲ πιστεύσασαι τὸν πατέρα
κρεουργοῦσι καὶ καθέψουσιν.
Ἄκαστος δὲ μετὰ τῶν τὴν Ἴωλκὸν
οἰκούντων τὸν πατέρα θάπτει, τὸν
δὲ Ἰάσονα μετὰ τῆς Μηδείας τῆς
Ἴωλκοῦ ἐκβάλλει.

1.9.28

οἱ δὲ ἦκον εἰς Κόρινθον, καὶ δέκα
μὲν ἔτη διετέλουν εὐτυχοῦντες,
αὐθις δὲ τοῦ τῆς Κορίνθου
βασιλέως Κρέοντος τὴν θυγατέρα
Γλαύκην Ἰάσονι ἐγγυῶντος,
παραπεμψάμενος Ἰάσων Μήδειαν
ἐγάμει. ἡ δέ, οὓς τε ὤμοσεν Ἰάσων
θεοὺς ἐπικαλεσαμένη καὶ τὴν
Ἰάσονος ἀχαριστίαν μεμψαμένη
πολλάκις, τῇ μὲν γαμουμένη
πέπλον μεμαγμένον φαρμάκοις
ἔπεμψεν, ὃν ἀμφιεσαμένη μετὰ
τοῦ βοηθοῦντος πατρὸς πυρὶ
λάβρω κατεφλέχθη, τοὺς δὲ
παῖδας οὓς εἶχεν ἐξ Ἰάσονος,
Μέρμερον καὶ Φέρητα, ἀπέκτεινε,
καὶ λαβοῦσα παρὰ Ἡλίου ἄρμα
πτηνῶν δρακόντων ἐπὶ τούτου
φεύγουσα ἦλθεν εἰς Ἀθήνας.
λέγεται δὲ καὶ ὅτι φεύγουσα τοὺς
παῖδας ἔτι νηπίους ὄντας
κατέλιπεν, ἰκέτας καθίσασα ἐπὶ
τὸν βωμὸν τῆς Ἥρας τῆς ἀκραίας:
Κορίνθιοι δὲ αὐτοὺς
ἀναστήσαντες κατετραυμάτισαν.

Acreditando nela, as filhas de Pélias
picaram seu pai e o ferveram. Acasto,
junto com os habitantes de Iolco,
enterrou seu pai e expulsou Jasão com
Medéia de Iolco.

1.9.28

Os dois foram para Corinto e
viveram felizes por dez anos, até
Creonte, rei de Corinto, oferecer sua
filha Glauce a Jasão, que se casou com
ela e se separou de Medéia. Esta, então,
invocou os deuses a que Jasão jurou,
acusou-o várias vezes de ingratidão e
enviou à noiva dele uma túnica
manipulada com veneno. Ao vesti-la,
Glauce foi consumida por um intenso
fogo, juntamente com seu pai, que
tentava ajudá-la.

A feiticeira também matou os filhos
que tivera com Jasão, Mérmero e Feres,
e depois que obteve de Hélio uma
carruagem de serpentes voadoras,
fugindo de Jasão, foi para Atenas.
Conta-se também que durante a fuga,
abandonou os filhos ainda crianças,
colocando-os como suplicantes num
altar de Hera das alturas: os corintos os
retiraram dali e cobriram-nos de feridas.

Μήδεια δὲ ἦκεν εἰς Ἀθήνας, κάκει
γαμηθεῖσα Αἰγεῖ παῖδα γεννᾷ
Μῆδον. ἐπιβουλεύουσα δὲ ὕστερον
Θησεῖ φυγὰς ἐξ Ἀθηνῶν μετὰ τοῦ
παιδὸς ἐκβάλλεται. ἀλλ' οὗτος
μὲν πολλῶν κρατήσας βαρβάρων
τὴν ὑφ' ἑαυτὸν χώραν ἄπασαν
Μηδίαν ἐκάλεσε, καὶ
στρατευόμενος ἐπὶ Ἴνδους
ἀπέθανε: Μήδεια δὲ εἰς Κόλχους
ἦλθεν ἄγνωστος, καὶ
καταλαβοῦσα Αἰήτην ὑπὸ τοῦ
ἀδελφοῦ Πέρσου τῆς βασιλείας
ἐστερημένον, κτείναςα τοῦτον τῷ
πατρὶ τὴν βασιλείαν
ἀποκατέστησεν.

Medéia foi para Atenas e lá, desposada por Egeu, deu à luz seu filho Medo. Mais tarde, tramou contra Teseu e foi expulsa da cidade com seu filho, que dominou muitos dos bárbaros e por causa dela chamou todo o país de Média. Morreu lutando contra os indianos. Medéia, por sua vez, partiu despercebidamente para a Cólquida e encontrou Eetes, desprovido de seu reino, tomado pelo seu irmão Perses. Ela o matou e devolveu o reino ao seu pai.

2.1.1

ἐπειδὴ δὲ τὸ τοῦ Δευκαλίωνος
διεξεληλύθαμεν γένος, ἐχομένως
λέγωμεν τὸ Ἰνάχειον.

Ὠκεανοῦ καὶ Τηθύος γίνεται παῖς
Ἰναχος, ἀφ' οὗ ποταμὸς ἐν Ἄργει
Ἰναχος καλεῖται. τούτου καὶ
Μελίας τῆς Ὠκεανοῦ Φορωνεύς
τε καὶ Αἰγιαλεύς παῖδες

ἐγένοντο. Αἰγιαλέως μὲν οὖν
ἄπαιδος ἀποθανόντος ἡ χώρα
ἄπασα Αἰγιάλεια ἐκλήθη,
Φορωνεύς δὲ ἀπάσης τῆς ὕστερον
Πελοποννήσου

προσαγορευθείσης δυναστεύων
ἐκ Τηλεδίκης νύμφης Ἄπιν καὶ
Νιόβην ἐγέννησεν. Ἄπιν μὲν οὖν
εἰς τυρανίδα τὴν ἑαυτοῦ
μεταστήσας δύναμιν καὶ βίαιος
ὢν τύραννος, ὀνομάσας ἀφ'
ἑαυτοῦ τὴν Πελοπόννησον

Ἀπίαν, ὑπὸ Θελξίονος καὶ
Τελχίνος ἐπιβουλευθεὶς ἄπαις
ἀπέθανε, καὶ νομισθεὶς θεὸς
ἐκλήθη Σάραπις: Νιόβης δὲ καὶ
Διός (ἢ πρώτη γυναικὶ Ζεὺς
θνητῇ ἐμίγη) παῖς Ἄργος
ἐγένετο, ὡς δὲ Ἀκουσίλαός φησι,
καὶ Πελασγός, ἀφ' οὗ κληθῆναι
τοὺς τὴν Πελοπόννησον
οἰκοῦντας Πελασγούς. Ἡσίοδος
δὲ τὸν Πελασγὸν αὐτόχθονά
φησιν εἶναι.

2.1.1

Uma vez percorrido sobre a
família de Deucalião, a seguir
falaremos sobre a de Ínaco.

De Oceano e Tétis nasceu seu
filho Ínaco, por causa do qual o rio
Ínaco, em Argo, é assim chamado.
Dele e de Mélia, filha de Oceano,
nasceram seus filhos Foroneu e
Egialeu.

Egialeu morreu sem deixar
filhos e toda a região foi chamada de
Egialéia. Foroneu, por sua vez, reinou
sobre tudo o que posteriormente
passou a ser chamado de Peloponeso e
da ninfa Telédice deu à luz Ápis e
Níobe. Ápis, então, transformou seu
poder em uma tirania e como um
violento tirano, por sua causa, chamou
de Ápia a região do Peloponeso.
Morreu sem deixar filhos, pelas mãos
de Télxion e Telquines, que tramaram
contra ele, e julgado como um deus foi
chamado de Serápis.

De Zeus e Níobe (a primeira
mulher mortal com quem Zeus se
relacionou) nasceu seu filho Argos, e
também, de acordo com Acusilau,
Pelasgo, por causa de quem os
habitantes do Peloponeso foram
chamados de pelasgos. Já Hesíodo
afirma que ele era autóctone.

2.1.2

ἀλλὰ περὶ μὲν τούτου πάλιν
ἔρουµεν: Ἄργος δὲ λαβὼν τὴν
βασιλείαν ἀφ' ἑαυτοῦ τὴν
Πελοπόννησον ἐκάλεσεν Ἄργος,
καὶ γήµας Εὐάδην τὴν
Στρυμόνος καὶ Νεαίρας
ἐτέκνωσεν Ἐκβασον Πείραντα
Ἐπίδουρον Κρίασον, ὃς καὶ τὴν
βασιλείαν παρέλαβεν.

Ἐκβάσου δὲ Ἀγήνωρ γίνεται,
τούτου δὲ Ἄργος ὁ πανόπτης
λεγόμενος. εἶχε δὲ οὗτος
ὀφθαλμοὺς μὲν ἐν παντὶ τῷ
σώματι, ὑπερβάλλων δὲ δυνάμει
τὸν μὲν τὴν Ἀρκαδίαν
λυμαινόμενον ταῦρον ἀνελῶν
τὴν τούτου δορὰν ἠμφιέσατο,
Σάτυρον δὲ τοὺς Ἀρκάδας
ἀδικοῦντα καὶ ἀφαιρούµενον τὰ
βοσκήµατα ὑποστὰς ἀπέκτεινε.
λέγεται δὲ ὅτι καὶ τὴν Ταρτάρου
καὶ Γῆς Ἐχιδναν, ἣ τοὺς
παριόντας συνήρπαζεν,
ἐπιτηρήσας κοιωµένην
ἀπέκτεινεν. ἐξεδίκησε δὲ καὶ τὸν
Ἄπιδος φόνον, τοὺς αἰτίους
ἀποκτείνας.

2.1.2

Mas sobre ele falaremos novamente. Argo subiu ao trono e por sua causa chamou o então Peloponeso de Argos. Casou-se com Evadne, filha de Estrímon e Neera, e deu à luz os seus filhos Ébaso, Pira, Epidauro e Criaso, que sucedeu o reino.

De Ébaso nasceu Agenor, do qual nasceu Argo, chamado de Panoptes, aquele que tudo vê. Com olhos por todo o corpo e força descomunal, matou o touro que devastava a Arcádia e vestiu-se com a pele dele. Além disso, matou o sátiro que lesava os árcades e roubava seus rebanhos. Conta-se também que ele matou, enquanto ela dormia, Equidna, filha de Tártaro e Gaia, que levava os transeuntes. Ele também vingou a morte de Ápis, matando os culpados.

2.1.3

Ἄργου δὲ καὶ Ἰσμήνης τῆς
Ἀσωποῦ παῖς Ἴασος, οὗ φασιν Ἰὼ
γενέσθαι. Κάστωρ δὲ ὁ
συγγράψας τὰ χρονικὰ καὶ
πολλοὶ τῶν τραγικῶν Ἰνάχου τὴν
Ἰὼ λέγουσιν: Ἡσίοδος δὲ καὶ
Ἀκουσίλαος Πειρῆνος αὐτὴν
φασιν εἶναι. ταύτην ἱερωσύνην
τῆς Ἥρας ἔχουσαν Ζεὺς ἔφθειρε.
φωραθεὶς δὲ ὑφ' Ἥρας τῆς μὲν
κόρης ἀψάμενος εἰς βοῦν
μετεμόρφωσε λευκὴν,
ἀπωμόσατο δὲ ταύτη μὴ
συνελθεῖν: διό φησιν Ἡσίοδος
οὐκ ἐπισπᾶσθαι τὴν ἀπὸ τῶν
θεῶν ὀργὴν τοὺς γινομένους
ὄρκους ὑπὲρ ἔρωτος. Ἥρα δὲ
αἰτησαμένη παρὰ Διὸς τὴν βοῦν
φύλακα αὐτῆς κατέστησεν Ἄργον
τὸν πανόπτην, ὃν Φερεκύδης μὲν
Ἀρέστορος λέγει, Ἀσκληπιάδης δὲ
Ἰνάχου, Κέρκωψ δὲ Ἄργου καὶ
Ἰσμήνης τῆς Ἀσωποῦ θυγατρὸς:
Ἀκουσίλαος δὲ γηγενῆ αὐτὸν
λέγει. οὗτος ἐκ τῆς ἐλαίας
ἐδέσμευεν αὐτὴν ἥτις ἐν τῷ
Μυκηναίων ὑπῆρχεν ἄλσει. Διὸς
δὲ ἐπιτάξαντος Ἑρμῆ κλέψαι τὴν
βοῦν, μηνύσαντος Ἰέρακος,
ἐπειδὴ λαθεῖν οὐκ ἠδύνατο, λίθω
βαλὼν ἀπέκτεινε τὸν Ἄργον,
ὅθεν ἀργειφόντης ἐκλήθη. Ἥρα
δὲ τῇ βοῖ οἴστρον ἐμβάλλει ἣ δὲ
πρῶτον ἦκεν εἰς τὸν ἀπ' ἐκείνης
Ἰόνιον κόλπον κληθέντα, ἔπειτα
διὰ τῆς Ἰλλυρίδος πορευθεῖσα καὶ
τὸν Αἴμον ὑπερβαλοῦσα διέβη
τὸν τότε μὲν καλούμενον πόρον
Θράκιον, νῦν δὲ ἀπ' ἐκείνης
Βόσπορον.

2.1.3

De Argo e Ismene, filha de Asopo, nasceu seu filho Íaso, de quem, segundo afirmam, nasceu Io. O cronista Castor, assim como muitos dos tragediógrafos, afirma que Io era filha de Ínaco. Hesíodo e Acusilau, por sua vez, comentam que ela era filha de Píren. Zeus a seduziu enquanto ela era sacerdotisa de Hera, que percebeu isso, e assim que Zeus tocou na moça, ela se transformou numa vaca branca. O deus, contudo, jurou que não teve relações com ela. Hesíodo ressalta que juramentos de amor não provocam a fúria dos deuses.

Hera pediu a vaca a Zeus e colocou como guardião dela Argo, aquele que tudo vê, que, para Ferecides, era filho de Arestor; já Asclepiades diz que ele era filho de Ínaco, e Cécrope afirma que ele era filho de Argo e Ismene, filha de Asopo. Acusilau, contudo, conta que ele era autóctone. Argo a acorrentou numa oliveira que havia no bosque dos micenos. Zeus, então, ordenou a Hermes roubar a vaca, mas o mensageiro dos deuses, dedurado por Hierarco, não foi capaz de passar despercebido e jogando uma pedra, matou Argo, e desde então foi chamado de Argifonte. Hera jogou uma praga na vaca, que primeiro foi para o golfo, por causa dela chamado de Iônico, depois, passando pela Ilírida atravessou o Monte Hemo e cruzou o então chamado estreito da Trácia, agora chamado, por sua causa também, de Bósforo.

ἀπελθοῦσα δὲ εἰς Σκυθίαν καὶ
τὴν Κιμμερίδα γῆν, πολλὴν
χέρσον πλανηθεῖσα καὶ πολλὴν
διανηξαμένη θάλασσαν Εὐρώπης
τε καὶ Ἀσίας, τελευταῖον ἦκεν εἰς
Αἴγυπτον, ὅπου τὴν ἀρχαίαν
μορφὴν ἀπολαβοῦσα γεννᾷ παρὰ
τῷ Νείλῳ ποταμῷ Ἐπαφον
παῖδα. τοῦτον δὲ Ἥρα δεῖται
Κουρήτων ἀφανῆ ποιῆσαι: οἱ δὲ
ἠφάνισαν αὐτόν. καὶ Ζεὺς μὲν
αἰσθόμενος κτείνει Κούρητας, Ἰὼ
δὲ ἐπὶ ζήτησιν τοῦ παιδὸς
ἐτράπετο.

πλανωμένη δὲ κατὰ τὴν Συρίαν
ἄπασαν (ἐκεῖ γὰρ ἐμηνύετο ὅτι
ἡ τοῦ Βυβλίων βασιλέως γυνὴ
ἐτιθήνηι τὸν υἱόν) καὶ τὸν
Ἐπαφον εὐροῦσα, εἰς Αἴγυπτον
ἐλθοῦσα ἐγαμήθη Τηλεγόνῳ τῷ
βασιλεύοντι τότε Αἰγυπτίων.
ἰδρύσατο δὲ ἄγαλμα Δήμητρος,
ἦν ἐκάλεσαν Ἴσιν Αἰγύπτιοι, καὶ
τὴν Ἰὼ Ἴσιν ὁμοίως
προσηγόρευσαν.

2.1.4

Ἐπαφος δὲ βασιλεύων Αἰγυπτίων
γαμεῖ Μέμφιν τὴν Νείλου
θυγατέρα, καὶ ἀπὸ ταύτης κτίζει
Μέμφιν πόλιν, καὶ τεκνοῖ
θυγατέρα Λιβύην, ἀφ' ἧς ἡ χώρα
Λιβύη ἐκλήθη. Λιβύης δὲ καὶ
Ποσειδῶνος γίνονται παῖδες
δίδυμοι Ἀγήνωρ καὶ Βῆλος.
Ἀγήνωρ μὲν οὖν εἰς Φοινίκην
ἀπαλλαγείς ἐβασίλευσε, κάκει
τῆς μεγάλης ῥίζης ἐγένετο
γενεάρχης:

Partiu para a Cítia e para a terra dos
cimérios; errou por muitas terras e
atravessou muitos mares da Europa e
da Ásia; chegou, finalmente, ao Egito,
onde recuperou sua antiga forma e deu
à luz o seu filho Épafo, junto ao rio
Nilo. Hera pediu aos Curetes para
escondê-lo e eles assim fizeram.
Quando Zeus soube disso, matou os
Curetes, e Io saiu à procura de seu
filho.

Vagando por toda a Síria (pois
lá Ihe foi revelado que a mulher do rei
dos bíblios tomava conta de seu filho)
Io encontrou Épafo, foi para o Egito e
foi desposada por Telégono, o então rei
dos egípcios. Ela, então, ergueu uma
imagem de Deméter, que os Egípcios
chamavam de Ísis e de modo
semelhante eles chamaram Io de Ísis.

2.1.4

Governando os egípcios, Épafo
se casou com Mênfis, filha de Nilo, por
causa da qual fundou a cidade de
Mênfis, e também deu à luz sua filha
Líbia, devido a quem a Líbia foi assim
chamada.

De Líbia e de Poseidon nasceram seus
filhos gêmeos: Agenor e Belo. Agenor,
então, partiu para a Fenícia e lá se
tornou rei e o ancestral de uma grande
família:

ὄθεν ὑπερθησόμεθα περὶ τούτου.
 Βῆλος δὲ ὑπομείνας ἐν Αἰγύπτῳ
 βασιλεύει μὲν Αἰγύπτου, γαμει δὲ
 Ἀγχινόην τὴν Νείλου θυγατέρα,
 καὶ αὐτῷ γίνονται παῖδες δίδυμοι,
 Αἴγυπτος καὶ Δαναός, ὡς δὲ
 φησιν Εὐριπίδης, καὶ Κηφεὺς καὶ
 Φινεὺς προσέτι. Δαναὸν μὲν οὖν
 Βῆλος ἐν Λιβύῃ κατώκισεν,
 Αἴγυπτον δὲ ἐν Ἀραβίᾳ, ὅς καὶ
 καταστρεψάμενος τὴν
 Μελαμπόδων χώραν ἀφ' ἑαυτοῦ
 ὠνόμασεν Αἴγυπτον. γίνονται δὲ
 ἐκ πολλῶν γυναικῶν Αἰγύπτῳ
 μὲν παῖδες πενήκοντα,
 θυγατέρες δὲ Δαναῶν πενήκοντα.
 στασιασάντων δὲ αὐτῶν περὶ τῆς
 ἀρχῆς ὕστερον, Δαναὸς τοὺς
 Αἰγύπτου παῖδας δεδουκῶς,
 ὑποθεμένης Ἀθηνᾶς αὐτῷ ναῦν
 κατεσκεύασε πρῶτος καὶ τὰς
 θυγατέρας ἐνθήμενος ἔφυγε.
 προσσχὼν δὲ Ῥόδῳ τὸ τῆς Λινδίας
 ἄγαλμα Ἀθηνᾶς ἰδρύσατο.
 ἐντεῦθεν δὲ ἦκεν εἰς Ἄργος, καὶ
 τὴν βασιλείαν αὐτῷ παραδίδωσι
 Γελάνωρ ὁ τότε βασιλεύων αὐτὸς
 δὲ κρατήσας τῆς χώρας ἀφ'
 ἑαυτοῦ τοὺς ἐνοικοῦντας
 Δαναοὺς ὠνόμασε. ἀνύδρου δὲ
 τῆς χώρας ὑπαρχούσης, ἐπειδὴ
 καὶ τὰς πηγὰς ἐξήρανε Ποσειδῶν
 μηνίων Ἰνάχῳ διότι τὴν χώραν
 Ἥρας ἐμαρτύρησεν εἶναι, τὰς
 θυγατέρας ὑδρευσομένας
 ἔπεμψε. μία δὲ αὐτῶν Ἀμμώνη
 ζητοῦσα ὕδωρ ῥίπτει βέλος ἐπὶ
 ἔλαφον καὶ κοιμωμένου Σατύρου
 τυγχάνει, κάκεῖνος περιαναστὰς
 ἐπεθύμει συγγενέσθαι:

Por isso adiaremos nossa fala
 sobre ele. Belo, por sua vez,
 permaneceu no Egito e lá reinou;
 casou-se com Anquínoe, filha de Nilo,
 com a qual gerou seus filhos gêmeos
 Egito e Dânao e, além desses dois,
 conforme afirma Eurípidēs, Cefeu e
 Fineu.

Belo colocou Dânao na Líbia, e
 na Arábia, Egito, que subjugou o país
 dos melâmpodas e deu seu nome ao
 país. Os dois tiveram filhos de várias
 mulheres; Egito teve cinquenta
 meninos, e Dânao, cinquenta meninas.
 Mais tarde, entraram em desacordo por
 causa do reino. Aconselhado por Atena
 e temendo os filhos de Egito, Dânao
 construiu um navio, sendo o primeiro a
 fazer isso, embarcou nele com suas
 filhas e fugiu. Aportaram em Rodes e
 ergueram uma estátua de Atena Líndia.
 De lá foram para Argo, onde o então
 rei Gelanor lhe concedeu o trono.
 Controlando o país, por sua causa
 Dânao chamou os habitantes de
 dânaos.

Como a terra estava secando, pois
 Poseidon, enfurecido com Ínaco, que
 declarou que o país pertencia a Hera,
 secara as fontes, Dânao enviou suas
 filhas para procurar água. Uma delas,
 Amímone, à procura de água, atirou
 uma flecha em um cervo e calhou de
 atingir um Sátiro adormecido, que se
 levantou e desejou ter relações sexuais
 com ela.

Ποσειδῶνος δὲ ἐπιφανέντος ὁ
Σάτυρος μὲν ἔφυγεν, Ἀμυμώνη δὲ
τούτῳ συνενάζεται, καὶ αὐτῇ
Ποσειδῶν τὰς ἐν Λέρνῃ πηγὰς
ἐμήνυσεν.

2.1.5

οἱ δὲ Αἰγύπτου παῖδες ἐλθόντες
εἰς Ἄργος τῆς τε ἔχθρας
παύσασθαι παρεκάλουν καὶ τὰς
θυγατέρας αὐτοῦ γαμεῖν ἤξιουν.
Δαναὸς δὲ ἅμα μὲν ἀπιστῶν
αὐτῶν τοῖς ἐπαγγέλμασιν, ἅμα δὲ
καὶ μνησικακῶν περὶ τῆς φυγῆς,
ὠμολόγει τοὺς γάμους καὶ
διεκλήρου τὰς κόρας.
Ὑπερμνήστραν μὲν οὖν τὴν
πρεσβυτέραν ἐξεῖλον Λυγκεῖ καὶ
Γοργοφόνῃν Πρωτεῖ: οὗτοι γὰρ ἐκ
βασιλίδος γυναικὸς Ἀργυφίης
ἐγεγόνεισαν Αἰγύπτῳ. τῶν δὲ
λοιπῶν ἔλαχον Βούσιρις μὲν καὶ
Ἐγκέλαδος καὶ Λύκος καὶ
Δαῖφρων τὰς Δαναῶν γεννηθείσας
ἐξ Εὐρώπης Αὐτομάτην
Ἀμυμώνην Ἀγαυὴν Σκαιήν. αὗται
δὲ ἐκ βασιλίδος ἐγένοντο Δαναῶν,
ἐκ δὲ Ἐλεφαντίδος Γοργοφόνῃ
καὶ Ὑπερμνήστρα. Ἴστρος δὲ
Ἴπποδάμειαν, Χαλκῶδων Ῥοδίαν,
Ἀγήνωρ Κλεοπάτραν, Χαῖτος
Ἀστερίαν, Διοκορυστῆς
Ἴπποδαμείαν, Ἄλκης Γλαύκην,
Ἄλκμήνωρ Ἴππομέδουσαν,
Ἴππόθοος Γόργην, Εὐχήνωρ
Ἴφιμέδουσαν, Ἴππόλυτος Ῥόδην.
οὗτοι μὲν οἱ δέκα ἐξ Ἀραβίας
γυναικός, αἱ δὲ παρθένοι ἐξ
Ἀμαδρυάδων νυμφῶν, αἱ μὲν
Ἀτλαντείας, αἱ δὲ ἐκ Φοίβης.

O Sático fugiu quando Poseidon
surgiu diante dele. Amímone se deitou
com o deus, que lhe revelou as fontes
de Lerna.

2.1.5

Os filhos de Egito foram para
Argo, exortaram Dânao a acabar com
aquela inimizade e consideraram justo
casarem-se com as filhas dele. Dânao,
por sua vez, ao mesmo tempo em que
não confiava nas declarações deles,
guardava rancor por seu exílio, mas
concordou com o casamento e sorteou
as moças. A Linceu sortearam a filha
mais velha, Hipermnestra, e a Proteu,
Gorgófona, pois esses dois eram filhos
de Egito e da rainha Argífia. Aos
demais, Busires, Encélado, Lico e
Daífron sortearam as filhas
engendradas por Dânao e Europa:
Autômate, Amimone, Agave e Éscea.
Elas eram filhas de Dânao e de uma
rainha, enquanto Hipermnestra e
Gorgófona nasceram de Eléfantis.
Istro ficou com Hipodâmia;
Calcodonte, com Ródia; Agenor, com
Cleópatra; Queto, com Astéria;
Diocoristas, com Hipodâmia; Alces,
com Glauce; Alcmenor; com
Hipomedusa; Hipótoo, com Gorge;
Euquenor, com Ifimedusa; Hipólito,
com Rode. Esses dez homens eram
filhos de uma mulher árabe, e as
moças, das ninfas Amadriades,
algumas de Atlantéia, outras de Febe.

Ἀγαπτόλεμος δὲ ἔλαχε Πειρήνην,
Κερκῆτης δὲ Δώριον, Εὐρυδάμας
Φάρτιν, Αἴγιος Μνήστραν, Ἄργιος
Εὐίπτην, Ἀρχέλαος Ἀναξιβίην,
Μενέμαχος Νηλώ, οἱ μὲν ἑπτὰ ἐκ
Φοινίσσης γυναικός, αἱ δὲ
παρθένοι Αἰθιοπίδος. ἀκληρωτὶ
δὲ ἔλαχον δι' ὁμωνυμίαν τὰς
Μέμφιδος οἱ ἐκ Τυρίας, Κλειτὸς
Κλειτήν, Σθένελος Σθενέλην,
Χρῦσιππος Χρυσίπτην. οἱ δὲ ἐκ
Καλιαδῆνης νηίδος νύμφης παῖδες
δώδεκα ἐκληρώσαντο περὶ τῶν ἐκ
Πολυξοῦς νηίδος νύμφης: ἦσαν
δὲ οἱ μὲν παῖδες Εὐρύλοχος
Φάντης Περισθένης Ἔρμος Δρύας
Ποταμῶν Κισσεὺς Λίξος Ἴμβρος
Βρομῖος Πολύκτωρ Χθονίος, αἱ δὲ
κόραι Αὐτονόη Θεανῶ Ἡλέκτρα
Κλεοπάτρα Εὐρυδίκη Γλαυκίππη
Ἀνθήλεια Κλεοδώρη Εὐίππη
Ἐρατὼ Στύγνη Βρύκη. οἱ δὲ ἐκ
Γοργόνος Αἰγύπτῳ γενόμενοι
ἐκληρώσαντο περὶ τῶν ἐκ
Πιερίας, καὶ λαγχάνει Περίφας
μὲν Ἀκταίην, Οἰνεὺς δὲ
Ποδάρκην, Αἴγυπτος Διωξίπτην,
Μενάλκης Ἀδίτην, Λάμπος
Ἔκυπέτην, Ἴδμων Πυλάργην.
οὗτοι δὲ εἰσι νεώτατοι: Ἴδας
Ἴπποδίκην, Δαΐφρων Ἀδιάντην
(αὗται δὲ ἐκ μητρὸς ἐγένοντο
Ἐρσης) , Πανδίων Καλλιδικήν,
Ἄρβηλος Οἶμην, Ὑπέρβιος
Κελαινῶ, Ἴπποκορυστῆς
Ὑπερίπτην: οὗτοι ἐξ Ἡφαιστίνης,
αἱ δὲ ἐκ Κρινοῦς.

Agaptólemo ficou com Pirene;
Cercetes, com Dórion; Euridamas, com
Fártis; Égio, com Mnestra; Árgio, com
Evipe; Arquelau, com Anaxíbia;
Menêmaco, com Nelo; esses sete eram
filhos de uma mulher fenícia, e as
moças nasceram de uma mulher etíope.
Os filhos de Tíria obtiveram sem
sorteio as filhas de Ménfis pela
semelhança de seus nomes: Clito ficou
com Clite; Esténelo, com Esténele;
Crisipo, com Crisipe. Os doze filhos de
Egito com a ninfa náiaide Calíadne
obtiveram por sorteio as filhas da ninfa
náiaide Pólux. Os filhos eram:
Euríloco; Fantes; Perístenes; Hermo;
Drias; Pótamon; Cisseu; Lixo; Imbro;
Brômio; Polictor e Quitônio; e as
moças eram Autônoe; Téano; Electra;
Cleópatra; Eurídice; Glaucipe; Autélia;
Cleodora; Evipe; Érato; Estigne e
Brice. Os que nasceram de Gorgófona
e Egito sortearam as filhas de Pieria, e,
assim, Périfas ficou com Actéia; Eneu,
com Podarce; Egito, com Dioxipe;
Menalces, com Adite; Lampo, com
Ocípete; Ídmon, com Pilarge. Esses
eram os mais jovens: Idas ficou com
Hipódice; Daífron, com Adiante (a
mãe delas era Hersa); Pandíon ficou
com Calídice; Arbelo, com Eme;
Hipérbio, com Celeno; Hipocoristes,
com Hipéripe; eles eram filhos de
Hefestina, e elas, de Crino.

ὥς δὲ ἐκληρώσαντο τοὺς γάμους,
ἐστίασας ἐγχειρίδια δίδωσι ταῖς
θυγατράσιν. αἰ δὲ κοιμωμένους
τοὺς νυμφίους ἀπέκτειναν πλήν
Ἵπερμνήστρας: αὕτη γὰρ Λυγκέα
διέσωσε παρθένον αὐτὴν
φυλάξαντα: διὸ καθείρξας αὐτὴν
Δαναὸς ἐφρούρει. αἰ δὲ ἄλλαι τῶν
Δαναοῦ θυγατέρων τὰς μὲν
κεφαλὰς τῶν νυμφίων ἐν τῇ
Λέρνῃ κατώρουξαν, τὰ δὲ σώματα
πρὸ τῆς πόλεως ἐκήδευσαν. καὶ
αὐτὰς ἐκάθηραν Ἀθηνᾶ τε καὶ
Ἑρμῆς Διὸς κελεύσαντος. Δαναὸς
δὲ ὕστερον Ἵπερμνήστραν
Λυγκεῖ συνώκισε, τὰς δὲ λοιπὰς
θυγατέρας εἰς γυμνικὸν ἀγῶνα
τοῖς νικῶσιν ἔδωκεν.

Ἀμμώνη δὲ ἐκ Ποσειδῶνος
ἐγέννησε Ναύπλιον. οὗτος
μακρόβιος γενόμενος, πλέων τὴν
θάλασσαν, τοῖς ἐμπίπτουσιν ἐπὶ
θανάτῳ ἐπυρσοφόρει. συνέβη οὖν
καὶ αὐτὸν τελευτῆσαι ἐκείνῳ τῷ
θανάτῳ. πρὶν δὲ τελευτῆσαι
ἔγημε ὥς μὲν οἱ τραγικοὶ λέγουσι,
Κλυμένην τὴν Κατρέως, ὥς δὲ ὁ
τοὺς νόστους γράψας, Φιλύραν,
ὥς δὲ Κέρκωψ, Ἡσιόνην, καὶ
ἐγέννησε Παλαμήδην Οἶακα
Ναυσιμέδοντα.

Assim que sortearam os casamentos, Dânao ofereceu um banquete e entregou punhais a suas filhas, que, então, mataram seus noivos adormecidos, com exceção de Hipermnestra, que salvou Linceu, visto que ele respeitara a virgindade dela. Por causa disso, Dânao a prendeu e a vigiou, enquanto suas demais filhas enterraram as cabeças dos noivos em Lerna, e os corpos velaram em frente à cidade. Ordenados por Zeus, Atena e Hermes as purificaram. Mais tarde, Dânao uniu Hipermnestra e Linceu, e concedeu suas demais filhas aos vitoriosos nas disputas atléticas.

De Poseidon Amímone deu à luz Náuplio, que viveu por muito tempo. Enquanto ele navegava pelo mar, usava luzes para levar à morte os que encontrava. Então, aconteceu de ele morrer da mesma maneira. Antes de morrer, contudo, casou-se, segundo os poetas trágicos, com Clímene, filha de Catreu, ou conforme o autor de *As Jornadas*, com Fílira, e para Cércopes, foi com Hesíone; e deu à luz Palamedes, Éaca e Nausímeda.

2.2.1

Λυγκεὺς δὲ μετὰ Δαναὸν Ἄργους
δυναστεύων ἐξ Ὑπερμνήστρας
τεκνοῖ παῖδα Ἄβαντα. τούτου δὲ
καὶ Ἀγλαΐας τῆς Μαντινέως
δίδυμοι παῖδες ἐγένοντο Ἀκρίσιος
καὶ Προῖτος. οὗτοι καὶ κατὰ
γαστρὸς μὲν ἔτι ὄντες ἐστασίαζον
πρὸς ἀλλήλους, ὡς δὲ
ἀνετράφησαν, περὶ τῆς βασιλείας
ἐπολέμουν, καὶ πολεμοῦντες
εὖρον ἀσπίδας πρῶτοι. καὶ
κρατήσας Ἀκρίσιος Προῖτον
Ἄργους ἐξελαύνει. ὁ δ' ἦκεν εἰς
Λυκίαν πρὸς Ἰοβάτην, ὡς δὲ τινὲς
φασί, πρὸς Ἀμφιάνακτα: καὶ
γαμῆ τὴν τούτου θυγατέρα, ὡς
μὲν Ὅμηρος, Ἄντειαν, ὡς δὲ οἱ
τραγικοί, Σθενέβοιαν. κατάγει δὲ
αὐτὸν ὁ κηδεστὴς μετὰ στρατοῦ
Λυκίων, καὶ καταλαμβάνει
Τίρυνθα, ταύτην αὐτῷ Κυκλώπων
τειχισάντων. μερισάμενοι δὲ τὴν
Ἀργεῖαν ἄπασαν κατώκουν, καὶ
Ἀκρίσιος μὲν Ἄργους βασιλεύει,
Προῖτος δὲ Τίρυνθος.

2.2.2

καὶ γίνεται Ἀκρισίῳ μὲν ἐξ
Εὐρυδίκης τῆς Λακεδαίμονος
Δανάη, Προίτῳ δὲ ἐκ Σθενεβοίας
Λυσίππη καὶ Ἴφινὴ καὶ
Ἰφιάνασσα. αὗται δὲ ὡς
ἐτελειώθησαν, ἐμάνησαν, ὡς μὲν
Ἡσίοδος φησιν, ὅτι τὰς Διονύσου
τελετὰς οὐ κατεδέχοντο, ὡς δὲ
Ἀκουσίλαος λέγει, διότι τὸ τῆς
Ἥρας ξόανον ἐξηυτέλισαν.

2.2.1

Depois de Dânao, Linceu tornou-se rei de Argos e de Hipermnestra deu à luz o seu filho Abas, que de Aglêia, filha de Mantineu, engendrou seus filhos gêmeos, Acrísio e Preto. Estes se desentendiam ainda na barriga da mãe e, já crescidos, lutaram pelo reino. Durante essa guerra, foram os primeiros a inventar os escudos.

Acrísio foi mais forte e banuiu de Argos seu irmão Preto, que foi para a Lícia, até o rei Ióbates, ou Anfianax, segundo atestam alguns. Casou-se com a filha dele, Antéia, segundo Homero, ou Estenebéia, de acordo com os poetas trágicos. Seu sogro o levou de volta, junto com um exército de lícios, e ocupou Tirinte, a qual os Ciclopes haviam fortificado para ele. Distribuíram todo o território argivo e o povoaram; Acrísio tornou-se rei de Argos, enquanto Preto reinou sobre Tirinte.

2.2.2

Acrísio e Eurídice, filha de Lacedemon, deram a luz a Dânae, e Preto e Estenebéia geraram Lisipe, Ifínoe e Ifianassa. Já crescidas, enlouqueceram, segundo conta Hesíodo, porque não aceitavam os ritos de Dioniso, ou, de acordo com Acusilau, porque desdenharam a estátua de madeira da deusa Hera.

γενόμεναι δὲ ἔμμανεῖς
ἐπλανῶντο ἀνὰ τὴν Ἀργείαν
ἄπασαν, αὐθις δὲ τὴν Ἀρκαδίαν
καὶ τὴν Πελοπόννησον
διελθοῦσαι μετ' ἀκοσμίας
ἀπάσης διὰ τῆς ἐρημίας
ἐτρόχαζον. Μελάμπους δὲ ὁ
Ἄμυθάνοσ καὶ Εἰδομένης τῆς
Ἄβαντος, μάντις ὦν καὶ τὴν διὰ
φαρμάκων καὶ καθαρῶν
θεραπείαν πρῶτος εὐρηκῶς,
ὑπισχνεῖται θεραπεύειν τὰς
παρθένους, εἰ λάβοι τὸ τρίτον
μέρος τῆς δυναστείας. οὐκ
ἐπιτρέποντος δὲ Προΐτου
θεραπεύειν ἐπὶ μισθοῖς
τηλικούτοις, ἔτι μᾶλλον
ἐμαίνοντο αἱ παρθένοι καὶ
προσέτι μετὰ τούτων αἱ λοιπαὶ
γυναῖκες: καὶ γὰρ αὐταὶ τὰς
οἰκίας ἀπολιποῦσαι τοὺς ἰδίους
ἀπώλλουσαν παῖδας καὶ εἰς τὴν
ἐρημίαν ἐφοίτων. προβαινούσης
δὲ ἐπὶ πλεῖστον τῆς συμφορᾶς,
τοὺς αἰτηθέντας μισθοὺς ὁ
Προΐτος ἐδίδου. ὁ δὲ ὑπέσχετο
θεραπεύειν ὅταν ἕτερον τοσοῦτον
τῆς γῆς ὁ ἀδελφὸς αὐτοῦ λάβῃ
Βίας. Προΐτος δὲ εὐλαβηθεὶς μὴ
βραδυνούσης τῆς θεραπείας
αἰτηθεῖν καὶ πλεῖον, θεραπεύειν
συνεχώρησεν ἐπὶ τούτοις.
Μελάμπους δὲ παραλαβὼν τοὺς
δυνατωτάτους τῶν νεανιῶν μετ'
ἀλαλαγμοῦ καὶ τινος ἐνθέου
χορείας ἐκ τῶν ὁρῶν αὐτὰς εἰς
Σικυῶνα συνεδίωξε.

Enlouquecidas, vagavam por toda a terra dos argivos, passando pela Arcádia e pelo Peloponeso, e corriam pelo deserto em completa desordem. O adivinho Melampo, filho de Amítaon e Idomene, filha de Abas, o primeiro que descobriu a cura por meio de fármacos e purificações, prometeu curar as moças, caso recebesse um terço do reino. Preto não permitiu tratar delas em troca de um pagamento tão alto e, então, as moças enlouqueceram ainda mais e com elas as demais mulheres, pois estas abandonaram suas casas, mataram seus próprios filhos e reuniram-se no deserto. Agravada a desgraça, Preto pagou os valores pedidos. Melampo prometeu curá-las se seu irmão Bias recebesse uma outra parte igual de terra. Preto, temendo a demora da cura e que uma quantia a mais lhe fosse cobrada, concordou com as exigências. Melampo, então, tomando consigo os mais fortes dentre os jovens, perseguiu as moças desde as montanhas até Sícion em meio a ruídos altos e a uma dança frenética.

κατὰ δὲ τὸν διωγμὸν ἢ
πρεσβυτάτη τῶν θυγατέρων
Ἴφινόη μετήλλαξεν: ταῖς δὲ
λοιπαῖς τυχούσαις καθαρῶν
σωφρονῆσαι συνέβη. καὶ ταύτας
μὲν ἐξέδοτο Προῖτος Μελάμποδι
καὶ Βίαντι, παῖδα δ' ὕστερον
ἐγέννησε Μεγαπένθη.

2.3.1

Βελλεροφόντης δὲ ὁ Γλαύκου τοῦ
Σισύφου, κτείνας ἀκουσίως
ἀδελφὸν Δηλιάδην, ὡς δέ τινές
φασι Πειρῆνα, ἄλλοι δὲ
Ἄλκιμένην, πρὸς Προῖτον ἐλθὼν
καθαίρεται. καὶ αὐτοῦ Σθενέβου
ἔρωτα ἴσχει, καὶ προσπέμπει
λόγους περὶ συνουσίας. τοῦ δὲ
ἀπαρνουμένου, λέγει πρὸς
Προῖτον ὅτι Βελλεροφόντης αὐτῇ
περὶ φθορᾶς προσεπέμψατο
λόγους. Προῖτος δὲ πιστεύσας
ἔδωκεν ἐπιστολὰς αὐτῷ πρὸς
Ἰοβάτην κομίσει, ἐν αἷς
ἐνεγέγραπτο Βελλεροφόντην
ἀποκτεῖναι. Ἰοβάτης δὲ ἀναγνοὺς
ἐπέταξεν αὐτῷ Χίμαιραν κτεῖναι,
νομίζων αὐτὸν ὑπὸ τοῦ θηρίου
διαφθαρήσεσθαι: ἦν γὰρ οὐ
μόνον ἐνὶ ἀλλὰ πολλοῖς οὐκ
εὐάλωτον, εἶχε δὲ προτομήν μὲν
λέοντος, οὐρὰν δὲ δράκοντος,
τρίτην δὲ κεφαλὴν μέσην αἰγός,
δι' ἧς πῦρ ἀνίει. καὶ τὴν χώραν
διέφθειρε, καὶ τὰ βοσκήματα
ἐλυμαίνετο: μία γὰρ φύσις τριῶν
θηρίων εἶχε δύναμιν. λέγεται δὲ
καὶ τὴν Χίμαιραν ταύτην
τραφῆναι μὲν ὑπὸ Ἀμισωδάρου,
καθάπερ εἴρηκε καὶ Ὅμηρος,
γεννηθῆναι δὲ ἐκ Τυφῶνος καὶ
Ἐχίδνης, καθὼς Ἡσίοδος ἱστορεῖ.

Durante a fuga, Ifínoe, a filha mais
velha, morreu, enquanto as demais
calharam de recuperar a sanidade com
as purificações. Preto as concedeu em
casamento a Melampo e a Bias, e
posteriormente deu à luz seu filho
Megapentes.

2.3.1

Belerofonte, filho de Glauco, por sua
vez filho de Sísifo, acidentalmente
matou seu irmão Delíades, que alguns
chamam de Piren e outros, de
Alcímenes; foi até Preto e foi
purificado. Estenebéia apaixonou-se
por ele e lhe enviou propostas para um
encontro. Como ele negou, ela contou
a seu pai Preto que ele lhe enviara
mensagens de sedução. Acreditando
nisso, Preto entregou a Belerofonte
uma carta para levar a Ióbates, na qual
estava escrito para este assassiná-lo.
Ióbates leu a mensagem e ordenou-lhe
matar a Quimera, acreditando que ele
seria morto pela criatura, pois não era
fácil contê-la em muitos, tampouco
sozinho; a fera possuía o busto de um
leão, a cauda de um dragão e três
cabeças, sendo a do meio a de um
bode, pela qual produzia fogo. A
Quimera arrasava o país e destruiu os
rebanhos: era uma única criatura com o
poder de três bestas. Conta-se que ela
fora criada por Amisodares; de acordo
com o que diz Homero, foi gerada por
Tífon e por Equidna, tal qual narra
Hesíodo.

2.3.2

ἀναβιβάσας οὖν ἑαυτὸν ὁ
Βελλεροφόντης ἐπὶ τὸν Πήγασον,
ὄν εἶχεν ἵππον ἐκ Μεδούσης
πτηνὸν γεγεννημένον καὶ
Ποσειδῶνος, ἀρθείς εἰς ὕψος ἀπὸ
τούτου κατετόξευσε τὴν
Χίμαιραν. μετὰ δὲ τὸν ἀγῶνα
τοῦτον ἐπέταξεν αὐτῷ Σολύμοις
μαχεσθῆναι. ὡς δὲ ἐτελεύτησε
καὶ τοῦτον, Ἀμαζόσιν ἐπέταξεν
ἀγωνίσασθαι αὐτόν. ὡς δὲ καὶ
ταύτας ἀπέκτεινε, τοὺς
γενναιότητι Λυκίων διαφέρειν
δοκοῦντας ἐπιλέξας ἐπέταξεν
ἀποκτεῖναι λοχῆσαντας. ὡς δὲ
καὶ τούτους ἀπέκτεινε πάντας,
θαυμάσας τὴν δύναμιν αὐτοῦ ὁ
Ἰοβάτης τὰ τε γράμματα ἔδειξε
καὶ παρ' αὐτῷ μένειν ἠξίωσε:
δοὺς δὲ τὴν θυγατέρα Φιλονόην
καὶ θνήσκων τὴν βασιλείαν
κατέλιπεν αὐτῷ.

2.4.1

Ἄκρισίῳ δὲ περὶ παίδων γενέσεως
ἀρρένων χρηστηριαζομένῳ ὁ
θεὸς ἔφη γενέσθαι παῖδα ἐκ τῆς
θυγατρὸς, ὅς αὐτὸν ἀποκτενεῖ.
δείσας δὲ ὁ Ἄκρισιος τοῦτο, ὑπὸ
γῆν θάλαμον κατασκευάσας
χάλκεον τὴν Δανάην ἐφρούρει.
ταύτην μὲν, ὡς ἔνιοι λέγουσιν,
ἔφθειρε Προῖτος, ὅθεν αὐτοῖς καὶ
ἡ στάσις ἐκινήθη: ὡς δὲ ἔνιοι
φασί, Ζεὺς μεταμορφωθείς εἰς
χρυσὸν καὶ διὰ τῆς ὀροφῆς εἰς
τοὺς Δανάης εἰσρῦείς κόλπους
συνῆλθεν.

2.3.2

Belerefonte montou no Pégaso, o
cavalo alado engendrado por Medusa e
Poseidon, e sobre ele, erguido nas
alturas, atirou flechas na Quimera.
Depois desse embate, Ióbates lhe
ordenou lutar contra os sólimos. Feito
isso, ordenou-lhe disputar com as
Amazonas. Quando ele as matou,
Ióbates escolheu os mais valentes dos
lícios e ordenou-lhes armar uma
armadilha para matar Belerofonte.
Quando este matou todos eles, Ióbates,
admirado com a força dele, mostrou-
lhe a carta e pediu para que
permanecesse com ele. Entregou-lhe
sua filha Filônoe e, após sua morte,
deixou-lhe o reino.

2.4.1

Quando Acrísio perguntou ao
oráculo sobre como poderia ter filhos
homens, o deus lhe disse que da filha
dele nasceria um filho que o mataria.
Temendo isso, Acrísio construiu um
quarto de bronze subterrâneo e lá
colocou Dânae. Alguns afirmam que
Preto a seduziu e foi quando a
rivalidade entre eles dois foi incitada.
Outros contam que Zeus teve relações
com ela, transformado em ouro líquido
que escorreu pelo telhado até o útero
dela.

αἰσθόμενος δὲ Ἀκρίσιος ὕστερον
ἔξ αὐτῆς γεγεννημένον Περσέα,
μὴ πιστεύσας ὑπὸ Διὸς ἐφθάρθαι,
τὴν θυγατέρα μετὰ τοῦ παιδὸς εἰς
λάρνακα βαλὼν ἔρριψεν εἰς
θάλασσαν. προσενεχθείσης δὲ
τῆς λάρνακος Σερίφῳ Δίκτυς
ἄρας ἀνέτρεφε τοῦτον.

2.4.2

βασιλεύων δὲ τῆς Σερίφου
Πολυδέκτης ἀδελφὸς Δίκτυος,
Δανάης ἐρασθεὶς, καὶ
ἠνδρωμένου Περσέως μὴ
δυνάμενος αὐτῇ συνελθεῖν,
συνεκάλει τοὺς φίλους, μεθ' ὧν
καὶ Περσέα, λέγων ἔρανον
συνάγειν ἐπὶ τοὺς Ἴπποδαμείας
τῆς Οἰνομάου γάμους. τοῦ δὲ
Περσέως εἰπόντος καὶ ἐπὶ τῇ
κεφαλῇ τῆς Γοργόνης οὐκ
ἀντερεῖν, παρὰ μὲν τῶν λοιπῶν
ἤτησεν ἵππους, παρὰ δὲ τοῦ
Περσέως οὐ λαβὼν τοὺς ἵππους,
ἐπέταξε τῆς Γοργόνης κομίζειν
τὴν κεφαλὴν. ὁ δὲ Ἑρμοῦ καὶ
Ἀθηνᾶς προκαθηγουμένων ἐπὶ
τὰς Φόρκου παραγίνεται
θυγατέρας, Ἐνυὼ καὶ Πεφρηδῶ
καὶ Δεινώ: ἦσαν δὲ αὗται Κητοῦς
τε καὶ Φόρκου, Γοργόνων
ἀδελφαί, γραῖαι ἐκ γενετῆς. ἕνα
τε ὀφθαλμὸν αἱ τρεῖς καὶ ἕνα
ὀδόντα εἶχον, καὶ ταῦτα παρὰ
μέρος ἤμειβον ἀλλήλαις.

Mais tarde, Acrísio soube que dela
nascera Perseu, mas não acreditando
que ela fora seduzida por Zeus, jogou
sua filha junto com a criança numa
arca e os lançou no mar. A arca chegou
a Sérifos, Díctis acolheu a criança e a
criou.

2.4.2

Polidectes era irmão de Díctis e,
enquanto reinava em Sérifos,
apaixonou-se por Dânae. No entanto,
como não podia deitar-se com ela,
considerando que Perseu havia se
tornado adulto, chamou seus amigos e,
junto com eles, Perseu, dizendo para
que reunissem contribuições para o
casamento de Hipodâmia, filha de
Enômao. Quando Perseu disse que não
negaria nem mesmo a cabeça da
Górgona, Polidectes pediu cavalos aos
demais homens, mas como não
recebeu nenhum de Perseu, ordenou-
lhe trazer a cabeça da Górgona.
Guiado por Atena e Hermes, Perseu
chegou até as Fórcides: Ênio, Pefredo e
Dino. Elas eram filhas de Ceto e
Fórcis, irmãs das Górgonas, e velhas
de nascença. As três possuíam um olho
e um dente, que compartilhavam entre
si.

ᾧν κυριεύσας ὁ Περσεύς, ὡς ἀπήτουν, ἔφη δώσειν ἂν ὑφηγήσωνται τὴν ὁδὸν τὴν ἐπὶ τὰς νύμφας φέρουσιν. αὗται δὲ αἱ νύμφαι πτηνὰ εἶχον πέδιλα καὶ τὴν κίβισιν, ἣν φασιν εἶναι πήραν: Πίνδαρος δὲ καὶ Ἡσίοδος ἐν Ἀσπίδι ἐπὶ τοῦ Περσέως:

“πᾶν δὲ μετάφρενον εἶχε κάρα δεινοῖο πελώρου

Γοργοῦς, ἀμφὶ δὲ μιν κίβισις θέε”.

εἴρηται δὲ παρὰ τὸ κειῖσθαι ἐκεῖ ἐσθῆτα καὶ τὴν τροφήν. εἶχον δὲ καὶ τὴν Ἄϊδος κυνῆν. ὑφηγησαμένων δὲ τῶν Φορκίδων, ἀποδοῦς τὸν τε ὁδόντα καὶ τὸν ὀφθαλμὸν αὐταῖς, καὶ παραγενόμενος πρὸς τὰς νύμφας, καὶ τυχῶν ᾧν ἐσπούδαζε, τὴν μὲν κίβισιν περιεβάλετο, τὰ δὲ πέδιλα τοῖς σφυροῖς προσήρμοσε, τὴν δὲ κυνῆν τῇ κεφαλῇ ἐπέθετο. ταύτην ἔχων αὐτὸς μὲν οὐκ ἤθελεν ἔβλεπεν, ὑπὸ ἄλλων δὲ οὐκ ἔωρατο. λαβὼν δὲ καὶ παρὰ Ἑρμοῦ ἀδαμαντίνην ἄρπην, πετόμενος εἰς τὸν Ὠκεανὸν ἦκε καὶ κατέλαβε τὰς Γοργόνας κοιμωμένας. ἦσαν δὲ αὗται Σθενῶ Εὐρυάλη Μέδουσα. μόνη δὲ ἦν θνητὴ Μέδουσα: διὰ τοῦτο ἐπὶ τὴν ταύτης κεφαλὴν Περσεὺς ἐπέμφθη.

Perseu se apoderou deles e, quando elas os exigiram em devolução, disse que daria se o guiassem pelo caminho que levava às ninfas, as quais possuíam sandálias com asas e a quíbis, que dizem ser uma bolsa de couro. A respeito de Perseu, Píndaro e também Hesíodo, em *O escudo*, contam o seguinte:

“Mas nas costas inteiras havia a cabeça de um monstro terrível, a Górgona, e a quíbis circundava-lhe a cintura”. (Hesíodo, *O escudo de Hércules*)

A quíbis é assim chamada porque ali ficavam guardados vestimenta e alimento. As ninfas tinham consigo também o elmo de Hades. Então, as Fórcides mostraram o caminho a Perseu, que lhes devolveu o dente e o olho e chegou até as ninfas, obtendo delas o que queria. Abandonou a quíbis, ajustou as sandálias nos tornozelos, e colocou na cabeça o elmo.

Com esse elmo, Perseu conseguia ver quem quisesse, mas não era visto pelos outros. Recebida de Hermes uma foice de aço, voou até o Oceano e surpreendeu as Górgonas adormecidas: eram elas Esteno, Euríale e Medusa. Somente esta era mortal e, por essa razão, Perseu foi enviado para capturar a cabeça dela.

εἶχον δὲ αἱ Γοργόνες κεφαλὰς μὲν
περιεσπειραμένας φολίσι
δρακόντων, ὀδόντας δὲ μεγάλους
ὡς συῶν, καὶ χειῖρας χαλκᾶς, καὶ
πτέρυγας χρυσᾶς, δι' ὧν
ἐπέτοντο. τοὺς δὲ ἰδόντας λίθους
ἐποίουν. ἐπιστὰς οὖν αὐταῖς ὁ
Περσεὺς κοιμωμέναις,
κατευθυνούσης τὴν χειῖρα
Ἀθηνᾶς, ἀπεστραμμένος καὶ
βλέπων εἰς ἀσπίδα χαλκῆν, δι' ἧς
τὴν εἰκόνα τῆς Γοργόνας ἔβλεπεν,
ἐκαρατόμησεν αὐτήν.
ἀποτμηθείσης δὲ τῆς κεφαλῆς, ἐκ
τῆς Γοργόνας ἐξέθορε Πήγασος
πτηνὸς ἵππος, καὶ Χρυσάωρ ὁ
Γηρυόνου πατήρ:

2.4.3

τούτους δὲ ἐγέννησεν ἐκ
Ποσειδῶνος. ὁ μὲν οὖν Περσεὺς
ἐνθήμενος εἰς τὴν κίβισιν τὴν
κεφαλὴν τῆς Μεδούσης ὀπίσω
πάλιν ἐχώρει, αἱ δὲ Γοργόνες ἐκ
τῆς κοίτης ἀναστᾶσαι τὸν Περσέα
ἐδίωκον, καὶ συνιδεῖν αὐτὸν οὐκ
ἠδύναντο διὰ τὴν κυνήν.
ἀπεκρύπτετο γὰρ ὑπ' αὐτῆς.

παραγενόμενος δὲ εἰς Αἰθιοπίαν,
ἧς ἐβασίλευε Κηφεύς, εὔρε τὴν
τούτου θυγατέρα Ἀνδρομέδαν
παρακειμένην βορᾶν θαλασσίω
κῆτει. Κασσιόπεια γὰρ ἡ Κηφέως
γυνὴ Νηρηίσιν ἤρισε περὶ
κάλλους, καὶ πασῶν εἶναι
κρείσσων ἠὔχησεν: ὅθεν αἱ
Νηρηίδες ἐμήνισαν, καὶ Ποσειδῶν
αὐταῖς συνοργισθεὶς πλήμμυρᾶν
τε ἐπὶ τὴν χώραν ἔπεμψε καὶ
κῆτος.

As Górgonas possuíam cabeças cercadas por escamas de dragão, enormes presas como as de javalis, mãos de bronze e asas douradas, com as quais voavam. Além disso, transformavam em pedra quem quer que olhasse para elas.

Perseu, então, colocou-se ao lado delas enquanto dormiam e, com Atena guiando sua mão, virou-se e fitou um escudo de bronze através do qual conseguia ver a imagem refletida da Górgona. Perseu decapitou Medusa. Cortada a cabeça, da Górgona saltaram o cavalo alado Pégaso e Crisaor, o pai de Gerião.

2.4.3

Pégaso e Crisaor nasceram de Poseidon. Perseu colocou a cabeça da Medusa na quíbis e retornou; as Górgonas, por sua vez, despertaram de seu sono e o perseguiram, mas não foram capazes de vê-lo por causa do elmo, que o mantinha oculto.

Perseu chegou à Etiópia, cujo rei era Cefeu, e descobriu a filha dele, Andrômeda, exposta como alimento a um monstro marinho. Cassiopéia, esposa de Cefeu, disputou com as Nereidas em beleza e vangloriou-se de ser mais bela que todas. Por essa razão, as Nereidas se enfureceram, e Poseidon, também em fúria, lançou sobre o país uma inundação e também um monstro.

Ἄμμωνος δὲ χρήσαντος τὴν
ἀπαλλαγὴν τῆς συμφορᾶς, εἴαν ἡ
Κασσιόπειας θυγάτηρ Ἀνδρομέδα
προτεθῆ τῷ κῆτει βορᾶ, τοῦτο
ἀναγκασθεὶς ὁ Κηφεὺς ὑπὸ τῶν
Αἰθιοπῶν ἔπραξε, καὶ προσέδρασε
τὴν θυγατέρα πέτρα. ταύτην
θεασάμενος ὁ Περσεὺς καὶ
ἔρασθεὶς ἀναιρήσειν ὑπέσχετο
Κηφεῖ τὸ κῆτος, εἰ μέλλει
σωθεῖσιν αὐτὴν αὐτῷ δώσειν
γυναῖκα. ἐπὶ τούτοις γενομένων
ὄρκων, ὑποστὰς τὸ κῆτος ἔκτεινε
καὶ τὴν Ἀνδρομέδαν ἔλυσεν.
ἐπιβουλεύοντος δὲ αὐτῷ Φινέως,
ὃς ἦν ἀδελφὸς τοῦ Κηφέως
ἐγγεγυημένος πρῶτος τὴν
Ἀνδρομέδαν, μαθὼν τὴν
ἐπιβουλήν, τὴν Γοργόνα δείξας
μετὰ τῶν συνεπιβουλεύοντων
αὐτὸν ἐλίθωσε παραχρῆμα.
παραγενόμενος δὲ εἰς Σέριφον,
καὶ καταλαβὼν προσπεφευγυῖαν
τοῖς βωμοῖς μετὰ τοῦ Δίκτυος τὴν
μητέρα διὰ τὴν Πολυδέκτου βίαν,
εἰσελθὼν εἰς τὰ βασιλεια,
συγκαλέσαντος τοῦ Πολυδέκτου
τοὺς φίλους ἀπεστραμμένος τὴν
κεφαλὴν τῆς Γοργόνας ἔδειξε:
τῶν δὲ ἰδόντων, ὅποιον ἕκαστος
ἔτυχε σχῆμα ἔχων, ἀπελιθώθη.
καταστήσας δὲ τῆς Σερίφου
Δίκτυν βασιλέα, ἀπέδωκε τὰ μὲν
πέδιλα καὶ τὴν κίβισιν καὶ τὴν
κυνῆν Ἑρμῆ, τὴν δὲ κεφαλὴν τῆς
Γοργόνας Ἀθηνᾶ. Ἑρμῆς μὲν οὖν
τὰ προειρημένα πάλιν ἀπέδωκε
ταῖς νύμφαις, Ἀθηνᾶ δὲ ἐν μέσῃ
τῇ ἀσπίδι τῆς Γοργόνας τὴν
κεφαλὴν ἐνέθηκε.

Ámon previu o fim da
desgraça, caso Andrômeda, filha de
Cassiopeia, fosse oferecida como
alimento à besta; forçado pelos etíopes,
Cefeu cumpriu isso e prendeu sua filha
em uma pedra. Perseu, por sua vez,
assim que a contemplou, apaixonou-se
por ela e prometeu a Cefeu abater a
besta, se ele lhe entregasse a moça
resgatada como sua esposa. Sob esses
juramentos, Perseu enfrentou, matou o
monstro e libertou Andrômeda.

O irmão de Cefeu, Fineu, o
primeiro a quem Andrômeda fora
oferecida em matrimônio, tramou
contra o herói, mas Perseu soube do
plano dele e ao mostrar a Górgona,
imediatamente transformou-o, junto
com seus conspiradores, em pedra.
Perseu chegou a Sérifos e encontrou
sua mãe junto com Díctis refugiadas
nos altares, por causa da violência de
Polidectes. Ele, então, foi até o palácio
em que Polidectes havia reunido seus
amigos, virou-se e mostrou-lhes a
cabeça da Górgona: cada um dos que
olharam foi transformado em pedra, na
posição em que estava. Perseu
estabeleceu Díctis como rei de Sérifos
e devolveu a Hermes as sandálias, a
quíbisis e o elmo, mas a cabeça da
Górgona entregou para Atena. Hermes,
por sua vez, devolveu às ninfas esses
objetos e Atena colocou a cabeça da
Górgona no meio de seu escudo.

λέγεται δὲ ὑπ' ἐνίων ὅτι δι'
Ἀθηνᾶν ἢ Μέδουσα
ἐκαρατομήθη: φασὶ δὲ ὅτι καὶ
περὶ κάλλους ἠθέλησεν ἢ Γοργῶ
αὐτῇ συγκριθῆναι.

2.4.4

Περσεὺς δὲ μετὰ Δανάης καὶ
Ἄνδρομέδας ἔσπευδεν εἰς Ἄργος,
ἵνα Ἀκρίσιον θεάσῃται. ὁ δὲ τοῦτο
μαθὼν καὶ δεδοικῶς τὸν χρησμόν,
ἀπολιπὼν Ἄργος εἰς τὴν
Πελασιῶτιν ἐχώρησε γῆν.
Τευταμίδου δὲ τοῦ Λαρισσαίων
βασιλέως ἐπὶ κατοικομένῳ τῷ
πατρὶ διατιθέντος γυμνικὸν
ἀγῶνα, παρεγένετο καὶ ὁ
Περσεὺς ἀγωνίσασθαι θέλων,
ἀγωνιζόμενος δὲ πένταθλον, τὸν
δίσκον ἐπὶ τὸν Ἀκρίσιου πόδα
βαλὼν παραχρῆμα ἀπέκτεινεν
αὐτόν. αἰσθόμενος δὲ τὸν
χρησμόν τετελειωμένον τὸν μὲν
Ἀκρίσιον ἔξω τῆς πόλεως ἔθαψεν,
αἰσχυνόμενος δὲ εἰς Ἄργος
ἐπανελθεῖν ἐπὶ τὸν κλῆρον τοῦ
δι' αὐτοῦ τετελευτηκότος,
παραγενόμενος εἰς Τίρυνθα πρὸς
τὸν Προΐτου παῖδα Μεγαπένθη
ἠλλάξατο, τούτῳ τε τὸ Ἄργος
ἐνεχείρισε. καὶ Μεγαπένθης μὲν
ἐβασίλευσεν Ἀργείων, Περσεὺς
δὲ Τίρυνθος, προστειχίσας
Μίδειαν καὶ Μυκῆνας.

Conta-se também que a Medusa fora decapitada por Atena, uma vez que a Górgona quis comparar-se em beleza com a deusa.

2.4.4

Junto com Dânae e Andrômeda, Perseu apressou-se para Argos, a fim de ver Acrísio, que, ao saber disso e com receio do oráculo, abandonou a cidade e se retirou para a terra dos pelasgos. Teutâmides, rei da Larrisa, organizava um torneio esportivo em honra ao seu falecido pai; Perseu também chegou lá desejando competir. No entanto, enquanto disputava o pentatlo, lançou o disco no pé de Acrísio e o matou imediatamente. Reconhecendo a realização do oráculo, Perseu enterrou Acrísio fora da cidade e com vergonha de voltar a Argos e assumir a herança daquele que morrera por sua causa, foi até Megapentes, filho de Preto, na Tirinte, e trocou com ele o reino de Argos, onde, então Megapentes reinou, enquanto Perseu governou Tirinte, depois de fortificar também Mídias e Micenas.

2.4.5

ἐγένοντο δὲ ἐξ Ἀνδρομέδας
παῖδες αὐτῶ, πρὶν μὲν ἐλθεῖν εἰς
τὴν Ἑλλάδα Πέρσης, ὃν παρὰ
Κηφεῖ κατέλιπεν (ἀπὸ τούτου δὲ
τοὺς Περσῶν βασιλέας λέγεται
γενέσθαι) , ἐν Μυκῆναις δὲ
Ἀλκαῖος καὶ Σθένελος καὶ Ἑλειος
Μῆστωρ τε καὶ Ἥλεκτρούων, καὶ
θυγάτηρ Γοργοφόνη, ἣν Περιήρης
ἔγημεν.

ἐκ μὲν οὖν Ἀλκαίου καὶ
Ἀστυδαμείας τῆς Πέλοπος, ὡς δὲ
ἔνιοι λέγουσι Λαονόμης τῆς
Γουνέως, ὡς δὲ ἄλλοι πάλιν
Ἴππονόμης τῆς Μενουικέως,
Ἀμφιτρούων ἐγένετο καὶ θυγάτηρ
Ἀναξώ, ἐκ δὲ Μῆστορος καὶ
Λυσιδίκης τῆς Πέλοπος Ἴπποθή.
ταύτην ἀρπάσας Ποσειδῶν καὶ
κομίσας ἐπὶ τὰς Ἐχινάδας νήσους
μίγνυται, καὶ γεννᾷ Τάφιον, ὃς
ᾤκισε Τάφον καὶ τοὺς λαοὺς
Τηλεβόας ἐκάλεσεν, ὅτι τηλοῦ
τῆς πατρίδος ἔβη. ἐκ Ταφίου δὲ
παῖς Πτερέλαος ἐγένετο: τοῦτον
ἀθάνατον ἐποίησε Ποσειδῶν, ἐν
τῇ κεφαλῇ χρυσοῦν ἐνθεῖς τρίχα.
Πτερελάω δὲ ἐγένοντο παῖδες
Χρομῖος Τύραννος Ἀντίοχος
Χερσιδάμας Μῆστωρ Εὐήρης.
Ἥλεκτρούων δὲ γήμας τὴν
Ἀλκαίου θυγατέρα Ἀναξώ,
ἐγέννησε θυγατέρα. μὲν
Ἀλκμήνην, παῖδας δὲ
Στρατοβάτην Γοργοφόνον
Φυλόνομον Κελαινέα Ἀμφίμαχον
Λυσίνομον Χειρίμαχον Ἀνάκτορα
Ἀρχέλαον, μετὰ δὲ τούτους καὶ
νόθον ἐκ Φρυγίας γυναικὸς
Μιδέας Λικύμνιον.

2.4.5

De Andrômeda nasceram seus
filhos; antes de voltar à Hélade, nasceu
Perses, quem Perseu deixou com Cefeu
(dizem que os reis da Pérsia
descendiam dele); em Micenas teve
Alceu, Estéleno, Hélio, Mestor,
Eléctrion e sua filha Gorgófono, que se
casou com Perieres.

De Alceu e Astidâmia, filha de
Pélope, ou conforme dizem, de
Laônimo, filha de Guneu, ou ainda
segundo alguns, de Hipônimo, filha de
Meneceu, nasceram Anfítrio e a filha
Anaxo; de Mestor e Lisídice, filha de
Pélope, nasceu Hipótoe. Esta
Poseidon sequestrou, levou para as
Ilhas Equinas, teve relações com ela e
deu à luz Tápio, que colonizou Tafos e
chamou os habitantes de teléboas,
porque ele havia partido para longe de
sua pátria. De Tápio nasceu seu filho
Pterelau, quem Poseidon tornou
imortal, implantando-lhe na cabeça
cabelos dourados. Pterelau teve filhos:
Crômio, Tirano, Antíoco,
Quersídamas, Mestor e Everes.

Electrion se casou com Anaxo,
filha de Alceu, e deu à luz sua filha
Alcmena, e os filhos Estratóbato,
Gorgófono, Filônimo, Celeneu,
Anfimaco, Lisínomo, Quirimaco,
Anactor e Arquelau, e depois deles,
teve um filho bastardo, Licimnio, com
uma mulher frígia chamada Mídia.

Σθενέλου δὲ καὶ Νικίππης τῆς
Πέλοπος Ἀλκύνῃ καὶ Μέδουσα,
ὑστερον δὲ καὶ Εὐρυσθεὺς
ἐγένετο, ὃς καὶ Μυκηνῶν
ἐβασίλευσεν. ὅτε γὰρ Ἡρακλῆς
ἔμελλε γεννᾶσθαι, Ζεὺς ἐν θεοῖς
ἔφη τὸν ἀπὸ Περσέως
γεννηθησόμενον τότε
βασιλεύσειν Μυκηνῶν, Ἥρα δὲ
διὰ ζῆλον Εἰλειθυίας ἔπεισε τὸν
μὲν Ἀλκμήνης τόκον ἐπισχεῖν,
Εὐρυσθέα δὲ τὸν Σθενέλου
παρεσκεύασε γεννηθῆναι
ἑπταμηνιαῖον ὄντα.

2.4.6

Ἡλεκτρώονος δὲ βασιλεύοντος
Μυκηνῶν, μετὰ Ταφίων οἱ
Πτερελάου παῖδες ἐλθόντες τὴν
Μήστορος ἀρχὴν τοῦ
μητροπάτορος ἀπήτουν, καὶ μὴ
προσέχοντος Ἡλεκτρώονος
ἀπήλαυον τὰς βόας:
ἀμυνομένων δὲ τῶν
Ἡλεκτρώονος παίδων, ἐκ
προκλήσεως ἀλλήλους
ἀπέκτειναν. ἐσώθη δὲ τῶν
Ἡλεκτρώονος παίδων Λικύμνιος
ἔτι νέος ὑπάρχων, τῶν δὲ
Πτερελάου Εὐήρης, ὃς καὶ τὰς
ναῦς ἐφύλασσε. τῶν δὲ Ταφίων οἱ
διαφυγόντες ἀπέπλευσαν τὰς
ἐλαθείσας βόας ἐλόντες, καὶ
παρέθεντο τῷ βασιλεῖ τῶν
Ἡλείων Πολυξένῳ: Ἀμφιτρώων δὲ
παρὰ Πολυξένου λυτρωσάμενος
αὐτὰς ἤγαγεν εἰς Μυκῆνας.

De Esténelo e Nisipe, filha de
Pélope, nasceram Alcíone e Medusa e,
mais tarde, Euristeu, que se tornou rei
de Micenas. Quando Hércules estava
prestes a nascer, Zeus disse aos deuses
que o que então nascesse de Perseu
seria rei de Micenas. Por causa de seus
ciúmes, Hera convenceu as Ilítias a
retardar o parto de Alcmena e
providenciou para que Euristeu, filho
de Estéleno, nascesse de sete meses.

2.4.6

Enquanto Electrion reinava em
Micenas, os filhos de Pterelau, junto
com alguns táfios, foram pedir-lhe de
volta o reino de Mestor, o avô materno
deles, mas o rei não consentiu, e eles,
então, levaram-lhe os rebanhos.
Quando os filhos de Electrion foram
impedi-los, durante o embate,
acabaram matando-se uns aos outros.
Dentre os filhos do rei, salvou-se
Licímnio, que ainda era jovem, e
dentre os de Pterelau, Everes, quem
protegia os navios. Dentre os táfios, os
fugitivos navegaram, embarcaram as
vacas trazidas consigo e as entregaram
a Polixeno, rei da Élida, de junto ao
qual Anfitrião as regastou e levou até
Micenas.

ὁ δὲ Ἡλεκτρούων τὸν τῶν παίδων
θάνατον βουλόμενος ἐκδικῆσαι,
παραδοὺς τὴν βασιλείαν
Ἀμφιτρούωνι καὶ τὴν θυγατέρα
Ἀλκμήνην, ἐξορκίσας ἵνα μέχρι
τῆς ἐπανόδου παρθένον αὐτὴν
φυλάξῃ, στρατεύειν ἐπὶ Τηλεβόας
διανοεῖτο. ἀπολαμβάνοντος δὲ
αὐτοῦ τὰς βόας, μιᾶς ἐκθορούσης
Ἀμφιτρούων ἐπ' αὐτὴν ἀφῆκεν ὁ
μετὰ χειρᾶς εἶχε ῥόπαλον, τὸ δὲ
ἀποκρουσθὲν ἀπὸ τῶν κεράτων
εἰς τὴν Ἡλεκτρούωνος κεφαλὴν
ἐλθὼν ἀπέκτεινεν αὐτόν. ὅθεν
λαβὼν ταύτην τὴν πρόφασιν
Σθένελος παντὸς Ἄργους
ἐξέβαλεν Ἀμφιτρούωνα, καὶ τὴν
ἀρχὴν τῶν Μυκηναίων καὶ τῆς
Τίρυνθος αὐτὸς κατέσχε: τὴν δὲ
Μίδειαν, μεταπεμψάμενος τοὺς
Πέλοπος παῖδας Ἀτρέα καὶ
Θυέστην, παρέθετο τούτοις.

Ἀμφιτρούων δὲ σὺν Ἀλκμήνῃ καὶ
Λικυμνίῳ παραγενόμενος ἐπὶ
Θήβας ὑπὸ Κρέοντος ἠγνίσθη,
καὶ δίδωσι τὴν ἀδελφὴν
Περιμήδην Λικυμνίῳ. λεγούσης
δὲ Ἀλκμήνης γαμηθήσεσθαι
αὐτῷ τῶν ἀδελφῶν αὐτῆς
ἐκδικήσαντι τὸν θάνατον,
ὑποσχόμενος ἐπὶ Τηλεβόας
στρατεύει Ἀμφιτρούων, καὶ
παρακάλει συλλαβέσθαι
Κρέοντα. ὁ δὲ ἔφη στρατεύσειν,
ἐὰν πρότερον ἐκείνος τὴν
Καδμείαν τῆς ἀλώπεκος
ἀπαλλάξῃ: ἔφθειρε γὰρ τὴν
Καδμείαν ἀλώπηξ θηρίον.
ὑποστάντος δὲ ὅμως εἰμαρμένον
ἦν αὐτὴν μηδέ τινα καταλαβεῖν.

Desejando vingar a morte de seus
filhos, Electrion entregou o reino e sua
filha Alcmena a Anfitrião, fazendo-o
jurar mantê-la virgem até seu retorno, e
se dispôs a guerrear contra os teléboas.
No entanto, enquanto ele recebia seus
rebanhos de volta, uma das vacas
saltou da fila. Anfitrião arremessou
nela a clava que tinha em mãos, que
foi, contudo, repelida pelos chifres do
animal em direção à cabeça de
Electrion e o matou. Sob esse pretexto,
Esténelo baniu Anfitrião de toda Argos
e dominou os reinos de Micenas e da
Tirinte. Além disso, convocou os filhos
de Pélops, Atreu e Tiestes, e lhes
entregou a Mídia.

Anfitrião chegou a Tebas junto com
Alcmena e Licímnio e foi purificado
por Creonte, que também ofereceu sua
irmã Perimedes a Licímnio. Alcmena
disse que se casaria com Anfitrião,
quando ele vingasse a morte dos
irmãos dela. Feita essa promessa,
Anfitrião marchou em guerra contra os
teléboas e chamou Creonte para ajudá-
lo, que disse que lutaria contanto que
ele primeiro livrasse a Cadmeia da
raposa, pois uma raposa monstruosa
estava devastando essa região. Embora
tenha aceitado a exigência, estava
decretado por destino que ninguém
capturaria essa raposa.

2.4.7

ἀδικουμένης δὲ τῆς χώρας, ἕνα τῶν ἀστῶν παῖδα οἱ Θηβαῖοι κατὰ μῆνα προετίθεσαν αὐτῇ, πολλοὺς ἀρπαξούση, τοῦτ' εἰ μὴ γένοιτο. ἀπαλλαγείς οὖν Ἀμφιτρούων εἰς Ἀθήνας πρὸς Κέφαλον τὸν Διονέως, συνέπειθεν ἐπὶ μέρει τῶν ἀπὸ Τηλεβοῶν λαφύρων ἄγειν ἐπὶ τὴν θήραν τὸν κύνα ὃν Πρόκρις ἤγαγεν ἐκ Κρήτης παρὰ Μίνωος λαβοῦσα: ἦν δὲ καὶ τούτῳ πεπρωμένον πᾶν, ὅ τι ἂν διώκη, λαμβάνειν. διωκομένης οὖν ὑπὸ τοῦ κυνὸς τῆς ἀλώπεκος, Ζεὺς ἀμφοτέρους λίθους ἐποίησεν. Ἀμφιτρούων δὲ ἔχων ἐκ μὲν Θορικοῦ τῆς Ἀττικῆς Κέφαλον συμμαχοῦντα, ἐκ δὲ Φωκέων Πανοπέα, ἐκ δὲ Ἑλουσ τῆς Ἀργείας Ἑλείον τὸν Περσέως, ἐκ δὲ Θηβῶν Κρέοντα, τὰς τῶν Ταφίων νήσους ἐπόρθει. ἄχρι μὲν οὖν ἔζη Πτερέλαος, οὐκ ἐδύνατο τὴν Τάφον ἐλεῖν: ὡς δὲ ἡ Πτερελάου θυγάτηρ Κομαιθῶ ἐρασθεῖσα Ἀμφιτρούωνος τὴν χρυσοῦν τρίχα τοῦ πατρὸς ἐκ τῆς κεφαλῆς ἐξείλετο, Πτερελάου τελευτήσαντος ἐχειρώσατο τὰς νήσους ἀπάσας. τὴν μὲν οὖν Κομαιθῶ κτείνει Ἀμφιτρούων καὶ τὴν λείαν ἔχων εἰς Θήβας ἔπλει, καὶ τὰς νήσους Ἑλείῳ καὶ Κεφάλῳ δίδωσι. κάκεῖνοι πόλεις αὐτῶν ἐπωνύμους κτίσαντες κατώκησαν.

2.4.7

Como o país estava sendo castigado, todo mês os tebanos ofereciam um filho de um dos cidadãos à raposa monstruosa, que levaria muitos, caso isso não ocorresse. Anfitrião partiu para Atenas, até Céfalo, filho de Deioneu, e o persuadiu a ficar com uma parte dos despojos dos teléboas se levasse à caçada o cachorro que Prócris havia recebido de Minos e trouxera de Creta: estava destinado ao cão capturar tudo aquilo que perseguisse. Quando a raposa era perseguida pelo cachorro, Zeus transformou ambos em pedra. Anfitrião, por sua vez, aliando-se a Céfalo, de Tórica, na Ática; a Panopeu, da Fócida; ao filho de Perseu, Heleio, de Helos, na Argólida e a Creonte, de Tebas, devastou as ilhas dos táfios.

Mas enquanto Pterelau viveu, Anfitrião não foi capaz de conquistar Tafos. Quando a filha Cometo, apaixonada por Anfitrião, retirou do pai os cabelos dourados da cabeça, Pterelau morreu, e Anfitrião, então, dominou todas as ilhas, matou Cometo, navegou para Tebas com o butim e as entregou a Céfalo e Heleio. Os dois fundaram cidades com seus nomes e passaram a morar lá.

2.4.8

πρὸ τοῦ δὲ Ἀμφιτρώωνα
 παραγενέσθαι εἰς Θήβας Ζεὺς,
 διὰ νυκτὸς ἐλθὼν καὶ τὴν μίαν
 τριπλασιάσας νύκτα, ὅμοιος
 Ἀμφιτρώωνι γενόμενος Ἀλκμήνη
 συνευνάσθη καὶ τὰ γενόμενα
 περὶ Τηλεβοῶν διηγήσατο.
 Ἀμφιτρώων δὲ παραγενόμενος,
 ὡς οὐχ ἔώρα φιλοφρονουμένην
 πρὸς αὐτὸν τὴν γυναῖκα,
 ἐπυνθάνετο τὴν αἰτίαν: εἰπούσης
 δὲ ὅτι τῇ προτέρᾳ νυκτὶ
 παραγενόμενος αὐτῇ
 συγκεκοίμηται, μανθάνει παρὰ
 Τειρεσίου τὴν γενομένην τοῦ Διὸς
 συνουσίαν. Ἀλκμήνη δὲ δύο
 ἐγέννησε παῖδας, Διὶ μὲν
 Ἡρακλέα, μιᾷ νυκτὶ
 πρῆσβύτερον, Ἀμφιτρώωνι δὲ
 Ἴφικλέα. τοῦ δὲ παιδὸς ὄντος
 ὀκταμηνιαίου δύο δράκοντας
 ὑπερμεγέθεις Ἥρα ἐπὶ τὴν εὐνήν
 ἔπεμψε, διαφθαρήναι τὸ βρέφος
 θέλουσα. ἐπιβοωμένης δὲ
 Ἀλκμήνης Ἀμφιτρώωνα,
 Ἡρακλῆς διαναστὰς ἄγχων
 ἑκατέραις ταῖς χερσὶν αὐτοῦς
 διέφθειρε. Φερεκύδης δὲ φησιν
 Ἀμφιτρώωνα, βουλόμενον μαθεῖν
 ὁπότερος ἦν τῶν παιδῶν ἐκείνου,
 τοὺς δράκοντας εἰς τὴν εὐνήν
 ἐμβαλεῖν, καὶ τοῦ μὲν Ἴφικλέους
 φυγόντος τοῦ δὲ Ἡρακλέους
 ὑποστάντος μαθεῖν ὡς Ἴφικλῆς ἐξ
 αὐτοῦ γεγέννηται.

2.4.8

Mas antes de Anfitrião voltar a
 Tebas, Zeus veio durante a noite e,
 após triplicar sua duração, assumiu a
 forma do general tebano e dormiu com
 Alcmena, contando-lhe acerca dos
 acontecimentos com os teléboas.
 Quando chegou, Anfitrião viu que não
 fora bem recebido por sua esposa e
 perguntou-lhe o motivo: quando ela lhe
 contou que ele estivera na noite
 anterior e dormira com ela, ficou
 sabendo de Tirésias que a relação fora
 com Zeus.

Alcmena deu à luz dois
 meninos: Hércules, filho de Zeus e
 uma noite mais velho; e Íficles, filho
 de Anfitrião. Quando Hércules tinha
 oito meses de idade, Hera, desejando
 matá-lo, enviou duas enormes
 serpentes à cama dele. Alcmena
 chamou Anfitrião para ajudá-la, mas
 Hércules se levantou e aniquilou as
 serpentes, estrangulando-as com ambas
 as mãos. Ferecides diz que o próprio
 Anfitrião, desejando saber qual dos
 dois era seu filho, teria colocado as
 serpentes na cama, e como Íficles fugiu
 e Heracles permaneceu, soube, então,
 que Íficles era seu filho.

2.4.9

ἐδιδάχθη δὲ Ἡρακλῆς
 ἄρματηλατεῖν μὲν ὑπὸ
 Ἀμφιτρούωνος, παλαίειν δὲ ὑπὸ
 Αὐτολύκου, τοξεύειν δὲ ὑπὸ
 Εὐρύτου, ὄπλομαχεῖν δὲ ὑπὸ
 Κάστορος, κιθαρωδεῖν δὲ ὑπὸ
 Λίνου. οὗτος δὲ ἦν ἀδελφὸς
 Ὀρφέως: ἀφικόμενος δὲ εἰς
 Θήβας καὶ Θηβαῖος γενόμενος
 ὑπὸ Ἡρακλέους τῇ κιθάρα
 πληγεῖς ἀπέθανεν: ἐπιπλήξαντα
 γὰρ αὐτὸν ὀργισθεῖς ἀπέκτεινε.
 δίκην δὲ ἐπαγόντων τινῶν αὐτῶ
 φόνου, παρανέγνω νόμον
 Ῥαδαμάνθυος λέγοντος, ὃς ἂν
 ἀμύνηται τὸν χειρῶν ἀδίκων
 κατάρξαντα, ἀθῶον εἶναι, καὶ
 οὕτως ἀπελύθη. δείσας δὲ
 Ἀμφιτρούων μὴ πάλιν τι ποιήσῃ
 τοιοῦτον, ἔπεμψεν αὐτὸν εἰς τὰ
 βουφόρβια. κακεῖ τρεφόμενος
 μεγέθει τε καὶ ῥώμῃ πάντων
 διήνεγκεν. ἦν δὲ καὶ θεωρηθεῖς
 φανερὸς ὅτι Διὸς παῖς ἦν:
 τετραπηχυαῖον μὲν γὰρ εἶχε τὸ
 σῶμα, πυρὸς δ' ἐξ ὀμμάτων
 ἔλαμπεν αἴγλην. οὐκ ἤστόχει δὲ
 οὔτε τοξεύων οὔτε ἀκοντίζων.

ἐν δὲ τοῖς βουκολίοις ὑπάρχων
 ὀκτωκαιδεκαέτης τὸν
 Κιθαιρώνειον ἀνείλε λέοντα.
 οὗτος γὰρ ὀρμώμενος ἐκ τοῦ
 Κιθαιρώνος τὰς Ἀμφιτρούωνος
 ἔφθειρε βόας καὶ τὰς Θεσπίου.

2.4.9

Héraclès aprendeu com Anfitrião a conduzir o arado; com Autólico, a lutar corpo a corpo; com Êurito, a usar o arco e flecha; com Castor a combater; a tocar lira com Lino, irmão de Orfeu, que chegou a Tebas, tornou-se um cidadão tebano, mas morreu golpeado por Héraclès com a lira, pois este, enfurecido, matou-o depois de ser castigado por ele. Levado a julgamento por assassinato, Héraclès citou uma lei de Radamantes, segundo a qual quem quer que se defenda das mãos de um injusto está isento de punição; e assim foi liberto.

Temendo que Héraclès voltasse a fazer algo assim, Anfitrião o enviou aos rebanhos de gados. Lá seu filho foi criado e superou todos tanto em estatura quanto em força física. Ao observá-lo, era evidente que era filho de Zeus, pois possuía um corpo de 18 polegadas e dos olhos emanava o brilho do fogo. Além disso, não errava o alvo nem com o arco e flecha, nem com a lança.

Enquanto estava nos rebanhos, aos dezoito anos matou o leão do Citerão, pois esse animal, vindo do Citerão, devastava as vacas de Anfitrião e Téspio.

2.4.10

βασιλεὺς δὲ ἦν οὗτος Θεσπιῶν,
 πρὸς ὃν ἀφίκετο Ἡρακλῆς ἐλεῖν
 βουλόμενος τὸν λέοντα. ὁ δὲ αὐτὸν
 ἐξένισε πεντήκοντα ἡμέρας, καὶ
 ἐπὶ τὴν θήραν ἐξιόντι νυκτὸς
 ἐκάστης μίαν συνεύναζε θυγατέρα
 (πεντήκοντα δὲ αὐτῷ ἦσαν ἐκ
 Μεγαμήδης γεγεννημένοι τῆς
 Ἀρνέου) : ἐσπούδαζε γὰρ πάσας
 ἐξ Ἡρακλέους τεκνοποιήσασθαι.
 Ἡρακλῆς δὲ μίαν νομίζων εἶναι
 τὴν αἰὶ συνευναζομένην, συνῆλθε
 πάσαις, καὶ χειρῶσάμενος τὸν
 λέοντα τὴν μὲν δορὰν ἠμφιέσατο,
 τῷ χάσματι δὲ ἐχρήσατο κόρυθι.

2.4.11

ἀνακάμπτοντι δὲ αὐτῷ ἀπὸ τῆς
 θήρας συνήντησαν κήρυκες παρὰ
 Ἐργίνου πεμφθέντες, ἵνα παρὰ
 Θηβαίων τὸν δασμὸν λάβωσιν.
 ἐτέλουν δὲ Θηβαῖοι τὸν δασμὸν
 Ἐργίνῳ δι' αἰτίαν τήνδε. Κλύμενον
 τὸν Μινυῶν βασιλέα λίθῳ βαλὼν
 Μενουκίεως ἠνίοχος, ὄνομα
 Περιήρης, ἐν Ὀγχηστῷ
 Ποσειδῶνος τεμένει τιτρώσκει: ὁ δὲ
 κομισθεὶς εἰς Ὀρχομενὸν ἡμιθνής
 ἐπισκῆπτει τελευτῶν Ἐργίνῳ τῷ
 παιδὶ ἐκδικῆσαι τὸν θάνατον
 αὐτοῦ. στρατευσάμενος δὲ Ἐργίνος
 ἐπὶ Θήβας, κτείνας οὐκ ὀλίγους
 ἐσπέισατο μεθ' ὄρκων, ὅπως
 πέμπωσιν αὐτῷ Θηβαῖοι δασμὸν
 ἐπὶ εἴκοσιν ἔτη, κατὰ ἔτος ἑκατὸν
 βόας.

2.4.10

Téspio era rei da Téspia, a quem, desejando capturar o leão, Hércules se dirigiu. O rei o entreteve nos cinquenta dias em que ele saiu para caçar e toda noite fazia-o deitar-se com uma filha sua (teve cinquenta com Megamede, filha de Arneu), pois Téspio ansiava que todas elas engravidassem de Hércules, que, acreditando ter sempre a mesma companheira de cama, deitou-se com todas elas.

Hércules derrotou o leão, vestiu-se com a pele dele e passou a usar a cabeça boquiaberta do animal como elmo.

2.4.11

Enquanto Hércules voltava da caçada, arautos enviados por Ergino para receber o tributo dos tebanos o encontraram. Os tebanos pagavam tributo a Ergino pela seguinte razão: Clímeno, rei dos mínias, foi ferido com uma pedrada por um cocheiro de Meneceu, chamado Perieres, num templo de Poseidon em Onquesto; levado à beira da morte a Orcómeno, ele, em seu último suspiro, incumbiu a seu filho Ergino vingar sua morte.

Ergino, então, marchou em guerra contra Tebas e assassinou muitos tebanos, com os quais fechou um acordo, firmado por juramentos, em que os tebanos deveriam lhe enviar um tributo de cem cabeças de gado por ano, durante vinte anos.

ἐπὶ τοῦτον τὸν δασμὸν εἰς Θήβας
τοὺς κήρυκας ἀπιόντας συντυχῶν
Ἡρακλῆς ἐλωβήσατο: ἀποτεμῶν
γὰρ αὐτῶν τὰ ὦτα καὶ τὰς ῥίνας,
καὶ [διὰ σχοινίων] τὰς χεῖρας
δήσας ἐκ τῶν τραχήλων, ἔφη
τοῦτον Ἐργίνω καὶ Μινύαις
δασμὸν κομίζειν. ἐφ' οἷς
ἀγανακτῶν ἐστράτευσεν ἐπὶ
Θήβας. Ἡρακλῆς δὲ λαβὼν ὄπλα
παρ' Ἀθηνᾶς καὶ πολεμαρχῶν
Ἐργίνον μὲν ἔκτεινε, τοὺς δὲ
Μινύας ἐτρέψατο καὶ τὸν δασμὸν
διπλοῦν ἠνάγκασε Θηβαίοις
φέρειν. συνέβη δὲ κατὰ τὴν
μάχην Ἀμφιτρώωνα γενναίως
μαχόμενον τελευτῆσαι. λαμβάνει
δὲ Ἡρακλῆς παρὰ Κρέοντος
ἀριστεῖον τὴν πρεσβυτάτην
θυγατέρα Μεγάρων, ἐξ ἧς αὐτῶ
παῖδες ἐγένοντο τρεῖς, Θηρίμαχος
Κρεοντιάδης Δηκόων. τὴν δὲ
νεωτέραν θυγατέρα Κρέων
Ἴφικλεῖ δίδωσιν, ἤδη παῖδα
Ἰόλαον ἔχοντι ἐξ Αὐτομεδούσης
τῆς Ἀλκάθου. ἔγημε δὲ καὶ
Ἀλκμήνην μετὰ τὸν
Ἀμφιτρώωνος θάνατον Διὸς παῖς
Ραδάμανθους, κατῴκει δὲ ἐν
Ὠκαλείαις τῆς Βοιωτίας
πεφευγώς.

προμαθῶν δὲ παρ' Ἐυρύτου τὴν
τοξικὴν Ἡρακλῆς ἔλαβε παρὰ
Ἐρμού μὲν ξίφος, παρ'
Ἀπόλλωνος δὲ τόξα, παρὰ δὲ
Ἡφαίστου θώρακα χρυσοῦν,
παρὰ δὲ Ἀθηνᾶς πέπλον:
ρόπαλον μὲν γὰρ αὐτὸς ἔτεμεν ἐκ
Νεμέας.

Ao encontrar os arautos em seu caminho a Tebas para cobrar esse tributo, Hércules os ultrajou, pois cortou-lhes as orelhas, o nariz e as mãos, amarrou-os pelo pescoço e lhes disse para carregar esse tributo a Ergino e aos mínias.

Indignado com esse ultraje, Ergino atacou Tebas, mas Hércules assumiu o comando e com as armas que recebera de Atena matou o rei inimigo, afugentou os mínias e forçou-os a pagar em dobro o tributo aos tebanos.

Ocorreu que nessa batalha Anfitrião morreu lutando bravamente. Hércules, por sua vez, recebeu de Creonte como prêmio sua filha mais velha, Mégara, com quem teve três filhos; Terímaco, Creontíades e Deicoonte. Creonte entregou sua filha mais nova a Íficles, que já tinha um filho, Iolau, com Automedusa, filha de Alcato. Já Radamantes, filho de Zeus, casou-se com Alcmena após a morte de Anfitrião e passou a morar exilado, em Ocaléia, na Beócia.

Hércules primeiro aprendeu com Êurito a manusear o arco e flecha, depois recebeu uma espada de Hermes, arco e flechas de Apolo, uma couraça dourada de Hefesto, uma túnica de Atena, enquanto ele próprio esculpiu uma clava, em Neméia.

2.4.12

μετὰ δὲ τὴν πρὸς Μινύας μάχην
 συνέβη αὐτῷ κατὰ ζῆλον Ἥρας
 μανῆναι, καὶ τοὺς τε ἰδίους
 παῖδας, οὓς ἐκ Μεγάρων εἶχεν, εἰς
 πῦρ ἐμβαλεῖν καὶ τῶν Ἴφικλέους
 δύο: διὸ καταδικάσας ἑαυτοῦ
 φυγὴν καθίρεται μὲν ὑπὸ
 Θεσπίου, παραγενόμενος δὲ εἰς
 Δελφοὺς πυνθάνεται τοῦ θεοῦ
 ποῦ κατοικήσει. ἡ δὲ Πυθία τότε
 πρῶτον Ἡρακλέα αὐτὸν
 προσηγόρευσε: τὸ δὲ πρῶτον
 Ἀλκείδης προσηγορεύετο.
 κατοικεῖν δὲ αὐτὸν εἶπεν ἐν
 Τίρυνθι, Εὐρυσθεῖ λατρεύοντα
 ἔτη δώδεκα, καὶ τοὺς
 ἐπιτασσομένους ἄθλους δέκα
 ἐπιτελεῖν, καὶ οὕτως ἔφη, τῶν
 ἄθλων συντελεσθέντων,
 ἀθάνατον αὐτὸν ἔσεσθαι.

2.4.12

Ocorreu que, após a luta contra os minias, Hércules enlouqueceu, devido aos ciúmes de Hera, lançando no fogo os próprios filhos que tivera com Mégara, como também os dois filhos de Íficles. Por isso, condenou a si próprio ao exílio, mas foi purificado por Téspio e, chegando a Delfos, perguntou ao deus onde deveria morar. A sacerdotisa Pítia, então, primeiro o chamou de Hércules, pois até então ele era chamado de Alcides; ademais, disse-lhe para morar em Tirinto, servindo Euristeu por doze anos, realizando os dez trabalhos impostos por ele. Dessa forma – disse ela – realizando esses trabalhos, Hércules seria imortal.

2.5.1

τοῦτο ἀκούσας ὁ Ἡρακλῆς εἰς
Τίρυνθα ἦλθε, καὶ τὸ
προσταττόμενον ὑπὸ Εὐρυσθέως
ἐτέλει. πρῶτον μὲν οὖν ἐπέταξεν
αὐτῷ τοῦ Νεμέου λέοντος τὴν
δορὰν κομίζειν: τοῦτο δὲ ζῶον ἦν
ἄτρωτον, ἐκ Τυφῶνος
γεγεννημένον. πορευόμενος οὖν
ἐπὶ τὸν λέοντα ἦλθεν εἰς
Κλεωνάς, καὶ ξενίζεται παρὰ
ἀνδρὶ χερνήτη Μολόρχῳ. καὶ
θύειν ἱερεῖον θέλοντι εἰς ἡμέραν
ἔφη τηρεῖν τριακοστήν, καὶ ἂν
μὲν ἀπὸ τῆς θήρας σῶος
ἐπανεέλθῃ, Διὶ σωτήρι θύειν, ἐὰν
δὲ ἀποθάνῃ, τότε ὡς ἦρωι
ἐναγίζειν. εἰς δὲ τὴν Νεμέαν
ἀφικόμενος καὶ τὸν λέοντα
μαστεύσας ἐτόξευσε τὸ πρῶτον:
ὡς δὲ ἔμαθεν ἄτρωτον ὄντα,
ἀνατεινόμενος τὸ ῥόπαλον
ἐδίωκε. συμφυγόντος δὲ εἰς
ἀμφίστομον σπήλαιον αὐτοῦ τὴν
ἐτέραν ἐνωκοδόμησεν εἴσοδον,
διὰ δὲ τῆς ἐτέρας ἐπεισῆλθε τῷ
θηρίῳ, καὶ περιθεὶς τὴν χεῖρα τῷ
τραχήλῳ κατέσχευεν ἄγχων ἕως
ἐπνίξε, καὶ θέμενος ἐπὶ τῶν
ὤμων ἐκόμιζεν εἰς Κλεωνάς.
καταλαβὼν δὲ τὸν Μόλορχον ἐν
τῇ τελευταίᾳ τῶν ἡμερῶν ὡς
νεκρῷ μέλλοντα τὸ ἱερεῖον
ἐναγίζειν, σωτήρι θύσας Διὶ ἦγεν
εἰς Μυκῆνας τὸν λέοντα.

2.5.1

Após ouvir isso, Hércules foi para Tirinto e fez aquilo mandado por Euristeu que, primeiramente, ordenou-lhe trazer a pele do leão de Neméia, um animal invulnerável que fora gerado pelo Tífon. Hércules partiu em busca do leão, foi até Cleona e foi hospedado pelo humilde trabalhador Molorco, que quis oferecer-lhe um animal em sacrifício. O herói, contudo, disse-lhe para que esperasse até o trigésimo dia e caso voltasse são e salvo da caçada, para dedicá-lo a Zeus salvador; caso morresse, para oferecê-lo a ele como um herói.

Uma vez em Neméia, Hércules procurou pelo leão e primeiro atirou nele com o arco; assim que constatou que o animal era invulnerável, empunhou sua clava e o perseguiu. Quando o leão fugiu para uma caverna de duas bocas, Hércules fechou uma das entradas, entrou pela outra, colocou seu braço em volta do pescoço do animal e apertou com força até estrangulá-lo. Em seguida, Hércules o colocou nos ombros e o levou consigo para Cleonas. Encontrando Molorco, no último dos trinta dias, prestes a sacrificar-lhe um animal por dá-lo como morto, sacrificou a Zeus salvador e levou o leão para Micenas.

Εὐρουσθεὺς δὲ καταπλαγείς αὐτοῦ
 τὴν ἀνδρείαν ἀπέϊπε τὸ λοιπὸν
 αὐτῷ εἰς τὴν πόλιν εἰσιέναι,
 δεικνύειν δὲ πρὸ τῶν πυλῶν
 ἐκέλευε τοὺς ἄθλους. φασὶ δὲ ὅτι
 δείσας καὶ πίθονέ αὐτῷ χαλκοῦν
 εἰσκορυβῆναι ὑπὸ γῆν
 κατεσκεύασε, καὶ πέμπων
 κήρυκα Κοπρέα Πέλοπος τοῦ
 Ἥλείου ἐπέταττε τοὺς ἄθλους.
 οὗτος δὲ Ἴφιτον κτείνας, φυγῶν
 εἰς Μυκῆνας καὶ τυχῶν παρ’
 Εὐρουσθέως καθαρσίων ἐκεῖ
 κατῴκει.

2.5.2

δεύτερον δὲ ἄθλον ἐπέταξεν
 αὐτῷ τὴν Λερναίαν ὕδραν
 κτεῖναι: αὕτη δὲ ἐν τῷ τῆς Λέρνης
 ἔλει ἐκτραφεῖσα ἐξέβαινεν εἰς τὸ
 πεδῖον καὶ τὰ τε βοσκήματα καὶ
 τὴν χώραν διέφθειρεν. εἶχε δὲ ἡ
 ὕδρα ὑπερμέγεθες σῶμα,
 κεφαλὰς ἔχον ἐννέα, τὰς μὲν
 ὀκτὼ θνητάς, τὴν δὲ μέσην
 ἀθάνατον. ἐπιβάς οὖν ἄρματος,
 ἡνιοχοῦντος Ἰολάου, παρεγένετο
 εἰς τὴν Λέρνην, καὶ τοὺς μὲν
 ἵππους ἔστησε, τὴν δὲ ὕδραν
 εὐρῶν ἐν τινι λόφῳ παρὰ τὰς
 πηγὰς τῆς Ἀμυμώνης, ὅπου ὁ
 φωλεὸς αὐτῆς ὑπῆρχε, βάλλων
 βέλεσι πεπυρωμένοις ἠνάγκασεν
 ἐξελθεῖν, ἐκβαίνουσας δὲ αὐτὴν
 κρατήσας κατεῖχεν. ἡ δὲ θατέρῳ
 τῶν ποδῶν ἐνείχετο
 περιπλακεῖσα. τῷ ῥοπάλῳ δὲ τὰς
 κεφαλὰς κόπτων οὐδὲν ἀνύειν
 ἠδύνατο: μιᾶς γὰρ κοπτομένης
 κεφαλῆς δύο ἀνεφύοντο.
 ἐπεβοήθει δὲ καρκίνος τῇ ὕδρῳ
 ὑπερμεγέθης, δάκνων τὸν πόδα.

Assustado com a coragem dele,
 Euristeu o proibiu dali por diante de
 entrar na cidade e ordenou-lhe mostrar
 os trabalhos ante os portões. Conta-se
 que, com medo, Euristeu construiu
 para si um vaso de bronze, para
 esconder-se sob a terra, e ordenava os
 trabalhos por meio do arauto Corpeu,
 filho de Pélops, o eleu. Corpeu havia
 matado Ífito e fugido para Micenas;
 depois de purificado por Euristeu,
 passou a morar lá.

2.5.2

Como segundo trabalho, Euristeu
 ordenou a Hércules matar a Hidra de
 Lerna, criatura que, criada no pântano
 de Lerna, avançava em direção à
 planície e destruía os rebanhos e o
 campo. A hidra tinha um corpo enorme
 e possuía nove cabeças; oito eram
 mortais e uma, a do centro, imortal.
 Montado no carro de guerra conduzido
 por Iolau, Hércules chegou a Lerna e
 deteve os cavalos, após deparar-se com
 a hidra numa colina junto às fontes de
 Amimone, onde ficava a caverna dela.
 Lançando dardos inflamados, forçou-a
 a vir para fora; assim que a Hidra
 deixou a caverna, Hércules a segurou
 firme, dominando-a. O monstro o
 prendia, entrelaçado em um dos pés
 dele. Cortar as cabeças com a clava
 não surtia efeito algum, pois a cada
 cabeça golpeada, duas surgiam. Um
 enorme caranguejo ajudava a hidra,
 mordendo o pé de Hércules.

διὸ τοῦτον ἀποκτείνας
ἐπεκαλέσατο καὶ αὐτὸς βοηθὸν
τὸν Ἰόλαον, ὃς μέρος τι
καταπρήσας τῆς ἐγγύς ὕλης τοῖς
δαλοῖς ἐπικαίων τὰς ἀνατολὰς
τῶν κεφαλῶν ἐκώλυεν ἀνιέναι.
καὶ τοῦτον τὸν τρόπον τῶν
ἀναφυομένων κεφαλῶν
περιγενόμενος, τὴν ἀθάνατον
ἀποκόψας κατώρυξε καὶ βαρεῖαν
ἐπέθηκε πέτραν, παρὰ τὴν ὁδὸν
τὴν φέρουσιν διὰ Λέρνης εἰς
Ἐλαιῶντα τὸ δὲ σῶμα τῆς ὕδρας
ἀνασχίσας τῇ χολῇ τοὺς ὀιστοὺς
ἔβαψεν. Εὐρυσθεὺς δὲ ἔφη μὴ
δεῖν καταριθμῆσαι τοῦτον ἐν τοῖς
δέκα τὸν ἄθλον: οὐ γὰρ μόνος
ἀλλὰ καὶ μετὰ Ἰολάου τῆς ὕδρας
περιεγένετο.

2.5.3

τρίτον ἄθλον ἐπέταξεν αὐτῷ τὴν
Κερυνίτιν ἔλαφον εἰς Μυκήνας
ἔμπνουν ἐνεγκεῖν. ἦν δὲ ἡ ἔλαφος
ἐν Οἰνῳ, χρυσόκερως, Ἀρτέμιδος
ἱερά: διὸ καὶ βουλόμενος αὐτὴν
Ἡρακλῆς μῆτε ἀνελεῖν μῆτε
τρῶσαι, συνεδίωξεν ὅλον
ἐνιαυτόν. ἐπεὶ δὲ κάμνον τὸ
θηρίον τῇ διώξει συνέφυγεν εἰς
ὄρος τὸ λεγόμενον Ἀρτεμίσιον,
κάκειθεν ἐπὶ ποταμὸν Λάδωνα,
τοῦτον διαβαίνειν μέλλουσιν
τοξεύσας συνέλαβε, καὶ θέμενος
ἐπὶ τῶν ὤμων διὰ τῆς Ἀρκαδίας
ἠπεύγετο. μετ' Ἀπόλλωνος δὲ
Ἀρτεμις συντυχοῦσα ἀφηρεῖτο,
καὶ τὸ ἱερόν ζῶον αὐτῆς
κτείνοντα κατεμέμφετο.

O herói o matou e em seguida
pediu ajuda a Iolau, que ateou fogo em
uma porção de uma floresta próxima,
cauterizou os pescoços das cabeças
com as tochas e as preveniu de
ressurgir.

Dessa forma, levando a melhor
sobre as cabeças que renasciam,
Héracles cortou a imortal, enterrou-a e
sobre ela colocou uma pesada pedra,
próxima à estrada que levava a
Eleunte, através de Lerna. Ele ainda
rasgou o corpo da Hidra e mergulhou
as flechas na bile. No entanto, Euristeu
disse que não era possível incluir esse
trabalho entre os dez, porque Héracles
não dominara a Hidra sozinho, mas
com a ajuda de Iolau.

2.5.3

Como terceiro trabalho,
Euristeu ordenou a Héracles levar viva
para Micenas a corça cerinita, que
possuía chifres dourados, era sagrada a
Ártemis e estava em Énoe. Por essa
razão, como não desejava matá-la nem
a ferir, Héracles a perseguiu por um
ano inteiro. Quando a corça, cansada
da perseguição, refugiou-se na colina
chamada Artemísio, prestes a
atravessar o rio Ládona, Héracles atirou
flechas nela e a capturou. Colocando o
animal sobre seus ombros, apressou-se
pela Arcádia.

Ártemis, em companhia de Apolo, foi
ao encontro do herói, tomou-lhe a
corça e o acusou de tentar matar o
sagrado animal dela.

ὁ δὲ ὑποτιμησάμενος τὴν
ἀνάγκην, καὶ τὸν αἴτιον εἰπὼν
Εὐρυσθέα γεγονέναι, πραῦνας
τὴν ὀργὴν τῆς θεοῦ τὸ θηρίον
ἐκόμισεν ἔμπνουν εἰς Μυκῆνας.

2.5.4

τέταρτον ἄθλον ἐπέταξεν αὐτῶ
τὸν Ἐρυσθάνθιον κάπρον ζῶντα
κομίζειν: τοῦτο δὲ τὸ θηρίον
ἠδίκηκε τὴν Ψωφίδα, ὀρμώμενον ἐξ
ὄρους ὃ καλοῦσιν Ἐρύμανθον.
διερχόμενος οὖν Φολόην
ἐπιξενούται Κενταύρω Φόλω,
Σειληνοῦ καὶ νύμφης μελίας
παιδί. οὗτος Ἡρακλεῖ μὲν ὅπτα
παρεῖχε τὰ κρέα, αὐτὸς δὲ ὤμοις
ἐχρήτο. αἰτοῦντος δὲ οἶνον
Ἡρακλέους, ἔφη δεδοικέναι τὸν
κοινὸν τῶν Κενταύρων ἀνοιξαι
πίθον: θαρρεῖν δὲ
παρακελευσάμενος Ἡρακλῆς
αὐτὸν ἠνοιξε, καὶ μετ' οὐ πολὺ
τῆς ὀσμῆς αἰσθόμενοι παρῆσαν οἱ
Κένταυροι, πέτραις ὀπλισμένοι
καὶ ἐλάταις, ἐπιτὸ τοῦ Φόλου
σπήλαιον. τοὺς μὲν οὖν πρώτους
τολμήσαντας εἴσω παρελθεῖν
Ἄγχιον καὶ Ἄγριον Ἡρακλῆς
ἐτρέψατο βάλλων δαλοῖς, τοὺς δὲ
λοιποὺς ἐτόξευσε διώκων ἄχρι
τῆς Μαλέας.

Alegando ter sido obrigado e
afirmando ser Euristeu o culpado,
Héracles acalmou a cólera da deusa e
levou a cerva viva para Micenas.

2.5.4

Como quarto trabalho, ordenou-lhe
trazer vivo o javali de Erimanto, que,
vindo da montanha chamada Erimanto,
devastava a Psófida. Ao atravessar
Fóloe, Héracles foi recebido pelo
centauro Folo, filho de Sileno e de uma
ninfa meliade, que lhe ofereceu carne
grelhada enquanto ele a comia crua.
Quando Héracles lhe pediu vinho, Folo
disse ter receio de abrir o jarro comum
dos centauros. No entanto,
encorajando-o, Héracles abriu o jarro e
não muito depois de sentir o cheiro, os
centauros se aproximaram da caverna
de Folo, armados com pedras e abetos.
Nos primeiros que se atreveram a
entrar, Ânquios e Ágrios, Héracles
virou-se e lançou tochas; nos restantes
atirou com o arco, perseguindo-os até
Málea.

ἐκεῖθεν δὲ πρὸς Χείρωνα
συνέφυγον, ὃς ἐξελαθεὶς ὑπὸ
Λαπιθῶν ὄρους Πηλίου παρὰ
Μαλέαν κατῶκησε. τούτῳ
περιπεπτωκότας τοὺς
Κενταύρους τοξεύων ἴησι βέλος ὁ
Ἡρακλῆς, τὸ δὲ ἐνεχθὲν Ἐλάτου
διὰ τοῦ βραχίονος τῷ γόνατι τοῦ
Χείρωνος ἐμπήγνυται. ἀνιαθεὶς
δὲ Ἡρακλῆς προσδραμῶν τό τε
βέλος ἐξείλκυσε, καὶ δόντος
Χείρωνος φάρμακον ἐπέθηκεν.
ἀνίατον δὲ ἔχων τὸ ἔλκος εἰς τὸ
σπῆλαιον ἀπαλλάσσεται. κάκει
τελευτήσαι βουλόμενος, καὶ μὴ
δυνάμενος ἐπέειπερ ἄθάνατος ἦν,
ἀντιδόντος Διὶ Προμηθέως αὐτὸν
ἀντ' αὐτοῦ γενησόμενον
ἄθάνατον, οὕτως ἀπέθανεν. οἱ
λοιποὶ δὲ τῶν Κενταύρων
φεύγουσιν ἄλλος ἄλλαχῆ, καὶ
τινὲς μὲν παρεγένοντο εἰς ὄρος
Μαλέαν, Εὐρυτίων δὲ εἰς Φολόην,
Νέσσοσ δὲ ἐπὶ ποταμὸν Εὐήνον.
τοὺς δὲ λοιποὺς ὑποδεξάμενος
Ποσειδῶν εἰς Ἐλευσίνα ὄρει
κατεκάλυψεν. Φόλος δὲ ἐλκύσας
ἐκ νεκροῦ τὸ βέλος ἐθαύμαζεν, εἰ
τοὺς τηλικούτους τὸ μικρὸν
διέφθειρε: τὸ δὲ τῆς χειρὸς
ὀλισθησαν ἦλθεν ἐπὶ τὸν πόδα
καὶ παραχρῆμα ἀπέκτεινεν
αὐτόν. ἐπανελθὼν δὲ εἰς Φολόην
Ἡρακλῆς καὶ Φόλον
τελευτήσαντα θεασάμενος,
θάψας αὐτόν ἐπὶ τὴν τοῦ κάπρου
θήραν παραγίνεται, καὶ διώξας
αὐτόν ἐκ τινος λόχμης μετὰ
κραυγῆς, εἰς χιόνα πολλὴν
παρειμένον εἰσωθήσας
ἐμβροχίσας τε ἐκόμισεν εἰς
Μυκίνας.

Dali fugiram até Quíron, quem,
banido pelos lápitas da Montanha
Pélion, passou a morar em Málea. Os
centauros o cercaram, e Hércules,
atirando flechas neles, lançou uma que
atravessou o braço de Élato e se fincou
no joelho de Quíron. Perturbado,
Hércules correu até ele, retirou a flecha
e aplicou o remédio dado pelo próprio
centauro, que, como tinha um
ferimento incurável, retirou-se para sua
caverna. Lá desejava morrer, embora
não fosse possível, visto que era
imortal, mas Prometeu ofereceu-se a
Zeus para tornar-se imortal no lugar de
Quíron que, desse modo, morreu.

Os demais centauros fugiram
para outro lugar e alguns deles
chegaram à montanha Málea; Euritíon
foi para Fóloe e Nesso, para o rio
Éveno. Poseidon recebeu o restante
em Elêusis e os escondeu na montanha.
Folo, por sua vez, retirou uma flecha
de um cadáver e se admirou como algo
tão pequeno destruiu criaturas tão
grandes. A flecha, contudo,
escorregou de sua mão e foi até seu pé,
matando-o imediatamente. Ao retornar
a Fóloe e ver Folo morto, Hércules
enterrou-o e prosseguiu à caça ao
javali. De uma moita, perseguiu a
criatura aos gritos e arrastou o animal
já cansado sobre a neve espessa; então
o amarrou e o levou para Micenas.

2.5.5

πέμπτον ἐπέταξεν αὐτῷ ἄθλον
 τῶν Αὐγείου βοσκημάτων ἐν
 ἡμέρᾳ μιᾷ μόνον ἐκφορῆσαι τὴν
 ὄνθον. ἦν δὲ ὁ Αὐγείας βασιλεὺς
 Ἕλιδος, ὡς μὲν τινες εἶπον, παῖς
 Ἡλίου, ὡς δὲ τινες, Ποσειδῶνος,
 ὡς δὲ ἔνιοι, Φόρβαντος, πολλὰς
 δὲ εἶχε βοσκημάτων ποιίμας.
 τούτῳ προσελθὼν Ἡρακλῆς, οὐ
 δηλώσας τὴν Εὐρυσθέως
 ἐπιταγὴν, ἔφασκε μιᾷ ἡμέρᾳ τὴν
 ὄνθον ἐκφορῆσειν, εἰ δώσει τὴν
 δεκάτην αὐτῷ τῶν βοσκημάτων.
 Αὐγείας δὲ ἀπιστῶν ὑπισχνεῖται.
 μαρτυράμενος δὲ Ἡρακλῆς τὸν
 Αὐγείου παῖδα Φυλέα, τῆς τε
 αὐλῆς τὸν θεμέλιον διεῖλε καὶ τὸν
 Ἀλφειὸν καὶ τὸν Πηνειὸν
 συνέγγυς ῥέοντας παροχετεύσας
 ἐπήγαγεν, ἔκρουν δι' ἄλλης
 ἐξόδου ποιήσας. μαθὼν δὲ
 Αὐγείας ὅτι κατ' ἐπιταγὴν
 Εὐρυσθέως τοῦτο ἐπιτετέλεσται,
 τὸν μισθὸν οὐκ ἀπεδίδου, προσέτι
 δ' ἠρνεῖτο καὶ μισθὸν ὑποσχέσθαι
 δώσειν, καὶ κρίνεσθαι περὶ τούτου
 ἕτοιμος ἔλεγεν εἶναι.
 καθεζομένων δὲ τῶν δικαστῶν
 κληθεὶς ὁ Φυλεὺς ὑπὸ
 Ἡρακλέους τοῦ πατρὸς
 κατεμαρτύρησεν, εἰπὼν
 ὁμολογῆσαι μισθὸν δώσειν αὐτῷ.
 ὀργισθεὶς δὲ Αὐγείας, πρὶν τὴν
 ψῆφον ἐνεχθῆναι, τὸν τε Φυλέα
 καὶ τὸν Ἡρακλέα βαδίζειν ἐξ
 Ἕλιδος ἐκέλευσε.

2.5.5

Como quinto trabalho Euristeu ordenou a Hércules limpar, em um único dia, o esterco dos gados de Áugias, então rei da Élide. Segundo contavam, ele era filho do Sol, mas outros afirmavam que era filho de Poseidon; havia ainda aqueles que diziam ser filho de Forbas; possuía muitos rebanhos de gado. Dirigindo-se ao rei sem revelar a ordem de Euristeu, Hércules disse que limparia o esterco em um dia, caso Áugias lhe desse a décima parte de seu gado. Embora incrédulo, ele prometeu. Após chamar como testemunha Fileu, filho de Áugias, Hércules quebrou a fundação do estábulo e, modificando o curso dos rios Alfeu e Peneu, que corriam próximos, fê-los escoar ali, criando outra saída para a água. Ao saber que Hércules realizava uma ordem de Euristeu, Áugias não efetuou o pagamento; ademais, negou que tivesse prometido oferecer soldo e, decidido sobre isso, disse que estava pronto para ser julgado. Os juizes se sentaram e Fileu, convocado por Hércules, testemunhou contra seu pai, afirmando que o rei havia concordado em recompensar o herói. Irritado, Áugias, antes que o voto fosse conduzido, ordenou a Hércules e Fileu que deixassem a Élide.

Φυλεὺς μὲν οὖν εἰς Δουλίχιον
ἦλθε κακῆι κατώκει, Ἡρακλῆς δὲ
εἰς Ὀλενον πρὸς Δεξαμενὸν ἦκε,
καὶ κατέλαβε τοῦτον μέλλοντα
δι' ἀνάγκην μνηστεύειν
Εὐρυτίωνι Κενταύρῳ
Μνησιμάχην τὴν θυγατέρα: ὕφ'
οὐ παρακληθεὶς βοηθεῖν ἐλθόντα
ἐπὶ τὴν νύμφην Εὐρυτίωνα
ἀπέκτεινε. Εὐρουσθεὺς δὲ οὐδὲ
τοῦτον ἐν τοῖς δέκα προσεδέξατο
τὸν ἄθλον, λέγων ἐπὶ μισθῶ
πεπρᾶχθαι.

2.5.6

ἕκτον ἐπέταξεν ἄθλον αὐτῶ τὰς
Στυμφαλίδας ὄρνιθας ἐκδιῶξαι.
ἦν δὲ ἐν Στυμφάλῳ πόλει τῆς
Ἀρκαδίας Στυμφαλὶς λεγομένη
λίμνη, πολλῇ συνηρεφῆς ὕλη: εἰς
ταύτην ὄρνεις συνέφυγον
ἄπλετοι, τὴν ἀπὸ τῶν λύκων
ἀρπαγὴν δεδοικυῖαι.
ἀμηχανοῦντος οὖν Ἡρακλέους
πῶς ἐκ τῆς ὕλης τὰς ὄρνιθας
ἐκβάλη, χάλκεα κρόταλα δίδωσιν
αὐτῶ Ἀθηνᾶ παρὰ Ἡφαίστου
λαβοῦσα. ταῦτα κρούων ἐπὶ τινος
ὄρους τῆς λίμνης παρακειμένου τὰς
ὄρνιθας ἐφόβει: αἱ δὲ τὸν δοῦπον
οὐχ ὑπομένουσαι μετὰ δέους
ἀνίπταντο, καὶ τοῦτον τὸν τρόπον
Ἡρακλῆς ἐτόξευσεν αὐτάς.

Este, então, foi para Dulíquio e ali
passou a morar. Hércules, por sua vez,
foi até Dexámenon, em Oleno, quem,
coagido, encontrou a ponto de entregar
sua filha Mnesímaca ao centauro
Eurítion. Chamado por ele para ajudar,
o herói matou Eurítion, quando este ia
ao encontro de sua noiva. Já Euristeu
não aceitou esse trabalho entre os dez,
afirmando que Hércules havia
realizado a tarefa em troca de
pagamento.

2.5.6

Como sexto trabalho, Euristeu
ordenou a Hércules expulsar as aves
estinfálicas. Na cidade de Estínfalo, na
Arcádia, havia um lago chamado
Estinfálico, ocultado por uma densa
floresta, para onde inúmeras aves
fugiram em bando, temendo ser
capturadas pelos lobos. Como Hércules
não sabia como expulsá-las da floresta,
Atena lhe entregou castanholas de
bronze que recebera de Hefesto.
Tocando-as do alto de uma montanha
situada perto da lagoa, Hércules
amedrontou as aves, que não
aguentaram o barulho e voaram com
medo, e, dessa forma, atirou flechas
nelas.

2.5.7

ἔβδομον ἐπέταξεν ἄθλον τὸν
Κρήτα ἀγαγεῖν ταῦρον. τοῦτον
Ἄκουσίλαος μὲν εἶναί φησι τὸν
διαπορθμεύσαντα Εὐρώπην Δί,
τινὲς δὲ τὸν ὑπὸ Ποσειδῶνος
ἀναδοθέντα ἐκ θαλάσσης, ὅτε
καταθύσειν Ποσειδῶνι Μίνως
εἶπε τὸ φανένεκ τῆς θαλάσσης.
καὶ φασι θεασάμενον αὐτὸν τοῦ
ταύρου τὸ κάλλος τοῦτον μὲν εἰς
τὰ βουκόλια ἀποπέμψαι, θῦσαι δὲ
ἄλλον Ποσειδῶνι: ἐφ' οἷς
ὄργισθέντα τὸν θεὸν ἀγριῶσαι
τὸν ταῦρον. ἐπὶ τοῦτον
παραγενόμενος εἰς Κρήτην
Ἡρακλῆς, ἐπειδὴ συλλαβεῖν
ἀξιούντι Μίνως εἶπεν αὐτῷ
λαμβάνειν διαγωνισαμένῳ,
λαβῶν καὶ πρὸς Εὐρυσθέα
διακομίσας ἔδειξε, καὶ τὸ λοιπὸν
εἶασεν ἄνετον: ὁ δὲ πλανηθεὶς εἰς
Σπάρτην τε καὶ Ἀρκαδίαν
ἄπασαν, καὶ διαβάς τὸν Ἴσθμόν,
εἰς Μαραθῶνα τῆς Ἀττικῆς
ἀφικόμενος τοὺς ἐγχωρίους
διελυμαίνετο.

2.5.8

ὄγδοον ἄθλον ἐπέταξεν αὐτῷ τὰς
Διομήδους τοῦ Θρακὸς ἵππους εἰς
Μυκήνας κομίζειν: ἦν δὲ οὗτος
Ἄρεος καὶ Κυρήνης, βασιλεὺς
Βιστόνων ἔθνους Θρακίου καὶ
μαχιμωτάτου, εἶχε δὲ
ἀνθρωποφάγους ἵππους.
πλεύσας οὖν μετὰ τῶν ἐκουσίως
συνεπομένων καὶ βιασάμενος
τοὺς ἐπὶ ταῖς φάτναις τῶν ἵππων
ὑπάρχοντας ἤγαγεν ἐπὶ τὴν
θάλασσαν.

2.5.7

Como sétimo trabalho ordenou-lhe trazer o touro de Creta, que, segundo Acusilau, transportara Europa até Zeus. Alguns afirmam que fora enviado do mar por Poseidon, quando Minos lhe prometeu sacrificar o que quer que surgisse do mar. Dizem também que contemplando a beleza do animal, Minos o enviou aos seus rebanhos, oferecendo outro a Poseidon, que, irritado por causa dele, fez do touro um animal selvagem. Em busca deste, Hércules chegou a Creta e, disposto a ajudar, Minos disse-lhe para lutar e prender o touro. Capturado o animal, Hércules o levou e mostrou a Euristeu, que o soltou em seguida. O touro vagou por Esparta e por toda a Arcádia e, cruzando o Istmo, chegou a Maratona, na Ática, cujos habitantes atormentava.

2.5.8

Como oitavo trabalho, ordenou-lhe trazer a Micenas as éguas de Diomedes, o trácio, que possuía éguas antropófagas e era filho de Ares e Cirene, rei dos bístones, um povo bélico da Trácia. Hércules navegou com companheiros voluntários e dominando os guardiões dos estábulos conduziu as éguas ao mar.

τῶν δὲ Βιστόνων σὺν ὄπλοις
ἐπιβοηθούντων τὰς μὲν ἵππους
παρέδωκεν Ἀβδήρῳ φυλάσσειν:
οὗτος δὲ ἦν Ἑρμοῦ παῖς, Λοκρὸς
ἐξ Ὀποῦντος, Ἡρακλέους
ἐρώμενος, ὃν αἱ ἵπποι διέφθειραν
ἐπισπασάμεναι: πρὸς δὲ τοὺς
Βίστονας διαγωνισάμενος καὶ
Διομήδην ἀποκτείνας τοὺς
λοιποὺς ἠνάγκασε φεύγειν, καὶ
κτίσας πόλιν Ἀβδηρα παρὰ τὸν
τάφον τοῦ διαφθαρέντος
Ἀβδήρου, τὰς ἵππους κομίσας
Εὐρυσθεῖ ἔδωκε. μεθέντος δὲ
αὐτὰς Εὐρυσθέως, εἰς τὸ
λεγόμενον ὄρος Ὀλυμπον
ἐλθοῦσαι πρὸς τῶν θηρίων
ἀπώλοντο.

2.5.9

ἓνατον ἄθλον Ἡρακλεῖ ἐπέταξε
ζωστήρα κομίζειν τὸν Ἴππολύτης.
αὕτη δὲ ἐβασίλευεν Ἀμαζόνων, αἱ
κατώκουν περὶ τὸν Θερμῶδοντα
ποταμόν, ἔθνος μέγα τὰ κατὰ
πόλεμον: ἤσκουν γὰρ ἀνδρίαν,
καὶ εἴ ποτε μιγεῖσαι γεννήσειαν,
τὰ θήλεα ἔτρεφον, καὶ τοὺς μὲν
δεξιοὺς μαστοὺς ἐξέθλιβον, ἵνα
μὴ κωλύωνται ἀκοντίζειν, τοὺς δὲ
ἀριστεροὺς εἶων, ἵνα τρέφοιεν.
εἶχε δὲ Ἴππολύτη τὸν Ἄρεος
ζωστήρα, σύμβολον τοῦ
πρωτεύειν ἀπασῶν.

Quando, armados, os bístones foram resgatá-las, Héracles as entregou aos cuidados de Abdero, um lócrio de Opunte, filho de Hermes, amado dele, quem as éguas mataram, arrastando-o violentamente. Durante o combate contra os bístones, Héracles matou Diomedes e obrigou os demais a fugir. Após fundar a cidade de Abdera, ao lado do túmulo do falecido Abdero, Héracles levou e entregou as éguas a Euristeu, que as soltou. Os animais partiram para a montanha chamada Olimpo e foram mortos por animais selvagens.

2.5.9

Como nono trabalho, Euristeu mandou Héracles trazer o cinturão de Hipólita, rainha das Amazonas, que moravam às margens do rio Termodonte. Um povo extremamente belicoso, pois cultuavam a virilidade e caso engravidassem e tivessem filhos, criavam as meninas. Além disso, esmagavam o próprio seio direito, para que não fossem impedidas de lançar os dardos, enquanto deixavam o da esquerda para amamentar. Hipólita possuía o cinturão de Ares, símbolo de sua superioridade em relação a todas.

ἐπὶ τοῦτον τὸν ζωστῆρα Ἡρακλῆς
ἐπέμπετο, λαβεῖν αὐτὸν
ἐπιθυμούσης τῆς Εὐρυσθέως
θυγατρὸς Ἀδμήτης. παραλαβὼν
οὖν ἔθελοντὰς συμμάχους ἐν μιᾷ
νηὶ ἔπλει, καὶ προσίσχει νήσω
Πάρῳ, ἣν κατόκουσιν οἱ Μίνωσ
υἱοὶ Εὐρυμέδων Χρύσης
Νηφαλίων Φιλόλαος. ἀποβάντων
δὲ δύο τῶν ἐν <τῇ> νηὶ συνέβη
τελευτῆσαι ὑπὸ τῶν Μίνωσ υἱῶν:
ὑπὲρ ὧν ἀγανακτῶν Ἡρακλῆς
τούτους μὲν παραχρῆμα
ἀπέκτεινε, τοὺς δὲ λοιποὺς
κατακλείσας ἐπολιόρκει, ἕως
ἐπιπρεσβευσάμενοι παρεκάλουν
ἀντὶ τῶν ἀναιρεθέντων δύο
λαβεῖν, οὓς ἂν αὐτὸς θελήσειεν. ὁ
δὲ λύσας τὴν πολιορκίαν, καὶ
τοὺς Ἀνδρόγεω τοῦ Μίνωσ υἱοὺς
ἀνελόμενος Ἀλκαῖον καὶ
Σθένελον, ἦκεν εἰς Μυσίαν πρὸς
Λύκον τὸν Δασκύλου, καὶ
ξενισθεὶς ὑπὸ ... τοῦ Βεβρύκων
βασιλέως συμβαλόντων, βοηθῶν
Λύκῳ πολλοὺς ἀπέκτεινε, μεθ'
ὧν καὶ τὸν βασιλέα Μύγδονα,
ἀδελφὸν Ἀμύκου. καὶ τῆς
Βεβρύκων πολλὴν ἀποτεμόμενος
γῆν ἔδωκε Λύκῳ: ὁ δὲ πᾶσαν
ἐκείνην ἐκάλεσεν Ἡρακλείαν.

Héraclès foi enviado em busca desse cinturão, porque Admete, filha de Euristeu, desejava obtê-lo. Acompanhado por voluntários, o herói navegou em um único barco e se dirigiu à ilha de Paros, onde moravam os filhos de Minos, Eurimédon, Crises, Nefálion e Filolau. Ao desembarcar, aconteceu de dois dos voluntários morrerem pelas mãos dos filhos de Minos. Irritado com isso, Héraclès os matou imediatamente e cercou os demais, aprisionando-os, até que enviassem embaixadores que pediram para que ele pegasse dois homens que quisesse em troca dos dois mortos. Héraclès desfez o cerco, arrebatou Alceu e Estéleno, filhos de Androgeu, por sua vez, filho de Minos, foi para a Mísia e então até Lico, filho de Dásculo, por quem foi recebido como hóspede. Ajudando Lico contra o rei dos bébrices, que o enfrentava, Héraclès matou muitos, junto aos quais estava o rei Mígdon, irmão de Ámico. Após conquistar grande parte da terra dos bébrices, o herói a entregou a Lico, que chamou todo esse território de Heracléia.

καταπλεύσαντος δὲ εἰς τὸν ἐν
Θεμισκύρα λιμένα,
παραγενομένης εἰς αὐτὸν
Ἴππολύτης καὶ τίνος ἦκοι χάριν
πυθομένης, καὶ δώσειν τὸν
ζωστῆρα ὑποσχομένης, Ἥρα μὲν
τῶν Ἀμαζόνων εἰκασθεῖσα τὸ
πλήθος ἐπεφοίτα, λέγουσα ὅτι
τὴν βασιλίδα ἀφαρπάζουσιν οἱ
προσελθόντες ξένοι. αἱ δὲ μεθ'
ὄπλων ἐπὶ τὴν ναῦν κατέθειον
σὺν ἵπποις. ὡς δὲ εἶδεν αὐτὰς
καθωπλισμένας Ἡρακλῆς,
νομίσας ἐκ δόλου τοῦτο γενέσθαι,
τὴν μὲν Ἴππολύτην κτείνας τὸν
ζωστῆρα ἀφαιρεῖται, πρὸς δὲ τὰς
λοιπὰς ἀγωνισάμενος ἀποπλεῖ,
καὶ προσίσχει Τροίᾳ.

συνεβεβήκει δὲ τότε κατὰ μῆνιν
Ἀπόλλωνος καὶ Ποσειδῶνος
ἀτυχεῖν τὴν πόλιν. Ἀπόλλων γὰρ
καὶ Ποσειδῶν τὴν Λαομέδοντος
ὔβριν πειράσαι θέλοντες,
εἰκασθέντες ἀνθρώποις
ὑπέσχοντο ἐπὶ μισθῷ τειχεῖν τὸ
Πέργαμον. τοῖς δὲ τειχίσασιν τὸν
μισθὸν οὐκ ἀπέδιδον. διὰ τοῦτο
Ἀπόλλων μὲν λοιμὸν ἔπεμψε,
Ποσειδῶν δὲ κῆτος
ἀναφερόμενον ὑπὸ πλημμυρίδος,
ὁ τοὺς ἐν τῷ πεδίῳ συνήρπαζεν
ἀνθρώπους.

Quando Héracles desembarcou no porto de Temísira, Hipólita veio até ele, perguntou a que honra se devia a vinda dele e prometeu entregar-lhe o cinturão. Hera, por sua vez, transformada em uma das amazonas, percorria a multidão, dizendo que os estrangeiros recém-chegados haviam raptado a rainha delas. Armadas, as amazonas cavalgaram em direção ao barco. Quando Héracles as viu com armas, imaginando que fosse uma armadilha, matou Hipólita e retirou-lhe o cinturão. Após lutar contra as restantes, navegou e aportou em Tróia.

Ocorre que, naquela época, a cidade padecia de infortúnios decorrentes da fúria de Apolo e Poseidon, pois desejando testar a insolência de Laomedonte, esses dois deuses assumiram formas humanas e prometeram, em troca de pagamento, fortificar Pérgamo. Embora tenha sido fortificada, Laomedonte não os pagou. Por causa disso, Apolo lançou uma peste e Poseidon, um monstro marinho que, levado à superfície pela maré, varreu os homens na planície.

χρησμῶν δὲ λεγόντων
ἀπαλλαγὴν ἔσσεσθαι τῶν
συμφορῶν, ἔὰν προθῆ Λαομέδων
Ἡσιόνην τὴν θυγατέρα αὐτοῦ τῷ
κῆτει βορᾶν, οὗτος προύθηκε ταῖς
πλησίον τῆς θαλάσσης πέτραις
προσαρτήσας. ταύτην ἰδὼν
ἐκκειμένην Ἡρακλῆς ὑπέσχετο
σώσειν, εἰ τὰς ἵππους παρὰ
Λαομέδοντος λήψεται ἄς Ζεὺς
ποινήν τῆς Γανυμήδους ἀρπαγῆς
ἔδωκε. δώσειν δὲ Λαομέδοντος
εἰπόντος, κτείνας τὸ κῆτος
Ἡσιόνην ἔσωσε. μὴ βουλομένου
δὲ τὸν μισθὸν ἀποδοῦναι,
πολεμήσειν Τροίᾳ ἀπειλήσας
ἀνήχθη.

καὶ προσίσχει Αἴνω, ἔνθα
ξενίζεται ὑπὸ Πόλτυος.
ἀποπλέων δὲ ἐπὶ τῆς ἠϊόνος τῆς
Αἰνίας Σαρπηδόνα, Ποσειδῶνος
μὲν υἱὸν ἀδελφὸν δὲ Πόλτυος,
ὑβριστὴν ὄντα τοξεύσας
ἀπέκτεινε. καὶ παραγενόμενος
εἰς Θάσον καὶ χειρωσάμενος τοὺς
ἐνοικοῦντας Θραῶκας ἔδωκε τοῖς
Ἀνδρόγεω παισὶ κατοικεῖν. ἐκ
Θάσου δὲ ὄρμηθεις ἐπὶ Τορώνην
Πολύγονον καὶ Τηλέγονον, τοὺς
Πρωτέως τοῦ Ποσειδῶνος υἱούς,
παλαίειν προκαλουμένους κατὰ
τὴν πάλην ἀπέκτεινε. κομίσας δὲ
τὸν ζωστήρα εἰς Μυκήνας ἔδωκεν
Εὐρυσθεῖ.

Os oráculos prescreveram que as desgraças cessariam, caso Laomedonte entregasse sua filha Hesíone como alimento para o monstro marinho. Ele a ofereceu, suspendendo-a nas pedras perto do mar. Ao vê-la exposta, Hércules prometeu salvá-la, caso recebesse de Laomedonte as éguas que Zeus havia lhe dado como recompensa pelo rapto de Ganimedes. O rei disse que as entregaria, e o herói matou o monstro e salvou Hesíone. No entanto, como Laomedonte não desejava pagar a recompensa, Hércules ameaçou guerrear com Tróia e se lançou ao mar.

Hércules aportou em Eno e lá foi hospedado por Poltis. Voltando ao mar, na praia dos ênios, atirou com o arco e matou o insolente Sarpédon, filho de Poseidon, irmão de Poltis. O herói chegou a Tassos e dominando os habitantes trácios, entregou a ilha aos filhos de Androgeu para morar. De Tassos, dirigiu-se a Torone e durante um combate matou Polígono e Telégono, filhos de Proteu, filho de Poseidon, que o desafiaram em uma luta corpo a corpo. Depois, levou o cinturão a Micenas e o entregou a Euristeu.

2.5.10

δέκατον ἐπετάγη ἄθλον τὰς
 Γηρυόνου βόας ἐξ Ἐρυθείας
 κομίζειν. Ἐρύθεια δὲ ἦν Ὠκεανοῦ
 πλησίον κειμένη νῆσος, ἣ νῦν
 Γάδειρα καλεῖται. ταύτην
 κατώκει Γηρυόνης Χρυσάορος καὶ
 Καλλιρρόης τῆς Ὠκεανοῦ, τριῶν
 ἔχων ἀνδρῶν συμφυῆς σῶμα,
 συνηγμένον εἰς ἓν κατὰ τὴν
 γαστέρα, ἐσχισμένον δὲ εἰς τρεῖς
 ἀπὸ λαγόνων τε καὶ μηρῶν. εἶχε
 δὲ φοινικᾶς βόας, ὧν ἦν βουκόλος
 Εὐρυτίων, φύλαξ δὲ Ὀρθος ὁ
 κύων δικέφαλος ἐξ Ἐχίδνης καὶ
 Τυφῶνος γεγεννημένος.
 πορευόμενος οὖν ἐπὶ τὰς
 Γηρυόνου βόας διὰ τῆς Εὐρώπης,
 ἄγρια πολλὰ <ζῶα> ἀνελῶν
 Λιβύης ἐπέβαινε, καὶ παρελθὼν
 Ταρτησοδὸν ἔστησε σημεῖα τῆς
 πορείας ἐπὶ τῶν ὄρων Εὐρώπης
 καὶ Λιβύης ἀντιστοίχους δύο
 στήλας. θερόμενος δὲ ὑπὸ Ἥλιου
 κατὰ τὴν πορείαν, τὸ τόξον ἐπὶ
 τὸν θεὸν ἐνέτεινε: ὁ δὲ τὴν
 ἀνδρείαν αὐτοῦ θαυμάσας
 χρύσειον ἔδωκε δέπας, ἐν ᾧ τὸν
 Ὠκεανὸν διεπέρασε. καὶ
 παραγενόμενος εἰς Ἐρύθειαν ἐν
 ὄρει Ἄβαντι ἀυλίζεται.
 αἰσθόμενος δὲ ὁ κύων ἐπ' αὐτὸν
 ὤρμα: ὁ δὲ καὶ τοῦτον τῷ ῥοπάλῳ
 παίει, καὶ τὸν βουκόλον
 Εὐρυτίωνα τῷ κυνὶ βοηθοῦντα
 ἀπέκτεινε.

Como décimo trabalho, Euristeu ordenou a Hércules trazer as vacas de Gerião da Eritia, ilha situada próxima ao Oceano, agora chamada de Gadeira. Lá habitava Gerião, filho de Crisaor e da oceânide Calírooe, detentor de um corpo equivalente a três homens desenvolvidos, reunidos no ventre, divididos em três desde os flancos e as coxas. Possuía vacas roxas, cujo guardador era Euritíon, bem como Orto, o cão de duas cabeças engendrado pela Equidna e por Tífon. Percorrendo a Europa em busca das vacas de Gerião, depois de aniquilar muitos animais selvagens, Hércules atingiu a Líbia. Uma vez em Tartessos, ergueu duas colunas opostas como símbolos da viagem nas fronteiras da Europa e da Líbia. Inflamado pelo Sol durante a viagem, Hércules usou o arco contra o deus que, admirado com a coragem dele, entregou-lhe uma taça dourada, na qual o herói cruzou o Oceano. Chegando à Eritia, acampou no Monte Abas. Ao notar sua presença, o cachorro investiu contra ele, que, por sua vez, golpeou o animal com a clava, e também matou o boiadeiro Euritíon, que veio em socorro ao cão.

Μενοίτης δὲ ἐκεῖ τὰς Ἄιδου
βόας βόσκων Γηρῶν τὸ γεγονός
ἀπήγγειλεν. ὁ δὲ καταλαβὼν
Ἡρακλέα παρὰ ποταμὸν
Ἄνθεμοῦντα τὰς βόας ἀπάγοντα,
συστησάμενος μάχην τοξευθεὶς
ἀπέθανεν. Ἡρακλῆς δὲ
ἐνθήμενος τὰς βόας εἰς τὸ δέπας
καὶ διαπλεύσας εἰς Ταρτησσὸν
Ἡλίῳ πάλιν ἀπέδωκε τὸ δέπας.

διελθὼν δὲ Ἀβδηρίαν εἰς
Λιγυστίνην ἦλθεν, ἐν ἣ τὰς βόας
ἀφηροῦντο Ἰαλεβίων τε καὶ
Δέρκυνος οἱ Ποσειδῶνος υἱοί, οὓς
κτείνας διὰ Τυρρηνίας ἦει. ἀπὸ
Ῥηγίου δὲ εἰς ἀπορρήγνυσι
ταῦρος, καὶ ταχέως εἰς τὴν
θάλασσαν ἐμπεσὼν καὶ
διανηξάμενος <εἰς> Σικελίαν, καὶ
τὴν πλησίον χώραν διελθὼν [τὴν
ἀπ' ἐκείνου κληθεῖσαν Ἰταλίαν (
Τυρρηνοὶ γὰρ ἰταλὸν τὸν ταῦρον
ἐκάλεσαν),] ἦλθεν εἰς πεδίον
Ἔρκος, ὃς ἐβασίλευεν Ἐλύμων.
Ἔρως δὲ ἦν Ποσειδῶνος παῖς, ὃς
τὸν ταῦρον ταῖς ἰδίαις
συγκατέμιξεν ἀγέλαις.
παραθέμενος οὖν τὰς βόας
Ἡρακλῆς Ἡφαίστῳ ἐπὶ τὴν αὐτοῦ
ζήτησιν ἠπείγετο: εὐρῶν δὲ ἐν
ταῖς τοῦ Ἔρκος ἀγέλαις,
λέγοντος οὐ δώσειν ἂν μὴ
παλαίσας αὐτοῦ περιγένηται,
τρὶς περιγεγόμενος κατὰ τὴν
πάλην ἀπέκτεινε, καὶ τὸν ταῦρον
λαβὼν μετὰ τῶν ἄλλων ἐπὶ τὸν
Ἴόνιον ἤλαυνε πόντον.

Menetes, quem alimentava o
gado de Hades naquele lugar, relatou o
ocorrido a Gerião, que ao alcançar
Héracles conduzindo as vacas junto ao
rio Antemunte, deu início a um
combate, mas foi atingido por flechas e
morreu. Héracles colocou o rebanho na
taça, navegou até Tartessos e a
devolveu ao Sol.

Depois de atravessar Abdéria,
Héracles foi para Ligúria, onde
Ialébion e Dercino, filhos de
Poseidon, tentaram roubar-lhe as
vacas. Héracles os matou e seguiu para
a Tirrênia. Em Régio, um touro
irrompeu em velocidade pelo mar,
nadou até a Sicília e depois de
atravessar a região mais próxima
chamada de Itália (os tirrenos
chamaram o touro de Ítalo), foi para a
planície dos élimos, cujo rei era Érix.
Érix era filho de Poseidon e
incorporou o touro em seus próprios
rebanhos. Héracles confiou as vacas a
Hefesto e apressou-se em busca do
touro. Quando o encontrou nos
rebanhos de Érix, este lhe disse que
não o entregaria, a menos que o
vencesse numa luta. Héracles bateu
nele três vezes e o matou na luta,
recuperou do touro e o conduziu
juntamente com o restante do rebanho
ao mar jônico.

ὡς δὲ ἦλθεν ἐπὶ τοὺς μυχοὺς τοῦ πόντου, ταῖς βουσίην οἴστρον ἐνέβαλεν ἢ Ἥρα, καὶ σχίζονται κατὰ τὰς τῆς Θράκης ὑπωρείας: ὁ δὲ διώξας τὰς μὲν συλλαβῶν ἐπὶ τὸν Ἑλλησποντον ἤγαγεν, αἱ δὲ ἀπολειφθεῖσαι τὸ λοιπὸν ἦσαν ἄγρια. μόλις δὲ τῶν βοῶν συνελθουσῶν Στρυμόνα μεμψάμενος τὸν ποταμόν, πάλαι τὸ ρεῖθρον πλωτὸν ὃν ἐμπλήσας πέτραις ἄπλωτον ἐποίησε, καὶ τὰς βόας Εὐρυσθεῖ κομίσας δέδωκεν. ὁ δὲ αὐτὰς κατέθυσεν Ἥρα.

2.5.11

τελεσθέντων δὲ τῶν ἄθλων ἐν μηνὶ καὶ ἔτεσιν ὀκτώ, μὴ προσδεξάμενος Εὐρυσθεὺς τὸν τε τῶν τοῦ Αὐγέου βοσκημάτων καὶ τὸν τῆς ὕδρας, ἐνδέκατον ἐπέταξεν ἄθλον παρ' Ἑσπερίδων χρύσεια μῆλα κομίζειν. ταῦτα δὲ ἦν, οὐχ ὡς τινες εἶπον ἐν Λιβύῃ, ἀλλ' ἐπὶ τοῦ Ἄτλαντος ἐν Ὑπερβορείοις: ἃ Διὶ <Γῆ> γήμαντι Ἥραν ἐδωρήσατο. ἐφύλασσε δὲ αὐτὰ δράκων ἀθάνατος, Τυφῶνος καὶ Ἐχίδνης, κεφαλὰς ἔχων ἑκατόν: ἐχρήτο δὲ φωναῖς παντοίαις καὶ ποικίλαις. μετὰ τούτου δὲ Ἑσπερίδες ἐφύλαττον, Αἴγλη Ἐρύθεια Ἑσπερία Ἀρέθουσα.

Quando Hércules chegou à enseada, Hera lançou um aguilhão nas vacas, que se espalharam pela base das montanhas da Trácia: o herói as perseguiu e as que reuniu conduziu ao Helesponto. As restantes, então abandonadas, tornaram-se selvagens. Pela dificuldade de ter reunido as vacas, Hércules culpou o rio Estrímon, outrora de correnteza navegável, e o tornou in navegável, enchendo-o com pedras. Hércules levou as vacas e as entregou a Euristeu, que as sacrificou a Hera.

2.5.11

Realizados os trabalhos em oito anos e um mês, não aceitos o trabalho dos estábulos de Áugias e o da hidra, como décimo primeiro trabalho Euristeu mandou Hércules trazer as maçãs douradas das Hespérides, que não estavam, conforme alguns diziam, na Líbia, mas em Atlas, com os hiperbóreos. Gaia as deu de presente a Zeus, quando ele se casou com Hera. Um dragão imortal de cem cabeças, filho de Tífon e da Equidna, vigiava-as e falava em diversas e variáveis vozes. Junto com ele vigiavam também as maçãs as Hespérides Egle, Eritia, Hespéria e Aretusa.

πορευόμενος οὖν ἐπὶ ποταμὸν
Ἐχέδωρον ἦκε. Κύκνος δὲ Ἄρεος
καὶ Πυρήνης εἰς μονομαχίαν
αὐτὸν προεκαλεῖτο. Ἄρεος δὲ
τοῦτον ἐκδικοῦντος καὶ
συνιστάντος μονομαχίαν,
βληθεὶς κεραυνὸς μέσος
ἀμφοτέρων διαλύει τὴν μάχην.
βαδίζων δὲ δι' Ἰλλυριῶν, καὶ
σπεύδων ἐπὶ ποταμὸν Ἡριδανόν,
ἦκε πρὸς νύμφας Διὸς καὶ
Θέμιδος. αὐταὶ μηνύουσιν αὐτῷ
Νηρέα. συλλαβῶν δὲ αὐτὸν
κοιμώμενον καὶ παντοίας
ἐναλλάσσοντα μορφὰς ἔδησε, καὶ
οὐκ ἔλυσε πρὶν ἢ μαθεῖν παρ'
αὐτοῦ ποῦ τυγχάνοιεν τὰ μῆλα
καὶ αἱ Ἑσπερίδες. μαθὼν δὲ
Λιβύην διεξήει. ταύτης ἐβασίλευε
παῖς Ποσειδῶνος Ἀνταῖος, ὃς
τοὺς ξένους ἀναγκάζων παλαίειν
ἀνήρει. τούτῳ παλαίειν
ἀναγκαζόμενος Ἡρακλῆς
ἀράμενος ἄμμασι μετέωρον
κλάσας ἀπέκτεινε: ψαύοντα γὰρ
γῆς ἰσχυρότερον συνέβαινε
γίνεσθαι, διὸ καὶ Γῆς τινες
ἔφασαν τοῦτον εἶναι παῖδα.

Em sua viagem, Hércules chegou ao rio Equedoro. Cicno, filho de Ares e Pirene, desafiou-o para um combate singular. Ares defendia Cicno e organizava a disputa, quando um raio lançado entre os dois apartou o duelo. Hércules atravessou a Ilíria e, apressando-se para o rio Eridano, foi até as ninfas, filhas de Zeus e Têmis, as quais o encaminharam a Nereu. Hércules o agarrou adormecido e enquanto ele permutava entre diversas formas, prendeu-o e não o soltou até saber dele onde calhavam de estar as maçãs e as Hespérides. Assim que soube, atravessou a Líbia, da qual Anteu, filho de Poseidon, era rei. Ele matava os estrangeiros, obrigando-os a lutar. Forçado a duelar contra o rei, Hércules o matou abraçando-o e erguendo-o, pois quando Anteu tocava a terra, recuperava o vigor e, por isso, alguns diziam que ele era filho de Gaia.

μετὰ Λιβύην δὲ Αἴγυπτον διεξήει.
ταύτης ἔβασίλευε Βούσιρις
Ποσειδῶνος παῖς καὶ
Λυσιανάσσης τῆς Ἐπάφου. οὗτος
τοὺς ξένους ἔθυεν ἐπὶ βωμῶ Διὸς
κατὰ τι λόγιον: ἐννέα γὰρ ἔτη
ἀφορία τὴν Αἴγυπτον κατέλαβε,
Φρασίος δὲ ἐλθὼν ἐκ Κύπρου,
μάντις τὴν ἐπιστήμην, ἔφη τὴν
ἀφορίαν παύσασθαι ἐὰν ξένον
ἄνδρα τῷ Διὶ σφάξωσι κατ' ἔτος.
Βούσιρις δὲ ἐκείνον πρῶτον
σφάξας τὸν μάντιν τοὺς
κατιόντας ξένους ἔσφαζε.
συλληφθεὶς οὖν καὶ Ἡρακλῆς
τοῖς βωμοῖς προσεφέρετο τὰ δὲ
δεσμὰ διαρρήξας τὸν τε Βούσιριν
καὶ τὸν ἐκείνου παῖδα
Ἀμφιδάμαντα ἀπέκτεινε.

διεξιῶν δὲ Ἀσίαν Θερμυδραῖς,
Λινδίων λιμένι, προσίσχει. καὶ
βοηλάτου τινὸς λύσας τὸν ἕτερον
τῶν ταύρων ἀπὸ τῆς ἀμάξης
εὐώχεϊτο θύσας. ὁ δὲ βοηλάτης
βοηθεῖν ἑαυτῷ μὴ δυνάμενος
στάς ἐπὶ τινος ὄρους κατηρᾶτο.
διὸ καὶ νῦν, ἐπειδὴν θύωσιν
Ἡρακλεῖ, μετὰ καταρῶν τοῦτο
πράττουσι.

παριῶν δὲ Ἀραβίαν Ἡμαθίωνα
κτείνει παῖδα Τιθωνοῦ. καὶ διὰ
τῆς Λιβύης πορευθεὶς ἐπὶ τὴν ἕξω
θάλασσαν παρ' Ἡλίου τὸ δέπας
παραλαμβάνει. καὶ περαιωθεὶς
ἐπὶ τὴν ἠπειρον τὴν ἀντικρὺ
κατετόξευσεν ἐπὶ τοῦ Καυκάσου
τὸν ἐσθίοντα τὸ τοῦ Προμηθέως
ἦπαρ ἀετόν, ὄντα Ἐχίδνης καὶ
Τυφῶνος:

Depois da Líbia, Hércules
atravessou o Egito, onde reinava
Busíris, filho de Poseidon e
Lisianassas, filha de Épafo. Busíris
sacrificava estrangeiros sobre o altar de
Zeus, conforme lhe ordenara um
oráculo, pois nove anos de infertilidade
havam acometido o Egito. Frásio,
sábio adivinho, vindo do Chipre, disse
que essa esterilidade findaria, caso um
homem estrangeiro fosse morto a Zeus
todo ano. Então, Busíris primeiro
matou o próprio adivinho e assim
assassinava os estrangeiros que
chegavam ao país. Hércules também
foi preso e levado aos altares, mas
arrebentou as correntes que o prendiam
e matou Busíris bem como o filho dele,
Anfidamante.

Percorrendo a Ásia, o herói
chegou a Termidras, no porto dos
lindios. Libertando um dos touros da
carroça de um vaqueiro, sacrificou o
animal e fez um banquete. O vaqueiro,
por sua vez, incapaz de defender-se,
permaneceu sobre uma montanha e de
lá o amaldiçoou. Por causa disso, hoje,
sempre que eles fazem sacrifícios a
Hércules, fazem-no com imprecções.

Aproximando-se da Arábia,
Hércules matou Emation, filho de
Titono, e percorrendo a Líbia pelo mar
exterior, recebeu o cálice do Sol.
Transportado para o continente oposto,
no Cáucaso o herói matou com
flechadas a águia filha da Equidna e de
Tífon, que comia o fígado de
Prometeu.

καὶ τὸν Προμηθεΐα ἔλυσε, δεσμὸν
ἐλόμενος τὸν τῆς ἐλαίας, καὶ
παρέσχε τῷ Διὶ Χείρωνα
θνήσκειν ἄ θάνατον ἀντ' αὐτοῦ
θέλοντα.

ὥς δὲ ἦκεν εἰς Ὑπερβορέους πρὸς
Ἄτλαντα, εἰπόντος Προμηθέως
τῷ Ἡρακλεῖ αὐτὸν ἐπὶ τὰ μῆλα
μὴ πορεύεσθαι, διαδεξάμενον δὲ
Ἄτλαντος τὸν πόλον ἀποστέλλειν
ἐκεῖνον, πεισθεὶς διεδέξατο.
Ἄτλας δὲ δρεψάμενος παρ'
Ἑσπερίδων τρία μῆλα ἦκε πρὸς
Ἡρακλέα. καὶ μὴ βουλόμενος τὸν
πόλον ἔχειν ... καὶ σπεῖραν ἐπὶ
τῆς κεφαλῆς θέλειν ποιήσασθαι.
τοῦτο ἀκούσας Ἄτλας, ἐπὶ γῆς
καταθεὶς τὰ μῆλα τὸν πόλον
διεδέξατο. καὶ οὕτως ἀνελόμενος
αὐτὰ Ἡρακλῆς ἀπηλλάττετο.
ἔνιοι δὲ φασιν οὐ παρὰ Ἄτλαντος
αὐτὰ λαβεῖν, ἀλλ' αὐτὸν
δρέψασθαι τὰ μῆλα, κτείναντα
τὸν φρουροῦντα ὄφιν. κομίσας δὲ
τὰ μῆλα Εὐρυσθεῖ ἔδωκεν. ὁ δὲ
λαβὼν Ἡρακλεῖ ἔδωρήσατο: παρ'
οὗ λαβοῦσα Ἀθηνᾶ πάλιν αὐτὰ
ἀπεκόμισεν: ὅσιον γὰρ οὐκ ἦν
αὐτὰ τεθῆναί που.

Héracles libertou Prometeu,
após escolher para si o liame de
oliveira, e para Zeus apresentou
Quíron, que, embora fosse imortal,
aceitou morrer no lugar de Prometeu.

Prometeu advertira Héracles
para que ele próprio não fosse até as
maçãs, mas que enviasse o próprio
Atlas, substituindo-o para sustentar a
esfera celeste. O herói, então, foi até
ele, na terra dos hiperbóreos e
convencido disso, substituiu Atlas,
que, após colher três maçãs das
Hespérides, voltou até Héracles, mas
não desejava mais sustentar a esfera,
colocando-a sobre sua cabeça. <Por
isso disse ao herói que ele próprio
levaria as maçãs a Euristeu e para que
ele sustentasse a esfera sobre sua
cabeça. Advertido pro Prometeu,
novamente, Héracles usou da astúcia e
prometeu, antes, porém, pediu para que
Atlas segurasse a esfera até que ele
ajeitasse a almofada sobre sua
cabeça>. Ouvindo a promessa dele,
Atlas colocou as maçãs sobre a terra e
recebeu de volta a esfera celestial.
Assim, Héracles recolheu as frutas e se
afastou. Alguns dizem que ele não
obteve as maçãs com Atlas, mas
cortando-as depois de matar uma
serpente que as vigiava. Héracles levou
as maçãs e as entregou a Euristeu que,
após recebê-las, deu-as de presente ao
próprio Héracles, de quem Atenas as
recebeu novamente e as levou de volta
ao local de origem, pois não era
permitido colocá-las em qualquer
lugar.

δωδέκατον ἄθλον ἐπετάγη
 Κέρβερον ἐξ Ἄιδου κομίζειν. εἶχε
 δὲ οὗτος τρεῖς μὲν κυνῶν
 κεφαλᾶς, τὴν δὲ οὐρὰν
 δράκοντος, κατὰ δὲ τοῦ νώτου
 παντοίων εἶχεν ὄφρων κεφαλᾶς.
 μέλλων οὖν ἐπὶ τοῦτον ἀπιέναι
 ἦλθε πρὸς Εὐμόλπον εἰς
 Ἐλευσίνα, βουλόμενος μνηθῆναι.
 ἦν δὲ οὐκ ἐξὸν ξένοις τότε
 μυεῖσθαι, ἐπειδὴ περ θετὸς
 Πυλίου παῖς γενόμενος ἐμυεῖτο.
 μὴ δυνάμενος δὲ ἰδεῖν τὰ
 μυστήρια ἐπέπερ οὐκ ἦν
 ἠγνισμένος τὸν Κενταύρων
 φόνον, ἀγνισθεὶς ὑπὸ Εὐμόλπου
 τότε ἐμυήθη. καὶ παραγενόμενος
 ἐπὶ Ταίναρον τῆς Λακωνικῆς, οὗ
 τῆς Ἄιδου καταβάσεως τὸ
 στόμιόν ἐστι, διὰ τούτου κατήει.
 ὀπηνίκα δὲ εἶδον αὐτὸν αἱ ψυχαί,
 χωρὶς Μελεάγρου καὶ Μεδούσης
 τῆς Γοργόνας ἔφυγον. ἐπὶ δὲ τὴν
 Γοργόνα τὸ ξίφος ὡς ζῶσαν ἔλκει,
 καὶ παρὰ Ἐρμού μανθάνει ὅτι
 κενὸν εἶδωλόν ἐστι. πλησίον δὲ
 τῶν Ἄιδου πυλῶν γενόμενος
 Θησέα εὔρε καὶ Πειρίθουν τὸν
 Περσεφόνης μνηστευόμενον
 γάμον καὶ διὰ τοῦτο δεθέντα.
 θεασάμενοι δὲ Ἡρακλέα τὰς
 χεῖρας ὥρεγον ὡς ἀναστησόμενοι
 διὰ τῆς ἐκείνου βίας. ὁ δὲ Θησέα
 μὲν λαβόμενος τῆς χειρὸς ἤγειρε,
 Πειρίθουν δὲ ἀναστήσαι
 βουλόμενος τῆς γῆς κινουμένης
 ἀφῆκεν. ἀπεκύλισε δὲ καὶ τὸν
 Ἀσκαλάφου πέτρον.

Como décimo segundo trabalho, Euristeu impôs a Hércules trazer do Hades o Cérbero. Este possuía três cabeças de cachorro, uma cauda de dragão, e sobre seu dorso cabeças de diversos tipos de serpentes. Prestes a partir em busca dele, Hércules foi até Eumolpo, em Elêusis, desejando ser iniciado. Como não era permitida a iniciação a estrangeiros, isso só lhe foi possível porque Pílio o adotou como filho. Entretanto, incapaz de ver os mistérios, visto que Hércules não recebera a purificação pelo assassinato dos Centauros, foi purificado por Eumolpo, e, assim, iniciado.

Hércules chegou a Tênaros, na Lacônia, onde ficava a entrada do Hades, e desceu por ela. No momento em que as almas o viram, fugiram, exceto as de Meleagro e da Górgona Medusa. Ele a atacou com sua espada como se ela estivesse viva, mas soube de Hermes que ela era um espectro vazio. Ao se aproximar dos portões do Hades, encontrou Teseu e Pirítoos; este havia desejado casar-se com Perséfone e por isso foi aprisionado. Assim que viram Hércules, os dois estenderam as mãos, como se ressuscitassem pela força dele. O herói estendeu a mão a Teseu e o ergueu, mas muito embora quisesse ressuscitar Pirítoos também, deixou-o cair com o tremer da terra. Ele também rolou a pedra de Ascálafo.

βουλόμενος δὲ αἷμα ταῖς ψυχαῖς
παρασχέσθαι, μίαν τῶν Ἄιδου
βοῶν ἀπέσφαξεν. ὁ δὲ νέμων
αὐτὰς Μενoitης ὁ Κευθωνύμου
προκαλεσάμενος εἰς πάλην
Ἥρακλέα, ληφθεὶς μέσος καὶ τὰς
πλευρὰς κατεαγείς ὑπὸ
Περσεφόνης παρητήθη.
αἰτοῦντος δὲ αὐτοῦ Πλούτωνα
τὸν Κέρβερον, ἐπέταξεν ὁ
Πλούτων ἄγειν χωρὶς ὧν εἶχεν
ὄπλων κρατοῦντα. ὁ δὲ εὐρών
αὐτὸν ἐπὶ ταῖς πύλαις τοῦ
Ἀχέροντος, τῷ τε θώρακι
συμπεφραγμένος καὶ τῇ λεοντῇ
συσκεπασθεὶς, περιβαλὼν τῇ
κεφαλῇ τὰς χεῖρας οὐκ ἀνήκε
κρατῶν καὶ ἄγχων τὸ θηρίον, ἕως
ἔπεισε, καίπερ δακνόμενος ὑπὸ
τοῦ κατὰ τὴν οὐρὰν δράκοντος.
συλλαβὼν οὖν αὐτὸν ἦκε διὰ
Τροϊζῆνος ποιησάμενος τὴν
ἀνάβασιν. Ἀσκάλαφον μὲν οὖν
Δημήτηρ ἐποίησεν ὄντον,
Ἥρακλῆς δὲ Εὐρυσθεὶ δείξας τὸν
Κέρβερον πάλιν ἐκόμισεν εἰς
Ἄιδου.

Com o intuito de oferecer sangue às almas, degolou uma das vacas de Hades. Menetes, filho de Ceutônimo, quem cuidava dos rebanhos, desafiou o herói para uma luta. Agarrado pela cintura, teve as costelas quebradas e só foi solto a pedido de Perséfone. Hércules, então, solicitou o Cérbero a Plutão, que lhe ordenou levá-lo, contanto que o dominasse sem usar armas. Vestido com uma couraça e coberto pela pele do leão, Hércules encontrou a criatura nos portões de Aqueronte: colocando as mãos ao redor da cabeça, não afrouxou o punho, embora mordido pela cauda de dragão, dominou e estrangulou a besta até que ela se rendesse. Depois de capturá-lo, foi, então, para a subida de Trezena. Deméter, por sua vez, transformou Ascálafo em uma coruja. Já Hércules mostrou o Cérbero a Euristeu e, em seguida, retornou o animal ao Hades.

2.6.1

μετὰ δὲ τοὺς ἄθλους Ἡρακλῆς
ἀφικόμενος εἰς Θήβας Μεγάραν
μὲν ἔδωκεν Ἰολάω, αὐτὸς δὲ
γῆμαι θέλων ἐπυνθάνετο
Εὐρύτου Οἰχαλίας δυνάστην
ἄθλον προτεθεικέναι τὸν Ἰόλης
τῆς θυγατρὸς γάμον τῷ
νικήσαντι τοξικῇ αὐτόν τε καὶ
τοὺς παῖδας αὐτῷ ὑπάρχοντας.
ἀφικόμενος οὖν εἰς Οἰχαλίαν καὶ
τῇ τοξικῇ κρείττων αὐτῶν
γενόμενος οὐκ ἔτυχε τοῦ γάμου,
Ἰφίτου μὲν τοῦ πρεσβυτέρου τῶν
παίδων λέγοντος διδόναι τῷ
Ἡρακλεῖ τὴν Ἰόλην, Εὐρύτου δὲ
καὶ τῶν λοιπῶν ἀπαγορευόντων
καὶ δεδοικέναι λεγόντων μὴ
τεκνοποιησάμενος τὰ
γεννηθησόμενα πάλιν
ἀποκτείνῃ.

2.6.2

μετ' οὐ πολὺ δὲ κλαπείσῶν ἔξ
Εὐβοίας ὑπὸ Αὐτολύκου βοῶν,
Εὐρύτος μὲν ἐνόμιζεν ὑφ'
Ἡρακλέους γεγονέναι τοῦτο,
Ἰφίτος δὲ ἀπιστῶν ἀφικνεῖται
πρὸς Ἡρακλέα, καὶ συντυχῶν
ἤκοντι ἐκ Φερῶν αὐτῷ, σεσωκότι
τὴν ἀποθανοῦσαν Ἄλκηστιν
Ἀδμήτῳ, παρακαλεῖ συζητῆσαι
τὰς βόας. Ἡρακλῆς δὲ
ὑπισχνεῖται: καὶ ξενίζει μὲν
αὐτόν, μανεῖς δὲ αὐθις ἀπὸ τῶν
Τιρυνθίων ἔρριψεν αὐτὸν τειχῶν.

2.6.1

Depois dos trabalhos, Héracles chegou a Tebas e entregou Mégara a Iolau. Como ele próprio desejava casar-se, soube que Êurito, senhor da Ecália, propunha a mão de sua filha Iole em casamento como prêmio a quem o vencesse e a seus filhos numa disputa com o arco. Héracles, então, chegou à Ecália e apesar de vencer todos, não conquistou o casamento. Ífito, o filho mais velho, disse para que lhe entregassem Iole, mas Êurito e seus demais filhos recusaram, afirmando temer que Héracles, ao ter filhos, matasse-os, novamente.

2.6.2

Pouco tempo depois, Autólico roubou vacas da Eubéia e Êurito supôs que Héracles havia feito isso. Não acreditando nisso, Ífito foi até Hércules e se encontrou com ele vindo de Feras, resgatando a falecida Alceste para Admeto, e o chamou para procurar as vacas. Héracles prometeu ajudar e o hospedou, mas, novamente enlouquecido, jogou Ífito das muralhas de Tirinte.

καθαρθῆναι δὲ θέλων τὸν φόνον
ἀφικνεῖται πρὸς Νηλέα: Πυλίων
ἦν οὗτος δυνάστης. ἀπωσαμένου
δὲ Νηλέως αὐτὸν διὰ τὴν πρὸς
Εὐρυτον φιλίαν, εἰς Ἀμύκλας
παραγενόμενος ὑπὸ Δηιφόβου
τοῦ Ἴππολύτου καθαίρεται.
κατασχεθεὶς δὲ δεινῇ νόσῳ διὰ
τὸν Ἰφίτου φόνον, εἰς Δελφοὺς
παραγενόμενος ἀπαλλαγὴν
ἐπυνθάνετο τῆς νόσου. μὴ
χρησιμώδουσης δὲ αὐτῷ τῆς
Πυθίας τὸν τε ναὸν συλᾶν ἤθελε,
καὶ τὸν τρίποδα βαστάσας
κατασκευάζειν μαντεῖον ἴδιον.
μαχομένου δὲ αὐτῷ Ἀπόλλωνος,
ὁ Ζεὺς ἴησι μέσον αὐτῶν
κεραυνόν. καὶ τοῦτον
διαλυθέντων τὸν τρόπον,
λαμβάνει χρησμὸν Ἡρακλῆς, ὃς
ἔλεγεν ἀπαλλαγὴν αὐτῷ τῆς
νόσου ἔσεσθαι πραθέντι καὶ τρία
ἔτη λατρεύσαντι καὶ δόντι ποινήν
τοῦ φόνου τὴν τιμὴν Εὐρύτῳ.

2.6.3

τοῦ δὲ χρησμοῦ δοθέντος Ἑρμῆς
Ἡρακλέα πιπράσκει: καὶ αὐτὸν
ὠνεῖται Ὀμφάλῃ Ἰαρδάνου,
βασιλεύουσα Λυδῶν, ἣ τὴν
ἡγεμονίαν τελευτῶν ὁ γήμας
Τμῶλος κατέλιπε. τὴν μὲν οὖν
τιμὴν κομισθεῖσαν Εὐρυτος οὐ
προσεδέξατο, Ἡρακλῆς δὲ
Ὀμφάλῃ δουλεύων τοὺς μὲν περὶ
τὴν Ἐφεσον Κέρκωπας
συλλαβῶν ἔδησε, Συλέα δὲ ἐν
Αὐλίδι τοὺς παριόντας ξένους
σκάπτειν ἀναγκάζοντα, σὺν ταῖς
ρίζαις τὰς ἀμπέλους καύσας μετὰ
τῆς θυγατρὸς Ξενοδόκης
ἀπέκτεινε.

Desejando ser purificado pelo assassinato, foi até Neleu, rei dos pílios, porém, como ele lhe negou por conta de sua amizade com Êurito, dirigiu-se a Amiclas e foi purificado por Deifobo, filho de Hipólito. Acometido por uma terrível doença por causa do assassinato de Ífito, Hércules chegou a Delfos e perguntou como curar-se. Como a Pítia não lhe respondeu, quis saquear o templo, levando o trípode e instituindo seu próprio oráculo. Apolo lutou contra ele, e Zeus, por sua vez, lançou um raio no meio dos dois. Já separados, Hércules obteve um oráculo que dizia que a cura de sua doença seria ser vendido, servir por três anos e pagar uma compensação em honra a Êurito pelo assassinato de Ífito.

2.6.3

Recebido o oráculo, Hermes vendeu Hércules e quem o comprou foi a rainha da Lídia, Ônfale, filha de Iárdano, a quem seu marido Tmolo havia deixado o trono ao morrer. Êurito não aceitou a compensação que lhe foi oferecida, então Hércules servido como escravo de Ônfale, enfrentou e prendeu os cércopes em Éfeso, bem como Sileu, que em Áulide obrigava os estrangeiros transeuntes a cavar. Hércules o matou junto com a filha dele Xenódice, após queimar-lhe as raízes de vinha.

καὶ προσσχὼν νήσω Δολίχη, τὸ
Ἰκάρου σῶμα ἰδὼν τοῖς αἰγιαλοῖς
προσφερόμενον ἔθαψε, καὶ τὴν
νῆσον ἀντὶ Δολίχης Ἰκαρίαν
ἐκάλεσεν. ἀντὶ τούτου Δαίδαλος
ἐν Πίσῃ εἰκόνα παραπλησίαν
κατεσκεύασεν Ἡρακλεῖ: ἦν
νυκτὸς ἀγνοήσας Ἡρακλῆς λίθω
βαλὼν ὡς ἔμπνουν ἔπληξε. καθ'
ὄν δὲ χρόνον ἐλάτρευε παρ'
Ὀμφάλη, λέγεται τὸν ἐπὶ
Κόλχους πλοῦν γενέσθαι καὶ τὴν
τοῦ Καλυδωνίου κάπρου θήραν,
καὶ Θησέα παραγενόμενον ἐκ
Τροιζῆνος τὸν Ἴσθμὸν καθᾶραι.

2.6.4

μετὰ δὲ τὴν λατρείαν ἀπαλλαγείς
τῆς νόσου ἐπὶ Ἴλιον ἔπλει
πεντηκοντόροις ὀκτωκαίδεκα,
συναθροίσας στρατὸν ἀνδρῶν
ἀρίστων ἑκουσίως θελόντων
στρατεύεσθαι. καταπλεύσας δὲ
εἰς Ἴλιον τὴν μὲν τῶν νεῶν
φυλακὴν Ὀικλεῖ κατέλιπεν,
αὐτὸς δὲ μετὰ τῶν ἄλλων
ἀριστέων ὄρμα ἐπὶ τὴν πόλιν.
παραγενόμενος δὲ ἐπὶ τὰς ναῦς
σὺν τῷ πλήθει Λαομέδων Ὀικλέα
μὲν ἀπέκτεινε μαχόμενον,
ἀπελασθεῖς δὲ ὑπὸ τῶν μετὰ
Ἡρακλέους ἐπολιορκεῖτο.

Aportando na ilha Dólíque, ao ver o
corpo de Ícaro estirado nas margens,
enterrou-o e chamou a ilha de Icária ao
invés de Dólíque. Por isso, em Pisa,
Dédalo talhou uma estátua de
Héracles. À noite, contudo, Héracles,
sem perceber que não estava viva,
golpeou a estátua, jogando uma pedra
nela. Dizem que durante o tempo em
que ele serviu Ônfale aconteceu a
viagem a Cólquida e a caça ao javali
de Calídon, e que Teseu, chegando de
Trezênia, purificou o Istmo.

2.6.4

Depois de sua servidão e curado da
doença, Héracles navegou para Ílion
com dezoito navios de cinquenta
remos, reunindo um exército com os
mais bravos homens voluntariamente
dispostos a guerrear. Desembarcando
em Ílion, deixou Oicles como guardião
dos navios e investiu contra a cidade
junto com os demais corajosos
homens. Chegando até os navios com
uma multidão, Laomedonte matou
Oicles no combate, mas foi repellido e
cercado por Héracles e seus
companheiros.

τῆς δὲ πολιορκίας ἐνεστώσης
ρήξας τὸ τεῖχος Τελαμῶν πρῶτος
εἰσῆλθεν εἰς τὴν πόλιν, καὶ μετὰ
τοῦτον Ἡρακλῆς. ὡς δὲ ἐθεάσατο
Τελαμῶνα πρῶτον εἰσεληλυθότα,
σπασάμενος τὸ ξίφος ἐπ' αὐτὸν
ῶρμα, μηδένα θέλων ἑαυτοῦ
κρείττονα νομίζεσθαι. συνιδῶν δὲ
τοῦτο Τελαμῶν λίθους πλησίον
κειμένους συνήθροιζε, τοῦ δὲ
ἐρομένου τί πράττοι βωμὸν εἶπεν
Ἡρακλέους κατασκευάζειν
καλλινίκου. ὁ δὲ ἐπαινέσας; ὡς
εἶλε τὴν πόλιν, κατατοξεύσας
Λαομέδοντα καὶ τοὺς παῖδας
αὐτοῦ χωρὶς Ποδάρκου, Τελαμῶνι
ἀριστεῖον Ἡσιόνην τὴν
Λαομέδοντος θυγατέρα δίδωσι,
καὶ ταύτη συγχωρεῖ τῶν
αἰχμαλώτων ὃν ἤθελεν ἄγεσθαι.
τῆς δὲ αἰρουμένης τὸν ἀδελφὸν
Ποδάρκην, ἔφη δεῖν πρῶτον
αὐτὸν δούλον γενέσθαι, καὶ τότε
τί ποτε δοῦσαν ἀντ' αὐτοῦ λαβεῖν
αὐτόν. ἡ δὲ πιπρασκομένου τὴν
καλύπτραν ἀφελομένη τῆς
κεφαλῆς ἀντέδωκεν: ὅθεν
Ποδάρκης Πρίαμος ἐκλήθη.

Estabelecido o cerco, Télamon,
rompendo os muros, foi o primeiro a
entrar na cidade, seguido por Hércules,
que, ao vê-lo indo na frente,
desembainhou sua espada e avançou
contra ele, já que não desejava
ninguém acreditando ser superior a ele.
Percebendo isso, Télamon reuniu
pedras próximas e quando Hércules lhe
perguntou o que fazia, disse-lhe que
estava construindo um altar a Hércules
Triunfante (Calínico). O herói aprovou
a ideia e, uma vez tomada a cidade,
depois de matar a flechadas
Laomedonte e seus filhos, com
exceção de Podarces, entregou a
Télamon como prêmio a filha de
Laomedonte, Hesíone, a quem cedeu
os prisioneiros de guerra que desejasse
levar. Como ela escolheu seu irmão
Podarces, Hércules lhe disse que
primeiro ela deveria prendê-lo e torná-
lo escravo, para que logo depois o
resgastasse. Quando ele foi colocado à
venda, Hesíone retirou o véu da cabeça
e o entregou como resgate: desde então
Podarces foi chamado de Príamo.

2.7.1

πλέοντος δὲ ἀπὸ Τροίας
Ἡρακλέους Ἡρα χαλεποὺς
ἔπεμψε χειμῶνας: ἐφ' οἷς
ἀγανακτήσας Ζεὺς ἐκρέμασεν
αὐτὴν ἐξ Ὀλύμπου. προσέπλει δὲ
Ἡρακλῆς τῇ Κῶ: καὶ νομίσαντες
αὐτὸν οἱ Κῶοι ληστρικὸν ἄγειν
στόλον, βάλλοντες λίθοις
προσπλεῖν ἐκώλυον. ὁ δὲ
βιασάμενος αὐτὴν νυκτὸς εἶλε,
καὶ τὸν βασιλέα Εὐρύπυλον,
Ἀστυπαλαίας παῖδα καὶ
Ποσειδῶνος, ἔκτεινεν. ἐτρώθη δὲ
κατὰ τὴν μάχην Ἡρακλῆς ὑπὸ
Χαλκῶδοντος, καὶ Διὸς
ἐξαρκάσαντος αὐτὸν οὐδὲν
ἔπαθε. πορθήσας δὲ Κῶ ἦκε δι'
Ἀθηνᾶς εἰς Φλέγραν, καὶ μετὰ
θεῶν κατεπολέμησε Γίγαντας.

2.7.2

μετ' οὐ πολὺ δὲ ἐπ' Αὐγείαν
ἔστρατεύετο, συναθροίσας
Ἀρκαδικὸν στρατὸν καὶ
παραλαβῶν ἐθελοντὰς τῶν ἀπὸ
τῆς Ἑλλάδος ἀριστέων. Αὐγείας
δὲ τὸν ἀφ' Ἡρακλέους πόλεμον
ἀκούων κατέστησεν Ἡλείων
στρατηγούς Εὐρυτον καὶ Κτέατον
συμφυεῖς, οἱ δυνάμει τοὺς τότε
ἀνθρώπους ὑπερέβαλλον, παῖδες
δὲ ἦσαν Μολιόνης καὶ Ἄκτορος,
ἐλέγοντο δὲ Ποσειδῶνος: Ἄκτωρ
δὲ ἀδελφὸς ἦν Αὐγείου. συνέβη
δὲ Ἡρακλεῖ κατὰ τὴν στρατείαν
νοσῆσαι: διὰ τοῦτο καὶ σπονδὰς
πρὸς τοὺς Μολιονίδας ἐποιήσατο.
οἱ δὲ ὕστερον ἐπιγνόντες αὐτὸν
νοσοῦντα, ἐπιτίθενται τῷ
στρατεύματι καὶ κτείνουσι
πολλούς.

2.7.1

Quando Héracles partia de Tróia de navio, Hera lançou sobre ele violentas tempestades, por causa das quais, irritado, Zeus a suspendeu do Olimpo. Héracles navegou até Cós, mas os coos, imaginando que ele conduzisse uma expedição de piratas, impediram-no de aportar, atirando-lhe pedras. À força, contudo, tomou a cidade durante a noite e matou o rei Eurípilo, filho de Astipaléia e Poseidon. Héracles foi ferido por Calcodonte durante o combate, mas foi resgatado por Zeus e, assim, não sofreu nada. Após destruir Cós, foi para Flegra, a chamado de Atena, e, ao lado dos deuses, guerreou contra os gigantes.

2.7.2

Pouco depois, reunindo um exército árcade e recebendo como voluntários os mais bravos homens da Hélade, Héracles marchou em guerra contra Áugeas. Este, por sua vez, ao ouvir sobre o combate contra Héracles, estabeleceu como generais dos eleus Êurito e Ctéato, gêmeos siameses, que superavam os homens de então em força e eram filhos de Actor com Molíone, embora dizem que o pai era Poseidon; Áugeas era irmão de Actor. Durante a expedição, aconteceu de Héracles adoecer e, por isso, formalizou uma trégua com os moliônidas. No entanto, depois que eles souberam que o héroi havia adoecido, atacaram a expedição e mataram muitos.

τότε μὲν οὖν ἀνεχώρησεν
Ἡρακλῆς: αὐθις δὲ τῆς τρίτης
ἰσθμιάδος τελουμένης, Ἡλείων
τοὺς Μολιονίδας πεμψάντων
συνθύτας, ἐν Κλεωναῖς
ἐνεδρεύσας τούτους Ἡρακλῆς
ἀπέκτεινε, καὶ στρατευσάμενος
ἐπὶ τὴν Ἥλιν εἶλε τὴν πόλιν. καὶ
κτείνας μετὰ τῶν παίδων
Αὐγείαν κατήγαγε Φυλέα, καὶ
τούτῳ τὴν βασιλείαν ἔδωκεν.
ἔθηκε δὲ καὶ τὸν Ὀλυμπιακὸν
ἀγῶνα, Πέλοπός τε βωμὸν
ἰδρύσατο, καὶ θεῶν δώδεκα
βωμοὺς ἕξ ἑδείματο.

2.7.3

μετὰ δὲ τὴν τῆς Ἥλιδος ἄλωσιν
ἐστράτευσεν ἐπὶ Πύλον, καὶ τὴν
πόλιν ἐλὼν Περικλύμενον κτείνει
τὸν ἀλκιμώτατον τῶν Νηλέως
παίδων, ὃς μεταβάλλων τὰς
μορφὰς ἐμάχετο. τὸν δὲ Νηλέα
καὶ τοὺς παῖδας αὐτοῦ χωρὶς
Νέστορος ἀπέκτεινεν: οὗτος δὲ
νέος ὢν παρὰ Γερηνίοις ἐτρέφετο.
κατὰ δὲ τὴν μάχην καὶ Αἰδην
ἔτρωσε Πυλίοις βοηθοῦντα.

ἐλὼν δὲ τὴν Πύλον ἐστράτευεν
ἐπὶ Λακεδαίμονα, μετελθεῖν τοὺς
Ἴπποκόωντος παῖδας θέλων:
ὠργίζετο μὲν γὰρ αὐτοῖς καὶ διότι
Νηλεῖ συνεμάχησαν, μᾶλλον δὲ
ὠργίσθη ὅτι τὸν Λικυμνίου παῖδα
ἀπέκτειναν.

Naquele momento, Hércules se retirou, mas depois da realização do terceiro festival do Istmo, quando os eleus enviavam os moliônidas para os sacrifícios, matou todos com uma emboscada em Cleonas, e marchando em direção à Élide, tomou a cidade. Hércules matou Ágeas e os filhos dele e reconduziu até Fileu, ao qual entregou o reino. Além disso, estabeleceu os Jogos Olímpicos, dedicou um altar a Pélope e construiu outros seis aos doze deuses.

2.7.3

Depois de tomar a Élide, marchou contra Pilo, e uma vez dominada a cidade, matou Periclímeneo, o mais corajoso dos filhos de Neleu, que mudava de forma enquanto combatia. Matou também Neleu e os filhos dele, com exceção de Nestor, por ser jovem e ainda criado com os gerênios. Durante o combate, feriu Hades, que ajudava os pílios.

Capturada a cidade de Pilo, marchou contra a Lacedemônia, com o intuito de vingar-se dos filhos de Hipocoonte. Irritado com eles por terem combatido ao lado de Neleu, Hércules ficou ainda mais irritado porque eles mataram o filho de Licímnio.

θεωμένου γὰρ αὐτοῦ τὰ
Ἴπποκόωντος βασιλεία,
ἐκδραμῶν κύων τῶν Μολοτικῶν
ἐπ' αὐτὸν ἐφέρετο: ὁ δὲ βαλὼν
λίθον ἐπέτυχε τοῦ κυνός,
ἐκτροχάσαντες δὲ οἱ
Ἴπποκοωντίδαι καὶ τύπτοντες
αὐτὸν τοῖς σκυτάλοις ἀπέκτειναν.
τὸν δὲ τούτου θάνατον ἐκδικῶν
στρατιὰν ἐπὶ Λακεδαιμονίους
συνήθροιζε. καὶ παραγενόμενος
εἰς Ἀρκαδίαν ἠξίου Κηφέα μετὰ
τῶν παίδων ὧν εἶχεν εἴκοσι
συμμαχεῖν. δεδιὼς δὲ Κηφεὺς μὴ
καταλιπόντος αὐτοῦ Τεγέαν
Ἀργεῖοι ἐπιστρατεύσονται, τὴν
στρατείαν ἠρνεῖτο. Ἡρακλῆς δὲ
παρ' Ἀθηνᾶς λαβὼν ἐν ὑδρίᾳ
χαλκῇ βόστρυχον Γοργόνης
Στερόπη τῇ Κηφέως θυγατρὶ
δίδωσιν, εἰπὼν, ἐὰν ἐπίη στρατός,
τρὶς ἀνασχούσης ἐκ τῶν τειχῶν
τὸν βόστρυχον καὶ μὴ προΐδουσης
τροπὴν τῶν πολεμίων ἔσεσθαι.
τούτου γενομένου Κηφεὺς μετὰ
τῶν παίδων ἐστράτευε. καὶ κατὰ
τὴν μάχην αὐτός τε καὶ οἱ παῖδες
αὐτοῦ τελευτῶσι, καὶ πρὸς
τούτοις Ἴφικλῆς ὁ τοῦ Ἡρακλέους
ἀδελφός. Ἡρακλῆς δὲ κτείνας τὸν
Ἴπποκόωντα καὶ τοὺς παῖδας
αὐτοῦ καὶ χειρωσάμενος τὴν
πόλιν, Τυνδάρεων καταγαγὼν
τὴν βασιλείαν παρέδωκε τούτῳ.

Enquanto contemplava o palácio de Hipocoonte, um cachorro dos molóticos saiu correndo e precipitou-se contra ele, que, atirando uma pedra, atingiu o cão. Investindo contra o animal, os hipocoôntidas o mataram, batendo nele com suas clavas. A fim de vingar a morte dele, Hércules reuniu um exército contra os lacedemônios e, chegando à Arcádia, pediu que Cefeu e seus vinte filhos se aliassem a ele. Cefeu, contudo, temendo que, se deixasse a Tegéia os argivos a invadiriam, negou juntar-se à expedição. Recebido de Atena um cabelo da Górgona Estéropé em um jarro de bronze, Hércules o entregou à filha de Cefeu, dizendo que caso viesse um exército, levantasse três vezes o cabelo sobre os muros, sem olhar para frente, e assim provocaria a fuga dos inimigos. Feito isso, Cefeu marchou com seus filhos, porém todos eles morreram no combate, além de Íficles, irmão de Hércules, que, por sua vez, matou Hipocoonte e os filhos dele, dominou a cidade, retornou até Tindáreo e lhe entregou o reino.

2.7.4

παριῶν δὲ Τεγέαν Ἡρακλῆς τὴν
Αὔγην Ἀλεοῦ θυγατέρα οὔσαν
ἀγνοῶν ἔφθειρεν. ἡ δὲ τεκοῦσα
κρύφα τὸ βρέφος κατέθετο ἐν τῷ
τεμένει τῆς Ἀθηνᾶς. Λοιμῶ δὲ τῆς
χώρας φθειρομένης, Ἀλεὸς
εἰσελθὼν εἰς τὸ τέμενος καὶ
ἐρευνήσας τὰς τῆς θυγατρὸς
ᾠδῖνας εὔρε. τὸ μὲν οὖν βρέφος
εἰς τὸ Παρθένιον ὄρος ἐξέθετο.
καὶ τοῦτο κατὰ θεῶν τινα
πρόνοιαν ἐσώθη: θηλὴν μὲν γὰρ
ἀρτιτόκος ἔλαφος ὑπέσχευεν αὐτῷ,
ποιμένες δὲ ἀνελόμενοι τὸ
βρέφος Τηλέφον ἐκάλεσαν αὐτό.
Αὔγην δὲ ἔδωκε Ναυπλίῳ τῷ
Ποσειδῶνος ὑπερόριον
ἀπεμπολῆσαι. ὁ δὲ Τεύθραντι τῷ
Τευθρανίας ἔδωκεν αὐτὴν
δυναστή, κἀκεῖνος γυναῖκα
ἐποίησατο.

2.7.5

παραγενόμενος δὲ Ἡρακλῆς εἰς
Καλυδῶνα τὴν Οἰνέως θυγατέρα
Δηιάνειραν ἐμνηστεύετο, καὶ
διαπαλαίσας ὑπὲρ τῶν γάμων
αὐτῆς πρὸς Ἀχελῶον εἰκασμένον
ταύρω περιέκλασε τὸ ἕτερον τῶν
κεράτων. καὶ τὴν μὲν Δηιάνειραν
γαμῆ, τὸ δὲ κέρας Ἀχελῶος
λαμβάνει, δούς ἀντὶ τούτου τὸ
τῆς Ἀμαλθείας. Ἀμάθεια δὲ ἦν
Αἰμονίου θυγάτηρ, ἡ κέρας εἶχε
ταύρου. τοῦτο δέ, ὡς Φερεκύδης
λέγει, δύναμιν εἶχε τοιαύτην
ὥστε βρωτὸν ἢ ποτόν, ὅπερ <ἄν>
εὔξαιτό τις, παρέχειν ἄφθονον.

2.7.4

Chegando à Tegéia, Hércules
seduziu Auge, sem saber que ela era
filha de Aleu. Secretamente, ela deu à
luz um bebê e o colocou no templo de
Atena. Estando o país a ser destruído
por uma praga, Aleu foi ao santuário e,
ao perguntar, descobriu a maternidade
de sua filha. Ele, então, expôs o recém-
nascido no monte Partênio, que foi
salvo por uma providência dos deuses,
pois uma cerva que tinha acabado de
parir o amamentou e pastores o
acolheram e o chamaram de Télefo.
Aleu entregou Auge a Náuplio, filho
de Poseidon, para vendê-la a uma
terra distante. Ele a entregou a
Teutrante, príncipe da Teutrânia, que
fez dela sua esposa.

2.7.5

Chegando a Cálidon, Hércules
pretendia casar-se com Dejanira, filha
de Eneu. Lutando pela mão dela contra
Aquelo, transformado este em um
touro, quebrou-lhe um dos chifres.
Assim, desposou Dejanira, enquanto
Aquelo recuperou seu chifre ao dar
em troca o de Amaléia, que era filha
de Hemônio e tinha um chifre de touro,
que segundo Ferecides, possuía o
poder de proporcionar em abundância
qualquer comida ou bebida que fosse
desejada.

2.7.6

στρατεύει δὲ Ἡρακλῆς μετὰ
 Καλυδωνίων ἐπὶ Θεσπρωτοῦς,
 καὶ πόλιν ἑλών Ἐφυραν, ἧς
 ἔβασίλευε Φύλας, Ἀστυόχη τῇ
 τούτου θυγατρὶ συνελθὼν πατὴρ
 Τληπολέμου γίνεται. διατελῶν δὲ
 παρ' αὐτοῖς, πέμψας πρὸς
 Θέσπιον ἑπτὰ μὲν κατέχειν ἔλεγε
 παῖδας, τρεῖς δὲ εἰς Θήβας
 ἀποστέλλειν, τοὺς δὲ λοιποὺς
 τεσσαράκοντα πέμπειν εἰς Σαρδῶ
 τὴν νῆσον ἐπ' ἀποικίαν.
 γενομένων δὲ τούτων
 εὐωχούμενος παρ' Οἰνεῖ κονδύλω
 πλήξας ἀπέκτεινεν Ἀρχιτέλους
 παῖδα Εὐνομον κατὰ χειρῶν
 διδόντα: συγγενῆς δὲ Οἰνέως
 οὗτος. ἀλλ' ὁ μὲν πατὴρ τοῦ
 παιδός, ἀκουσίως γεγεννημένου
 τοῦ συμβεβηκότος,
 συνεγνωμόνει, Ἡρακλῆς δὲ κατὰ
 τὸν νόμον τὴν φυγὴν ὑπομένειν
 ἤθελε, καὶ διέγνω πρὸς Κήυκα εἰς
 Τραχίνα ἀπιέναι. ἄγων δὲ
 Δηιάνειραν ἐπὶ ποταμὸν Εὐήνον
 ἤκεν, ἐν ᾧ καθεζόμενος Νέσσος ὁ
 Κένταυρος τοὺς παριόντας
 διεπόρθημενε μισθοῦ, λέγων παρὰ
 θεῶν τὴν πορθμίαν εἰληφέναι
 διὰ δικαιοσύνην. αὐτὸς μὲν οὖν
 Ἡρακλῆς τὸν ποταμὸν διέβη,
 Δηιάνειραν δὲ μισθὸν αἰτηθεὶς
 ἐπέτρψε Νέσσω διακομίζειν. ὁ δὲ
 διαπορθμεύων αὐτὴν ἐπεχείρει
 βιάζεσθαι. τῆς δὲ ἀνακραγούσης
 αἰσθόμενος Ἡρακλῆς ἐξελθόντα
 Νέσσον ἐτόξευσεν εἰς τὴν
 καρδίαν.

2.7.6

Héracles marchou em guerra
 com os calidônios contra os tesprotos
 e, uma vez tomada a cidade de Éfira,
 da qual Filas era rei, deitou-se com a
 filha dele, Astíoque, e teve um filho,
 Tlepólemo. Enquanto permanecia com
 eles, ordenou a Téspio que ele ficasse
 com sete de seus filhos, enviasse três
 para Tebas e os quarenta restantes à
 ilha de Sardenha, a fim de colonizá-la.
 Após esses ocorridos, durante um
 banquete com Eneu, matou Eunomo,
 filho de Arquíteles golpeando-o com o
 cotovelo, enquanto vertia água em suas
 mãos. Ele era parente de Eneu, mas o
 pai do menino compreendeu que havia
 sido um ato involuntário e perdeu
 Héracles, que, contudo, desejou
 enfrentar o exílio, conforme a lei.
 Tomada essa decisão, partiu junto de
 Ceix, em Tráquis e, levando consigo
 Dejanira, chegou ao rio Eveno onde
 estava o centauro Nesso, que cobrava
 para transportar os viajantes,
 afirmando ter recebido dos deuses o
 direito de transportar pessoas de uma
 borda à outra por sua retidão. Héracles
 cruzou o rio por si só e quando lhe foi
 solicitado pagar o pedágio, confiou a
 Nesso transportar Dejanira. No
 entanto, enquanto a levava, o centauro
 tentou violá-la. Ao ouvi-la gritar,
 Héracles atirou com o arco em Nesso,
 já fora do rio, acertando-lhe o coração.

ὁ δὲ μέλλων τελευτᾶν
προσκαλεσάμενος Δηϊάνειραν
εἶπεν, εἰ θέλοι φίλτρον πρὸς
Ἡρακλέα ἔχειν, τὸν τε γόνον ὄν
ἀφῆκε κατὰ τῆς γῆς καὶ τὸ ῥυέν
ἐκ τοῦ τραύματος τῆς ἀκίδος αἷμα
συμμίξει, ἢ δὲ ποιήσασα τοῦτο
ἐφύλαττε παρ' ἑαυτῆς.

2.7.7

διεξιῶν δὲ Ἡρακλῆς τὴν Δρυόπων
χώραν, ἀπορῶν τροφῆς,
ἀπαντήσαντος Θειοδάμαντος
βοηλατοῦντος τὸν ἕτερον τῶν
ταύρων λύσας καὶ σφάξας
εὐωχῆσατο. ὡς δὲ ἦλθεν εἰς
Τραχίνα πρὸς Κήκυκα, ὑποδεχθεὶς
ὑπ' αὐτοῦ Δρύοπας
κατεπολέμησεν.

αὐθις δὲ ἐκεῖθεν ὀρμηθεὶς
Αἰγυμῖω βασιλεῖ Δωριέων
συνεμάχησε: Λαπίθαι γὰρ περὶ
γῆς ὄρων ἐπολέμουν αὐτῶ
Κορώνου στρατηγοῦντος, ὁ δὲ
πολιορκούμενος ἐπεκαλέσατο
τὸν Ἡρακλέα βοηθὸν ἐπὶ μέρει
τῆς γῆς. βοηθήσας δὲ Ἡρακλῆς
ἀπέκτεινε Κόρωνον μετὰ καὶ
ἄλλων, καὶ τὴν γῆν ἄπασαν
παρέδωκεν ἐλευθέραν αὐτῶ.
ἀπέκτεινε δὲ καὶ Λαογόραν μετὰ
τῶν τέκνων, βασιλέα Δρυόπων,
ἐν Ἀπόλλωνος τεμένει
δαινύμενον, ὑβριστὴν ὄντα καὶ
Λαπιθῶν σύμμαχον. παριόντα δὲ
Ἴτωνον εἰς μονομαχίαν
προεκαλέσατο αὐτὸν Κύκνος
Ἄρεος καὶ Πελοπίας: συστάς δὲ
καὶ τοῦτον ἀπέκτεινεν.

O centauro, prestes a morrer, chamou Dejanira e disse que se ela quisesse um filtro amoroso para usar em Hércules, deveria misturar o sêmen dele derramado sobre a terra com o sangue escorrido do ferimento causado pela flecha. Ela fez isso e guardou consigo o filtro.

2.7.7

Faminto, Hércules percorreu a região dos dríopes e chegou até Tiodamas, que conduzia uma parrelha de novilhos. Soltando-os e degolando um deles, devorou-o. Quando foi para Tráquis, até Ceix, por quem foi hospedado, conquistou os dríopes.

Mais tarde, partindo dali, aliou-se a Egímio, rei dos dórios, visto que os lápitas guerreavam contra ele, sob o comando de Corono, por causa das fronteiras da região. Cercado, Egímio pediu ajuda a Hércules em troca de um pedaço de terra. Hércules o ajudou, matou Corono e os outros e lhe restituiu liberada toda a região. Enquanto era oferecido um banquete no templo de Apolo, ele também assassinou Laógoras, rei dos dríopes, e os filhos dele, por ser ímpio e aliado dos lápitas. Passando por Ítono, Cícno, filho de Ares e Pelópias, desafiou-o em um combate singular: no duelo, Hércules o matou.

ὡς δὲ εἰς Ὀρμένιον ἦκεν,
Ἀμύντωρ αὐτὸν ὁ βασιλεὺς μεθ'
ὄπλων οὐκ εἶα διέρχεσθαι:
κωλυόμενος δὲ παριέναι καὶ
τοῦτον ἀπέκτεινεν.

ἀφικόμενος δὲ εἰς Τραχίνα
στρατιὰν ἐπ' Οἰχάλιαν
συνήθροισεν, Εὐρυτον
τιμωρήσασθαι θέλων.
συμμαχούντων δὲ αὐτῷ Ἀρκάδων
καὶ Μηλιέων τῶν ἐκ Τραχίνος καὶ
Λοκρῶν τῶν Ἐπικνημιδίων,
κτείνας μετὰ τῶν παίδων Εὐρυτον
αἶρεϊ τὴν πόλιν. καὶ θάψας τῶν
σὺν αὐτῷ στρατευσαμένων τοὺς
ἀποθανόντας, Ἴππασόν τε τὸν
Κήυκος καὶ Ἀργεῖον καὶ Μέλανα
τοὺς Λικυμνίου παῖδας, καὶ
λαφυραγωγῆσας τὴν πόλιν, ἤγεν
Ἴόλην αἰχμάλωτον. καὶ
προσορμισθεὶς Κηναίῳ τῆς
Εὐβοίας ἀκρωτηρίῳ Διὸς Κηναίου
βωμὸν ἰδρύσατο. μέλλων δὲ
ἱερουργεῖν εἰς Τραχίνα <Λίχαν>
τὸν κήρυκα ἔπεμψε λαμπρὰν
ἔσθητα οἷσοντα. παρὰ δὲ τούτου
τὰ περὶ τὴν Ἴόλην Δηιάνειρα
πυθομένη, καὶ δείσασα μὴ
ἐκείνην μάλλον ἀγαπήσῃ,
νομίσασα ταῖς ἀληθείαις φίλτρον
εἶναι τὸ ῥυέν αἶμα Νέσσου, τούτῳ
τὸν χιτῶνα ἔχρισεν.

Quando chegou a Ormênio, o
rei Amintor, armado, não lhe permitiu
passar: ao ser impedido, Hércules
também o matou.

Novamente em Tráquis, reuniu
um exército contra Ecália, com o
intuito de vingar-se de Êurito. Aliado
aos árcades, aos meliades de Tráquis e
aos lócrios epicnemídios, assassinou
Êurito e os filhos dele e tomou a
cidade. Hércules sepultou seus
combatentes mortos, Hípaso, filho de
Ceix, Árgio e Melas, filhos de
Licímnio, saqueou a cidade e levou
Iole como cativa. Aportando em
Ceneu, promontório de Eubéia,
construiu um altar a Zeus Ceneu.
Como tinha a intenção de realizar
sacrifícios, enviou a Tráquis o arauto
Licas para trazer-lhe uma roupa
distinta. Dele Dejanira ficou sabendo a
respeito de Iole e, com receio de que
Hércules a amasse mais que a ela,
acreditando que o filtro amoroso do
sangue derramado de Nesso fosse
verdadeiro, untou-lhe a túnica com ele.

ἐνδὺς δὲ Ἡρακλῆς ἔθυσεν. ὥς δὲ
θερμανθέντος τοῦ χιτῶνος ὁ τῆς
ὑδρας ἰὸς τὸν χρῶτα ἔσηπε, τὸν
μὲν Λίχαν τῶν ποδῶν ἀράμενος
κατηκόντισεν ἀπὸ τῆς Ἰβοιωτίας,
τὸν δὲ χιτῶνα ἀπέσπα
προσπεφυκότατῳ σώματι:
συναπεσπῶντο δὲ καὶ αἱ σάρκες
αὐτοῦ. τοιαύτη συμφορᾷ
κατασχεθεῖς εἰς Τραχίνα ἐπὶ νεῶς
κομίζεται. Δηιάνειρα δὲ
αἰσθομένη τὸ γεγονός ἐαυτὴν
ἀνήρτησεν. Ἡρακλῆς δὲ
ἐντειλάμενος Ὑλλῳ, ὃς ἐκ
Δηιανείρας ἦν αὐτῷ παῖς
πρεσβύτερος, Ἴολην ἀνδρωθέντα
γῆμαι, παραγενόμενος εἰς Οἶτην
ὄρος (ἔστι δὲ τοῦτο Τραχινίων,
ἐκεῖ πυρὰν ποιήσας ἐκέλευσεν
ἐπιβᾶς ὑφάπτειν. μηδενὸς δὲ
τοῦτο πράττειν ἐθέλοντος, Ποίας
παριῶν κατὰ ζήτησιν ποιμνίων
ὑφῆψε. τούτῳ καὶ τὰ τόξα
ἔδωρήσατο Ἡρακλῆς. καιομένης
δὲ τῆς πυρᾶς λέγεται νέφος
ὑποστὰν μετὰ βροντῆς αὐτὸν εἰς
οὐρανὸν ἀναπέμψαι. ἐκεῖθεν δὲ
τυχῶνὰ θανασίας καὶ διαλλαγῆς
Ἡρα τὴν ἐκείνης θυγατέρα
Ἥβην ἔγημεν, ἐξ ἧς αὐτῷ παῖδες
Ἀλεξιάρης καὶ Ἀνίκητος
ἐγένοντο.

Héraclès se vestiu com a roupa
e realizou o sacrifício; entretanto,
assim que a vestimenta esquentou, o
veneno da hidra começou a corroer-lhe
a pele. Erguendo Licas pelos pés,
Héraclès o jogou da Beócia e, quando
tirou a túnica grudada no seu corpo,
arrancavam-se suas carnes. Acometido
por tal desgraça, foi levado de barco
até Tráquis. Dejanira, ao tomar
consciência do ocorrido, enforcou-se.

Héraclès, por sua vez, ordenou
a Hilo, seu filho mais velho com
Dejanira, casar-se com Iole, quando
adulto, e chegou ao Monte Eta, em
Tráquis. Lá, após construir uma pira e
subir nela, mandou acendê-la. Como
ninguém desejava fazer isso, Peante,
que passava por ali à procura de suas
ovelhas, ateou fogo nela e Héraclès
então o presenteou com o arco e as
flechas. Incendiada a pira, conta-se que
uma nuvem baixou e com trovões o
levou ao céu. Desde então recebeu a
imortalidade e reconciliado com Hera,
casou-se com a filha dela, Hebe, com
quem teve dois filhos: Alexíares e
Aniceto.

2.7.8

ἦσαν δὲ παῖδες αὐτῶ ἐκ μὲν τῶν
 Θεσπίου θυγατέρων, Πρόκριδος
 μὲν Ἀντιλέων καὶ Ἴππεύς (ἢ
 πρεσβυτάτη γὰρ διδύμους
 ἐγέννησε) , Πανόπης δὲ
 Θρεψίππας, Λύσης Εὐμήδης, [...]
 Κρέων, Ἐπιλάϊδος Ἀστυάναξ,
 Κέρθης Ἰόβης, Εὐρυβίας
 Πολύλαος, Πατροῦς Ἀρχέμαχος,
 Μηλίνης Λαομέδων, Κλυτίππης
 Εὐρύκαπυς, Εὐρύπυλος Εὐβώτης,
 Ἀγλαΐης Ἀντιάδης, Ὀνήσιππος
 Χρυσήϊδος, Ὀρείης Λαομένης,
 Τέλης Λυσιδίκης, Ἐντελίδης
 Μενιππίδος, Ἀνθίππης
 Ἴπποδρομος, Τελευταγόρας Εὐρυ
 ... , Καπύλος Ἴππωτος, Εὐβοίας
 Ὀλυμπος, Νίκης Νικόδρομος,
 Ἀργέλης Κλεόλαος, Ἐξόλης
 Ἐρύθρας, Ξανθίδος Ὀμόλιππος,
 Στρατονίκης Ἄτρομος,
 Κελευστάνωρ Ἴφιδος, Λαοθόης
 Ἄντιφος, Ἀντιόπης Ἀλόπιος,
 Ἀστυβίης Καλαμήτιδος, Φυληίδος
 Τίγασις, Αἰσχροήϊδος Λευκώνης,
 Ἀνθείας ... , Εὐρυπύλης
 Ἀρχέδικος, Δυνάστης Ἐρατοῦς,
 Ἀσωπίδος Μέντωρ, Ἡώνης
 Ἀμήστριος, Τιφύσης Λυγκαῖος,
 Ἀλοκράτης Ὀλυμπούσης,
 Ἐλικωνίδος Φαλίας, Ἡσυχείης
 Οἰστρόβλης, Τερψικράτης
 Εὐρυόπης, Ἐλαχείας Βουλεύς,
 Ἀντίμαχος Νικίππης, Πάτροκλος
 Πυρίππης, Νῆφος Πραξιθέας,
 Λυσίππης Ἐράσιππος, Λυκοῦργος
 Τοξικράτης, Βουκόλος Μάρσης,
 Λεύκιππος Εὐρυτέλης,
 Ἴπποκράτης Ἴππόζυγος.

2.7.8

Das filhas de Téspio, teve os
 seguintes filhos: de Prócris, Antileonte
 e Hipeu (a mais velha deu à luz
 gêmeos), de Pânope nasceu Trepsipas;
 de Lise, Eumedes; de [...], Creonte; de
 Epílaide, Astíanax; de Certes, Iobes; de
 Euríbia, Polilau; de Patro, Arquêmaco;
 de Meline, Laomedonte; de Clitipe,
 Eurícapo; de Eubote, Eurípilo; de
 Agléia, Antiádes; de Criseida,
 Onesipo; de Ória, Laomenes; de
 Lisídice, Teles; de Menípede,
 Entélides; de Antipe, Hipódromo; de
 Euri..., Teleutágoras; de Hipo, Cápilo;
 de Eubéia, Olimpo; de Nice,
 Nicodromo; de Árgele, Cleolau; de
 Éxole, Euritras; de Xantis, Homolipo;
 de Estratonice, Átromo; de Ífis,
 Celeustanor; de Laótoa, Ântifo; de
 Antíope, Alópio; de Calamétide,
 Astíbies; de Fileide, Tígasis; de
 Escreide, Leucones; de Ântea, ...; de
 Eurípile, Arquédico; de Erato,
 Dinastes; de Asópide, Mentor; de
 Eone, Améstrio; de Tífise, Linceu; de
 Olimpusa, Halócrates; de Helicônide,
 Fálías; de Hesíquia, Estrobles; de
 Terpsícrate, Euríopes; de Eláquia,
 Buleu; de Nicipe, Antímaco; de Píripe,
 Pátroclo; de Praxitéia, Nefo; de Lisipe,
 Erasipo; de Toxícrate, Licurgo; de
 Marse, Búcolo; de Eurítele, Leucipo;
 de Hipócrata, Hipózigos.

οὔτοι μὲν ἐκ τῶν Θεσπίου
θυγατέρων, ἐκ δὲ τῶν ἄλλων,
Δηιανείρας μὲν τῆς Οἰνέως
Ἵλλος Κτήσιππος Γληνὸς
Ἵνειτης, ἐκ Μεγάρας δὲ τῆς
Κρέοντος Θηρίμαχος Δηικόων
Κρεοντιάδης, ἐξ Ὀμφάλης δὲ
Ἀγέλαος, ὅθεν καὶ τὸ Κροίσου
γένος. Χαλκιόπης δὲ τῆς
Εὐρυπύλου Θετταλός, Ἐπικάστης
τῆς Αὐγέου Θεστάλος,
Παρθενόπης τῆς Στυμφάλου
Εὐήρης, Αὐγῆς τῆς Ἀλεοῦ
Τήλεφος, Ἀστυόχης τῆς Φύλαντος
Τληπόλεμος, Ἀστυδαμείας τῆς
Ἀμύντορος Κτήσιππος, Αὐτονόης
τῆς Πειρέως Παλαίμων.

Esses nasceram das filhas de
Téspio, enquanto que os demais,
nascidos de Dejanira, filha de Eneu,
foram: Hilo, Ctesipo, Gleno e Onites; e
de Mégara, filha de Creonte, nasceram
Terímaco, Deicoonte e Creonciades; de
Ὠnfale, Agelau, de quem descende a
família de Creso; Téssalo, de Calcíope,
filha de Eurípilo; Téstalo, de Epicaste,
filha de Áugeas; Everes, de Partênope,
filha de Estínfalo; Télefo, de Auge,
filha de Aleu; Tlepólemo, de Astíoque,
filha de Filas; Ctesipo, de Astidâmia,
filha de Amintor, e Pálemon, de
Autônoe, filha de Pireu.

2.8.1

μεταστάντος δὲ Ἡρακλέους εἰς
θεοὺς οἱ παῖδες αὐτοῦ φυγόντες
Εὐρυσθέα πρὸς Κήρυκα
παρεγένοντο. ὡς δὲ ἐκείνους
ἐκδιδόναι λέγοντος Εὐρυσθέως
καὶ πόλεμον ἀπειλοῦντος
ἐδεδοίκεσαν, Τραχίνα
καταλιπόντες διὰ τῆς Ἑλλάδος
ἔφυγον. διωκόμενοι δὲ ἦλθον εἰς
Ἀθήνας, καὶ καθεσθέντες ἐπὶ τὸν
ἐλέου βωμὸν ἤξιουν βοηθεῖσθαι.
Ἀθηναῖοι δὲ οὐκ ἐκδιδόντες
αὐτοὺς πρὸς τὸν Εὐρυσθέα
πόλεμον ὑπέστησαν, καὶ τοὺς μὲν
παῖδας αὐτοῦ Ἀλέξανδρον
Ἴφιμέδοντα Εὐρύβιον Μέντορα
Περιμήδη ἀπέκτειναν· αὐτὸν δὲ
Εὐρυσθέα φεύγοντα ἐφ' ἄρματος
καὶ πέτρας ἤδη παριππεύοντα
Σκειρωνίδας κτείνει διώξας
ἄλλος, καὶ τὴν κεφαλὴν
ἀποτεμῶν Ἀλκμήνη δίδωσιν· ἡ δὲ
κερκίσι τοὺς ὀφθαλμοὺς
ἐξώρυξεν αὐτοῦ.

2.8.1

Uma vez que Héracles fora para junto
dos deuses, seus filhos chegaram a
Ceix, fugindo de Euristeu. Quando este
lhes disse para se entregarem,
ameaçando iniciar uma guerra, com
receio deixaram Tráquis e fugiram pela
Hélade. Perseguidos, foram para
Atenas, onde pediram ajuda, sentando-
se sobre o altar da Piedade. Como os
atenienses não os entregaram,
sustentaram uma guerra contra
Euristeu e mataram os seguintes filhos
dele: Alexandre, Ifimedonte, Euríbio,
Mentor e Periemedes. O próprio
Euristeu fugiu em uma carruagem,
mas, já próximo às Rochas
Esquirônias, Hilo, que o perseguia,
matou-o e e, decapitando-o, entregou a
cabeça a Alcmena que, por sua vez,
arrancou-lhe os olhos com uma agulha.

2.8.2

ἀπολομένου δὲ Εὐρυσθέως ἐπὶ
Πελοπόννησον ἦλθον οἱ
Ἡρακλεῖδαι, καὶ πάσας εἶλον τὰς
πόλεις. ἐνιαυτοῦ δὲ αὐτοῖς ἐν τῇ
καθόδῳ διαγενομένου φθορὰ
παῖσαν Πελοπόννησον κατέσχε,
καὶ ταύτην γενέσθαι χρησμὸς διὰ
τοὺς Ἡρακλεΐδας ἐδήλου: πρὸ
γὰρ τοῦ δέοντος αὐτοὺς
κατελθεῖν. ὅθεν ἀπολιπόντες
Πελοπόννησον ἀνεχώρησαν εἰς
Μαραθῶνα κάκει κατῶκουν.
Τληπόλεμος οὖν κτείνας οὐχ
ἐκὼν Λικύμνιον (τῇ βακτηρία
γὰρ αὐτοῦ θεράποντα
πλήσσοντος ὑπέδραμε) πρὶν
ἐξελθεῖν αὐτοὺς ἐκ
Πελοποννήσου, φεύγων μετ' οὐκ
ὀλίγων ἦκεν εἰς Ῥόδον, κάκει
κατῶκει. Ὑλλος δὲ τὴν μὲν Ἰόλην
κατὰ τὰς τοῦ πατρὸς ἐντολὰς
ἔγημε, τὴν δὲ κάθοδον ἐζήτει τοῖς
Ἡρακλεΐδαις κατεργάσασθαι. διὸ
παραγενόμενος εἰς Δελφοὺς
ἐπυνθάνετο πῶς ἂν κατέλθοιεν.
ὁ δὲ θεὸς ἔφησε περιμείναντας
τὸν τρίτον καρπὸν κατέρχεσθαι.
νομίσας δὲ Ὑλλος τρίτον καρπὸν
λέγεσθαι τὴν τριετίαν, τοσοῦτον
περιμείνας χρόνον σὺν τῷ
στρατῷ κατήει ... τοῦ Ἡρακλέους
ἐπὶ Πελοπόννησον, Τισαμενοῦ
τοῦ Ὀρέστου βασιλεύοντος
Πελοποννησίων. καὶ γενομένης
πάλιν μάχης νικῶσι
Πελοποννήσιοι καὶ Ἀριστόμαχος
θνήσκει.

2.8.2

Depois de matarem Euristeu, os filhos de Héracles foram para o Peloponeso e dominaram todas as cidades de lá. Passado um ano desde o retorno deles, uma epidemia espalhou-se por todo o Peloponeso, e um oráculo revelou que ela ocorria por causa dos Heráclidas, pois eles voltaram antes da hora certa. Dessa forma, deixando o Peloponeso, voltaram para Maratona e lá passaram a morar. Antes de deixarem o Peloponeso, Tlepólemo, involuntariamente, matou Licímnio (pois enquanto batia em um criado com um bastão, Licímnio entrou no meio) e, fugindo com alguns, foram para Rodes, onde passaram a morar. A mando de seu pai, Hilo casou-se com Iole, mas desejava que o retorno dos Heráclidas se realizasse. Por isso, foi até Delfos e perguntou como poderiam voltar. O deus lhes disse que deveriam esperar e voltar no terceiro fruto. Como Hilo entendeu o terceiro fruto como um triênio, esperado esse tempo retornou [...] de Héracles ao Peloponeso, onde reinava Tisámeno, filho de Orestes. Em um novo combate, venceram os peloponésios e Aristômaco morreu.

ἐπεὶ δὲ ἠνδρώθησαν οἱ Κλεοδαίου
παῖδες, ἐχρῶντο περὶ καθόδου.
τοῦ θεοῦ δὲ εἰπόντος ὅ τι καὶ τὸ
πρότερον, Τήμενος ἠτιᾶτο λέγων
τούτῳ πεισθέντας ἀτυχήσαι. ὁ δὲ
θεὸς ἀνεῖλε τῶν ἀτυχημάτων
αὐτοὺς αἰτίους εἶναι: τοὺς γὰρ
χρησμοὺς οὐ συμβάλλειν. λέγειν
γὰρ οὐ γῆς ἀλλὰ γενεᾶς καρπὸν
τρίτον, καὶ στενυγρὰν τὴν
εὐρυγάστορα, δεξιὰν κατὰ τὸν
Ἴσθμὸν ἔχοντι τὴν θάλασσαν.
ταῦτα Τήμενος ἀκούσας ἠτοίμαζε
τὸν στρατὸν, καὶ ναῦς ἐπήξατο
τῆς Λοκρίδος ἔνθα νῦν ἀπ'
ἐκείνου ὁ τόπος Ναύπακτος
λέγεται. ἐκεῖ δ' ὄντος τοῦ
στρατεύματος Ἀριστόδημος
κεραυνωθεὶς ἀπέθανε, παῖδας
καταλιπὼν ἔξ Ἀργείας τῆς
Ἀντεσίωνος διδύμους, Εὐρυσθένη
καὶ Προκλέα.

2.8.3

συνέβη δὲ καὶ τὸν στρατὸν ἐν
Ναυπάκτῳ συμφορᾷ περιπεσεῖν.
ἐφάνη γὰρ αὐτοῖς μάντις
χρησμοὺς λέγων καὶ ἐνθεάζων,
ὄν ἐνόμισαν μάγον εἶναι ἐπὶ
λύμῃ τοῦ στρατοῦ πρὸς
Πελοποννησίων ἀπεσταλμένον.
τοῦτον βαλὼν ἀκοντίῳ Ἰππότης ὁ
Φύλαντος τοῦ Ἀντιόχου τοῦ
Ἡρακλέους τυχῶν ἀπέκτεινεν.
οὕτως δὲ γενομένου τούτου τὸ
μὲν ναυτικὸν διαφθαρεισῶν τῶν
νεῶν ἀπώλετο, τὸ δὲ πεζὸν
ἠτύχησε λιμῶ, καὶ διελύθη τὸ
στράτευμα.

Quando os filhos de Cleodaio
tornaram-se adultos, perguntaram ao
oráculo sobre seu retorno. Como o
deus lhes deu a mesma resposta que
antes, Têmeno o acusou, afirmando
que, quando o obedeceram, tiveram má
sorte. O deus, contudo, afirmou que
eles eram os responsáveis pelos
enganos, porque não haviam
interpretado os oráculos, já que havia
se referido ao terceiro fruto de uma
geração, não ao da terra, e que por
estreito referia-se ao amplo ventre que
havia à direita do mar do Istmo.
Depois de ouvir isso, Têmeno
organizou seu exército e construiu
navios na Lócrida, que por essa razão
passou a ser chamada de Naupacto.
Enquanto o exército estava lá,
Aristodemo morreu, fulminado por um
raio, deixando seus filhos gêmeos
Eurístenes e Procleu, nascidos de
Argia, filha de Autesión.

2.8.3

Ocorreu que uma desgraça
acometeu o exército em Naupacto, pois
apareceu-lhes, então, proferindo
oráculos, um adivinho inspirado, que
pensavam ser um mago enviado pelos
peloponésios para a ruína do exército.
Hípotes, filho de Filas, filho de
Antíoco, filho de Héacles, matou-o,
atirando-lhe uma lança. Em
consequência disso, a frota pereceu
com os navios destruídos, a infantaria
sofreu com a fome e o exército se
desfez.

χρωμένου δὲ περὶ τῆς συμφορᾶς
Τημένου, καὶ τοῦ θεοῦ διὰ τοῦ
μάντεως γενέσθαι ταῦτα
λέγοντος, καὶ κελεύοντος
φυγαδεῦσαι δέκα ἔτη τὸν
ἀνελόντα καὶ χρήσασθαι ἡγεμόνι
τῷ τριοφθάλμῳ, τὸν μὲν Ἰππότην
ἐφυγάδευσαν, τὸν δὲ
τριοφθαλμον ἐζήτουν. καὶ
περιτυγχάνουσιν Ὀξύλῳ τῷ
Ἀνδραίμονος, ἐφ' ἵππου
καθημένῳ μονοφθάλμου (τὸν
γὰρ ἕτερον τῶν ὀφθαλμῶν
ἐκκέκοπτο τόξῳ) . ἐπὶ φόνῳ γὰρ
οὗτος φυγῶν εἰς Ἥλιν, ἐκεῖθεν
εἰς Αἰτωλίαν ἐνιαυτοῦ διελθόντος
ἐπανήρχετο. συμβαλόντες οὖν
τὸν χρησμόν, τοῦτον ἡγεμόνα
ποιοῦνται. καὶ συμβαλόντες τοῖς
πολεμίοις καὶ τῷ πεζῷ καὶ τῷ
ναυτικῷ προτεροῦσι στρατῷ, καὶ
Τισαμενὸν κτείνουσι τὸν
Ὀρέστου. θνήσκουσι δὲ
συμμαχοῦντες αὐτοῖς οἱ Αἰγυμίου
παῖδες, Πάμφυλος καὶ Δύμας.

2.8.4

ἐπειδὴ δὲ ἐκράτησαν
Πελοποννήσου, τρεῖς ἰδρύσαντο
βωμοὺς πατρῷου Διός, καὶ ἐπὶ
τούτων ἔθυσαν, καὶ ἐκκληροῦντο
τὰς πόλεις. πρώτη μὲν οὖν λῆξις
Ἄργος, δευτέρα δὲ Λακεδαίμων,
τρίτη δὲ Μεσσήνη. κομισάντων δὲ
ὕδριαν ὕδατος, ἔδοξε ψῆφον
βαλεῖν ἕκαστον. Τήμενος οὖν καὶ
οἱ Ἀριστοδήμου παῖδες Προκλῆς
καὶ Εὐρυσθένης ἔβαλον λίθους,
Κρεσφόντης δὲ βουλόμενος
Μεσσήνην λαχεῖν γῆς ἐνέβαλε
βῶλον.

Quando Têmeno perguntou ao oráculo sobre a desgraça, o deus lhe respondeu que isso havia ocorrido por causa do adivinho e lhe ordenou banir o assassino por dez anos e levar como guia o homem de Três Olhos. Eles baniram Hípotes e procuraram pelo homem de Três Olhos. Encontraram Oxilo, filho de Andremon, sentado sobre um cavalo de um olho só (pois um de seus olhos havia sido arrancado por uma flecha). Fugindo da Élide por assassinato, ele retornava para a Etólia, depois de passado um ano. Interpretando o oráculo, fizeram-no de guia. Enfrentando os inimigos, sobrepujaram-nos por terra e por mar e assassinaram Tisámeno, filho de Orestes. Também morreram no combate seus aliados Pânfilo e Dimas, filhos de Egímio.

2.8.4

Conquistado o Peloponeso, os filhos de Héracles construíram três altares a Zeus Pátrio, sobre os quais ofereceram sacrifícios, e sortearam as cidades. O primeiro lote foi Argos; o segundo, a Lacedemônia; e o terceiro, Messene. Trouxeram uma vasilha com água e decidiram que cada um jogasse um cascalho nela. Têmeno e os filhos de Aristodemo, Procles e Eurístenes, jogaram pedras, mas Cresfontes, que desejava obter Messene, jogou no jarro uma porção de terra.

ταύτης δὲ διαλυθείσης ἔδει τοὺς
δύο κλήρους ἀναφανῆναι.
ἔλκυσθείσης δὲ πρώτης μὲν τῆς
Τημένου, δευτέρας δὲ τῆς τῶν
Ἀριστοδήμου παίδων, Μεσσήνην
ἔλαβε Κρεσφόντης.

2.8.5

ἐπὶ δὲ τοῖς βωμοῖς οἷς ἔθυσαν
εὗρον σημεῖα κείμενα οἱ μὲν
λαχόντες Ἄργος φρῦνον, οἱ δὲ
Λακεδαίμονα δράκοντα, οἱ δὲ
Μεσσήνην ἀλώπεκα. περὶ δὲ τῶν
σημείων ἔλεγον οἱ μάντις, τοῖς
μὲν τὸν φρῦνον καταλαβοῦσιν
ἐπὶ τῆς πόλεως μένειν ἄμεινον
(μὴ γὰρ ἔχειν ἀλκὴν
πορευόμενον τὸ θηρίον) , τοὺς δὲ
δράκοντα καταλαβόντας δεινοὺς
ἐπιόντας ἔλεγον ἔσεσθαι, τοὺς δὲ
τὴν ἀλώπεκα δολίους.

Τήμενος μὲν οὖν
παραπεμπόμενος τοὺς παῖδας
Ἀγέλαον καὶ Εὐρύπυλον καὶ
Καλλίαν, τῇ θυγατρὶ
προσανεῖχεν Ὑρνηθοῖ καὶ τῶ
ταύτης ἀνδρὶ Δηιφόντη. ὅθεν οἱ
παῖδες πείθουσί τινας ἐπὶ μισθῶ
τὸν πατέρα αὐτῶν φονεῦσαι.
γενομένου δὲ τοῦ φόνου τὴν
βασιλείαν ὁ στρατὸς ἔχειν
ἐδικαίωσεν Ὑρνηθῶ καὶ
Δηιφόντην. Κρεσφόντης δὲ οὐ
πολὺν Μεσσήνης βασιλεύσας
χρόνον μετὰ δύο παίδων
φονευθεὶς ἀπέθανε.

Dissolvida a terra, era evidente
que somente duas sortes apareceriam.
O primeiro lote sacado foi o de
Têmeno; o segundo, o dos filhos de
Aristodemo e, assim, Cresfontes
obteve Messene.

2.8.5

Sobre os altares em que
ofereceram sacrifícios, os heráclidas
acharam alguns sinais: os que ficaram
com Argos encontraram um sapo; os
que obtiveram a Lacedemônia, uma
serpente; e os que tinham Messene,
uma raposa. A respeito desses sinais,
os adivinhos disseram que aos que
conseguiram o sapo seria melhor
permanecer na cidade, visto que esse
animal não tinha forças para andar; aos
que ficaram com a serpente disseram
que seriam terríveis no ataque; e aos da
raposa, que seriam astutos.

Desprezando seus filhos
Agelau, Eurípilo e Cálías, Têmeno
dedicou sua atenção a sua filha Hirneto
e ao marido dela, Deifontes. Por causa
disso, seus filhos persuadiram algumas
pessoas a matar o pai deles em troca de
uma recompensa. No entanto,
consumado o assassinato, o exército
considerou justo que o reino
pertencesse a Hirneto e a Deifonte.
Cresfonte, por sua vez, depois de
reinar por pouco tempo em Messene,
morreu assassinado junto com seus
dois filhos.

Πολυφόντης δὲ ἐβασίλευσεν,
αὐτῶν τῶν Ἡρακλειδῶν
ὑπάρχων, καὶ τὴν τοῦ
φονευθέντος γυναῖκα Μερόπην
ἄκουσαν ἔλαβεν. ἀνηρέθη δὲ καὶ
οὗτος. τρίτον γὰρ ἔχουσα παῖδα
Μερόπη καλούμενον Αἴπυτον
ἔδωκε τῷ ἑαυτῆς πατρὶ τρέφειν.
οὗτος ἀνδρωθεὶς καὶ κρύφα
κατελθὼν ἔκτεινε Πολυφόντην
καὶ τὴν πατρῶαν βασιλείαν
ἀπέλαβεν.

Já Polifontes, um autêntico heráclida, tornou-se rei e tomou como sua esposa Mérope, mulher do rei assassinado, contra a vontade dela, mas também foi morto, visto que Mérope tinha um terceiro filho chamado Epito, quem ela entregou ao pai dela para criá-lo. Epito, então, já adulto, em segredo voltou e assassinou Polifonte e recuperou o reino de seu pai.

3.1.1

ἐπεὶ δὲ τὸ Ἰνάχειον διερχόμενοι
γένος τοὺς ἀπὸ Βήλου μέχρι τῶν
Ἡρακλειδῶν δεδηλώκαμεν,
ἐχομένως λέγωμεν καὶ τὰ περὶ
Ἀγήνορος. ὡς γὰρ ἡμῖν λέλεκται,
δύο Λιβύη ἐγέννησε παῖδας ἐκ
Ποσειδῶνος, Βῆλον καὶ Ἀγήνορα.
Βῆλος μὲν οὖν βασιλεύων
Αἰγυπτίων τοὺς προειρημένους
ἐγέννησεν, Ἀγήνωρ δὲ
παραγενόμενος εἰς τὴν Φοινίκην
γαμεῖ Τηλέφασσαν καὶ τεκνοῖ
θυγατέρα μὲν Εὐρώπην, παῖδας
δὲ Κάδμον καὶ Φοίνικα καὶ
Κίλικα. τινὲς δὲ Εὐρώπην οὐκ
Ἀγήνορος ἀλλὰ Φοίνικος
λέγουσι. ταύτης Ζεὺς ἐρασθεὶς,
τῆροδος ἀποπλέων, ταῦρος
χειροῆθης γενόμενος,
ἐπιβιβασθεῖσαν διὰ τῆς
θαλάσσης ἐκόμισεν εἰς Κρήτην. ἡ
δέ, ἐκεῖ συνευνασθέντος αὐτῆ
Διός, ἐγέννησε Μίνωα
Σαρπηδόνα Ῥαδάμανθυν· καθ’
Ὅμηρον δὲ Σαρπηδῶν ἐκ Διός καὶ
Λαοδαμείας τῆς Βελλεροφόντου.
ἀφανοῦς δὲ Εὐρώπης γενομένης
ὁ πατήρ αὐτῆς Ἀγήνωρ ἐπὶ
ζήτησιν ἐξέπεμψε τοὺς παῖδας,
εἰπὼν μὴ πρότερον ἀναστρέφειν
πρὶν ἂν ἐξεύρωσιν Εὐρώπην.
συνεξῆλθε δὲ ἐπὶ τὴν ζήτησιν
αὐτῆς Τηλέφασσα ἡ μήτηρ καὶ
Θάσος ὁ Ποσειδῶνος, ὡς δὲ
Φερεκύδης φησὶ Κίλικος.

3.1.1

Perpassada, então, a geração de
Ínaco, descrita desde Belos até os
filhos de Hércules, falaremos, em
seguida, sobre a linhagem de Agenor.
Conforme dissemos, Líbia deu à luz
dois filhos de Poseidon, Belos e
Agenor. Governando os egípcios,
Belos engendrou os filhos
supracitados, enquanto Agenor chegou
à Fenícia, casou-se com Telefassa e
deu à luz sua filha Europa, e seus
filhos Cadmo, Fênix e Cílice. Alguns
afirmam que Europa não era filha de
Agenor, mas de Fênix. Zeus se
apaixonou por ela e, transformado num
touro domado, levou-a montada em
suas costas pelo mar até Creta. Lá,
Zeus se deitou com ela e gerou Minos,
Sarpédon e Radamântis. De acordo
com Homero, Sarpédon era filho de
Zeus e Laodâmnia, filha de Belerofonte.
Depois do desaparecimento de Europa,
seu pai Agenor enviou seus filhos
numa busca, dizendo-lhes para não
voltar até que a encontrassem.
Telefassa, mãe dela, também partiu na
busca, assim como Taso, filho de
Poseidon, ou, segundo Ferecides, de
Cílice.

ὡς δὲ πᾶσαν ποιούμενοι ζήτησιν
εὐρεῖν ἦσαν Εὐρώπην ἀδύνατοι,
τὴν εἰς οἶκον ἀνακομιδὴν
ἀπογνόντες ἄλλος ἄλλαχού
κατώκησαν, Φοῖνιξ μὲν ἐν
Φοινίκη, Κίλιξ δὲ Φοινίκης
πλησίον, καὶ πᾶσαν τὴν ὑφ'
ἑαυτοῦ κειμένην χώραν ποταμῶ
σύνεγγυς Πυράμῳ Κιλικίαν
ἐκάλεσε: Κάδμος δὲ καὶ
Τηλέφασσα ἐν Θράκη
κατώκησαν. ὁμοίως δὲ καὶ Θάσος
ἐν Θράκη κτίσας πόλιν Θάσον
κατώκησεν.

3.1.2

Εὐρώπην δὲ γήμας Ἀστέριος ὁ
Κρητῶν δυνάστης τοὺς ἐκ ταύτης
παῖδας ἔτρεφεν. οἱ δὲ ὡς
ἔτελειώθησαν, πρὸς ἀλλήλους
ἐστασίασαν: ἰσχυροὶ γὰρ ἔρωτα
παιδὸς ὃς ἐκαλεῖτο Μίλητος,
Ἀπόλλωνος δὲ ἦν καὶ Ἀρείας τῆς
Κλεόχου. τοῦ δὲ παιδὸς πρὸς
Σαρπηδόνα μᾶλλον οἰκείως
ἔχοντος πολεμήσας Μίνως
ἐπροτέρησεν. οἱ δὲ φεύγουσι, καὶ
Μίλητος μὲν Καρία προσσχῶν
ἐκεῖ πόλιν ἀφ' ἑαυτοῦ ἔκτισε
Μίλητον, Σαρπηδῶν δὲ
συμμαχήσας Κίλικι πρὸς Λυκίους
ἔχοντι πόλεμον, ἐπὶ μέρει τῆς
χώρας, Λυκίας ἐβασίλευσε. καὶ
αὐτῷ δίδωσι Ζεὺς ἐπὶ τρεῖς
γενεὰς ζῆν. ἔνιοι δὲ αὐτοὺς
ἐρασθῆναι λέγουσιν Ἀτυμνίου
τοῦ Διὸς καὶ Κασσιεπείας, καὶ διὰ
τοῦτον στασιάσαι.

Depois de fazerem uma intensa busca, foram incapazes de encontrar Europa, e desistindo da ideia de voltar para casa, foram morar em outros lugares: Fênix, na Fenícia; Cílice, perto da Fenícia, e todo o país dominado por ele próximo ao rio Piramo foi chamado de Cilícia. Cadmo e Telefassa foram morar na Trácia, assim como Taso, que fundou na Trácia a cidade de Tasos e lá passou a morar.

3.1.2

Astério, príncipe dos cretenses, casou-se com Europa e criou os filhos dela. Já crescidos, eles se rebelaram uns contra os outros, pois estavam apaixonados por Mileto, filho de Apolo e Ária, filha de Cléoco. Como o garoto tinha mais afinidade com Sarpédon, Minos deu início à guerra e levou a melhor, enquanto os demais fugiram. Mileto aportou na Cária e lá, por sua causa, fundou a cidade de Mileto; Sarpédon se aliou a Cílice, em guerra com os lícios, por parte do país e se tornou rei dos lícios. Zeus lhe garantiu viver por três gerações. Alguns afirmam que eles se apaixonaram por Atímnio, filho de Zeus e Cassiopéia, e por causa dele se desentenderam.

Ῥαδάμανθους δὲ τοῖς νησιώταις
νομοθετῶν, αὖθις φυγῶν εἰς
Βοιωτίαν Ἀλκμήνην γαμεῖ, καὶ
μεταλλάξας ἐν Ἄιδου μετὰ
Μίνως δικάζει. Μίνως δὲ Κρήτην
κατοικῶν ἔγραψε νόμους, καὶ
γῆμας Πασιφάην τὴν Ἥλιου καὶ
Περσηίδος, ὡς δὲ Ἀσκληπιάδης
φησί, Κρήτην τὴν Ἀστερίου
θυγατέρα, παῖδας μὲν ἐτέκνωσε
Κατρεία Δευκαλίωνα Γλαῦκον
Ἄνδρόγεω, θυγατέρας δὲ
Ἀκάλλην Ξενοδίκην Ἀριάδνην
Φαίδραν, ἐκ Παρείας δὲ νύμφης
Εὐρυμέδοντα Νηφαλίωνα Χούσην
Φιλόλαον, ἐκ δὲ Δεξιθέας
Εὐξάνθιον.

3.1.3

Ἀστερίου δὲ ἄπαιδος
ἀποθανόντος Μίνως βασιλεύειν
θέλων Κρήτης ἐκωλύετο. φήσας
δὲ παρὰ θεῶν τὴν βασιλείαν
εἰληφέναι, τοῦ πιστευθῆναι χάριν
ἔφη, ὅτι ἂν εὕξηται, γενέσθαι.
καὶ Ποσειδῶνι θύων ἠΰξατο
ταῦρον ἀναφανῆναι ἐκ τῶν
βυθῶν, καταθύσειν ὑποσχόμενος
τὸν φανέντα. τοῦ δὲ Ποσειδῶνος
ταῦρον ἀνέντος αὐτῷ διαπρεπῆ
τὴν βασιλείαν παρέλαβε, τὸν δὲ
ταῦρον εἰς τὰ βουκόλια πέμψας
ἔθυσεν ἕτερον.
θαλασσοκρατήσας δὲ πρῶτος
πασῶν τῶν νήσων σχεδὸν
ἐπῆρξεν.

Radamântis, por sua vez, elaborou leis para os habitantes da ilha, mas depois, fugindo para a Beócia, casou-se com Alcmena e, depois de morrer, tornou-se juiz no Hades junto com Minos. Este, morando em Creta, promulgou leis, casou-se com Pasífae, filha de Hélio e Perseide, ou segundo Asclepiades, com Creta, filha de Astério, e deu à luz os seus filhos Catreu, Deucalião, Glauco e Androgeu, e às filhas Ácale, Xenódice, Ariadne e Fedra. De uma ninfa pária engenderou Eurimédon, Nefálion, Crises e Filolau; e de Dexitéia, Euxantíon.

3.1.3

Astério morreu sem deixar filhos sobre Minos, que desejava reinar em Creta, foi impedido. Ele alegou que recebera o reino dos deuses e, para provar isso, disse que o que quer que rogasse seria atendido. Oferecendo sacrifícios a Poseidon, pediu para que um touro emergisse das profundezas do mar, prometendo sacrificá-lo quando ele surgisse. Assim, Poseidon lhe enviou um distinto touro, e Minos obteve o reino, porém enviou o touro aos seus rebanhos e sacrificou outro. Ao tornar-se o primeiro senhor dos mares, reinou também sobre quase todas as ilhas próximas.

3.1.4

ὀργισθεὶς δὲ αὐτῷ Ποσειδῶν ὅτι
μὴ κατέθυσε τὸν ταῦρον, τοῦτον
μὲν ἐξηγρίωσε, Πασιφάην δὲ
ἐλθεῖν εἰς ἐπιθυμίαν αὐτοῦ
παρεσκεύασεν. ἡ δὲ ἐρασθεῖσα
τοῦ ταύρου συνεργὸν λαμβάνει
Δαίδαλον, ὃς ἦν ἀρχιτέκτων,
πεφευγὼς ἐξ Ἀθηνῶν ἐπὶ φόνῳ.
οὗτος ξυλίνην βοῦν ἐπὶ τροχῶν
κατασκευάσας, καὶ ταύτην
λαβὼν καὶ κοιλάνας ἔνδοθεν,
ἐκδείρας τε βοῦν τὴν δορὰν
περιέρραψε, καὶ θεὸς ἐν ᾧπερ
εἴθιστο ὁ ταῦρος λειμῶνι
βόσκεισθαι, τὴν Πασιφάην
ἐνεβίβασεν. ἐλθὼν δὲ ὁ ταῦρος
ὡς ἀληθινῆ βοῆ συνῆλθεν. ἡ δὲ
Ἀστέριον ἐγέννησε τὸν κληθέντα
Μινώταυρον. οὗτος εἶχε ταύρου
πρόσωπον, τὰ δὲ λοιπὰ ἀνδρός:
Μίνως δὲ ἐν τῷ λαβυρίνθῳ κατὰ
τινας χρησμούς κατακλείσας
αὐτὸν ἐφύλαττεν. ἦν δὲ ὁ
λαβύρινθος, ὃν Δαίδαλος
κατεσκεύασεν, οἶκημα καμπαῖς
πολυπλόκοις πλανῶν τὴν ἔξοδον.
τὰ μὲν οὖν περὶ Μινωταύρου καὶ
Ἀνδρόγεω καὶ Φαίδρας καὶ
Ἀριάδνης ἐν τοῖς περὶ Θησέως
ὑστερον ἐροῦμεν.

Irritado com Minos por não ter sacrificado o touro, Poseidon tornou o animal selvagem, e providenciou para que em Pasífae despertasse desejo pelo touro. Apaixonada pelo animal, ela teve como cúmplice Dédalo, um arquiteto fugido de Atenas acusado de assassinato, que construiu uma vaca de madeira com rodas, pegou-a, fê-la oca por dentro e costurou nela uma pele extirpada de uma vaca. Ele então a colocou no pasto onde o touro estava acostumado a alimentar-se e pôs Pasífae dentro dela. O touro foi até ela e copulou como se fosse com uma vaca de verdade. Pasífae deu à luz Astério, que foi chamado de Minotauro, dotado de uma cabeça de touro e todo o restante de homem. Minos, seguindo ordens de alguns oráculos, prendeu o Minotauro no labirinto e o manteve protegido. O labirinto, que Dédalo construiu, era uma câmara com espirais emaranhadas que confundiam a saída. Contaremos mais tarde as histórias sobre o Minotauro, sobre Androgeu, Fedra e Ariadne, nas narrativas de Teseu.

3.2.1

Κατρεύς δὲ τοῦ Μίνως Αερόπη
καὶ Κλυμένη καὶ Απημοσύνη καὶ
Ἀλθαιμένης υἱὸς γίνονται.
χρωμένῳ δὲ Κατρεῖ περὶ
καταστροφῆς τοῦ βίου ὁ θεὸς ἔφη
ὑπὸ ἑνὸς τῶν τέκνων
τεθνήξασθαι. Κατρεύς μὲν οὖν
ἀπεκρύβετο τοὺς χρησμούς,
Ἀλθαιμένης δὲ ἀκούσας, καὶ
δείσας μὴ φονεὺς γένηται τοῦ
πατρὸς, ἄρας ἐκ Κρήτης μετὰ τῆς
ἀδελφῆς Απημοσύνης προσίσχει
τινὶ τόπῳ τῆς Ρόδου, καὶ
κατασχὼν Κρητινίαν ὠνόμασεν.
ἀναβὰς δὲ ἐπὶ τὸ Ἀταβύριον
καλούμενον ὄρος ἐθεάσατο τὰς
πέριξ νήσους, κατιδὼν δὲ καὶ
Κρήτην, καὶ τῶν πατρῶων
ὑπομνησθεὶς θεῶν, ἰδρύετο
βωμὸν Ἀταβυρίου Διός. μετ' οὐ
πολὺ δὲ τῆς ἀδελφῆς αὐτόχειρ
ἐγένετο. Ἑρμῆς γὰρ αὐτῆς
ἐρασθεὶς, ὡς φεύγουσαν αὐτὴν
καταλαβεῖν οὐκ ἠδύνατο (
περιῆν γὰρ αὐτοῦ τῷ τάχει τῶν
ποδῶν) , κατὰ τῆς ὁδοῦ βύρσας
ὑπέστρωσε νεοδάρτους, ἐφ' αἷς
ὀλισθοῦσα, ἠνίκα ἀπὸ τῆς κρήνης
ἐπανήει, φθείρεται. καὶ τῷ
ἀδελφῷ μηνύει τὸ γεγονός: ὁ δὲ
σκῆψιν νομίσας εἶναι τὸν θεόν,
λάξ ἐνθορῶν ἀπέκτεινεν.

3.2.1

De Catreu, filho de Minos,
nasceram Aérope, Clímene,
Ape musine e seu filho Altêmene. O
deus disse a Crateu, que havia
consultado um oráculo sobre o fim da
sua vida, que ele seria morto pelas
mãos de um de seus filhos. Catreu
ocultou as previsões, mas Altêmene,
que as ouvira, com medo de que se
tornasse o assassino de seu pai, fugiu
de Creta com sua irmã Ape musine,
aportou em algum lugar de Rodes e,
apoderando-se dali, chamou o lugar de
Cretinia. Depois de subir a montanha
chamada Atabírio, contemplou as ilhas
ao redor; mirando Creta e trazendo de
volta à memória os deuses de seus
ancestrais, fundou um altar a Zeus
Atabiro. Pouco depois, tornou-se o
assassino de sua irmã, pois Hermes se
apaixonou por ela e como não foi
capaz de capturá-la depois que ela
fugira (porque a moça o superava na
agilidade dos pés) espalhou pelas
recém-extirpadas pelo caminho, por
causa das quais Ape musine caiu
enquanto retornava da fonte e, então,
foi deflorada. Ape musine contou o
ocorrido ao irmão, que julgando ser o
deus um pretexto, matou-a aos chutes.

3.2.2

Αερόπην δὲ καὶ Κλυμένην
Κατρεὺς Ναυπλίῳ δίδωσιν εἰς
ἄλλοδαπὰς ἠπειροὺς
ἀπεμπολῆσαι. τούτων Αερόπην
μὲν ἔγημε Πλεισθένης καὶ παῖδας
Ἀγαμέμνονα καὶ Μενέλαον
ἐτέκνωσε, Κλυμένην δὲ γαμεῖ
Ναύπλιος, καὶ τέκνων πατὴρ
γίνεται Οἶακος καὶ Παλαμήδους.
Κατρεὺς δὲ ὕστερον γῆρα
κατεχόμενος ἐπόθει τὴν
βασιλείαν Ἀλθαιμένει τῶ παιδὶ
παραδοῦναι, καὶ διὰ τοῦτο ἦλθεν
εἰς Ῥόδον. ἀποβάς δὲ τῆς νεῶς
σὺν τοῖς ἥρωσι κατὰ τινα τῆς
νήσου τόπον ἔρημον ἠλαύνετο
ὑπὸ τῶν βουκόλων, ληστὰς
ἐμβεβληκέναι δοκούντων καὶ μὴ
δυναμένων ἀκοῦσαι λέγοντος
αὐτοῦ τὴν ἀλήθειαν διὰ τὴν
κραυγὴν τῶν κυνῶν, ἀλλὰ
βαλλόντων κάκείνων,
παραγενόμενος Ἀλθαιμένης
ἀκοντίσας ἀπέκτεινεν ἀγνοῶν
Κατρεά. μαθὼν δὲ ὕστερον τὸ
γεγονός, εὐξάμενος ὑπὸ
χάσματος ἐκρύβη.

3.2.2

Catreu entregou Aérope e Clímene a Náuplio para vendê-las em terras estrangeiras. Plístenes casou-se com Aérope e deu à luz os seus filhos Agaménon e Menelau; Náuplio casou-se com Clímene e tornou-se pai engendrando Éaco e Palamedes. Mais tarde, já velho, Cateu ansiava por deixar seu reino ao seu filho Altêmene, e por essa razão foi até Rodas. Ao desembarcar com heróis em um lugar isolado da ilha, foi atacado por pastores, que pensaram que eles fossem piratas numa invasão. Embora Catreu tenha lhes contado a verdade, eles não foram capazes de ouvi-lo por causa do latido dos cachorros, e enquanto atiravam neles, Altêmene chegou e sem saber que era seu pai matou Catreu com um golpe de lança. Mais tarde, ao saber do ocorrido, rezou e, em seguida, desapareceu em um abismo.

3.3.1

Δευκαλίωνι δὲ ἐγένοντο
Ἴδομενεὺς τε καὶ Κρήτη καὶ νόθος
Μόλος. Γλαῦκος δὲ ἔτι νήπιος
ὑπάρχων, μῦν διώκων εἰς μέλιτος
πίθον πεσῶν ἀπέθανεν. ἀφανοῦς
δὲ ὄντος αὐτοῦ Μίνως πολλὴν
ζήτησιν ποιούμενος περὶ τῆς
εὐρέσεως ἐμαντεύετο. Κούρητες
δὲ εἶπον αὐτῷ τριχρώματον ἐν
ταῖς ἀγέλαις ἔχειν βοῦν, τὸν δὲ
τὴν ταύτης χροῶν ἄριστα εἰκάσαι
δυνηθέντα καὶ ζῶντα τὸν παῖδα
ἀποδώσειν. συγκληθέντων δὲ
τῶν μάντεων Πολύιδος ὁ
Κοιρανοῦ τὴν χροῶν τῆς βοῦς
εἶκασε βᾶτου καρπῷ, καὶ ζητεῖν
τὸν παῖδα ἀναγκασθεὶς διὰ τινος
μαντείας ἀνεῦρε. Λέγοντος δὲ
Μίνως ὅτι δεῖ καὶ ζῶντα
ἀπολαβεῖν αὐτόν, ἀπεκλείσθη
σὺν τῷ νεκρῷ. ἐν ἀμηχανίᾳ δὲ
πολλῇ τυγχάνων εἶδε δράκοντα
ἐπὶ τὸν νεκρὸν ἰόντα: τοῦτον
βαλὼν λίθῳ ἀπέκτεινε, δείσας μὴ
κἂν αὐτὸς τελευτήσῃ, εἴ τι τὸ
σῶμα πάθοι. ἔρχεται δὲ ἕτερος
δράκων, καὶ θεασάμενος νεκρὸν
τὸν πρότερον ἄπεισιν, εἶτα
ὑποστρέφει πόαν κομίζων, καὶ
ταύτην ἐπιτίθησιν ἐπὶ πᾶν τὸ τοῦ
ἑτέρου σῶμα: ἐπιτεθείσης δὲ τῆς
πόας ἀνέστη. θεασάμενος δὲ
Πολύιδος καὶ θαυμάσας, τὴν
αὐτὴν πόαν προσενεγκὼν τῷ τοῦ
Γλαύκου σῶματι ἀνέστησεν.

3.3.1

Decaulião teve como filhos
Idomeneu, Creta e o bastardo Molos.
Glauco, ainda criança, enquanto
perseguia um rato, morreu ao cair num
jarro de mel. Com ele desaparecido,
Minos fez uma grande busca e
consultou oráculos sobre como
encontrá-lo. Os Curetes lhe disseram
que havia em seus rebanhos uma vaca
de três cores e aquele que melhor
descrevesse a cor dela seria capaz de
trazer de volta seu filho vivo.
Convocados os adivinhos, Pólidos,
filho de Corano, descreveu a cor da
vaca como a de uma amora e, forçado
a procurar o filho, encontrou-o por
meio de uma adivinhação. Minos disse
que era necessário resgatá-lo com vida
e Polidos foi preso com o cadáver. Em
plena perplexidade, viu uma serpente
indo em direção ao corpo morto e a
matou, atirando nela uma pedra, com
receio de que ele próprio morreria
também, caso algum mal acometesse o
cadáver. Outra serpente veio e, ao
contemplar a anterior morta, partiu,
mas voltou trazendo uma erva que
passou por todo o corpo dela. Passada
a erva, a cobra se levantou. Admirado
ao ver aquilo, Pólidos passou a erva no
corpo de Glauco e o trouxe de volta à
vida.

3.3.2

ἀπολαβὼν δὲ Μίνως τὸν παιῖδα
οὐδ' οὕτως εἰς Ἄργος ἀπιέναι τὸν
Πολύιδον εἶα, πρὶν ἢ τὴν
μαντείαν διδάξαι τὸν Γλαῦκον:
ἀναγκασθεὶς δὲ Πολύιδος
διδάσκει. καὶ ἐπειδὴ ἀπέπλει,
κελεύει τὸν Γλαῦκον εἰς τὸ στόμα
ἐμπύσαι: καὶ τοῦτο ποιήσας
Γλαῦκος τῆς μαντείας ἐπελάθετο.
τὰ μὲν οὖν περὶ τῶν τῆς Εὐρώπης
ἀπογόνων μέχρι τοῦδέ μοι
λελέχθω.

3.4.1

Κάδμος δὲ ἀποθανοῦσαν θάψας
Τηλέφασσαν, ὑπὸ Θρακῶν
ξενισθεὶς, ἦλθεν εἰς Δελφοὺς περὶ
τῆς Εὐρώπης πυνθανόμενος. ὁ δὲ
θεὸς εἶπε περὶ μὲν Εὐρώπης μὴ
πολυπραγμονεῖν, χρῆσθαι δὲ
καθοδηγῶ βοῖ, καὶ πόλιν κτίζειν
ἔνθα ἂν αὕτη πέση καμοῦσα.
τοιοῦτον λαβὼν χρησμὸν διὰ
Φωκέων ἐπορεύετο, εἶτα βοῖ
συντυχῶν ἐν τοῖς Πελάγοντος
βουκολίοις ταύτη κατόπισθεν
εἶπετο. ἡ δὲ διεξιούσα Βοιωτίαν
ἐκλίθη, πόλις ἔνθα νῦν εἰσι
Θῆβαι. βουλόμενος δὲ Ἀθηνᾶ
καταθῦσαι τὴν βοῦν, πέμπει
τινάς τῶν μεθ' ἑαυτοῦ
ληψομένους ἀπὸ τῆς Ἀρείας
κρήνης ὕδωρ: φρουρῶν δὲ τὴν
κρήνην δράκων, ὃν ἐξ Ἄρεος
εἶπόν τινες γεγονέναι, τοὺς
πλείονας τῶν πεμφθέντων
διέφθειρεν. ἀγανακτήσας δὲ
Κάδμος κτείνει τὸν δράκοντα, καὶ
τῆς Ἀθηνᾶς ὑποθεμένης τοὺς
ὀδόντας αὐτοῦ σπείρει.

3.3.2

Minos recuperou seu filho, mas nem mesmo assim permitiu que Polidos partisse para Argos antes de ensinar a Glauco a arte da adivinhação. Forçado, Polidos o ensinou. No entanto, quando navegava, ordenou a Glauco cuspir na boca dele. Feito isso, Glauco se esqueceu da arte da adivinhação. Acerca das histórias dos descendentes de Europa, isso é tudo.

3.4.1

Morta Telefassa, Cadmo a enterrou e, hospedado pelos trácios, foi para Delfos para perguntar sobre Europa. O deus Ihe disse para não ficar intrigado com ela, proclamando para que arranjasse uma vaca como guia e fundasse uma cidade onde ela tombasse, exausta. Recebido esse oráculo, Cadmo cruzou a Fócida, e ao deparar-se com uma vaca nos rebanhos de Pélagon, seguiu-a. Depois de atravessar a Beócia, o animal se estendeu onde agora fica a cidade de Tebas. Desejando sacrificar a vaca em honra a Atena, Cadmo enviou alguns de seus companheiros para puxar água da fonte de Ares. Um dragão, segundo contam, engendrado pelo próprio Ares protegia a fonte, matando a maior parte dos que eram enviados até ali. Irritado, Cadmo matou o dragão e, conforme orientado por Atena, semeou os dentes dele.

τούτων δὲ σπαρέντων ἀνέτειλαν
ἐκ γῆς ἄνδρες ἔνοπλοι, οὓς
ἐκάλεσαν Σπαρτούς. οὗτοι δὲ
ἀπέκτειναν ἀλλήλους, οἱ μὲν εἰς
ἔριν ἀκούσιον ἐλθόντες, οἱ δὲ
ἀγνοοῦντες. Φερεκύδης δὲ φησιν
ὅτι Κάδμος, ἰδὼν ἐκ γῆς
ἀναφυομένους ἄνδρας ἐνόπλους,
ἐπ' αὐτοὺς ἔβαλε λίθους, οἱ δὲ
ὑπ' ἀλλήλων νομίζοντες
βάλλεσθαι εἰς μάχην
κατέστησαν. περιεσώθησαν δὲ
πέντε, Ἐχίων Οὐδαῖος Χθονίος
Ἵπερήνωρ Πέλωρος.

3.4.2

Κάδμος δὲ ἀνθ' ὧν ἔκτεινεν
αἰδίδιον ἐνιαυτὸν ἐθήτευσεν Ἄρει:
ἦν δὲ ὁ ἐνιαυτὸς τότε ὀκτῶ ἔτη.

μετὰ δὲ τὴν θητείαν Ἀθηναῖα αὐτῶ
τὴν βασιλείαν κατεσκεύασε, Ζεὺς
δὲ ἔδωκεν αὐτῶ γυναικα
Ἄρμονίαν, Ἀφροδίτης καὶ Ἄρεος
θυγατέρα. καὶ πάντες θεοὶ
καταλιπόντες τὸν οὐρανόν, ἐν τῇ
Καδμείᾳ τὸν γάμον εὐωχούμενοι
καθύμνησαν. ἔδωκε δὲ αὐτῇ
Κάδμος πέπλον καὶ τὸν
ἠφαιστότευκτον ὄρμον, ὃν ὑπὸ
Ἡφαιστου λέγουσι τινες δοθῆναι
Κάδμῳ, Φερεκύδης δὲ ὑπὸ
Εὐρώπης: ὃν παρὰ Διὸς αὐτὴν
λαβεῖν. γίνονται δὲ Κάδμῳ
θυγατέρες μὲν Αὐτονόη Ἰνώ
Σεμέλη Ἀγαυή, παῖς δὲ
Πολύδωρος. Ἰνώ μὲν οὖν Ἀθάμας
ἔγημεν, Αὐτονόην δὲ Ἀρισταῖος,
Ἀγαυὴν δὲ Ἐχίων.

Semeados os dentes, ergueram-se da terra homens armados, chamados de espartos, que mataram uns aos outros, uns lutando contra vontade, outros por desconhecimento. Ferecides afirma que Cadmo, vendo os homens armados soerguidos da terra, jogou neles pedras e eles, então, acreditando terem sido atingidos uns pelos outros, iniciaram um duelo. Cinco deles se salvaram: Équion, Udaio, Ctônio, Hiperenor e Peloro.

3.4.2

Como pena pelo crime de assassinato, Cadmo serviu a Ares por um ano eterno: naquela época, o ano tinha oito anos.

Depois de sua servidão, Atena lhe proporcionou um reino e Zeus lhe entregou como esposa Harmonia, filha de Afrodite e Ares. Todos os deuses deixaram o céu e na Cadmeia cantaram hinos, celebrando o casamento. Cadmo deu a Harmonia uma túnica e um colar feito por Hefesto, segundos alguns, presente deste a Cadmo, mas de acordo com Ferecides, de Europa, que o recebera de Zeus.

Cadmo deu à luz suas filhas Autônoe, Ino, Sêmele, Agave e seu filho Polidoro. Ino se casou com Átamas; Autônoe, com Aristeu e Agave, com Équion.

3.4.3

Σεμέλης δὲ Ζεὺς ἐρασθεὶς Ἥρας
κρύφα συνεννάζεται. ἡ δὲ
ἐξαπατηθεῖσα ὑπὸ Ἥρας,
κατανεύσαντος αὐτῇ Διὸς πᾶν τὸ
αἰτηθὲν ποιήσῃν, αἰτεῖται
τοιούτον αὐτὸν ἐλθεῖν οἷος ἦλθε
μνηστεύομενος Ἥραν. Ζεὺς δὲ μὴ
δυνάμενος ἀνανεῦσαι
παραγίνεται εἰς τὸν θάλαμον
αὐτῆς ἐφ' ἄρματος ἀστραπαῖς
όμοῦ καὶ βρονταῖς, καὶ κεραυνὸν
ἴησιν. Σεμέλης δὲ διὰ τὸν φόβον
ἐκλιπούσης, ἐξαμηνιαῖον τὸ
βρέφος ἐξαμβλωθὲν ἐκ τοῦ πυρός
ἀρπάσας ἐνέρραψε τῷ μηρῷ.
ἀποθανούσης δὲ Σεμέλης, αἱ
λοιπαὶ Κάδμου θυγατέρες
διήνεγκαν λόγον, συνηυνησθαι
θνητῷ τινι Σεμέλην καὶ
καταψεύσασθαι Διός, καὶ ὅτι διὰ
τοῦτο ἐκεραυνώθη. κατὰ δὲ τὸν
χρόνον τὸν καθήκοντα Διόνυσον
γεννᾷ Ζεὺς λύσας τὰ ῥάμματα,
καὶ δίδωσιν Ἑρμῇ. ὁ δὲ κομίζει
πρὸς Ἰνώ καὶ Ἀθάμαντα καὶ
πεῖθει τρέφειν ὡς κόρην.
ἀγανακτήσασα δὲ Ἥρα μανίαν
αὐτοῖς ἐνέβαλε, καὶ Ἀθάμας μὲν
τὸν πρεσβύτερον παιῖδα Λέαρχον
ὡς ἔλαφον θηρεύσας ἀπέκτεινεν,
Ἰνώ δὲ τὸν Μελικέρτην εἰς
πεπυρωμένον λέβητα ῥίψασα,
εἶτα βαστάσασα μετὰ νεκροῦ τοῦ
παιδὸς ἦλατο κατὰ βυθοῦ. καὶ
Λευκοθέα μὲν αὐτὴν καλεῖται,
Παλαίμων δὲ ὁ παῖς, οὕτως
ὀνομασθέντες ὑπὸ τῶν
πλεόντων: τοῖς χειμαζομένοις
γὰρ βοηθοῦσιν.

3.4.3

Zeus se apaixonou por Sêmele
e se deitou com ela, sem que Hera
soubesse. Ele lhe prometeu fazer tudo
o que ela pedisse. Enganada por Hera,
Sêmele pediu ao deus para que ele
viesse até ela assim como ele fora até
Hera, quando a cortejava. Incapaz de
recusar, Zeus foi até o quarto dela
numa carruagem, com relâmpagos e
tronões, e lançou um raio. Sêmele
ficou com medo, e Zeus retirou seu
abortado filho de seis meses do fogo e
o costurou em sua coxa. Depois da
morte de Sêmele, as outras filhas de
Cadmô espalharam o boato de que ela
havia se deitado com algum mortal, e,
inventando o caso com Zeus, razão
pela qual ela teria sido fulminada pelo
raio. Tempos depois, soltas as costuras,
chegando ao templo, Zeus gerou
Dioniso e o entregou a Hermes, quem
o levou até Ino e Átamas e os
convenceu a criá-lo como uma menina.
Furiosa, Hera incutiu no casal a
loucura, e Átamas matou seu filho
mais velho, Léarco, caçando-o como
uma corsa, enquanto Ino, depois de
jogar Melicertes num caldeirão
fervente, carregando-o junto com o
cadáver de seu filho, atirou-se nas
profundezas do mar. Ela também
recebe o nome de Leucotéia, e seu
filho, de Pálemo, assim chamados por
navegadores, por socorrerem aqueles
acometidos por tempestades.

ἐτέθη δὲ ἐπὶ Μελικέρτη ὁ ἀγὼν
τῶν Ἰσθμίων, Σισύφου θέντος.
Διόνυσον δὲ Ζεὺς εἰς ἔριφον
ἀλλάξας τὸν Ἥρας θυμὸν
ἔκλεψε, καὶ λαβὼν αὐτὸν Ἑρμῆς
πρὸς νύμφας ἐκόμισεν ἐν Νύση
κατοικούσας τῆς Ἀσίας, ἃς
ὑστερον Ζεὺς καταστερίσας
ὠνόμασεν Ὑάδας.

3.4.4

Αὐτονόης δὲ καὶ Ἀρισταίου παῖς
Ἀκταίων ἐγένετο, ὃς τραφεῖς
παρὰ Χείρωνι κυνηγὸς ἐδιδάχθη,
καὶ ἔπειτα ὑστερον ἐν τῷ
Κιθαιρῶνι κατεβρώθη ὑπὸ τῶν
ιδίων κυνῶν. καὶ τοῦτον
ἐτελεύτησε τὸν τρόπον, ὡς μὲν
Ἄκουσίλαος λέγει, μηνίσαντος
τοῦ Διὸς ὅτι ἐμνηστεύσατο
Σεμέλην, ὡς δὲ οἱ πλείονες, ὅτι
τὴν Ἄρτεμιν λουομένην εἶδε. καὶ
φασὶ τὴν θεὸν παραχρηῖμα αὐτοῦ
τὴν μορφὴν εἰς ἔλαφον ἀλλάξαι,
καὶ τοῖς ἐπομένοις αὐτῷ
πεντήκοντα κυσὶν ἐμβαλεῖν
λύσσαν, ὑφ' ὧν κατὰ ἄγνοιαν
ἐβρώθη. ἀπολομένου δὲ
Ἀκταίωνος οἱ κύνες ἐπιζητοῦντες
τὸν δεσπότην κατωρύνοντο, καὶ
ζήτησιν ποιούμενοι παρεγένοντο
ἐπὶ τὸ τοῦ Χείρωνος ἄντρον, ὃς
εἶδωλον κατεσκεύασεν
Ἀκταίωνος, ὃ καὶ τὴν λύπην
αὐτῶν ἔπαυσε.

Os jogos do Istmo foram
instituídos por Sísifo em honra a
Melicertes. Zeus, contudo, iludiu a
fúria de Hera transformando Dioniso
num cabrito. Hermes o recebeu e o
levou até as ninfas que habitavam a
Nisa, na Ásia, as quais, posteriormente,
Zeus transformou em estrelas e
chamou de híades.

3.4.4

De Autônoe e Aristeu nasceu
seu filho Acteão, que foi criado e
instruído por Quíron a ser um caçador,
porém, mais tarde, foi devorado pelos
seus próprios cães no Citerão. Ele
morreu dessa maneira, segundo
Acusilau, porque Zeus estava irado,
depois que Acteão cortejou Sêmele. No
entanto, de acordo com a maioria, foi
porque ele vira Ártemis se banhando.
Dizem que a deusa imediatamente o
transformou em um cervo, incutiu a
loucura nos cinquenta cães que o
seguiam e por eles, que não o
reconheceram, foi devorado. Morto
Acteão, os cães, em busca de seu dono,
uivavam e à procura dele chegaram à
caverna de Quíron, que construiu uma
estátua de Acteão e fez cessar a dor
deles.

“τὰ ὀνόματα τῶν Ἀκταίωνος
 κυνῶν ἐκ τῶν
 ... οὕτω
 δὴ νῦν καλὸν σῶμα περισταδόν,
 ἤυτε θῆρος,
 τοῦδε δάσαντο κύνες κρατεροί.
 πέλας † Ἄρκενα πρώτη.
 ... μετὰ ταύτην ἄλκιμα τέκνα,
 Λυγκεὺς καὶ Βαλῖος πόδας
 αἰνετός, ἠδ’ Ἀμάρυνθος.—
 καὶ τούτους ὀνομαστὶ διηνεκέως
 κατέλεξε:
 καὶ τότε Ἀκταίων ἔθανεν Διὸς
 ἐννεσίησι.
 πρῶτοι γὰρ μέλαν αἷμα πῖον
 σφετέροιο ἄνακτος
 Σπαρτός τ’ Ὠμαργός τε Βορῆς τ’
 αἰψηροκέλευθος.
 οὗτοι δ’ Ἀκταίου πρῶτοι φάγον
 αἷμα τ’ ἔλαψαν.
 τοὺς δὲ μέτ’ ἄλλοι πάντες
 ἐπέσσυθεν ἐμμεμαῶτες.—
 ... ἀργαλέων ὀδυνῶν ἄκος
 ἔμμεναι ἀνθρώποισιν.

3.5.1

Διόνυσος δὲ εὐρετῆς ἀμπέλου
 γενόμενος, Ἥρας μανίαν αὐτῶ
 ἐμβαλούσης περιπλανᾶται
 Αἴγυπτόν τε καὶ Συρίαν. καὶ τὸ
 μὲν πρῶτον Πρωτεὺς αὐτὸν
 ὑποδέχεται βασιλεὺς Αἰγυπτίων,
 αὐθις δὲ εἰς Κύβελα τῆς Φρυγίας
 ἀφικνεῖται, κακεῖ καθαρθεὶς ὑπὸ
 Ῥέας καὶ τὰς τελετὰς ἐκμαθῶν,
 καὶ λαβὼν παρ’ ἐκείνης τὴν
 στολήν, ἐπὶ Ἰνδοὺς διὰ τῆς
 Θράκης ἠπείγετο.

“Os nomes dos cães de Acteão, dos...
 Então, ao redor de seu belo corpo, tal
 qual um animal selvagem, os fortes
 cães o dividiram. Primeiro, a mais
 próxima, Árcena... depois dela, a
 robusta prole, Linceu e Bálios, famoso
 por suas patas, e Amarinto.
 Estes enumerou continuamente por
 seus nomes, e Acteão morreu por
 designio de Zeus. Os primeiros que
 beberam o sangue preto de seu dono
 foram Esparto, Omargo e Bores de
 andar veloz. Eles, os primeiros,
 beberam o sangue de Acteão e o
 lamberam.
 Depois deles, todos os outros se
 moveram ansiosos.
 ... para ser aos homens a cura para os
 sofrimentos penosos.

3.5.1

Dioniso foi quem descobriu a videira e,
 enlouquecido por Hera, vagueou pelo
 Egito e pela Síria. Primeiro Proteu, rei
 do Egito, hospedou-o; em seguida
 chegou à Cibela, na Frígia, e lá foi
 purificado por Réia, aprendendo seus
 ritos. Recebido dela um traje, através
 da Trácia apressou-se contra os hindus.

Λυκοῦργος δὲ παῖς Δρύαντος,
Ἡδωνῶν βασιλεύων, οἱ Στρυμόνα
ποταμὸν παροικοῦσι, πρῶτος
ὑβρίσας ἐξέβαλεν αὐτόν. καὶ
Διόνυσος μὲν εἰς θάλασσαν πρὸς
Θέτιν τὴν Νηρέως κατέφυγε,
Βάκχαι δὲ ἐγένοντο αἰχμάλωτοι
καὶ τὸ συνεπόμενον Σατύρων
πλήθος αὐτῶ. αὐθις δὲ αἱ Βάκχαι
ἐλύθησαν ἐξαίφνης, Λυκούργω
δὲ μανίαν ἐνεποίησε Διόνυσος. ὁ
δὲ μεμηνῶς Δρύαντα τὸν παῖδα,
ἀμπέλου νομίζων κλῆμα κόπτειν,
πελέκει πλήξας ἀπέκτεινε, καὶ
ἀκρωτηριάσας αὐτόν
ἐσωφρόνησε. τῆς δὲ γῆς ἀκάρπου
μενούσης, ἔχρησεν ὁ θεὸς
καρποφορήσειν αὐτήν, ἂν
θανατωθῆ Λυκοῦργος. Ἡδωνοὶ δὲ
ἀκούσαντες εἰς τὸ Παγγαῖον
αὐτόν ἀπαγαγόντες ὄρος ἔδησαν,
κάκει κατὰ Διονύσου βούλησιν
ὑπὸ ἵππων διαφθαρεῖς ἀπέθανε.

3.5.2

διελθὼν δὲ Θράκην καὶ τὴν
Ἰνδικὴν ἄπασαν, στήλας ἐκεῖ
στήσας ἦκεν εἰς Θήβας, καὶ τὰς
γυναῖκας ἠνάγκασε
καταλιπούσας τὰς οἰκίας
βακχεύειν ἐν τῷ Κιθαιρῶνι.
Πενθεὺς δὲ γεννηθεὶς ἐξ Ἀγαυῆς
Ἐχίονι, παρὰ Κάδμου εἰληφῶς
τὴν βασιλείαν, διεκώλυε ταῦτα
γίνεσθαι, καὶ παραγενόμενος εἰς
Κιθαιρῶνα τῶν Βακχῶν
κατάσκοπος ὑπὸ τῆς μητρὸς
Ἀγαυῆς κατὰ μανίαν ἐμελίσθη:
ἐνόμισε γὰρ αὐτόν θηρίον εἶναι.

Licurgo, filho de Drias,
enquanto rei dos edônios, que moram
às margens do rio Estrímon, foi o
primeiro que o insultou e expulsou.
Dioniso fugiu para o mar, até Tétis,
filha de Nereu, mas as bacantes foram
feitas cativas junto com uma multidão
de sátiros que o acompanhavam. Mais
tarde, subitamente, as bacantes foram
soltas e Dioniso incutiu a loucura em
Licurgo. Enfurecido, este matou seu
filho Drias, depois de golpeá-lo com
um machado, pensando que ele batia
num galho de videira, e recuperou a
consciência somente após mutilá-lo.
Uma vez que a terra permanecia
infértil, o deus proferiu um oráculo
segundo o qual ela só voltaria a ser
fértil, caso Licurgo morresse. Ao ouvir
isso, os edônios o levaram ao Monte
Pangeu e o prenderam. Lá, por vontade
de Dioniso, ele morreu, dizimado por
cavalos.

3.5.2

Depois de cruzar a Trácia e
toda a Índia, onde ergueu pilares,
Dioniso foi para Tebas e obrigou as
mulheres a deixarem suas casas e
celebrar os mistérios de Baco no
Citerão. Penteu, filho de Agave e
Équiion, herdeiro do reino de Cadmo,
tentou impedir esses eventos. Chegou
ao Citerão para espionar as bacantes,
mas foi desmembrado por sua mãe
Ágave em um ato de loucura, pois ela
pensara que ele fosse uma animal
selvagem.

δείξας δὲ Θηβαίοις ὅτι θεὸς ἐστίν,
ἦκεν εἰς Ἄργος, καὶ κεῖ πάλιν οὐ
τιμώντων αὐτὸν ἐξέμηνε τὰς
γυναῖκας. αἱ δὲ ἐν τοῖς ὄρεσι τοὺς
ἐπιμαστιδίους ἔχουσαι παῖδας
τὰς σάρκας αὐτῶν ἐσιτοῦντο.

3.5.3

βουλόμενος δὲ ἀπὸ τῆς Ἰκαρίας
εἰς Νάξον διακομισθῆναι,
Τυρρηνῶν ληστρικὴν ἐμισθώσατο
τριήρη. οἱ δὲ αὐτὸν ἐνθέμενοι
Νάξον μὲν παρέπλεον, ἠπείγοντο
δὲ εἰς τὴν Ἀσίαν
ἀπεμπολήσοντες. ὁ δὲ τὸν μὲν
ἰστὸν καὶ τὰς κώπας ἐποίησεν
ὄφεις, τὸ δὲ σκάφος ἔπλησε
κισσοῦ καὶ βοῆς αὐλῶν: οἱ δὲ
ἐμμανεῖς γενόμενοι κατὰ τῆς
θαλάττης ἔφυγον καὶ ἐγένοντο
δελφῖνες. ὥς δὲ αὐτὸν θεὸν
ἄνθρωποι ἐτίμων, ὁ δὲ ἀναγαγὼν
ἐξ Αἴδου τὴν μητέρα, καὶ
προσαγορεύσας Θυώνην, μετ'
αὐτῆς εἰς οὐρανὸν ἀνῆλθεν.

3.5.4

ὁ δὲ Κάδμος μετὰ Ἀρμονίας
Θήβας ἐκλιπὼν πρὸς Ἐγχελέας
παραγίνεται. τούτοις δὲ ὑπὸ
Ἰλλυριῶν πολемуμένοις ὁ θεὸς
ἔχρησεν Ἰλλυριῶν κρατήσῃν, ἐὰν
ἡγεμόνας Κάδμον καὶ Ἀρμονίαν
ἔχωσιν. οἱ δὲ πεισθέντες
ποιοῦνται κατὰ Ἰλλυριῶν
ἡγεμόνας τούτους καὶ κρατοῦσι.
καὶ βασιλεύει Κάδμος Ἰλλυριῶν,
καὶ παῖς Ἰλλυριῶς αὐτῷ γίνεται.
αὐθις δὲ μετὰ Ἀρμονίας εἰς
δράκοντα μεταβαλὼν εἰς
Ἡλύσιον πεδίον ὑπὸ Διὸς
ἐξεπέμφθη.

Depois de mostrar aos tebanos
que era um deus, Dioniso foi para
Argos e lá, novamente, como não o
honravam, enlouqueceu as mulheres
que, nas montanhas, devoraram a carne
dos filhos que amamentavam.

3.5.3

Com o intuito de ser levado da
Icária até Naxo, Dioniso contratou um
tirreme de piratas tirrenos, que o
embarcaram, navegaram até Naxo e
deslocaram-se para a Ásia com a
intenção de vendê-lo. Dioniso,
contudo, transformou o mastro e os
remos em cobras e encheu o casco com
hera e com o som das flautas.
Enlouquecidos, os tirrenos se jogaram,
em fuga, ao mar e se tornaram
golfinhos. Assim, os homens
entenderam que ele era um deus e
passaram a honrá-lo. Dioniso trouxe
sua mãe do Hades, chamou-a de Tione,
e com ela ascendeu aos céus.

3.5.4

Cadmo, junto com Harmonia,
fugiu de Tebas e foi até os enqueleus.
Como estes estavam em guerra com os
ilírios, o deus lhes concedeu um
oráculo segundo o qual venceriam os
inimigos, caso tivessem Cadmo e
Harmonia como seus líderes.
Convencidos disso, os enqueleus os
fizeram de guias e derrotaram os
ilírios. Cadmo tornou-se rei dos ilírios
e teve um filho chamado Ilírio. Mais
tarde, junto com Harmonia,
transformado em uma serpente, foi
enviado por Zeus aos Campos Elísios.

3.5.5

Πολύδωρος δὲ Θεβῶν βασιλεὺς
γενόμενος Νυκτιίδα γαμεῖ,
Νυκτέως τοῦ Χθονίου θυγατέρα,
καὶ γεννᾷ Λάβδακον. οὗτος
ἀπώλετο, μετὰ Πενθέα ἐκείνω
φρονῶν παραπλήσια.
καταλιπόντος δὲ Λαβδάκου
παῖδα ἐνιαυσιαῖον Λάιον, τὴν
ἀρχὴν ἀφείλετο Λύκος, ἕως οὗτος
ἦν παῖς, ἀδελφὸς ὦν Νυκτέως.
ἀμφότεροι δὲ ἀπὸ Εὐβοίας
φυγόντες, ἐπεὶ Φλεγύαν
ἀπέκτειναν τὸν Ἄρεος καὶ
Δωτίδος τῆς Βοιωτίδος, Ὑρίαν
κατῶκουν, καὶ ... διὰ τὴν πρὸς
Πενθέα οἰκειότητα ἐγεγόνεσαν
πολίται. αἰρεθεὶς οὖν Λύκος
πολέμαρχος ὑπὸ Θεβαίων
ἐπέθετο τῇ δυναστείᾳ, καὶ
βασιλεύσας ἔτη εἴκοσι, φονευθεὶς
ὑπὸ Ζήθου καὶ Ἀμφίονος θνήσκει
δι' αἰτίαν τήνδε. Ἀντιόπη
θυγάτηρ ἦν Νυκτέως: ταύτη Ζεὺς
συνῆλθεν. ἡ δὲ ὡς ἔγκυος
ἐγένετο, τοῦ πατρὸς ἀπειλοῦντος
εἰς Σικυῶνα ἀποδιδράσκει πρὸς
Ἐπωπέα καὶ τούτῳ γαμεῖται.
Νυκτεὺς δὲ ἀθυμήσας ἑαυτὸν
φονεύει, δούς ἐντολὰς Λύκῳ
παρὰ Ἐπωπέως καὶ παρὰ
Ἀντιόπης λαβεῖν δίκας. ὁ δὲ
στρατευσάμενος Σικυῶνα
χειροῦται, καὶ τὸν μὲν Ἐπωπέα
κτείνει, τὴν δὲ Ἀντιόπην ἤγαγεν
αἰχμάλωτον. ἡ δὲ ἀγομένη δύο
γεννᾷ παιδας ἐν Ἐλευθεραῖς τῆς
Βοιωτίας, οὓς ἐκκειμένους εὐρῶν
βουκόλος ἀνατρέφει, καὶ τὸν μὲν
καλεῖ Ζῆθον τὸν δὲ Ἀμφίονα.

3.5.5

Polidoro tornou-se rei de Tebas, casou-se com Nictis, filha de Nicteu, filho de Ctônio, e deu à luz Ládaco, que pereceu depois de Penteu, por ser tão obstinado quanto ele. Lábdao deixou um filho de um ano de idade, Laio, e Lico, irmão de Nicteu, assumiu o trono, enquanto Laio era uma criança. Ambos os irmãos fugiram da Eubéia, por terem matado Flégias, filho de Áris e de Dótis, a beócia. Foram morar na Híria e tornaram-se cidadãos graças à amizade com Penteu. Eleito comandante pelos tebanos, Lico assumiu o comando, reinando por vinte anos, mas foi assassinado por Zeto e Anfion, e morreu pela seguinte razão.

Antíope era filha de Nicteu e com ela Zeus se deitou. Quando grávida, seu pai a ameaçou e, por isso, fugiu para Sícion até Eropheu, com quem se casou. Nicteu, por sua vez, em total prostração, suicidou-se, depois de dar a Lico a ordem para punir Eropheu e Antíope. Lico marchou contra Sícion, dominou o país, matou Eropheu e levou Antíope como prisioneira. No caminho, em Eulêteras, na Beócia, ela deu à luz dois filhos, que foram expostos, mas um pastor os encontrou, criou e chamou um de Zeto e o outro de Anfion.

Ζῆθος μὲν οὖν ἐπεμελεῖτο
 βουφορβίων, Ἀμφίων δὲ
 κιθαρωδίαν ἤσκει, δόντος αὐτῶ
 λύραν Ἑρμοῦ. Ἀντιόπην δὲ
 ἠκίζετο Λύκος καθεύξας καὶ ἡ
 τούτου γυνὴ Δίρκη: λαθοῦσα δὲ
 ποτε, τῶν δεσμῶν αὐτομάτως
 λυθέντων, ἦκεν ἐπὶ τὴν τῶν
 παίδων ἔπαυλιν, δεχθῆναι πρὸς
 αὐτῶν θέλουσα. οἱ δὲ
 ἀναγνωρισάμενοι τὴν μητέρα,
 τὸν μὲν Λύκον κτείνουσι, τὴν δὲ
 Δίρκην δῆσαντες ἐκ ταύρου
 ῥίπτουσι θανοῦσαν εἰς κρήνην
 τὴν ἀπ' ἐκείνης καλουμένην
 Δίρκην. παραλαβόντες δὲ τὴν
 δυναστείαν τὴν μὲν πόλιν
 ἐτείχισαν, ἐπακολουθησάντων τῇ
 Ἀμφίονος λύρα τῶν λίθων, Λάιον
 δὲ ἐξέβαλον. ὁ δὲ ἐν
 Πελοποννήσῳ διατελῶν
 ἐπιξενοῦται Πέλοπι, καὶ τούτου
 παῖδα Χρῦσιππον ἀρματοδρομεῖν
 διδάσκων ἐρασθεὶς ἀναρπάζει.

3.5.6

γαμει δὲ Ζῆθος μὲν Θήβην, ἀφ'
 ἧς ἡ πόλις Θῆβαι, Ἀμφίων δὲ
 Νιόβην τὴν Ταντάλου, ἡ γεννᾶ
 παῖδας μὲν ἑπτὰ, Σίπυλον
 Εὐπίνυτον Ἴσμηνὸν
 Δαμασίχθονα Ἀγήνορα Φαίδιμον
 Τάνταλον, θυγατέρας δὲ τὰς
 ἴσας, Ἑθοδαΐαν (ἡ ὡς τινες
 Νέαιραν) Κλεόδοξαν Ἀστυόχην
 Φθίαν Πελοπίαν Ἀστυκράτειαν
 Ωγυγίαν.

O primeiro vigiava o rebanho, enquanto que o segundo dedicava-se à música, pois Hermes havia lhe dado uma lira. No entanto, Lico e Dirce, sua esposa, tendo prendido Antíope, maltratavam-na. Certa vez, sem que os guardas notassem, as correntes se soltaram acidentalmente, e Antíope foi para a casa de seus filhos, desejando ser acolhida por eles. Reconhecendo sua mãe, eles mataram Lico, amarraram Dirce em um touro e jogaram seu corpo morto numa fonte, que por causa dela foi chamada de Dirce. Tomado o trono, ergueram muros na cidade com as pedras atraídas pela lira de Anfion e expulsaram Laio. Este, morando no Peloponeso, foi hospedado por Pélope, porém, apaixonado pelo filho dele, Crisipo, raptou-o enquanto o ensinava a dirigir uma carruagem.

3.5.6

Zeto se casou com Teba, por causa de quem a cidade de Tebas ganhou esse nome, e Anfion se casou com Níobe, filha de Tântalo, com quem engendrou sete filhos: Sípilo, Eupínito, Ismeno, Damasicton, Agenor, Fédimo e Tântalo, e o mesmo número de filhas, sendo elas Etodéia (ou, segundo alguns, Neera), Cleodoxa, Astíoque, Ftia, Pelópia, Asticratéia e Ogígia.

Ἡσίοδος δὲ δέκα μὲν υἱοὺς δέκα
δὲ θυγατέρας, Ἡρόδωρος δὲ δύο
μὲν ἄρρενας τρεῖς δὲ θηλείας,
Ὅμηρος δὲ ἕξ μὲν υἱοὺς ἕξ δὲ
θυγατέρας φησὶ γενέσθαι.
εὐτεκνος δὲ οὖσα Νιόβη τῆς
Λητοῦς εὐτεκνοτέρα εἶπεν
ὑπάρχειν: Λητώ δὲ
ἀγανακτήσασα τὴν τε Ἄρτεμιν
καὶ τὸν Ἀπόλλωνα κατ' αὐτῶν
παρώξυνε, καὶ τὰς μὲν θηλείας
ἐπὶ τῆς οἰκίας κατετόξευσεν
Ἄρτεμις, τοὺς δὲ ἄρρενας κοινῇ
πάντας ἐν Κιθαιρῶνι Ἀπόλλων
κυνηγετοῦντας ἀπέκτεινεν.
ἐσώθη δὲ τῶν μὲν ἀρρένων
Ἀμφίων, τῶν δὲ θηλειῶν Χλωρίς
ἢ πρεσβύτερα, ἣ Νηλεὺς
συνώκησε. κατὰ δὲ Τελέσιλλαν
ἐσώθησαν Ἀμύκλας καὶ
Μελίβοια, ἐτοξεύθη δὲ ὑπ' αὐτῶν
καὶ Ἀμφίων, αὐτὴ δὲ Νιόβη
Θήβας ἀπολιποῦσα πρὸς τὸν
πατέρα Τάνταλον ἦκεν εἰς
Σίπυλον, κάκει Διὶ εὐξαμένη τὴν
μορφὴν εἰς λίθον μετέβαλε, καὶ
χεῖται δάκρυα νύκτωρ καὶ μεθ'
ἡμέραν τοῦ λίθου.

3.5.7

μετὰ δὲ τὴν Ἀμφίονος τελευταίαν
Λάιος τὴν βασιλείαν παρέλαβε.
καὶ γήμας θυγατέρα Μενουκίως,
ἦν ἔνιοι μὲν Ἰοκάστην ἔνιοι δὲ
Ἐπικάστην λέγουσι, χρήσαντος
τοῦ θεοῦ μὴ γεννᾶν (τὸν
γεννηθέντα γὰρ πατροκτόνον
ἔσεσθαι) ὁ δὲ οἰνωθεὶς συνῆλθε
τῇ γυναικί.

Hesíodo afirma que eram dez
filhos e dez filhas; já Herodoro conta
que eram dois homens e três meninas.
Homero, por sua vez, diz que nasceram
seis filhos e seis filhas.

Abençoada com tantos filhos,
quanto a isso Niobe dizia ser mais
afortunada que Leto, que, irritada,
incitou Ártemis e Apolo contra eles.
Ártemis atirou flechas contra as
meninas na casa delas, e Apolo matou
todos os meninos juntos quando
caçavam no Citerão. Anfíon foi o
único salvo dentre os homens, e dentre
as meninas, somente a mais velha,
Clóris, com quem Neleu foi morar. No
entanto, de acordo com Telessila,
foram salvos Amicla e Melibéia, já que
Anfíon também foi flechado por eles.
A própria Níobe deixou Tebas e foi até
seu pai Tântalo, em Sípilo, onde rogou
a Zeus e se transformou em uma pedra
da qual dia e noite lágrimas derramam-
se.

3.5.7

Depois da morte de Anfíon,
Laio assumiu o trono e se casou com a
filha de Meneceu, Jocasta para uns,
Epicasta para outros. O deus proferiu
um oráculo para que ele não tivesse
filhos (porque aquele que gerasse seria
um parricida), mas ele, embebedado
pelo vinho, teve relações amorosas
com sua esposa.

καὶ τὸ γεννηθὲν ἐκθεῖναι δίδωσι
νομεῖ, περόναις διατρήσας τὰ
σφυρά. ἄλλ' οὗτος μὲν ἐξέθηκεν
εἰς Κιθαιρῶνα, Πολύβου δὲ
βουκόλοι, τοῦ Κορινθίων
βασιλέως, τὸ βρέφος εὐρόντες
πρὸς τὴν αὐτοῦ γυναῖκα
Περίβοιαν ἤνεγκαν. ἡ δὲ
ἀνελοῦσα ὑποβάλλεται, καὶ
θεραπεύσασα τὰ σφυρὰ Οἰδίπουν
καλεῖ, τοῦτο θεμένη τὸ ὄνομα διὰ
τὸ τοὺς πόδας ἀνοιδῆσαι.
τελειωθεὶς δὲ ὁ παῖς, καὶ
διαφέρων τῶν ἡλικίων ῥώμη, διὰ
φθόνον ὠνειδίζετο ὑπόβλητος. ὁ
δὲ πυνθανόμενος παρὰ τῆς
Περίβοίας μαθεῖν οὐκ ἠδύνατο:
ἀφικόμενος δὲ εἰς Δελφοὺς περὶ
τῶν ἰδίων ἐπυνθάνετο γονέων. ὁ
δὲ θεὸς εἶπεν αὐτῷ εἰς τὴν
πατρίδα μὴ πορεύεσθαι: τὸν μὲν
γὰρ πατέρα φονεύσειν, τῇ μητρὶ
δὲ μιγήσεσθαι. τοῦτο ἀκούσας,
καὶ νομίζων ἐξ ὧν ἐλέγετο
γεγεννησθαι, Κόρινθον μὲν
ἀπέλιπεν, ἐφ' ἄρματος δὲ διὰ τῆς
Φωκίδος φερόμενος συντυγχάνει
κατὰ τινα στενὴν ὁδὸν ἐφ'
ἄρματος ὀχουμένῳ Λαῖῳ. καὶ
Πολυφόντου (κῆρυξ δὲ οὗτος ἦν
Λαῖου) κελεύοντος ἐκχωρεῖν καὶ
δι' ἀπείθειαν καὶ ἀναβολὴν
κτείναντος τῶν ἵππων τὸν ἕτερον,
ἀγανακτήσας Οἰδίπους καὶ
Πολυφόντην καὶ Λάιον
ἀπέκτεινε, καὶ παρεγένετο εἰς
Θήβας.

Laio trespassou com broches os tornozelos do recém-nascido e o entregou a um pastor para que o expusesse. Este expôs o bebê no Citerão, e os pastores de Pólipo, rei dos corintos, encontram-no e o levaram à mulher dele, Peribéia, quem o acolheu, adotou, curou-lhe os tornozelos e o chamou de Édipo, nome colocado por causa do inchaço dos pés dele.

Já crescido o menino, como superava em força seus colegas de mesma idade, por inveja foi acusado de ser bastardo. Édipo interrogou Peribéia, mas não foi capaz de apreender nada. Chegou, então, a Delfos e perguntou sobre seus pais verdadeiros. O deus lhe disse para que não fosse para sua terra natal, pois lá ele mataria seu pai e se deitaria com sua mãe. Depois de ouvir isso e acreditando ser filho de quem diziam, Édipo deixou Corinto. Quando atravessava a Fócida numa carruagem, numa passagem estreita encontrou-se com Laio, também em uma carruagem. Polifonte, arauto de Laio, ordenou que Édipo saísse do caminho, matando um dos cavalos dele por desobediência e atraso. Irritado, Édipo matou Polifonte e Laio e foi para Tebas.

3.5.8

Λάιον μὲν οὖν θάπτει βασιλεὺς
 Πλαταιέων Δαμασίστρατος, τὴν
 δὲ βασιλείαν Κρέων ὁ Μενοικέως
 παραλαμβάνει. τούτου δὲ
 βασιλεύοντος οὐ μικρὰ συμφορὰ
 κατέσχε Θήβας. ἔπεμψε γὰρ Ἥρα
 Σφίγγα, ἡ μητρὸς μὲν Ἐχίδνης ἦν
 πατρὸς δὲ Τυφῶνος, εἶχε δὲ
 πρόσωπον μὲν γυναικός, στήθος
 δὲ καὶ βάσιν καὶ οὐρὰν λέοντος
 καὶ πτέρυγας ὄρνιθος. μαθοῦσα
 δὲ αἴνιγμα παρὰ μουσῶν ἐπὶ τὸ
 Φίκιον ὄρος ἐκαθέζετο, καὶ τοῦτο
 προὔτεινε Θηβαίοις. ἦν δὲ τὸ
 αἴνιγμα: τί ἐστὶν ὃ μίαν ἔχον
 φωνὴν τετράπουν καὶ δίπουν καὶ
 τρίπουν γίνεται: χρησιμοῦ δὲ
 Θηβαίοις ὑπάρχοντος τηνικαῦτα
 ἀπαλλαγῆσεσθαι τῆς Σφιγγὸς
 ἡνίκα ἂν τὸ αἴνιγμα λύσωσι,
 συνιόντες εἰς ταῦτο πολλάκις
 ἐζήτουν τί τὸ λεγόμενον ἐστίν,
 ἐπεὶ δὲ μὴ εὗρισκον, ἀρπάσασα
 ἓνα κατεβίβρωσκε. πολλῶν δὲ
 ἀπολομένων, καὶ τὸ τελευταῖον
 Αἴμονος τοῦ Κρέοντος, κηρύσσει
 Κρέων τῶ τὸ αἴνιγμα λύσοντι καὶ
 τὴν βασιλείαν καὶ τὴν Λαῖου
 δώσειν γυναῖκα. Οἰδίπους δὲ
 ἀκούσας ἔλυσεν, εἰπὼν τὸ
 αἴνιγμα τὸ ὑπὸ τῆς Σφιγγὸς
 λεγόμενον ἄνθρωπον εἶναι:
 γίνεσθαι, γὰρ τετράπουν βρέφος
 ὄντα τοῖς τέτταρσιν ὀχούμενον
 κώλοις, τελειούμενον δὲ δίπουν,
 γηρῶντα δὲ τρίτην
 προσλαμβάνειν βάσιν τὸ
 βᾶκτρον.

Damasítrato, rei de Platéia,
 enterrou Laio, e Creonte, filho de
 Meneceu, assumiu o trono. Enquanto
 reinava, uma grande desgraça
 acometeu Tebas, pois Hera enviou a
 Esfinge, filha da Equidna e de Tífon,
 criatura que tinha o rosto de mulher, o
 peito, os pés e a cauda de leão e asas
 de pássaro. Depois de aprender um
 enigma com as musas ela se sentou no
 Monte Fício e o apresentou aos
 tebanos. O enigma era: o que é aquilo
 provido de uma voz que fica de quatro,
 duas e três pernas? Os tebanos tinham
 um oráculo dizendo que só se
 libertariam da Esfinge caso
 solucionassem o enigma. Com
 frequência eles se reuniam e
 procuravam encontrar alguma resposta
 e como não a descobriam, ela levava
 um deles e o devorava. Muitos
 morreram, e por último Hémon, filho
 de Creonte, que anunciou que daria
 tanto o reino quanto a esposa de Laio a
 quem resolvesse o enigma.
 Ao ouvir isso, Édipo o solucionou,
 dizendo que a resposta do enigma da
 Esfinge era o homem, já que ao nascer,
 um bebê tinha quatro pernas, pois
 andava de quatro; quando adulto, tinha
 duas e, já velho, ele fazia uso de um
 cajado como terceira perna.

ἢ μὲν οὖν Σφίγξ ἀπὸ τῆς
ἀκροπόλεως ἑαυτὴν ἔρριψεν,
Οἰδίπους δὲ καὶ τὴν βασιλείαν
παρέλαβε καὶ τὴν μητέρα ἔγημεν
ἀγνοῶν, καὶ παῖδας ἐτέκνωσεν ἐξ
αὐτῆς Πολυνείκη καὶ Ἐτεοκλέα,
θυγατέρας δὲ Ἰσμήνην καὶ
Ἀντιγόνην. εἰσὶ δὲ οἱ γεννηθῆναι
τὰ τέκνα φασὶν ἐξ Εὐρυγανείας
αὐτῷ τῆς Ὑπέρφαντος.

3.5.9

φανέντων δὲ ὕστερον τῶν
λανθανόντων, Ἰοκάστη μὲν ἐξ
ἀγχόνης ἑαυτὴν ἀνήρτησεν,
Οἰδίπους δὲ τὰς ὄψεις τυφλώσας
ἐκ Θηβῶν ἠλαύνετο, ἀρὰς τοῖς
παισὶ θέμενος, οἱ τῆς πόλεως
αὐτὸν ἐκβαλλόμενον θεωροῦντες
οὐκ ἐπήμυναν. παραγενόμενος
δὲ σὺν Ἀντιγόνη τῆς Ἀττικῆς εἰς
Κολωνόν, ἔνθα τὸ τῶν Εὐμενίδων
ἐστὶ τέμενος, καθίζει ἰκέτης,
προσδεχθεὶς ὑπὸ Θησέως, καὶ
μετ' οὐ πολὺν χρόνον ἀπέθανεν.

3.6.1

Ἐτεοκλῆς δὲ καὶ Πολυνείκης περὶ
τῆς βασιλείας συντίθενται πρὸς
ἀλλήλους, καὶ αὐτοῖς δοκεῖ τὸν
ἕτερον παρ' ἑνιαυτὸν ἄρχειν.
τινὲς μὲν οὖν λέγουσι πρῶτον
ἄρξαντα Πολυνείκη παραδοῦναι
μετ' ἑνιαυτὸν τὴν βασιλείαν
Ἐτεοκλεῖ, τινὲς δὲ πρῶτον
Ἐτεοκλέα ἄρξαντα μὴ βούλεσθαι
παραδοῦναι τὴν βασιλείαν.
φυγαδευθεὶς οὖν Πολυνείκης ἐκ
Θηβῶν ἦκεν εἰς Ἄργος, τὸν τε
ὄρμον καὶ τὸν πέπλον ἔχων.

A Esfinge, então, aitou-se da
acrópole. Édipo recebeu o reino e sem
saber se casou com sua mãe, com
quem teve os filhos Polinices e
Estéocles e as filhas Ismene e
Antígona. Há quem diga que os filhos
que ele teve foram com Eurigânia,
filha de Hiperfas.

3.5.9

Revelado mais tarde o que não
fora antes percebido, Jocasta se
enforcou com uma corda. Édipo foi
exilado de Tebas, depois de arrancar os
próprios olhos e amaldiçoar seus
filhos, que o contemplaram deixar a
cidade sem oferecer-lhe ajuda. Com
Antígona, chegou a Colono, na Ática,
onde está o santuário das Eumênides,
sentou-se ali, como suplicante e,
acolhido por Teseu, morreu pouco
tempo depois.

3.6.1

Etéocles e Polinices fizeram
um acordo entre si com relação ao
reino e foi decidido que cada um seria
rei por um ano. Alguns afirmam que
Polinices reinou primeiro e depois de
um ano passou o reino a Etéocles, mas
há quem diga que este reinou primeiro
e não quis entregar o trono. Expulso de
Tebas, Polinices foi para Argos,
trazendo consigo o colar e a túnica.

ἐβασίλευε δὲ Ἄργους Ἄδραστος ὁ
Ταλαοῦ: καὶ τοῖς τούτου
βασιλείοις νύκτωρ προσπελάζει,
καὶ συνάπτει μάχην Τυδεῖ τῶ
Οἰνέως φεύγοντι Καλυδῶνα.
γενομένης δὲ ἔξαίφνης βοῆς
ἐπιφανεῖς Ἄδραστος διέλυσεν
αὐτούς, καὶ μάντεώς τινος
ὑπομνησθεῖς λέγοντος αὐτῶ
κάπρω καὶ λέοντι συζευξαι τὰς
θυγατέρας, ἀμφοτέρους εἴλετο
νυμφίους: εἶχον γὰρ ἐπὶ τῶν
ἀσπίδων ὁ μὲν κάπρου προτομήν
ὁ δὲ λέοντος. γαμῆ δὲ Δηιπύλην
μὲν Τυδεὺς Ἀργεῖην δὲ
Πολυνείκης, καὶ αὐτούς
Ἄδραστος ἀμφοτέρους εἰς τὰς
πατρίδας ὑπέσχετο κατάξειν. καὶ
πρῶτον ἐπὶ Θήβας ἔσπευδε
στρατεύεσθαι, καὶ τοὺς ἀριστέας
συνήθροισεν.

3.6.2

Ἀμφιάραος δὲ ὁ Οἰκλέους, μάντις
ὢν καὶ προειδῶς ὅτι δεῖ πάντα
τοὺς στρατευσαμένους χωρὶς
Ἄδράστου τελευτῆσαι, αὐτός τε
ᾧκνει στρατεύεσθαι καὶ τοὺς
λοιποὺς ἀπέτρεπε. Πολυνείκης δὲ
ἀφικόμενος πρὸς Ἴφιν τὸν
Ἀλέκτορος ἠξίου μαθεῖν πῶς ἂν
Ἀμφιάραος ἀναγκασθεῖη
στρατεύεσθαι: ὁ δὲ εἶπεν εἰ λάβοι
τὸν ὄρμον Ἐριφύλη. Ἀμφιάραος
μὲν οὖν ἀπεῖπεν Ἐριφύλη παρὰ
Πολυνείκους δῶρα λαμβάνειν,
Πολυνείκης δὲ δούς αὐτῇ τὸν
ὄρμον ἠξίου τὸν Ἀμφιάραον
πεῖσαι στρατεύειν.

Adrasto, filho de Tálao, era rei
de Argos: à noite Polinices se
aproximou de seu palácio e
empreendeu um combate contra Tideu,
filho de Eneu, que havia fugido de
Cálidon. Gritando repentinamente,
Adrasto apareceu e os separou,
lembrando-se de que um certo
adivinho lhe dissera para casar suas
filhas com um javali e com um leão.
Ele escolheu ambos como noivos, pois
tinham sobre seus escudos, um o rosto
de um javali, e o outro, o de um leão.
Tideu se casou com Deipile; já
Polinices, com Argia, e Adrasto
prometeu restabelecer ambos em suas
terras natais. Primeiro apressou-se em
marchar em direção a Tebas e reuniu
os comandantes.

3.6.2

Anfiarau, filho de Ecles, era
adivinho, e prevendo que todos do
exército, com exceção de Adrasto,
morreriam, evitava partir em guerra e
desencorajou os demais. Polinices foi
até Ífis, filho de Alector, e pediu para
saber como Anfiarau poderia ser
forçado a ir para o combate. Ele
respondeu que isso aconteceria
somente se Erífale obtivesse o colar.
Embora Anfiarau tivesse proibido
Erífale de receber presentes de
Polinices, este lhe deu o colar e pediu
que convencesse Anfiarau a ir para a
guerra.

ἦν γὰρ ἐπὶ ταύτῃ: γενομένης γὰρ
ταυτήσπρὸς Ἄδραστον,
διαλυσάμενος ὤμοσε, περὶ ὧν ἂν
Ἀδράστῳ διαφέρηται, διακρίνειν
Ἐριφύλῃ συγχωρῆσαι. ὅτε οὖν ἐπὶ
Θήβας ἔδει στρατεύειν, Ἀδράστου
μὲν παρακαλοῦντος Ἀμφιάραου
δὲ ἀποτρέποντος, Ἐριφύλῃ τὸν
ὄρμον λαβοῦσα ἔπεισεν αὐτὸν
σὺν Ἀδράστῳ στρατεύειν.
Ἀμφιάραος δὲ ἀνάγκην ἔχων
στρατεύεσθαι τοῖς παισὶν
ἐντολὰς ἔδωκε τελειωθεῖσι τὴν τε
μητέρα κτείνειν καὶ ἐπὶ Θήβας
στρατεύειν.

3.6.3

Ἄδραστος δὲ συναθροίσας
στρατὸν σὺν ἡγεμόσιν ἑπτὰ
πολεμῖν ἔσπευδε Θήβας. οἱ δὲ
ἡγεμόνες ἦσαν οἷδε: Ἄδραστος
Ταλαοῦ, Ἀμφιάραος Ὀικλέους,
Καπανεὺς Ἴππονόου, Ἴππομέδων
Ἀριστομάχου, οἱ δὲ λέγουσι
Ταλαοῦ. οὗτοι μὲν ἐξ Ἄργους,
Πολυνείκης δὲ Οἰδίποδος ἐκ
Θηβῶν, Τυδεὺς Οἰνέως Αἰτωλός,
Παρθενοπαῖος Μελανίωνος
Ἀρκάς. τινὲς δὲ Τυδέα μὲν καὶ
Πολυνείκην οὐ καταριθμοῦσι,
συγκαταλέγουσι δὲ τοῖς ἑπτὰ
Ἐτέοκλον Ἴφιους καὶ Μηκιστέα.

Cabia a ela decidir, pois
quando houve uma divergência entre
Anfiarau e Adrasto, Polinices jurou
conceder a Erífale o poder de decisão
sobre qualquer diferença que tivesse
com Adrasto. Como a guerra contra
Tebas estava prestes a acontecer,
diante de um Adrasto a favor e um
Anfiarau contra, Erífale aceitou o colar
e convenceu este a marchar com
aquele. Forçado a ir para o combate,
Anfiarau deixou ordens a seus filhos
para que, quando adultos, matassem a
mãe deles e marchassem contra Tebas.

3.6.3

Adrasto reuniu um exército e
apressou-se a marchar em guerra
contra Tebas junto com sete generais,
que eram os seguintes: Adrasto, filho
de Tálao; Anfiarau, filho de Ecles;
Capaneu, filho de Hiponôo, e
Hipomédon, filho de Aristômaco, ou,
conforme dizem, de Tálao. Estes eram
de Argos, mas Polinices, filho de
Édipo, veio de Tebas. Tideu, filho de
Eneu, era etólio, e Partenopeu, filho de
Melánion, era árcade. Alguns, contudo,
não contam Tideu e Polinices entre
eles e incluem, na lista dos sete,
Etéocles, filho de Ífis, e Mecisteu.

3.6.4

παραγενόμενοι δὲ εἰς Νεμέαν, ἧς
ἔβασίλευε Λυκούργος, ἐζήτουν
ὔδωρ. καὶ αὐτοῖς ἠγήσατο τῆς ἐπὶ
κρήνην ὁδοῦ Ὑψιπύλη, νήπιον
παῖδα ὄντα Ὀφέλητην
ἀπολιποῦσα, ὃν ἔτρεφεν
Εὐρυδίκης ὄντα καὶ Λυκούργου.
αἰσθόμεναι γὰρ αἱ Λήμνιαι
ὑστερον Θόαντα σεσωσμένον
ἐκεῖνον μὲν ἔκτειναν, τὴν δὲ
Ὑψιπύλην ἀπημπόλησαν: διὸ
πραθειῖσα ἐλάτρευε παρὰ
Λυκούργῳ. δεικνυούσης δὲ τὴν
κρήνην, ὁ παῖς ἀπολειφθεὶς ὑπὸ
δράκοντος διαφθίρεται. τὸν μὲν
οὖν δράκοντα ἐπιφανέντες οἱ
μετὰ Ἀδράστου κτείνουσι, τὸν δὲ
παῖδα θάπτουσιν. Ἀμφιάραος δὲ
εἶπεν ἐκεῖνοις τὸ σημεῖον τὰ
μέλλοντα προμαντεύεσθαι: τὸν
δὲ παῖδα Ἀρχέμορον ἐκάλεσαν. οἱ
δὲ ἔθεσαν ἐπ' αὐτῷ τὸν τῶν
Νεμέων ἀγῶνα, καὶ ἵππῳ μὲν
ἐνίκησεν Ἀδραστός, σταδίῳ δὲ
Ἐτέοκλος, πυγμῇ Τυδεύς, ἄλματι
καὶ δίσκῳ Ἀμφιάραος, ἀκοντίῳ
Λαόδοκος, πάλη Πολυνείκης,
τόξῳ Παρθενοπαῖος.

3.6.5

ὡς δὲ ἦλθον εἰς τὸν Κιθαιρῶνα,
πέμπουσι Τυδέα προερούντα
Ἐτεοκλεῖ τῆς βασιλείας
παραχωρεῖν Πολυνείκει, καθὰ
συνέθεντο. μὴ προσέχοντος δὲ
Ἐτεοκλέους, διάπειραν τῶν
Θηβαίων Τυδεὺς ποιούμενος,
καθ' ἓνα προκαλούμενος πάντων
περιεγένετο.

3.6.4

Quando chegaram a Neméia,
cujo rei era Licurgo, procuraram por
água. Hipsípyle os conduziu pelo
caminho da fonte, deixando para trás o
pequeno Ofelte, que era filho de
Eurídice e Licurgo. Pois as Lêmniás
depois que perceberam que Toas fora
salvo, mataram-no. Daí, venderam
Hipsipile como escrava, que, comprada
por Licurgo, passou a receber para
trabalhar na casa dele. Ela mostrou a
fonte, mas o garoto abandonado foi
morto por uma serpente. Adrasto e
seus companheiros regressaram,
mataram a cobra e enterraram a
criança. Anfiarau lhes disse que esse
sinal previa o futuro: chamaram o
menino de Arquêmore e em sua
homenagem estabeleceram os jogos de
Nemeus. Adrasto venceu a corrida de
cavalos; Etéocles, a corrida; Tideu foi
o vencedor no boxe; Anfiarau, no salto
e no arremesso de disco; Laódoco
ficou em primeiro no arremesso de
lança; Polinices, na luta corpo a corpo,
e Partenopeu ganhou no arco e flecha.

3.6.5

Quando chegaram ao Citerão,
enviaram Tideu para dizer a Etéocles
de antemão para entregar o reino a
Polinices, conforme combinaram.
Como Etéocles não cedeu, Tideu
colocou os tebanos à prova e,
convocando-os para combates
individuais, venceu todos.

οὐκ ἔστιν ἄλλος πεντήκοντα ἄνδρας
ὀπλίσαντες ἀπιόντα ἐνήδρευσαν
αὐτόν: πάντας δὲ αὐτοὺς χωρὶς
Μαίονος ἀπέκτεινε, κάπειτα ἐπὶ
τὸ στρατόπεδον ἦλθεν.

3.6.6

Ἀργεῖοι δὲ καθοπλισθέντες
προσήεσαν τοῖς τείχεσι, καὶ
πυλῶν ἐπτὰ οὐσῶν Ἄδραστος μὲν
παρὰ τὰς Ὀμολοίδας πύλας
ἔστη, Καπανεὺς δὲ παρὰ τὰς
Ὠγυγίας, Ἀμφιάραος δὲ παρὰ τὰς
Προϊτίδας, Ἴππομέδων δὲ παρὰ
τὰς Ὀγκαΐδας, Πολυνείκης δὲ
παρὰ τὰς Ὑψίστας,
Παρθενοπαῖος δὲ παρὰ τὰς
Ἠλέκτρας, Τυδεὺς δὲ παρὰ τὰς
Κρηνίδας. καθώπλισε δὲ καὶ
Ἐτεοκλῆς Θηβαίους, καὶ
καταστήσας ἡγεμόνας ἴσους ἴσοις
ἔταξε, καὶ πῶς ἂν περιγένοιτο
τῶν πολεμίων ἐμαντεύετο.

3.6.7

ἦν δὲ παρὰ Θηβαίοις μάντις
Τειρεσίας Εὐήρους καὶ Χαρικλοῦς
νύμφης, ἀπὸ γένους Οὐδαίου τοῦ
Σπαρτοῦ, γενόμενος τυφλὸς τὰς
ὀράσεις. οὗ περὶ τῆς πηρώσεως
καὶ τῆς μαντικῆς λέγονται λόγοι
διάφοροι.

Enquanto regressava, cinquenta
homens armados tentaram pegá-lo
numa emboscada, mas Tideu matou
todos eles, com exceção de Meon, e foi
para o acampamento.

3.6.6

Armados, os argivos foram em
direção aos muros e, como havia sete
portões, Adrasto permaneceu no portão
Homoloída; Capaneu, no Ogíguia;
Anfiarau, junto ao Prétida;
Hipomédon, no Ônceda; Polinices, no
Hipsista; Partenopeu, junto ao Electra,
e Tideu, no Crênida. Etéocles armou os
tebanos, estabaleceu os generais em
igual número aos adversários e iniciou
a batalha, enquanto procurava um
oráculo para saber como venceria os
inimigos.

3.6.7

Havia junto aos tebanos um
adivinho que havia ficado cego:
Tirésias, filho de Evero e da ninfa
Caricla, da família de Udaio de
Esparta. Diferentes histórias são
contadas a respeito de sua cegueira e
de seu dom de adivinhação.

ἄλλοι μὲν γὰρ αὐτὸν ὑπὸ θεῶν
φασὶ τυφλωθῆναι, ὅτι τοῖς
ἀνθρώποις ἅ κρύπτειν ἤθελον
ἐμήνυε, Φερεκύδης δὲ ὑπὸ
Ἀθηνᾶς αὐτὸν τυφλωθῆναι:
οὔσαν γὰρ τὴν Χαρικλῶ
προσφιλῆ τῇ Ἀθηνᾶ ... γυμνήν ἐπι
πάντα ἰδεῖν, τὴν δὲ ταῖς χερσὶ
τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτοῦ
καταλαβομένην πηρὸν ποιῆσαι,
Χαρικλοῦς δὲ δεομένης
ἀποκαταστῆσαι πάλιν τὰς
ὀράσεις, μὴ δυναμένην τοῦτο
ποιῆσαι, τὰς ἀκοὰς
διακαθάρασαν πᾶσαν ὀρνίθων
φωνὴν ποιῆσαι συνεῖναι, καὶ
σκῆπτρον αὐτῷ δωρήσασθαι
κράνειον, ὃ φέρων ὁμοίως τοῖς
βλέπουσιν ἐβάδιζεν. Ἡσίοδος δὲ
φησὶν ὅτι θεασάμενος περὶ
Κυλλήνην ὄφεις συνουσιάζοντας
καὶ τούτους τρώσας ἐγένετο ἕξ
ἄνδρος γυνή, πάλιν δὲ τοὺς
αὐτοὺς ὄφεις παρατηρήσας
συνουσιάζοντας ἐγένετο ἀνήρ.
διόπερ Ἥρα καὶ Ζεὺς
ἀμφισβητοῦντες πότερον τὰς
γυναῖκας ἢ τοὺς ἄνδρας ἤδεσθαι
μᾶλλον ἐν ταῖς συνουσίαις
συμβαίνοι, τοῦτον ἀνέκριναν. ὁ
δὲ ἔφη δέκα μοιρῶν περὶ τὰς
συνουσίας οὐσῶν τὴν μὲν μίαν
ἄνδρας ἤδεσθαι, τὰς δὲ ἐννέα
γυναῖκας. ὅθεν Ἥρα μὲν αὐτὸν
ἐτύφλωσε, Ζεὺς δὲ τὴν μαντικὴν
αὐτῷ ἔδωκεν.

Alguns afirmam que ele foi
cegado pelos deuses, porque revelou
aos homens seus segredos. Já
Ferecides conta que ele foi cegado por
Atena, pois Cáracles era estimada pela
deusa, e quando Tirésias a viu toda
nua, com as mãos ela cobriu seus olhos
e o cegou. Cáracles pediu para que
restaurasse a visão dele, mas como não
estava apta a fazer isso, a deusa
purificou seus ouvidos, tornando-o
capaz de compreender o cantar dos
pássaros. Deu-lhe de presente um
cajado de cranaia, com o qual podia
andar como os que enxergavam.
Hesíodo diz que quando ele viu cobras
copulando em Cilene, por feri-las,
virou mulher, mas observando as
mesmas serpentes copularem de novo,
voltou a ser homem. Por essa razão,
quando Hera e Zeus disputavam sobre
quem teria mais prazer no sexo, os
homens ou as mulheres, perguntaram-
lhe. Tirésias respondeu que se dividido
o prazer em dez partes, os homens
teriam prazer em uma, e as mulheres,
em nove. Por causa disso, Hera o
cegou, mas Zeus lhe deu o dom da
adivinhação.

“τὸ ὑπὸ Τειρεσίου λεχθὲν πρὸς
Δία καὶ Ἥραν:
οἷην μὲν μοῖραν δέκα μοιρῶν
τέρπεται ἀνήρ,
τὰς δὲ δέκ’ ἐμπίπλησι γυνή
τέρπουσα νόημα.”
ἐγένετο δὲ καὶ πολυχρόνιος.

οὗτος οὖν Θηβαίοις
μαντευομένοις εἶπε νικήσειν, ἐὰν
Μενοικεὺς ὁ Κρέοντος Ἄρει
σφάγιον αὐτὸν ἐπιδῶ. τοῦτο
ἀκούσας Μενοικεὺς ὁ Κρέοντος
ἑαυτὸν πρὸ τῶν πυλῶν ἔσφαξε.
μάχης δὲ γενομένης οἱ Καδμεῖοι
μέχρι τῶν τειχῶν
συνεδιώχθησαν, καὶ Καπανεὺς
ἀρπάσας κλίμακα ἐπὶ τὰ τεῖχη δι’
αὐτῆς ἀνήει, καὶ Ζεὺς αὐτὸν
κεραυνοῖ.

3.6.8

τούτου δὲ γενομένου τροπή τῶν
Ἀργείων γίνεται. ὥς δὲ
ἀπώλλυντο πολλοί, δόξαν
ἐκατέροις τοῖς στρατεύμασιν
Ἐτεοκλῆς καὶ Πολυνείκης περὶ
τῆς βασιλείας μονομαχοῦσι, καὶ
κτείνουσιν ἀλλήλους. καρτερᾶς
δὲ πάλιν γενομένης μάχης οἱ
Ἄστακοῦ παῖδες ἠρίστευσαν:
Ἴσμαρος μὲν γὰρ Ἴππομέδοντα
ἀπέκτεινε, Λεάδης δὲ Ἐτέοκλον,
Ἀμφίδικος δὲ Παρθενοπαῖον. ὥς
δὲ Εὐριπίδης φησί, Παρθενοπαῖον
ὁ Ποσειδῶνος παῖς Περικλύμενος
ἀπέκτεινε. Μελάνιππος δὲ ὁ
λοιπὸς τῶν Ἄστακοῦ παίδων εἰς
τὴν γαστέρα Τυδέα τιτρώσκει.

“Isto é o que foi dito por
Tirésias a Zeus e a Hera:
Que das dez partess, o homem se
satisfaz com uma única,
Enquanto que a mulher se satisfaz nas
dez, deleitando sua mente”.

Ele também viveu por muitos
anos

Tirésias disse aos tebanos, que
o haviam consultado, que venceriam,
caso Meneceu, filho de Creonte,
oferecesse a si próprio como sacrifício
a Ares. Ao ouvir isso, Meneceu, filho
de Creonte, degolou-se diante dos
portões. Estourado o confronto, os
cadmeus foram perseguidos até os
muros, e quando Capaneu pretendia
escalar as paredes com uma escada
que trouxera, Zeus o fulminou com o
raio.

3.6.8

Ocorrido isso, os argivos se
puseram em fuga. Como muitos
morreram, por meio de um acordo
entre ambos os exércitos, Etéocles e
Polinices fizeram um combate singular
pelo reino e mataram um ao outro.
Novamente intenso o combate, os
filhos de Ástaco foram superiores, pois
Ísmaro matou Hipomédon; Lêade,
Etéoclo; Anfídico, Partenopeu, ou,
conforme Eurípedes conta,
Periclímeno, filho de Poseidon, quem
matou Partenopeu. Melanipo, último
dos filhos de Ástaco, feriu Tideu na
barriga.

ἡμιθνήτος δὲ αὐτοῦ κειμένου
παρὰ Διὸς αἰτησαμένη Ἀθηνᾶ
φάρμακον ἤνεγκε, δι' οὗ ποιεῖν
ἔμελλεν ἀθάνατον αὐτόν.
Ἀμφιάραος δὲ αἰσθόμενος τοῦτο,
μισῶν Τυδέα ὅτι παρὰ τὴν
ἐκείνου γνώμην εἰς Θήβας ἔπεισε
τοὺς Ἀργεῖους στρατεύεσθαι, τὴν
Μελανίππου κεφαλὴν ἀποτεμῶν
ἔδωκεν αὐτῷ τιτρωσκόμενος δὲ
Τυδεὺς ἔκτεινεν αὐτόν. ὁ δὲ
διελὼν τὸν ἐγκέφαλον
ἐξερρόφησεν. ὡς δὲ εἶδεν Ἀθηνᾶ,
μυσαχθεῖσα τὴν εὐεργεσίαν
ἐπέσχε τε καὶ ἐφθόνησεν.
Ἀμφιάρῳ δὲ φεύγοντι παρὰ
ποταμὸν Ἴσμηνόν, πρὶν ὑπὸ
Περικλυμένου τὰ νῶτα τρωθῆ,
Ζεὺς κεραυνὸν βαλὼν τὴν γῆν
διέστησεν. ὁ δὲ σὺν τῷ ἄρματι καὶ
τῷ ἡνιόχῳ Βάτωνι, ὡς δὲ ἔνιοι
Ἐλάτωνι, ἐκρύφθη, καὶ Ζεὺς
ἀθάνατον αὐτόν ἐποίησεν.
Ἄδραστον δὲ μόνον ἵππος
διέσωσεν Ἀργείων: τοῦτον ἐκ
Ποσειδῶνος ἐγέννησε Δημήτηρ
εἰκασθεῖσα ἐρινύι κατὰ τὴν
συνουσίαν.

3.7.1

Κρέων δὲ τὴν Θηβαίων βασιλείαν
παραλαβὼν τοὺς τῶν Ἀργείων
νεκροὺς ἔρριψεν ἀτάφους, καὶ
κηρύξας μηδένα θάπτειν
φύλακας κατέστησεν. Ἀντιγόνη
δέ, μία τῶν Οἰδίποδος θυγατέρων,
κρύφα τὸ Πολυνείκους σῶμα
κλέψασα ἔθαψε, καὶ φωραθεῖσα
ὑπὸ Κρέοντος αὐτοῦ τῷ τάφῳ
ζῶσα ἐνεκρύφθη.

Tideu caiu quase morto,
enquanto Atena levou até ele um
remédio, que obtivera com Zeus, com
o qual ela tinha a intenção de torná-lo
imortal. Anfiarau percebeu isso e como
odiava Tideu por este tê-lo contrariado
e convencido os argivos a marchar
contra Tebas, cortou a cabeça de
Melanipo e a deu para Tideu, que
mesmo ferido o havia matado. Tideu
abriu a cabeça e comeu o cérebro. Ao
ver aquilo, enojada, Atena se recusou a
dar o benefício pretendido e o guardou.
Quando Anfiarau fugia para o rio
Ismeno, antes que fosse ferido nas
costas por Periclimeno, Zeus, lançando
um raio, dividiu a terra. Anfiarau
desapareceu com sua carruagem e com
seu coxeiro Báton, ou segundo alguns,
Élaton. Zeus o fez imortal. Somente
Adrasto foi salvo pelo seu cavalo
Árion, animal que na forma de uma
Fúria, Deméter gerou de Poseidon, ao
deitar-se com ele.

3.7.1

Quando Creonte assumiu o
reino dos tebanos, desenterrou os
corpos dos argivos, anunciou que
ninguém os enterraria e estabeleceu
vigias. Antígona, uma das filhas de
Édipo, secretamente, roubou o corpo
de Polinices e o enterrou, mas,
surpreendida pelo próprio Creonte, foi
enterrada viva numa tumba.

Ἄδραστος δὲ εἰς Ἀθήνας
ἀφικόμενος ἐπὶ τὸν ἐλέου βωμὸν
κατέφυγε, καὶ ἱκετηρίαν θεῖς
ἠξίου θάπτειν τοὺς νεκρούς. οἱ δὲ
Ἀθηναῖοι μετὰ Θησέως
στρατεύσαντες αἰροῦσι Θήβας
καὶ τοὺς νεκρούς τοῖς οἰκείοις
διδόασι θάψαι. τῆς Καπανέως δὲ
καιομένης πυρᾶς, Εὐάδνη, ἡ
Καπανέως μὲν γυνὴ θυγάτηρ δὲ
Ἴφιος, ἑαυτὴν ἐμβαλοῦσα
συγκατεκαίετο.

3.7.2

μετὰ δὲ ἔτη δέκα οἱ τῶν
ἀπολομένων παῖδες, κληθέντες
ἐπίγονοι, στρατεύειν ἐπὶ Θήβας
προηροῦντο, τὸν τῶν πατέρων
θάνατον τιμωρήσασθαι
βουλόμενοι. καὶ μαντευομένοις
αὐτοῖς ὁ θεὸς ἐθέσπισε νίκην
Ἀλκμαίωνος ἡγουμένου. ὁ μὲν
οὖν Ἀλκμαίων ἠγεῖσθαι τῆς
στρατείας οὐ βουλόμενος πρὶν
τίσασθαι τὴν μητέρα, ὅμως
στρατεύεται: λαβοῦσα γὰρ
Ἐριφύλη παρὰ Θερσάνδρου τοῦ
Πολυνείκουσ τὸν πέπλον
συνέπεισε καὶ τοὺς παῖδας
στρατεύεσθαι. οἱ δὲ ἡγεμόνα
Ἀλκμαίωνα ἐλόμενοι Θήβας
ἐπολέμουν. ἦσαν δὲ οἱ
στρατευόμενοι οἶδε: Ἀλκμαίων
καὶ Ἀμφίλοχος Ἀμφιαράου,
Αἰγιαλεὺς Ἀδράστου, Διομήδης
Τυδέως, Πρόμαχος
Παρθενοπαίου, Σθένελος
Καπανέως, Θέρσανδρος
Πολυνείκουσ, Εὐρύαλος
Μηκιστέως.

Ao chegar a Atenas, Adrasto se
refugiou no altar da Piedade e,
colocando um ramo de oliveira sobre
ele, rogou para enterrarem os mortos.
Os atenienses, junto com Teseu,
marcharam em guerra, tomaram Tebas
e entregaram os mortos aos parentes
para que os enterrassem. Enquanto a
pira de Capaneu ardia em chamas,
Evadne, sua esposa, filha de Ífis, jogou
a si própria na pira, e foi cremada junto
com o marido.

3.7.2

Dez anos depois, os filhos dos
derrotados, chamados de Epígonos,
decidiram marchar em guerra contra
Tebas, desejando vingar a morte de
seus pais. Quando consultaram um
oráculo, o deus Ihes previu a vitória se
levassem Alcmeão como comandante,
quem aceitou liderar o exército e se
juntou à expedição. Antes, contudo, ele
não desejava punir sua mãe, pois
Erífile recebera a túnica e o colar de
Tersandro, filho de Polinices, mesmo
assim convenceu os filhos a ir para a
guerra. Escolhido Alcemeão como líder,
os Epígonos guerream com Tebas.
Os homens do exército eram os
seguintes: Alcmeão e Anfíloco, filhos
de Anfiarau; Egialeu, filho de Adrasto;
Diomedes, filho de Tideu; Prômaco,
filho de Partenopeu; Estéleno, filho de
Capaneu; Tersandro, filho de Polinices
e Eurfalo, filho de Mecisteu.

3.7.3

οὔτοι πρῶτον μὲν πορθοῦσι τὰς
πέριξ κώμας, ἔπειτα τῶν
Θηβαίων ἐπελθόντων
Λαοδάμαντος τοῦ Ἐτεοκλέους
ἡγουμένου γενναίως μάχονται.
καὶ Λαοδάμας μὲν Αἰγιαλέα
κτείνει, Λαοδάμαντα δὲ
Ἀλκμαίων. καὶ μετὰ τὸν τούτου
θάνατον Θηβαῖοι συμφεύγουσιν
εἰς τὰ τεῖχη. Τειρεσίου δὲ
εἰπόντος αὐτοῖς πρὸς μὲν
Ἀργεῖους κήρυκα περὶ διαλύσεως
ἀποστέλλειν, αὐτοὺς δὲ φεύγειν,
πρὸς μὲν τοὺς πολεμίους κήρυκα
πέμπουσιν, αὐτοὶ δὲ
ἀναβιβάσαντες ἐπὶ τὰς ἀπήνας
τέκνα καὶ γυναῖκας ἐκ τῆς
πόλεως ἔφευγον. νύκτωρ δὲ ἐπὶ
τὴν λεγομένην Τιλφοῦσσαν
κρήνην παραγενομένων αὐτῶν,
Τειρεσίας ἀπὸ ταύτης πιὼν αὐτοῦ
τὸν βίον κατέστρεψε. Θηβαῖοι δὲ
ἐπὶ πολὺ διελθόντες πόλιν
Ἔστιαίαν κτίσαντες κατώκησαν.

3.7.4

Ἀργεῖοι δὲ ὕστερον τὸν δρασμὸν
τῶν Θηβαίων μαθόντες εἰσίασιν
εἰς τὴν πόλιν, καὶ συναθροίζουσι
τὴν λείαν, καὶ καθαιροῦσι τὰ
τεῖχη. τῆς δὲ λείας μέρος εἰς
Δελφοὺς πέμπουσιν Ἀπόλλωνι
καὶ τὴν Τειρεσίου θυγατέρα
Μαντώ: ἠὔξαντο γὰρ αὐτῷ
Θήβας ἐλόντες τὸ κάλλιστον τῶν
λαφύρων ἀναθήσειν.

Os Epígonos primeiro destruíram as vilas ao redor, depois lutaram bravamente contra os tebanos, que vieram ao seu encontro, liderados pelo filho de Etéocles, Laodamas, que matou Egialeu, e quem Alcmeão matou. Depois da morte dele, os tebanos se refugiaram nos muros. Tirésias, então, disse-lhes para enviar um arauto para pactuar com os argivos e que fugissem. Os tebanos enviaram um arauto até os inimigos, montaram seus filhos e esposas em carruagens e fugiram da cidade. À noite, chegaram à fonte chamada Tilfusa e Tirésias, ao beber daquela água, morreu. Depois de vagarem por muito tempo, os tebanos fundaram a cidade de Hestiéia e passaram a morar lá.

3.7.4

Mais tarde, ao ficar sabendo da fuga dos tebanos, os argivos entraram na cidade, recolheram o butim e derrubaram os muros. Uma parte da pilhagem enviaram a Apolo, em Delfos, e junto, Manto, a filha de Tirésias, uma vez que, tomada a cidade de Tebas, prometeram ao deus dedicar-lhe o melhor dos despojos.

3.7.5

μετὰ δὲ τὴν Θηβῶν ἄλωσιν
αἰσθόμενος Ἀλκμαίων καὶ ἐπ'
αὐτῷ δῶρα εἰληφυῖαν Ἐριφύλην
τὴν μητέρα μάλλον ἠγανάκτησε,
καὶ χρῆσαντος Ἀπόλλωνος αὐτῷ
τὴν μητέρα ἀπέκτεινεν. ἔνιοι μὲν
λέγουσι σὺν Ἀμφιλόχῳ τῷ
ἀδελφῷ κτείνειν τὴν Ἐριφύλην,
ἔνιοι δὲ ὅτι μόνος. Ἀλκμαίωνα δὲ
μετῆλθεν ἐρινὺς τοῦ μητρῶου
φόνου, καὶ μεμηνῶς πρῶτον μὲν
εἰς Ἀρκαδίαν πρὸς Οἰκλέα
παραγίνεται, ἐκεῖθεν δὲ εἰς
Ψωφίδα πρὸς Φηγέα. καθαρθεὶς
δὲ ὑπ' αὐτοῦ Ἀρσινόην γαμεῖ τὴν
τούτου θυγατέρα, καὶ τὸν τε
ὄρμον καὶ τὸν πέπλον ἔδωκε
ταύτῃ. γενομένης δὲ ὕστερον τῆς
γῆς δι' αὐτὸν ἀφόρου, χρῆσαντος
αὐτῷ τοῦ θεοῦ πρὸς Ἀχελῶν
ἀπιέναι καὶ παρ' ἐκεῖνον
παλινδικίαν λαμβάνειν, τὸ μὲν
πρῶτον πρὸς Οἰνέα παραγίνεται
εἰς Καλυδῶνα καὶ ξενίζεται παρ'
αὐτῷ, ἔπειτα ἀφικόμενος εἰς
Θεσπρωτοὺς τῆς χώρας
ἀπελαύνεται. τελευταῖον δὲ ἐπὶ
τὰς Ἀχελῶου πηγὰς
παραγενόμενος καθαίρεται τε
ὑπ' αὐτοῦ καὶ τὴν ἐκείνου
θυγατέρα Καλλιρρόην λαμβάνει,
καὶ ὄν Ἀχελῶος προσέχωσε
τόπον κτίσας κατώκησε.

3.7.5

Depois da captura de Tebas,
Alcmeão irritou-se ainda mais quando
soube que sua mãe Erifile havia sido
subornada para causar a ruína dele e,
seguindo um oráculo que Apolo lhe
proferira, matou sua própria mãe.
Alguns contam que ele matou Erifile
com a ajuda do irmão dele Anfíloco,
mas para outros, fez isso sozinho. A
Fúria do assassinato de sua mãe foi até
Alcmeão e, enlouquecido, ele primeiro
foi até Ecles, na Arcádia, e de lá até
Fegeu, na Psofida. Purificado por
Fegeu, casou-se com a filha dele,
Arsíone, e lhe deu o colar e a túnica.
Mais tarde, por causa de Alcmeão, a
terra tornou-se infértil, e o deus lhe
ordenou com um oráculo para que
fosse até o Anqueloo e junto a ele
recebesse um novo julgamento. Assim,
Alcmeão primeiro se dirigiu a Eneu,
em Cálidon, e foi hospedado por ele.
Depois, chegou até os tesprotos, mas
foi expulso do país. Finalmente chegou
às fontes do Aqueloo, por quem foi
purificado. Recebeu como esposa a
filha dele Calíroo e depois de
colonizar a terra que Aquelôo
assoreou, passou a morar lá.

Καλλιρρόης δὲ ὕστερον τὸν τε
ὄρμον καὶ τὸν πέπλον
ἐπιθυμούσης λαβεῖν, καὶ
λεγούσης οὐ συνοικήσειν αὐτῷ εἰ
μὴ λάβοι ταῦτα, παραγενόμενος
εἰς Ψωφίδα Ἀλκμαίων Φηγεῖ
λέγει τεθεσπίσθαι τῆς μανίας
ἀπαλλαγὴν ἑαυτῷ, τὸν ὄρμον
ὅταν εἰς Δελφοὺς κομίσας ἀναθῆ
καὶ τὸν πέπλον. ὁ δὲ πιστεύσας
δίδωσι μηνύσαντος δὲ
θεράποντος ὅτι Καλλιρρόη ταῦτα
λαβὼν ἐκόμιζεν, ἐνεδρευθεὶς ὑπὸ
τῶν Φηγέως παίδων ἐπιτάξαντος
τοῦ Φηγέως ἀναιριεῖται. Ἀρσινόην
δὲ μεμφομένην οἱ τοῦ Φηγέως
παῖδες ἐμβιβάσαντες εἰς λάρνακα
κομίζουσιν εἰς Τεγέαν καὶ διδόασιν
δούλην Ἀγαπήνορι,
καταψευσάμενοι αὐτῆς τὸν
Ἀλκμαίωνος φόνον.

3.7.6

Καλλιρρόη δὲ τὴν Ἀλκμαίωνος
ἀπώλειαν μαθοῦσα,
πλησιάζοντος αὐτῇ τοῦ Διός,
αἰτεῖται τοὺς γεγεννημένους
παῖδας ἐξ Ἀλκμαίωνος αὐτῇ
γενέσθαι τελείους, ἵνα τὸν τοῦ
πατρὸς τίσωνται φόνον.
γενόμενοι δὲ ἐξαίφνης οἱ παῖδες
τέλειοι ἐπὶ τὴν ἐκδικίαν τοῦ
πατρὸς ἐξήεσαν.

Mais tarde, com o intuito de
obter o colar e a túnica, Calírooe disse
que não se deitaria com Alcmeão, caso
não lhe desse ambos. Ele, por sua vez,
foi até Fegeu, na Psófida, a quem disse
que fora previsto o fim de sua loucura
quando levasse o colar e a túnica para
Delfos como oferenda. Acreditando
nele, Fegeu entregou os objetos, mas
um criado seu lhe revelou que
Alcmeão os levava para Calírooe e, por
isso, foi pego e morto numa
emboscada pelos filhos de Fegeu, sob
as ordens do pai. Ademais, os filhos de
Fegeu colocaram Arsíone, que os
reprendera, dentro de uma urna,
levaram-na até Tegeu e a entregaram
como escrava para Agapenor,
acusando-a falsamente pelo assassinato
de Alcmeão.

3.7.6

Calírooe soube da morte de
Alcmeão e, uma vez cortejada por
Zeus, pediu para que os filhos que
tivera com o marido ficassem adultos,
para vingarem a morte do pai.
Subitamente crescidos, os filhos foram
vingá-lo.

κατὰ τὸν αὐτὸν δὲ καιρὸν οἱ τε
Φηγέως παῖδες Πρόνοος καὶ
Ἀγήνωρ, εἰς Δελφοὺς κομίζοντες
ἀναθεῖναι τὸν ὄρμον καὶ τὸν
πέπλον, καταλύουσι πρὸς
Ἀγαπήνορα, καὶ οἱ τοῦ
Ἀλκμαίωτος παῖδες Ἀμφότερός
τε καὶ Ἀκαρνάν: καὶ ἀνελόντες
τοὺς τοῦ πατρὸς φονέας,
παραγενόμενοί τε εἰς Ψωφίδα καὶ
παρελθόντες εἰς τὰ βασιλεία τὸν
τε Φηγέα καὶ τὴν γυναῖκα αὐτοῦ
κτείνουσι. διωχθέντες δὲ ἄχρι
Τεγέας ἐπιβοηθησάντων
Τεγεατῶν καὶ τινῶν Ἀργείων
ἔσώθησαν, εἰς φυγὴν τῶν
Ψωφιδίων τραπέντων.

3.7.7

δηλώσαντες δὲ τῇ μητρὶ ταῦτα,
τὸν τε ὄρμον καὶ τὸν πέπλον
ἔλθόντες εἰς Δελφοὺς ἀνέθεντο
κατὰ πρόσταξιν Ἀχελῷου.
πορευθέντες δὲ εἰς τὴν Ἥπειρον
συναθροίζουσιν οἰκήτορας καὶ
κτίζουσιν Ἀκαρνανίαν.

Εὐριπίδης δὲ φησιν Ἀλκμαίωνα
κατὰ τὸν τῆς μανίας χρόνον ἐκ
Μαντοῦς Τειρεσίου παιδας δύο
γεννησάσθαι, Ἀμφίλοχον καὶ
θυγατέρα Τισιφόνην, κομίσαντα
δὲ εἰς Κόρινθον τὰ βρέφη δοῦναι
τρέφειν Κορινθίων βασιλεῖ
Κρέοντι, καὶ τὴν μὲν Τισιφόνην
διενεγκοῦσαν εὐμορφία ὑπὸ τῆς
Κρέοντος γυναικὸς
ἀπεμποληθῆναι, δεδοικυίας μὴ
Κρέων αὐτὴν γαμετὴν ποιήσεται.

Na mesma oportunidade, os
filhos de Fegeu, Prônoo e Agenor,
levando o colar e a túnica para oferecê-
los em Delfos, hospedaram-se na casa
de Agapenor, junto com os filhos de
Alcmeão, Anfótero e Acarna, que
mataram os assassinos de seu pai,
chegaram à Psófida e entrando no
palácio, mataram Fegeu e sua esposa.
Perseguidos até a Tegéia, foram salvos
pela ajuda dos tegeanos e de alguns
argivos, enquanto os psófidos fugiram.

3.7.7

Relatado tudo isso a sua mãe,
foram para Delfos e ofereceram o colar
e a túnica, em cumprimento à ordem
de Aqueloo. Partindo para Epiro,
reuniram colonos e povoaram a
Acarânia.

Eurípides conta que Alcmeão,
durante sua loucura, de Manto, filha de
Tirésias, teve um casal de filhos,
Anfiloco e Tisífone; levou os recém-
nascidos para Corinto e os entregou
para o rei dos corintos, Creonte, criá-
los. Tisífone, contudo, como excedia
em beleza, foi vendida pela mulher de
Creonte, temendo que ele fizesse dela
sua esposa.

τὸν δὲ Ἀλκμαίωνα ἀγοράσαντα
ταύτην ἔχειν οὐκ εἰδότα τὴν
ἑαυτοῦ θυγατέρα θεράπαιναν,
παραγενόμενον δὲ εἰς Κόρινθον
ἐπὶ τὴν τῶν τέκνων ἀπαίτησιν
καὶ τὸν υἱὸν κομίσασθαι. καὶ
Ἀμφίλοχος κατὰ χρησμούς
Ἀπόλλωνος Ἀμφιλοχικὸν Ἄργος
ᾤκισεν.

3.8.1

ἐπανάγωμεν δὲ νῦν πάλιν ἐπὶ τὸν
Πελασγόν, ὃν Ἀκουσίλαος μὲν
Διὸς λέγει καὶ Νιόβης, καθάπερ
ὑπέθεμεν, Ἡσίοδος δὲ
αὐτόχθονα. τούτου καὶ τῆς
Ἰκεανοῦ θυγατρὸς Μελιβοίας, ἣ
καθάπερ ἄλλοι λέγουσι νύμφης
Κυλλήνης, παῖς Λυκάων ἐγένετο,
ὃς βασιλεύων Ἀρκάδων ἐκ
πολλῶν γυναικῶν πεντήκοντα
παῖδας ἐγέννησε: Μελαινεά
Θεσπρωτὸν Ἐλικά Νύκτιμον
Πευκέτιον, Καύκωνα Μηκιστέα
Ὀπλέα Μακαρέα Μάκεδνον,
Ὀρον Πόλιχον Ἀκόντην
Εὐαίμονα Ἀγκύορα, Ἀρχεβάτην
Καρτέρωνα Αἰγαίωνα Πάλλαντα
Εὐμόνα, Κάνηθον Πρόθοον Λίνον
Κορέθοντα Μαίναλον, Τηλεβόαν
Φύσιον Φάσσον Φθῖον Λύκιον,
Ἀλίφηρον Γενέτορα Βουκολίωνα
Σωκλέα Φινέα, Εὐμήτην
Ἀρπαλέα Πορθέα Πλάτωνα
Αἴμονα, Κύναιθον Λέοντα
Ἀρπάλυκον Ἡραιέα Τιτάναν,
Μαντινέα Κλείτορα Στύμφαλον
Ὀρχομενόν ... οὗτοι πάντας
ἀνθρώπους ὑπερέβαλλον
περηφανία καὶ ἀσεβεία.

Sem saber que era sua própria
filha, Alcmeão a comprou como criada.
Chegando a Corinto para reclamar seus
filhos, trouxe de volta seu filho.
Seguindo oráculos de Apolo, Anfíloco
fundou a Argos Anfíloquia.

3.8.1

Voltemos agora a Pelasgo que,
segundo Acusilau, era filho de Zeus e
Níobe, como supomos, mas de acordo
com Hesíodo era autóctone. Dele e da
filha do Oceano, Melibéia, ou
conforme outros, da ninfa Cilene,
nasceu seu filho Lícon, que reinou
sobre os árcades e de várias mulheres
engendrou cinquenta filhos: Meleneu,
Tesproto, Hélice, Nictimo, Peucétio,
Caucon, Mecisteu, Hopleu, Macareu,
Macedno, Horos, Pólíco, Acontes,
Evemon, Ancior, Arquébatas,
Cárteron, Égeon, Palas, Êumon,
Caneton, Prótoo, Lino, Coretonte,
Mênalo, Téléboas, Fisio, Fasso, Ftio,
Lício, Halifero, Genetor, Bucólion,
Socleu, Fineu, Eumetes, Harpaleu,
Porteu, Platão, Hêmon, Cineto, Leon,
Harpálico, Hereeu, Titanas, Mantineu,
Clítor, Estínfalo, Orcómeno... Todos
esses superavam os homens em
orgulho e impiedade.

Ζεὺς δὲ αὐτῶν βουλόμενος τὴν
ἀσέβειαν πειρᾶσαι εἰκασθεὶς
ἀνδρὶ χερνήτη παραγίνεται. οἱ δὲ
αὐτὸν ἐπὶ ξένια καλέσαντες,
σφάξαντες ἓνα τῶν ἐπιχωρίων
παῖδα, τοῖς ἱεροῖς τὰ τούτου
σπλάγχνα συναναμίξαντες
παρέθεσαν, συμβουλεύσαντος
τοῦ πρεσβυτέρου ἀδελφοῦ
Μαινάλου. Ζεὺς δὲ μυσσάμενος τὴν
μὲν τραπέζαν ἀνέτρεψεν, ἔνθα
νῦν Τραπεζοῦς καλεῖται ὁ τόπος,
Λυκάονα δὲ καὶ τοὺς τούτου
παῖδας ἐκεραύνωσε, χωρὶς τοῦ
νεωπάτου Νυκτίμου: φθάσασα
γὰρ ἡ Γῆ καὶ τῆς δεξιᾶς τοῦ Διὸς
ἐφαψαμένη τὴν ὀργὴν
κατέπαυσε.

3.8.2

Νυκτίμου δὲ τὴν βασιλείαν
παραλαβόντος ὁ ἐπὶ
Δευκαλίωνος κατακλυσμὸς
ἐγένετο. τοῦτον ἔνιοι διὰ τὴν τῶν
Λυκάονος παίδων δυσσέβειαν
εἶπον γεγενῆσθαι.

Εὐμηλος δὲ καὶ τινες ἕτεροι
λέγουσι Λυκάονι καὶ θυγατέρα
Καλλιστῶ γενέσθαι: Ἡσίοδος μὲν
γὰρ αὐτὴν μίαν εἶναι τῶν
νυμφῶν λέγει, Ἄσιος δὲ Νυκτέως,
Φερεκύδης δὲ Κητέως. αὕτη
σύνθηρος Ἀρτέμιδος οὔσα, τὴν
αὐτὴν ἐκείνη στολὴν φοροῦσα,
ᾧμοσεν αὐτῇ μεῖναι παρθένος.
Ζεὺς δὲ ἐρασθεὶς ἀκούση
συνευνάζεται, εἰκασθεὶς, ὡς μὲν
ἔνιοι λέγουσιν, Ἀρτέμιδι, ὡς δὲ
ἔνιοι, Ἀπόλλωνι.

Querendo testar a impiedade
deles, Zeus foi até eles na forma de um
jornaleiro. Eles o receberam como
convidado e, degolando um dos filhos
dos nativos, misturaram-lhe as
estranhas com a vítima dos sacrifícios
e os serviram instigados por Ménalo, o
irmão mais velho. Enojado, Zeus
derrubou a mesa, no lugar agora
chamado de Trapezunte, fulminou com
seu raio Lícon e os filhos dele, com
exceção do caçula Nictimo, pois Gaia,
antecipando-se, deteve a mão direita de
Zeus e lhe acalmou a fúria.

3.8.2

Quando Nictimo assumiu o trono,
ocorreu o dilúvio da era de Deucalião.
Alguns contam que esse dilúvio
aconteceu devido à impiedade dos
filhos de Lícon.

Eumelo e alguns outros
afirmam que Lícon teve uma filha,
Calisto. Hesíodo conta que ela era uma
das ninfas; Ásio a considera filha de
Nicteu, e Ferecides, de Ceteu. Ela era
companheira de caça de Ártemis,
vestia-se como a deusa e lhe prometera
permanecer virgem. No entanto,
apaixonado por ela, Zeus, assumindo a
forma de Ártemis, segundo alguns, ou
de Apolo, para outros, deitou-se com
ela contra a vontade dela.

βουλόμενος δὲ Ἦραν λαθεῖν εἰς ἄρκτον μετεμόρφωσεν αὐτήν. Ἦρα δὲ ἔπεισεν Ἄρτεμιν ὡς ἄγριον θηρίον κατατοξεῦσαι. εἰσὶ δὲ οἱ λέγοντες ὡς Ἄρτεμις αὐτὴν κατετόξευσεν ὅτι τὴν παρθενίαν οὐκ ἐφύλαξεν. ἀπολομένης δὲ Καλλιστοῦς Ζεὺς τὸ βρέφος ἀρπάσας ἐν Ἀρκαδίᾳ δίδωσιν ἀνατρέφειν Μαία, προσαγορεύσας Ἀρκάδα: τὴν δὲ Καλλιστῶ καταστερίσας ἐκάλεσεν ἄρκτον.

3.9.1

Ἀρκάδος δὲ καὶ Λεανείρας τῆς Ἀμύκλου ἢ Μεγανείρας τῆς Κρόκωνος, ὡς δὲ Εὐμηλος λέγει, νύμφης Χρυσοπελείας, ἐγένοντο παῖδες Ἕλατος καὶ Ἀφείδας. οὗτοι τὴν γῆν ἐμερίσαντο, τὸ δὲ πᾶν κράτος εἶχεν Ἕλατος, ὃς ἐκ Λαοδίκης τῆς Κινύρου Στύμφαλον καὶ Περέα τεκνοῖ, Ἀφείδας δὲ Ἄλεον καὶ Σθενέβοιαν, ἣν γαμειῖ Προῖτος. Ἄλεοῦ δὲ καὶ Νεαίρας τῆς Περέως θυγάτηρ μὲν Αὖγη, υἱοὶ δὲ Κηφεὺς καὶ Λυκοῦργος. Αὖγη μὲν οὖν ὑφ' Ἡρακλέους φθαρεῖσα κατέκρουσε τὸ βρέφος ἐν τῷ τεμένει τῆς Ἀθηνᾶς, ἧς εἶχε τὴν ἰερωσύνην.

Desejando escondê-la de Hera, Zeus a transformou em um urso, porém Hera convenceu Ártemis a atirar-lhe flechas, como a um animal selvagem. Há quem diga que Ártemis a flechou porque ela não conservara sua virgindade. Morta Calisto, Zeus pegou o recém-nascido bebê, chamou-o de Árcade e o entregou a Maia, na Arcádia, para criá-lo. Quanto a Calisto, Zeus a colocou junto às estrelas e a chamou de Ursa.

3.9.1

Árcade teve de Leanira, filha de Amiclo, ou de Meganira, filha de Crôcon, ou ainda, segundo Eumelo, da ninfa Crisopélia, dois filhos: Élato e Afidas. Estes repartiram a região, mas Élato detinha todo o poder e de Laódice, filha de Cirino, deu à luz seus filhos Estínfalo e Pereu; enquanto Afidas teve Aleu e Estenebéia, que, por sua vez, casou-se com Preto. De Aleu e Neera, filha de Pereu, nasceram Auge, Cefeu e Licurgo. Auge foi seduzida por Hércules e escondeu seu bebê no templo de Atena, cujo sacerdócio ela mantinha.

ἀκάρπου δὲ τῆς γῆς μενούσης,
καὶ μηνυόντων τῶν χρησμῶν
εἶναί τι ἐν τῷ τεμένει τῆς Ἀθηνᾶς
δυσσέβημα, φωραθειῖσα ὑπὸ τοῦ
πατρὸς παρεδόθη Ναυπλίῳ ἐπὶ
θανάτῳ παρ' οὗ Τεύθρας ὁ
Μυσῶν δυνάστης παραλαβὼν
αὐτὴν ἔγημε. τὸ δὲ βρέφος
ἐκτεθὲν ἐν ὄρει Παρθενίῳ θηλὴν
ὑποσχούσης ἐλάφου Τήλεφος
ἐκλήθη, καὶ τραφεὶς ὑπὸ τῶν
Κορύθου βουκόλων καὶ ζητήσας
τοὺς γονέας ἦκεν εἰς Δελφούς,
καὶ μαθὼν παρὰ τοῦ θεοῦ,
παραγενόμενος εἰς Μυσίαν θετὸς
παῖς Τεύθραντος γίνεται: καὶ
τελευτῶντος αὐτοῦ διάδοχος τῆς
δυναστείας γίνεται.

3.9.2

Λυκούργου δὲ καὶ Κλεοφύλης ἢ
Εὐρυνόμης Ἀγκαῖος καὶ Ἴεπος
καὶ Ἀμφιδάμας καὶ Ἴασος.
Ἀμφιδάμαντος δὲ Μελανίων καὶ
θυγάτηρ Ἀντιμάχη, ἦν Εὐρυσθεὺς
ἔγημεν. Ἴασου δὲ καὶ Κλυμένης
τῆς Μινύου Ἀταλάντη ἐγένετο.
ταύτης ὁ πατὴρ ἀρρένων παίδων
ἐπιθυμῶν ἐξέθηκεν αὐτήν,
ἄρκτος δὲ φοιτῶσα πολλάκις
θηλὴν ἐδίδου, μέχρις οὗ εὐρόντες
κυνηγοὶ παρ' ἑαυτοῖς ἀνέτρεφον.
τελεία δὲ Ἀταλάντη γενομένη
παρθένον ἑαυτὴν ἐφύλαττε, καὶ
θηρεύουσα ἐν ἐρημίᾳ
καθωπλισμένη διετέλει.

Como a terra permanecia
infértil e os oráculos declararam que
havia alguma impiedade no precinto da
deusa Atena, Auge foi descoberta pelo
seu pai e entregue a Náuplio para
matá-la. Dele, Teutras, príncipe dos
mísias, recebeu-a e se casou com ela.
Exposto o bebê no Monte Partênio,
onde a criança foi amamentada por
uma corsa e chamada de Télefo.
Criado pelos pastores de Corito, ele foi
para Delfos à procura de seus pais, e ao
saber do deus sobre o paradeiro deles,
chegou à Mísia, tornou-se filho adotivo
de Teutras e, com a morte deste
sucessor do principado.

3.9.2

De Licurgo e Cleófila, ou
Eurínome, nasceram Anceu, Époco,
Anfidamas e Jaso. De Anfidamas
nasceu Melanión e a filha Antímaca,
com quem Euristeu se casou. De Jaso e
Clímene, filha de Minos, nasceu
Atalanta, cujo pai a expôs, uma vez
que desejava ter filhos homens: mas,
uma urso frequentemente aparecia e a
amamentava, até caçadores a
descobrirem e a levarem consigo. Já
adulta, Atalanta guardava sua
virgindade e enquanto caçava na mata
selvagem mantinha-se sempre armada.

βιάζεσθαι δὲ αὐτὴν ἐπιχειροῦντες
 Κένταυροι Ῥοϊκός τε καὶ Ὑλαῖος
 κατατοξευθέντες ὑπ' αὐτῆς
 ἀπέθανον. παρεγένετο δὲ μετὰ
 τῶν ἀριστέων καὶ ἐπὶ τὸν
 Καλυδώνιον κάπρον, καὶ ἐν τῷ
 ἐπὶ Πελία τεθέντι ἀγῶνι
 ἐπάλαισε Πηλεΐ καὶ ἐνίκησεν.
 ἀνευροῦσα δὲ ὕστερον τοὺς
 γονέας, ὡς ὁ πατὴρ γαμεῖν αὐτὴν
 ἔπειθεν. ἀπιούσα εἰς σταδιαῖον
 τόπον καὶ πήξασα μέσον
 σκόλοπα τρίπηχυν, ἐντεῦθεν τῶν
 μνηστευομένων τοὺς δρόμους
 προιεῖσα ἐτρόχαζε
 καθωπλισμένη: καὶ
 καταληφθέντι μὲν αὐτοῦ
 θάνατος ὠφέιλετο, μὴ
 καταληφθέντι δὲ γάμος. ἤδη δὲ
 πολλῶν ἀπολομένων Μελανίων
 αὐτῆς ἐρασθεῖς ἦκεν ἐπὶ τὸν
 δρόμον, χρύσεια μῆλα κομίζων
 παρ' Ἀφροδίτης, καὶ διωκόμενος
 ταῦτα ἔρριπτεν. ἡ δὲ ἀναιρουμένη
 τὰ ῥιπτόμενα τὸν δρόμον
 ἐνίκηθη. ἔγημεν οὖν αὐτὴν
 Μελανίων. καὶ ποτε λέγεται
 θηρεύοντας αὐτοὺς εἰσελθεῖν εἰς
 τὸ τέμενος Διός, κάκεϊ
 συνουσιάζοντας εἰς λέοντας
 ἀλλαγῆναι. Ἡσίοδος δὲ καὶ τινες
 ἕτεροι τὴν Ἀταλάντην οὐκ Ἰάσου
 ἀλλὰ Σχοινέως εἶπον, Εὐριπίδης
 δὲ Μαινάλου, καὶ τὸν γήμαντα
 αὐτὴν οὐ Μελανίωνα ἀλλὰ
 Ἴππομένην. ἐγέννησε δὲ ἐκ
 Μελανίωνος Ἀταλάντη ἢ Ἄρεος
 Παρθενοπαῖον, ὃς ἐπὶ Θήβας
 ἐστρατεύσατο.

Os centauros Reco e Hileu tentaram agarrá-la à força, mas morreram flechados por ela. Junto com bravos homens, Atalanta partiu em busca do javali de Calídon, e nos jogos em honra a Pélias, lutou corpo a corpo com Peleu e venceu. Mais tarde, encontrou seus pais, porém seu pai a persuadiu a casar-se. Atalanta, então, foi até um lugar propício para um estádio e, fincando uma clava de três côvados ali no meio, enviava seus pretendentes para uma corrida. Ela, por sua vez, corria atrás deles com suas armas: aquele que fosse pego pagaria com a morte, caso contrário, conquistaria sua mão em casamento.

Depois que muitos haviam morrido, Melanión se apaixonou por ela e foi participar da corrida. Levando maçãs douradas recebidas de Afrodite, jogava-as enquanto era perseguido. Assim, Atalanta foi vencida na prova, porque ficava recolhendo as maçãs arremessadas, e Melanión casou-se com ela. Conta-se que naquela época, durante uma caçada, os dois foram até um templo de Zeus e, por terem feito sexo lá, foram transformados em leões. Hesíodo e alguns outros dizem que Atalanta não era filha de Jaso, mas de Esqueneu. Para Eurípides, ela não só era filha de Menalo, como seu marido não fora Melanión, mas Hipomenes. De Melanión, ou de Ares, Atalanta deu à luz Partenopeu, que marchou contra Tebas.

3.10.1

Ἄτλαντος δὲ καὶ τῆς Ὠκεανοῦ
Πληιόνης ἐγένοντο θυγατέρες
ἑπτὰ ἐν Κυλλήνῃ τῆς Ἀρκαδίας,
αἱ Πληιάδες προσαγορευθεῖσαι,
Ἀλκυόνῃ Μερόπῃ Κελαινῶ
Ἡλέκτρῃ Στερόπῃ Ταυγέτῃ Μαΐᾳ.
τούτων Στερόπῃν μὲν Οἰνόμαος
ἔγημε, Σίσυφος δὲ Μερόπῃν. δυσι
δὲ ἐμίχθη Ποσειδῶν, πρώτη μὲν
Κελαινοῖ, ἐξ ἧς Λύκος ἔγεντο, ὃν
Ποσειδῶν ἐν μακάρων ᾤκισε
νήσοις, δευτέρῃ δὲ Ἀλκυόνῃ, ἣ
θυγατέρα μὲν ἐτέκνωσεν
Αἴθουσαν τὴν Ἀπόλλωνι
Ἐλευθῆρα τεκοῦσαν, υἱοὺς δὲ
Υἱοῖα καὶ Υπερήνορα. Υἱοῖως
μὲν οὖν καὶ Κλονίης νύμφης
Νυκτεὺς καὶ Λύκος, Νυκτέως δὲ
καὶ Πολυξοῦς Ἀντιόπῃ, Ἀντιόπῃς
δὲ καὶ Διὸς Ζῆθος καὶ Ἀμφίων.
ταῖς δὲ λοιπαῖς Ἀτλαντίσι Ζεὺς
συνουσιάζει.

3.10.2

Μαΐα μὲν οὖν ἡ πρεσβυτάτη Διὶ
συνελθοῦσα ἐν ἄντρῳ τῆς
Κυλλήνης Ἐρμῆν τίκτει. οὗτος ἐν
σπαργάνοις ἐπὶ τοῦ λίκνου
κεείμενος, ἐκδὺς εἰς Πιερίαν
παραγίνεται, καὶ κλέπτει βόας ἅς
ἔνεμεν Ἀπόλλων. ἵνα δὲ μὴ
φωραθεῖ ὑπὸ τῶν ἰχνῶν,
ὑποδήματα τοῖς ποσὶ περιέθηκε,
καὶ κομίσας εἰς Πύλον τὰς μὲν
λοιπὰς εἰς σπήλαιον ἀπέκρυψε,
δύο δὲ καταθύσας τὰς μὲν
βύρσας πέτραις καθήλωσε, τῶν
δὲ κρεῶν τὰ μὲν κατηνάλωσεν
ἐψήσας τὰ δὲ κατέκαυσε: καὶ
ταχέως εἰς Κυλλήνην ᾤχετο.

3.10.1

De Atlas e Plêione, filha do
Oceano, nasceram suas sete filhas em
Cilene, na Arcádia, as chamadas
Plêiades: Alcíone, Mérope; Celeno;
Electra; Estérope; Taígeta e Maia.
Dessas, Estérope casou-se com
Enomeu, e Sísifo, com Mérope.
Poseidon se deitou com duas delas,
primeiro com Celeno, da qual nasceu
Lico, quem Poseidon enviou para
morar nas Ilhas dos Abençoados; e
segundo, Alcíone, quem deu à luz
Actusa, que de Apolo engenderou
Elêuter, e seus filhos Hirieu e
Hiperenor. De Hirieu e da ninfa Clônie
nasceram Nictéu e Lico; de Nictéu e
Polixo, Antíope; desta e de Zeus
nasceram Zeto e Anfion. E Zeus se
deitou com as demais filhas de Atlas.

3.10.2

Maia, a filha mais velha, como
fruto da relação com Zeus, deu à luz
Hermes em uma caverna em Cilene.
Este, envolto em fraldas de ciranda,
desatou-as, foi para Pieria e roubou as
vacas que Apolo pastoreava. Para que
não fosse descoberto pelas pegadas,
calçou sandálias, levou-as para Pilo e
escondeu as demais numa caverna.
Sacrificou duas vacas e pregou as peles
nas rochas; quanto à carne, parte
ferveu e comeu, parte queimou; e
rapidamente regressou a Cilene.

καὶ εὐρίσκει πρὸ τοῦ ἄντρου
νεμομένην χελώνην. ταύτην
ἐκκαθάρας, εἰς τὸ κύτος χορδὰς
ἐντεΐνας ἐξ ὧν ἔθυσσε βοῶν καὶ
ἐργασάμενος λύραν εὔρε καὶ
πληκτρον. Ἀπόλλων δὲ τὰς βόας
ζητῶν εἰς Πύλον ἀφικνεῖται, καὶ
τοὺς κατοικοῦντας ἀνέκρινεν. οἱ
δὲ ἰδεῖν μὲν παῖδα ἐλαύνοντα
ἔφασκον, οὐκ ἔχειν δὲ εἰπεῖν ποῖ
ποτε ἠλάθησαν διὰ τὸ μὴ εὐρεῖν
ἶχνος δύνασθαι. μαθῶν δὲ ἐκ τῆς
μαντικῆς τὸν κεκλοφότα πρὸς
Μαῖαν εἰς Κυλλήνην
παραγίνεται, καὶ τὸν Ἑρμῆν
ἠτιᾶτο. ἡ δὲ ἐπέδειξεν αὐτὸν ἐν
τοῖς σπαργάνοις. Ἀπόλλων δὲ
αὐτὸν πρὸς Δία κομίσας τὰς βόας
ἀπήτει. Διὸς δὲ κελεύοντος
ἀποδοῦναι ἠρνεῖτο. μὴ πείθων δὲ
ἄγει τὸν Ἀπόλλωνα εἰς Πύλον
καὶ τὰς βόας ἀποδίδωσιν.
ἀκούσας δὲ τῆς λύρας ὁ Ἀπόλλων
ἀντιδίδωσι τὰς βόας. Ἑρμῆς δὲ
ταύτας νέμων σύριγγα πάλιν
πηξάμενος ἐσύριζεν. Ἀπόλλων δὲ
καὶ ταύτην βουλόμενος λαβεῖν,
τὴν χρυσοῦν ῥάβδον ἐδίδου ἦν
ἐκέκτητο βουκολῶν. ὁ δὲ καὶ
ταύτην λαβεῖν ἀντὶ τῆς σύριγγος
ἠθέλε καὶ τὴν μαντικὴν ἐπελθεῖν:
καὶ δούς διδάσκεται τὴν διὰ τῶν
ψήφων μαντικὴν. Ζεὺς δὲ αὐτὸν
κῆρυκα ἑαυτοῦ καὶ θεῶν
ὑποχθονίων τίθησι.

Em frente à caverna, encontrou
uma tartaruga vagando. Purificando-as,
esticou no casco cordas feitas das
vacas que sacrificou, fez uma lira e
também inventou o plectro.

Procurando por suas vacas,
Apolo foi para Pilo e interrogou os
habitantes, que responderam ter visto
um garoto conduzir os rebanhos, sem
saber para onde foram levadas, porque
não foram capazes de encontrar
rastros. Ao saber do ladrão por meio da
adivinhação, Apolo foi até Maia, em
Cilene, e repreendeu Hermes. Ela,
contudo, mostrou-lhe a criança envolta
em fraldas. Apolo o levou até Zeus e
pediu de volta suas vacas. Embora o
pai dos deuses tenha ordenado a
Hermes devolvê-las, este negou que as
tivesse, porém, sem conseguir
convencê-los, levou Apolo até Pilo e
lhedevolheu os animais. No entanto,
depois que Apolo ouviu o som da lira,
trocou-a por suas vacas. Hermes,
então, pastoreando-as, dessa vez fez
uma flauta de pastor e a tocava.
Desejando obtê-la também, Apolo
ofereceu o caduceu dourado que
recebera enquanto pastoreava. Hermes,
por sua vez, quis não só o caduceu em
troca da flauta como também o dom da
adivinhação. Entregue a flauta,
aprendeu essa arte através de cristais e
Zeus o nomeou seu arauto e também
dos deuses do mundo inferior.

3.10.3

Ταῦγέτη δὲ ἐκ Διὸς ἐγέννησε
 Λακεδαίμονα, ἀφ' οὗ καὶ
 Λακεδαίμων ἡ χώρα καλεῖται.
 Λακεδαίμονος δὲ καὶ Σπάρτης
 τῆς Εὐρώτα, ὅς ἦν ἀπὸ Λέλεγος
 αὐτόχθονος καὶ νύμφης νηίδος
 Κλεοχαρείας, Ἀμύκλας καὶ
 Εὐρυδίκη, ἣν ἔγημεν Ἀκρίσιος.
 Ἀμύκλα δὲ καὶ Διομήδης τῆς
 Λαπίθου Κυνόρτης καὶ Ὑάκινθος.
 τοῦτον εἶναι τοῦ Ἀπόλλωνος
 ἐρώμενον λέγουσιν, ὃν δίσκῳ
 βαλὼν ἄκων ἀπέκτεινε.
 Κυνόρτου δὲ Περιήρης, ὅς γαμει
 Γοργοφόνην τὴν Περσέως,
 καθάπερ Στησίχορος φησι, καὶ
 τίκτει Τυνδάρεων Ἰκάριον
 Ἀφαρέα Λεύκιππον. Ἀφαρέως
 μὲν οὖν καὶ Ἀρήνης τῆς Οἰβάλου
 Λυγκεύς τε καὶ Ἰδας καὶ Πεισος:
 κατὰ πολλοὺς δὲ Ἰδας ἐκ
 Ποσειδῶνος λέγεται. Λυγκεύς δὲ
 ὀξυδερκία διήνεγκεν, ὡς καὶ τὰ
 ὑπὸ γῆν θεωρεῖν. Λευκίππου δὲ
 θυγατέρες ἐγένοντο Ἰλάειρα καὶ
 Φοίβη: ταύτας ἀρπάσαντες
 ἔγημαν Διόσκουροι. πρὸς δὲ
 ταύταις Ἀρσινόην ἐγέννησε.
 ταύτη μίγνυται Ἀπόλλων, ἣ δὲ
 Ἀσκληπιὸν γεννᾷ. τινὲς δὲ
 Ἀσκληπιὸν οὐκ ἐξ Ἀρσινόης τῆς
 Λευκίππου λέγουσιν, ἀλλ' ἐκ
 Κορωνίδος τῆς Φλεγύου ἐν
 Θεσσαλία. καὶ φασιν ἐρασθῆναι
 ταύτης Ἀπόλλωνα καὶ εὐθέως
 συνελθεῖν: τὴν δὲ παρὰ τὴν τοῦ
 πατρὸς γνώμην ἐλομένην Ἴσχυϊ
 τῷ Καινέως ἀδελφῷ συνοικεῖν.

3.10.3

De Zeus Taigeta deu à luz
 Lacedêmon, por causa do qual o país
 Lacademônia é assim chamado. De
 Lacedêmon e Esparta, filha de Eurota,
 (filha de Lélegue, um autóctone e da
 ninfa náiaide Cleocária), nasceram
 Amiclas e Eurídice, com quem Acrísio
 se casou. Amiclas e Diomedes, filha de
 Lápitio, tiveram dois filhos, Cinortas e
 Jacinto. Este, segundo dizem, era uma
 paixão de Apolo, que o matou
 involuntariamente jogando-lhe um
 disco. Cinortas teve um filho, Perieres,
 que se casou com Gorgófona, filha de
 Perseu, conforme afirma Estesícoro, e
 deu à luz Tindareu, Icário, Afareu e
 Leucipo. De Afareu e Arene, filha de
 Ébalo, nasceram Linceu, Idas e Piso,
 porém, para muitos, o pai de Idas era
 Poseidon. Linceu destacava-se por
 uma visão aguçada, graças à qual via
 até mesmo o que havia embaixo da
 terra. De Leucipo nasceram suas filhas
 Hiláiria e Febe, mas os Dióscoros as
 raptaram e se casaram com elas. Além
 delas, Leucipo também engendrou
 Arsínoe, com quem Apolo se deitou, e
 que deu à luz Asclépio, quem, para
 alguns, não era filho de Arsínoe, filha
 de Leucipo, mas de Corônias, filha de
 Flégias, da Tessália. Dizem que Apolo
 se apaixonou e imediatamente se
 deitou com ela que, por sua vez,
 contrária ao julgamento de seu pai,
 preferiu Ísquis, irmão de Ceneu, e foi
 morar com ele.

Απόλλων δὲ τὸν μὲν
 ἀπαγγείλαντα κόρακα
 καταρᾶται, ὄν τεῶς λευκὸν ὄντα
 ἐποίησε μέλανα, αὐτὴν δὲ
 ἀπέκτεινε. καιομένης δὲ αὐτῆς
 ἀρπάσας τὸ βρέφος ἐκ τῆς πυρᾶς
 πρὸς Χείρωνα τὸν Κένταυρον
 ἤνεγκε, παρ' ᾧ καὶ τὴν ἰατρικὴν
 καὶ τὴν κυνηγετικὴν τρεφόμενος
 ἐδιδάχθη. καὶ γενόμενος
 χειρουργικὸς καὶ τὴν τέχνην
 ἀσκήσας ἐπὶ πολὺ οὐ μόνον
 ἐκώλυε τινὰς ἀποθνήσκειν, ἀλλ'
 ἀνήγειρε καὶ τοὺς ἀποθανόντας:
 παρὰ γὰρ Ἀθηνᾶς λαβὼν τὸ ἐκ
 τῶν φλεβῶν τῆς Γοργόνης ῥυέν
 αἷμα, τῷ μὲν ἐκ τῶν ἀριστερῶν
 ῥυέντι πρὸς φθορὰν ἀνθρώπων
 ἐχρῆτο, τῷ δὲ ἐκ τῶν δεξιῶν πρὸς
 σωτηρίαν, καὶ διὰ τούτου τοὺς
 τεθνηκότας ἀνήγειρεν. εὖρον δὲ
 τινὰς λεγομένους ἀναστήναι ὑπ'
 αὐτοῦ, Καπανέα καὶ Λυκοῦργον,
 ὡς Στησίχορος φησιν ἐν Ἐριφύλῃ,
 Ἰππόλυτον, ὡς ὁ τὰ Ναυπακτικὰ
 συγγράψας λέγει, Τυνδάρεων, ὡς
 φησι Πανύασις, Ὑμέναιον, ὡς οἱ
 Ὀρφικοὶ λέγουσι, Γλαῦκον τὸν
 Μίνωος, ὡς Μελησαγόρας λέγει.

3.10.4

Ζεὺς δὲ φοβηθεὶς μὴ λαβόντες
 ἄνθρωποι θεραπείαν παρ' αὐτοῦ
 βοηθῶσιν ἀλλήλοις,
 ἐκεραύνωσεν αὐτόν. καὶ διὰ
 τοῦτο ὀργισθεὶς Απόλλων κτείνει
 Κύκλωπας τοὺς τὸν κεραυνὸν Διὶ
 κατασκευάσαντας. Ζεὺς δὲ
 ἐμέλλησε ῥίπτειν αὐτόν εἰς
 Τάρταρον, δεηθείσης δὲ Λητοῦς
 ἐκέλευσεν αὐτὸν ἐνιαυτὸν ἀνδρὶ
 θητεῦσαι.

Apolo amaldiçoou o corvo que
 lhe trouxe essa notícia: fê-lo preto ao
 invés de branco e matou Corônis.
 Enquanto ela queimava, Apolo
 arrebatou da pira o bebê dela e o levou
 ao centauro Quíron, que o criou e
 instruiu na arte da medicina e da caça.
 Já cirurgião e dedicado a essa técnica,
 não só evitava que alguns morressem,
 como também revivia os mortos. Ele
 recebera de Atena o sangue que fluía
 das veias da Górgona e enquanto usava
 o da veia esquerda para a destruição
 dos homens, usava o da direita para a
 salvação e por meio desse método
 ressuscitava os mortos. Eu encontrei
 alguns relatos sobre pessoas
 ressuscitadas por ele, como Canapeu e
 Licurgo, conforme Estesícoro conta em
Erifile, Hipólito, de acordo com o que
 está escrito nas *Naupáticas*, Tindareu,
 segundo narra Paníasis, Himeneu, de
 acordo com o que contam os poemas
 órficos, e Glauco, filho de Minos,
 segundo conta Meleágoras.

3.10.4

No entanto, com receio de que
 os homens obtivessem junto a ele o
 poder da cura e ajudassem uns aos
 outros, Zeus o fulminou com seu raio.
 Furioso por causa disso, Apolo matou
 os Ciclopes, que forjaram o raio a
 Zeus, que estava prestes a jogá-lo no
 Tártaro, mas conteve-se, a pedido de
 Leto, e ordenou ao deus da música
 servir por um ano como escravo de um
 homem.

ὁ δὲ παραγενόμενος εἰς Φεράς
πρὸς Ἄδμητον τὸν Φέρητος τούτῳ
λατρεύων ἐποίμαινε, καὶ τὰς
θηλείας βόας πάσας
διδυμοτόκους ἐποίησεν.

εἰσὶ δὲ οἱ λέγοντες Ἀφαρέα μὲν
καὶ Λεύκιππον ἐκ Περιήρου
γενέσθαι τοῦ Αἰόλου, Κυνόρτου
δὲ Περιήρην, τοῦ δὲ Οἰβάλου,
Οἰβάλου δὲ καὶ νηίδος νύμφης
Βατείας Τυνδάρεων Ἴπποκόωντα
Ἰκάριον.

3.10.5

Ἴπποκόωντος μὲν οὖν ἐγένοντο
παῖδες Δορυκλεὺς Σκαῖος
Ἐναροφόρος Εὐτείχης Βουκόλος
Λύκαιθος Τέβρος Ἰππόθοος
Εὐρυτος Ἴπποκορυστὴς Ἀλκίνους
Ἄλκων. τούτους Ἴπποκόων ἔχων
παῖδας Ἰκάριον καὶ Τυνδάρεων
ἐξέβαλε Λακεδαίμονος. οἱ δὲ
φεύγουσι πρὸς Θέστιον, καὶ
συμμαχοῦσιν αὐτῷ πρὸς τοὺς
ὀμόρους πόλεμον ἔχοντι: καὶ
γαμῆ Τυνδάρεως Θεστίου
θυγατέρα Λήδαν. αὐθις δέ, ὅτε
Ἡρακλῆς Ἴπποκόωντα καὶ τοὺς
τούτου παῖδας ἀπέκτεινε,
κατέρχονται, καὶ παραλαμβάνει
Τυνδάρεως τὴν βασιλείαν.

Apolo foi até Admeto, filho de Feros, em Feras, e, servindo-o como seu pastor, fez com que todas as vacas parisssem gêmeos.

Alguns afirmam que Afareu e Leucipo eram filhos de Perieres, filho de Éolo, e que Cinortas engendrou Perieres, e este, a Ébalo, que, com uma ninfa náide chamada Bátia, teve os filhos Tindareu, Hipocoonte e Icário.

3.10.5

Hipocoonte teve os seguintes filhos: Doricleu, Esqueu, Enaróforo, Eutique, Búcolo, Liceto, Tebro, Hipótoo, Êurito, Hipocoriste, Alcino e Álcon. Com a ajuda de seus filhos Hipocoonte expulsou Icário e Tindareu da Lacedemônia. Eles fugiram até Téstitio e se aliaram a ele na luta que iniciara com os vizinhos: Tindareu se casou com Leda, filha de Téstitio. Mais tarde, quando Hércules matou Hipocoonte e os filhos dele, retornaram e Tindareu assumiu o trono.

3.10.6

Ἰκαρίου μὲν οὖν καὶ Περιβοίας
νύμφης νηίδος Θόας Δαμάσιππος
Ἰμεύσιμος Ἀλήτης Περίλεως, καὶ
θυγάτηρ Πηνελόπη, ἦν ἔγημεν
Ὀδυσσεύς: Τυνδάρεω δὲ καὶ
Λήδας Τιμάνδρα, ἦν Ἐχεμος
ἔγημε, καὶ Κλυταιμνήστρα, ἦν
ἔγημεν Ἀγαμέμνων, ἔτι τε
Φυλονόη, ἦν Ἄρτεμις ἀθάνατον
ἐποίησε.

3.10.7

Διὸς δὲ Λήδα συνελθόντος
ὁμοιωθέντος κύκνω, καὶ κατὰ τὴν
αὐτὴν νύκτα Τυνδάρεω, Διὸς μὲν
ἐγεννήθη Πολυδεύκης καὶ Ἑλένη,
Τυνδάρεω δὲ Κάστρω καὶ
Κλυταιμνήστρα. λέγουσι δὲ ἔνιοι
Νεμέσεως Ἑλένην εἶναι καὶ Διός.
ταύτην γὰρ τὴν Διὸς φεύγουσαν
συνουσίαν εἰς χῆνα τὴν μορφὴν
μεταβαλεῖν, ὁμοιωθέντα δὲ καὶ
Δία κύκνω συνελθεῖν: τὴν δὲ ὦδον
ἐκ τῆς συνουσίας ἀποτεκεῖν,
τοῦτο δὲ ἐν τοῖς ἄλσεσιν εὐρόντα
τινὰ ποιμένα Λήδα κομίσαντα
δοῦναι, τὴν δὲ καταθεμένην εἰς
λάρνακα φυλάσσειν, καὶ χρόνῳ
καθήκοντι γεννηθεῖσαν Ἑλένην
ὡς ἔξ αὐτῆς θυγατέρα τρέφειν.
γενομένην δὲ αὐτὴν κάλλει
διαπρεπῆ Θησεὺς ἀρπάσας εἰς
Ἀφίδνας ἐκόμισε. Πολυδεύκης δὲ
καὶ Κάστρω ἐπιστρατεύσαντες, ἐν
Ἄιδου Θησέως ὄντος, αἰροῦσι τὴν
πόλιν καὶ τὴν Ἑλένην
λαμβάνουσι, καὶ τὴν Θησέως
μητέρα Αἴθραν ἄγουσιν
αἰχμάλωτον.

3.10.6

De Icário e da ninfa náíade
Peribéia nasceram seus filhos Toas,
Damasipo, Imeusimo, Aletes, Perileu e
sua filha Penélope, com quem Odisseu
se casou. Tindareu e Leda tiveram
Timandra, que se casou com Équemo;
Clitemnestra, quem Agamenon
desposou, e ainda Filónoe, quem
Ártemis tornou imortal.

3.10.7

Na forma de um cisne, Zeus
teve relaões amorosas com Leda e,
naquela noite, Tindareu também. De
Zeus ela deu à luz Pólux e Helena, e
Tindareu engendrou Castor e
Clitemnestra. Alguns afirmam que
Helena era filha de Nêmesis e Zeus,
pois fugindo dos braços do deus,
transformou-se em ganso, mas Zeus,
na forma de um cisne, copulou com
ela. Dessa relação eclodiu um ovo. Um
pastor o encontrou nos bosques, levou-
o consigo e o entregou a Leda, que o
guardou numa arca e vigiou. Quando,
chegado o tempo, nasceu Helena, Leda
a criou como filha. Já adulta e distinta,
Teseu a raptou e a trouxe para Afídna,
mas quando ele estava no Hades, Pólux
e Castor marcharam até lá, tomaram a
cidade, resgataram Helena e levaram
como cativa Etra, mãe de Teseu.

3.10.8

παρεγένοντο δὲ εἰς Σπάρτην ἐπὶ
τὸν Ἑλένης γάμον οἱ
βασιλεύοντες Ἑλλάδος. ἦσαν δὲ
οἱ μνηστευόμενοι οἶδε: Ὀδυσσεὺς
Λαέρτου, Διομήδης Τυδέως,
Ἀντίλοχος Νέστορος, Ἀγαπήνωρ
Ἀγκαίου, Σθένης Καπανέως,
Ἀμφίμαχος Κτεάτου, Θάλπιος
Εὐρύτου, Μέγης Φυλέως,
Ἀμφίλοχος Ἀμφιαράου,
Μενεσθεὺς Πετεώ, Σχεδίος καὶ
Ἐπίστροφος Ἰφίτου, Πολύξενος
Ἀγασθένους, Πηνέλεως
Ἴππαλκίμου, Λήϊτος Ἀλέκτορος,
Αἴας Ὀϊλέως, Ἀσκάλαφος καὶ
Ἰάλμενος Ἄρεος, Ἐλεφήνωρ
Χαλκῶδοντος, Εὐμηλος Ἀδμήτου,
Πολυποίτης Πειρίθου, Λεοντεὺς
Κορώνου, Ποδαιίριος καὶ
Μαχάων Ἀσκληπιοῦ, Φιλοκτήτης
Ποίαντος, Εὐρύπυλος Εὐαίμονος,
Πρωτεσίλαος Ἰφίκλου, Μενέλαος
Ἀτρέως, Αἴας καὶ Τεῦκρος
Τελαμῶνος, Πάτροκλος
Μενοιτίου.

3.10.9

τούτων ὄρων τὸ πλήθος
Τυνδάρεως ἐδεδοίκει μὴ
προκριθέντος ἐνὸς στασιάσωσιν
οἱ λοιποί. ὑποσχομένου δὲ
Ὀδυσσεως, ἐὰν συλλάβηται πρὸς
τὸν Πηνελόπης αὐτῷ γάμον,
ὑποθήσεται τρόπον τινὰ δι' οὗ
μηδεμία γενήσεται στάσις, ὡς
ὑπέσχετο αὐτῷ συλλήψεσθαι ὁ
Τυνδάρεως, πάντας εἶπεν
ἐξορκίσαι τοὺς μνηστῆρας
βοηθήσειν, ἐὰν ὁ προκριθεὶς
νυμφίος ὑπὸ ἄλλου τινὸς
ἀδικῆται περὶ τὸν γάμον.

3.10.8

Os reis da Hélade chegaram à Esparta em busca da mão de Helena em casamento. Os pretendentes eram os seguintes: Odisseu, filho de Laerte; Diomedes, filho de Tideu; Antíloco, filho de Nestor; Agapenor, filho de Anceu; Esténelo, filho de Capaneu; Anfímaco, filho de Ctéato; Tálpio, filho de Êurito; Meges, filho de Fileu; Anfíloco, filho de Anfiareu; Menesteu, filho de Peteu; Esquédio e Epístrofo, filhos de Ífito; Políxeno, filho de Agástenes; Peneleu, filho de Hipálcimo; Leito, filho de Alector; Άjax, filho de Oileu; Ascálafo e Iálmeneo, filhos de Ares; Elefenor, filho de Calcodonte; Eumelo, filho de Admeto; Polipete, filho de Pirítoo; Leonteu, filho de Coronos; Podalírio e Mácaon, filhos de Asclépio; Filoctetes, filho de Peante; Euripilo, filho de Evêmon; Protesilau, filho de Íficles; Menelau, filho de Atreu; Άjax e Teucro, filhos de Télamon; e Pátroclo, filho de Meneceu.

3.10.9

Ao ver toda essa multidão, Tindareu temeu que, caso um deles fosse favorecido, os demais entrariam em discórdia. Odisseu, por sua vez, prometeu ajudá-lo, se obtivesse Penélope em casamento, sugeriria uma alternativa para que ninguém entrasse em discórdia. Quando Tindareu lhe prometeu, Odisseu lhe disse para fazer todos os pretendentes jurarem defender o noivo escolhido caso ele fosse ultrajado por alguém com relação ao casamento.

ἀκούσας δὲ τοῦτο Τυνδάρεως
τοὺς μνηστῆρας ἐξορκίζει, καὶ
Μενέλαον μὲν αὐτὸς αἰρεῖται
νυμφίον, Ὀδυσσεῖ δὲ παρὰ
Ἴκαρίου μνηστεύεται Πηνελόπην.

3.11.1

Μενέλαος μὲν οὖν ἐξ Ἑλένης
Ἑρμιόνην ἐγέννησε καὶ κατὰ
τινας Νικόστρατον, ἐκ δούλης δὲ
Πιερίδος, γένος Αἰτωλίδος, ἣ
καθάπερ Ἀκουσίλαός φησι
Τηρηίδος, Μεγαπένθη, ἐκ
Κνωσσίας δὲ νύμφης κατὰ
Εὐμηλον Ξενόδαμον.

3.11.2

τῶν δὲ ἐκ Λήδας γενομένων
παίδων Κάστωρ μὲν ἦσκει τὰ
κατὰ πόλεμον, Πολυδεύκης δὲ
πυγμῆν, καὶ διὰ τὴν ἀνδρείαν
ἐκλήθησαν ἀμφοτέρω
Διόσκουροι. βουλόμενοι δὲ γῆμαι
τὰς Λευκίππου θυγατέρας ἐκ
Μεσσήνης ἀρπάσαντες ἔγημαν:
καὶ γίνεται μὲν Πολυδεύκους καὶ
Φοίβης Μνησιλεως, Κάστορος δὲ
καὶ Ἰλαείρας Ἀνώγων. ἐλάσαντες
δὲ ἐκ τῆς Ἀρκαδίας βοῶν λείαν
μετὰ τῶν Ἀφαρέως παίδων Ἴδα
καὶ Λυγκέως, ἐπιτρέπουσιν Ἴδα
διελεῖν: ὁ δὲ τεμῶν βοῦν εἰς μέρη
τέσσαρα, τοῦ πρώτου
καταφαγόντος εἶπε τῆς λείας τὸ
ἥμισυ ἔσεσθαι, καὶ τοῦ δευτέρου
τὸ λοιπόν. καὶ φθάσας
κατηνάλωσε τὸ μέρος τὸ ἴδιον
πρῶτος Ἴδας, καὶ τὸ τοῦ ἀδελφοῦ,
καὶ μετ' ἐκείνου τὴν λείαν εἰς
Μεσσήνην ἤλασε.

Tindareu ouviu isso, conjurou
os pretendentes e escolheu Menelau
como noivo e chamou Icário para
oficializar a união de Odisseu e
Penélope.

3.11.1

De Helena Menelau teve
Hermione e, segundo alguns,
Nicostrato; de uma escrava, Piérida,
uma etólia, ou conforme conta
Acusilau, de Térís, engendrou
Megapentes. De uma ninfa cnóssia,
segundo Eumelo, teve Xenódamo.

3.11.2

Dentre os filhos de Leda,
Castor praticou a arte do combate e
Pólux, o boxe. Por causa de sua
virilidade ambos foram chamados de
Dióscuros. Desejando casar-se com as
filhas de Leucipo, eles as raptaram de
Messene e se casaram com elas. De
Pólux e Febe nasceu Mnesilau; de
Castor e Hiláira nasceu Anógon.
Levaram um butim de bois da Arcádia
com os filhos de Afareu, Idas e Linceu,
e encarregaram Idas de dividi-lo. Este,
por sua vez, esquartejou uma vaca e
propôs que a metade do butim fosse
para o primeiro que comesse e o
restante, para o segundo. Antes de
darem conta, Idas engoliu sua porção
primeiro e depois a de seu irmão, e
com ele conduziu a pilhagem até
Messene.

στρατεύσαντες δὲ ἐπὶ Μεσσήνην
οἱ Διόσκουροι τὴν τε Λείαν
ἐκείνην καὶ πολλὴν ἄλλην
συνελαύνουσι. καὶ τὸν Ἴδαν
ἐλόχων καὶ τὸν Λυγκέα.
Λυκεὺς δὲ ἰδὼν Κάστορα
ἐμήνυσεν Ἴδα, κάκεινος αὐτὸν
κτείνει. Πολυδεύκης δὲ ἐδίωξεν
αὐτούς, καὶ τὸν μὲν Λυγκέα
κτείνει τὸ δόρυ προέμενος, τὸν δὲ
Ἴδαν διώκων, βληθεὶς ὑπ' ἐκείνου
πέτρα κατὰ τῆς κεφαλῆς, πίπτει
σκοτωθεὶς. καὶ Ζεὺς Ἴδαν
κερανοῖ, Πολυδεύκην δὲ εἰς
οὐρανὸν ἀνάγει. μὴ δεχομένου δὲ
Πολυδεύκου τὴν ἀθανασίαν
ὄντος νεκροῦ Κάστορος, Ζεὺς
ἀμφοτέροις παρ' ἡμέραν καὶ ἐν
θεοῖς εἶναι καὶ ἐν θνητοῖς ἔδωκε.
μεταστάντων δὲ εἰς θεοὺς τῶν
Διοσκούρων, Τυνδάρεως
μεταπεμψάμενος Μενέλαον εἰς
Σπάρτην τούτῳ τὴν βασιλείαν
παρέδωκεν.

3.12.1

Ἡλέκτρας δὲ τῆς Ἄτλαντος καὶ
Διὸς Ἰασίων καὶ Δάρδανος
ἐγένοντο. Ἰασίων μὲν οὖν
ἐρασθεὶς Δήμητρος καὶ θέλων
καταισχῦναι τὴν θεὸν
κεραυνοῦται, Δάρδανος δὲ ἐπὶ τῷ
θανάτῳ τοῦ ἀδελφοῦ
λυπούμενος, Σαμοθράκην
ἀπολιπὼν εἰς τὴν ἀντίπερα
ἤπειρον ἦλθε. ταύτης δὲ
ἐβασίλευε Τεῦκρος ποταμοῦ
Σκαμάνδρου καὶ νύμφης Ἰδαίας:
ἀφ' οὗ καὶ οἱ τὴν χώραν
νεμόμενοι Τεῦκροὶ
προσηγορεύοντο.

Os Dióscuros marcharam
contra Messene e levaram todo aquele
saque e muito mais; também fizeram
uma emboscada para Idas e Linceu.
Entretanto, ao ver Castor, Linceu
avisou Idas, que o matou. Pólux os
perseguiu e matou Linceu, atirando-lhe
sua lança, mas enquanto perseguia
Idas, foi atingido na cabeça por uma
pedra jogada por ele e caiu desmaiado.
Zeus fulminou Idas com o raio e trouxe
Pólux para o céu. No entanto, Pólux
não aceitou a imortalidade enquanto
Castor estivesse morto, então Zeus
concedeu aos dois viver com os deuses
e com os mortais em dias alternados.
Quando os Dióscuros foram
transferidos para junto dos deuses,
Tindareu enviou Menelau a Esparta e
lhe entregou o reino.

3.12.1

De Zeus e Electra, filha de
Atlas, nasceram Iásio e Dárdano.
Apaixonado por Deméter, Iásio quis
violá-la e por isso foi fulminado pelo
raio. Afligido pela morte de seu irmão,
Dárdano deixou a Samotrácia e foi
para o continente oposto, cujo rei era
Teucro, filho do rio Escamandro e da
ninfá Idea. Por causa dele, os
habitantes daquele país foram
chamados de teucros.

ὑποδεχθεῖς δὲ ὑπὸ τοῦ βασιλέως,
καὶ λαβὼν μέρος τῆς γῆς καὶ τὴν
ἐκείνου θυγατέρα Βάτειαν,
Δάρδανον ἔκτισε πόλιν:
τελευτήσαντος δὲ Τεύκρου τὴν
χώραν ἄπασαν Δαρδανίαν
ἐκάλεσε.

3.12.2

γενομένων δὲ αὐτῶ παίδων Ἴλου
καὶ Ἐριχθονίου, Ἴλος μὲν ἄπαις
ἀπέθανεν, Ἐριχθόνιος δὲ
διαδεξάμενος τὴν βασιλείαν,
γῆμας Ἀστυόχην τὴν Σιμόεντος,
τεκνοῖ Τρωῶα. οὗτος παραλαβὼν
τὴν βασιλείαν τὴν μὲν χώραν ἀφ'
ἑαυτοῦ Τροίαν ἐκάλεσε, καὶ
γῆμας Καλλιρρόην τὴν
Σκαμάνδρου γεννᾷ θυγατέρα μὲν
Κλεοπάτραν, παῖδας δὲ Ἴλον καὶ
Ἀσσάρακον καὶ Γανυμήδην.
τοῦτον μὲν οὖν διὰ κάλλος
ἀναρπάσας Ζεὺς δι' ἀετοῦ θεῶν
οἰνοχόον ἐν οὐρανῷ κατέστησεν:
Ἀσσαράκου δὲ καὶ Ἱερομνήμης
τῆς Σιμόεντος Κάπυς, τοῦ δὲ καὶ
Θεμίστης τῆς Ἴλου Ἀγχίσης, ᾧ δι'
ἔρωτικὴν ἐπιθυμίαν Ἀφροδίτη
συνελθοῦσα Αἰνεΐαν ἐγέννησε
καὶ Λύρον, ὃς ἄπαις ἀπέθανεν.

Hospedado pelo rei e
recebendo um pedaço de terra e a filha
dele, Batéia, fundou a cidade de
Dárdano e, com a morte de Teucro,
chamou todo o país de Dardânia.

3.12.2

Dárdano teve dois filhos: Ilo e
Ericônio. O primeiro morreu sem
deixar herdeiros, e o segundo herdou o
trono, casou-se com Astíoque, filha de
Símois, e engendrou Troas. Quando
este assumiu o reino, por sua causa
chamou o país de Tróia, casou-se com
Calírooe, filha de Escamandro, e
engendrou sua filha Cleópatra, e os
filhos Ilo, Assáraco e Ganimedes,
quem, por causa da sua beleza, Zeus
raptou por meio de uma águia e tornou
copeiro dos deuses no céu. De
Assáraco e Hieromneme, filha de
Símois, nasceu Cápis, que com sua
esposa Temiste, filha de Ilo, deu à luz
Anquises, com quem Afrodite se
deitou por desejo amoroso e engendrou
Enéias e Liro. Este, por sua vez,
morreu sem ter filhos.

3.12.3

Ἴλος δὲ εἰς Φρυγίαν ἀφικόμενος
καὶ καταλαβὼν ὑπὸ τοῦ βασιλέως
αὐτόθι τεθειμένον ἀγῶνα νικᾷ
πάλην: καὶ λαβὼν ἄθλον
πεντήκοντα κόρους καὶ κόρας τὰς
ἴσας, δόντος αὐτῷ τοῦ βασιλέως
κατὰ χρησμὸν καὶ βοῦν ποικίλην,
καὶ φράσαντος ἐν ᾧπερ ἂν αὐτὴ
κλιθῆ τόπῳ πόλιν κτίζειν, εἶπετο
τῇ βοῖ. ἡ δὲ ἀφικομένη ἐπὶ τὸν
λεγόμενον τῆς Φρυγίας Ἄτης
λόφον κλίνεται: ἐνθα πόλιν
κτίσας Ἴλος ταύτην μὲν Ἴλιον
ἐκάλεσε, τῷ δὲ Διὶ σημειῖον
εὐξάμενος αὐτῷ τι φανῆναι, μεθ'
ἡμέραν τὸ διηπετὲς παλλάδιον
πρὸ τῆς σκηνῆς κείμενον
ἐθεάσατο. ἦν δὲ τῷ μεγέθει
τρίπηχυ, τοῖς δὲ ποσὶ
συμβεβηκός, καὶ τῇ μὲν δεξιᾷ
δόρου διηρμένον ἔχον τῇ δὲ ἑτέρῃ
ἠλακάτην καὶ ἄτρακτον. ἱστορία
δὲ ἡ περὶ τοῦ παλλαδίου τοιάδε
φέρεται: φασὶ γεννηθεῖσαν τὴν
Ἀθηνᾶν παρὰ Τρίτωνι τρέφεσθαι,
ᾧ θυγάτηρ ἦν Παλλάς:
ἀμφοτέρως δὲ ἀσκούσας τὰ κατὰ
πόλεμον εἰς φιλονεικίαν ποτὲ
προελθεῖν. μελλούσης δὲ
πλήττειν τῆς Παλλάδος τὸν Δία
φοβηθέντα τὴν αἰγίδα προτεῖναι,
τὴν δὲ εὐλαβηθεῖσαν ἀναβλέψαι,
καὶ οὕτως ὑπὸ τῆς Ἀθηνᾶς
τρωθεῖσαν πεσεῖν.

3.12.3

Ilo chegou à Frígia e lá se
deparou com jogos promovidos pelo
rei. Vitorioso no combate corpo a
corpo, recebeu como prêmio cinquenta
meninos e cinquenta meninas, e o rei,
obedecendo a um oráculo, deu-lhe uma
vaca malhada e ordenou-lhe fundar
uma cidade no lugar em que o animal
se inclinasse. Ilo, então, seguiu a vaca,
que chegou à colina frígia chamada
Ate e se recostou.

Ali fundou uma cidade e a chamou de
Ílion. Rogando a Zeus para que um
sinal lhe fosse revelado, um dia depois,
contemplou em frente a sua tenda,
caído do céu, o Paládio, que possuía
três cúbitos de altura, permanecia com
os pés unidos e na mão direita tinha
uma lança erguida e na outra, uma roca
e um fuso. A história contada sobre o
Paládio é a seguinte: dizem que,
quando Atena nasceu, foi criada por
Trítion, cuja filha era Palas. Ambas
praticavam a arte da guerra e, em
determinada ocasião, duelaram.
Quando Palas estava prestes a desferir
o golpe, Zeus, com medo, interpôs a
égide. Surpresa, Palas olhou para cima
e, então, caiu, ferida por Atena.

Ἀθηνᾶν δὲ περιίλυπον ἐπ' αὐτῇ
γενομένην, ξόανον ἐκείνης
ὄμοιον κατασκευάσαι, καὶ
περιθεῖναι τοῖς στέρνοις ἦν
ἔδεισεν αἰγίδα, καὶ τιμᾶν
ἰδρυσάμενην παρὰ τῷ Δί.
ὕστερον δὲ Ἥλέκτρας κατὰ τὴν
φθορὰν τούτῳ προσφυγούσης,
Δία ῥίψαι μετ' Ἄτης καὶ τὸ
παλλάδιον εἰς τὴν Ἰλιάδα χώραν,
Ἴλον δὲ τούτῳ ναδὸν
κατασκευάσαντα τιμᾶν. καὶ περὶ
μὲν τοῦ παλλαδίου ταῦτα
λέγεται. Ἴλος δὲ γήμας Εὐρυδίκην
τὴν Ἀδράστου Λαομέδοντα
ἐγέννησεν, ὃς γαμει Στυμῶ τὴν
Σκαμάνδρου, κατὰ δέ τινας
Πλακίαν τὴν Ὀτρέως, κατ' ἐνίους
δὲ Λευκίππην, καὶ τεκνοῖ παῖδας
μὲν Τιθωνὸν Λάμπον Κλυτίον
Ἴκετάονα Ποδάρκην, θυγατέρας
δὲ Ἡσιόνην καὶ Κίλλαν καὶ
Ἀστυόχην, ἐκ δὲ νύμφης Καλύβης
Βουκολίωνα.

3.12.4

Τιθωνὸν μὲν οὖν Ἥως ἀρπάσσα
δι' ἔρωτα εἰς Αἰθιοπίαν κομίζει,
κάκει συνελθοῦσα γεννᾷ παῖδας
Ἡμαθίωνα καὶ Μέμνονα.

Triste com o que ocorrera com
Palas, Atena construiu uma estátua
dela, envolveu-lhe no peito a égide que
ela temeu e a colocou junto a Zeus,
honrando-a. Mais tarde, na época de
sua violação, Electra refugiou-se junto
à estátua e Zeus lançou o Paládio junto
com Ate no país ilíaco, onde Ilo
construiu um templo e a honrou. Esta é
a história contada sobre o Paládio.
Ilo se casou com Eurídice, filha de
Adrasto, e deu à luz Laomedonte, que
se casou com Estrimo, filha de
Escamandro, ou segundo alguns,
Plácia, filha de Otreu; mas ainda de
acordo com outros, Leucipe, e gerou
seus filhos Titono, Lampo, Clítio,
Hicétaon, Podarces; e suas filhas
Hesíone, Cila, Astíoque, e da ninfa
Cálibe, Bucolión.

3.12.4

Por amor, Aurora raptou Títono
e o levou à Etiópia. Lá, deitou-se com
ele e deu à luz os seus filhos Ematión e
Mémnon.

3.12.5

μετὰ δὲ τὸ αἰρεθῆναι Ἴλιον ὑπὸ
 Ἡρακλέους, ὡς μικρὸν πρόσθεν
 ἡμῖν λέλεκται, ἐβασίλευσε
 Ποδάρκης ὁ κληθεὶς Πρίαμος: καὶ
 γαμῆ πρώτην Ἀρίσβην τὴν
 Μέροπος, ἐξ ἧς αὐτῶ παῖς
 Αἴσακος γίνεται, ὃς ἔγημεν
 Ἀστερόπην τὴν Κεβρῆνος
 θυγατέρα, ἣν πενθῶν
 ἀποθανοῦσαν ἀπωρνεώθη.
 Πρίαμος δὲ Ἀρίσβην ἐκδοῦς
 Ὑρτάκῃ δευτέραν ἔγημεν
 Ἐκάβην τὴν Δύμαντος, ἣ ὡς τινὲς
 φασὶ Κισσέως, ἣ ὡς ἕτεροι
 λέγουσι Σαγγαρίου ποταμοῦ καὶ
 Μετώπης. γεννᾶται δὲ αὐτῇ
 πρῶτος μὲν Ἔκτωρ: δευτέρου δὲ
 γεννᾶσθαι μέλλοντος βρέφους
 ἔδοξεν Ἐκάβῃ καθ' ὕπνους δαλὸν
 τεκεῖν διάπυρον, τοῦτον δὲ πᾶσαν
 ἐπινέμεσθαι τὴν πόλιν καὶ καίειν.
 μαθὼν δὲ Πρίαμος παρ' Ἐκάβης
 τὸν ὄνειρον, Αἴσακον τὸν υἱὸν
 μετεπέμψατο: ἦν γὰρ
 ὄνειροκρίτης παρὰ τοῦ
 μητροπάτορος Μέροπος
 διδαχθεὶς. οὗτος εἰπὼν τῆς
 πατρίδος γενέσθαι τὸν παῖδα
 ἀπώλειαν, ἐκθεῖναι τὸ βρέφος
 ἐκέλευε. Πρίαμος δέ, ὡς
 ἐγεννήθη τὸ βρέφος, δίδωσιν
 ἐκθεῖναι οἰκέτη κομίσαντι εἰς
 Ἰδην: ὁ δὲ οἰκέτης Ἀγέλαος
 ὠνομάζετο.

3.12.5

Depois que Ílion foi conquistada por Hércules, conforme nós contamos há pouco, Podarces, chamado de Príamo, tornou-se rei e se casou primeiro com Arisbe, filha de Mérope, com quem teve seu filho Ésaco, que se casou com Astérope, filha de Cebreno, e em luto pela morte dela, foi transformado em um pássaro. Príamo entregou Arisbe a Hitarco e se casou com Hécuba, filha de Dimas, filha de Ciseu, segundo alguns, ou para outros, do rio Sangário e Metope. Primeiro ela engravidou Heitor. E quando o segundo bebê estava prestes a nascer, Hécuba sonhou que ela dera à luz um tição em chamas, que se espalhou e incendiou toda a cidade. Ao saber do sonho da esposa, Príamo a enviou ao seu filho Ésaco, pois ele era um intérprete de sonhos, instruído pelo seu avô materno Mérope. Afirmando que o filho nasceria para causar a destruição do país, Ésaco ordenou que o recém-nascido fosse exposto. Quando o bebê nasceu, Príamo o entregou a um criado para deixá-lo no Ida. O criado se chamava Agelau.

τὸ δὲ ἐκτεθὲν ὑπὸ τούτου βρέφος
 πένθ' ἡμέρας ὑπὸ ἄρκτου
 ἐτράφη. ὁ δὲ σωζόμενον εὐρῶν
 ἀναιρεῖται, καὶ κομίσας ἐπὶ τῶν
 χωρίων ὡς ἴδιον παῖδα ἔτρεφεν,
 ὀνομάσας Πάριν. γενόμενος δὲ
 νεανίσκος καὶ πολλῶν διαφέρων
 κάλλει τε καὶ ῥώμῃ αὖθις
 Ἀλέξανδρος προσωνομάσθη,
 ληστὰς ἀμυνόμενος καὶ τοῖς
 ποιμνίοις ἀλεξήσας, ὅπερ ἐστὶ
 βοηθήσας. καὶ μετ' οὐ πολὺ τοὺς
 γονέας ἀνεῦρε. μετὰ τοῦτον
 ἐγέννησεν Ἐκάβη θυγατέρας μὲν
 Κρέουσαν Λαοδίκην Πολυξένην
 Κασάνδραν, ἣ συνελθεῖν
 βουλόμενος Ἀπόλλων τὴν
 μαντικὴν ὑπέσχετο διδάξειν. ἡ δὲ
 μαθοῦσα οὐ συνῆλθεν: ὅθεν
 Ἀπόλλων ἀφείλετο τῆς μαντικῆς
 αὐτῆς τὸ πείθειν. αὖθις δὲ παῖδας
 ἐγέννησε Δηίφοβον Ἑλενον
 Πάμμωνα Πολίτην Ἄντιφον
 Ἴππόνοον Πολύδωρον Τρωίλον:
 τοῦτον ἐξ Ἀπόλλωνος λέγεται
 γεγεννηκέναι. ἐκ δὲ ἄλλων
 γυναικῶν Πριάμῳ παῖδες
 γίνονται Μελάνιππος Γοργυθίων
 Φιλαίμων Ἴππόθοος Γλαῦκος,
 Ἀγάθων Χερσιδάμας Εὐαγόρας
 Ἴπποδάμας Μήστωρ, Ἄτας
 Δόρυκλος Λυκάων Δρύοψ Βίας,
 Χρομῖος Ἀστύγονος Τελέστας
 Εὐάνδρος Κεβριόνης, Μύλιος
 Ἀρχέμαχος Λαοδόκος Ἐχέφρων
 Ἰδομενεύς, Ὑπερίων Ἀσκάνιος
 Δημοκόων Ἄρητος Δηιοπίτης,
 Κλονῖος Ἐχέμμων Ὑπείροχος
 Αἰγεωνεύς Λυσιθόος Πολυμέδων,
 θυγατέρες δὲ Μέδουσα
 Μηδεσικάστη Λυσιμάχη
 Ἀριστοδήμη.

A criança foi exposta por ele e
 por cinco dias foi alimentada por uma
 urso. No entanto, quando encontrou a
 criança ainda a salvo, Agelau a
 acolheu, levou-a consigo para seus
 campos, criou-a como seu próprio filho
 e a chamou de Páris. Já adolescente,
 ele superou todos em beleza e força, e
 foi chamado de Alexandre, porque
 afugentou os ladrões e protegeu os
 rebanhos. Pouco tempo depois
 conheceu seus pais.

Depois dele, Hécuba teve filhas:
 Creúsa, Laódice, Polixena e Cassandra,
 a quem, desejando deitar-se com ela,
 Apolo prometeu ensinar o dom da
 adivinhação. Aprendida a técnica, ela
 se negou a deitar-se com o deus, que,
 por isso, privou a profecia dela do
 poder de persuadir. Posteriormente,
 Hécuba teve filhos: Deífobo, Heleno,
 Pámon, Polites, Antifo, Hiponoo,
 Polidoro e Troilo: este, segundo
 contam, foi engendrado por Apolo.
 E de outras mulheres Príamo teve os
 seguintes filhos: Melanipo, Gorgitíon,
 Filêmon, Hipótoo, Glauco, Agaton,
 Quersidamas, Evágoras, Hipodamas,
 Mestor, Átas, Dóriclo, Lícaon, Dríope,
 Bias, Crômio, Astígono, Telestas,
 Evandro, Cebríone, Mílio, Arquêmaco,
 Laódoco, Équefron, Idomeneu,
 Hipérion, Ascânio, Democoonte,
 Areto, Deiopites, Clónio, Équemon,
 Hipíroco, Egeoneu, Lisítoo,
 Polimédon; e essas filhas: Medusa,
 Medesicas, Lisímaca e Aristodeme.

3.12.6

Ἐκτωρ μὲν οὖν Ἀνδρομάχην τὴν
Ἡετίωνος γαμεῖ, Ἀλέξανδρος δὲ
Οἰώνην τὴν Κεβροῆνος τοῦ
ποταμοῦ θυγατέρα. αὕτη παρὰ
Ῥέας τὴν μαντικὴν μαθοῦσα
προέλεγεν Ἀλεξάνδρῳ μὴ πλεῖν
ἐπὶ Ἑλένην. μὴ πείθουσα δὲ
εἶπεν, ἔὰν τρωθῆ, παραγενέσθαι
πρὸς αὐτήν: μόνην γὰρ
θεραπεῦσαι δύνασθαι. τὸν δὲ
Ἑλένην ἐκ Σπάρτης ἀρπάσαι,
πολεμουμένης δὲ Τροίας
τοξευθέντα ὑπὸ Φιλοκτήτου
τόξοις Ἡρακλείοις πρὸς Οἰώνην
ἐπανελθεῖν εἰς Ἴδην. ἡ δὲ
μνησικακοῦσα θεραπεύσειν οὐκ
ἔφη. Ἀλέξανδρος μὲν οὖν εἰς
Τροίαν κομιζόμενος ἐτελεύτα,
Οἰώνη δὲ μετανοήσασα τὰ πρὸς
θεραπείαν φάρμακα ἔφερε, καὶ
καταλαβοῦσα αὐτὸν νεκρὸν
ἑαυτὴν ἀνήρτησεν.

3.12.6

Heitor se casou com
Andrômaca, filha de Eétion, e
Alexandre se casou com a filha do rio
Cebreno, Enone, que aprendera com
Réia o dom da adinhação e ordenou a
Alexandre não navegar em busca de
Helena. Como não o convenceu, ela
disse que, caso fosse ferido, para que
viesse até ela, pois era a única capaz de
curá-lo. Alexandre raptou Helena de
Esparta e, quando Tróia estava sitiada,
foi flechado por Filoctetes com o arco
de Hércules e depois dirigiu-se a
Enone, no Ida. Ela, contudo,
relembrando os erros dele, disse que
não o curaria. Assim, Alexandre foi
levado a Tróia e morreu, enquanto
Enone, arrependida, levava os
remédios para curá-lo e quando se
deparou com o cadáver dele, enforcou-
se.

ὁ δὲ Ἀσωπὸς ποταμὸς Ὠκεανοῦ
καὶ Τηθύος, ὡς δὲ Ἀκουσίλαος
λέγει, Πηροῦς καὶ Ποσειδῶνος,
ὡς δὲ τινες, Διὸς καὶ Εὐρυνόμης.
τούτῳ Μετώπῃ γηγαμένη (
Λάδωνος δὲ τοῦ ποταμοῦ
θυγάτηρ αὕτη) δύο μὲν παῖδας
ἐγέννησεν, Ἴσμηνὸν καὶ
Πελάγοντα, εἴκοσι δὲ θυγατέρας,
ῶν μὲν μίαν Αἴγιναν ἤρπασε
Ζεὺς. ταύτην Ἀσωπὸς ζητῶν ἤκεν
εἰς Κόρινθον, καὶ μανθάνει παρὰ
Σισύφου τὸν ἤρπακότα εἶναι Δία.
Ζεὺς δὲ Ἀσωπὸν μὲν κεραυνώσας
διώκοντα πάλιν ἐπὶ τὰ οἰκεῖα
ἀπέπεμψε ῥεῖθρα (διὰ τοῦτο
μέχρι καὶ νῦν ἐκ τῶν τούτου
ῥεῖθρων ἄνθρακες φέρονται) ,
Αἴγιναν δὲ κομίσας εἰς τὴν τότε
Οἰώνην λεγομένην νῆσον, νῦν
δὲ Αἴγιναν ἀπ' ἐκείνης
κληθεῖσαν, μίγνυται, καὶ τεκνοῖ
παῖδα ἐξ αὐτῆς Αἰακόν. τούτῳ
Ζεὺς ὄντι μόνῳ ἐν τῇ νήσῳ τοὺς
μύρμηκας ἀνθρώπους ἐποίησε.
γαμεῖ δὲ Αἰακὸς Ἐνδηίδα τὴν
Σκείρωνος, ἐξ ἧς αὐτῶ παῖδες
ἐγένοντο Πηλεὺς τε καὶ Τελαμών.
Φερεκύδης δὲ φησι Τελαμῶνα
φίλον, οὐκ ἀδελφὸν Πηλέως
εἶναι, ἀλλ' Ἀκταίου παῖδα καὶ
Γλαύκης τῆς Κυχρέως. μίγνυται
δὲ αὖθις Αἰακὸς Ψαμάθῃ τῇ
Νηρέως εἰς φώκην ἠλλαγμένη
διὰ τὸ μὴ βούλεσθαι συνελθεῖν,
καὶ τεκνοῖ παῖδα Φῶκον.

O rio Asopo era filho de Oceano e Tétis, ou segundo conta Acusilau, de Pero e Poseidon; ou ainda conforme alguns, de Zeus e Eurínome. Metope se casou com ele (ela era filha do rio Ládōn) e deu à luz dois filhos, Ismeno e Pélagon, e vinte filhas, uma das quais, Egina, Zeus raptou. Em busca dela, Asopo foi para Corinto e soube de Sísifo que o sequestrador era Zeus. Este, por sua vez, lançou raios em Asopo, que o perseguia, até enviá-lo de volta a suas próprias correntezas (por causa disso até hoje suas correntezas transportam carvões). Zeus levou Egina à então chamada ilha Enone, agora, por causa dela, chamada de Egina, teve relações sexuais com ela e engendrou seu filho Éaco. Como este vivia sozinho na ilha, Zeus transformou as formigas em homens. Éaco se casou com Endêida, filha de Ésquiron, e dela teve seus filhos Peleu e Télamon. Ferecides conta que Télamon era amigo, não irmão de Peleu, e filho de Acteu e Glauce, filha de Cicreu. Posteriormente, Éaco se deitou com Pisâmata, filha de Nereu, transformada em foca, pois não queria deitar-se com ele, e engendrou seu filho Foco.

ἦν δὲ εὐσεβέστατος πάντων
Αἰακός. διὸ καὶ τὴν Ἑλλάδα
κατεχούσης ἀφορίας διὰ Πέλοπα,
ὅτι Στυμφάλῳ τῷ βασιλεῖ τῶν
Ἀρκάδων πολεμῶν καὶ τὴν
Ἀρκαδίαν ἐλεῖν μὴ δυνάμενος,
προσποιησάμενος φιλίαν
ἔκτεινεν αὐτὸν καὶ διέσπειρε
μελίσας, χρησιμοὶ θεῶν ἔλεγον
ἀπαλλαγῆσθαι τῶν ἐνεστώτων
κακῶν τὴν Ἑλλάδα, ἐὰν Αἰακὸς
ὑπὲρ αὐτῆς εὐχὰς ποιήσῃται
ποιησαμένου δὲ εὐχὰς Αἰακοῦ
τῆς ἀκαρπίας ἡ Ἑλλὰς
ἀπαλλάττεται. τιμᾶται δὲ καὶ
παρὰ Πλούτωνι τελευτήσας
Αἰακός, καὶ τὰς κλεῖς τοῦ Ἄιδου
φυλάττει.

διαφέροντος δὲ ἐν τοῖς ἀγῶσι
Φώκου, τοὺς ἀδελφοὺς Πηλέα καὶ
Τελαμῶνα ἐπιβουλεῦσαι· καὶ
λαχῶν κλήρω Τελαμῶν
συγγυμναζόμενον αὐτὸν βαλὼν
δίσκῳ κατὰ τῆς κεφαλῆς κτείνει,
καὶ κομίσας μετὰ Πηλέως
κρύπτει κατὰ τινος ὕλης.
φωραθέντος δὲ τοῦ φόνου
φυγάδες ἀπὸ Αἰγίνης ὑπὸ Αἰακοῦ
ἐλαύνονται.

Éaco era o mais pio de todos. Quando a infertilidade cobriu toda a Hélade por causa de Pélope, que, enquanto guerreava contra Estínfalo, rei da Arcádia, como não foi capaz de conquistar a Arcádia, matou-o depois de fingir uma amizade, multilou-o e espalhou seus membros. Os oráculos dos deuses disseram que só ficariam livres das desgraças que acometiam a Hélade, caso Éaco rezasse por ela. Ele, então, fez isso, e a Hélade se livrou da infertilidade. Depois da morte de Éaco, ele passou a ser honrado junto a Plutão e protege as chaves do Hades.

Como Foco sobressaía nos jogos, seus irmãos Peleu e Télamon tramaram contra ele. Tirado na sorte para competir com ele Télamon lançou-lhe um disco na cabeça e o matou. Junto com Peleu, levou-o e o enterrou em alguma floresta. Uma vez descoberto o assassinato, eles foram expulsos por Éaco de Egina.

3.12.7

καὶ Τελαμῶν μὲν εἰς Σαλαμῖνα παραγίνεται πρὸς Κυχρέα τὸν Ποσειδῶνος καὶ Σαλαμῖνος τῆς Ἀσωποῦ. κτείνας δὲ ὄφιν οὗτος ἀδικοῦντα τὴν νῆσον αὐτῆς ἐβασίλευε, καὶ τελευτῶν ἄπαις τὴν βασιλείαν παραδίδωσι Τελαμῶνι. ὁ δὲ γαμειὶ Περίβοιαν τὴν Ἀλκάθου τοῦ Πέλοπος· καὶ ποιησαμένου εὐχὰς Ἡρακλέους ἵνα αὐτῷ παῖς ἄρσῃ γένηται, φανέντος δὲ μετὰ τὰς εὐχὰς αἰετοῦ, τὸν γεννηθέντα ἐκάλεσεν Αἴαντα. καὶ στρατευσάμενος ἐπὶ Τροίαν σὺν Ἡρακλεῖ λαμβάνει γέρας Ἡσιόνην τὴν Λαομέδοντος θυγατέρα, ἐξ ἧς αὐτῷ γίνεται Τεῦκρος.

3.13.1

Πηλεὺς δὲ εἰς Φθίαν φυγῶν πρὸς Εὐρυτίωνα τὸν Ἄκτορος ὑπ' αὐτοῦ καθαίρεται, καὶ λαμβάνει παρ' αὐτοῦ τὴν θυγατέρα Ἀντιγόνην καὶ τῆς χώρας τὴν τρίτην μοῖραν. καὶ γίνεται θυγάτηρ αὐτῷ Πολυδώρα, ἣν ἔγημε Βῶρος ὁ Περιήρους.

3.13.2

ἐντεῦθεν ἐπὶ τὴν θήραν τοῦ Καλυδωνίου κάπρου μετ' Εὐρυτίωνος ἐλθὼν, προέμενος ἐπὶ τὸν σὺν ἀκόντιον Εὐρυτίωνος τυγχάνει καὶ κτείνει τοῦτον ἄκων. πάλιν οὖν ἐκ Φθίας φυγῶν εἰς Ἴωλκὸν πρὸς Ἄκαστον ἀφικνεῖται καὶ ὑπ' αὐτοῦ καθαίρεται.

3.12.7

Télamon foi para Salamina, até Cicreu, filho de Poseidon e Salamina, filha de Asopo. Cicreu tornou-se rei depois de matar uma serpente que arruinava a ilha, e como morreu sem deixar herdeiros, deixou seu reino para Télamon. Este casou-se com Peribéia, filha de Alcátoo, filho de Pélopo, e depois que Hércules fez preces para que o filho dele nascesse homem, uma águia apareceu depois das preces e ele chamou seu filho de Ajax. Marchando com o exército e com Hércules contra Tróia, recebeu como prêmio Hesíone, filha de Laomedon, e dela engendrou Teucro.

3.13.1

Peleu fugiu para a Ftia, até a corte de Eurition, filho de Heitor, por quem foi purificado, e recebeu dele sua filha Antígona e um terço do país. Teve uma filha, Polidora, com quem se casou Boros, filho de Perieres.

3.13.2

Dali, partiu com Eurition à caça do javali de Cálidon. Peleu atirou a lança contra o animal, mas calhou de atingir Eurition e o matou involuntariamente. Novamente, fugindo da Ftia dirigiu-se a Iolco, até Acasto, por quem foi purificado.

3.13.3

ἀγωνίζεται δὲ καὶ τὸν ἐπὶ Πελία
 ἀγῶνα, πρὸς Ἀταλάντην
 διαπαλαίσας. καὶ Ἀστυδάμεια ἢ
 Ἀκάστου γυνή, Πηλέως
 ἔρασθεισα, περὶ συνουσίας
 προσέπεμψεν αὐτῷ λόγους, μὴ
 δυναμένη δὲ πείσαι, πρὸς τὴν
 γυναῖκα αὐτοῦ πέμψασα ἔφη
 μέλλειν Πηλέα γαμῆν Στερόπην
 τὴν Ἀκάστου θυγατέρα: καὶ τοῦτο
 ἐκείνη ἀκούσασα ἀγχόνην
 ἀνάπτει. Πηλέως δὲ πρὸς
 Ἄκαστον καταψεύδεται, λέγουσα
 ὑπ' αὐτοῦ περὶ συνουσίας
 πεπειραῖσθαι. Ἄκαστος δὲ
 ἀκούσας κτεῖναι μὲν ὄν ἐκάθηρεν
 οὐκ ἠβουλήθη, ἄγει δὲ αὐτὸν ἐπὶ
 θήραν εἰς τὸ Πήλιον. ἔνθα
 ἀμίλλης περὶ θήρας γενομένης,
 Πηλεὺς μὲν ὦν ἔχειροῦτο θηρίων
 τὰς γλώσσας τούτων ἐκτεμῶν εἰς
 πήραν ἐτίθει, οἱ δὲ μετὰ Ἀκάστου
 ταῦτα χειρούμενοι κατεγέλων ὡς
 μηδὲν τεθηρακότος τοῦ Πηλέως.
 ὁ δὲ τὰς γλώσσας παρασχόμενος
 ὅσας εἶχεν ἐκείνοις, τοσαῦτα ἔφη
 τεθηρευκένας. ἀποκοιμηθέντος δὲ
 αὐτοῦ ἐν τῷ Πηλίῳ, ἀπολιπὼν
 Ἄκαστος καὶ τὴν μάχαιραν ἐν τῇ
 τῶν βοῶν κόπτῳ κρύψας
 ἐπανάρχεται. ὁ δὲ ἐξαναστὰς καὶ
 ζητῶν τὴν μάχαιραν, ὑπὸ τῶν
 Κενταύρων καταληφθεὶς ἔμελλεν
 ἀπόλλυσθαι, σώζεται δὲ ὑπὸ
 Χείρωνος: οὗτος καὶ τὴν
 μάχαιραν αὐτοῦ ἐκζητήσας
 δίδωσι.

3.13.3

Nos jogos celebrados em honra a Pélias, travou uma luta corpo a corpo com Atalanta. No entanto, Astidaméia, esposa de Acasto, apaixonada por Peleu, propôs a ele um encontro. Incapaz de convencê-lo, ela enviou à mulher dele a notícia de que Peleu estava prestes a se casar com Estéropé, filha de Acasto. Ao ouvir isso, Antígona se esnforcou. Astidaméia também acusou Peleu falsamente a Acasto, afirmando que ele havia tentado seduzi-la. Ao ouvir isso, como não desejava matar o homem que havia purificado, Acasto o levou à caça para o monte Pelión. Lá, numa disputa pela caça, Peleu cortou as línguas dos animais que subjugou e as colocou em sua bolsa. Os homens de Acasto que haviam subjugado animais riram de ele não ter caçado nada. Peleu, por sua vez, mostrou-lhes as línguas e disse que havia caçado tantos animais quanto as línguas que trazia consigo. Ele dormiu no Pelión; Acasto o deixou, escondeu o punhal dele nos esterco dos bois e regressou. Ao despertar e procurar pelo punhal, Peleu estava prestes a ser capturado e morto pelos centauros, mas foi salvo por Quíron, que procurou e lhe devolveu o punhal.

3.13.4

γαμεῖ δὲ ὁ Πηλεὺς Πολυδώραν
τὴν Περίηρους, ἔξ ἧς αὐτῶ
γίνεται Μενέσθιος ἐπίκλην, ὁ
Σπερχεῖου τοῦ ποταμοῦ.

3.13.5

αὐθις δὲ γαμεῖ Θέτιν τὴν Νηρέως,
περὶ ἧς τοῦ γάμου Ζεὺς καὶ
Ποσειδῶν ἤρισαν, Θέμιδος δὲ
θεσπιωδούσης ἔσσεσθαι τὸν ἐκ
ταύτης γεννηθέντα κρείττονα τοῦ
πατρὸς ἀπέσχοντο. ἔνιοι δὲ φασί,
Διὸς ὀρμῶντος ἐπὶ τὴν ταύτης
συνουσίαν, εἰρηκέναι Προμηθεῖα
τὸν ἐκ ταύτης αὐτῶ γεννηθέντα
οὐρανοῦ δυναστεύσειν. τινὲς δὲ
λέγουσι Θέτιν μὴ βουληθῆναι Διὶ
συνελθεῖν ὡς ὑπὸ Ἥρας
τραφεῖσαν, Δία δὲ ὀργισθέντα
θνητῶ θέλειν αὐτὴν συνοικίσει.
Χείρωνος οὖν ὑποθεμένου Πηλεῖ
συλλαβεῖν καὶ κατασχεῖν αὐτὴν
μεταμορφωμένην, ἐπιτηρήσας
συναρπάξει, γινομένην δὲ ὅτε
μὲν πῦρ ὅτε δὲ ὕδωρ ὅτε δὲ θηρίον
οὐ πρότερον ἀνῆκε πρὶν ἢ τὴν
ἀρχαίαν μορφήν εἶδεν
ἀπολαβοῦσαν. γαμεῖ δὲ ἐν τῶ
Πηλίῳ, κάκεῖ θεοὶ τὸν γάμον
εὐωχούμενοι καθύμνησαν. καὶ
δίδωσι Χείρων Πηλεῖ δόρυ
μείλινον, Ποσειδῶν δὲ ἵππους
Βαλίον καὶ Ξάνθον: ἀθάνατοι δὲ
ἦσαν οὗτοι.

3.13.4

Peleu casou-se com Polidora,
filha de Perieres, e dela teve um filho,
Menéstio, que na verdade era filho do
rio Esperqueu.

3.13.5

Mais tarde, casou-se com Tétis,
filha de Nereu, por cuja mão em
casamento Zeus e Poseidon
rivalizaram, mas desistiram, quando
Têmis profetizou que o filho dela seria
mais poderoso que o pai. Alguns
contam que quando Zeus ia ao
encontro dela para deitar-se com ela,
Prometeu avisou que o filho que
nascesse seria senhor dos céus. Há
quem diga que como Tétis não
desejava deitar-se com Zeus porque
fora criada por Hera, enfurecido, o
deus a obrigou a viver com um mortal.
Aconselhado por Quíron, Peleu a
cercou e segurou enquanto ela se
metamorfoseava. Embora ela se
tornasse ora fogo, ora água, ora animal
selvagem, ele não a soltou até vê-la
voltar a sua forma original. Têmis se
casou no Pelion, onde os deuses
celebraram o casamento e cantaram
hinos. Quíron deu a Peleu uma lança
de cinzas; enquanto Poseidon lhe
presenteou com os cavalos Bálio e
Xanto, que eram imortais.

3.13.6

ὡς δὲ ἐγέννησε Θέτις ἐκ Πηλέως
βρέφος, ἀθάνατον θέλουσα
ποιῆσαι τοῦτο, κρύφα Πηλέως εἰς
τὸ πῦρ ἐγκρύβουσα τῆς νυκτὸς
ἔφθειρεν ὃ ἦν αὐτῷ θνητὸν
πατρῶον, μεθ' ἡμέραν δὲ ἔχρειεν
ἀμβροσίᾳ. Πηλεὺς δὲ ἐπιτηρήσας
καὶ σπαίροντα τὸν παῖδα ἰδὼν ἐπὶ
τοῦ πυρὸς ἐβόησε: καὶ Θέτις
κωλυθεῖσα τὴν προαίρεσιν
τελειῶσαι, νήπιον τὸν παῖδα
ἀπολιποῦσα πρὸς Νηρηίδας
ᾤχετο. κομίζει δὲ τὸν παῖδα πρὸς
Χείρωνα Πηλεὺς. ὃ δὲ λαβὼν
αὐτὸν ἔτρεφε σπλάγχχοις
λεόντων καὶ συῶν ἀγρίων καὶ
ἄρκτων μυελοῖς, καὶ ὠνόμασεν
Ἀχιλλέα (πρότερον δὲ ἦν ὄνομα
αὐτῷ Λιγύρων) ὅτι τὰ χεῖλη
μαστοῖς οὐ προσήνεγκε.

3.13.7

Πηλεὺς δὲ μετὰ ταῦτα σὺν Ἰάσονι
καὶ Διοσκούροις ἐπόρθησεν
Ἰωλκόν, καὶ Αστυδάμειαν τὴν
Ἀκάστου γυναῖκα φονεύει, καὶ
διελὼν μεληδὸν διήγαγε δι' αὐτῆς
τὸν στρατὸν εἰς τὴν πόλιν.

3.13.8

ὡς δὲ ἐγένετο ἐνναετῆς Ἀχιλλεύς,
Κάλχαντος λέγοντος οὐ
δύνασθαι χωρὶς αὐτοῦ Τροίαν
αἰρεθῆναι, Θέτις προειδυῖα ὅτι δεῖ
στρατευόμενον αὐτὸν ἀπολέσθαι,
κρύψασα ἐσθῆτι γυναικειᾷ ὡς
παρθένον Λυκομήδει παρέθετο.
κάκει τρεφόμενος τῇ Λυκομήδους
θυγατρὶ Δηιδαμείᾳ μίγνυται, καὶ
γίνεται παῖς Πύρρος αὐτῷ ὃ
κληθεῖς Νεοπτόλεμος αὐθις.

3.13.6

Quando Tétis teve um bebê
com Peleu, desejando torná-lo imortal,
sem o consentimento do marido, à
noite ela o escondia no fogo para
destruir a porção paterna mortal dele e
de dia o untava com ambrósia. Ainda
pequeno, Peleu a observou e vendo a
criança arfando no fogo, gritou.
Impedida de completar seu propósito,
Tétis foi para junto das Nereidas e
abandonou seu filho. Peleu levou a
criança até Quíron, que o acolheu,
criou com entranhas de leões e javalis
e medulas de ursos e o chamou de
Aquiles (seu primeiro nome era
Liguron) porque seus lábios não
havia mamado.

3.13.7

Depois desses eventos, Peleu,
junto com Jasão e os Dióscuros,
destruiu Iolco, matou Astidaméia,
esposa de Acasto, e depois de dividi-la
membro a membro, fez o exército
passar por ela até a cidade.

3.13.8

Quando Aquiles tinha nove
anos, Calcas disse que Tróia não
poderia ser tomada sem ele. Como
Tétis havia previsto que estava
destinado ao seu filho morrer na
guerra, disfarçando-o com roupas de
mulher, entregou-o como uma donzela
a Licomedes. Criado lá, envolveu-se
amorosamente com a filha de
Licomedes, Deidaméia, e teve um
filho, Pirro, mais tarde chamado de
Neoptólemo.

Ὀδυσσεὺς δὲ μηνυθέντα παρὰ
Λυκομήδει ζητῶν Ἀχιλλέα,
σάλπιγγι χρησάμενος εὔρε. καὶ
τοῦτον τὸν τρόπον εἰς Τροίαν
ἦλθε.

συνείπετο δὲ αὐτῶ Φοῖνιξ ὁ
Ἀμύντορος. οὗτος ὑπὸ τοῦ πατρὸς
ἐτυφλώθη καταψευσαμένης
φθορὰν Φθίας τῆς τοῦ πατρὸς
παλλακῆς. Πηλεὺς δὲ αὐτὸν πρὸς
Χείρωνα κομίσας, ὑπ' ἐκείνου
θεραπευθέντα τὰς ὄψεις βασιλέα
κατέστησε Δολόπων.

συνείπετο δὲ καὶ Πάτροκλος ὁ
Μενοιτίου καὶ Σθενέλης τῆς
Ἀκάστου ἢ Περιώπιδος τῆς
Φέρητος, ἢ καθάπερ φησὶ
Φιλοκράτης, Πολυμήλης τῆς
Πηλέως. οὗτος ἐν Ὀποῦντι
διενεχθεὶς ἐν παιδιᾷ περὶ
ἀστραγάλων παῖδα Κλειτώνυμον
τὸν Ἀμφιδάμαντος ἀπέκτεινε, καὶ
φυγῶν μετὰ τοῦ πατρὸς παρὰ
Πηλεῖ κατῴκει, καὶ Ἀχιλλέως
ἐρώμενος

3.14.1

Κέκροψ αὐτόχθων, συμφυὲς ἔχων
σῶμα ἀνδρὸς καὶ δράκοντος, τῆς
Ἀττικῆς ἐβασίλευσε πρῶτος, καὶ
τὴν γῆν πρότερον λεγομένην
Ἀκτὴν ἀφ' ἑαυτοῦ Κεκροπίαν
ὠνόμασεν. ἐπὶ τούτου, φασίν,
ἔδοξε τοῖς θεοῖς πόλεις
καταλαβέσθαι, ἐν αἷς ἔμελλον
ἔχειν τιμὰς ἰδίας ἕκαστος.

Notificada a presença de
Aquiles na casa de Licomedes,
Odisseu o procurou e o descobriu pelo
som de uma corneta de guerra. Desse
modo Aquiles foi para Tróia.

Fênix, filho de Amintor,
acompanhou Aquiles. Ele foi cegado
pelo pai, cuja amante, Ftia, acusou-o
falsamente de sedução. Peleu o levou
até Quíron, por quem teve os olhos
curados e depois foi feito rei dos
dólopos.

Também o acompanhou
Pátroclo, filho de Menêcio e Estélene,
filha de Acasto; ou de Periópide, filha
de Feres, ou conforme afirma
Filócrates, Polimele, filha de Peleu.
Em Opunte, numa disputa no jogo de
dados, Pátroclo matou Clitônimo, filho
de Anfidamas. Fugindo com seu pai,
foi morar com Peleu e se tornou
amando de Aquiles.

3.14.1

Cécrope, autóctone, detentor de
um corpo metade homem metade
serpente, primeirou reinou sobre a
Ática e essa terra antes chamada de
Acte, por sua causa, chamou de
Cecrópia. Dizem que, na época dele, os
deuses decidiram tomar posse das
cidades em que cada um estava a ponto
de receber honrarias.

ἦκεν οὖν πρῶτος Ποσειδῶν ἐπὶ
τὴν Ἀττικὴν, καὶ πλήξας τῇ
τριαίνῃ κατὰ μέσῃν τὴν
ἀκρόπολιν ἀπέφηνε θάλασσαν,
ἣν νῦν Ἐρεχθίδα καλοῦσι. μετὰ
δὲ τοῦτον ἦκεν Ἀθηνᾶ, καὶ
ποιησαμένη τῆς καταλήψεως
Κέκροπα μάρτυρα ἐφύτευσεν
ἐλαίαν, ἣ νῦν ἐν τῷ Πανδροσεῖω
δείκνυται. γενομένης δὲ ἔριδος
ἀμφοῖν περὶ τῆς χώρας, διαλύσας
Ζεὺς κριτὰς ἔδωκεν, οὐχ ὡς εἶπόν
τινες, Κέκροπα καὶ Κραναόν,
οὐδὲ Ἐρυσίχθονα, θεοὺς δὲ τοὺς
δώδεκα. καὶ τούτων δικαζόντων ἡ
χώρα τῆς Ἀθηνᾶς ἐκρίθη,
Κέκροπος μαρτυρήσαντος ὅτι
πρῶτη τὴν ἐλαίαν ἐφύτευσεν.
Ἀθηνᾶ μὲν οὖν ἀφ' ἑαυτῆς τὴν
πόλιν ἐκάλεσεν Ἀθήνας,
Ποσειδῶν δὲ θυμῷ ὀργισθεὶς τὸ
Θριάσιον πεδῖον ἐπέκλυσε καὶ
τὴν Ἀττικὴν ὑφαλον ἐποίησε.

3.14.2

Κέκροψ δὲ γήμας τὴν Ἀκταίου
κόρην Ἄγραυλον παῖδα μὲν ἔσχεν
Ἐρυσίχθονα, ὃς ἄτεκνος
μετήλλαξε, θυγατέρας δὲ
Ἄγραυλον Ἐρσην Πάνδροσον.
Ἄγραυλου μὲν οὖν καὶ Ἄρεος
Ἀλκίππη γίνεται. ταύτην
βιαζόμενος Ἀλιρρόθιος, ὁ
Ποσειδῶνος καὶ νύμφης Εὐρύτης,
ὑπὸ Ἄρεος φωραθεὶς κτείνεται.
Ποσειδῶνος δὲ εἰσάγοντος ἐν
Ἀρείῳ πάγῳ κρίνεται δικαζόντων
τῶν δώδεκα θεῶν Ἄρης καὶ
ἀπολύεται.

Posseidon foi primeiro para a Ática e, depois de golpear com seu tridente no meio da acrópole, fez nascer um mar, que agora chamam de Erecteu. Depois dele veio Atena, que fez Cécrope testemunha de sua ocupação e plantou uma oliveira, hoje exibida no Pandrósio. Como os dois entraram em discórdia pela disputa do país, Zeus os apartou e designou juizes, não Cécrope e Crânao, como afirmam alguns, nem Erisícton, mas os doze deuses. Depois do julgamento deles, foi outorgado o país a Atena, já que Cécrope testemunhou que ela havia plantado a oliveira primeiro. Por causa dela, Atena chamou a cidade de Atenas, enquanto Posseidon, furioso, inundou a planície Triásia e colocou a Ática sob o mar.

3.14.2

Cécrope se casou com Agraulo, filha de Acteu, e teve um filho, Erisícton, que morreu sem deixar herdeiros, e as filhas Agraulo, Herse e Pândroso. De Adraulo e Ares nasceu Alcipe. Halirrótio, filho de Posseidon e da ninfa Êurite, tentou violá-la à força, mas foi descoberto e morto por Ares. Posseidon o acusou e, julgado no Areópago pelos doze deuses, Ares foi absolvido.

3.14.3

Ἑρσης δὲ καὶ Ἑρμοῦ Κέφαλος, οὗ
ἔρασθεισα Ἥως ἤρπασε καὶ
μιγεῖσα ἐν Συρίᾳ παῖδα ἐγέννησε
Τιθωνόν, οὗ παῖς ἐγένετο
Φαέθων, τούτου δὲ Ἀστύνοος, τοῦ
δὲ Σάνδοκος, ὃς ἐκ Συρίας ἐλθὼν
εἰς Κιλικίαν, πόλιν ἔκτισε
Κελένδεριν, καὶ γήμας Φαρνάκην
τὴν Μεγασσάρου τοῦ Ὑριέων
βασιλέως ἐγέννησε Κινύραν.
οὗτος ἐν Κύπρῳ, παραγενόμενος
σὺν λαῶ, ἔκτισε Πάφον, γήμας δὲ
ἐκεῖ Μεθάρμην, κόρην
Πυγμαλίωνος Κυπρίων βασιλέως,
Ὀξύπορον ἐγέννησε καὶ Ἄδωνιν,
πρὸς δὲ τούτοις θυγατέρας
Ὀρσεδίκην καὶ Λαογόρην καὶ
Βραισίαν. αὗται δὲ διὰ μῆνιν
Ἀφροδίτης ἀλλοτρίοις ἀνδράσι
συνευναζόμεναι τὸν βίον ἐν
Αἰγύπτῳ μετήλλαξαν.

3.14.4

Ἄδωνις δὲ ἔτι παῖς ὢν Ἀρτέμιδος
χόλῳ πληγεὶς ἐν θήρᾳ ὑπὸ σὸς
ἀπέθανεν. Ἡσίοδος δὲ αὐτὸν
Φοίνικος καὶ Ἀλφειβοΐας λέγει,
Πανύασις δὲ φησι Θεϊάντος
βασιλέως Ἀσσυρίων, ὃς ἔσχε
θυγατέρα Σμύρναν. αὕτη κατὰ
μῆνιν Ἀφροδίτης (οὐ γὰρ αὐτὴν
ἔτίμα) ἴσχει τοῦ πατρὸς ἔρωτα,
καὶ συνεργὸν λαβοῦσα τὴν
τροφὸν ἀγνοοῦντι τῷ πατρὶ
νύκτας δώδεκα συνευνάσθη.

3.14.3

De Herse e Hermes nasceu
Céfalo, por quem Eos se apaixonou.
Ela o raptou, deitou-se com ele na Síria
e deu à luz seu filho Titono, que teve
um filho, Faetonte, que também teve
um filho, Astínoo, que engendrou
Sândoco. Este da Síria foi para a
Cilícia, fundou a cidade de Celênderis,
casou-se com Fárnace, filha de
Megassaros, rei dos hirieus, e deu à luz
Cíniras. Ele, em Chipre, onde chegara
com alguns homens, fundou Pafos,
casou-se lá com Metarme, filha de
Pigmálion, rei dos cipriotas, e
engendrou Oxíporo e Adônis, e além
deles, as filhas Orsédice, Laógora e
Brésia. Por causa da fúria de Afrodite,
elas se deitaram com homens
estrangeiros e perderam a vida no
Egito.

3.14.4

Adônis, ainda criança, por causa da
fúria de Ártemis, morreu ferido por um
javali durante uma caçada. Hesíodo
afirma que ele era filho de Fênix e
Alfesibéia; já Paníasis conta que ele
era filho de Tias, reis dos assírios, que
tinha uma filha, Esmirna. Esta, por
causa da fúria de Afrodite (uma vez
que não honrava a deusa) concebeu um
desejo por seu pai e, com a ajuda de
sua ama, deitou-se com ele por doze
noites sem que seu pai soubesse.

ὁ δὲ ὡς ἤσθετο, σπασάμενος τὸ
 ξίφος ἐδίωκεν αὐτήν: ἡ δὲ
 περικαταλαμβανομένη θεοῖς
 ἤϊξατο ἀφανῆς γενέσθαι. θεοὶ δὲ
 κατοικτεῖραντες αὐτήν εἰς
 δένδρον μετήλλαξαν, ὃ καλοῦσι
 σμύρναν. δεκαμηνιαίῳ δὲ
 ὕστερον χρόνῳ τοῦ δένδρου
 ῥαγέντος γεννηθῆναι τὸν
 λεγόμενον Ἄδωνιν, ὃν Ἀφροδίτη
 διὰ κάλλος ἔτι νήπιον κρύφα
 θεῶν εἰς λάρνακα κρύψασα
 Περσεφόνη παρίστατο. ἐκείνη δὲ
 ὡς ἐθεάσατο, οὐκ ἀπεδίδου.
 κρίσεως δὲ ἐπὶ Διὸς γενομένης εἰς
 τρεῖς μοῖρας διηρέθη ὁ ἐνιαυτός,
 καὶ μίαν μὲν παρ' ἑαυτῷ μένειν
 τὸν Ἄδωνιν, μίαν δὲ παρὰ
 Περσεφόνη προσέταξε, τὴν δὲ
 ἑτέραν παρ' Ἀφροδίτη: ὁ δὲ
 Ἄδωνις ταύτη προσέειπε καὶ τὴν
 ἰδίαν μοῖραν. ὕστερον δὲ θηρεύων
 Ἄδωνις ὑπὸ σὸς πληγῆς
 ἀπέθανε.

3.14.5

Κέκροπος δὲ ἀποθανόντος
 Κραναὸς ἐβασίλευσεν αὐτόχθων
 ὢν, ἐφ' οὗ τὸν ἐπὶ Δευκαλίωνος
 λέγεται κατακλυσμὸν γενέσθαι.
 οὗτος γήμας ἐκ Λακεδαίμονος
 Πεδιάδα τὴν Μύνητος ἐγέννησε
 Κρανάην καὶ Κραναίχμην καὶ
 Ἀθίδα, ἧς ἀποθανούσης ἔτι
 παρθένου τὴν χώραν Κραναὸς
 Ἀθίδα προσηγόρευσε.

Quando ele percebeu,
 empunhou sua espada e a perseguiu:
 capturada, ela rogou aos deuses para
 tornar-se invisível. Com piedade dela,
 os deuses a transformaram em árvore,
 que chama de esmira. Meses depois a
 árvore caiu e nasceu Adônis, como era
 chamado, quem Afrodite, por causa da
 beleza dele, secretamente, ainda
 jovem, escondeu dos deuses numa urna
 e confiou a Perséfone. Esta, entretanto,
 ao vê-lo, não quis devolvê-lo. Zeus
 ficou responsável pelo julgamento da
 situação e dividiu o ano em três partes:
 em uma, ordenou que Adônis ficasse
 por conta; na outra, com Perséfone, e
 na outra, com Afrodite. Adônis,
 contudo, dedicou sua própria parte a
 ficar com Afrodite. Mais tarde, atacado
 por um javali durante uma caçada,
 morreu.

3.14.5

Com a morte de Cécrope o
 autóctone Crânao tornou-se rei. Conta-
 se que em sua época ocorrera o dilúvio
 de Deucalião. Ele se casou com Pédias,
 filha de Mines da Lacedemônia, e deu
 à luz Crânae, Cranecme e Átida. Por
 causa desta, que morreria ainda virgem,
 chamou a região de Átida.

3.14.6

Κραναὸν δὲ ἐκβαλὼν Ἀμφικτύων
 ἔβασίλευσε: τοῦτον ἔνιοι μὲν
 Δευκαλίωνος, ἔνιοι δὲ αὐτόχθονα
 λέγουσι. βασιλεύσαντα δὲ αὐτὸν
 ἔτη δώδεκα Ἐριχθόνιος ἐκβάλλει.
 τοῦτον οἱ μὲν Ἥφαιστου καὶ τῆς
 Κραναοῦ θυγατρὸς Ἀτθίδος εἶναι
 λέγουσιν, οἱ δὲ Ἥφαιστου καὶ
 Ἀθηνᾶς, οὕτως: Ἀθηνᾶ
 παρεγένετο πρὸς Ἥφαιστον,
 ὄπλα κατασκευάσαι θέλουσα. ὁ
 δὲ ἐγκαταλελειμμένος ὑπὸ
 Ἀφροδίτης εἰς ἐπιθυμίαν ὤλισθε
 τῆς Ἀθηνᾶς, καὶ διώκειν αὐτὴν
 ἤρξατο: ἡ δὲ ἔφευγεν. ὡς δὲ ἐγγὺς
 αὐτῆς ἐγένετο πολλῇ ἀνάγκῃ (
 ἦν γὰρ χωλός) , ἐπειρᾶτο
 συνελθεῖν. ἡ δὲ ὡς σώφρων καὶ
 παρθένος οὔσα οὐκ ἠνέσχετο: ὁ
 δὲ ἀπеспέρμηγεν εἰς τὸ σκέλος
 τῆς θεᾶς. ἐκείνη δὲ μυσαχθεῖσα
 ἐρίῳ ἀπομάξασα τὸν γόνον εἰς
 γῆν ἔρριψε. φευγούσης δὲ αὐτῆς
 καὶ τῆς γονῆς εἰς γῆν πεσοῦσης
 Ἐριχθόνιος γίνεταί. τοῦτον
 Ἀθηνᾶ κρύφα τῶν ἄλλων θεῶν
 ἔτρεφεν, ἀθάνατον θέλουσα
 ποιῆσαι: καὶ καταθεῖσα αὐτὸν εἰς
 κίστην Πανδρόσω τῇ Κέκροπος
 παρακατέθετο, ἀπειποῦσα τὴν
 κίστην ἀνοίγειν. αἱ δὲ ἀδελφαὶ
 τῆς Πανδρόσου ἀνοίγουσιν ὑπὸ
 περιεργίας, καὶ θεῶνται τῷ
 βρέφει παρεσπειραμένον
 δράκοντα: καὶ ὡς μὲν ἔνιοι
 λέγουσιν, ὑπ' αὐτοῦ
 διεφθάρησαν τοῦ δράκοντος, ὡς
 δὲ ἔνιοι, δι' ὀργὴν Ἀθηνᾶς
 ἐμμανεῖς γενόμεναι κατὰ τῆς
 ἀκροπόλεως αὐτὰς ἔρριψαν.

3.14.6

Anfiction expulsou Crânao e se tornou rei: alguns falam que ele era filho de Deucalião; já para outros, era autóctone. Depois de reinar por doze anos, foi expulso por Erictônio. Este, segundo dizem, era filho de Hermes e da filha de Crânao, Átida, enquanto outros afirmam que era filho de Hefesto e Atena, da seguinte forma: Atena foi até Hefesto, porque queria que ele forjasse armas, mas como Hefesto fora abandonado por Afrodite, sentiu desejo pela deusa e começou a persegui-la. Atena fugiu e, quando ele ficou próximo dela com muito esforço, pois era manco, tentou agarrá-la. Atena, contudo, como era uma virgem soberba, não cedeu. Hefesto, então, ejaculou-lhe na perna. Com nojo, ela limpou o sêmen com lã e o jogou na terra. Enquanto fugia, do sêmen derramado nasceu Erictônio. Atena o criou sem que os outros deuses soubessem com o desejo de torná-lo imortal. Colocando-o numa cesta, ela o confiou a Pândroso, filha de Cécrope, proibindo-a de abri-la. As irmãs de Pândroso abriram a cesta por curiosidade e viram uma serpente enrolada no bebê. Conforme afirmam alguns, elas foram destruídas pela serpente, ou de acordo com outros, enlouqueceram por causa da fúria de Atena e se jogaram da Acrópolis.

ἐν δὲ τῷ τεμένει τραφεῖς
Ἐριχθόνιος ὑπ' αὐτῆς Ἀθηνᾶς,
ἐκβαλὼν Ἀμφικτύονα
ἐβασίλευσεν Ἀθηνῶν, καὶ τὸ ἐν
ἀκροπόλει ξόανον τῆς Ἀθηνᾶς
ίδρύσατο, καὶ τῶν Παναθηναίων
τὴν ἑορτὴν συνεστήσατο, καὶ
Πραξιθέαν νηίδα νύμφην ἔγημεν,
ἐξ ἧς αὐτῷ παῖς Πανδίων.

3.14.7

Ἐριχθονίου δὲ ἀποθανόντος καὶ
ταφέντος ἐν τῷ αὐτῷ τεμένει τῆς
Ἀθηνᾶς Πανδίων ἐβασίλευσεν,
ἐφ' οὗ Δημήτηρ καὶ Διόνυσος εἰς
τὴν Ἀττικὴν ἦλθον. ἀλλὰ
Δήμητρα μὲν Κελεὸς εἰς τὴν
Ἐλευσίνα ὑπεδέξατο, Διόνυσον δὲ
Ἰκάριος: ὃς λαμβάνει παρ' αὐτοῦ
κλῆμα ἀμπέλου καὶ τὰ περὶ τὴν
οἴνοποιίαν μαθηθῆναι. καὶ τὰς τοῦ
θεοῦ δωρήσασθαι θέλων χάριτας
ἀνθρώποις, ἀφικνεῖται πρὸς
τινας ποιμένας, οἱ γευσάμενοι
τοῦ ποτοῦ καὶ χωρὶς ὕδατος δι'
ἡδονὴν ἀφειδῶς ἐλκύσαντες,
πεφαρμάχθαι νομίζοντες
ἀπέκτειναν αὐτόν. μεθ' ἡμέραν
δὲ νοήσαντες ἔθαψαν αὐτόν.
Ἡριγόνη δὲ τῇ θυγατρὶ τὸν
πατέρα μαστεουόση κύων
συνήθης ὄνομα Μαῖρα, ἣ τῷ
Ἰκαρίῳ συνείπετο, τὸν νεκρὸν
ἐμήνυσε: κάκείνη κατοδυραμένη
τὸν πατέρα ἑαυτὴν ἀνήρτησε.

No templo de Atena, Erictônio
foi criado pela própria deusa, expulsou
Amfícton e se tornou rei dos atenienses.
Também ergueu uma estátua de Atena
na Acrópolis, instituiu o festival das
Panatenieas, casou-se com a ninfa
náiade Praxitéia e com ela teve seu
filho Pandíon.

3.14.7

Quando Erictônio morreu e foi
enterrado no mesmo precinto de Atena,
Pandíon tornou-se rei e em seu reinado
Deméter e Dioniso foram para a Ática.
Em Elêusis, Celeu entreteve Deméter,
enquanto Icário hospedou Dioniso,
recebeu do deus um ramo de vinha e
aprendeu sobre a arte de fabricar
vinhos. Desejando compartilhar com os
homens o dom do deus, Icário chegou
a alguns pastores, que provaram a
bebida e, uma vez tomada sem água
em grande quantidade e com muito
prazer, pensando estar enfeitiçados,
mataram-no. De manhã, eles
perceberam o ocorrido e o enterraram.,
Quando a filha dele, Erígona,
procurava pelo pai, um cão chamado
Mera, que acompanhava Icário,
encontrou o corpo; ela lamentou a
morte do pai e se enforcou.

3.14.8

Πανδίων δὲ γήμας Ζευξίπτην τῆς μητρὸς τὴν ἀδελφὴν θυγατέρας μὲν ἐτέκνωσε Πρόκνην καὶ Φιλομήλαν, παῖδας δὲ διδύμους Ἐρεχθέα καὶ Βούτην. πολέμου δὲ ἐνστάντος πρὸς Λάβδακον περὶ γῆς ὄρων ἐπεκαλέσατο βοηθὸν ἐκ Θράκης Τηρέα τὸν Ἄρεος, καὶ τὸν πόλεμον σὺν αὐτῶ κατορθώσας ἔδωκε Τηρεῖ πρὸς γάμον τὴν ἑαυτοῦ θυγατέρα Πρόκνην. ὁ δὲ ἐκ ταύτης γεννήσας παῖδα Ἴτυν, καὶ Φιλομήλας ἐρασθεὶς ἔφθειρε καὶ ταύτην, εἰπὼν τεθνάναι Πρόκνην, κρύπτων ἐπὶ τῶν χωρίων. αὐθις δὲ γήμας Φιλομήλαν συνηνάζετο, καὶ τὴν γλῶσσαν ἐξέτεμεν αὐτῆς. ἡ δὲ ὑφῆνασα ἐν πέπλῳ γράμματα διὰ τούτων ἐμήνυσε Πρόκνη τὰς ἰδίας συμφοράς. ἡ δὲ ἀναζητήσασα τὴν ἀδελφὴν κτείνει τὸν παῖδα Ἴτυν, καὶ καθεψήσασα Τηρεῖ δεῖπνον ἀγνοοῦντι παρατίθησι: καὶ μετὰ τῆς ἀδελφῆς διὰ τάχους ἔφυγε. Τηρεὺς δὲ αἰσθόμενος, ἀρπάσας πέλεκυν ἐδίωκεν. αἱ δὲ ἐν Δαυλίᾳ τῆς Φωκίδος γινόμεναι περικατάληπτοι θεοῖς εὐχονται ἀπορνεωθῆναι, καὶ Πρόκνη μὲν γίνεται ἀηδῶν, Φιλομήλα δὲ χελιδῶν: ἀπορνεοῦται δὲ καὶ Τηρεὺς, καὶ γίνεται ἔποψ.

3.14.8

Pandíon se casou com Zeuxipe, irmã de sua mãe, e teve as filhas Procne e Filomela e seus filhos gêmeos Erecteu e Butes. Estourada uma guerra com Lábdaco por causa das terras das fronteiras, pediu a ajuda de Tereu, filho de Ares, da Trácia. Com ele levou a guerra a um final vitorioso e lhe entregou em casamento sua própria filha Procne. Dela Tereu engendrou seu filho Ítis. Apaixonado por Filomela, Teseu seduziu-a, dizendo que Procne havia morrido, enquanto a escondia em suas terras. Mais tarde, então, casou-se com Filomela, deitou-se com ela e lhe cortou a língua. Por meio de palavras bordadas em sua túnica, Filomela revelou a Procne sua própria desgraça. Procne foi em busca de sua irmã, matou seu filho Ítis, ferveu-o e o serviu como refeição a Tereu, sem que este soubesse: junto com sua irmã, fugiu rapidamente. Tereu percebeu o ocorrido, apanhou um machado e as perseguiu. Cercadas em Dáulis, na Fócida, rogaram aos deuses para que fossem transformadas em pássaros. Procne tornou-se um rouxinol e Filomela, uma andorinha. Tereu também foi transformado em pássaro e virou um poupa.

3.15.1

Πανδίωνος δὲ ἀποθανόντος οἱ
 παῖδες τὰ πατρῶα ἐμερίσαντο,
 καὶ τὴν μὲν βασιλείαν Ἐρεχθεὺς
 λαμβάνει, τὴν δὲ ἱερωσύνην τῆς
 Ἀθηναῶν καὶ τοῦ Ποσειδῶνος τοῦ
 Ἐρεχθέως Βούτης. γήμας δὲ
 Ἐρεχθεὺς Πραξιθέαν τὴν
 Φρασίμου καὶ Διογενείας τῆς
 Κηφισοῦ, ἔσχε παῖδας Κέκροπα
 Πάνδωρον Μητίονα, θυγατέρας
 δὲ Πρόκριν Κρέουσαν Χθονίαν
 Ὠρείθυιαν, ἣν ἤρπασε Βορέας.

Χθονίαν μὲν οὖν ἔγημε Βούτης,
 Κρέουσαν δὲ Ξοῦθος, Πρόκριν δὲ
 Κέφαλος ὁ Δηϊόνος. ἡ δὲ λαβοῦσα
 χρυσοῦν στέφανον Πτελέοντι
 συνευνάζεται, καὶ φωραθεῖσα
 ὑπὸ Κεφάλου πρὸς Μίνωα
 φεύγει. ὁ δὲ αὐτῆς ἐρᾷ καὶ πείθει
 συνελθεῖν. εἰ δὲ συνέλθοι γυνὴ
 Μίνωι, ἀδύνατον ἦν αὐτὴν
 σωθῆναι: Πασιφάη γάρ, ἐπειδὴ
 πολλαῖς Μίνως συνηνάζετο
 γυναιξίν, ἐφαρμάκευσεν αὐτόν,
 καὶ ὁπότε ἄλλη συνηνάζετο, εἰς
 τὰ ἄρθρα ἀφίει θηρία, καὶ οὕτως
 ἀπώλλυντο. ἔχοντος οὖν αὐτοῦ
 κύνα ταχὺν καὶ ἀκόντιον
 ἰθυβόλον, ἐπὶ τούτοις Πρόκρις,
 δοῦσα τὴν Κικκαίαν πιεῖν ῥίζαν
 πρὸς τὸ μηδὲν βλάψαι,
 συνευνάζεται.

3.15.1

Depois da morte de Pandión, seus filhos repartiram a herança paterna: Erecteu recebeu o reino, e Butes ficou com os precintos de Atena e de Poseidon Erecteu. Erecteu casou-se com Praxitéia, filha de Frásimo e Diogenéia, filha de Césifo, e teve seus filhos Cécrope, Pandoro, Métion e as filhas Prócris, Creúsa, Ctônia e Oritia, quem Bóreas raptou.

Butes se casou com Ctônia; Xuto, com Creúsa; Céfalo, filho de Deíon, com Prócris. Esta, subornada com uma coroa dourada, deitou-se com Ptéleon, mas descoberta por Céfalo, fugiu até Minos, que se apaixonou por ela e tentou seduzi-la. No entanto, se uma mulher tivesse relações sexuais com Minos, era-lhe impossível sair com vida, pois Pasífae, uma vez que Minos havia se deitado com muitas mulheres, enfeitiçou-o e sempre que ele se deitava com outra, ela enviava bestas monstruosas para as juntas delas e, assim, elas morriam. Minos tinha um cachorro veloz e uma lança certa; em troca deles Prócris lhe deu de beber a raiz círcea, para não a machucar, e se deitou com ele.

δείσασα δὲ αὐθις τὴν Μίνωος
γυναῖκα ἦκεν εἰς Ἀθήνας, καὶ
διαλλαγεῖσα Κεφάλῳ μετὰ
τούτου παραγίνεται ἐπὶ θήραν:
ἦν γὰρ θηρευτική. διωκούσης δὲ
αὐτῆς ἐν τῇ λόχμῃ ἀγνοήσας
Κέφαλος ἀκοντίζει, καὶ τυχῶν
ἀποκτείνει Πρόκριν. καὶ κριθεὶς
ἐν Ἀρείῳ πάγῳ φυγὴν αἰδίων
καταδικάζεται.

3.15.2

Ὠρείθυιαν δὲ παίζουσιν ἐπὶ
Ἰλισσοῦ ποταμοῦ ἀρπάσας
Βορέας συνῆλθεν: ἡ δὲ γεννᾷ
θυγατέρας μὲν Κλεοπάτραν καὶ
Χιόνην, υἱοὺς δὲ Ζήτην καὶ
Κάλαιν πτερωτοὺς, οἱ πλείοντες
σὺν Ἰάσονι καὶ τὰς ἀρπυίας
διώκοντες ἀπέθανον, ὡς δὲ
Ἄκουσίλαος λέγει, περὶ Τῆνον ὑφ'
Ἡρακλέους ἀπώλοντο.

3.15.3

Κλεοπάτραν δὲ ἔγημε Φινεύς, ᾧ
γίνονται παῖδες ἕξ αὐτῆς
Πλήξιππος καὶ Πανδίων. ἔχων δὲ
τούτους ἐκ Κλεοπάτρας παῖδας
Ἰδαίαν ἐγάμει τὴν Δαρδάνου.
κάκεῖνη τῶν προγόνων πρὸς
Φινέα φθορὰν καταψεύδεται, καὶ
πιστεύσας Φινεύς ἀμφοτέρους
τυφλοῖ. παραπλέοντες δὲ οἱ
Ἀργοναῦται σὺν Βορέᾳ
κολάζονται αὐτόν.

Mais tarde, com medo da
esposa de Minos, voltou para Atenas e
reconciliada com Céfalo saiu com ele
para caçar, pois tinha adoração por
isso. Quando ela se movia no matagal,
sem saber, Céfalo atirou sua lança e
calhou de matar Prócris. Julgado no
Areópago, foi condenado ao exílio
perpétuo.

3.15.2

Bóreas raptou Oritia, quando
ela brincava às margens do rio Ilisso e
se deitou com ela, que deu à luz suas
filhas Cleópatra e Quíone, e seus filhos
alados Zetes e Cálais, que navegaram
com Jasão e morreram perseguindo as
harpías. No entanto, conforme
Acusilau conta, eles foram mortos por
Héracles, nos arredores de Tenos.

3.15.3

Fineu se casou com Cleópatra e dela
teve seus filhos Pléxipo e Pandión.
Depois de ter esses filhos com ela,
casou-se com Idea, filha de Dárdano,
que lhe acusou falsamente de assédio
os enteados. Acreditando nela, Fineu
os cegou. Quando os Argonautas
navegaram com Bóreas, puniram-no.

3.15.4

Χιόνη δὲ Ποσειδῶνι μίγνυται. ἡ δὲ κρύφα τοῦ πατρὸς Εὐμόλπον τεκοῦσα, ἵνα μὴ γένηται καταφανής, εἰς τὸν βυθὸν ῥίπτει τὸ παιδίον. Ποσειδῶν δὲ ἀνελόμενος εἰς Αἰθιοπίαν κομίζει καὶ δίδωσι Βενθεσικύμη τρέφειν, αὐτοῦ θυγατρὶ καὶ Ἀμφιτρίτης. ὡς δὲ ἐτελειώθη, ὁ Βενθεσικύμης ἀνὴρ τὴν ἑτέραν αὐτῶ τῶν θυγατέρων δίδωσιν. ὁ δὲ καὶ τὴν ἀδελφὴν τῆς γαμηθείσης ἐπεχείρησε βιάζεσθαι, καὶ διὰ τοῦτο φυγαδευθεὶς μετὰ Ἰσμάρου τοῦ παιδὸς πρὸς Τεγύριον ἦκε, Θρακῶν βασιλέα, ὃς αὐτοῦ τῷ παιδί τὴν θυγατέρα συνώκισεν. ἐπιβουλεύων δὲ ὕστερον Τεγυρίῳ καταφανὴς γίνεται, καὶ πρὸς Ἐλευσινίους φεύγει καὶ φιλίαν ποιεῖται πρὸς αὐτούς. αὐθις δὲ Ἰσμάρου τελευτήσαντος μεταπεμφθεὶς ὑπὸ Τεγυρίου παραγίνεται, καὶ τὴν πρὸ τοῦ μάχην διαλυσάμενος τὴν βασιλείαν παρέλαβε. καὶ πολέμου ἐνστάντος πρὸς Ἀθηναίους τοῖς Ἐλευσινίοις, ἐπικληθεὶς ὑπὸ Ἐλευσινίων μετὰ πολλῆς συνεμάχει Θρακῶν δυνάμεως. Ἐρεχθεῖ δὲ ὑπὲρ Ἀθηναίων νίκης χρωμένῳ ἔχρησεν ὁ θεὸς κατορθώσῃν τὸν πόλεμον, ἐὰν μίαν τῶν θυγατέρων σφάξῃ. καὶ σφάξαντος αὐτοῦ τὴν νεωτάτην καὶ αἰ λοιπαὶ ἑαυτὰς κατέσφαξαν: ἐπεποίητο γάρ, ὡς ἔφασάν τινες, συνωμοσίαν ἀλλήλαις συναπολέσθαι.

3.15.4

Quíone se deitou com Poseidon e sem que seu pai soubesse, deu à luz Eumolpo. Para que este não fosse descoberto, jogou o menino no abismo. Entretanto, Poseidon o resgatou, levou-o para a Etiópia e o entregou aos cuidados de Bentesícime, filha dele e Anfitrite. Já adulto, o marido de Bentesícime lhe entregou uma de suas filhas. Eumolpo, contudo, tentou tomar à força a irmã de sua esposa e, por isso, foi banido e foi com seu filho Ísmaro até Tegírio, rei dos trácios, que entregou sua filha em casamento ao seu filho. Mais tarde, descoberto conspirando contra Tegírio, fugiu até os eleusinos e fez amizade com eles. Depois da morte de Ísmaro, convocado por Tegírio, Eumolpo chegou ao rei trácio e, dissolvidas suas antigas diferenças, assumiu o trono. Surgida uma guerra entre os atenienses e os eleusinos, Eumolpo foi chamado pelos eleusinos e combateu com fervor ao lado dos trácios. O deus disse a Erecteu, que lhe pedira um oráculo sobre a vitória dos atenienses, que teriam sucesso na guerra, caso degolasse uma de suas filhas. Quando ele degolou a mais nova, as demais se mataram e fizeram isso, porque, segundo dizem, haviam jurado umas às outras morrerem juntas.

γενομένης δὲ μετὰ τὴν σφαγὴν
τῆς μάχης Ἐρεχθεὺς μὲν ἀνειλεν
Εὐμόλπον.

3.15.5

Ποσειδῶνος δὲ καὶ τὸν Ἐρεχθέα
καὶ τὴν οἰκίαν αὐτοῦ
καταλύσαντος, Κέκροψ ὁ
πρεσβύτατος τῶν Ἐρεχθέως
παίδων ἐβασίλευσεν, ὃς γήμας
Μητιάδουσαν τὴν Εὐπαλάμου
παῖδα ἐτέκνωσε Πανδίονα. οὗτος
μετὰ Κέκροπα βασιλεύων ὑπὸ
τῶν Μητίονος υἱῶν κατὰ στάσιν
ἐξεβλήθη, καὶ παραγενόμενος εἰς
Μέγαρα πρὸς Πύλαν τὴν ἐκείνου
θυγατέρα Πυλίαν γαμῆ. αὐτὸς δὲ
καὶ τῆς πόλεως βασιλεὺς
καθίσταται: κτείνας γὰρ Πύλας
τὸν τοῦ πατρὸς ἀδελφὸν Βίαντα
τὴν βασιλείαν δίδωσι Πανδίονι,
αὐτὸς δὲ εἰς Πελοπόννησον σὺν
λαῶ παραγενόμενος κτίζει πόλιν
Πύλον.

Πανδίονι δὲ ἐν Μεγάροις ὄντι
παῖδες ἐγένοντο Αἰγεὺς Πάλλας
Νίσος Λύκος. ἔνιοι δὲ Αἰγέα
Σκυρίου εἶναι λέγουσιν,
ὑποβληθῆναι δὲ ὑπὸ Πανδίωνος.

Depois das mortes, estourado o
combate, Erecteu matou Eumolpo.

3.15.5

Posseidon destruiu Ericteu e a
casa dele. Cécrope, o filho mais velho
de Ericteu, tornou-se rei, casou-se com
Metiadusa, filha de Eupálamo, e
engendrou um filho, Pandíon. Este
reinou depois de Cécrope e, expulso
por consenso pelos filhos de Métion
dirigiu-se a Mégara, até Pilas, e casou-
se com a filha dele Pília.
Posteriormente, foi designado o rei da
cidade, pois matou o irmão do pai de
Pilas, Bias, e entregou o reino a
Pandíon, que foi ao Peloponeso com
um grupo de homens e fundou a cidade
de Pilos.

Quando Pandíon estava em
Mégara, nasceram seus filhos Egeu,
Palas, Niso e Lico. Alguns dizem que
Egeu era filho de Esquírio, mas foi
acolhido por Pandíon como seu próprio
filho.

3.15.6

μετὰ δὲ τὴν Πανδίωνος τελευτὴν
οἱ παῖδες αὐτοῦ στρατεύσαντες
ἐπ' Ἀθήνας ἐξέβαλον τοὺς
Μητιονίδας καὶ τὴν ἀρχὴν
τετραῆ διειλον: εἶχε δὲ τὸ πᾶν
κράτος Αἰγεύς. γαμεῖ δὲ πρώτην
μὲν Μῆταν τὴν Ὀπλήτος,
δευτέραν δὲ Χαλκιόπην τὴν
Ῥηξήνορος. ὡς δὲ οὐκ ἐγένετο
παῖς αὐτῶ, δεδουκῶς τοὺς
ἀδελφοὺς εἰς Πυθίαν ἤλθε καὶ
περὶ παίδων γονῆς ἐμαντεύετο. ὁ
δὲ θεὸς ἔχρησεν αὐτῶ: “ἀσκοῦ
τὸν προύχοντα ποδάονα, φέρτατε
λαῶν,
μὴ λύσης, πρὶν ἐς ἄκρον
Ἀθηναίων ἀφίκηαι.
” ἀπορῶν δὲ τὸν χρησμὸν ἀνήει
πάλιν εἰς Ἀθήνας.

3.15.7

καὶ Τροιζῆνα διοδεύων
ἐπιξενούται Πιπθεῖ τῶ Πέλοπος,
ὅς τὸν χρησμὸν συνείς, μεθύσας
αὐτὸν τῇ θυγατρὶ συγκατέκλινεν
Αἴθρα. τῇ δὲ αὐτῇ νυκτὶ καὶ
Ποσειδῶν ἐπλησίασεν αὐτῇ.
Αἰγεύς δὲ ἐντειλάμενος Αἴθρα,
ἐὰν ἄρρενα γεννήσῃ, τρέφειν,
τίνος ἐστὶ μὴ λέγουσαν, ἀπέλιπεν
ὑπὸ τινα πέτραν μάχαιραν καὶ
πέδιλα, εἰπὼν, ὅταν ὁ παῖς
δύνηται τὴν πέτραν ἀποκυλίσας
ἀνελέσθαι ταῦτα, τότε μετ'
αὐτῶν αὐτὸν ἀποπέμπειν.

3.15.6

Depois da morte de Pandión, os filhos dele marcharam em guerra contra Atenas, expulsaram os filhos de Métion e dividiram o reino em quatro, embora: Egeu detivesse todo o comando. Ele se casou primeiro com Meta, filha de Hoples, e depois com Calcíope, filha de Rexênoro. Como não concebia filhos, temendo seus irmãos, foi até a Pítia e consultou o oráculo sobre como deixar descendentes. O deus lhe profetizou o seguinte: “ o protuberante pescoço do odre, ó mais corajoso dentre os homens, não o solte antes de chegar a Atenas”. Em dúvida quanto ao oráculo, retornou a Atenas.

3.15.7

Viajando por Trezena, Egeu foi recebido por Piteu, filho de Pélope, que interpretando o oráculo, embebedou-o e o fez deitar-se com a filha dele, Etra. No entanto, na mesma noite, Poseidon também se deitou com ela. Egeu exigiu de Etra que, se ela desse a luz a um menino, criasse-o sem contar de quem era. Ele deixou sob uma pedra uma espada e uma sandália, dizendo para que quando a criança fosse capaz de mover a pedra e recolher esses objetos, com eles o enviasse até ele.

αὐτὸς δὲ ἦκεν εἰς Ἀθήνας, καὶ τὸν
τῶν Παναθηναίων ἀγῶνα
ἐπετέλει, ἐν ᾧ ὁ Μίνως παῖς
Ἀνδρόγεως ἐνίκησε πάντας.
τοῦτον Αἰγεὺς ἐπὶ τὸν
Μαραθώνιον ἔπεμψε ταῦρον, ὕφ'
οὔ διεφθάρη. ἔνιοι δὲ αὐτὸν
λέγουσι πορευόμενον εἰς Θήβας
ἐπὶ τὸν Λαΐου ἀγῶνα πρὸς τῶν
ἀγωνιστῶν ἐνεδρευθέντα διὰ
φθόνον ἀπολέσθαι. Μίνως δέ,
ἀγγελθέντος αὐτῷ τοῦ θανάτου,
θύων ἐν Πάρῳ ταῖς χάρισι, τὸν
μὲν στέφανον ἀπὸ τῆς κεφαλῆς
ἔρριψε καὶ τὸν αὐλὸν κατέσχε,
τὴν δὲ θυσίαν οὐδὲν ἤπτον
ἐπετέλεσεν: ὅθεν ἔτι καὶ δεῦρο
χωρὶς αὐλῶν καὶ στεφάνων ἐν
Πάρῳ θύουσι ταῖς χάρισι.

3.15.8

μετ' οὐ πολὺ δὲ θαλασσοκρατῶν
ἐπολέμησε στόλῳ τὰς Ἀθήνας,
καὶ Μέγαρα εἶλε Νίσου
βασιλεύοντος τοῦ Πανδίωνος, καὶ
Μεγαρέα τὸν Ἴππομένους ἐξ
Ὀγχηστοῦ Νίσῳ βοηθὸν ἐλθόντα
ἀπέκτεινεν. ἀπέθανε δὲ καὶ
Νῖσος διὰ θυγατρὸς προδοσίαν.
ἔχοντι γὰρ αὐτῷ πορφυρέαν ἐν
μέσῃ τῇ κεφαλῇ τρίχα ταύτης
ἀφαιρεθείσης ἦν χρησιμὸς
τελευτῆσαι: ἡ δὲ θυγάτηρ αὐτοῦ
Σκύλλα ἐρασθεῖσα Μίνως ἐξεῖλε
τὴν τρίχα. Μίνως δὲ Μεγάρων
κρατήσας καὶ τὴν κόρην τῆς
πρύμνης τῶν ποδῶν ἐκδήσας
ὑποβρύχιον ἐποίησε.

Ele foi para Atenas e realizou
os jogos do festival Panateneias, em
que Androgeu, filho de Minos, venceu
todos. Egeu o enviou contra o touro de
Maratona, pelo qual ele foi morto.
Alguns contam que ele foi a Tebas
participar dos jogos em honra a Laio,
prego em emboscada e morto pelos
demais competidores, por inveja.
Quando Minos foi notificado da morte
dele, oferecia sacrifícios às Graças, em
Paros e, então, retirou a coroa de sua
cabeça, cessou as flautas, mas
completou o sacrifício. Por isso, desde
então, os sacrifícios às Graças em
Paros são feitos sem flautas e coroas.

3.15.8

Poucos depois, enquanto senhor
dos mares, Minos atacou Atenas com
sua frota, tomou a cidade de Mégara,
então governada por Niso, filho de
Pandíon, e matou Megareu, filho de
Hipomenes, que viera de Onquesto em
auxílio a Niso. Este morreu pela
traição de sua filha, pois tinha um
cabelo roxo no centro da cabeça e,
segundo um oráculo, uma vez retirado
esse fio, ele morreria. A filha dele,
Cila, apaixonada por Minos, retirou-
lhe o cabelo. Conquistada Mégara,
Minos amarrou a moça pelos pés na
popa do navio e a afogou.

χρονιζομένου δὲ τοῦ πολέμου, μὴ
δυνάμενος ἐλεῖν Ἀθήνας εὐχεται
Διὶ παρ' Ἀθηναίων λαβεῖν δίκας.
γενομένου δὲ τῇ πόλει λιμοῦ τε
καὶ λοιμοῦ. τὸ μὲν πρῶτον κατὰ
λόγιον Ἀθηναῖοι παλαιὸν τὰς
´ακίνθου κόρας, Ἀνθηίδα
Αἰγληίδα Λυταίαν Ὀρθαίαν, ἐπὶ
τὸν Γεραίστου τοῦ Κύκλωπος
τάφον κατέσφαξαν: τούτων δὲ ὁ
πατὴρ ´ακίνθος ἐλθὼν ἐκ
Λακεδαίμονος Ἀθήνας κατῴκει.
ὡς δὲ οὐδὲν ὄφελος ἦν τοῦτο,
ἐχρῶντο περὶ ἀπαλλαγῆς. ὁ δὲ
θεὸς ἀνεῖλεν αὐτοῖς Μίνωι
διδόναι δίκας ἅς ἂν αὐτὸς αἰροῖτο.
πέμψαντες οὖν πρὸς Μίνωα
ἐπέτρεπον αἰτεῖν δίκας. Μίνως δὲ
ἐκέλευσεν αὐτοῖς κόρους ἐπτὰ
καὶ κόρας τὰς ἴσας χωρὶς ὄπλων
πέμπειν τῷ Μινωταύρῳ βοράν.
ἦν δὲ οὗτος ἐν λαβυρίνθῳ
καθειργμένος, ἐν ᾧ τὸν
εἰσελθόντα ἀδύνατον ἦν ἐξιέναι:
πολυπλόκοις γὰρ καμπαῖς τὴν
ἀγνοουμένην ἔξοδον ἀπέκλειε.
κατεσκευάκει δὲ αὐτὸν Δαίδαλος
ὁ Εὐπαλάμου παῖς τοῦ Μητίονος
καὶ Ἀλκίππης. ἦν γὰρ ἀρχιτέκτων
ἄριστος καὶ πρῶτος ἀγαλμάτων
εὐρετής. οὗτος ἐξ Ἀθηνῶν
ἔφυγεν, ἀπὸ τῆς ἀκροπόλεως
βαλὼν τὸν τῆς ἀδελφῆς Πέρδικος
υἱὸν Τάλῳ, μαθητὴν ὄντα, δεισας
μὴ διὰ τὴν εὐφυΐαν αὐτὸν
ὑπερβάλη: σιαγόνα γὰρ ὄφεως
εὐρῶν ξύλον λεπτὸν ἔπρισε.

Como a guerra se prolongava,
incapaz de dominar Atenas, Minos
rogou a Zeus para castigar os
atenienses. Acometida a cidade pela
fome e pela peste, os atenienses,
seguindo um antigo oráculo, primeiro
mataram as filhas de Jacinto, Anteida,
Eglida, Litéia e Ortéia, sobre a tumba
do ciclope Geresto. O pai delas,
Jacinto, viera da Lacedemônia e
passou a morar em Atenas. Quando o
sacrifício de nada adiantou,
perguntaram ao oráculo acerca do fim
das pragas. O deus lhes respondeu que
deveriam dar a Minos a satisfação que
ele escolhesse Enviados até ele,
permitiram-lhe escolher uma
satisfação. Minos lhes ordenou para
que enviassem sete moços e sete
moças sem armas como alimento ao
Minotauro. Este estava encerrado no
labirinto, no qual quem quer que
entrasse não era capaz de sair, pois
com complicadas sinuosidades
escondia a ignota saída. O labirinto
fora construído por Dédalo, filho de
Eupáلامο, filho de Métion e Alcípe,
pois ele era o melhor arquiteto e o
primeiro a construir estátuas. Dédalo
fugiu de Atenas por ter jogado da
acrópolis o filho de sua irmã Pérdix,
Talo, que era seu aprendiz. Dédalo
tinha receio de que ele superasse seus
talentos, pois Talo serrara um pau com
uma mandíbula de serpente que havia
encontrado.

φωραθέντος δὲ τοῦ νεκροῦ
κριθεὶς ἐν Ἀρείῳ πάγῳ καὶ
καταδικασθεὶς πρὸς Μίνωα
ἔφυγε. κάκει Πασιφάη ἐρασθείση
τοῦ Ποσειδωνείου ταύρου
συνήργησε τεχνησάμενος
ξύλινην βούην, καὶ τὸν
λαβύρινθον κατασκεύασεν, εἰς ὃν
κατὰ ἔτος Ἀθηναῖοι κόρους ἑπτὰ
καὶ κόρας τὰς ἴσας τῷ
Μινωταύρῳ βορὰν ἔπεμπον.

3.16.1

Θησεὺς δὲ γεννηθεὶς ἐξ Αἴθρας
Αἰγεῖ παῖς, ὡς ἐγένετο τέλειος,
ἀπώσάμενος τὴν πέτραν τὰ
πέδιλα καὶ τὴν μάχαιραν
ἀναιρεῖται, καὶ πεζὸς ἠπείγετο εἰς
τὰς Ἀθήνας. φρουρουμένην δὲ
ὑπὸ ἀνδρῶν κακούργων τὴν ὁδὸν
ἡμέρωσε. πρῶτον μὲν γὰρ
Περιφήτην τὸν Ἡφαίστου καὶ
Ἀντικλείας, ὃς ἀπὸ τῆς κορύνης
ἦν ἐφόρει κορυνήτης ἐπεκαλεῖτο,
ἔκτεινεν ἐν Ἐπιδαύρῳ. πόδας δὲ
ἀσθενεῖς ἔχων οὗτος ἐφόρει
κορύνην σιδηρᾶν, δι' ἧς τοὺς
παριόντας ἔκτεινε. ταύτην
ἀφελόμενος Θησεὺς ἐφόρει.

3.16.2

δεύτερον δὲ κτείνει Σίνιν τὸν
Πολυπήμονος καὶ Συλέας τῆς
Κορίνθου. οὗτος πιτυοκάμπτης
ἐπεκαλεῖτο: οἰκῶν γὰρ τὸν
Κορινθίων ἰσθμὸν ἠνάγκαζε τοὺς
παριόντας πίτυς κάμπτοντας
ἀνέχεσθαι: οἱ δὲ διὰ τὴν
ἀσθένειαν οὐκ ἠδύναντο, καὶ ὑπὸ
τῶν δένδρων ἀναρριπτούμενοι
πανωλέθρως ἀπώλλυντο. τούτῳ
τῷ τρόπῳ καὶ Θησεὺς Σίνιν
ἀπέκτεινεν.

Descoberto o corpo, Dédalo foi
julgado no Aerópago e condenado,
mas fugiu até Minos. Lá, com Pasífae
apaixonada pelo touro de Poseidon,
Dédalo cooperou com ela, construindo
uma vaca de madeira. Também
construiu o labirinto, ao qual todo ano
os atenienses enviavam sete rapazes e
sete moças como alimento ao
Minotauro.

3.16.1

Teseu era filho de Etra e Egeu,
e, quando adulto, deslocou a pedra,
recolheu as sandálias e a espada e se
dirigiu a pé para Atenas. Livrou o
caminho guardado por malfeitores.
Primeiro, em Epidauro, matou
Peripetes, filho de Hefesto e Anticléia,
que era chamado de homem-clava por
causa da clava que sempre portava.
Como tinha as pernas fracas, Peripetes
carregava uma clava de ferro, com a
qual matava os transeuntes. Essa clava
Teseu roubou dele e carregou consigo.

3.16.2

Em segundo lugar, matou Sínis,
filho de Polipémon e Siléia, filha de
Corinto. Sínis era chamado de
curvador de pinho, pois habitava o
istmo de Corinto e obrigava os
transeuntes a curvar os pinheiros. Os
fracos e incapazes de fazer isso,
pereciam miseravelmente jogados no
ar pelas árvores. Desse mesmo modo
Teseu matou Sínis.

Conclusão

A inserção de ferramentas tecnológicas nas pesquisas acadêmicas é uma realidade e necessidade atual, assim como o crescente aumento de trabalhos interdisciplinares em que áreas de conhecimento distintas fundem-se num objetivo em comum, cada qual contribuindo com metodologias de sua especialidade. A área de humanas difere de outras áreas como a de exatas ou biológicas, principalmente porque os resultados de seus trabalhos são, normalmente, buscados a longo prazo. Diferentemente da busca por uma vacina ou de um cálculo de engenharia, humanistas buscam aprimorar e desenvolver o ser humano ontologicamente. Dessa maneira, pesquisadores de línguas clássicas, como o grego, latim e o sânscrito sofrem a pressão de encontrar uma “utilidade” para justificar seus trabalhos e sua formação, além da manutenção desses cursos no ensino público superior.

A inclusão digital não só otimiza a busca por novos caminhos em nossas pesquisas, como também cria um novo campo repleto de oportunidade para profissionais de várias áreas. Ademais, uma edição digital como a que elaboramos ultrapassa os limites existentes no papel, como tamanho, custo e praticidade, e sistematiza de forma organizada e com um custo infinitamente menor todas as informações reunidas e coletadas, organizando-as de forma a buscar um maior acesso de um público interessado em determinado assunto.

Nesta tese, cada capítulo tratou de um assunto de modo que, reunidos, concluem um caminho de pesquisa desenvolvido desde a Iniciação Científica e seguido pelo mestrado. No primeiro capítulo, fizemos um percurso teórico acerca dos estudos linguísticos sobre tradução, justificando, inicialmente, a necessidade, possibilidade e os benefícios de se traduzir um texto, visando à difusão de um conteúdo a um público que não tem acesso ao original. Em seguida, tratamos das dificuldades e das particularidades do processo tradutório da prosa literária, discutindo ideias de pesquisadores e tradutores, a fim de justificar nossa tradução de *Biblioteca*. Além disso, dedicamos um segundo percurso teórico à voz média grega, tratando de seu emprego no grego antigo e das possibilidades de construção de seu sentido numa tradução em língua moderna como o português.

No capítulo dois, metodológico, primeiramente foi traçado um percurso teórico sobre ferramentas digitais no estudo de línguas, reuso textual, *corpus* digital, mostrando como os trabalhos acadêmicos serviram de apoio para a inclusão de

tecnologia em nossa tese. Nosso objetivo foi mostrar como nosso princípio teórico partiu dos pressupostos de referências cruzadas e reuso textual, porém salientando como também se distinguiu dessas abordagens, constituindo-se como um trabalho pioneiro. Ademais, falamos da Perseus Digital Library, biblioteca digital que serviu como modelo para a que construímos, além do *Alpheios*, ferramenta utilizada para fazermos o alinhamento da tradução grego-antigo/português da obra de Apolodoro. Por fim apresentamos todas as etapas de construção da biblioteca digital de Apolodoro, sendo elas: anotação do *corpus*, alinhamento das traduções e adequação de *engine* de busca e das notas, compondo, enfim, uma tradução comentada.

No capítulo três, foi feita a primeira análise com o uso das ferramentas tecnológicas a partir de um estudo comparado das traduções inglesa, francesa e espanhola de Apolodoro, além de nossa própria versão em português do texto, analisando como os autores traduziram a voz média para suas línguas nativas, pensando na manutenção ou não do traço *afetação do sujeito*, como característica prototípica da medial. Como resultado, dos sete grupos previstos para o uso da voz média, distribuídos a partir da reformulação feita nas categorias de Allan (2003), a mais recorrente foi a reflexiva indireta, cujo traço de afetação foi mantido ora semanticamente, ora com marcador morfológico, como no caso do pronome *se*, especificamente nas versões latinas da tradução do texto original.

Já no capítulo quatro, mostramos nossas tentativas de criar um método para a geração automática de referências de um texto literário, de modo que, testados dois procedimentos, a Longest Common Sequence e o TFIDF, com base na análise das formas de voz média do texto, cujos resultados não foram satisfatórios. Dessa forma, optamos por usar os nomes próprios da obra *Biblioteca* como algoritmo de busca e, embora os primeiros resultados tenham indicado baixa precisão, a partir do refinamento dos mecanismos de busca e da preparação do *corpus*, atingimos números que comprovaram a eficiência do método e o deixaram como mecanismo possível para ser usado em trabalhos futuros envolvendo qualquer língua estrangeira.

Finalmente, no capítulo cinco exploramos as origens obscuras de Apolodoro, bem como de sua obra, fazendo uma análise sobre as referências que ele usou em sua narrativa e como se organiza o livro. Destacamos a relação de *Biblioteca* com outros autores, como Hesíodo, Pausânias e Homero e a organização temática da obra, bem como de suas referências. Em seguida, apresentamos nossa tradução dos três livros de *Biblioteca*. Conforme destacamos anteriormente, esta tese encerra a última de um

trabalho iniciado há oito anos, ainda em graduação, e optou por conciliar o uso de tecnologia e línguas clássicas numa pesquisa inédita que também pudesse ser usada por pesquisadores que utilizam outras línguas, que não o grego, como objeto de estudo. Esperamos que essa nova abordagem dos estudos linguísticos envolvendo grego antigo e linguística computacional tenha aberto as portas para trabalhos futuros, com novos autores e traduções.

Referências

Dicionários da língua grega

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Éd. revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 2000.

LIDDEL, H.G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented by H.S. Jones and R. McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

_____. *Abridged Greek Lexicon*. Oxford,: Oxford University Press, 1977

MALHADAS, D.; DEZOTTI, M. C. C e MOURA NEVES, M. H. *Dicionário Grego-Português*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006, 2007 e 2008. Vol. I. II e III.

MONTANARI, F. *Vocabolario della lingua greca*, seconda edizione, con CD-ROM e Guida all'uso e lessico di base. Torino, Loescher, 2004.

Gramáticas e outros estudos

ABBOTT, E. & MANSFIELD, E.D. *A Primer of Greek Grammar*. London: Duckworth, 1977. ALLARD, J. *Grammaire Grecque*. Paris: Hachette, 1969.

ABREU, Antônio Suárez. *Linguística Cognitiva: uma visão geral e aplicada*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

ALLAN, Rutger J. *The Middle Voice in Ancient Greek. A Study of Polysemy*. Leiden and Boston: Brill, 2003.

ANDERSEN, P.K. *Remarks on the origin of the term Passive*. Berlim, Klincksieck. 1989

APOLLODORUS. Apollodorus, The Library, with an English Translation by Sir James George Frazer, F.B.A., F.R.S. in 2 Volumes. Cambridge, MA, Harvard University Press; London, William Heinemann Ltd. 1921. Includes Frazer's notes. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu>

_____. *Biblioteca*. Trad. y notas SEPÚLVEDA, M. R. Introducción ARCE, Javier. Madrid: Gredos, 1985.

ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2013.

BARBER, E.J.W. *Voive - Beyond the passive*, in C Cogen, *Proceedings of the first annual meeting of Berkeley Linguistics Society: BLS, 16-24*, 1975.

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. 2. ed. New York: Globalizar.

_____. (Ed.). *Routledge Encyclopedia Studies*. London: Routledge, 1998.

BARBOSA, H. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, Editora Pontes, 2004.

BASNET, S.; LEFEVRE, A. *Constructing cultures*. Clevendon: Multilingual Matters, 1998.

BELLOC, H. *On translation*. Oxford: Clarendon Press, 1931.

BELUTI, L. *The translators invisibility*. 2. ed. London: Routledge, 2008

- BENVENISTE, Émile. Actif et moyen dans le verbe. In: *Journal de Psychologie*, 43. 121-130 [retomado em *Problèmes de Linguistique general I*, 168-175. Paris: Gallimard, 1966].
- BIELAK, J. PAWLAK, M. *New perspectives in Language, Discourse and Translation Studies*. Springer, Berlin, 2011.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito lingüístico de palavra. In: Margarida Basílio. (Org.). *Palavra*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, v. vol. I, p. 81-97.
- BLOWARD,
- BLY, R. *The thousands*. New York: Index, 2002.
- BOHEM, Isabelle. De la “voix” et de la “diathèse”. In: COLOMBAT, B et SAVELLI, M. *Métalangage et terminologie linguistique. Actes du colloque international de Grenoble*. Grenoble: Peeters, 1998, p. 91-111.
- BRANDÃO, Jacyntho de Lins (*et alii*). *Introdução ao grego antigo*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BRIN, S., DAVIS, J., GARCÍA-MOLINA, H. Copy detection mechanisms for digital documents. In: Carey, M., Schneider, D (eds): **Proceedings of the 1995 ACM SIGMOD International Conference on Management of Data**, p.398-409. ACM Press, Noa Iorque, 1995.
- BRUGMANN, K. *Greek Grammar*, 1903. In: ALLAN, Rutger J. *The middle voice in ancient Greek*, Leiden and Boston: Brill, 2003.
- CAMARGO, C. V. R. & ROSA, E. B. *A voz média grega: elaboração de material didático*. Relatório de iniciação científica, Araraquara, 2009.
- CARDOSO, D.; ROCHA, C.; PINTO, P. *Pesquisas e estudos da tradução de corpora eletrônicos no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- CATFORD, J. *A Linguistics Theory of Translation*. 5. ed. Oxford: OUP, 2003.
- CHANTRAINE, P. *Morphologie historique du grec*. Paris: Klincksieck, 2^e éd., 1961.
- CONRAD, C W. *Active, Middle, and Passive: Understanding Ancient Greek Voice*. In: <http://www.artsci.wustl.edu/~cwconrad/docs/UndAncGrkVc.pdf>
- CONTI, S. E. Breve introduzione alla questione del sistema verbale greco antico. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, Pisa, v. 5, 2004-2005. Disponível em: <http://alphalinguistica.sns.it/QLL/QLL04_05/Conti_EcoSara.PDF>. Acesso em: 17 jul. 2009.
- CORREIA, S. Tradução automática e competência tradutória: repensando intersecções. *Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 1., n. 1, p. 60-72, 2013.
- CRANE, G. *Perseus Digital Library*, disponível em: <http://perseus.tufts.edu>
- _____. *What do you do with a million books? D-Lib Magazine*. 12. Disponível em: <http://www.dlib.org/dlib/march06/cra/03crane.html>. Último acesso em 15/07/2013.
- CROFT, W. *Case markings and the semantics of mental verbs*, in J. Pustejovski (ed.), *Semantics and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer, 55-72. 1993.

- DUHOUX, Y. *Le verbe grec ancien: éléments de morphologie et de syntaxe historiques*. 12. ed. rev. et augm. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2000. (Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, 104). [1. ed., 1991]
- _____. *Le verbe grec ancien: éléments de morphologie et de syntaxe historiques*. 12. ed. rev. et augm. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2000. Resenha de WAKKER, G. C. *Mnemosyne*, Fourth Series, v. 55, n. 1, p. 108-116, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4433304>>. Acesso em: 7 ago. 2009.
- EDWIN, G. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad: Marcos Malvezzi. 2.ed, Editora Madras, São Paulo, 2009.
- FONTANIER, J. M., et MENU, M. *Le grec en 15 leçons*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2005.
- FRAJZYNGIER, Z. *Reciprocal forms and functions*. Amsterdã/Filadélfia, John Benjamins, 2000.
- FREIRE, A. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- FROTA, M. B.; MARTINS, H. Sobre o que chamamos de tradução. PIETROLUONGO, M. *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.
- GARCÍA GUAL, C. *El sistema diatético en el verbo griego*. Nerea: Madrid, 1970.
- GENIUSIENE, E. *The typology of Reflexives (Empirical Approaches to Language Typology 2)*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1987.
- GILDERSLEEVE, B. L. *Syntax of classical greek*. Nova Iorque, Cincinnati, 1900 - 1911.
- GIVÓN, T. *Voice and inversion*. Amsterdã, John Benjamins, 1994.
- GONDA, J. *Reflections on the Indo-European medium*. In: *Lingua*, 1960, 30-57; 175-193.
- GREENBERG, J. *Conflict in the middle voice*. *Psychoanalytic Quarterly*, 2005, 74:105-120.
- GUIRAUD, C. *Grammaire du Grec*. Paris: PUF, 3^e. éd., 1982.
- HALLIDAY, M.A.K. *Estrutura e função da linguagem*. In: LYONS, John. (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- HAQUE, Z. *Translating literary prose: problems and solutions*. In: *International Journal of English Linguistics*; Vol.2, nº6. Disponível e: <http://dx.doi.org/10.5539/ijel.v2n6p97>, último acesso em 19/04/2012.
- HASPELMATH, M. *Transitivity Alternations of the Anticausative Type*. Köln, Cologne, 1987.

- HERMANS, P. *Translating others*. Brussels: Dutch Crossing, 2006.
- HOOPER, P. J & S. THOMPSON. *Transitivity in grammar and discourse*, in *Language* 56, 251-99, 1980.
- HORTA, G.N.B.P. *Os gregos e seu idioma*, 2 v. Rio de Janeiro: Di Giorgio, 1983 (1º tomo, 3ª ed.) e 1979 (2º tomo).
- KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins. 1993
- KENNY, D. *Translations studies*. Manchester: San Jerome, 1998.
- KINABLE, G. Computerized restoration of historical documents: uniformization and date-assigning in dictionary quotations of the Woordenboek der Nederlandsche Taal. **Literary & Linguistic Computing**, 21, 295-310 (2006).
- KRAHE, H. *Lingüística Indoeuropea*. Trad. J. Vicuña. Madrid: Antonio de Nebrija, 1971.
- KÜHNER, R & GERTH, B. *Ausführliche grammatik der griechischen Sprache*, Capítulo 1: *elementar - und Formenlehre*, 2 volumes. Hanover. Hahnsche Buchhandlung, 1904.
- LAGES, J. Depois de Babel. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. especial, p. 9-13, jul./dez., 2014.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. W *Foundations of cognitive grammar*, Vol.1 Stanford University Press. Stanford, 1987.
- _____. *Concept, imagem and symbol: the cognitive basis of grammar*. Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 1991.
- _____. *A dynamic usage-based model*. In: BARLOW M. & KEMMER S, *Usage-based models of language*, Stanford, CSLI, 2000.
- LARA, G. & COHEN, M. *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- LAVIOSA, S. *Corpus-based translation studies: theory, findings, applications*. New York: Rodopi, 2002.
- LEE, J. A computational modelo of text reuse in ancient literary texts. In: **45th Annual Meeting of the Association of Computational Linguistics**, p. 517-524. ACM Press, Nova Iorque, 2005.
- LEVINSON, S.C. *Three levels of meaning*, in F.R Palmer, *Grammar and meaning: essays in honour of Sir John Lyons*, 90-115, Cambridge, UP, 1995.
- LYONS, J. *Linguistic Semantics*, UP. Cambridge, 1996
- LIMA, M. C. *Reflexões sobre a medialidade em português*. In: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4585.pdf. Acesso: 10/10/2008
- _____. A categoria de voz nas gramáticas tradicionais pré-NGB (I e II). Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(27\)01.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(27)01.htm)

- MANNEY, L.J. *The middle voice in modern Greek*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam. 1998.
- MALDONADO, R. *A media voz: problemas conceptuales del clítico se*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1999.
- MARGUILIÉS, A. *Verbale Stammbildung und Verbaldiathese*, Berlim, KZ, 1931.
- MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*. Paris 1937.
- MILTON, J. *Teoria e prática*. Martins Fontes, São Paulo, 2010.
- MORWOOD, J. *Oxford grammar of classical Greek*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MOURA NEVES, M.H. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo/ Brasília, HUCITEC / UnB, 1987.
- MOURA NEVES, M.H. & MALHADAS, D. *Curso de Grego - Propedêutica*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.
- MURACHCO, H. *Língua grega. Visão semântica, lógica, orgânica e funcional*. Vol. I Teoria e Vol. II Prática. São Paulo / Petrópolis: Vozes, 2003.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo, Editora Parábola, 2011.
- PAGANO, A, MAGALHÃES, C, ALVES, F. *Competência em tradução: cognição e discurso, org*. Editra UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- PAES, J.P. *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo, Editora Ática. 2008.
- PARKER, Frank. *Language Change and the Passive Voice*. In: *Language*, Vol. 52, No. 2 (Jun., 1976), pp. 449-460.
- PIETROLUONGO, M. *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro, Editora Contra Capa, 2009.
- PONTES, A. L. *Dicionário e leitura*. In: *Formação continuada de professores da rede pública – 2ª fase – Português*. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 2000a, p. 54-64.

POULIQUEN, B., STEINBERGER, R., BEST, C. Automatic detection of quotations in multilingual news. In: **Proceedings of the International Conference Recent Advances in Natural Language Processing**. (RANLP), 2007.

RAGON, Emile et DAIN, A. *Grammaire grecque*. Paris: J. de Gigord, 2000.

RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

RIKSBARON, A. *The treatment of the Greek middle voice by the ancient grammarians*. In: Cahiers de philosophie ancienne 5, Brussels, Éditions Ousia, 427-44, 1987.

_____, *The syntax and semantics of the verb in Classical Greek*, Amsterdã, Gieben, 1994.

RISSELADA, R. Voice in Ancient Greek: Reflexives and Passives. In: AUWERA, V. de. J, GOSSENS, L, *Ins and outs of the predication*, Dordrecht, Foris, 1987, 123-136.

RODRIGUES, C. A abordagem processual do estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa. *Cadernos de Tradução*, v. 2, n. 10, 2013.

ROSH, E. *Cognitive representations of semantic categories*, Journal of experimental psychology 104, 1975, p.192-233.

RUCK, C. *Ancient Greek - A New Approach*. Cambridge: MIT, 2nd ed., 1979.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: histórico e problemática. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502000000200005>.
Acesso em: 15 jul. 2010.

SHERWOOD, H. Beyond descriptive translations studies. In: PYM, A. *Investigations in homage*. Amsterdam: Dutch Crossing, 2006.

SILVEIRA, A. *Tradução: palavras (des)construídas e (in)acabadas*. *REVEL*, v. 9, n. 16, 2011.

STEIN, B. MEYER zu EISSEN, S. Near Similarity Search and Plagiarism Analysis. In: Spiliopoulos, M., Kruse., R. Borgelt, C. Nürnberger, A., Gaul, W (eds): **From Data and Information Analysis to Knowledge Engineering**, p.430-437. Springer (Berlim-Heidelberg), 2005.

STEINER, G. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Trad: Carlos Alberto Faraco. Editora UFPR, Paraná, 1998.

SICKING, C.M.J. & STORK, P. *Two studies in the semantics of the Greek verb*. Leiden, Brill, 1996.

SIGNES-CODONER, Juan. The Definitions of the Greek Middle Voice between Apollonius Dyscolus and Constantinus Lascaris. *Historiographia Linguistica* 2005 Volume 32, Numbers 1-2, pp. 1-33.

SOUZA, J. Teorias da tradução: uma visão integrada. *Revista de Letras*, v. 1-2, n. 20, jan./dez., 1998.

STEWART, G., CRANE, G., BABEU, A.: A new generation of textual corpora: mining corpora from very large collections. In: **JCDL 2007**: Proceedings of the 7th ACM/IEEE-CS Joint Conference on Digital Libraries, p. 356-365. ACM Press, Nova Iorque, 2007.

SWEETSER, E. E. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, UP, 1990.

TAKEDA, M., FUKUKA., T., NANRI, L. YAMASAKI., M, TAMARI, K.
Discovering Instances of Poetic Allusion from Anthologies of Classical Japanese Poems. **Theoretical Computer Science**, 292, p. 497-524, 2003.
THE JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHER'S GREEK COURSE.
Reading Greek - Grammar, Vocabulary and Exercises. Cambridge University Press, 1980.

VÁSQUEZ, YAMUZA & GARRIDO. *Gramática Funcional- Cognitiva del Griego Antiguo I. Sintaxis y semántica de la predicación*. Univ. de Sevilla. Serie Manuales Universitarios, 44, 1999.

VENDRYES, J. "*Une catégorie verbale: le mode de participation du sujet*". BSL 44, 1948, 1-20.

VIBERG, A. *The verbs of perception: a typological study*. In: BUTTERWORTH COMRIE B & DAHL, Ö, *Explanations for language Universals*. Berlim, Mouton de Gruyter, 1984, 123-62.

Arrojo, Baker, Belloc, Benjamin, Belloc, Bly, Blower, Cardoso, Correa, Catford, Frota e Martins, Guisan, Hermans, Kenny, Lages, Laviosa, Pereira, Rodrigues, Sherwood, Silveira, Souza, Venuti.